

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Monica Izilda da Silva

Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos
de um Território que Pulsa sopros e vozes

Uberaba

2024

Monica Izilda da Silva

Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos
de um Território que Pulsa sopros e vozes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração “Fundamentos e Práticas Educativas”, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação. Orientador: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli.

Uberaba

2024

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S581n Silva, Monica Izilda da
Nas asas poéticas das juventudes e lideranças comunitárias: encontros
educativos de um território que pulsa sopros e vozes / Monica Izilda da
Silva. -- 2024.
372 f. : il., fig., graf., tab.

Tese (Doutorado em Educação) -- Universidade Federal do Tri-ângulo
Mineiro, Uberaba, MG, 2024

Orientador: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

1. Educação. 2. Cultura. 3. Juventude - Pesquisa. 4. Movimentos da
juventude. 5. Jovens - Internet. 6. Escritos de jovens. 7. Jovens - Uberaba
(MG). I. Ovigli, Daniel Fernando Bovolenta. II. Universidade Federal do
Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 37

Monica Izilda da Silva

Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um
Território que Pulsa sopros e vozes

Trabalho de conclusão do curso nível
Doutorado apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Educação, área de concentração
“Fundamentos e Práticas Educativas”, da
Universidade Federal do Triângulo Mineiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Doutora em Educação.

Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr Daniel Fernando Bovolenta Ovigli/ UFTM
Orientador

Profa. Dra. Helena de Ornellas Sivieri Pereira/UFTM

Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa/UFTM

Profa. Dra. Fabiana Augusta Jardim/USP

Profa. Dra. Maria Zenaide Alves/UFCAT

"Dedico este trabalho a cada muda de ternura que ajardina o meu coração, permitindo-me sobrevoar com fé e liberdade de um jeito que só a alma sente, para me tornar quem realmente sou!"

AGRADECIMENTOS

Quando lembro o quanto algumas pessoas me ajudam com o seu olhar amoroso, ao longo da (minha) estrada, sinto um ventinho bom percorrer (no) meu coração e arrepiar a (minha) vida toda de contentamento. Um ventinho quente, parecido com o que toca a minha pele quando caminho na beira da praia nas manhãs azuis que ainda se espreguiçam. A pele é o lado de fora do sentimento.

Quando lembro de cada nova muda de afeto que recebo e vejo florescer devagarinho no meu jardim, a lembrança afasta as nuvens momentâneas e deixa o céu à mostra. Faz um sorriso sereno acontecer em mim. Acende uma música que a gente só consegue ouvir quando a palavra descansa.

Quando lembro que crescer é, no íntimo, um exercício solitário, mas que não estamos sozinhos na sala de aula, saboreio o conforto dessa recordação. Somos mestres e aprendizes uns dos outros, o tempo todo. Estudamos, lado a lado, inúmeras lições, mas também criamos espaço para celebrar os momentos mágicos de recreio. Às vezes, com alguma leveza, até descobrimos juntos um segredo libertador: o aprendizado e o recreio não precisam acontecer separados.

*Quando lembro o quanto as nossas vidas se entrelaçam amorosamente com outras vidas nessa tapeçaria de fios sutis dos encontros humanos, a gratidão emerge e se espalha, em ondas de ternura, por toda a orla do peito. Diante de tantas incertezas, essa verdade perene: o amor compartilhado é o sábio curador. Quando lembro, eu agradeço. E respiro macio...
(Minhas conversas com)¹ Ana Jácomo (2023)*

“Agradecer²” é um verbo transitivo direto que significa demonstrar gratidão, conforme consulta ao dicionário on-line (2023). Dizer “obrigado” ou “obrigada” significa ficar “obrigado” ou “obrigada” diante de quem agradecemos, criando um vínculo, tornando-nos conectados e indicando comprometimento, além da aceitação de um convite para um diálogo permanente e duradouro. Proferir um “obrigado” ou “obrigada”, portanto, implica um constante exercício de alteridade e de trocas, dando um nó no laço que nos une ao outro.

É nesse sentido mais profundo que expressei meu muito obrigado a todas as pessoas a seguir mencionadas, procurando demonstrar meu comprometimento com elas, acima de tudo, no processo de construção de outras relações humanas, solidárias e empenhadas na luta por igualdade e justiça social.

Agradeço ao professor Daniel Ovigli, meu para sempre orientador, “minhas asas acadêmicas”! Ele me permitiu voar, mesmo em dias tempestuosos, e sentir a leveza ao longo do percurso, a suavidade da brisa e o valor da liberdade, permitindo-me ir além, de forma que

¹ Com este comentário, entre parênteses, indico que foi realizada alguma adaptação ou intervenção, em maior ou menor escala, no texto do autor, poeta e pensador em questão. Lanço mão, pois, da licença poética por meio da paráfrase. Escolho não obedecer algumas normas pré-estabelecidas ao criar este diálogo com linguagens outras, em especial a poesia, a fim de tornar um pouco mais leve o percurso deste estudo.

² Agradecer, disponível em: <https://www.dicio.com.br/agradecer/>, acesso, 2023.

eu pudesse abrir as asas da alma, acionando os motores do coração e navegando com intuição e coragem na direção desta pesquisa, revelando a verdadeira essência em um voo! Professor Daniel, sem sua atitude de acolhida, sensibilidade, fineza, paciência, generosidade, serenidade e acuidade intelectual, o avanço da pesquisa e da minha produção como ser humano neste processo seria impossível.

Agradeço às professoras Helena de Ornellas Sivieri Pereira, Maria Zenaide Alves e Fabiana Augusta Jardim, assim como ao professor Thiago Henrique Barnabé Corrêa, que aceitaram compor a banca de qualificação desta pesquisa, acreditando neste voo poético. Sinto-me honrada pelo modo generoso como acolheram minhas questões e suas diversas incompletudes, auxiliando nos encaminhamentos desta investigação.

Registro, ainda, meus agradecimentos e minha alegria aos professores Welisson Marques e Lúcio Álvaro Marques, suplentes da banca, por estarem disponíveis para o diálogo, seja neste rito de passagem ou posteriormente em outros voos.

Gostaria de dedicar um espaço especial para expressar minha profunda gratidão à poetisa Ana Jácomo. Sua obra, repleta de beleza e sensibilidade, foi uma fonte de inspiração inestimável na tessitura desta tese.

Infelizmente, a vida é efêmera, e não tive a oportunidade de entrar em contato com ela para agradecer pessoalmente pelas frases que tão generosamente compartilhou. As suas palavras ecoaram em meu trabalho, contribuindo significativamente para a construção das ideias apresentadas aqui.

A sua essência poética, mesmo que não esteja mais entre nós, permanece viva e resplandecente, iluminando caminhos e corações. Obrigado, Ana, por tudo que você representou e ainda representa mediante sua literatura.

Aos meus pais, Luiz (*in memoriam*) e Irani, vocês me deram a vida... Estão em cada célula do meu corpo, em cada olhar... Fazem parte da minha história e de todo o meu ser. Vocês estão comigo... estarão sempre comigo e eu com vocês, onde quer que estejam. Amo vocês intensamente, com cada célula do meu corpo!

Vocês são minhas maiores inspirações de vida, meu exemplo, meus amores, que não mediram esforços para que eu alcançasse um nível de escolarização maior do que o de vocês. Como meu pai deve estar orgulhoso de mim! Deve estar sussurrando para os pássaros no céu que sua filha será doutora (rs). Te amo, pai! Você vive em mim e nos meus filhos! Amarei-te para sempre!

Ao meu esposo, Junio, e aos meus filhos, Lucas e Rafael, meus amores, cujo amor, cuidado, apoio, presença e ausência nas horas certas expressam apenas alguns dos muitos fios

com os quais é tecida essa relação. Com vocês, aprendo a cada dia o que é amar de verdade! Saibam que vocês me permitiram sentir, voar e transcender! Amo vocês!

À minha avó Nair (*in memoriam*), que, quando reflito sobre os momentos preciosos que compartilhamos juntas, sinto uma mistura de emoções que vai desde a saudade profunda até a gratidão imensa por tê-la em minha vida. Embora ela não esteja fisicamente ao meu lado, sua presença e seu amor continuam a moldar quem eu sou. Amo-te para sempre, vó!

Aos demais familiares – meu irmão Marcelo, minha cunhada Gisele, meus sogros Sr. Simonides (*in memoriam*) e Sra. Ana, meus sobrinhos Davi e Luiza (meus olhinhos de jabuticaba), meus afilhados e afilhadas, tios, tias, primos(as) e amigos meu carinho pelas boas energias, pelo incentivo e pela compreensão das ausências.

Tenho a certeza de que voavam em pensamento e de coração comigo, na torcida para que tudo desse certo!

Aos meus companheiros e minhas companheiras, com os quais convivi durante o Doutorado e que, entre correrias e distâncias, foram fontes de cumplicidades, afetos e trocas fundamentais nestes caminhos e ares, por vezes árdusos.

Ao Comitê Territorial da Educação Integral do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e aos gestores do Município de Uberaba, agradeço pela lembrança do meu nome para o trabalho com as juventudes no território pesquisado.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências – GENFEC, nesses quase sete anos de existência, dos quais participo, ainda que de modo intermitente desde a sua concepção, saúdo-os por pautarem a investigação sobre as diferentes possibilidades educacionais dos espaços não formais, de modo a influenciarem minhas atenções e dedicação como pesquisadora iniciante.

Gratidão pela oportunidade da partilha de descobertas parciais da pesquisa junto ao grupo, especialmente aos queridos Bruno Inácio e Maria Betânia, com quem dividi algumas alegrias e inquietações ao longo desse voo.

À equipe pedagógica da Superintendência Regional de Ensino de Uberaba-MG e demais servidores da Superintendência Regional de Ensino de Uberaba-MG. De modo especial, ao longo de 2020 e 2024, período de afastamento das minhas atribuições profissionais, frente à divisão ou assunção de tarefas, para que eu me dedicasse à pesquisa e pudesse voar academicamente.

Agradeço, ainda, àqueles que compõem o Programa de Pós-Graduação em Educação, pelo comprometimento e zelo com a produção acadêmica em Educação, desde a equipe de limpeza, passando pela recepção da universidade, servidores, todos os professores, em especial,

a equipe da secretaria e a gestão do programa. Meus sinceros agradecimentos, tenham a certeza de que cada um de vocês foi de extrema importância para que este voo fosse possível.

A todas as pessoas que passaram por mim, nesses quatro anos, e não tiveram seus nomes citados, mas que, de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento desta investigação, por meio de uma palavra, um cuidado, um gesto fraterno ou compreendendo minha ausência, registro aqui a minha gratidão!

Agradeço à população brasileira, especialmente das camadas mais pobres, que, por meio do pagamento de seus impostos, investiu em meus estudos ao longo de toda a minha vida escolar, especialmente neste período do Doutorado.

Por fim, agradecimentos especiais são aqui dirigidos a cada liderança, morador e jovem que faz parte do território investigado nesta pesquisa, que me atenderam e acolheram, de modo solidário, dando condições para que o processo de construção de dados fosse possível.

De modo especial, reitero os agradecimentos aos jovens do território pesquisado, aos professores e gestores dos Espaços de Educação Formal, Rafael Honorato e Marcelo Teodoro, ao gestor do Centro de Referência e Assistência Social - Rodnei Nogueira, e também ao superintendente de Juventudes da cidade de Uberaba, Allan Damas, que aceitaram o diálogo, compartilhando suas vivências, dores, alegrias, reflexões e intimidades.

Vocês foram e seguem sendo essenciais! Meu profundo respeito a vocês. A todos e todas, a minha eterna gratidão!

“Encontros preciosos não são os que necessariamente nos trazem jardins já floridos. São, um bocado de vezes, aqueles que nos ofertam mudas”.

(Ana Jácomo)

RESUMO

Em Uberaba-MG, um território marcado por desigualdades sociais e transformações culturais, é essencial analisar como gerações distintas formam práticas e discursos de engajamento político. As juventudes contemporâneas, influenciadas por contextos históricos e culturais variados, desenvolvem novas formas de participação que refletem os desafios e anseios da sociedade atual. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as interações e influências das lideranças comunitárias e das juventudes no contexto de um território da cidade de Uberaba-MG, desvelando os fundamentos que sustentam as práticas políticas nesse contexto sociocultural, com foco nas juventudes. Foram considerados, como participantes desta pesquisa, cinco jovens do grêmio estudantil, com idades de 15 a 17 anos, seis lideranças comunitárias com idades de 29 a 40 anos e oito jovens com idades de 18 a 29 anos. O percurso metodológico desta investigação foi organizado em fases, a saber: (i) a escolha do território; (ii) reunião com a gestão do espaço de educação formal; (iii) encontro com as lideranças juvenis (Grêmio da Escola); (iv) encontro com as lideranças comunitárias do território; (v) encontro com as juventudes nos espaços de educação não formal do território; (vi) rodas de conversa; (vii) grupo focal; (viii) escuta ativa; (ix) podcast. O material empírico foi analisado a partir de alguns eixos de análise dos campos da sociologia, linguística, geografia e tecnologias (Leão, 2023; Arroyo, 2014; Oliveira, 2020; Garcia, 2010, 2013; Silva, 2018; Quijano, 2005; Castells, 2002; Giroux, 2012; Freire, 2005; Dayrell, 2014; Oliveira e Hermont, 2014; Abramo, 1994; Giacometti-Rocha e Mill, 2018; Patel, 2015; entre outros). O estudo revelou, entre outros aspectos, informações relevantes sobre a dinâmica social, econômica e cultural de jovens e lideranças comunitárias em um território periférico da cidade de Uberaba-MG, evidenciando marcas dessas dinâmicas que se estendem em várias dimensões: desigualdade socioeconômica, falta de oportunidades, violência e criminalidade, estigma e discriminação, ausência de representação política e acesso limitado à educação de qualidade. No entanto, existem redes de apoio e solidariedade, incluindo o papel das lideranças comunitárias na promoção do bem-estar e na resolução de problemas locais. Ademais, foi criado um podcast (@vozes_podcast), um espaço para que jovens e líderes comunitários compartilhem suas histórias, experiências e perspectivas únicas. Este podcast servirá como plataforma para destacar não apenas os desafios enfrentados, mas também os triunfos e as conquistas que fortalecem o tecido social, capturando a diversidade e a riqueza cultural da comunidade. Ao compartilharem suas narrativas, os participantes não apenas fortalecem os vínculos comunitários, mas também inspiram outros a enfrentarem desafios com coragem e determinação.

Palavras-chave: Juventude. Lideranças comunitárias. Território periférico. Podcast. Educação.

ABSTRACT

In Uberaba-MG, a territory marked by social inequalities and cultural transformations, it is essential to analyze how distinct generations shape practices and discourses of political engagement. Contemporary youth, influenced by various historical and cultural contexts, develop new forms of participation that reflect the challenges and aspirations of today's society. The general objective of this research is to understand the interactions and influences of community leaders and youth in the context of a territory in the city of Uberaba-MG, revealing the foundations that support political practices within this sociocultural context, with a focus on youth. Five young individuals from the student council, aged 15 to 17, six community leaders aged 29 to 40, and eight young people aged 18 to 29 were considered participants in this research. The methodological pathway of this investigation was organized in phases, namely: (i) the choice of territory; (ii) meeting with the management of the formal education space; (iii) meeting with youth leaders (School Council); (iv) meeting with the community leaders of the territory; (v) meeting with youth in the informal education spaces of the territory; (vi) conversation circles; (vii) focus group; (viii) active listening; (ix) podcast. The empirical material was analyzed based on several analytical axes from the fields of sociology, linguistics, geography, and technologies (Leão, 2023; Arroyo, 2014; Oliveira, 2020; Garcia, 2010, 2013; Silva, 2018; Quijano, 2005; Castells, 2002; Giroux, 2012; Freire, 2005; Dayrell, 2014; Oliveira and Hermont, 2014; Abramo, 1994; Giacometti-Rocha and Mill, 2018; Patel, 2015; among others). The study revealed, among other aspects, relevant information about the social, economic, and cultural dynamics of youth and community leaders in a peripheral territory of the city of Uberaba-MG, highlighting marks of these dynamics that extend across several dimensions: socioeconomic inequality, lack of opportunities, violence and criminality, stigma and discrimination, absence of political representation, and limited access to quality education. However, there are networks of support and solidarity, including the role of community leaders in promoting well-being and resolving local problems. Furthermore, a podcast (@vozes_podcast) was created as a space for young people and community leaders to share their stories, experiences, and unique perspectives. This podcast will serve as a platform to highlight not only the challenges faced but also the triumphs and achievements that strengthen the social fabric, capturing the diversity and cultural richness of the community. By sharing their narratives, participants not only strengthen community bonds but also inspire others to face challenges with courage and determination.

Keywords: Youth. Community Leadership. Peripheral Territory. Podcast. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Contribuições de Pesquisadores no estudo das Gerações e Identidade.....	45
Figura 2. Convergências Entre Mannheim (1964) e Bauman (2007) no Estudo das Gerações.....	47
Figura 3. Localização da cidade de Uberaba-MG.....	70
Figura 4. Estratégias para combater a evasão escolar.....	79
Figura 5. Distribuição de raça e cor da cidade de Uberaba-MG.....	82
Figura 6. Distribuição Geográfica de jovens da cidade de Uberaba-MG por mapa de calor....	84
Figura 7. Distribuição de cor de jovens com idade de 15 a 29 anos - Uberaba/MG.....	84
Figura 8. Dimensões Essenciais para Construir uma Cidade das Pontes.....	87
Figura 9. A Cultura como Ferramenta de Mudança para os Jovens.....	90
Figura 10. Relação das Juventudes com o Território segundo Bourdieu.....	97
Figura 11. Primeira cena tecida para o percurso e procedimentos metodológicos. “Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um Território que Pulsa sopros e vozes Tese de Doutorado.....	105
Figura 12. Desenho Jovem Pássaro Azul.....	134
Figura 13. Desenho Jovem Pássaro Colorido.....	135
Figura 14. Trabalho do Jovem Pássaro Cinza.....	137
Figura 15. Trabalho do Jovem Pássaro Branco.....	137
Figura 16. Trabalho do Jovem Pássaro Preto.....	138
Figura 17. Trabalho do Jovem Pássaro Mesclado.....	139
Figura 18. Trabalho 1 Grupo Jovens - Elementos destaques do Território ou Espaços que gostariam de conhecer.....	141
Figura 19. Trabalho 2 Grupo Jovens - Elementos destaques do Território ou Espaços que gostariam de conhecer.....	141
Figura 20. Trabalho 3 Grupo Jovens- Elementos destaques do Território ou Espaços que gostariam de conhecer.....	142
Figura 21. Espaço preparado na Escola do Território, pronto para receber as lideranças comunitárias locais.....	147
Figura 22. Justificativa para Inclusão de Participantes na Pesquisa sobre Formação Política das Juventudes.....	166
Figura 23. Princípios dos Espaços de Educação Não-Formal.....	178
Figura 24. Promoção Instituto Pró-R- pelo coletivo Residencial Pôr do Sol.....	191
Figura 25. Recortes da tiragem “O Criolo” - Jornal do Território Pôr do Sol.....	192
Figura 26. Acontece no Residencial Pôr do Sol.....	193

Figura 27. Ação de Natal solidária Pró-R.....	195
Figura 28. Reorganização da primeira cena expressa na figura 3 para o percurso e procedimentos metodológicos. “Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um Território que Pulsa sopros e vozes Tese de Doutorado.....	197
Figura 29. Metodologia Pesquisa-Ação “Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um Território que Pulsa sopros e vozes Tese de Doutorado.....	202
Figura 30. Print de uma fala excludente do Residencial Pôr do Sol no ano de 2022.....	207
Figura 31. Violência contra a população negra no Brasil.....	227
Figura 32. Logomarca Vozes Podcast.....	245
Figura 33 Perfil @vozes_podcast Instagram.....	246
Figura 34. Perfil @vozes_podcast Youtube.....	247
Figura 35. Como Organizar um Podcast: Pistas para uma Estrutura Eficiente.....	248
Figura 36. Episódios da 1º Temporada Vozes Podcast “Re-existir: sobre Juventudes periféricas, território e re-existência”	251
Figura 37. Episódios da 2º Temporada Vozes Podcast “Juventudes e territórios populares: Espaços Acadêmicos e de Produção de Ciência”	272
Figura 38. Episódios da 3º Temporada Vozes Podcast - Juventudes de territórios populares em visitas em espaços públicos e culturais - engajamento e construção de sentidos.....	272
Figura 39. Dimensões de Análise nas Asas das Narrativas.....	278
Figura 40. Dados da população da cidade de Uberaba-MG.....	292
Figura 41. Desconstruindo o Pensamento Colonial Eurocentrista.....	305
Figura 42. Ouvintes de Podcast por Gênero.....	337
Gráfico 1. Distribuição de jovens da cidade de Uberaba por bairros.....	294
Gráfico 2. Distribuição de sexo biológico- juventudes da cidade de Uberaba-MG.....	296
Gráfico 3. Por grupos de idade pessoas com deficiência no Brasil.....	330
Gráfico 4. Estatística por idade no acesso e inscrição -Vozes Podcast.....	335
Gráfico 5. Ouvintes do Vozes Podcast por Gênero.....	338
Quadro 1. Raízes do Pensamento Sociológico do conceito de geração.....	41
Quadro 2. Classificação/ Descrição de Geração e características.....	48
Quadro 3. Classificação/ Descrição para gerações no contexto brasileiro.....	58
Quadro 4. Planejamento - Roda de Conversa – Jovens Grêmio Estudantil da Escola.....	116
Quadro 5. Planejamento - Roda de Conversa – Lideranças Comunitárias do Território.....	119

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses de Dissertações

BPC – Benefício de Prestação Continuada

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CADÚNICO – Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal

CEB – Comunidades Eclesiais de Base

CEMEIS - Centros Municipais de educação infantil

CEU - Centro educacional em Uberaba, Minas Gerais

CEP/UFTM – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

COVID-19- Corona Virus Disease-19

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

FCETM – Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro

FGB – Formação Geral Básica

FMTM – Faculdade de Medicina Triângulo Mineiro

GENFEC – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências

GF – Grupo Focal

JIEPE - Jornada Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão UFTM

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IFTM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INPI- Instituto Nacional da Propriedade Industrial

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

MG – Minas Gerais

NEM- Novo Ensino Médio

NUCORPO – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PJ – Pastoral da Juventude
PL – Projeto Lei
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNE – Plano Nacional de Educação
PPP – Projeto Político Pedagógico
PPJs - Política para Juventude
PRÓ-R – Instituto de Formação e Capacitação Profissional Residencial Pôr do Sol
SEDS – Secretaria de Desenvolvimento Social
SEEMG – Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI – Serviço Social da Indústria
SIND-UTE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação
SRE – Superintendência Regional de Ensino
SCIELO – Scientific Electronic Library On-line
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UNE – União Nacional Estudantil
UNIUBE – Universidade de Uberaba
URV – Unidade Real de Valor

SUMÁRIO

1 JUVENTUDE: O INTERVALO ENTRE A SEMENTE E A FLOR.....	19
1.1 DE DENTRO PARA FORA: EU PASSARINHO.....	20
1.2 ALÇANDO O VOO NO BARULHO DO VENTO: DE QUAL PROBLEMA DE PESQUISA E DE QUAIS OBJETIVOS ESTAMOS FALANDO?	29
1.3. O VOO: TÃO IMPORTANTE QUANTO À CHEGADA É O CAMINHO PERCORRIDO— ESTRUTURA E SEÇÕES DA TESE.....	32
2 CANÇÕES DO TEMPO: VOOS GERACIONAIS ORQUESTRADOS NA MELODIA DOS PÁSSAROS	39
2.1 RAÍZES HISTÓRICAS: O CONTEXTO TEMPORAL DAS GERAÇÕES.....	40
2.2 CADÊNCIA GERACIONAL: O PAPEL VITAL DAS GERAÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	44
2.3 GERAÇÃO ASAS.....	59
3. ECOS DE UM TERRITÓRIO: ACORDES, AFETOS, RITMOS, MOVIMENTOS E SILÊNCIOS.....	68
3.1 ENTRE ACORDE E O CONCRETO: O PULSAR VIBRANTE DE UM TERRITÓRIO PERIFÉRICO NA CIDADE DE UBERABA-MG.....	70
3.2 POUSANDO NA CIDADE DE UBERABA-MG: CÊ É FI DE QUEM?	74
3.3 SINFONIA DAS MARGENS: EXPLORANDO OS ACORDES OCULTOS DE UM TERRITÓRIO PERIFÉRICO DE UBERABA-MG.....	76
3.4 VOOS DE IGUALDADE: POR MENOS DISCRIMINAÇÃO RACIAL OU DE GÊNERO EM AMBIENTES SOCIETÁRIOS.....	82
3.5 TECENDO CAMINHOS: O DIREITO À CIDADE DAS PONTES SOB A PERSPECTIVA DO VOO DOS PÁSSAROS.....	86
3.6 O TERRITÓRIO “FAZ” AS JUVENTUDES?	93
4 O PERCURSO METODOLÓGICO NUM VOO PARA ALÉM DOS OLHOS E OUVIDOS, SENTINDO A TEXTURA DO SENTIMENTO ALHEIO NO CORAÇÃO.....	102
4.1 PRIMEIRA FASE DO VOO: POR QUE ESTE TERRITÓRIO?	109

4.2 SEGUNDA FASE DO VOO: INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO-FORMAL.....	111
4.3 TERCEIRA FASE DO VOO: ENCONTRO COM O GRÊMIO ESTUDANTIL	114
4.4 QUARTA FASE DO VOO: ENCONTRO COM AS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DO TERRITÓRIO.....	118
4.5 QUINTA FASE DO VOO: ENCONTRO COM AS JUVENTUDES NOS ESPAÇOS EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DO TERRITÓRIO	120
5 CONVERSANDO COM AS AVES, FLORES E SEMENTES, EM UM LUGAR QUE NÃO SE SABE ONDE É, MAS QUE EXISTE!	124
5.1.DE POUSO EM POUSO: A PRIMEIRA ESCUTA DE PASSARINHOS	124
5.2 NOS NINHOS DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DO TERRITÓRIO PÔR DO SOL	146
5.3 ENTRE OLHARES, ESCUTAS E PALAVRAS, ACHO QUE SE O NINHO FALASSE, AFAGARIA O PASSARINHO E FALARIA: QUE BOM QUE VOCÊ ESTÁ AQUI!	166
5.4 NO ESPAÇO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CRESCENDO PRA PASSARINHO! ..	175
5.5 NO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: “VIDA E HISTÓRIAS DE PASSARINHOS”	203
5.6 VOZES PODCAST.....	244
5.6.1 EPISÓDIO 1. RESIDENCIAL PÔR DO SOL: UM TERRITÓRIO QUE PULSA	252
5.6.2 EPISÓDIO 2. RAP EM MOVIMENTO: FORMAS DA PERIFERIA PENSAR E RESISTIR!	255
5.6.3 EPISÓDIO 3. RAP NA FRONTEIRA: MOVIMENTO CULTURAL E POÉTICO DAS PERIFERIAS.....	257
5.6.4 EPISÓDIO 4. "PRECARIZAÇÃO E ALIENAÇÃO": #REVOGA NOVO ENSINO MÉDIO	259
5.6.5 EPISÓDIO 5. JUVENTUDES PERIFÉRICAS E PROJETO DE FUTURO.....	268
6 SOBRE(VOAR)COM AS JUVENTUDES E LIDERANÇAS NUM TERRITÓRIO PERIFÉRICO SOB OS OLHARES E O SENTIDO DAS NARRATIVAS.....	274
6.1 NINHOS EM CONTEXTO	281
6.2 ASAS DA NARRATIVA.....	299
6.3 MELODIAS LINGUÍSTICAS.....	310
6.4 ASAS QUE INSPIRAM.....	316

6.5 PÁSSAROS FERIDOS.....	323
6.6 ALÇANDO ECOS ESQUECIDOS.....	333
6.7 METAMORFOSE EM VOO.....	340
7 REVOADAS TECIDAS PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	346
REFERÊNCIAS.....	356
APÊNDICE A- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	369
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	371
APÊNDICE C_ Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	373

JUVENTUDE: O INTERVALO ENTRE A SEMENTE E A FLOR

“Tem gente que tem cheiro de passarinho quando canta. De sol quando acorda. De flor quando ri. Ao lado delas, a gente se sente no balanço de uma rede que dança gostoso numa tarde grande, sem relógio e sem agenda”.

(Ana Jácomo)

O título *“Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros Educativos de um Território que Pulsa Sopros e Vozes”* tem o seu voo realçado a partir do trabalho de mestrado dos pesquisadores, intitulado *“Olhares Juvenis para as Escolas: Gaiolas ou Asas? Um Estudo em Uberaba-MG”* (Silva, 2019).

Não por acaso, no processo do Doutorado, privilegiamos a juventude nos espaços de Educação Não Formal, uma vez que o trabalho realizado no mestrado já sinalizava o abismo entre a educação formal, em especial a escola, apresentando, naquele contexto pesquisado e recorte, lacunas de mundo entre os espaços da escola e dos jovens em especial.

O título tem o desejo de reforçar os olhares e sentidos de forma metafórica, assim como ocorreu ao longo do mestrado, com a diferença de que no Doutorado se possa realizar um oportuno convite para a reflexão acerca da compreensão das vivências e limites juvenis de um determinado território periférico da cidade de Uberaba-MG.

A escolha de estar neste território visa buscar e potencializar, por meio de ações educativas, o protagonismo e a formação da cultura política dos jovens que o habitam. Em diálogo com os referenciais teóricos deste estudo, essa abordagem é articulada para que outros olhares de significado e importância possam ser impressos em diferentes espaços, capazes de despertar aprendizagem e socialização, especialmente para a juventude.

O trabalho desafia os moldes tradicionais das normas da academia, pautado em uma transformação que se desdobra em seções nas quais os jovens, desde o mestrado, são associados a pássaros, pensando em uma juventude com asas, em um voo desejável, sem desconsiderar os seus dilemas e desafios.

Faz-se necessário destacar que esta pesquisa carrega consigo parte de uma história, de uma autora, com algumas de suas inquietações desde a adolescência, suas preocupações, alegrias e seus percalços e porvires, todos construídos ao longo de sua trajetória de vida, acadêmica e profissional.

O interesse por pesquisar a juventude, suas relações, vivências e expressões culturais, emerge de minha³ história de vida em uma comunidade de base⁴, sempre em defesa da liberdade de expressão e de posicionamento.

DE DENTRO PARA FORA: EU PASSARINHO

“Passarinho tem asas do lado de fora. A gente, do lado de dentro.”

(Ana Jácomo)

Organizei o meu percurso *“De dentro para fora”*, num movimento com asas inspirado na alma perfumada de Jácomo, uma escritora enamorada pela escrita da prosa poética e também em Bondía (2002), buscando na minha história as minhas experiências que me permitem sentir, ser tocada, preenchida e transformada na alma.

Foi no processo de lapidação do mestrado que me foi dada a abertura reflexiva para ser transformada a partir da minha experiência de vida, acadêmica e profissional, na qual o interesse em estudar e entender a juventude tem um sentido singular e concreto para mim, ao sustentar minha identidade e possibilitar a segurança para o meu voo.

É nesse sentido que o interesse pela temática juventude é entrelaçado por minhas experiências enquanto jovem estudante de escola pública e membro de comunidade de base e Pastoral da Juventude (PJ)⁵, movimentos de formação política e democrática nos Espaços Não Formais de Educação, que assumem centralidade nesta pesquisa.

Peço licença para compartilhar essa história que me foi fazendo e refazendo, permitindo-me valorizar os detalhes de cada movimento, explorar a beleza do voo, ouvir o meu coração no meu silêncio, considerando também outras vozes e, assim, sobrevoar no itinerário da minha vida.

³ Por vezes, utilizarei a primeira pessoa do singular para indicar minhas compreensões neste trabalho. Em outros momentos, a primeira pessoa do plural será utilizada para indicar concordância com autores mencionados e/ou para indicar ser esta uma concordância com o orientador.

⁴ **Comunidades Eclesiais de Base (CEB)** são comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem em comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras” (Betto, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**, Editora Brasiliense, 1984, p. 7).

⁵ **Pastoral da Juventude (PJ)**: formação de lideranças Jovens que irão atuar nas Comunidades Eclesiais de Base e na sociedade. Tudo isso nasce nas reuniões dos pequenos grupos de base. Os jovens se reúnem para debater, discutir sobre a realidade brasileira, sobre diversos problemas, inquietações, ou simplesmente revisarem suas vidas juntos” (Sbardelotti, Emerson. Estudos da CNBB 44 – Pastoral da Juventude no Brasil: Memória, Compromisso e Atualização Trinta Anos Depois! **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952X. Vol. 11, n. 19, jan./jun., 2017, p. 78).

Filha de pais que não tiveram muitas oportunidades para estudar, de uma infância com muitas dificuldades, mas que, nem por isso, mediram esforços para que eu e meu único irmão estudássemos e concluíssemos o Ensino Superior.

É de longa data minha relação de proximidade com a área da educação, fosse ela formal ou não formal. Talvez eu nem soubesse como essa aproximação e envolvimento me constituem no que sou hoje enquanto pessoa, pesquisadora e profissional.

Estudante da escola pública ao longo de toda a educação básica, jovem da década de 1990, uma época na qual tive a oportunidade de frequentar espaços muito politizados, pois, na escola que eu frequentava, os professores, em sua maioria, e a gestão, lideravam o Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SIND-UTE) na cidade de Uberaba e região e se mobilizavam muito por melhores condições salariais e de trabalho.

Esses mesmos professores, que iam para as ruas lutar por um pouco mais de dignidade, voltavam e sentavam-se conosco (os jovens estudantes da época) com o intuito não de dar alguma satisfação, mas de nos conscientizar sobre nosso papel na sociedade, quanto a nos posicionarmos e sermos reconhecidos, ao negar a homogeneidade e contribuir consideravelmente para os nossos percursos futuros.

Nessa mesma época, minha avó materna, Nair, fazia parte de um grupo de cristãos que fundou, próximo à nossa casa, uma comunidade de base, “*Comunidade do Divino Pai Eterno*”. Comecei a frequentar reuniões com ela e com minha família. Eram discussões densas sobre divisão de terras, questões étnico-raciais, meio ambiente, juventude, política e muitas outras, que recorro com precisão até hoje. Eram encontros semanais.

Com treze anos, iniciei como catequista dessa comunidade, para evangelizar crianças e, na mesma época, comecei a frequentar o grupo de jovens. Reuníamos-nos aos domingos à tarde para, mais uma vez, discutirmos sobre temas como trabalho, saúde, educação, entre outros, que nos incomodavam enquanto jovens da igreja e do mundo.

Além dos grupos de jovens das comunidades e paróquias, tínhamos uma instância maior, que era a Pastoral da Juventude (PJ). Discutíamos as questões nos grupos de jovens e, com frequência, nos reuníamos com outros grupos de outras comunidades, paróquias e regiões para, em um âmbito maior, fortalecer-nos enquanto grupo de uma juventude incomodada com muitas questões que nos afligiam à época.

Era, portanto, uma jovem atuante na comunidade de base em seus movimentos sociais, uma “jovem estudante de Ensino Médio” oriunda de escola pública, com muitos problemas à época, como greves contínuas dos professores, frutos de uma desvalorização da classe, que gerava, por vezes, prejuízos à carga horária dos estudantes.

A precariedade na infraestrutura das escolas e nos materiais didáticos também era uma realidade comum para quem frequentava a escola pública na década de 1990, e acredito que, até os dias atuais, tenhamos avançado pouco quanto aos investimentos necessários para uma educação pública de qualidade.

Além de todos os problemas elencados, o mais grave, em minha concepção, era realmente a ausência da obrigatoriedade do Ensino Médio, já que apenas em 1996 foi reconhecido como etapa básica de educação pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96.

O não acesso e a não permanência na Educação Básica distanciaram ainda mais o Ensino Superior das camadas populares da década de 1990. Nessa década, os jovens das camadas populares eram preparados, na sua maioria, em cursos técnicos, após o término da antiga oitava série, hoje intitulado nono ano do Ensino Fundamental, para, na sua maioria, serem preparados para atuar no mercado de trabalho com mão de obra barata.

Na PJ, tive o privilégio de conhecer jovens de todo o Brasil por meio dos seminários e encontros frequentes que eram propostos. Tais intercâmbios proporcionaram discussões muito significativas, que me inquietavam desde aquela época. Incluía questões como metodologia de trabalho com os jovens, o mundo do trabalho, a cultura e as políticas públicas para a juventude.

Eram universos distintos, mas eu era uma só pessoa que transitava nesses espaços: na escola, na comunidade de base e na pastoral. Porém, fazia pontes internas que me alicerçaram enquanto jovem, não só da escola ou da igreja, mas de “*mundo*”, que me interiorizava, dando suporte e sentido para a minha juventude, ou ainda, não sendo apenas um rosto bonito, jovem e sonhador, mas uma jovem que já projetava um futuro.

Para Nonato e Villas (2014, p. 15), “o percurso da vida é marcado por começos, interrupções e recomeços, fazendo com que cada sujeito trace trajetórias singulares”. Desta forma, fui me constituindo dentro desse binômio da educação formal e da educação não formal, em especial nos movimentos sociais, nos quais eu fazia parte da igreja, intencionalmente educadores e politizados.

Trilhando tais percursos, penso em Freire (2005, p. 20) quando ele potencializa essa ideia, dizendo que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”, reforçando, desta forma, a fundamentação de um processo dinâmico, no qual o processo educativo possa abraçar o ser humano no mundo, em que os saberes da escola sejam fundamentados nas experiências, vida e relações que as pessoas transbordam e carregam.

Assim como hoje, acreditando que a escola tenha relevância na vida dos jovens estudantes, apesar de todos os desafios enfrentados, frequentei esses distintos mundos da

educação formal e não formal, que foram sinônimo de desassossego das certezas e hábitos daquele momento, que me empurravam para além da estrutura temporal e espacial da escola.

Há que se considerar a importância da escola na vida dos estudantes, principalmente no âmbito dos projetos de futuro dos jovens, além de ser um espaço no qual são estabelecidas as relações de amizade, de amores e de (des)encontros com seus pares e até mesmo com o que é proposto ou exigido por eles.

Porém, colocar o aprendizado para tecer com o espaço e o tempo da educação em formas significativas, para o “entrelaçamento dos saberes e conhecimentos, em levar nossos olhos a passear pelos lugares educativos, promovendo novos cenários no território, seja ele cidade ou campo e nos espaços escolares”, requer importância e uma longa caminhada (Faria, 2012, p. 34).

Levando em consideração o “*ser jovem*” e a “*minha trajetória*”, penso que cada pessoa percorre caminhos diferentes que resultam em identidades distintas. É necessário observar como esses sujeitos vão se constituindo e como vão se formando.

Assim como muitos outros jovens de baixa renda da escola pública da época, fiz um curso técnico de contabilidade para que eu pudesse conseguir um trabalho que custeasse a minha faculdade.

Dayrell (2007, p. 1116) descreve com maestria o que foi frequentar o Ensino Médio nesta década:

Ao mesmo tempo, ocorreu uma migração significativa dos alunos das camadas altas e médias para a rede particular de ensino, que experimentou uma expansão significativa na última década, uma nova face da elitização que consolidou o sistema público de ensino no Brasil como uma “escola para pobres”, reduzindo e muito o seu poder de pressão e o zelo pela qualidade. Nesse processo, o próprio sentido do Ensino Médio veio se transformando. Antes, significava o caminho natural para quem pretendia continuar os estudos universitários. Agora, principalmente com a sua incorporação à faixa de obrigatoriedade do ensino, tornou-se também a última etapa da escolaridade obrigatória e, para a grande maioria dos jovens, o final do percurso da escolarização. Esse contexto vem gerando o debate entre o caráter propedêutico ou profissionalizante a ser tomado por esse nível de ensino.

Na época, apenas eu e mais dois amigos do curso técnico tivemos acesso ao Ensino Superior. Éramos apenas três jovens oriundos da escola pública em uma turma de Ensino Superior.

Todos os outros colegas eram de escolas particulares: foi um choque de realidade para nós, jovens das camadas populares. É importante ressaltar que, na época, os vestibulares eram concorridos, já que a oferta de cursos era restrita e o nosso desafio, enquanto jovens de escola pública, era maior, diante de todo o percurso trilhado e dos desafios da vida pessoal e escolar.

Dois colegas e eu, oriundos da escola pública, trabalhávamos durante o dia para custear a faculdade à noite, lembrando que ainda contávamos com o complemento de nossos pais, pois as mensalidades eram indexadas a valores altos para a nossa realidade.

Todos os nossos outros colegas da escola pública se contentaram, por diferentes motivos, em pousar no curso técnico, enquanto para nós três o pouso não fazia parte dos nossos planos e sonhos. Queríamos continuar o nosso voo.

Foram restritas as oportunidades de acesso ao Ensino Superior, já que, na época, tínhamos na cidade de Uberaba duas faculdades particulares – a Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (FCETM) e a Universidade de Uberaba (UNIUBE), além de uma federal, a Faculdade de Medicina Triângulo Mineiro (FMTM), a qual, à época, oferecia apenas os cursos de Enfermagem e Medicina.

O acesso a qualquer uma das três faculdades era bem complexo, considerando o restrito número de vagas que era oferecido, principalmente na faculdade pública e gratuita da época (FMTM), atualmente Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), na qual hoje curso o doutorado.

Isso acabava por resultar em um vestibular concorrido também nas faculdades particulares. A concorrência com jovens das redes particulares, que eram mais bem preparados para os vestibulares, tanto para o ensino público gratuito como para o particular, era (acredito que ainda seja) um grande desafio para os jovens das escolas públicas.

Outro agravante para os jovens das camadas populares e de escolas públicas, além do difícil acesso às faculdades, era o valor das mensalidades no Ensino Superior nas redes particulares.

Eram altos e indexados pela chamada URV⁶, que oscilavam sempre para mais a cada mensalidade. O boleto da mensalidade, no final do mês, era sempre uma preocupação para os jovens das classes populares.

A partir daqui, o caminho era inverso: os jovens das escolas particulares, em sua maioria, conseguiam o acesso à faculdade pública da época, e nós, do Ensino Médio público, se quiséssemos continuar os estudos, tínhamos que pagar uma das faculdades particulares.

Senti muito orgulho de mim e dos meus dois colegas que chegaram até o final do curso, já que sobrevoamos juntos todo o Ensino Superior, com todas as dificuldades da época.

⁶ Unidade Real de Valor, instituída conforme medida provisória nº 457 de 29 de março de 1994. Brasil. **Medida Provisória n°457 de 27 de fevereiro de 1994** e dispõe a URV como padrão de valor monetário.

Em uma turma de 60 estudantes aprovados no vestibular de 1992, em torno de 23 conseguiram concluir o curso de Ciências Contábeis em 1996, e nós três estávamos lá no auditório para receber o tão sonhado diploma do Ensino Superior.

Fomos até o final porque queríamos voar... voar alto, em busca de um futuro melhor e de mais conhecimento.

A década de 1990 foi, então, marcada pela carência de escolhas, já que não tínhamos muitas opções, como concluir ou não o Ensino Médio ou um curso técnico, e ainda acessar ou não o Ensino Superior.

Como o Ensino Médio não era obrigatório, os jovens das camadas populares que conseguiam concluí-lo (a minoria) e chegavam ao terceiro ano (principalmente os jovens dos cursos técnicos) não eram incentivados a acessar o Ensino Superior ou a continuar os estudos.

Eram preparados para atuar no mercado de trabalho, que era sedento de mão de obra barata.

Para os jovens das camadas populares, acessar o Ensino Superior não era uma decisão simples de resolver, já que requeria muita força de vontade e luta para conseguir até mesmo custear a tão sonhada faculdade. Pousar ou não no Ensino Médio, já que não era uma etapa obrigatória, ou seguir o voo rumo ao Ensino Superior?

Não tínhamos, na mesma época, políticas públicas ou mesmo incentivo dos professores para concluir o Ensino Médio ou até mesmo para acessar o Ensino Superior, e, até mais que isso, acredito que não enxergavam os jovens da época acessando o Ensino Superior.

Assim que finalizei o curso superior em Ciências Contábeis, fui convidada a assumir um cargo de professora de Matemática dentro de uma escola pública de Uberaba.

Na época, eram comuns esses convites, inclusive pelos perfis. Acredito que esse perfil de liderança, comunicação, proatividade, organização, dinamicidade e, principalmente, postura foi fruto da minha trajetória juvenil de participação em movimentos sociais, tendo eu à minha frente uma oportunidade de voltar para a escola básica que teve importância significativa em minha vida.

[...] a identidade é uma construção que cada um de nós vai fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo (Dayrell, 2007, p. 10).

Iniciei a profissão docente em 1997, como professora autorizada para lecionar. Essa autorização era e ainda é expedida pelo órgão responsável da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG) a profissionais com diploma de Ensino Superior ou em curso, após

uma análise do histórico escolar para compatibilizar as cargas horárias dos componentes curriculares, tendo em vista expedirem ou não as autorizações aos interessados em lecionar nas escolas públicas do estado de Minas Gerais.

Logo no primeiro ano de profissão, me matriculei em um curso de Licenciatura em Matemática e, em seguida, cursei especialização. Eu queria regularizar a minha situação profissional, já que me identifiquei com o universo da profissão de ser professora. Eu me enxergava como professora, mesmo tão jovem.

Descobri-me na prática, no chão da sala de aula, nos espaços escolares e com os jovens, o que eu queria para minha vida profissional. Percorri, de certa forma, o caminho inverso de tantos que cursam as licenciaturas e não se identificam com a profissão; e comigo foi o contrário.

Nunca havia passado pela minha cabeça ser professora, apesar de sempre respeitar e admirar os meus professores. Acredito que seja interessante resgatar essa memória, pois a minha vida acadêmica se entrelaça com a vida profissional, o que discutirei no tópico seguinte.

Na mesma sequência, no ano de 2001, surgiu um concurso no estado, na Secretaria de Educação, para atuar na Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Uberaba, em cargos administrativos e pedagógicos, e fui aprovada. Em paralelo a esse trabalho na SEE-MG, continuei como professora de Matemática. Foram 17 anos no chão da sala de aula, como docente dessa disciplina.

Depois dos 17 anos dedicados ao magistério, optei por me dedicar às ações na SRE de Uberaba e deixei as aulas que ministrava. Na SRE, passei por todas as diretorias, desde o financeiro, por onde iniciei minha trajetória (por acharem que, como eu era licenciada em Matemática e bacharel em Ciências Contábeis, deveria atuar no setor de pagamento, caracterizado por cálculos), até ser convidada a atuar no setor pedagógico e, em 2013, para ser formadora do “Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio”.

Uma oportunidade que tive depois de quase 20 anos longe da universidade foi receber formação na universidade, “de pisar mesmo no chão da universidade” e de novamente me encantar pelo mundo acadêmico.

Os formadores selecionados pelas Superintendências Regionais de Ensino foram orientados por professores das universidades locais parceiras do programa para serem multiplicadores das formações aos professores de Ensino Médio da regional.

Foram, ao todo, 200 horas de formação, interação e conhecimento mútuo entre nós, formadores, as universidades, com essa aproximação, e os professores de Ensino Médio, que

contribuíram muito para o meu aprimoramento profissional. Fazer parte desse projeto me sensibilizou para querer alçar novos voos, como o mestrado, por exemplo.

Percebi que existia dentro de mim uma lacuna de formação, estagnada há anos (quase vinte anos de graduação) e do universo acadêmico que poderia me sustentar, tanto em teorias quanto em termos de prática para as ações que eu exercia e que precisavam ser preenchidas.

Logo depois do término do programa, assumi coordenações da diretoria e, entre elas, ações do Ensino Médio, além da coordenação de projetos relacionados aos jovens como protagonistas de suas aprendizagens.

Em 2017, retornei aos estudos após vinte anos longe dos bancos acadêmicos, iniciando, neste respectivo ano, o sobrevoo no mestrado ao lado do Professor Daniel Ovigli, que me confiou essa nobre missão e oportunidade, um momento marcante na minha vida e de muito significado, já que não desejava apenas o diploma ou o título, mas muitas respostas para uma temática que me inquietava e encantava ao mesmo tempo.

A dissertação intitulada “*Olhares juvenis para as escolas – gaiolas ou asas? Um estudo em Uberaba/MG*” (Silva, 2019) é um marco relevante em minha vida, trajetória acadêmica e profissional, uma vez que representou um ensaio intelectual, o qual, para eu observar e compreender o objeto de pesquisa, precisei ser observada para compreender, a partir do outro, eu mesma.

Esse trabalho me levou a um exercício triplo: pessoal, profissional e intelectual, à medida que, durante esse percurso, eu me aprimorava profissionalmente à frente da minha atuação na Divisão Pedagógica da Superintendência Regional de Ensino e tinha o privilégio de acessar e aprimorar-me academicamente e enquanto pessoa. Já não era mais a mesma pessoa. Sentia-me mais madura e segura para atuar profissionalmente e seguir os caminhos da pesquisa.

Para além das ações organizadas por mim na Divisão Pedagógica, na qual atuava e atuo, frequentar a Universidade, e em especial a Pós-Graduação, me despertou para outras possibilidades, entre elas o desejo de ver, ouvir e registrar os movimentos da juventude em seus diferentes acessos e espaços.

De modo gradual, parte de meus desejos foi transformada em realizações, na oportunidade de continuar no processo de formação continuada, a maior delas soma a pretensões outras, de naturezas distintas, continuamente superpostas e renovadas ao longo do caminho, agora no Doutorado, com o mesmo desejo de antes.

Espero que essa trajetória, estudo, aprendizagens e trocas façam sentido não só para mim, mas também para as pessoas que caminham comigo nesse movimento de pesquisa e

estudo, e que outras pessoas sejam tocadas de forma a ressignificarem os seus olhares para a juventude e para o território ao qual fazem parte.

Retornando à escolha do tema da pesquisa (juventudes), acredito que eu também tenha sido escolhida por essa temática e território, frente a todo esse movimento vivenciado por mim. A ideia está se transformando desde o Mestrado.

No entanto, saliento acerca de trabalhos sobre juventudes, temática discutida na dissertação (Silva, 2019), resvalei para a leitura de pesquisas sobre a relação de jovens com o território ao qual pertencem, temática pela qual passei a me interessar desde então.

A literatura científica também apresenta suas contribuições, defendidas por autores de grande relevância para o contexto nacional, como Abramo (1994), Arroyo (2014), Carrano (2014), Castells (2002), Dayrell (2007), Freire (2005), Giroux (2012), Gohn (2006), Moll (2011), Melucci (1997), Santos (2000), entre outros, nos indicando caminhos para entendermos, repensarmos e reconhecermos os coletivos populares em seus territórios:

[...] enquanto sujeitos políticos, sociais, culturais, éticos, de pensamento, saberes, memórias, identidades construídas nesses contextos, padrões de poder, dominação/subalternização explicitam as concepções/epistemológicas não apenas em que foram conformados, subalternizados, mas sobretudo, explicitam, põem na agenda pedagógica as pedagogias com que formaram e aprenderam Outros Sujeitos (Arroyo, 2014, p. 11-12).

Ainda no contexto teórico, destacamos as contribuições do geógrafo Milton Santos, o que enfatiza o território enquanto espaço que circula identidades, sentimentos de pertencimento, base para resistências e trocas, sejam elas materiais, espirituais ou mesmo de vida; o território enquanto espaço vívido, experienciado de construção social pelos que o habitam (Santos, 2000).

O território, enquanto espaço de pertencimento social entre aqueles que o habitam, inclui espaços que podem oferecer oportunidades de aprendizagem a partir de ambientes consideráveis de educação formal e não formal que, pela mesma razão, se configuram a partir de aspectos capazes de contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano como um todo, na sua completude.

Na defesa de que a escola não seja o único espaço educativo para o desenvolvimento dessas capacidades — não apenas de acesso aos saberes, mas também enquanto agentes reflexivos na ação modificadora do meio no qual se está inserido —, consideramos haver outros espaços que atuam como mediadores para a cultura e o sentimento de comunidade.

Assim, faz-se necessário considerar dimensões que abrangem as diferentes formas de os jovens vivenciarem processos de construção de diretrizes, projetos e ações coletivas, de modo a permitir que esses mesmos jovens possam vivenciar valores, em especial para a

solidariedade e a democracia, contrariando, dessa forma, uma sociedade reduzida ao individualismo, cada vez mais latente na negação da dimensão coletiva da vida social.

Cabe ressaltar que a educação não formal não é uma negação da educação formal; ao contrário, elas podem ser complementares, a depender dos objetivos propostos, ao originar práticas educativas que podem auxiliar na construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária (Gohn, 2006).

Segundo Gohn (2006), a educação não formal é “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, por meio dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (Gohn, 2006, p. 28).

Sendo assim, os espaços não formais de ensino podem assumir uma dimensão política, pois os movimentos sociais constituem uma área de aprendizagem dentro da educação não formal, e a luta pela educação se insere nesse contexto.

Os movimentos sociais pela educação envolvem tanto questões de conteúdo escolar quanto de gênero, etnia, nacionalidade, religiões, pessoas com necessidades específicas, meio ambiente, qualidade de vida, paz, direitos humanos, direitos culturais, etc.

Gohn (2006) resalta que “esses movimentos são fontes e agências de produção de saberes”. O tema dos direitos é fundamental porque confere universalidade às questões sociais, aos problemas econômicos e às políticas públicas, atribuindo-lhes caráter emancipatório (Gohn, 2006, p. 35).

De maneira ampla, estamos convencidos de que os espaços não formais podem ser espaços para a educação não formal; espaços esses que podem privilegiar o processo educativo e a formação de cultura política, de forma a estimular e potencializar os processos formativos de jovens.

Assim, considerando que toda ação subsidiada pelos princípios da participação e da formação da cultura política das juventudes, englobando também as dimensões subjetiva, simbólica, cultural, ética, moral, estética, entre outras formas de manifestação que se constituem no território ao qual essa mesma juventude pertence, temos ciência de que é preciso avançar em tópicos com escassas pesquisas e estudos a esse respeito.

ALÇANDO O VOO NO BARULHO DO VENTO: DE QUAL PROBLEMA DE PESQUISA E DE QUAIS OBJETIVOS ESTAMOS FALANDO?

Frente ao breve cenário acima caracterizado, o escopo desta pesquisa residiu em investigar jovens de um determinado território da cidade de Uberaba, com vistas a responder à

seguinte questão: *“De que maneira as influências das lideranças comunitárias e das juventudes, no contexto de um território da cidade de Uberaba-MG, convergem e se entrelaçam para criar uma dinâmica única de engajamento político, revelando os alicerces subjacentes que orientam as práticas políticas neste contexto sociocultural?”*

Enquanto objetivo geral deste estudo, desenvolveu-se a busca por compreender as interações e influências das lideranças comunitárias e das juventudes no contexto de um território da cidade de Uberaba-MG, desvelando os fundamentos que sustentam as práticas políticas neste contexto sociocultural, com foco nas juventudes.

Assim, analisa-se as experiências juvenis somadas a gerações distintas e repertórios políticos diversos, que convergem e se entrelaçam nos espaços sociais, como associações, organizações não governamentais, expressões culturais, religiosas e artísticas.

Ao explorar essas dinâmicas, pretende-se lançar luz sobre as bases que sustentam as atuais formas de engajamento político da juventude de um território da cidade de Uberaba-MG, de modo a promover uma compreensão mais profunda das continuidades e transformações nas práticas políticas ao longo do tempo e em diferentes manifestações culturais.

E enquanto contribuições para o alcance do objetivo geral, de forma minuciosa e detalhada, seguem os objetivos específicos:

- ✓ Analisar as interações entre as lideranças comunitárias e as juventudes de um determinado território da cidade de Uberaba-MG, identificando as formas de comunicação e colaboração que emergem nesses encontros.
- ✓ Investigar as influências das práticas políticas das lideranças comunitárias junto as juventudes de um território da cidade de Uberaba-MG, compreendendo como essas práticas contribuem para as ações e os repertórios políticos dos jovens.
- ✓ Examinar as experiências de jovens de um território da cidade de Uberaba-MG e seu papel na construção de identidades políticas, observando como repertórios culturais e políticos diversos se entrelaçam nos espaços sociais locais.
- ✓ Identificar as dinâmicas de engajamento político da juventude de um território da cidade de Uberaba-MG, em associações, organizações não governamentais e outros espaços sociais, destacando as práticas que promovem a participação ativa e a mobilização social.
- ✓ Avaliar a influência da comunicação digital na página criada nas mídias digitais que emergiu ao longo da pesquisa intitulada @Vozes Podcast, uma plataforma que amplifica vozes e experiências políticas, promovendo o engajamento e a

discussão sobre temas relevantes para esta comunidade, assim como para outros espaços e públicos.

A partir do delineamento do objetivo geral e dos objetivos específicos desta pesquisa, a tese deste trabalho sustenta que, no território em análise, as juventudes e as lideranças comunitárias desempenham um papel central na construção de práticas educativas que não apenas desafiam, mas também transcendem as abordagens tradicionais.

Assim, este estudo almeja promover e fortalecer as experiências já existentes, conferindo-lhes visibilidade por meio de uma metodologia de pesquisa robusta e de ações específicas. Dentro desse contexto, a educação é fundamentada na poesia, na troca de saberes e na valorização das vozes locais, adotando uma perspectiva que se alinha à educação não formal.

A linguagem poética destaca-se como uma ferramenta de expressão e resistência de caráter excepcional, possibilitando que os jovens e as lideranças comunitárias enfrentem as adversidades impostas pela realidade socioeconômica.

O uso da poesia não apenas permite a afirmação de identidades, mas também propicia a criação de espaços significativos de reflexão e diálogo. Esses espaços tornam-se essenciais para desafiar narrativas hegemônicas que com frequência marginalizam as experiências e vozes dessas comunidades.

Assim, a poesia é configurada como um veículo que potencializa a construção de uma narrativa própria, onde os conceitos de pertencimento e resistência encontram-se interligados.

Nesse cenário, a valorização das sabedorias locais assume um papel essencial. Os conhecimentos coletivos transmitidos nas comunidades, frequentemente carregados de tradições e experiências ricas, são incorporados às práticas educativas propostas.

Esta abordagem critica a noção de que o conhecimento legítimo provém unicamente de contextos formais ou acadêmicos, sublinhando a importância de integrar saberes populares e contemporâneos em um diálogo enriquecedor.

Ademais, a pesquisa ressalta a importância de criar ambientes que estimulem a reflexão crítica e a promoção de um diálogo pleno. A interação entre diversos sujeitos sociais configura um campo fértil para a emergência de novas ideias e soluções colaborativas, essenciais para o fortalecimento da identidade comunitária.

Nesse sentido, o protagonismo juvenil transcende o mero ato de resistência, configurando-se como uma afirmação da juventude enquanto agentes ativos na transformação social.

Em conclusão, espera-se que este estudo contribua de maneira significativa para a construção de um futuro mais justo e inclusivo. Ao valorizar e fortalecer as vozes locais, acredita-se na possibilidade de cultivar uma cultura de respeito mútuo, empoderamento e solidariedade entre os membros da comunidade.

Conseqüentemente, a pesquisa não se limita a documentar práticas existentes, mas propõe engendrar um movimento de reconhecimento e valorização do que é próprio, estabelecendo objetivos voltados à emancipação e à equidade social.

Ao vozes das juventudes e lideranças, este trabalho amplia as possibilidades de um futuro no qual todos se sintam pertencentes e protagonistas de suas próprias narrativas.

Entre as ações propostas, destaca-se a organização, em colaboração com as juventudes e as lideranças do território, de visitas a instituições como a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, o Instituto Federal do Triângulo Mineiro, a Biblioteca Municipal de Uberaba-MG e a Feira das Profissões da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Essas iniciativas também incluem o acesso ao palco do Teatro Municipal de Uberaba, proporcionando aos jovens experiências enriquecedoras. Além disso, destaca-se a criação do podcast "Vozes", que conta com a participação ativa dos jovens e das lideranças da comunidade onde a pesquisa está sendo realizada, fortalecendo ainda mais a valorização das vozes locais e promovendo um espaço de diálogo e expressão.

O VOO: TÃO IMPORTANTE QUANTO A CHEGADA É O CAMINHO PERCORRIDO — ESTRUTURA E SEÇÕES DA TESE

O voo continua, antes cerceado pelos muros das escolas de Ensino Médio, como tratado no trabalho de Silva (2019). Agora, com a ousada tentativa de captar a escrita em pleno voo de pássaros, o pseudônimo escolhido para continuar o estudo sobre as juventudes — no plural — é inspirado em Dayrell (2014), que traduz as juventudes em seu sentido plural, dentro da sua importância e riqueza de significados que esta geração abarca, considerando suas diferentes dimensões, espaços e vozes.

Cientes de que os pássaros não possuem pousos certos, deixamo-nos conduzir por essas vozes dentro de um território que aqui recebeu o nome de Pôr do Sol, com contornos próprios que o distinguem de outros espaços e uma visão deslumbrante do pôr do sol.

Segundo o jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro Caio Fernando Abreu (1948–1996), *“tem sempre um pôr-do-sol esperando para ser visto, uma árvore, um pássaro, um rio,*

uma nuvem” — quem sabe esse território, esses pássaros, também não estariam lá, não é mesmo?

E entre o atar dos laços e o afrouxar dos nós, as seções foram se tecendo na arte desse sobrevoo, sendo a **segunda seção** intitulada “*Canções do Tempo: Voos Geracionais Orquestrados na Melodia dos Pássaros*”.

Para a tessitura desta seção, buscou-se explorar os estudos acerca das gerações, a fim de compreender de forma mais holística e contextualizada as dinâmicas sociais e humanas de um território em que as juventudes estão inseridas, incluindo as influências familiares, sociais, políticas e culturais na conformação de suas identidades e experiências. Isso permite reconhecer e valorizar a riqueza da diversidade geracional, que pode assumir contornos essenciais para o desenvolvimento integral das novas gerações.

Contribuem para esta seção estudiosos do campo das gerações e suas características, entre eles Feixa e Leccardi (2010), especialistas nos temas das juventudes e culturas urbanas, sociologia da juventude, gênero e vida cotidiana.

Ambos abordam assuntos como identidade, cultura juvenil e consumo, além de outros aspectos relacionados à juventude contemporânea e suas expressões nas cidades.

Howe e Strauss (2000) são reconhecidos por seu modelo teórico das quatro gerações recorrentes na história americana e por sua análise das mudanças sociais e culturais ao longo do tempo.

Mannheim (1964) é conhecido por seu trabalho sobre a relação entre gerações e a formação de identidades sociais, assim como por seu conceito de "geração de juventude".

Bauman (2007) contribui consideravelmente para esta discussão no campo geracional ao oferecer caminhos reflexivos sobre as dinâmicas sociais que influenciam as diferentes experiências e percepções das gerações ao longo do tempo.

Contaremos ainda com o aporte teórico de Bourdieu (2011) para a discussão dentro da seção geracional, que, embora não seja especificamente um estudioso das gerações, contribui significativamente para o entendimento das estruturas sociais que influenciam as experiências e oportunidades das diferentes gerações.

Por fim, trazemos Beck e Beck-Gernsheim (2007), sociólogos alemães conhecidos por suas contribuições significativas ao campo da sociologia, incluindo o estudo das gerações. Eles propõem a ideia de pensar como as mudanças sociais, econômicas e culturais influenciam as experiências e identidades das diferentes gerações em um mundo globalizado e em constante transformação. Suas teorias e análises são importantes para compreendermos as complexidades das relações geracionais na sociedade contemporânea.

Compreender as características e necessidades das diferentes gerações é fundamental para o desenvolvimento de políticas, programas e intervenções sociais que atendam de forma eficaz às demandas de uma comunidade diversificada.

A análise geracional pode oferecer contribuições valiosas para a formulação de estratégias inclusivas e sensíveis às diversas necessidades e contextos de vida.

No entanto, é importante entender que cada indivíduo é único, independentemente da geração à qual pertence. Além disso, as fronteiras entre as gerações são fluidas e podem variar dependendo do contexto cultural, social e regional.

Compreender as características e experiências das diferentes gerações é essencial para construir sociedades inclusivas e colaborativas, que valorizem a diversidade de perspectivas e contribuições.

Ainda compondo a seção que explora o estudo das gerações, considera-se importante trazer um contraponto dinâmico ao modelo educacional tradicional, estimulando a busca pelo conhecimento além dos limites curriculares e encorajando a construção de novos saberes em outros espaços não formais.

O estudo das gerações é essencial para garantir que os programas de educação não formal sejam inclusivos e sensíveis às necessidades de todos os participantes, independentemente de sua idade.

Ao reconhecer as características e os desafios específicos enfrentados por diferentes grupos geracionais, os educadores podem desenvolver programas que atendam a uma ampla gama de interesses, habilidades e estilos de aprendizagem, promovendo assim a participação e o engajamento de todos os envolvidos.

A prática educativa em espaços de educação não formal torna-se um pilar importante para que a diversidade de experiências, perspectivas e identidades dos participantes seja explorada, experienciada e valorizada.

Nos espaços de educação não formal, por sua vez, não apenas os jovens, mas toda a população de um território tem a oportunidade de se envolver de maneira significativa com o aprendizado, preparando-se para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e refletindo o desejo de espaços mais inclusivos e receptivos às vozes diversas e plurais dos locais que ocupam.

Enquanto isso, a formação da cultura política de jovens visa colaborar para a valorização e a participação ativa dos jovens na tomada de decisões, considerando uma variedade de perspectivas e defendendo questões de justiça social.

Essa formação pode preparar as futuras gerações para serem agentes de mudança em uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Os espaços de educação não formal e a formação da cultura política de jovens são conceitos que podem ser pensados em conexão para a construção de um futuro em que os jovens possam desempenhar um papel vital na transformação da sociedade.

Com esta seção, espera-se uma reflexão sobre as experiências e perspectivas de diferentes gerações, possibilitando uma compreensão mais profunda das complexidades das relações intergeracionais e das maneiras pelas quais as narrativas geracionais são construídas, de forma a se tornarem defensoras do progresso coletivo ou mesmo contestadoras dentro de uma sociedade.

A **terceira seção** tem foco na melodia e na sonoridade do território que foi palco das narrativas que deram vida a este trabalho, intitulada ***“Ecos de um Território: Acordes, Afetos, Ritmos, Movimentos e Silêncios”***.

Trata-se de um espaço e de vozes que sugerem uma exploração profunda e multifacetada de um contexto geográfico, cultural e simbólico, no qual algumas abordagens merecem ser destacadas: a importância da música na cultura local e como ela reflete aspectos históricos, sociais e culturais desse território.

As narrativas pessoais, assim como as histórias de vida, memórias afetivas e conexões emocionais com o território, merecem atenção especial neste percurso, pois essas emoções formam tanto a identidade individual quanto a coletiva.

Os movimentos dentro de um território periférico, como o espaço em que ocorreu esta pesquisa, também merecem ser explorados no sentido amplo de como esses habitantes influenciam a dinâmica social, econômica e cultural desses lugares.

Refletindo sobre os silêncios, é possível considerar o que é deixado de fora do discurso dominante sobre territórios periféricos e marginais. Isso pode envolver histórias não contadas, periféricoizadas e esquecidas; grupos sociais negligenciados; questões tabus ou silenciadas; e as consequências dessas ausências na compreensão total do território.

Para este movimento reflexivo e denso, contaremos com um diálogo profícuo com estudiosos como Despret (2022), Maricato (2003), Demo (1993), Massey (2005), Lefebvre (2001), Skelton e Aitken (2019), Bauman (2001) e Bourdieu (1987; 2004; 2007), cujas contribuições são significativas para os campos da biologia, geografia humana, geografia urbana e estudos territoriais.

Esses autores fornecem caminhos para a compreensão da complexidade dos territórios e suas relações com a sociedade, a economia e a cultura. As fronteiras geográficas muitas vezes

refletem divisões sociais e econômicas, delineando espaços que marcam e periféricoizam as comunidades periféricas a partir de uma superposição de valores, negando as potencialidades que ali coexistem.

É necessário buscar uma lente que possa abarcar a territorialidade, compreendida aqui não apenas como demarcações geográficas, mas também como a influência e a conexão das pessoas com seus espaços, explorada em suas dimensões culturais, econômicas e políticas.

Simultaneamente, a fragmentação socioespacial, que reflete a dispersão e a segregação de grupos e comunidades, é examinada sob várias perspectivas, revelando as consequências dessa divisão nas vidas das pessoas e nas dinâmicas sociais mais amplas.

Ainda dentro da terceira seção, destacamos a questão: “*O território ‘faz’ as juventudes?*” Nessa trama complexa das relações humanas, um elemento fundamental emerge como um ator silencioso, porém poderoso: o território. Este espaço físico e simbólico molda, influencia e, de certa forma, “*faz*” as juventudes que nele habitam.

Aqui, fazemos um convite para lançarmos um olhar profundo sobre a intrincada relação entre o território e as experiências comunitárias, com foco especial na juventude local, ao explorarmos como esse ambiente desenha os contornos das vidas e aspirações dos jovens.

As juventudes, no sentido plural e multifacetado, revelam-nos um território num contexto onde as narrativas têm sua importância. O espaço físico, com suas características geográficas e urbanas, exerce um impacto direto na maneira como os jovens se movem, interagem e constroem sua identidade.

Contudo, o território também é um espaço social, impregnado de significados culturais, políticos e econômicos que influenciam as oportunidades e desafios enfrentados pelos jovens.

Ao realizar esse sobrevoo complexo de como o território “*faz*” as juventudes, adentramos nas vivências urbanas, nas lutas por acesso a recursos e serviços, na criação de espaços de pertencimento e na negociação de identidades em meio a fronteiras muitas vezes veladas pela invisibilidade.

O objetivo desta subseção é compreender como os jovens são influenciados pelas características de seus territórios, ao mesmo tempo em que também influenciam esses espaços por meio de suas aspirações, existências e (re)existências.

À medida que desvendamos essa relação mutuamente influente, é nossa esperança que possamos adquirir uma compreensão mais profunda das forças que emergem das trajetórias de jovens em diferentes contextos e, assim, contribuir para um diálogo necessário e uma ação concreta que promova um futuro mais inclusivo, equitativo e empoderador para todas as juventudes periféricas.

A **quarta seção** apresenta o percurso metodológico com um *“Voo Para Além dos Olhos e dos Ouidos- Sentindo a Textura do Sentimento Alheio no Coração”*. Este convite nos leva a uma jornada singular, que busca alcançar algo que vai além das palavras e das aparências superficiais, direcionando-nos para a profundidade do sentimento humano.

Nosso mundo está repleto de comunicações efêmeras e interações passageiras, muitas vezes limitadas pelo que podemos ver e ouvir. No entanto, este caminho transcende a academia e implica uma compreensão profunda do que significa verdadeiramente estar em sintonia com as emoções, esperanças e dores dos outros.

À medida que as narrativas surgem, são acompanhadas por histórias e perspectivas que nos convidam a sentir além das palavras, permitindo um sobrevoo nas experiências humanas subjacentes. Este é um chamado para ouvir as vozes que frequentemente passam despercebidas, para enxergar além das aparências e realmente compreender os sentimentos que habitam o coração de cada pessoa.

Este voo acadêmico nos conecta à humanidade por meio da textura dos sentimentos. Aqui, encontramos relatos que nos desafiam a estender nossos sentidos além do óbvio e a sintonizar com a essência que reside em cada história compartilhada.

Fazemos um convite a você para abrir seu coração e sentir as nuances alheias, experienciando a riqueza da humanidade de forma mais profunda e significativa. Este é um voo que nos leva além dos olhos e dos ouvidos, em direção à essência compartilhada que nos conecta a todos.

Na **quinta seção**, intitulada *“Conversando com as Aves, Flores e Sementes, em um Lugar que não se sabe Onde é, mas que Existe!”*, desenvolve-se um convite à reflexão sobre um espaço que transcende as coordenadas geográficas.

Neste lugar, a comunicação vai além da linguagem e se manifesta de maneiras inesperadas. Aqui, as vozes da natureza ecoam com uma clareza que desafia a lógica e nos convida a explorar os elementos invisíveis ao nosso redor.

Conversar com aves, flores e sementes pode parecer um ato improvável, especialmente dentro do ambiente acadêmico. No entanto, esse ato desafiador nos leva a descobrir profundidades desconhecidas.

À medida que desvendamos essas conversas densas, encontramos ressonâncias com nossas próprias aspirações, reflexões e conexões com a natureza que nos cerca.

Ao adentrarmos nessas histórias e narrativas, desafiamos o leitor a abrir os olhos da mente, permitindo que sua imaginação voe livremente e se deixe envolver por cada voz e expressão.

Na **sexta seção**, intitulada “*Sobre(VOAR) com as Juventudes e Lideranças em um Território Periférico*”, encontramos um convite para explorar o ato de "VOAR" junto com as juventudes e líderes. Esta jornada se desenrola sob olhares atentos e a rica essência das narrativas.

Neste contexto, voar não é apenas um ato físico, mas uma metáfora para o desafio, a superação e a ascensão pessoal e coletiva. Voar significa transcender limitações, romper barreiras invisíveis e alçar voo rumo a horizontes desconhecidos.

Nas asas dessa jornada, estamos acompanhados por jovens que, apesar das adversidades que cercam seus territórios, estão determinados a alçar voo em busca de uma vida melhor, oportunizando uma voz que ecoe além das margens.

As lideranças comunitárias ocupam um papel essencial nessa jornada. Elas são guias, mestres e catalisadores de dias melhores. Com audácia, desbravam novos caminhos e traçam estradas onde antes só havia trilhas incertas. Como faróis de inspiração, orientam os passos das juventudes, compartilhando suas histórias de triunfo e resiliência, sendo conhecidas como “Fortalezas”.

Esse processo se desenrola em territórios periféricos, que muitas vezes são periféricos, mas que também se revelam como cenários vibrantes de resiliência e transformação.

É nesse contexto que as narrativas se tornam uma força motriz. As narrativas vão além da mera escuta e escrita; representam o ato de enaltecer vozes e histórias frequentemente silenciadas, constituindo uma expressão da experiência vivida e um ato de resistência.

Por meio das lentes das narrativas, ouvimos e sentimos as vozes das margens, bem como as histórias muitas vezes sussurradas e os triunfos frequentemente negligenciados.

Estamos preparados para voar? Com as asas da compreensão e da empatia, nos preparamos para explorar um território onde juventudes e lideranças comunitárias encontram significado e propósito.

A partir das narrativas, somos conduzidos a uma jornada de descoberta e conexão, em um voo que ecoará nas páginas que se desdobram, inspirando-nos a elevar nossas próprias perspectivas e aspirações.

2. CANÇÕES DO TEMPO: VOOS GERACIONAIS ORQUESTRADOS NA MELODIA DOS PÁSSAROS

*“Agora só espero a despalavra: a palavra nascida para o canto-desde os pássaros.
 A palavra sem pronúncia, ágrafa.
 Quero o som que ainda não deu liga.
 Quero o som gotejante das violas de cocho.
 A palavra que tenha um aroma ainda cego.
 Até antes do murmúrio.
 Que fosse nem um risco de voz.
 Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
 A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
 O antesmente verbal: a despalavra mesmo.”*
 (Manoel de Barros)

A seção intitulada *"Canções do Tempo: Voos Geracionais Orquestrados na Melodia dos Pássaros"* adentra o fascinante campo da análise geracional, explorando as dinâmicas complexas que formam as experiências e perspectivas de diferentes grupos etários, a fim de revelar como a juventude se constitui neste território da cidade de Uberaba, MG.

Ao compreendermos as características distintas de cada geração e como elas são influenciadas por contextos históricos, sociais e culturais específicos, somos capazes de lançar luz sobre as origens de crenças, valores, comportamentos e aspirações que permeiam nossa sociedade, não apenas em um contexto acadêmico, mas também de forma profundamente humana.

Nesta seção, sobrevoamos as diferentes gerações de Uberaba, desde as raízes profundas de suas histórias até os horizontes ainda não explorados.

Ao analisar o tecido interconectado de gerações, somos levados a questionar e refletir sobre as narrativas coletivas que formam as identidades e trajetórias individuais deste estudo e pesquisa.

Ao nos aventurarmos por este terreno, somos desafiados a considerar não apenas o que nos diferencia, mas também o que nos une como membros de uma mesma comunidade humana.

Assim como as notas de uma sinfonia, cada geração contribui com sua própria melodia para a grande composição da história da humanidade.

O estudo das gerações tem se destacado como uma abordagem essencial para compreender as complexidades das sociedades contemporâneas.

Enquanto a análise demográfica tradicionalmente se baseava principalmente em faixas etárias para compreender as características e comportamentos das populações, cada vez mais os pesquisadores têm direcionado sua atenção para o campo geracional global.

Nesta seção, buscaremos explorar as razões e fundamentos que sustentam essa escolha, destacando como o enfoque geracional enriquece nossa compreensão das dinâmicas sociais, culturais e históricas, em especial do território pesquisado.

Dentre as justificativas para a escolha do campo geracional nesta pesquisa, em detrimento das faixas etárias, é fundamental manter o foco no entendimento do estudo que envolve as juventudes.

Nesse sentido, o caminho teórico reside na compreensão da diversidade de vozes intergeracionais que tecem esta pesquisa.

Enquanto as faixas etárias tratam os indivíduos com base apenas em sua idade cronológica, o estudo das gerações reconhece que pessoas nascidas em momentos diferentes podem compartilhar experiências, valores e perspectivas únicas, independentemente de sua idade.

Assim, apresentamos esta seção, explorando os ritmos, as harmonias e os contrapontos que compõem o cenário multifacetado das gerações.

Desejamos que este estudo nos ajude a ampliar nossa compreensão do passado, presente e futuro, enriqueça nosso diálogo intergeracional e promova maior empatia e compreensão mútua.

Que esta seção seja um convite para contemplar as canções do tempo, entoadas pelos voos geracionais na melodia dos pássaros.

2.1 RAÍZES HISTÓRICAS: O CONTEXTO TEMPORAL DAS GERAÇÕES

O estudo das gerações teve início na Europa e, posteriormente, se expandiu para os Estados Unidos, onde pesquisadores começaram a observar e classificar diferentes grupos de pessoas com base no período em que nasceram, bem como nas experiências históricas e culturais compartilhadas (Feixa; Leccardi, 2010).

Esse campo de estudo ganhou destaque principalmente com o trabalho do sociólogo Mannheim (1964), que explorou as relações entre as diferentes gerações e seu impacto na sociedade.

A referência a Mannheim (1964) insere-se em um contexto histórico marcado por significativas transformações sociais, políticas e culturais que ocorreram ao longo do século XX.

A obra de Karl Mannheim, um sociólogo alemão, foi escrita em um período de grandes mudanças, como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a ascensão de movimentos sociais e a crescente complexidade das sociedades modernas.

Durante o início do século XX, as sociedades estavam passando por profundas reestruturações devido à industrialização, urbanização e ao impacto das guerras. Essas transformações alteraram não apenas as relações sociais, mas também a forma como as diferentes gerações vivenciavam e interpretavam suas experiências (Feixa; Leccardi, 2010)..

Mannheim, ao desenvolver sua teoria sobre "geração", buscou entender como essas vivências compartilhadas colaboravam para as consciências e identidades coletivas, influenciando o comportamento e as ideologias das diferentes faixas etárias.

Sua contribuição teórica fornece uma base para analisar as dinâmicas entre o tempo histórico e as experiências sociais, permitindo uma compreensão mais completa de como a história impacta as gerações e como essas gerações, por sua vez, influenciam o curso da história.

Portanto, a obra de Mannheim é fundamental para o entendimento das interações entre contexto histórico e as experiências individuais e coletivas das diversas gerações em um mundo em rápida mudança.

Segundo Mannheim (1964), as gerações podem ser compreendidas como grupos de pessoas que compartilham experiências históricas comuns durante a juventude, o que influencia suas perspectivas, valores e comportamentos de maneiras distintas.

Essas experiências formam uma identidade geracional compartilhada, que em última instância contribui para a dinâmica social e cultural das sociedades.

O conceito de geração, desde Comte (1857) até Mannheim (1964), tem se tornado um tema proeminente nas ciências humanas e sociais. Ele é utilizado para compreender como o tempo é socialmente construído e se tornou uma das ideias mais influentes, tanto no debate teórico quanto no impacto público das pesquisas sobre juventude.

Embora o uso e exploração desse conceito tenham origens no contexto europeu e americano entre as duas guerras mundiais, sua relevância se estendeu a debates ideológicos e políticos em diversas regiões ao longo do tempo (Feixa; Leccardi, 2010).

A partir das contribuições de Feixa e Leccardi (2010), o (quadro 1) apresentará as raízes do pensamento sociológico relativas ao conceito de geração, incluindo a posição de alguns pensadores clássicos.

Quadro 1. Raízes do Pensamento Sociológico do conceito de geração

Pensador	Visão	Conceito geração
Augusto Comte (1798-	Positivista	A concepção mecânica e externa do tempo das gerações

1857)		busca estabelecer um critério objetivo e mensurável para o progresso linear. Segundo essa perspectiva, o ritmo de progresso pode ser calculado pela medição do tempo médio necessário para a substituição de uma geração por outra na vida pública, período este que é estimado em aproximadamente 30 anos.
Wilhelm Dilthey (1833-1911)	Historicista	Enfatiza a conexão qualitativa entre os ritmos da história e os ritmos das gerações, destacando a importância da qualidade dos vínculos entre os indivíduos de diferentes gerações. Essa conexão delimita o pertencimento a uma geração e fundamenta a existência humana.
Karl Mannheim (1893-1947)	Interseccionista entre tempo biográfico e tempo histórico	Distancia-se do positivismo de Comte, que abordava as gerações de uma perspectiva biológica, assim como da perspectiva romântico-histórica de Dilthey. Além disso, seu maior interesse foi incluir as gerações em sua pesquisa sobre as bases sociais e existenciais do conhecimento em relação ao processo histórico-social.
Philip Abrams (1933-1981)	Construtivista social, cultural e identitária	Concebe-se a geração, em um sentido sociológico, como um período de tempo no qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis. Assim, novas gerações criam novas identidades e possibilitam novas ações.

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Feixa e Leccardi (2024)

Como pode ser observado no (Quadro 1), Auguste Comte, um dos precursores do pensamento sociológico, concebia o tempo social de maneira peculiar. Para ele, o funcionamento da sociedade assemelhava-se ao de um organismo vivo, sujeito a desgaste e renovação constantes.

Comte via as gerações como partes substituíveis desse organismo social, no qual as novas gerações sucediam biologicamente às antigas, em um intervalo médio de 30 anos. Essa visão biológica do tempo social implicava que o conflito entre gerações só surgiria caso a vida humana se prolongasse excessivamente, frustrando as novas gerações em seu ímpeto inovador.

Portanto, Comte propunha uma teoria que fundamentava o ritmo da história em leis biológicas, especificamente na duração média da vida e na sucessão das gerações. Essas leis, para ele, constituíam a base da objetividade do ritmo histórico, oferecendo uma visão peculiar e intrincada das dinâmicas sociais e temporais (Feixa; Leccardi, 2010).

Por outro lado, a abordagem historiográfica de Wilhelm Dilthey (1989), apresentada na pesquisa de Feixa e Leccardi (2010), rejeita a visão matemática e quantitativa do tempo das gerações proposta por Comte.

Em vez disso, enfatiza a conexão qualitativa entre os ritmos da história e os ritmos das gerações. Segundo Feixa e Leccardi (2010), o sociólogo Dilthey (1989) define as gerações não

pela sucessão temporal, mas sim pelas relações de contemporaneidade, onde as pessoas compartilham experiências e influências históricas comuns.

Assim, as gerações são formadas com base em um "tempo qualitativo", composto por eventos e experiências compartilhadas. Para Dilthey (1989), a vida humana é uma temporalidade moldada pela capacidade da mente de transcender o tempo percorrido e interpretá-lo dentro de um contexto significativo (Feixa; Leccardi, 2010, p. 188).

A conexão entre o tempo humano e o tempo histórico é possível devido à historicidade, que permite à mente emancipar-se da tradição da natureza. A natureza, por sua vez, é destituída de uma estrutura temporal e, portanto, teoricamente irrelevante para a compreensão das gerações (Feixa; Leccardi, 2010).

A concepção de Mannheim (1964), apresentada por Feixa e Leccardi (2010) sobre gerações, representa um marco na sociologia ao abordar o conceito de forma inovadora. O sociólogo distancia-se tanto do positivismo, com sua abordagem biológica das gerações, quanto da perspectiva romântico-histórica.

Mannheim (1964) concebeu as gerações como uma dimensão analítica valiosa para compreender as mudanças sociais, sem recorrer à ideia de classe ou aos interesses econômicos marxistas. Segundo Mannheim (1964), as gerações são produtos das colisões entre o tempo biográfico e o tempo histórico, capazes de gerar mudanças sociais.

Para ele, a demarcação geracional não se baseava apenas na data de nascimento, mas nas experiências históricas compartilhadas pelos jovens de uma mesma idade-classe (Feixa; Leccardi, 2010).

Feixa e Leccardi (2010), destaca dois componentes essenciais nesse compartilhamento concebido por Mannheim: a presença de eventos que marcaram o antes e o depois na vida coletiva e o fato de que essas descontinuidades eram experienciadas de maneira particular pelos membros de um mesmo grupo etário, durante um período de socialização importante.

Ele enfatiza que, por meio do conceito de geração, é possível relacionar os longos períodos da história aos tempos da existência humana, entrelaçando-os com a mudança social.

Philip Abrams, sociólogo inglês que também se insere nesta linha de pensamento sociológico sobre o campo geracional, expande e aprofunda a noção de geração proposta por Mannheim (Feixa; Leccardi, 2010).

Abrams relaciona a geração à identidade, destacando a estreita ligação entre o tempo individual e o tempo social, especialmente em relação aos registros históricos. Partindo da ideia de que tanto a individualidade quanto a sociedade são construções históricas, Abrams defende a necessidade de analisar suas interconexões e mudanças ao longo do tempo.

Rejeitando definições de identidade baseadas em aspectos psicológicos ou sociolinguísticos, Philip Abrams define identidade como a consciência da interação entre a história individual e a história social (Feixa; Leccardi, 2010).

A relação entre essas dimensões da história torna-se evidente ao considerar o tempo social, no qual a sociedade e a identidade se influenciam mutuamente. Segundo Abrams, uma geração, do ponto de vista sociológico, é o período durante o qual a identidade é formada a partir de recursos e significados social e historicamente disponíveis. Dessa forma, novas gerações criam novas identidades e novas possibilidades de ação (Feixa; Leccardi, 2010).

Esta seção busca reexaminar o conceito de geração sob uma ótica histórica, ressaltando sua pertinência para as discussões contemporâneas sobre a juventude e os territórios periféricos.

2.2 CADÊNCIA GERACIONAL: O PAPEL VITAL DAS GERAÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A partir da metade da década de 1990, com a ascensão da sociedade em rede, uma nova teoria surgiu em torno da ideia de "sobreposição geracional." Essa teoria reflete a situação em que os jovens demonstram maior habilidade e inovação do que as gerações anteriores em um dos principais centros de inovação da sociedade contemporânea: a tecnologia digital (Feixa; Leccardi, 2010).

Percebe-se, a partir de referenciais como Beck e Beck-Gernsheim (2007), que o estudo das gerações deve ser centrado nos jovens, pois são eles que atravessam uma fase singular de desenvolvimento pessoal, formação de identidade e socialização.

Durante a juventude, os indivíduos são especialmente receptivos às influências externas, sejam elas sociais, culturais, políticas ou tecnológicas. Eles estão em constante busca por pertencimento, significado e autonomia, o que os torna agentes fundamentais na construção e representação de uma determinada geração (Beck; Beck-Gernsheim, 2007).

Além disso, as mudanças sociais e culturais muitas vezes são iniciadas e impulsionadas pelos jovens, que tendem a desafiar normas estabelecidas, questionar tradições e buscar novas formas de pensar e agir.

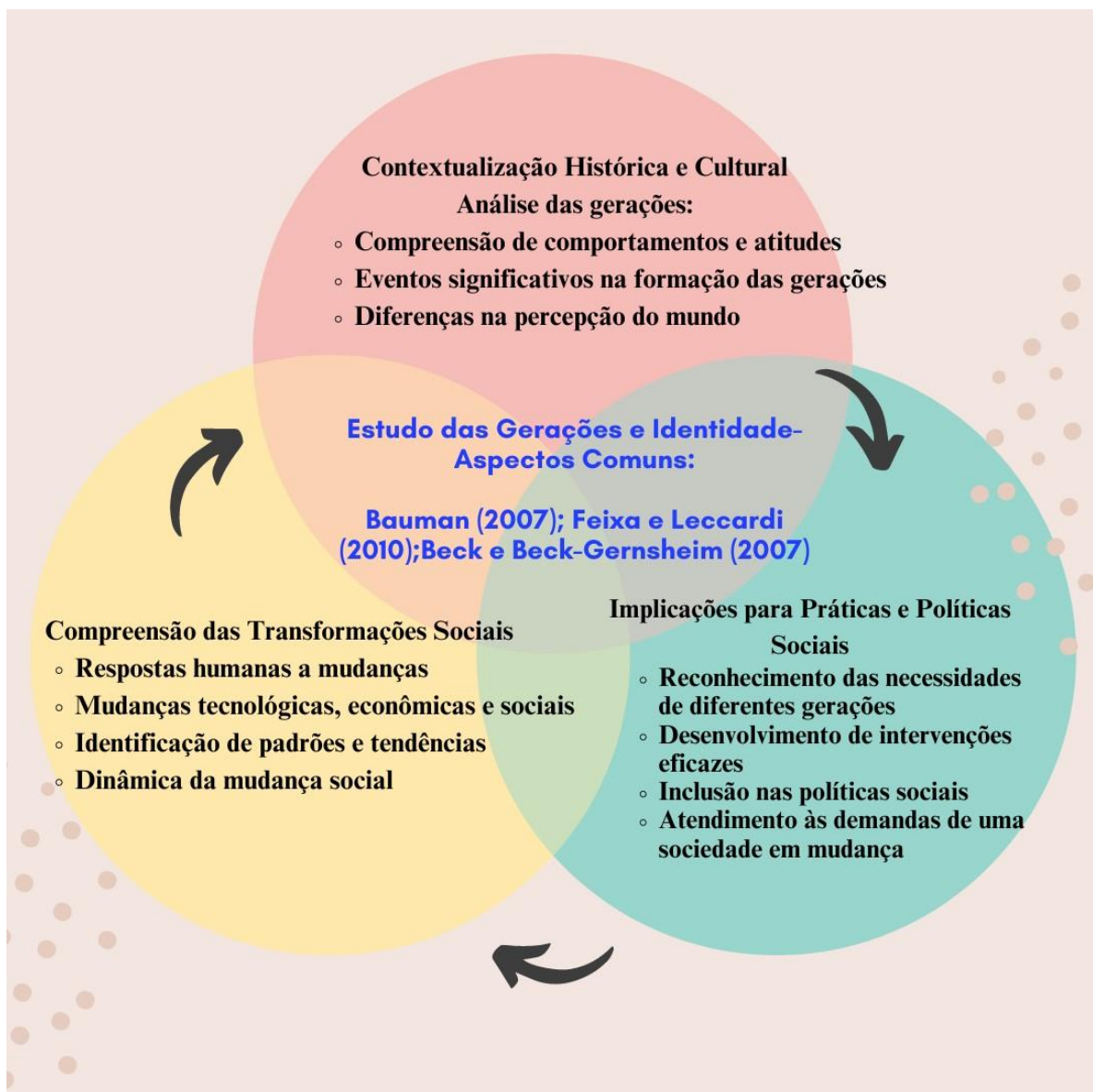
As experiências e perspectivas únicas dos jovens refletem as condições e os valores predominantes de uma época específica, contribuindo para a caracterização e a identificação das diferentes gerações (Feixa; Leccardi, 2010).

Ao analisar as gerações, é comum focalizar os jovens, pois eles desempenham um papel central na definição do espírito e das características distintivas de uma geração. Suas atitudes,

comportamentos e aspirações ajudam a moldar o curso da história e a influenciar as dinâmicas sociais, tornando-os figuras-chave no estudo das gerações, conforme refletem Feixa e Leccardi (2010).

Estudiosos, sociólogos, filósofos e antropólogos têm contribuído para a compreensão do estudo das gerações e sua relação com a identidade e a mudança social. Entre esses pesquisadores, podemos destacar Bauman (2007), Feixa e Leccardi (2010), e Beck e Beck-Gernsheim (2007). Alguns aspectos são comuns entre eles e podem ser apreciados na figura 1.

Figura 1. Contribuições de Pesquisadores no estudo das Gerações e Identidade



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Bauman, Feixa; Leccardi, e Beck e Beck-Gernsheim (2024)

Ao observar a Figura 1, nota-se que os autores Bauman (2007), Feixa; Leccardi (2010), e Beck e Beck-Gernsheim (2007) compartilham aspectos fundamentais em suas análises sobre as gerações e suas interações com a identidade e a mudança social.

Um dos principais aspectos abordados é a contextualização histórica e cultural, que possibilita uma análise aprofundada das gerações e colabora para o entendimento dos comportamentos e atitudes das pessoas diante de eventos históricos e mudanças culturais específicas.

Esse processo de formação é influenciado por experiências significativas vividas durante a juventude de cada geração, resultando em diferenças marcantes na maneira como os indivíduos percebem o mundo e se relacionam entre si e com o ambiente ao seu redor.

Além disso, é relevante compreender as mudanças sociais significativas ao longo do tempo. Considerar a singularidade dos seres humanos e suas reações a inovações tecnológicas, transformações econômicas e fenômenos sociais permite identificar padrões e tendências que esclarecem a dinâmica da evolução social.

Essas modificações não se limitam a ser reativas; elas também colaboram para a forma de como os indivíduos e as diferentes gerações constroem suas identidades e valores em um mundo em constante transformação.

Ademais, é fundamental ressaltar as implicações para as práticas e políticas sociais. O reconhecimento das diversas necessidades, preferências e desafios enfrentados por cada geração possibilita o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e inclusivas.

Ao atender às demandas de uma sociedade em constante mudança, essas políticas podem promover maior equidade e coesão social, refletindo a diversidade geracional e favorecendo um diálogo construtivo entre as diferentes faixas etárias (Bauman, 2007; Feixa; Leccardi, 2010; Beck e Beck-Gernsheim, 2007).

Assim, a análise conjunta das ideias desses autores proporciona uma visão mais abrangente da complexidade das relações sociais, realçando a importância de compreender as gerações para enfrentar os desafios contemporâneos.

No contexto dessas discussões, Bauman (2007), sociólogo, pensador, professor e escritor polonês, é uma das vozes mais críticas da sociedade atual. Ele caracteriza o conceito de gerações como um fenômeno fluido e instável, moldado pela rápida mudança social e tecnológica.

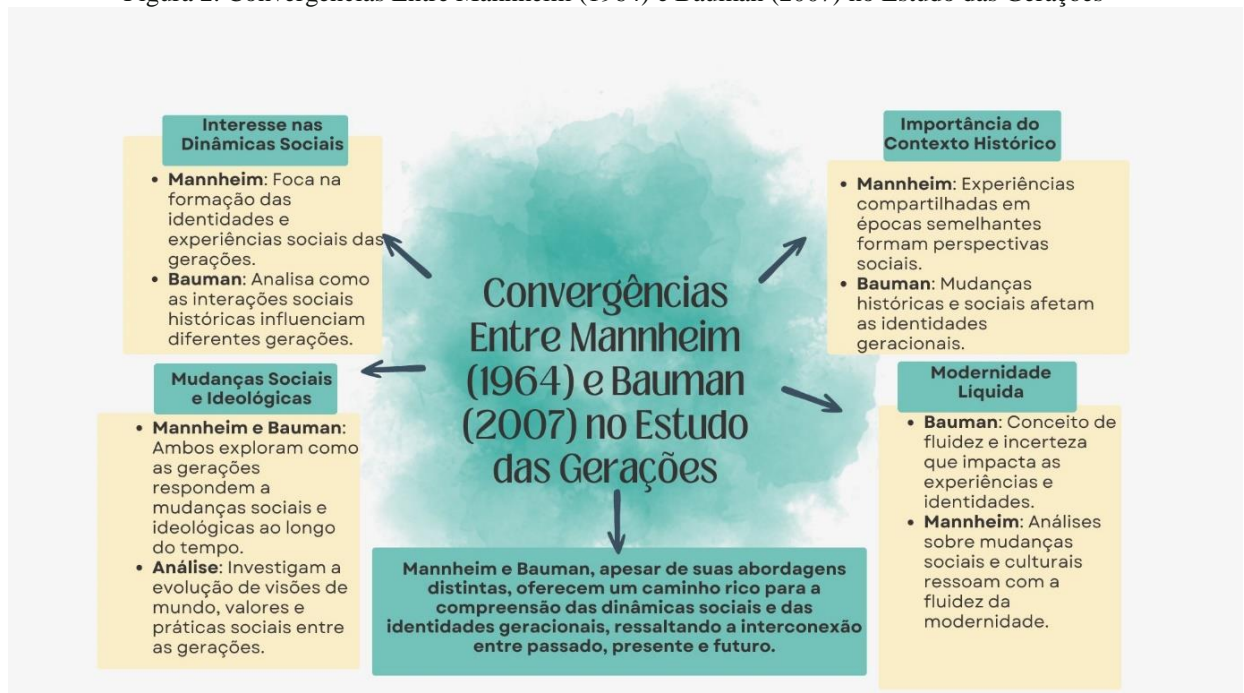
Os argumentos de Bauman (2007) sustentam a ideia de que as gerações contemporâneas são marcadas pela fragmentação e pela falta de continuidade, resultado da natureza líquida das sociedades modernas.

Para ele, as conexões e identidades geracionais são transitórias e efêmeras, sendo formadas mais pela fluidez das interações sociais do que por fatores históricos ou biológicos. O autor enfatiza o papel das redes sociais e das tecnologias digitais na formação das identidades geracionais e nas interações entre os indivíduos.

Adicionalmente, Bauman (2007) considera as gerações de forma a enfatizar modos de vida fluidos e flexíveis, constantemente adaptados às mudanças rápidas e imprevisíveis da sociedade contemporânea. Ele argumenta que as gerações enfrentam desafios únicos em razão da volatilidade e incerteza de sua condição, o que impacta suas identidades e interações sociais.

Embora Mannheim (1964) e Bauman (2007) abordem o estudo das gerações de maneiras distintas, existem pontos de convergência em suas análises que podem ser apreciados na Figura 2.

Figura 2. Convergências Entre Mannheim (1964) e Bauman (2007) no Estudo das Gerações



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Mannheim e Bauman (2024)

Assim, conforme apresentado na Figura 2, Mannheim (1964) e Bauman (2007) contribuem significativamente para o estudo das gerações, oferecendo perspectivas complementares que enriquecem nossa compreensão das complexas interações entre tempo, história e sociedade.

As análises de Mannheim (1964) nos permitem entender como as experiências compartilhadas em diferentes períodos colaboram para a formação das identidades sociais,

enquanto Bauman (2007) destaca os efeitos da modernidade líquida, que traz fluidez e incerteza às vivências geracionais.

Juntas, essas abordagens nos oferecem uma visão mais abrangente sobre como as gerações se formam e se transformam em resposta às mudanças sociais e históricas, possibilitando uma reflexão mais profunda sobre o papel de cada geração no contexto contemporâneo

Eles definem gerações não apenas por suas experiências históricas compartilhadas, mas também pela capacidade de se adaptar e reinventar em um mundo em constante transformação.

Andrade *et al.* (2012) corroboram essa definição, destacando que uma geração consiste em pessoas nascidas em um período específico que compartilham experiências comuns ao longo do processo histórico e social, predispondo-se a um modo comum de pensamento, experiência e comportamento em estágios similares da vida.

Ao longo do tempo, e em resposta às mudanças sociais, tecnológicas e culturais que ocorreram em diferentes períodos, as gerações vêm sendo classificadas. Embora essas classificações sejam importantes, é fundamental reconhecer que as experiências podem ser tanto individuais quanto coletivas, e que os contextos podem assumir contornos diferentes e variar significativamente dentro dessa ampla faixa etária e dos contextos sociais vivenciados.

Nesta linha, Milhome (2022) alerta, em sua pesquisa voltada para o campo da administração com foco no trabalho, sobre a necessidade de cautela ao considerar classificações de gerações construídas em outras culturas.

Essas classificações, que possuem valores, comportamentos, preferências e perspectivas de mundo comuns a indivíduos que compartilharam experiências similares, podem levar a compreensões equivocadas sobre os grupos geracionais.

A compreensão e a classificação/descrição das gerações mais amplamente difundidas foram desenvolvidas a partir do contexto norte-americano e europeu, que vivenciou guerras mundiais e civis, crises econômicas e recessões, caracterizadas por especificidades culturais.

As gerações são conhecidas como Tradicionalistas/Veteranos, Baby Boomers, Geração X, Geração Y, Geração Z e Geração Alpha (Milhome, 2022), conforme apresentamos no Quadro 2.

Quadro 2. Classificação/ Descrição de Geração e características

CLASSIFICAÇÃO DE GERAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Geração Veterana *(nascidos antes do final da Segunda Guerra	-Os membros da geração veterana testemunharam eventos históricos significativos, como a Grande

<p>Mundial, abrangendo o período aproximado de meados da década de 1920 até o final da década de 1940)</p>	<p>Depressão, a Segunda Guerra Mundial e, em muitos casos, o período pós-guerra, caracterizado pela reconstrução e crescimento econômico.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Crescidos em tempos de conflito e adversidade, muitos dessa geração desenvolveram valores fortes de dever, patriotismo e serviço à pátria. -Esses indivíduos foram ensinados a serem resilientes diante de desafios e a valorizarem o sacrifício pessoal em prol do bem maior, especialmente durante períodos de guerra e crise econômica. -Em suas vidas profissionais, tendem a valorizar a estabilidade no emprego e a demonstrar uma forte lealdade às organizações em que trabalham, com muitos optando por permanecer em um único emprego ao longo de suas carreiras. -Em termos de valores sociais e políticos, muitos membros da geração veterana apresentam uma abordagem mais conservadora, valorizando tradições e instituições estabelecidas. -Eles podem preferir métodos tradicionais de comunicação e trabalho, em contraste com tecnologias e abordagens mais modernas. Além disso, em relação à cultura e ao entretenimento, muitos deles tendem a apreciar formas clássicas e tradicionais de arte, música e mídia
<p>Geração Baby Boomers *(nascidos aproximadamente entre 1943 a 1960)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Compreendem aqueles que nasceram durante o "baby boom" pós-Segunda Guerra Mundial. -Cresceram em um período marcado por transformações políticas significativas, como o fim do Estado Novo e o início da Ditadura Militar em 1964. -Foram ativos em movimentos estudantis e políticos que lutavam pela democracia e pelos direitos civis. - Muitos participaram de protestos e manifestações contra o regime autoritário, enfrentando repressão e perseguição política. - No Brasil, foram influenciados pelos movimentos culturais e contraculturais da época, como a Tropicália e a Jovem Guarda, buscaram expressar sua identidade por meio da música, da moda e da arte, desafiando as normas sociais estabelecidas.
<p>Geração X *(nascidos aproximadamente entre 1961 a 1981)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Conhecida como a "geração da mudança". -Cresceu durante períodos de transformação tecnológica e econômica. -Valoriza a independência, a autonomia e o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. - São considerados céticos em relação às instituições tradicionais. -Vivenciaram a transição da era analógica para a era digital.
<p>Geração Y *(também conhecida como Millennials, nascidos aproximadamente entre 1982 a 2004)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Cresceram em meio à rápida expansão da internet e das redes sociais. -São caracterizados pelo uso intensivo da tecnologia e pela fluência digital. -Valorizam a diversidade, a inclusão e a flexibilidade no trabalho.

	<ul style="list-style-type: none"> -Têm uma mentalidade empreendedora e buscam propósito e significado em suas carreiras. -São adeptos do consumo consciente e buscam experiências autênticas.
<p style="text-align: center;">Geração Z *(nascidos aproximadamente entre 2005 e 2012)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecidos como nativos digitais, cresceram em um mundo totalmente conectado. -São proficientes no uso de dispositivos tecnológicos desde cedo. -Valorizam a personalização, a instantaneidade e a autenticidade. -Têm uma mentalidade mais pragmática em relação ao trabalho e à educação. -São ativistas sociais e ambientais, engajados em causas globais.
<p style="text-align: center;">Geração Alpha * (nascidos a partir de 2013)</p> <p>*Embora não haja consenso, a maioria das referências sobre o tema apresenta a classificação mencionada acima.</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Ainda em desenvolvimento, esta geração é marcada pela tecnologia onipresente desde o nascimento. -Cresce em um mundo altamente digital e interconectado. -Espera-se que sejam ainda mais proficientes em tecnologia do que a geração Z. -Tendem a valorizar a diversidade, a criatividade e a colaboração. -São influenciados por novas formas de aprendizado e interação social mediada pela tecnologia.

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Milhorne (2022).

A análise das diferentes gerações que coexistem na sociedade contemporânea, bem como suas características distintivas, é um tema amplamente estudado na literatura acadêmica.

Briscoe *et al.* (2012) enfatizam que, nas sociedades atuais, interagimos com um mosaico geracional composto pelos Veteranos, Baby Boomers, Geração X, Geração Y (ou Millennials) e Geração Z. Cada uma dessas gerações possui traços que formam não apenas suas dinâmicas sociais e familiares, mas também suas respostas a questões contemporâneas, como tecnologia, responsabilidade social e valores éticos.

No entanto, Jacques *et al.* (2015) corroboram e complementam a ideia de que os limites temporais que definem uma geração estão diminuindo devido à aceleração tecnológica, variando de 30 para 25, 20 ou mesmo 10 anos.

Apesar de não haver um consenso exato sobre os períodos que abrangem as gerações e suas características, optamos para este estudo por utilizar períodos aproximados, baseando-nos

no estudo de Howe; Strauss (2000); Mccrindle; Fell (2021); Pellegrini, (2020), Zaninelli *et al.* (2022) e em outras referências que se aproximam desses marcos temporais.

Assim, definimos seis gerações: (i) Veteranos; (ii) Baby Boomers, que incluem pessoas nascidas entre 1943 e 1960; (iii) Geração X, composta por indivíduos nascidos entre 1961 e 1981; (iv) Geração Y, que abrange aqueles nascidos entre 1982 e 2004; (v) Geração Z, que inclui pessoas nascidas entre 2005 e 2012, aproximadamente; e (vi) Geração Alpha, que abrange indivíduos nascidos a partir de 2013 (Zaninelli *et al.*, 2022).

A análise das diferentes gerações que coexistem na sociedade contemporânea, bem como suas características distintivas, é um tema amplamente abordado na literatura acadêmica. Briscoe *et al.* (2012) enfatizam que, nas sociedades atuais, interagimos com um mosaico geracional que abrange os Veteranos, Baby Boomers, Geração X, Geração Y (ou Millennials) e Geração Z.

A inclusão da Geração Alpha, nascida a partir de 2013, também merece destaque. Segundo Mccrindle e Fell (2021), essa nova geração está crescendo em um contexto digital imersivo, o que molda suas habilidades e formas de interação de maneira revolucionária.

Mccrindle e Fell (2021), ressaltam que a Geração Alpha possui características únicas, como a capacidade de adaptação a novas tecnologias e o desenvolvimento de uma consciência social mais aguçada desde tenra idade.

Portanto, a compreensão das particularidades da Geração Alpha é fundamental para entendermos o futuro das relações sociais e de consumo, uma vez que suas experiências e comportamentos podem influenciar significativamente as dinâmicas intergeracionais em um mundo em constante transformação.

Cada uma dessas gerações possui traços que formam não apenas suas dinâmicas sociais e familiares, mas também suas respostas a questões contemporâneas como a tecnologia, a responsabilidade social e os valores éticos.

Os veteranos (Quadro 2), por exemplo, são frequentemente reconhecidos por sua lealdade e rigorosa ética de trabalho, características que se desenvolveram durante períodos de dificuldades, como a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Esse histórico de resiliência moldou a forma como interagem em suas vidas pessoal e profissional, valorizando a estabilidade e o compromisso em suas relações, conforme as contribuições de Zaninelli *et al.* (2022).

Zaninelli *et al.* (2022) contribuem ao apresentar as características da geração veterana, destacando o respeito pela autoridade e hierarquia que definem essa geração. Além disso, enfatizam valores como a dedicação, o sacrifício e uma abordagem prática em suas atividades.

De acordo com Kullock (2011), a geração veterana é mais rígida em virtude das adversidades enfrentadas ao longo de suas vidas, apresentando uma predisposição natural para seguir regras e valorizar aspectos como a família, o trabalho e a moral.

Essa geração prefere a estabilidade; muitos de seus membros estão aposentados, enquanto aqueles que ainda trabalham tendem a valorizar hierarquias rígidas e a permanecer por longos períodos na mesma empresa.

Devido ao contexto de guerras e crises econômicas que vivenciaram, desenvolvem uma relação cautelosa com o dinheiro, priorizando a poupança e evitando parcelamentos, como afirmam Zaninelli *et al.* (2022).

As características dos veteranos são bastante homogêneas entre os indivíduos que pertencem a essa faixa etária, conforme apresentado por Zaninelli *et al.* (2022). Nesse estudo, os autores identificam diversas peculiaridades, incluindo: (i) uma forte autoridade paterna; (ii) resiliência no trabalho, onde os indivíduos não costumavam pensar em trocar de emprego, realizando longas carreiras em uma única empresa, frequentemente empregada por seus pais e avós; (iii) uma marcante fidelidade matrimonial, que prevalecia "até que a morte os separe"; (iv) um respeito pelas regras, que deviam ser priorizadas em detrimento do prazer, com a crença de que nada se alcança sem sacrifícios; e (v) uma divisão de papéis bem definida, na qual o pai trabalhava para sustentar a família, a esposa cuidava do lar e dos filhos, enquanto os filhos se dedicavam unicamente aos estudos para se tornarem "alguém na vida". Entre os valores preservados por essa geração, destacam-se a disciplina, a honra, o respeito e a organização.

Após o retorno dos combatentes da Segunda Guerra Mundial, houve um aumento significativo na população dos Estados Unidos, fenômeno conhecido como "boom de bebês", que se refere aos nascidos entre as décadas de 40 e 60, os quais são denominados Baby Boomers na literatura (Zaninelli *et al.*, 2022).

De acordo com Andrade *et al.* (2012), a geração Baby Boomer (Quadro 2) é composta por indivíduos nascidos entre as décadas de 1940 e 1960, que ingressaram no mercado de trabalho entre 1965 e 1985. Os mais jovens dessa geração têm cerca de 60 anos em 2024, enquanto os mais velhos chegam a até 74 anos no mesmo ano, ambos pertencentes ao contexto que se sucedeu à Segunda Guerra Mundial.

Os Baby Boomers são descendentes da geração tradicional, também conhecida como veterana, que emergiu após a Segunda Guerra Mundial, um período marcado por um rastro de destruição e mais de 50 milhões de vítimas (Howe; Strauss, 2000).

No Brasil, essa geração presenciou transformações significativas na sociedade, como o êxodo rural, a industrialização acelerada, a expansão da classe média e o movimento pelos direitos civis.

Os Baby Boomers no Brasil foram influenciados por eventos históricos, incluindo o regime militar, o milagre econômico e o movimento de contracultura. Sua visão de mundo foi moldada por diversos meios de comunicação, como revistas, livros, jornais, cinema, telefone e teatro, que já estavam em ascensão no país (Andrade, 2020).

Com frequência, a geração Baby Boomer é associada a valores tradicionais, como estabilidade financeira, dedicação ao trabalho e respeito à autoridade. No entanto, também é reconhecida por seu engajamento político e social durante os anos de ditadura, assim como pela busca por liberdade e expressão individual durante o período de abertura democrática (Howe; Strauss, 2000).

Já a geração X (Quadro 2), tem sido objeto de estudo e análise por diversos pesquisadores ao longo das últimas décadas, como Teixeira (2014), Coupland (2007) e outros. Essa geração inclui pessoas nascidas entre meados da década de 1960 e o início da década de 1980, caracterizando indivíduos que atualmente têm entre 44 e 56 anos, aproximadamente.

A geração X é caracterizada por uma maior adaptabilidade e ceticismo em relação às instituições tradicionais, refletindo as rápidas mudanças econômicas e tecnológicas que marcaram suas vidas. Essa flexibilidade permite à geração X navegar entre valores tradicionais e inovações sociais, destacando-se como mediadora entre diferentes gerações (Coupland, 2007; Teixeira *et al.*, 2014).

Segundo Teixeira et al. (2014, p. 3), “os membros da geração X são os filhos dos boomers mais velhos e nasceram em um período de transição e instabilidade financeira”. Essa geração é marcada por ter vivenciado uma série de transformações sociais, econômicas e tecnológicas significativas, moldando suas perspectivas, valores e comportamentos de maneiras distintas.

A Geração Y, também conhecida como Millennials, compreende um grupo demográfico de indivíduos nascidos entre a década de 1980 e o início dos anos 2000, conforme apresentado no Quadro 2. Essa geração tem sido objeto de extensa pesquisa e análise devido ao seu impacto significativo na sociedade contemporânea.

Howe e Strauss (2000) caracterizam os Millennials por uma combinação de otimismo, diversidade e um ethos de colaboração, elementos que os distinguem das gerações anteriores.

Segundo esses autores, a Geração Y cresceu em um ambiente relativamente seguro e

acolhedor, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma visão mais positiva da vida e do futuro.

Eles enfatizam que essa geração não apenas é consciente das questões sociais, mas também está engajada em soluções que promovem mudanças significativas.

O estudo do Pew Research Center (2010), aprofunda-se nas características demográficas, atitudes e comportamentos dos Millennials.

Os dados revelam que essa geração apresenta uma diversidade racial e étnica maior em comparação com as gerações anteriores, refletindo uma sociedade em transformação.

Além disso, os Millennials são percebidos como nativos digitais, aspecto que influencia suas interações sociais e profissionais. Eles demonstram uma forte afinidade por tecnologia e mídias sociais, que se traduzem em novas formas de comunicação e trabalho.

Essa fluência digital é um dos fatores que formam suas expectativas em relação ao ambiente de trabalho, priorizando flexibilidade e inovação (Pew Research Center, 2010).

Tapscott (2009), complementa essa análise ao explorar como a tecnologia impactou a forma como os Millennials se relacionam com o mundo.

O autor argumenta que a Geração Y não é apenas consumidora de tecnologia, mas também criadora e moldadora de novos paradigmas de interação e comunicação.

A capacidade de conectar-se e colaborar globalmente por meio de plataformas digitais transforma a maneira como esses indivíduos se posicionam em questões sociais, políticas e econômicas.

O engajamento em causas sociais, a busca por um propósito significativo em suas carreiras e o desejo de contribuir para um mundo melhor são aspectos centrais que definem essa geração (Tapscott, 2009).

Em suma, os Millennials emergem não apenas como uma geração caracterizada por suas peculiaridades demográficas e comportamentais, mas também como agentes de mudança que influenciam a sociedade em múltiplas dimensões.

As contribuições de Howe e Strauss (2000), Pew Research Center (2010) e Tapscott (2009) oferecem uma compreensão abrangente do impacto da Geração Y, ressaltando tanto os desafios quanto as oportunidades que essa geração apresenta em um mundo em constante transformação.

A Geração Z (Quadro 2), composta por indivíduos nascidos aproximadamente entre 2005 e 2012, é marcada por suas vivências em um mundo onde a tecnologia e a conectividade são predominantes.

No contexto brasileiro, essa geração surge em um cenário de rápidas transformações sociais, políticas e econômicas, que influenciam suas expectativas e comportamentos (Sampaio; Silva, 2012).

Segundo a pesquisa de Sampaio e Silva (2021), a Geração Z no Brasil demonstra uma forte consciência crítica em relação a questões sociais, políticas e ambientais.

Os autores ressaltam que esses jovens estão mais engajados em causas sociais do que as gerações anteriores, utilizando artefatos digitais para se mobilizar e debater temas relevantes, como a justiça social, a igualdade de gênero e as mudanças climáticas.

A conexão com as redes sociais não apenas facilita o acesso à informação, mas também proporciona um espaço para a troca de experiências e a construção de identidades.

Além disso, de acordo com Silva e Lima (2020), os membros da Geração Z apresentam uma perspectiva diferenciada sobre suas expectativas de carreira. Eles valorizam organizações que promovem práticas de diversidade e inclusão e que oferecem um ambiente de trabalho flexível e colaborativo.

Essa geração busca não apenas um emprego, mas também um propósito significativo em suas atividades profissionais, refletindo um desejo de alinhamento entre valores pessoais e missão da empresa.

Outro aspecto relevante é o impacto das redes sociais na saúde mental dessa geração. A pesquisa de Cruz *et al.* (2022) aponta que, apesar dos benefícios de conectar-se e compartilhar experiências, a utilização intensa das plataformas digitais pode levar a questões como ansiedade, depressão e comparações sociais inadequadas.

A pressão por uma imagem idealizada e a busca por validação on-line se tornam desafios significativos para a saúde emocional dos jovens da Geração Z.

Por fim, a Geração Z se destaca não apenas por suas habilidades digitais, mas também por sua capacidade de adaptação em tempos de crise, como demonstrado durante a pandemia de COVID-19⁷.

Conforme Oliveira e Almeida (2021), essa geração mostrou resiliência ao adaptar-se ao ensino remoto e a novas formas de interação social, revelando um potencial notável para se reinventar em contextos adversos.

⁷ COVID-19- O nome covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados, disponível: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>, acesso 18/08/2024.

Em suma, a Geração Z no Brasil representa uma nova força social e econômica que busca não apenas ocupar espaços de trabalho, mas também promover mudanças significativas na sociedade.

Suas características e desafios refletem as complexidades de um mundo em constante transformação, evidenciando a importância de compreender suas necessidades e aspirações (Sampaio; Silva, 2012).

Por fim, a Geração Z, é caracterizada por uma constante imersão tecnológica desde o nascimento. Essa geração valoriza a individualidade, a diversidade e a conectividade digital, moldando sua forma de se relacionar com o mundo e entre si (Briscoe *et al.*, 2012).

Nesse contexto de evolução tecnológica, emerge a Geração Alpha (Quadro 2), composta por indivíduos nascidos a partir de 2013. Diferentemente da geração anterior, os Alpha são a primeira geração a crescer completamente imersa em um ambiente digital desde o nascimento.

A partir do referencial teórico de Bouzas *et al.* (2020), Mccrindle; Fell (2021), Pellegrini (2020) e Macdonald e Thompson (2019), podemos compreender melhor as características, os desafios e as implicações sociais dessa nova geração.

Segundo Bouzas *et al.* (2020), a Geração Alpha é marcada por um acesso ininterrupto às tecnologias digitais, o que lhe confere uma interação natural com dispositivos como smartphones, tablets e assistentes virtuais.

Os autores ressaltam que essa fluência digital não é apenas uma habilidade técnica, mas também um fator que molda a forma como esses indivíduos aprendem, se comunicam e se relacionam com o mundo ao seu redor.

Desde cedo, a Geração Alpha desenvolve competências que a tornam apta a navegar em um universo de informações constantes e variadas.

Mccrindle e Fell (2021), complementam essa visão ao enfatizar que a Geração Alpha não é apenas consumidora de tecnologia, mas também criadora. Ela utiliza plataformas digitais para produzir e compartilhar conteúdo, refletindo um novo modelo de produção de conhecimento.

Essa característica é essencial para o desenvolvimento de um pensamento crítico e criativo, habilidades que serão vitais para a formação dos líderes do futuro.

A educação, segundo Pellegrini (2020), desempenha um papel essencial na formação da Geração Alpha. O autor argumenta que, para atender às necessidades desse grupo, é imperativo que as instituições de ensino adaptem seus métodos pedagógicos.

A ênfase deve ser colocada em abordagens que estimulem a colaboração, o pensamento crítico e a resolução de problemas, permitindo que os jovens desenvolvam as habilidades necessárias para prosperar em um mundo em rápida transformação.

Mccrindle e Fell (2021) (2019) fortalecem essa perspectiva ao investigar o impacto das redes sociais e da interatividade digital na Geração Alpha. Segundo os autores, essa geração é mais propensa a envolver-se em inclusões sociais e causas coletivas, devido à facilidade de se conectar e compartilhar experiências com outros indivíduos em nível global.

Essa característica pode levar ao surgimento de uma consciência social mais acentuada, que influenciará suas escolhas pessoais e profissionais ao longo da vida.

A convivência entre as diferentes gerações enriquece o tecido social e oferece tanto desafios quanto oportunidades para a coesão e a colaboração em diversas esferas. Assim, compreender as especificidades de cada geração é fundamental para promover ambientes sociais e educacionais inclusivos, que respeitem e valorizem as diferentes perspectivas e experiências (Harpaz; Fu, 2002).

Esse entendimento não apenas facilita a colaboração intergeracional, mas também estimula práticas que fomentam um desenvolvimento social harmonioso e sustentável. Dentro dessa perspectiva, é importante observar como a literatura aborda os diferentes grupos geracionais.

Nesse contexto, termos como "Nativos Digitais" (Tapscott, 2010; Passarelli *et al.*, 2014), "Geração Polegar" (Kupperschmidt, 2000; Young Adult Library Services Association, 2014), "Milênios" e "Geração Alpha" são frequentemente utilizados.

Estas nomenclaturas ajudam a identificar e compreender as características únicas de cada geração, enriquecendo ainda mais a discussão sobre a colaboração e a coesão social. Cada uma dessas gerações possui suas próprias características, valores, experiências históricas e influências culturais distintas, as quais podem colaborar para a formação das visões de mundo e comportamentos.

O estudo dessas gerações é importante para entender como as mudanças sociais, tecnológicas e econômicas impactam diferentes grupos ao longo do tempo. Milhome (2022) argumenta que esses eventos históricos e socioeconômicos foram vivenciados de forma ativa por algumas sociedades, enquanto outras os experienciaram de forma passiva ou nula.

A autora recomenda buscar uma classificação das gerações a partir de contextos e eventos marcantes próprios, propondo uma nova categorização para o cenário brasileiro.

A partir dessa ideia, Milhome e Rowe (2020) identificaram sete gerações ao longo do século XX até o presente, considerando o contexto do Brasil. Essas gerações são definidas, das

mais antigas para as mais recentes, como: (i) Geração Nacionalista; (ii) Geração Pré-Ditadura; (iii) Geração Reprimida; (iv) Geração Diretas; (v) Geração Hiperinflação; (vi) Geração Social; e (vii) Geração 4.0, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3. Classificação/ Descrição para gerações no contexto brasileiro

CLASSIFICAÇÃO DE GERAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Geração nacionalista (Nascidos entre 1910 e 1929)	Impactados por uma educação voltada para padrões e normas, com forte cunho nacionalista na sociedade, que compreendia o governo como solução para tudo.
Geração pré-ditadura (Nascidos entre 1930 a 1953)	Viveram a escassez de alimentos proveniente da segunda guerra mundial, uma crise política e econômica pré-ditadura e acesso limitado à educação formal.
Geração reprimida (Nascidos entre 1944 e 1958)	Contaram com uma educação repressora na infância e o contato social, em casa, ocorria por fase da vida. A educação dessas crianças tinha como objetivo se tornarem adultos bem educados, para tanto, sendo pautada no controle do comportamento.
Geração Diretas (Nascidos entre 1959 a 1968)	Contaram com alguma influência da repressão do AI 5, mas foi mais marcante, para essa geração, a conquista a partir do movimento popular, com Diretas Já. Possuem uma tendência, então, a acreditar que o poder popular é capaz de representatividade e conquistas perante o governo. Os indivíduos dessa geração foram marcados, também, pela crise econômica iniciada no final da década de 1970, que fortaleceu o fim da ditadura
Geração hiperinflação (Nascidos entre 1969 e 1978)	Impactados pela crise econômica e pelas incertezas advindas do período pós ditadura militar. Ainda, elegeram Collor como salvação da crise que só crescia e se decepcionaram profundamente com o Plano Collor. Com a ideia de força popular, viveram o período turbulento do Impeachment desse presidente e a criação do plano Real, que efetivamente equilibrou a economia. Diante das tantas e profundas incertezas, espera-se desta geração um alto nível de valor conformidade e baixo nível de estimulação
Geração Social (Nascidos entre 1979 e 1991)	Impactados pelo governo do presidente Lula e políticas sociais. Aliado à estabilidade econômica resultante do Plano Real permitiu um acesso ampliado às tecnologias. Esses indivíduos, iniciaram discussões acerca de temáticas que pouco ou nada se falava. Espera-se dessa geração alto nível de valor hedonismo, estimulação e universalismo.
Geração 4.0 (Nascidos entre 1992 e 2005)	Estão passando, neste momento, pelo seu período formativo. São caracterizados por relações interpessoais mas fluidas, estadia prolongada na casa dos pais (iniciada já na geração anterior) – o que pode prolongar o seu período de socialização macro – e grande desenvolvimento tecnológico, de forma que,

	desde a infância, cresceram imersos na tecnologia.
--	--

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Milhorne e Rowe (2022)

Assim, Milhorne (2022) nos instiga a compreender as gerações, suas semelhanças e diferenças no contexto brasileiro, exigindo uma abordagem que considere as especificidades culturais e sociais do Brasil.

No entanto, para provocar uma reflexão mais profunda, Beck e Beck-Gernsheim (2007) defendem uma abordagem inovadora sobre o conceito de geração em um contexto globalizado, rejeitando classificações generalistas e sugerindo uma análise das experiências e identidades dos jovens em uma escala global. Dessa forma, emerge a Geração Asas.

2.3 GERAÇÃO ASAS

No horizonte da sociologia das gerações periféricas, emerge uma perspectiva que transcende idade, categorias e fronteiras geográficas e culturais, lançando luz sobre um fenômeno que se estende para além dos limites reducionistas: a “*Geração Asas*”. Essa perspectiva investiga como os ventos da globalização têm impulsionado a formação de identidades e conexões que ultrapassam as fronteiras físicas e culturais dos territórios periféricos.

Como pássaros alçando voo pelos céus do século XXI, a geração asas mantém seu voo por um mundo interconectado, onde as experiências individuais são moldadas por uma teia complexa de influências locais e globais.

Nesta concepção emergente, que favorece uma geração globalizada e sem fronteiras, Beck e Beck-Gernsheim (2007) argumentam que, em um mundo cada vez mais interconectado, as experiências e perspectivas dos jovens são moldadas por fenômenos globais, como migração, tecnologia, cultura pop e questões ambientais.

Eles destacam como os jovens estão cada vez mais conectados e influenciados por eventos e tendências globais, transcendendo as fronteiras nacionais e culturais (Beck; Beck-Gernsheim, 2007).

Além disso, Beck e Beck-Gernsheim (2007) exploram as implicações dessa "geração global" para a sociedade contemporânea, discutindo temas como identidade, pertencimento, mobilidade e engajamento político. Eles argumentam que os jovens de hoje estão se formando e sendo formados por um mundo cada vez mais complexo e interdependente.

Chegamos a essas reflexões a partir das contribuições de Feixa e Leccardi (2010), bem como de Beck e Beck-Gernsheim (2007), que nos levam a transcender a compreensão acerca das gerações. Eles consideram as condições concomitantes e interligadas das influências do desenvolvimento nacional e internacional, tanto em níveis locais quanto globais, evitando, assim, reducionismos na compreensão e interpretação da própria humanidade.

Os autores ressaltam ainda que a globalização não implica uniformidade. Embora possa haver uma geração globalizada, é possível reconhecer profundas diferenças e divisões (Feixa e Leccardi, 2010; Beck e Beck-Gernsheim, 2007).

Entendemos que não há fronteiras claramente definidas entre as gerações, e que suas características podem se sobrepor e evoluir ao longo do tempo. À medida que a sociedade muda e novas tecnologias surgem, as pessoas podem adotar comportamentos e valores mais representativos das gerações que as sucederam, mesmo que tenham nascido em épocas diferentes.

Ao refletirmos sobre os dias atuais, questiona-se como as redes sociais e as tecnologias digitais desempenham um papel significativo na formação das identidades dos jovens das periferias, que, por vezes, não possuem acesso ilimitado a essas plataformas, ao contrário de outros jovens.

Embora o acesso limitado possa criar disparidades na exposição e na participação on-line, entendemos, inclusive pelo percurso metodológico ao qual esta pesquisa nos conduz, que esses jovens ainda estão sujeitos a influências indiretas dessas tecnologias por meio de seus pares, da mídia e de outros canais de comunicação.

As redes sociais podem proporcionar espaços de mão dupla, nos quais tanto os jovens moradores de territórios periféricos têm a chance de se conectar com amigos, familiares e comunidades, quanto a cidade e outros espaços, tanto localmente quanto globalmente, podem se conectar com esses territórios, que poderíamos definir, de certa forma, para além de periféricos, como “*abandonados pela sociedade*”.

Mesmo com acesso limitado, os moradores das periferias podem utilizar essas plataformas para manter laços sociais e construir identidades com base nas interações on-line e off-line.

As tecnologias digitais oferecem instrumentos para que os jovens expressem sua identidade, interesses e perspectivas. Isso pode ser feito por meio de postagens, compartilhamento de conteúdo e criação de mídia, permitindo que moldem narrativas sobre si mesmos e suas comunidades, conforme será apresentado adiante no percurso metodológico deste estudo.

Embora o acesso dos jovens e moradores de um território periférico possa ser limitado, conforme o mapeamento de nossa pesquisa, as tecnologias digitais podem e devem oferecer acesso a informações, recursos educacionais e oportunidades de aprendizado.

Os jovens podem utilizar esses recursos para expandir seus horizontes, buscar oportunidades de emprego e educação, e acessar conteúdo científico, cultural e artístico.

Defendemos que as redes sociais podem desempenhar um papel importante na conscientização sobre questões sociais, políticas e ambientais.

Mesmo com acesso limitado, os jovens das periferias, assim como os moradores desses territórios, podem se envolver em causas e movimentos on-line, compartilhando informações, organizando protestos e promovendo mudanças em suas comunidades.

No entanto, é importante reconhecer as desigualdades no acesso e na participação on-line e buscar formas de mitigar essas disparidades. Isso pode envolver iniciativas para aumentar o acesso à internet e às tecnologias digitais nas periferias, além de promover habilidades digitais e alfabetização midiática entre os jovens.

Além disso, é fundamental considerar outras formas de identidade e pertencimento que não dependem exclusivamente do mundo digital, valorizando as experiências e práticas culturais locais.

Ao adotarmos uma abordagem sociológica, podemos explorar as complexidades das dinâmicas intergeracionais e compreender melhor como elas formam a sociedade, especialmente em territórios periféricos habitados, predominantemente, por mulheres negras, jovens e mães solas que carregam consigo um histórico de resistência.

A sociologia, com seu enfoque nas interações e relações entre gerações, nos possibilita analisar como essas mulheres têm não apenas enfrentado desafios, mas também contribuído para a construção de suas comunidades ao longo do tempo (Bourdieu, 2010; Silva, 2017).

Nesse contexto, as relações entre gerações são definidas por Feixa e Leccardi (2010) como "genealogia geracional", um conceito que enriquece nossa pesquisa ao permitir a interpretação das experiências e perspectivas dessas mulheres ao longo das gerações.

Ao relatar suas histórias de luta e resiliência no território em investigação, focamos nas vivências dessas mulheres que, frequentemente, enfrentam adversidades sociais e econômicas.

Assim, nossa pesquisa destaca como suas jornadas individuais e coletivas não apenas formam suas identidades, mas também impactam o tecido social que as rodeia (Nakata, 2021).

A compreensão dessas relações intergeracionais vai além da mera análise das dinâmicas sociais; ela ressalta a importância das experiências vividas por mulheres negras e jovens em contextos periféricos.

Como aponta Santos (2020), essas vivências estão entrelaçadas por histórias de resistência e superação, oferecendo uma perspectiva valiosa sobre como suas trajetórias contribuem para a transformação social.

Dessa forma, destaca-se a relevância das vozes das mulheres na construção de um futuro mais justo e igualitário, evidenciando a necessidade de amplificar seu protagonismo nas narrativas sociais (Pereira, 2021).

Ao longo desta pesquisa, acompanhamos muitas mulheres no território investigado, a maioria delas jovens, mães solas e negras, que frequentemente são as pedras angulares de suas famílias e comunidades.

Elas desempenham papéis múltiplos e essenciais, atuando como líderes em suas casas. Muitas dessas mulheres sustentam seus lares e cuidam de seus entes queridos com resiliência e determinação inabaláveis. Além disso, contribuem de maneira significativa para o tecido social de suas comunidades, oferecendo apoio, orientação e solidariedade umas às outras (Silva, 2020).

As narrativas escutadas e sentidas entre as mulheres, jovens e lideranças comunitárias no território pesquisado revelam uma perspectiva instigante. Contrariando a visão de que as diferenças entre as gerações representam divisões ou antagonismos, a abordagem da genealogia geracional permite que essas diferenças sejam vistas como parte de uma narrativa contínua de mudança e evolução (Feixa; Leccardi, 2010).

Nesse espaço, observamos a presença de diferentes gerações, desde os jovens até as lideranças comunitárias, que demonstram uma notável resiliência diante de desafios socioeconômicos, adversidades e injustiças.

As gerações encontradas nesse território cultivam estreitos laços de solidariedade e apoio mútuo. Os moradores reconhecem a importância de se unirem em tempos de necessidade e trabalham juntos para enfrentar desafios comuns.

Durante nossa observação, foi possível vivenciar a mobilização mútua dos moradores para se ajudarem, incluindo a troca de alimentos e recursos. Em um ambiente onde a mudança é constante e muitas vezes imprevisível, essas mulheres e suas comunidades conseguem desenvolver habilidades de adaptação e flexibilidade, aprendendo a se ajustar a novas circunstâncias e a identificar oportunidades, mesmo em meio à incerteza (Nakata, 2021).

Assim, a resiliência coletiva e a capacidade de superação das mulheres, em conjunto com as relações intergeracionais estabelecidas no território, oferecem uma importante perspectiva sobre como a construção de redes de apoio pode transformar realidades e promover a justiça social (Bottino, 2020).

Neste território pesquisado, os moradores valorizam profundamente sua cultura, tradições e história ancestral. Eles reconhecem a importância de preservar e transmitir esse conhecimento às gerações futuras, fortalecendo, assim, sua identidade e senso de pertencimento, o que desempenha um papel significativo dentro da ideia de genealogia (Cunha, 2019).

Essa noção de genealogia permite que os habitantes de um território periférico se conectem com suas raízes culturais e históricas, ao mesmo tempo em que reconhecem e respondem aos desafios e oportunidades do mundo contemporâneo.

Contrariando a percepção isolada das gerações, a consciência geracional dentro de uma família periférica pode ser entendida como uma teia complexa de conexões, influências e aprendizados compartilhados.

Esta abordagem não apenas fortalece os laços familiares, mas também contribui para a resiliência e a adaptação de mulheres, crianças, jovens e lideranças comunitárias diante das mudanças sociais em curso (Teixeira, 2021).

Essa dinâmica inclui não apenas os aspectos positivos, como a transmissão de conhecimento e valores, mas também os conflitos e tensões que podem emergir entre diferentes grupos geracionais.

Ao adotar uma abordagem sociológica, podemos explorar as complexidades das dinâmicas intergeracionais, compreendendo melhor como elas sustentam a sociedade e influenciam os modos de vida das comunidades periféricas (Pereira, 2021).

Essa análise revela que a interconexão entre as gerações é vital para o fortalecimento das identidades e para a construção de um futuro mais justo e equitativo.

Nesse contexto, Arnett (2000) realizou uma extensa revisão da literatura sobre a transição para a vida adulta, explorando estudos anteriores, teorias sociológicas e pesquisas demográficas relevantes.

Essa revisão lhe permitiu obter uma compreensão abrangente das questões, desafios e tendências emergentes nesse campo, contribuindo para nosso entendimento sobre as juventudes em territórios periféricos.

Arnett (2000) aplicou métodos quantitativos para analisar dados demográficos e sociais relacionados à transição para a vida adulta, incluindo taxas de matrícula em instituições de ensino superior, idade média do casamento e padrões de emprego e residência. Essa análise quantitativa foi fundamental para identificar padrões e tendências gerais na experiência de transição para a vida adulta.

Além disso, por meio de entrevistas em profundidade com jovens adultos, Arnett (2000) explorou suas experiências, percepções e aspirações em relação à transição para a vida adulta. Essa abordagem qualitativa permitiu a captura de nuances sobre os desafios enfrentados por esses jovens, bem como de suas estratégias de enfrentamento e perspectivas sobre o futuro.

Contudo, a transição para a vida adulta de jovens em contextos periféricos, principalmente aqueles que já são pais de família e mães soltas, apresenta especificidades que exigem uma análise mais detalhada.

Estudos recentes ressaltam que a juventude periférica no Brasil, em sua maioria composta por jovens negros e mães solteiras, enfrenta uma série de desafios estruturais que influenciam diretamente suas trajetórias de vida (Nakata, 2021; Pereira, 2022).

Esses desafios incluem altas taxas de desemprego, precarização do trabalho, e a dificuldade de acesso à educação de qualidade.

Enquanto Arnett (2000) oferece uma visão abrangente e multidimensional da transição para a vida adulta em geral, é fundamental adaptar sua análise ao contexto das juventudes periféricas, que muitas vezes estão imersas em ciclos de pobreza e exclusão social.

Essa realidade impacta não só suas condições de vida, mas também suas expectativas e oportunidades de futuro. A vida suburbana, marcada pela desigualdade e pela falta de recursos, torna o processo de transição para a vida adulta mais complexo.

Os jovens que assumem responsabilidades familiares desde cedo, frequentemente como provedores em lares monoparentais, necessitam desenvolver habilidades de resiliência e adaptação para lidar com os desafios impostos por essa realidade (Santos, 2020).

Mães solteiras, por exemplo, frequentemente enfrentam o duplo fardo de cuidar dos filhos enquanto buscam trabalho, o que pode limitar ainda mais suas oportunidades de crescimento pessoal e profissional (Teixeira, 2022).

Portanto, se torna essencial reconhecer que a conjugação de fatores sociais, políticos e econômicos impacta profundamente a transição para a vida adulta desses jovens. Políticas públicas direcionadas e programas sociais voltados para mitigar as desigualdades estruturais são essenciais para promover uma transição mais justa e equitativa, oferecendo oportunidades reais de crescimento e desenvolvimento para as juventudes periféricas.

A falta de recursos financeiros e o suporte familiar insuficiente dificultam a obtenção de independência financeira, que é essencial para a construção de um futuro estável. No âmbito político, políticas governamentais inadequadas ou ausentes podem contribuir para a periféricoização e exclusão social dos jovens que vivem em contextos periféricos.

A ausência de investimentos em infraestrutura, programas sociais e políticas de emprego agrava os problemas existentes, perpetuando ciclos de desvantagem e desesperança (Santos, 2020).

Economicamente, as elevadas taxas de desemprego e subemprego nas periferias limitam as oportunidades de crescimento profissional. Além disso, a falta de acesso a crédito e financiamento para iniciativas empreendedoras prejudica ainda mais a capacidade desses jovens de alcançar a independência financeira e realizar seus projetos de vida.

Em conjunto, esses fatores sociais, políticos e econômicos criam um ambiente desafiador para os jovens das periferias e dificultam sua transição para a idade adulta, limitando suas perspectivas de futuro.

Para enfrentar esses desafios, é necessário implementar políticas e programas que abordem as raízes estruturais da desigualdade e promovam oportunidades equitativas para todos os jovens, independentemente de sua origem socioeconômica (Teixeira, 2022).

Arnett (2000) enfatiza a importância de reconhecer as mudanças sociais no processo de transição para a vida adulta, destacando a necessidade de abordagens flexíveis e adaptáveis para apoiar os jovens nessa fase crítica do desenvolvimento humano.

Embora Arnett (2000) não se concentre especificamente em jovens de comunidades periféricas, suas observações podem ser aplicadas a esses contextos, onde as mudanças sociais contemporâneas têm um impacto significativo na vida desses jovens.

Além disso, Bourdieu (2011) oferece uma base teórica valiosa para entender as estruturas sociais que alicerçam as experiências e oportunidades das comunidades periféricas. Sua teoria sociológica permite compreender os mecanismos pelos quais as desigualdades sociais são reproduzidas e perpetuadas ao longo do tempo, afetando diretamente as condições de vida das diferentes gerações.

Ao estudar as gerações no contexto das classes sociais, sob a perspectiva de Bourdieu (2011), é possível identificar como as características e experiências compartilhadas por diferentes grupos etários estão intrinsicamente ligadas às estruturas sociais e culturais das quais fazem parte.

As gerações não compartilham apenas características demográficas, como idade e período de nascimento, mas também valores, crenças e práticas culturais que são transmitidos e reproduzidos dentro de suas respectivas comunidades.

No território pesquisado, observou-se que essas movimentações geracionais revelam influências por valores e práticas culturais transmitidas ao longo do tempo. Por exemplo, os moradores frequentemente compartilham preferências musicais que refletem suas experiências

locais. Gêneros como hip-hop e funk não são apenas formas de entretenimento, mas também veículos de denúncia social que emergem em resposta a condições sociais e econômicas adversas.

As tradições familiares, que incluem celebrações, rituais religiosos e até mesmo ocupações profissionais, desempenham um papel significativo na formação da identidade coletiva da comunidade.

Igualmente, resiliência e solidariedade emergem como valores fundamentais diante dos desafios comuns enfrentados, resultando em apoio mútuo orientado à busca de soluções coletivas para os problemas enfrentados.

As narrativas históricas deste território desempenham um papel fundamental na construção da identidade coletiva. Durante o processo de escuta, foram identificadas histórias que incluem relatos de resistência, discriminação, condições econômicas desfavoráveis e a falta de oportunidades, transmitidas oralmente de geração para geração.

Bourdieu (2011, p. 5) argumenta que o capital cultural não é distribuído igualmente na sociedade e que as comunidades periféricas frequentemente têm acesso limitado a esse capital em comparação com as comunidades mais privilegiadas. Essa desigualdade gera implicações significativas para as oportunidades educacionais e profissionais disponíveis aos jovens nessas comunidades, influenciando diretamente suas trajetórias de vida e perspectivas futuras.

Os agentes que ocupam posições vizinhas nesse espaço estão sujeitos aos mesmos fatores condicionantes; conseqüentemente eles têm toda a chance de desenvolver as mesmas disposições e interesses e de produzir as mesmas práticas e representações. Aqueles que ocupam posições semelhantes têm toda a chance de desenvolver o mesmo habitus.

O conceito de "habitus", conforme referido por Bourdieu (1987), pode ser compreendido como os padrões internalizados de comportamento, percepção e pensamento, adquiridos por meio da socialização e formados pelas condições sociais e culturais em que uma pessoa está inserida.

Nos territórios periféricos, o "habitus" muitas vezes se reflete nas condições de periféricoização e exclusão social, limitando as possibilidades de mobilidade social e perpetuando ciclos de desvantagem.

Bourdieu (2011) destaca a importância das instituições sociais, como a escola e a família, na reprodução das desigualdades sociais, argumentando que essas instituições operam como agentes de legitimação e reprodução das hierarquias sociais existentes, ao reforçar as disparidades de capital cultural entre diferentes gerações.

Embora Bourdieu (2011) não tenha se concentrado especificamente no estudo das gerações, sua análise das estruturas sociais oferece uma base sólida para compreender como as experiências e oportunidades das diversas gerações são constituídas pelas condições sociais e culturais mais amplas.

Suas ideias permanecem relevantes para entendermos os desafios enfrentados pelas comunidades periféricas e as estratégias para superar as desigualdades sociais que afetam as gerações presentes e futuras.

A discussão sobre as categorias geracionais tem sido um tema recorrente, especialmente diante das mudanças sociais, tecnológicas e culturais que ocorrem em ritmo acelerado na sociedade contemporânea.

Enquanto alguns estudiosos argumentam a favor da criação de novas categorias para capturar as nuances das diferentes experiências geracionais, outros defendem uma compreensão mais holística e abrangente das gerações.

A proposta de uma "geração global" surge como uma alternativa para evitar a redução ou privação de determinados grupos sociais, reconhecendo que as fronteiras entre as gerações estão se tornando cada vez mais fluidas em um mundo globalizado.

No lugar de criar categorias específicas, essa abordagem busca destacar as experiências compartilhadas e as interconexões entre pessoas de diferentes origens e contextos culturais. Ao adotarmos uma perspectiva de geração global, podemos reconhecer que as experiências e os desafios enfrentados pelos jovens de hoje não se limitam a fronteiras geográficas ou culturais.

Por outro lado, observa-se a sustentabilidade de tendências globais, como avanços tecnológicos, mudanças climáticas, migração e conectividade digital.

Essa compreensão mais ampla das gerações possibilita uma análise mais profunda das dinâmicas sociais e culturais em escala global, ao mesmo tempo em que valoriza a diversidade de experiências individuais dentro desses contextos mais amplos.

Assim, a ideia de uma geração global nos convida a refletir sobre interconexão e solidariedade diante dos desafios comuns que enfrentamos enquanto sociedade global.

A partir de toda essa reflexão no campo das gerações e da experiência vivenciada no território pesquisado, uma possível categoria global geracional para os moradores de territórios periféricos e participantes desta pesquisa poderia ser denominada "*Geração Asas*".

Essa designação evoca a ideia de que esses jovens, juntamente com líderes comunitários e, especialmente, os participantes do estudo, são formados por suas experiências compartilhadas de resistência e luta contra as desigualdades estruturais que permeiam seus contextos urbanos periféricos.

Conforme destacado por Beck e Beck-Gernsheim (2007), essa geração se caracteriza por sua capacidade de enfrentar os desafios impostos pela periféricoização social, buscando formas criativas de sobrevivência e promovendo solidariedade comunitária.

Além disso, essa geração demonstra um compromisso com a mobilização política como meio de transformação de suas realidades. Os integrantes da “*Geração Asas*” não apenas sobrevivem em condições adversas, mas também se organizam coletivamente para reivindicar seus direitos, promovendo mudanças significativas em suas comunidades.

3. ECOS DE UM TERRITÓRIO: ACORDES, AFETOS, RITMOS, MOVIMENTOS E SILÊNCIOS

“Entre o céu e a terra (é com efeito o lugar dos pássaros), há mais coisas que a nossa vã filosofia não explica com facilidade”.
(Étienne Souriau)

A seção intitulada "*Ecos de um Território*", que considera seus acordes, afetos, ritmos, movimentos e silêncios, é uma tentativa ousada, inspirada nas obras de Despret (2022), professora, filósofa e psicóloga associada à Universidade de Liège, na Bélgica. Seus trabalhos são referência nas discussões sobre relações multiespécies, com ênfase na análise da relação entre cientistas e animais a partir da etologia.

Contrariamente ao que se poderia pensar acerca de suas pesquisas e descobertas, Despret (2022) não busca humanizar os animais ou inferir uma perspectiva humana para abordar os seres humanos. Ao contrário, a estudiosa consegue algo mais detalhado, especialmente na obra "*Habitar como um Pájaros: Modos de Hacer y de Pensar los Territorios*", publicada pela Editora Cactus em 2022.

"*Habitar como um Pájaros*" nos convida a um voo em um reino onde os modos de fazer e pensar os territórios transcendem a mera demarcação física. Neste contexto, somos instigados a adotar uma perspectiva alada, a enxergar o mundo mediante os olhos das aves e a compreender os complexos padrões que regem suas relações com o ambiente que habitam.

Os pássaros não apenas ocupam espaços; eles influenciam esses locais de acordo com suas necessidades e desejos, oferecendo um caminho reflexivo para o entendimento de territórios.

A partir da visão poética de Despret (2022) sobre o habitat das aves, podemos deduzir que o conceito de território abrange não apenas a delimitação geográfica, mas também as interações sociais, culturais e políticas que ocorrem nesse espaço.

No habitat dos pássaros, manifesta-se uma dinâmica multifacetada de relações entre os seres vivos e o meio ambiente, onde noções de posse, pertencimento e poder desempenham papéis centrais (Despret, 2022).

Assim como os pássaros constroem ninhos entrelaçados, definem rotas migratórias e estabelecem padrões complexos de comunicação, como relata a pesquisadora, acreditamos que os moradores de um território também possuem habilidades únicas para transformar o espaço que os rodeia.

Despret (2022) nos convida a repensar o território a partir de outros sentidos, levando em conta outras dimensões, criando novas relações e ouvindo outras vozes. Sua principal contribuição reside em trazer à luz essas outras dimensões.

Nesse sentido, o espaço torna-se território ao ser territorializado, o que vai muito além das categorias convencionais de "*território*" ou "*espaço*", adentrando um universo profundo de interações, marcado por uma teia complexa de relações sociais, culturais e ambientais.

Esses atos não se limitam a demarcações físicas ou geopolíticas; abrangem uma gama de manifestações que refletem a constante negociação e reafirmação de identidades, poderes e pertencimentos (Despret, 2022).

Para Despret (2022), quando os pássaros tocam o solo, algo extraordinário acontece. O pouso deles não é apenas um ato de descanso, mas uma afirmação silenciosa de pertencimento e domínio sobre o espaço. Com uma habilidade singular, eles criam lares e demarcam territórios, longe das narrativas convencionais da sociedade.

Nesta seção, o objetivo é extrapolar as margens do convencional, especialmente no estudo de um território periférico da cidade de Uberaba-MG, onde os ecos reverberam de forma distinta.

Aqui, as fronteiras são menos definidas e os limites, mais fluidos, permitindo uma sociedade mais reflexiva, com uma visão mais inclusiva e progressista para os territórios periféricos.

Busca-se garantir que todas as pessoas que vivem nessas áreas tenham oportunidades iguais, acesso a recursos e uma voz significativa nas decisões que afetam suas vidas.

3.1 ENTRE ACORDE E O CONCRETO: O PULSAR VIBRANTE DE UM TERRITÓRIO PERIFÉRICO DA CIDADE DE UBERABA-MG

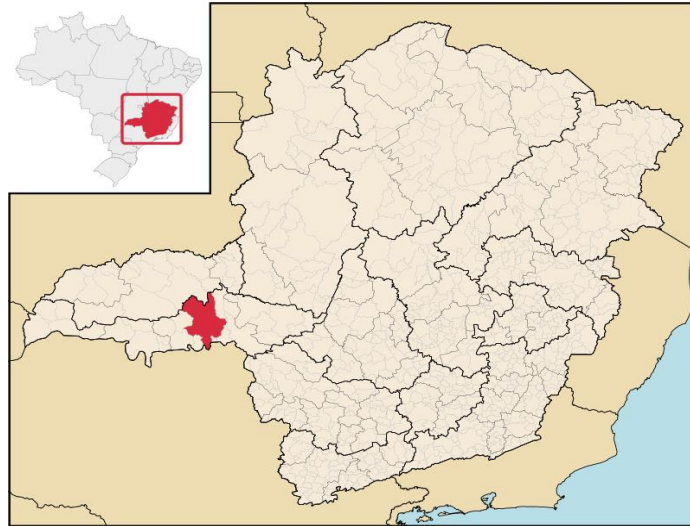
Antes de adentrar no conceito polissêmico de território periférico ou mesmo daquele que reside à margem, é importante situar a cidade à qual ele pertence. O território que ora apresentamos pertence à cidade de Uberaba, MG.

O nome da cidade de Uberaba, localizada em Minas Gerais, deriva da língua tupi e significa "águas cristalinas". Essa denominação surgiu no século XVIII. Na língua tupi, "uba" reflete o significado de "água", enquanto "raba" se refere a "cristalino" ou "limpo" (Prefeitura de Uberaba, 2024).

Uberaba é um município brasileiro situado no interior do estado de Minas Gerais (Fig. 3), na Região Sudeste do país. Localiza-se no Triângulo Mineiro, a 481 km a oeste da capital

estadual, Belo Horizonte. Possui uma área de 4.523,957 km², e sua população, segundo o censo de 2022, é de 337.846 habitantes, configurando-se como o sétimo município mais populoso do estado de Minas Gerais (Prefeitura de Uberaba, 2024).

Figura 3. Localização da cidade de Uberaba-MG



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>, acesso dia 05 de março de 2024.

Sob a perspectiva da História Cultural e Social da cidade de Uberaba, MG, a análise do coronelismo revela um fenômeno político com grande influência ao longo da história do Brasil, incluindo a cidade de Uberaba.

No período colonial e durante boa parte do século XIX, o coronelismo manifestava-se por meio do controle político exercido por grandes proprietários rurais, os chamados "coronéis", que detinham poder econômico e social sobre vastas extensões de terras e comunidades locais (Fonseca, 2013; Araújo, 2011).

Desde 1888, alguns fazendeiros começaram a estabelecer contatos comerciais com a Índia, visando melhorar a qualidade do gado crioulo. Como resultado, iniciou-se a importação de gado Zebu, rapidamente transformando Uberaba em um centro de referência na bovinocultura (Rezende, 2003).

Entretanto, em 1895, a cidade enfrentou uma crise no comércio, que resultou na decadência de diversas profissões e levou a população a se voltar para a lavoura e à indústria (Fonseca, 2013).

A Câmara Municipal de Uberaba enfrentou graves dificuldades financeiras ao longo de 1905, resultando na supressão das escolas municipais e na iluminação pública, que ainda dependia de querosene.

A falta de recursos afetou o abastecimento de água, a infraestrutura urbana e outros serviços públicos essenciais, levando a cidade a um estado de degradação. Privados de influência política a nível estadual e desprovidos de reconhecimento público para legitimar sua representação, os coronéis locais assumiram o papel de líderes autoritários e dominadores (Fonseca, 2014).

O mandonismo, como argumenta Carvalho (1997), refere-se à dominação personalizada exercida por líderes locais, conhecidos como "mandões", "potentados" ou "coronéis", que controlavam recursos estratégicos, como a terra, e exerciam poder arbitrário sobre a população, restringindo seu acesso ao mercado e à esfera política.

Em Uberaba- MG, o mandonismo parece ter sido a norma nas relações entre as oligarquias e a população, com numerosos relatos de vinganças, perseguições, prisões e castigos infligidos pelos poderosos líderes locais (Fonseca, 2014; Castro, 2006).

Com o declínio do comércio, a pecuária ganhou destaque, consolidando-se especialmente a partir de 1906, quando ocorreu a primeira exposição de gado Zebu na região. A partir desse momento, Uberaba se tornou conhecida principalmente por sua atividade pastoril, em detrimento do comércio urbano (Rezende, 2003).

Um aspecto notável da sociedade uberabense nesse período foi a cultura ostentatória da elite agrária, que vivia luxuosamente em uma cidade subdesenvolvida. Essa ostentação era evidenciada pela construção de palácios extravagantes, símbolos da riqueza dos pecuaristas e da afirmação do poder simbólico das elites agrárias, em meio à pobreza generalizada, com ruas mal calçadas, iluminação irregular, sistema de água precário e uma população que sofria com doenças (Wagner, 2006).

A suposta "revolução urbanística" de Uberaba, destacada por Wagner (2006), durante a fase áurea do Zebu, não alcançou toda a cidade, servindo mais como uma demonstração do poder econômico dos criadores de Zebu, deixando marcas isoladas na paisagem urbana.

Além do histórico de violência física e simbólica registrado na história do município, Silva (2004) ressalta que, como ocorreu em todo o país, as elites uberabenses não hesitaram em empreender esforços políticos e jurídicos para criminalizar, especialmente, ex-escravos e imigrantes que passaram a participar, nesta época, com mais autonomia no espaço público.

Conforme destacado por Fontoura (1999), a questão da imigração crescia na cidade, assim como em todo o Brasil, e estava intimamente ligada a dois aspectos principais: por um lado, havia a necessidade de suprir a demanda por mão de obra em uma sociedade que recentemente havia abolido a escravidão; por outro lado, existia o ideal de "aperfeiçoamento".

A expressão “aperfeiçoamento” refere-se à ideologia que conectava a imigração a uma necessidade social e econômica, além de um desejo cultural de formação da identidade nacional brasileira em um contexto pós-escravidão.

Essa ideia de aperfeiçoamento racial e cultural refletiu-se nas políticas de imigração e na maneira como os imigrantes foram percebidos e tratados na sociedade brasileira ao longo do tempo.

Um dos teóricos da raça no Brasil com grande influência no século XIX, Gobineau (1816-1882), previu uma possível extinção da população brasileira em menos de três séculos, devido à sua suposta composição racial "mulata", considerada "sangue viciado" e "espírito viciado", além de descrever sua aparência como "feia de dar medo" (Fontura, 1999).

Influenciado por essas ideias, o deputado federal de Uberaba, Fidélis Reis (1880-1962), nome em homenagem ao qual uma escola estadual da cidade foi denominada, emergiu como um dos mais fervorosos defensores do "branqueamento da raça" no Congresso Nacional (Fontura, 1999).

Enquanto relator do substitutivo na Câmara dos Deputados que autorizava o governo a estimular a colonização de famílias de agricultores europeus, ele propôs um rigoroso controle sobre a imigração destinada ao Brasil, de forma a impedir a entrada de todo e qualquer elemento julgado nocivo à formação étnica, moral e psíquica da nacionalidade.

Em outras palavras, isso implicava na proibição expressa de colonos de raça preta e na limitação da imigração "amarela", conforme relata Fontoura (1999).

Além das razões de ordem étnica, moral, política, social e, talvez, mesmo, econômica, que nos levam a repelir in limine a entrada do amarelo e do preto no caldeamento que se está operando sob o nosso céu, neste imenso cenário, outra porventura existe, a ser considerada, que é o ponto de vista estético e a nossa concepção helênica da beleza jamais se harmonizaria com os traços provindos de uma semelhante fusão racial (Câmara dos Deputados, 1952).

De maneira naturalizada, os coronéis reivindicavam o direito de prender, castigar ou expulsar da cidade pessoas cujas origens se encontravam na própria composição étnica e social. Esse grupo era constituído por condenados da justiça, judeus deportados pelos soberanos, criminosos homiziados, colonos trazidos pelos donatários, índios escravizados e negros da Guiné; ou seja, qualquer indivíduo que considerassem indesejável, consolidando esse poder nas práticas cotidianas (Fonseca, 2014; Wagner, 2006; Rezende, 1983).

Outro fato histórico relevante na cidade de Uberaba-MG é a política de estímulo à imigração promovida pelo governo brasileiro, conforme indicado por Silva (2006). No final do

século XIX, essa política visava atrair famílias sírias e libanesas para o Brasil, muitas das quais se estabeleceram na região do Triângulo Mineiro, especialmente em virtude da expansão dos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Esses imigrantes, conhecidos como mascates, desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento comercial da região, especializando-se na venda de uma variedade de produtos nas fazendas e vilas do interior, ao percorrer longas distâncias montados em burros carregados de mercadorias (Fontoura, 2001).

Muitos desses imigrantes eventualmente estabeleceram lojas comerciais nas cidades, integrando-se, assim, à vida social local. No entanto, a presença desses imigrantes também provocou reações diversas.

Em Uberaba, embora a população em geral os tivesse recebido bem, muitos enfrentaram preconceito e dificuldades com os fazendeiros locais. Fontoura (2001) descreve que os comerciantes locais, sentindo-se ameaçados, expressaram certa xenofobia por meio dos jornais.

A partir de toda essa contextualização sombria registrada na história da cidade de Uberaba-MG, percebe-se que ela foi, por muito tempo, governada por coronéis xenofóbicos e racistas, cujo legado vergonhoso ainda perdura.

Embora o poder desses líderes tenha diminuído, as marcas de sua intolerância persistem, manifestando-se em formas sutis e flagrantes de exclusão e periféricoização que continuam a assombrar especialmente pessoas que residem em bairros periféricos, como foi percebido no desenvolvimento desta pesquisa.

A história de Uberaba-MG é uma narrativa complexa de divisões profundas e injustiças arraigadas. Os coronéis, com sua agenda de exclusão e supremacia, moldaram o tecido social da cidade, deixando cicatrizes que resistem ao tempo.

Neste sentido, torna-se claro que os desafios enfrentados pelas comunidades periféricas, como barreiras sistêmicas e discriminação institucionalizada, refletem a persistência do preconceito arraigado com profundas raízes na história da cidade.

Essas injustiças históricas formaram as estruturas e normas que continuam a afetar negativamente as comunidades periféricas até os dias de hoje. Portanto, compreender a história da cidade é essencial para abordar efetivamente os problemas atuais de exclusão e periféricoização, reconhecendo que essas questões possuem raízes profundas que exigem uma resposta igualmente profunda e transformadora.

3.2 POUSANDO NA CIDADE DE UBERABA-MG: CÊ É FI DE QUEM?

A construção da identidade social em Uberaba revela uma teia complexa entre a tradição da ascendência familiar e os poderes simbólicos exercidos pelas elites locais. Segundo Azevedo (2014), a história da cidade é marcada pela predominância da elite agrária, estabelecendo uma estrutura de poder que transcende aspectos puramente econômicos e se estende à legitimação social conferida por essas famílias.

Essa dinâmica reflete relações de poder que desempenham um papel fundamental na configuração social da região até os dias de hoje, proporcionando uma compreensão mais profunda das interações entre os diversos grupos presentes na sociedade uberabense.

Os conceitos de poder simbólico e manipulação das relações sociais são bem explorados por Bourdieu (2004), que argumenta que as trocas simbólicas e a distinção social são fundamentais para a manutenção do status nas relações de classe.

Em Uberaba, a ascendência dos clãs familiares conferiu legitimidade ao poder, permitindo sua perpetuação entre os coronéis, o que vai além da simples posse de terras e riquezas.

As elites locais utilizavam símbolos e valores associados às suas linhagens para estruturar suas relações de dominação, cultivando um forte sentimento de pertencimento e identidade comunitária—aspectos essenciais para a compreensão das dinâmicas sociais da época (Azevedo, 2014).

Além disso, as práticas de violência simbólica, caracterizadas por abusos de poder e coerção social, são relevantes nesse contexto. Leal (1978) enfatiza que a relação entre coronéis e a população era marcada por um paternalismo problemático, onde proteção e subjugação coexistiam.

Essa reflexão é complementada pelas ideias de Baczko (1985), que discute como a imaginação social molda práticas coletivas e permite a institucionalização das relações de poder. Assim, a legitimidade das elites era reafirmada por meio de simbolismos sociais, solidificando seu controle em uma população que, mesmo subjugada, buscava formas de resistência.

Essa resistência social emergia com novos atores, como imigrantes e membros da classe média, que contestavam a hegemonia dos coronéis. A crítica de Orlando Ferreira em "Terra

Madrasta⁸ aborda aspectos sensíveis das práticas oligárquicas, refletindo um profundo descontentamento com a moral e a ética das elites locais (Ferreira, 1928).

Essa luta contra a opressão das oligarquias e a busca por uma representação política mais justa tornaram-se fundamentais para a construção de uma nova narrativa na cidade.

A análise do espaço urbano e do patrimônio é essencial para entender como as elites agrícolas moldaram Uberaba. Milton Santos observa que a construção do espaço urbano não pode ser dissociada das relações de poder que o permeiam (Santos, 2004).

As intervenções urbanas, frequentemente representando a opulência das elites, contrastavam com a realidade da maioria da população, reforçando a hierarquia social existente (Azevedo, 2014).

Dessa forma, a importância do clã familiar, em consonância com os poderes simbólicos das elites locais, delineou uma estrutura social complexa marcada pela coexistência de resistência e opressão.

Embora o coronelismo tenha perdido parte de sua força com o processo de modernização e urbanização do país, ainda é possível identificar resquícios desse fenômeno em algumas práticas políticas e sociais de Uberaba, MG. Formas de poder, como clientelismo, nepotismo e patrimonialismo, têm suas raízes no coronelismo e permanecem na vida política, social e administrativa da cidade.

Uberaba é uma cidade onde tradições e laços familiares estão profundamente enraizados. É comum que as pessoas perguntem com curiosidade: "De qual família você é?". Essa pergunta carrega um contexto histórico e social significativo, referindo-se a uma época em que o poder era exercido por grandes proprietários de terra que dominavam as esferas política, econômica e social.

A influência dessas famílias era tão significativa que o nome de sua linhagem se tornava sinônimo de prestígio e poder. Mesmo com o passar do tempo e as mudanças na estrutura política, os vestígios desse coronelismo permanecem perceptíveis na cidade.

As relações sociais continuam a refletir a influência das famílias tradicionais, e o sobrenome serve como um indicativo de posição e status na comunidade. Portanto, indagar sobre a filiação de alguém ultrapassa a mera curiosidade; trata-se também de situar o indivíduo na complexa teia de relações sociais e políticas que caracteriza o ambiente local.

⁸ O livro Terra Madrasta (1928?), tece críticas à política mineira, afirmando que ela é a responsável pelo atraso do estado e exemplifica, com dados dos recenseamentos de 1872, no qual a população mineira era maior que a paulista, e de 1920, quando São Paulo já alcançava Minas em número de habitantes. Fonte: https://www.uberabaemfotos.com.br/2017/07/terra-madrasta-orlando-ferreira.html#google_vignette, acesso, 28 agost. 2024.

Por fim, retomando a pergunta "Cê é fi de quem?" não é apenas uma solicitação de identificação; representa um convite à exploração da rica tapeçaria social que define Uberaba e seu legado histórico.

Essa dinâmica é parte integrante da memória coletiva da cidade, demonstrando que as tensões sociais e as lutas por reconhecimento e representação são essenciais para a história social de Uberaba.

A análise dessas interações é fundamental para reflexões sobre as permanências e transformações que caracterizam não apenas o passado, mas também o presente da sociedade uberabense.

3.3 SINFONIA DAS MARGENS: EXPLORANDO OS ACORDES OCULTOS DE UM TERRITÓRIO PERIFÉRICO DA CIDADE DE UBERABA-MG

Para explorar, em especial, as juventudes (os pássaros que habitam esta pesquisa) dentro dos acordes ocultos de um território, que sobrevive às margens da cidade, é necessário compreender quantas camadas ocultas são precisas para compor um território periférico.

Este espaço foi o lócus da pesquisa, uma área localizada distante dos centros de poder econômico, político e social da cidade de Uberaba-MG. Sua população é, na maioria, declarada preta, com muitas mulheres mães solo que criam seus filhos sozinhas.

O território pode ser caracterizado por infraestrutura inadequada, falta de serviços básicos, condições precárias de habitação, altos índices de desemprego e periféricoização social.

Percebe-se que o território em que ocorreu a pesquisa está imerso em processos históricos de segregação urbana, políticas de desenvolvimento desigual e migração desordenada, entre outros fatores.

O espaço que ora apresentamos fica localizado na interseção das BRs 262 e 050 da cidade de Uberaba e foi criado em 1997, quando muitas famílias se deslocaram para lá de caminhão. Neste transporte, levavam histórias de luta e resistência, sendo que cada rua e cada casa são testemunhas do esforço coletivo para construir esta comunidade.

No início, as casas eram, em sua maioria, de lona, e as ruas de terra. Contudo, essa terra tornou-se mais do que um simples pedaço de solo; ela é o alicerce sobre o qual se erguem os sonhos e aspirações de seus moradores. Neste território, há residentes que guardam tijolos da construção de suas casas.

Para eles, os tijolos não são apenas blocos de construção, mas símbolos tangíveis da luta e da resistência necessárias para conquistar moradia e dignidade. À medida que o tempo passa e as memórias se esvanecem, esses tijolos permanecem como lembretes palpáveis de uma história de superação e resiliência.

Eles são preservados e passados de geração em geração, para que as futuras famílias possam lembrar-se da jornada que seus antepassados enfrentaram para garantir um lugar que pudessem chamar de lar.

Maricato (2003) reflete sobre o contexto urbano contemporâneo, caracterizado por elementos herdados dos períodos colonial e imperial. Durante essa época, a persistência da concentração de terra, renda e poder, juntamente com a influência do coronelismo e políticas de favorecimento, resultaram em desigualdades e injustiças que ecoam os padrões do passado.

A partir dos anos 1980, ocorreu um aumento significativo das periferias urbanas, e esse crescimento se manifestou na segregação espacial e ambiental no país, configurando imensas regiões nas quais a pobreza é homogeneamente disseminada, como pontua Maricato (2003).

Maricato (2003) ainda reforça que a exclusão social não pode ser quantificada de maneira exata, mas pode ser identificada por meio de diversos indicadores, como a informalidade no mercado de trabalho, a situação irregular de residência, a condição de pobreza, níveis baixos de escolaridade, ocupações informais não reconhecidas, discriminação racial e de gênero, origem étnica e, principalmente, a falta de pleno exercício da cidadania.

Esses elementos compõem um quadro complexo de exclusão social, refletindo a negação de direitos fundamentais e de participação igualitária na sociedade.

Ao elencar os elementos da exclusão social, Maricato (2003) nos transporta ao território em que a pesquisa ocorreu, onde a informalidade no mercado de trabalho é uma realidade local. Muitos moradores, incluindo a juventude, precisam omitir seu endereço para conseguir qualquer emprego.

Conforme relatos dos participantes desta pesquisa, ao inserirem o endereço desse território em seus currículos, muitas vezes enfrentam dificuldades em conseguir a vaga, devido ao estigma que recai sobre o bairro em questão.

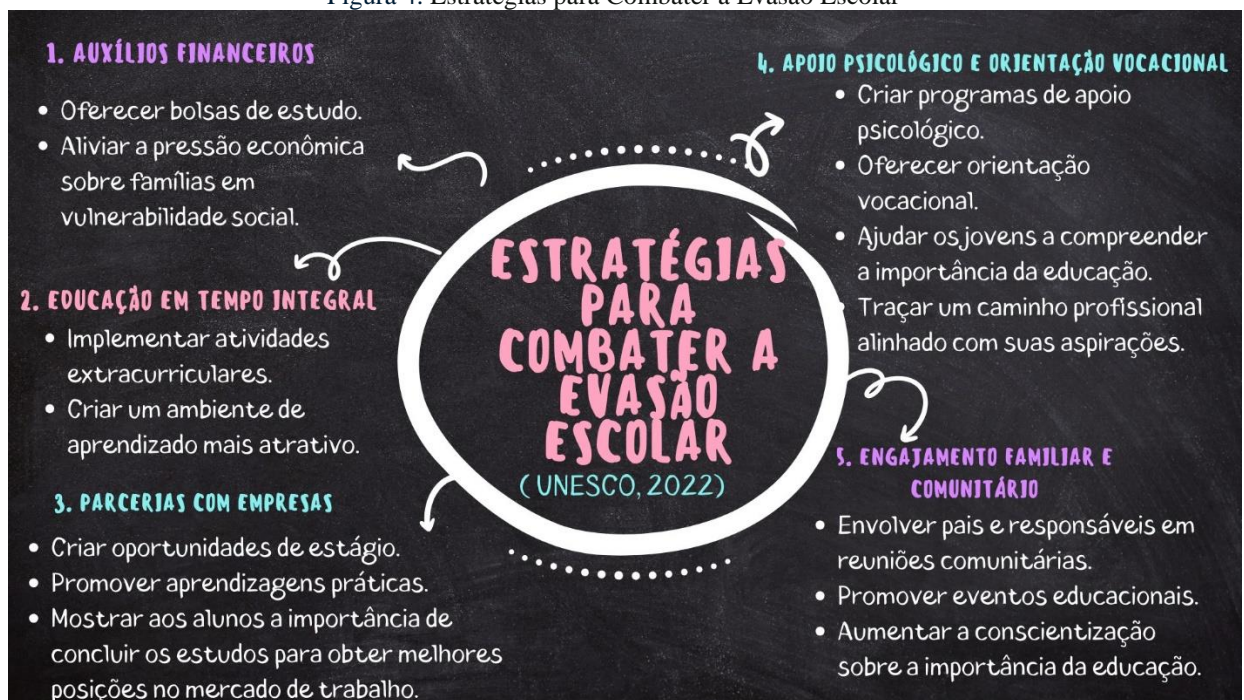
A situação irregular de residência também é uma realidade. Segundo dados do IBGE (2022), o percentual de pessoas em situação de pobreza no país atinge 31,6%, e os que vivem em extrema pobreza alcançam 5,9%.

Mesmo com uma discreta redução entre 2021 e 2022, esses dados revelam uma preocupação necessária que deve ser considerada pelos órgãos governamentais e pela sociedade como um todo.

Os níveis de escolaridade, de acordo com dados da única escola estadual presente neste território, são alarmantemente baixos. Informações fornecidas pela gestão atual da unidade escolar revelam que apenas 3% dos jovens conseguem concluir o Ensino Médio, enquanto 97% permanecem fora do ambiente escolar. A maioria desses jovens é obrigada a abandonar a escola para buscar ocupações informais, muitas vezes não reconhecidas.

Para abordar o problema da evasão escolar, é fundamental implementar estratégias que atraíam e retenham os alunos na escola. Alguns caminhos possíveis indicados no relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2022) podem ser apreciados na Figura 4.

Figura 4. Estratégias para Combater a Evasão Escolar



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em UNESCO(2022)

Implementar as estratégias apresentadas na Figura 4 pode ser fundamental para atrair e reter os alunos na escola, contribuindo para a redução da evasão escolar. De acordo com o relatório da UNESCO (2022), a evasão escolar é um fenômeno complexo que não pode ser abordado de forma isolada; ela envolve uma combinação de fatores sociais, econômicos e culturais que afetam o acesso e a permanência dos alunos no sistema educacional.

A adoção de auxílios financeiros e bolsas de estudo é uma das principais recomendações, pois pode aliviar as pressões econômicas que muitas famílias enfrentam. Quando os jovens percebem que suas necessidades básicas estão sendo atendidas, há uma maior

probabilidade de se dedicarem aos estudos, resultando em melhores taxas de permanência nas escolas.

Além disso, a implementação de um modelo de educação em tempo integral, conforme sugerido no relatório (Figura 4), não apenas aumenta o tempo dedicado ao aprendizado, mas também diversifica as experiências educacionais.

Atividades extracurriculares, como esportes, arte e ciências, podem despertar o interesse dos alunos, tornando a escola um ambiente mais atraente e engajador. Esse modelo também pode promover uma cultura colaborativa entre os alunos, facilitando a socialização e o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

As parcerias com empresas são outra estratégia eficaz destacada pela UNESCO (2022). Por meio de estágios e oportunidades de aprendizagem prática, os alunos podem perceber uma conexão direta entre sua educação e as perspectivas de emprego no futuro.

Esse tipo de iniciativa não apenas valoriza a educação, mas também oferece experiências do mundo real, essenciais para o desenvolvimento profissional dos estudantes. Isso pode ser particularmente motivador em contextos onde os alunos conseguem visualizar uma trajetória clara de sucesso após a conclusão dos estudos.

Além disso, a criação de programas de apoio psicológico e orientação vocacional é fundamental. Tais iniciativas ajudam os jovens a reconhecer a importância da educação em suas vidas e a desenvolver um plano de carreira alinhado às suas aspirações e ao mercado de trabalho. Um suporte adequado pode ser decisivo em momentos de crise pessoal, motivando os alunos a permanecer na escola e a superarem dificuldades.

Por fim, o engajamento dos pais e responsáveis é fundamental para a consolidação dessas estratégias. Reuniões comunitárias e eventos educacionais criam um espaço de diálogo e conscientização sobre a importância da educação, fortalecendo a rede de apoio ao estudante. Quando os pais estão envolvidos, os alunos costumam sentir-se mais motivados e valorizados, o que pode aumentar sua permanência na escola.

Em suma, a implementação dessas estratégias, conforme destacado no relatório da UNESCO (2022), visa não apenas a redução da evasão escolar, mas também a promoção de um ambiente educacional holístico e inclusivo. Essa abordagem integrada oferece um caminho promissor para garantir que todos os alunos, independentemente de sua origem, tenham a oportunidade de concluir sua educação e se tornarem cidadãos produtivos.

No entanto, essa mudança é ainda mais urgente diante dos dados alarmantes apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), que revelam que a taxa de evasão escolar no Brasil representa um desafio persistente. Essa situação não afeta

apenas os indivíduos, mas impacta significativamente o desenvolvimento social e econômico das comunidades como um todo. Portanto, adotar as estratégias sugeridas pela UNESCO (2022) não se trata apenas de uma melhoria na experiência educacional, mas de um passo essencial para o avanço do país em várias dimensões.

Assim, a interconexão entre as recomendações para a redução da evasão e os dados sobre a realidade educacional do Brasil ressalta a importância de ações concretas e urgentes. Investir em um sistema educacional mais inclusivo e abrangente é fundamental para transformar a realidade atual e garantir um futuro mais promissor para os estudantes e para a sociedade. Essas mudanças são ainda mais relevantes quando consideramos o contexto legal em que estamos inseridos.

A partir de dezembro de 1998, com a aprovação da Emenda Constitucional nº 20, a idade mínima para que as pessoas sejam habilitadas a trabalhar passou a ser 16 anos, salvo na condição de aprendiz, quando é permitida a idade entre 14 e 16 anos.

Essa legislação não apenas reflete uma preocupação com a proteção dos jovens, mas também ressalta a necessidade de uma educação sólida que prepare adequadamente os estudantes para o mercado de trabalho.

Portanto, ao implementar estratégias que visam reduzir a evasão escolar, devemos também considerar as implicações legais e sociais que afetam o ingresso dos jovens no mundo do trabalho.

Dessa forma, o fortalecimento da educação se torna essencial não apenas para a formação acadêmica, mas também para garantir uma transição segura e eficaz dos jovens para a vida profissional, o que, em última análise, vai impactar positivamente a economia e a sociedade como um todo. Assim, as iniciativas educacionais devem avançar em sinergia com as políticas de trabalho e desenvolvimento social, criando um ciclo virtuoso que beneficie todos os cidadãos.

Conforme a escuta dos jovens que participaram desta pesquisa, a maioria dos adolescentes deste território, ao acessar o Ensino Médio, acaba deixando a escola para buscar trabalho devido a uma série de razões complexas e interconectadas.

Entre essas circunstâncias, a principal é a situação econômica precária de suas famílias, que gera a necessidade de contribuir com a renda familiar o mais cedo possível, muitas vezes ainda na infância.

Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2022), a evasão escolar atinge mais de 500.000 jovens acima de 16 anos por ano. No Brasil, apenas 60,3% dos jovens completam o ciclo escolar até os 24 anos. Entre os

mais pobres, a porcentagem de conclusão do ensino médio é de apenas 46%, enquanto que entre os estudantes de classes mais favorecidas economicamente este número chega a 94%.

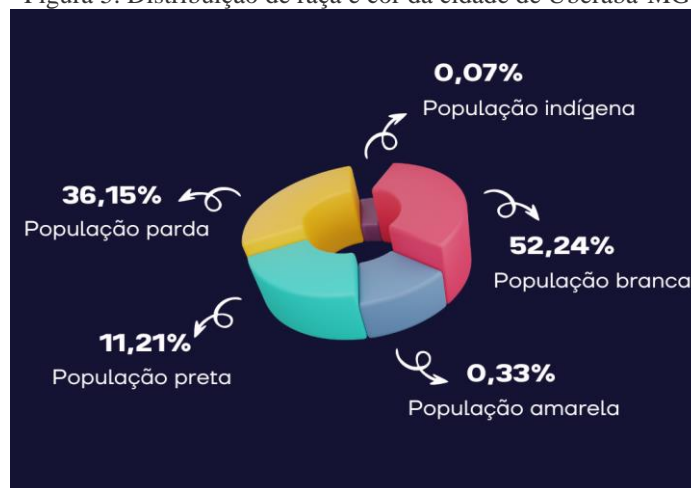
Demo (1993, p. 2) reforça que “ser pobre não é apenas não ter, mas sobretudo ser impedido de ter, o que aponta muito mais para uma questão de ser do que de ter”. Assim, a condição de pobreza não só limita o acesso a bens materiais, mas também restringe o acesso a oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Pessoas em situação de pobreza frequentemente enfrentam obstáculos significativos para melhorar suas condições de vida, como a falta de acesso à educação, crédito, formação profissional, redes de apoio social e oportunidades de emprego digno. Isso perpetua um ciclo de privação e exclusão, no qual as pessoas permanecem em uma situação de desvantagem e periféricoização.

3.4 VOOS DE IGUALDADE: POR MENOS DISCRIMINAÇÃO RACIAL OU DE GÊNERO EM AMBIENTES SOCIETÁRIOS

Segundo consulta ao site da Prefeitura Municipal de Uberaba (2024), a população da cidade é de aproximadamente 337.846 pessoas. Dentre essas, há uma distribuição da cor autodeclarada pelos moradores, conforme apresentado na Figura 5.

Figura 5. Distribuição de raça e cor da cidade de Uberaba-MG



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberaba (2024)

Analisando a Figura 5, percebe-se a predominância da população branca entre os moradores da cidade de Uberaba-MG, que representa pouco mais de 52% do total. Isso indica que os brancos têm uma presença significativa e possivelmente exercem influência em vários aspectos da vida na cidade, como política, economia e cultura.

Ainda na Figura 5, é possível observar a porcentagem de pessoas pardas, que constituem uma parcela substancial da população, representando mais de um terço do total. Os grupos de pretos, indígenas e amarelos, por sua vez, são numericamente menores, com representações de 11,21%, 0,07% e 0,33%, respectivamente.

Outro dado que chama a atenção é que, do total da população estimada em 337.846 habitantes, aproximadamente 23.873 são beneficiárias do Programa Bolsa Família, correspondendo a 7% da população total do município. A maioria dos responsáveis pela Unidade Familiar é composta por mulheres, totalizando 21.629 pessoas, ou seja, 90,6% (Prefeitura de Uberaba, 2024).

Esses dados podem refletir desafios de representatividade e inclusão para esses grupos minoritários em áreas como emprego, educação e acesso a serviços públicos. A discrepância entre os diferentes grupos étnico-raciais e a porcentagem significativa de mulheres responsáveis por suas unidades familiares sugerem a existência de disparidades socioeconômicas e estruturais na cidade de Uberaba-MG.

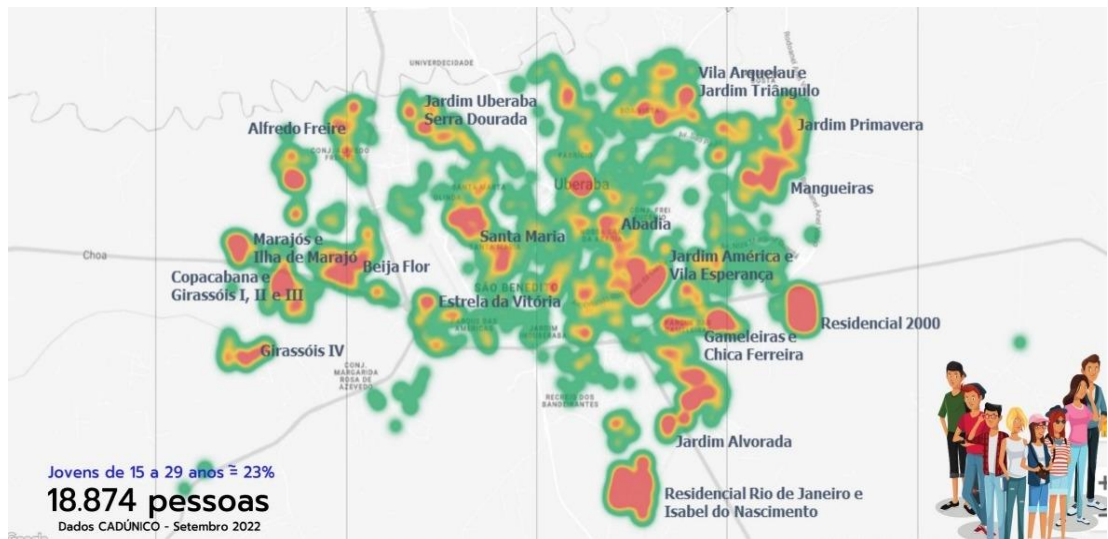
Conforme a escuta dos participantes desta pesquisa, acredita-se que os grupos minoritários que vivem em territórios periféricos enfrentem maiores obstáculos no acesso a oportunidades de emprego, educação de qualidade e cuidados de saúde, em comparação com a população branca. Esses dados também podem revelar de maneira preocupante as dinâmicas urbanas, nas quais a concentração desproporcional de pessoas negras em bairros periféricos pode ser uma realidade.

Apesar das mudanças significativas nas dinâmicas urbanas nos últimos anos, especialmente em relação à localização dos condomínios de luxo, que tradicionalmente eram encontrados em áreas centrais ou em bairros nobres, atualmente, no município de Uberaba-MG — e acreditamos que em outras cidades também — há uma tendência entre os condomínios da classe alta de buscar lugares mais afastados para o desenvolvimento desses empreendimentos imobiliários, conferindo-lhes uma sensação de exclusividade e segurança. Com menos acesso público e maior controle de circulação, os residentes podem se sentir mais protegidos e vivenciar uma sensação de comunidade nobre mais coesa.

Embora essa tendência beneficie aqueles que buscam um estilo de vida exclusivo, acreditamos que essa situação levanta questões sobre desigualdade socioeconômica e acesso desequilibrado a recursos e serviços urbanos, especialmente para pessoas que residem em territórios periféricos. É necessário refletir sobre o crescimento de condomínios de luxo em áreas afastadas ou não, levando a pensar que esses movimentos urbanos contribuem para a fragmentação do tecido social e o aumento da segregação urbana.

Temos ciência, à luz da história da cidade de Uberaba-MG, de que essa realidade pode ser o resultado de uma série de fatores históricos, econômicos e sociais que perpetuam a desigualdade e a exclusão racial. Já a população jovem com idade entre 15 e 29 anos corresponde a uma porcentagem aproximada de 23%, segundo dados do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (Brasil, 2022), cuja distribuição por bairros pode ser apreciada no mapa de calor apresentado na Figura 6.

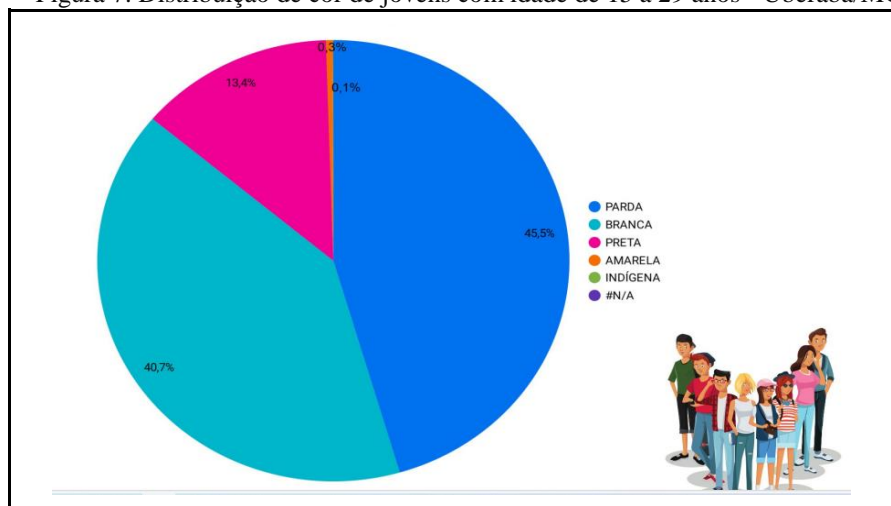
Figura 6. Distribuição Geográfica de jovens da cidade de Uberaba-MG por mapa de calor



Fonte: Ministério da Cidadania (2022)

Ao analisar a Figura 6, percebe-se uma quantidade expressiva de jovens nos territórios que circundam as margens da cidade de Uberaba/MG. A partir desse mapa, apresentamos a distribuição de jovens de acordo com sua cor autodeclarada (idade de 15 a 29 anos) na Figura 7.

Figura 7. Distribuição de cor de jovens com idade de 15 a 29 anos - Uberaba/MG



Fonte: Ministério da Cidadania (2022)

Considerando que o território no qual ocorreu a pesquisa concentra aproximadamente 12.000 moradores e que, entre eles, há 1.052 jovens, conforme dados da Superintendência da Juventude de Uberaba-MG (2024), um dos maiores territórios periféricos da cidade, e que, dessas 12.000 pessoas, 99,9% se autodeclaram pretas, não é difícil perceber que há uma concentração desproporcional de pessoas negras em bairros periféricos e marginais, especialmente na faixa etária de 15 a 29 anos.

Esses dados nos mostram que, mesmo após a abolição da escravidão, a segregação persiste por meio de práticas como o apartheid urbano, no qual pessoas pretas foram e talvez ainda sejam proibidas de viver em determinadas áreas, sendo forçadas a se instalar em bairros periféricos ou favelas.

Neluheni (2023) nos mostra, a partir de um estudo voltado para a África do Sul, num contexto de poucos anos após o término do apartheid, com a eleição de Nelson Mandela em 10 de maio de 1994, que ainda hoje, em outro continente, esse processo insiste no tempo e no espaço.

O espaço foi a ferramenta mais eficaz do regime do apartheid, indicando, enquanto espaço de descontentamento ou mesmo segregado racialmente, que ainda hoje carrega traços desse trágico movimento (Neluheni, 2023).

Neluheni (2023) vai além das questões marginais, acrescentando que muitos problemas sociais nos bairros periféricos, entre eles a criminalidade, podem ser atribuídos aos responsáveis pelo urbanismo das cidades, especialmente pela falha em responder aos diversos problemas sociais vivenciados pela maioria dos moradores desses espaços, como pobreza, analfabetismo, desemprego e, mais importante, a falta de respeito pelos seus próprios valores culturais.

A população das cidades, ou ainda, como trata a pesquisadora Neluheni (2023, p. 220), as “outras” populações, ainda considera os territórios periféricos como insalubres, degradados e ocupados por pessoas “vagabundas” e marginais, cuja presença exige cuidado e desconfiança a todo momento. Dessa forma, perpetua-se o “abismo criado durante os anos do apartheid”, evidenciando que o espaço não é demarcado somente por fronteiras físicas; as barreiras sociais também precisam ser consideradas.

Artaud (1988, n.p.), um dramaturgo, poeta, ator e teórico do teatro francês do século XX, é conhecido por suas ideias revolucionárias sobre o teatro e sua busca por formas de expressão artística que transcendessem as convenções tradicionais. Ele nos provoca: “O que há de grande no homem é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se no homem é ser uma transição e um ocaso. Majoritário por excelência: ‘homem-branco, adulto-macho’”.

Logo, essa reflexão nos oferece uma interpretação crítica e provocativa sobre a concepção tradicional do "homem-branco, adulto-macho", frequentemente vista como dominante e hegemônica. Sugere, ainda, que a verdadeira grandeza do ser humano não reside em se tornar uma meta estática e finalizada, mas sim em ser uma ponte, um elo entre diferentes aspectos da vida e da experiência humana, onde a verdadeira expressão humana vai além das limitações impostas por essas categorias.

3.5 TECENDO CAMINHOS: O DIREITO À CIDADE DAS PONTES SOB A PERSPECTIVA DO VOO DOS PÁSSAROS

Poderíamos nos perguntar acerca das cidades de hoje: esse direito realmente existe? Ou, sendo mais específicos, na cidade de Uberaba-MG, esse direito é uma realidade para todos ou para poucos?

Concordamos com Libânio (2023) que o direito à cidade deve pressupor práticas efetivas de acesso às oportunidades de compartilhamento e transformação social. Dessa forma, o acesso deve ser pensado e repensado como uma concretização dos direitos garantidos por lei, especialmente para as pessoas menos favorecidas economicamente.

Não se trata apenas de um paradigma de promessas rasas ou de faz de contas; para que, de fato, ocorram mudanças no cotidiano e o direito à cidade possa ser uma realidade concreta (Libânio, 2023).

Para Lefebvre (2001), o direito à cidade é defendido não apenas como uma condição essencial para a sociedade urbana, mas como uma profunda transformação que vai além do aspecto econômico, constituindo-se como uma revolução política e cultural contínua, incluindo o direito à riqueza e ao poder.

Sob esta ótica, Marques e Torres (2004) refletem que o acesso não se limita simplesmente à disponibilidade de oportunidades dentro do território, independentemente de quais sejam.

O acesso implica ter não apenas oportunidades, mas também os recursos necessários para aproveitá-las plenamente. Quando os grupos sociais carecem desses recursos, as oportunidades permanecem acessíveis apenas para alguns.

Nessa linha, é essencial não apenas expandir a oferta de serviços e oportunidades, mas também proporcionar aos indivíduos os recursos necessários para aproveitá-las. Sem esses recursos, sejam eles individuais ou coletivos — como educação, cultura, informação e

participação em diferentes grupos — e sem a formação de redes, os indivíduos nunca conseguirão acessar plenamente o que a cidade tem a oferecer (Marques; Torres, 2004).

Libânio (2023) reforça que, para além da construção de infraestrutura e instalações comunitárias, é essencial assegurar o acesso aos serviços, ao entretenimento, às expressões culturais, à educação dentro e fora do ambiente escolar, à troca de experiências, à utilização dos espaços públicos, à participação na tomada de decisões, ao engajamento político e à criação de significados simbólicos.

Em suma, é necessário promover a integração da cidade, estabelecendo conexões entre as diversas camadas da sociedade e reduzindo, assim, as disparidades existentes, sejam elas relacionadas aos jovens ou à comunidade de territórios periféricos de forma geral.

Para este movimento de conexão, Libânio (2023) nos alerta para não armazenarmos ingênuas esperanças, não se devendo esperar que os conflitos e as diferenças das sociedades possam se dissolver de forma natural, tornando-se um só corpo. Colaborando, assim, com a ideia de ponte, que pode ligar dois lados diferentes ou, ainda, dois territórios que, apesar de próximos, não estão juntos, trazendo entre si um “fosso, uma barreira, um gap ou hiato a transpor” (Libânio, 2023, n.p.).

Artaud (1988) compreende a ponte como uma conexão, facilitando a passagem de algo para outro, sendo um elo entre diferentes estados ou realidades. Isso implica um papel dinâmico e ativo, onde o indivíduo se torna um agente de ligação entre diferentes aspectos da vida, pessoas ou ideias.

Salles (2023) argumenta que a metáfora da ponte destaca a noção de integração, ao invés de separação, pois ela é capaz de superar o distanciamento entre as extremidades, tornando essas conexões mais visíveis e quantificáveis. Essa perspectiva sugere que as pontes não apenas ligam lugares físicos, mas também aproximam ideias, culturas e pessoas, criando laços que favorecem a interação e o entendimento mútuo.

Libânio (2023) enfatiza a importância de garantir o direito à cidade como forma de amenizar as diferenças entre os territórios periféricos e a área urbana. Ele elenca seis dimensões essenciais, que podem ser conferidas na Figura 8.

Figura 8. Dimensões Essenciais para Construir uma Cidade das Pontes



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Libânio (2023)

Libânio (2023, n.p.) afirma que “a construção de uma cidade das pontes necessariamente passa pela garantia do direito à cidade” e, para alcançar esse objetivo, elenca seis dimensões essenciais que podem ajudar a amenizar as diferenças entre os territórios periféricos e a área urbana.

Essas dimensões apresentadas na Figura 8 são fundamentais para compreender as múltiplas facetas do direito à cidade e seus impactos nas comunidades.

A primeira dimensão é econômica, que abrange emprego, renda, consumo e a reprodução da vida. A promoção de oportunidades econômicas é fundamental para que os habitantes de áreas periféricas tenham acesso aos recursos necessários para uma vida digna.

Em seguida, a dimensão espacial/territorial refere-se ao provimento e à apropriação dos serviços urbanos, infraestrutura, localização das moradias, deslocamentos dentro da cidade e condições gerais de habitabilidade. Essa dimensão é essencial, uma vez que a qualidade do espaço urbano impacta diretamente o bem-estar das comunidades.

A terceira dimensão, política, destaca a importância de garantir os direitos de cidadania, a capacidade de influenciarem decisões que os afetam e a construção de formas coletivas de vida. A participação efetiva das populações nas esferas decisórias é primordial, pois assegura que suas vozes sejam ouvidas e que suas necessidades sejam atendidas.

Complementando essas dimensões, a esfera simbólica é centrada nos elementos de identidade, afeto, convivência e pertencimento. Essa dimensão permite discutir as barreiras simbólicas e como as pessoas se apropriam do espaço, refletindo na efetiva vivência coletiva na cidade.

A quinta dimensão, relacional, enfatiza a importância da informação e da formação de redes sociais, que incluem conexões individuais, pessoais e comunitárias. Essas redes são fundamentais para alterar as dinâmicas de poder e promover uma maior coesão social.

Por último, a dimensão cultural abrange fatores como educação, informação, expressão artística e acesso ao conhecimento, constituindo um pilar essencial para transformar as realidades locais.

Concordamos com Libânio (2023) ao enxergar a dimensão cultural como um elemento fundamental do direito à cidade, que concretiza a visão de um espaço urbano interconectado por pontes.

Assim como Libânio (2023) conduziu estudos em comunidades de baixa renda no Brasil, observamos, no território pesquisado, o papel vital da cultura na superação dos desafios enfrentados por essas populações em sua busca pelo acesso e reivindicação de seus direitos à cidade.

Em particular, grupos como os de rap e grafiteiros do bairro, compostos majoritariamente por jovens da comunidade, desempenham um papel significativo nesse processo.

Embora tenham ocorrido avanços na oferta de serviços e infraestrutura nos últimos trinta a quarenta anos, também testemunhamos retrocessos, especialmente no que diz respeito à participação da comunidade nas decisões políticas. Essa realidade ressalta a necessidade de revisar e fortalecer os mecanismos de participação cidadã.

Neste contexto, a cultura se destaca como um recurso valioso para a transformação social, sendo impulsionada por diversos fatores, como o aumento da escolaridade, o engajamento da juventude em atividades culturais e a ampliação das perspectivas de mundo por meio da educação informal.

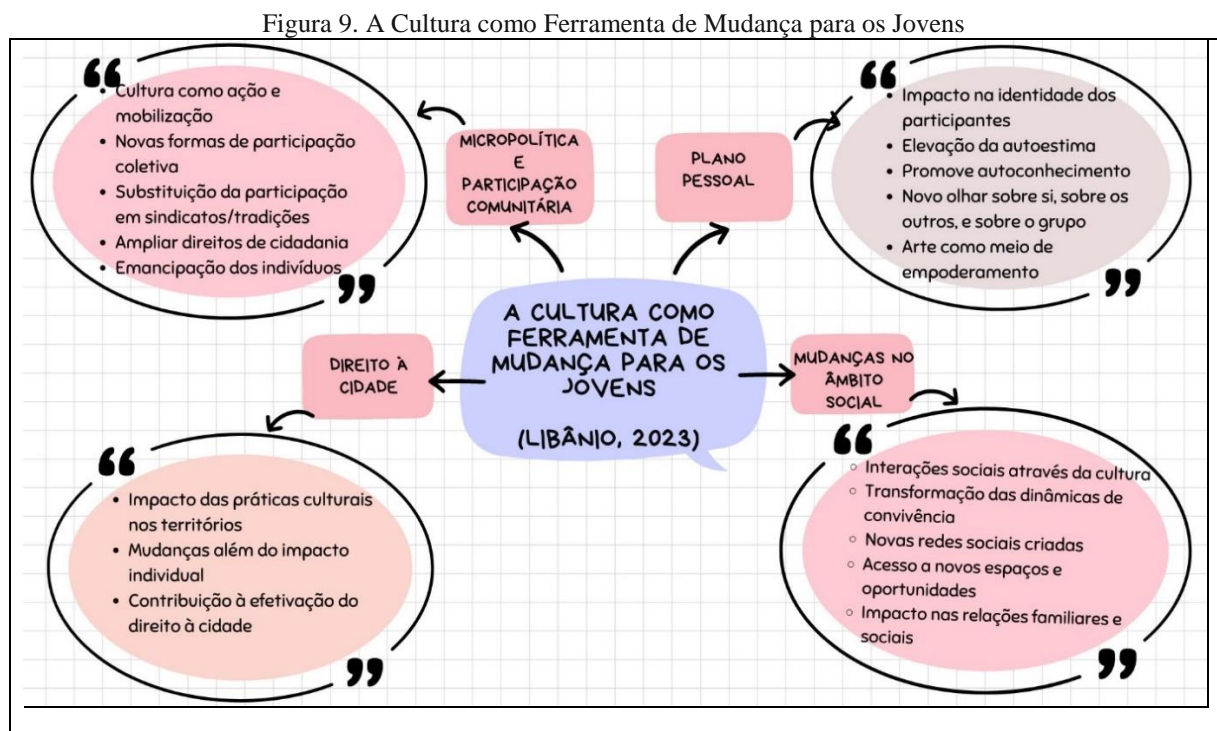
Além disso, a criação de conexões com novos grupos sociais e comunidades externas, corroborando o que Libânio (2023) aponta, evidencia a cultura como um motor para reivindicações sociais e alterações na dinâmica urbana.

A construção de uma cidade das pontes transcende questões de infraestrutura, representando um compromisso com a inclusão, a equidade e o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o tecido social urbano.

Tal como Bourdieu (2011) e Libânio (2023) enfatizam, um aumento no capital cultural e social resulta na ampliação do acesso dos residentes de áreas periféricas às oportunidades urbanas, mesmo na ausência de recursos financeiros significativos.

Para os jovens dessas comunidades, a cultura se revela como uma ferramenta essencial e catalisadora de mudança. Através da imersão em manifestações culturais, esses jovens descobrem novos meios de expressão pessoal, interação social e engajamento político.

Nesse contexto, Libânio (2023, n.p.) propõe transformações em várias direções, que podem ser apreciadas na Figura 9.



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Libânio (2023)

Conforme exposto na Figura 9, Libânio (2023, n.p.) propõe transformações significativas em várias direções, destacando o papel fundamental da cultura na vida dos jovens.

Em primeiro lugar, no plano pessoal, o envolvimento em atividades culturais exerce um impacto positivo na construção da identidade dos participantes.

Ao se engajar na produção cultural, esses jovens não apenas elevam sua autoestima, mas também promovem o autoconhecimento, o que facilita a criação de uma nova imagem de si mesmos, em relação aos outros e ao seu grupo. Dessa forma, a arte atua como um agente de transformação que fortalece suas identidades, proporcionando um profundo senso de empoderamento.

Em segundo lugar, o engajamento com práticas culturais, que podemos chamar de “cultura como ponte”, gera alterações no âmbito social, afetando diretamente o grupo imediato.

A interação com diferentes expressões artísticas transforma as dinâmicas de convivência entre diversos grupos nas comunidades periféricas.

Esse contato possibilita que os participantes interajam com pessoas de outras realidades, estabelecendo novas redes sociais, ampliando seus contatos e acessando novos espaços e oportunidades. Além disso, essa troca cultural contribui para a transformação de seus próprios grupos sociais e familiares, ao introduzir novos conceitos, experiências e práticas.

Por outra parte, a ideia de “cultura como ação” revela mudanças importantes no nível da micropolítica e na participação comunitária. O envolvimento em atividades artísticas impulsiona novas formas de mobilização, que surgem como respostas ao declínio da participação em espaços tradicionais, como sindicatos e associações de moradores. Isso resulta em formas de ação coletiva que não apenas ampliam os direitos de cidadania, mas também promovem a emancipação dos indivíduos, permitindo que eles se tornem agentes ativos em suas comunidades.

Por fim, vale ressaltar que as transformações induzidas pelas práticas culturais nos territórios transcendem o impacto individual imediato, contribuindo de forma significativa para a efetivação do direito à cidade em diversos níveis.

Essas mudanças reforçam a importância da cultura como uma ferramenta poderosa de transformação social, ressaltando seu importante papel na construção de um futuro mais justo e inclusivo para os jovens de comunidades periféricas.

Libânio (2023) caracteriza uma cidade conectada por pontes, onde a cultura e suas práticas facilitam a transição entre diferentes classes sociais, estilos de vida diversos, visões de mundo contrastantes e situações cotidianas inicialmente inconciliáveis.

Nesta "cidade das pontes", o encontro, a celebração, a interação social e a ocupação de espaços públicos por meio da cultura promovem processos transformadores que vão além do mero entretenimento e da apreciação estética. Assim, é possível modificar as relações desiguais que se manifestam no ambiente urbano, impulsionadas pela riqueza da diversidade, pela cultura global e pelas identidades híbridas (Libânio, 2023, n.p.).

As práticas culturais nessa “cidade das pontes” estimulam a ação, rompem com a inércia e trazem alegria, esperança e energia, revelando novas maneiras de utilizar o espaço, o tempo e o próprio corpo. Ao vislumbrar as pontes que conectam diferentes realidades, essas práticas inspiram o envolvimento, a participação coletiva e a colaboração. As pontes culturais promovem um forte senso de pertencimento (Libânio, 2023, n.p.).

Nessa “cidade das pontes”, as lacunas podem ser superadas; elas convergem e divergem, mas não se isolam nem se desfeitam. Assim, a cultura fornece às pessoas informações, constrói e revela novos entendimentos, incluindo a conscientização sobre solidariedade, compartilhamento e a ocupação dos espaços públicos (Libânio, 2023, n.p.).

Além de informar, a cultura ensina por meio da prática colaborativa que é possível alcançar objetivos coletivos. Esse aprendizado ressalta a importância de ajudar uns aos outros como um imperativo social e ético.

Por meio de celebrações, trocas, encontros e colaborações, as comunidades cultivam a energia vital necessária para enfrentar os desafios diários. Esse processo de interação não se limita ao mero convívio social; ele se transforma em um motor para a transformação social, onde cada indivíduo, ao se conectar com o outro, contribui para a criação de um ambiente mais coeso e integrador.

Por fim, a teoria da “esquizopresença”, proposta por Catunda e Rodrigues (2018, n.p.), oferece uma abordagem inovadora ao sugerir uma presença que vai além das limitações da lógica racional e linear.

Essa teoria acolhe a multiplicidade e a complexidade da experiência humana, desafiando a concepção tradicional do homem branco como um ser isolado e dominador. Ao questionar essa visão, as autoras abrem espaço para a valorização de identidades diversas e interconectadas, enfatizando que a verdadeira presença no mundo não se restringe a um único molde ou perspectiva.

Ao nos convidarem a explorar novas formas de ser e de nos relacionar com o mundo, essas autoras propõem uma reflexão profunda que transcende as categorias tradicionais de identidade.

Elas nos levam a repensar a concepção do "homem branco, adulto-macho" como norma dominante, propondo uma visão mais inclusiva e plural que reconhece a riqueza das experiências e histórias múltiplas que constituem a sociedade.

Essa abordagem não apenas enriquece o debate sobre identidade, mas também propõe uma prática de vida que valoriza a interdependência e a solidariedade entre os indivíduos.

Em suma, a "cidade das pontes" emerge como um ideal a ser alcançado, onde a cultura, a colaboração e a inclusão social são fundamentais para a construção de uma comunidade mais justa e equitativa. Ao estabelecer novas narrativas e vínculos, essa cidade se torna um espaço propício para o florescimento de identidades plurais, permitindo que cada voz seja ouvida e respeitada (Libânio, 2023, n.p.).

3.6 O TERRITÓRIO “FAZ” AS JUVENTUDES?⁹

Retomando Despret (2022), acreditamos que, no mosaico vibrante de uma cidade, o território desempenha um papel significativo na formação e na vivência das juventudes. Para os jovens, assim como o habitat é essencial para os pássaros, o território é o espaço onde eles constroem suas identidades, interagem com o ambiente, estabelecem conexões sociais e formam suas perspectivas de futuro.

Da mesma forma que os pássaros constroem seus ninhos em locais que oferecem abrigo, alimento e segurança, os jovens encontram nos territórios elementos que compõem suas experiências. Cada rua, praça ou comunidade oferece um conjunto único de oportunidades e desafios, colaborando para a formação de suas jornadas individuais e coletivas.

No entanto, assim como os habitats naturais dos pássaros podem ser afetados pela degradação ambiental ou pela interferência humana, conforme destacado por Despret (2022), entendemos que os territórios das juventudes muitas vezes enfrentam obstáculos como a falta de infraestrutura, a violência, a desigualdade social e o acesso limitado a recursos básicos.

Essas adversidades podem restringir as oportunidades dos jovens, limitando seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Assim como os pássaros se adaptam a mudanças em seus habitats, as juventudes também demonstram resiliência e capacidade de transformação. Elas encontram maneiras de criar laços comunitários, promover a cultura local, buscar educação e oportunidades de emprego, e engajar-se em atividades que promovam o bem-estar individual e coletivo.

Nesta perspectiva, Gamalho (2023) aponta que as juventudes habitam e produzem espaços por meio de suas práticas cotidianas, constituindo-se a partir desses contextos e também

9 O nome dado a esta seção é inspirado em: DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, out. 2007. Fonte: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt#>, acesso 31 de agosto 2024.

sendo influenciadas por eles. Entretanto, essas vivências são plurais, pois são afetadas por fatores como classe, gênero e orientação sexual.

As práticas espaciais se manifestam, em determinados momentos, em ambientes restritos, como bairros e grupos sociais; em outros, expandem-se para o espaço metropolitano, transformando-o em um campo de experiências, subversões e aprendizagens (Gamalho, 2023).

A vivência dos jovens em ambientes restritos, especialmente nas periferias, é marcada por experiências diversificadas e multifacetadas. A construção de um imaginário e de uma materialidade associados à segurança pública regula as práticas espaciais com base em uma lógica tecnocrática que frequentemente se torna alheia à realidade dos jovens que vivem nesses contextos.

Essas dinâmicas geram implicações significativas nas experiências e representações das juventudes periféricas, evidenciando como as limitações impostas pela falta de infraestrutura e pela intensa supervisão dos espaços públicos afetam sua identidade e capacidade de interação social no ambiente metropolitano (Lefebvre, 2006).

Concordamos com Lefebvre (2006), especialmente à luz das vivências no território pesquisado e das escutas realizadas com os jovens. Fica evidente que o espaço urbano não é apenas um cenário físico, mas um contexto carregado de significados que formam suas identidades e práticas sociais.

As limitações enfrentadas, como a ausência de serviços essenciais — incluindo transporte público eficiente, saneamento básico, iluminação adequada e acesso à saúde e à educação — dificultam para os jovens a plena fruição de seus ambientes.

A carência de espaços públicos adequados, como parques, praças e centros culturais, tanto no território das periferias quanto na cidade como um todo, reduz as opções de interação social e lazer para os jovens. Eles ficam sem locais apropriados para se reunir, se divertir e expressar sua criatividade, o que é fundamental para a formação de identidades e para a socialização.

Além disso, a falta de acesso à internet de qualidade limita a capacidade dos jovens de se conectar com outras comunidades, acessar informações e participar de atividades on-line, as quais são essenciais para sua formação e inserção no mundo contemporâneo.

A intensa vigilância e a percepção negativa associada aos jovens da periferia podem resultar em estigmatização, levando-os a serem vistos como potenciais delinquentes. Essa visão impacta sua autoestima e afeta a maneira como se relacionam com os outros, tanto em sua comunidade quanto fora dela.

A restrição às manifestações culturais, como shows de funk ou batalhas de grafite, é, na maioria das vezes, reprimida e censurada, limitando o espaço para expressões individuais e coletivas, que são essenciais para a construção de identidades.

Isso, por sua vez, compromete as oportunidades de desenvolvimento e participação social dos jovens. Os mecanismos de controle impactam diretamente a identidade desses jovens, uma vez que o sentimento de pertencimento a um lugar é prejudicado. A ausência de espaços seguros e significativos para se reunir e se expressar pode resultar em identidades fragmentadas, marcadas pela negação de suas vivências e experiências culturais.

Além disso, a capacidade de interação social é seriamente comprometida, uma vez que o medo e a desconfiança gerados pela intensa supervisão dificultam a formação de laços comunitários e a participação em atividades coletivas. Como resultado, os jovens podem se sentir alienados e excluídos, não apenas de sua própria comunidade, mas também da cidade como um todo, limitando assim suas perspectivas futuras e sua capacidade de agir como agentes de mudança.

Concordamos com Gamalho (2023), que afirma que, no contexto do direito à cidade, o espaço urbano deveria facilitar encontros, conflitos e trocas. No entanto, essas possibilidades são frequentemente inibidas pela construção de um imaginário que deslegitima a apropriação das ruas, dominando-as por meio do medo.

Como consequência, surgem conflitos e coerções nas formas de inserção e vivência dos jovens que desafiam as normas sociais relacionadas ao que significa ser jovem no ambiente urbano. De um lado, as inserções dos jovens que não se conformam ao ordenamento urbano tornam-se alvos de controle; de outro, esses jovens se tornam invisíveis quando estão vinculados ao trabalho. As maneiras de inserção deles resultam da relação entre dominação e apropriação: em um contexto, são invisíveis; em outro, são rotulados como desordeiros (Gamalho, 2023).

O espaço metropolitano — assim como os bairros e as áreas centrais — pode funcionar tanto como um espaço de liberdade quanto como um espaço de controle. A valorização da diversidade e a promoção de cidades plurais dependem do reconhecimento das diferenças como elementos constitutivos do espaço urbano.

Entretanto, a realidade apresenta uma produção contínua de desigualdades, assim como a negação do direito à cidade, que se manifesta como uma violência adultocentrista e elitista imposta às juventudes periféricas (Lefebvre, 2006).

Essas questões suscitaram a reflexão de Bourdieu (1983) em seu artigo “A juventude é apenas uma palavra”, no qual ele argumenta que as classificações etárias “(...) sempre impõem limites e criam uma ordem na qual cada indivíduo deve ocupar seu respectivo lugar” (p. 112).

Neste contexto, diferentes períodos e situações atribuíram aos jovens características como rebeldia, contestação e transformação, entre outras. Em contrapartida, a juventude periférica é frequentemente associada a problemas sociais que incluem violência, desemprego e evasão escolar.

Essas representações exercem influência sobre os direitos, deveres e signos que se relacionam às juventudes, impactando, assim, as formas como elas vivenciam essa fase da vida (Gamalho, 2023).

Sob essa perspectiva, Grosfoguel (2008, p. 119) destaca que “o lugar epistêmico étnico-racial, sexual e de gênero, assim como o sujeito enunciador, estão sempre desconectados”. Em contraste, as reflexões devem ser fundamentadas em corpos, trajetórias, subjetividades e intencionalidades.

Nesse sentido, Gamalho (2013, p. 40) reflete que:

“a ciência tem em sua constituição histórica a influência masculina, patriarcal, cristã, racista, heteronormativa e adultocêntrica, que, ao ocultar o sujeito da fala, possibilita a reprodução de relações de dominação, como a atribuição de uma ausência de intenções acerca do saber”

A partir dessa perspectiva, recorreremos a Ribeiro (2017), que propõe um exercício de rompimento com as formas de conhecimento colonizadas. Refletir sobre essa postura implica reconhecer o corpo, as subjetividades e a trajetória pessoal na construção do saber, uma vez que essas experiências são fundamentais para o refinamento do olhar sobre o mundo e os problemas que analisamos.

Nesse sentido, esperamos que pesquisas e estudos nessa linha possam servir como recursos acadêmico-científicos capazes de desafiar e desconstruir as narrativas hegemônicas predominantes no campo do conhecimento, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada.

Bourdieu (2007), ao desenvolver a teoria do espaço social, enfatiza como os atores sociais ocupam e se constituem em seus espaços dentro de contextos sociais e econômicos, destacando a importância das relações de poder, dos recursos disponíveis e das diversas formas de capital presentes em diferentes espaços sociais.

À luz da teoria de Bourdieu (2011), podemos classificar a relação das juventudes com o território em quatro dimensões, que podem ser apreciadas na Figura 10.

Figura 10. Relação das Juventudes com o Território segundo Bourdieu



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Bourdieu (2024).

A categorização das juventudes em relação ao território, fundamentada na teoria de Bourdieu (2011) e ilustrada na Figura 10, caracteriza a primeira dimensão como o capital social e as redes de sociabilidade. Nessa dimensão, os jovens interagem por meio de suas relações, envolvendo amigos, colegas de escola e familiares.

Essas redes desempenham um papel fundamental na formação dos padrões de comportamento dos jovens, pois influenciam seu acesso a recursos e as oportunidades de participação em atividades sociais, culturais e políticas.

A capacidade de estabelecer conexões significativas com outras pessoas pode ampliar os horizontes dos jovens e facilitar sua inclusão em diversos espaços sociais.

A segunda dimensão refere-se ao capital cultural e ao acesso a oportunidades, que envolve o conjunto de conhecimentos e habilidades adquiridos por meio da socialização e da educação.

Essa dimensão é significativa, pois influencia a habilidade dos jovens de acessar oportunidades educativas e culturais em suas comunidades. O acúmulo de capital cultural, além

de proporcionar vantagens no âmbito acadêmico e profissional, também facilita a participação em atividades culturais que enriquecem a formação integral dos indivíduos.

A terceira dimensão é o campo simbólico e a identidade territorial, que está relacionada às lutas por reconhecimento e legitimação de diferentes formas de capital cultural. Nesse contexto, as juventudes constroem significados e símbolos que refletem a sua relação com o lugar onde vivem.

A identidade territorial é formada por uma combinação de fatores, incluindo a história local, as tradições culturais e as interações sociais, sendo fundamental para a construção de uma autoimagem positiva e de pertencimento a uma comunidade.

Por fim, a quarta dimensão diz respeito ao campo econômico e ao acesso a recursos materiais, focando nas relações de produção, distribuição e consumo de bens e serviços. Nesta dimensão, os jovens buscam acessar recursos materiais essenciais, como emprego, moradia e serviços públicos.

O acesso a recursos, como emprego, moradia e serviços públicos, influencia diretamente a qualidade de vida e as oportunidades de desenvolvimento pessoal dos jovens. Garantir uma base material sólida é vital para que esses indivíduos possam alcançar suas metas e aspirações, permitindo que se tornem plenamente ativos em suas comunidades. Assim, a relação dos jovens com o território está intimamente ligada às condições que favorecem seu crescimento e engajamento social.

As quatro dimensões identificadas interagem de forma complexa, evidenciando que a relação das juventudes com o território é multifacetada e profundamente enraizada em diferentes aspectos sociais, culturais e econômicos.

Portanto, compreender essa relação é essencial para analisar os desafios e as potencialidades que os jovens enfrentam nas comunidades contemporâneas.

Nesse contexto, Bauman (2001) discute a ideia de "modernidade líquida", argumentando que as identidades juvenis são impactadas por um ambiente territorial em constante transformação.

Na modernidade líquida, as identidades tornam-se flexíveis e mutáveis, em contraste com as identidades fixas e estáveis do passado. Essa mudança é impulsionada, em grande parte, pelas rápidas transformações sociais, pela globalização e pela influência das mídias digitais, que ampliam as possibilidades de autoexpressão e conexão com diversos grupos e comunidades.

Além disso, segundo Skelton e Aitken (2019), as juventudes não apenas habitam, mas também produzem ativamente os espaços que as cercam. Essa perspectiva indica que os locais

que frequentam vão além de sua materialidade física e carregam significados culturais, sociais e históricos. As dinâmicas de produção espacial reforçam, portanto, a importância do território na construção das identidades juvenis e em suas interações sociais.

Assim, os jovens estabelecem relações intrincadas com os espaços que ocupam, criando conexões emocionais e identitárias fundamentais para sua sensação de pertencimento. Essa dinâmica transforma o território em um elemento central nas experiências de vida dos jovens, contribuindo significativamente para a formação de suas identidades (Skelton; Aitken, 2019).

Dessa forma, a análise dessas relações não apenas revela a complexidade das identidades juvenis, mas também a importância de contextos territoriais nas vivências destes indivíduos.

Entendemos que as interações cotidianas e as práticas sociais realizadas nesses contextos não apenas influenciam a forma como os jovens se veem, mas também a maneira como estabelecem suas relações com os outros e com o ambiente urbano em que estão inseridos, oferecendo, assim, uma perspectiva rica e multifacetada sobre o desenvolvimento juvenil.

Assim, essa situação pode refletir, para os jovens, na experiência de diferentes papéis, estilos de vida e formas de pertencimento ao longo do tempo, diante das oportunidades e desafios que surgem em seus ambientes em constante transformação.

A frequência à escola e a interação nos diversos espaços que compõem o território permitem que os jovens participem de processos de socialização que envolvem não apenas a aquisição de conhecimento acadêmico, mas também a internalização de normas, valores, práticas culturais e identidades.

A produção do espaço é resultado de diversas disputas e formas de representação. Portanto, o espaço deve ser compreendido como um produto social que emerge de práticas tanto de ordens locais quanto de ordens mais distantes.

Nesse contexto, torna-se fundamental analisar as práticas espaciais das juventudes periféricas em relação às dinâmicas de poder e à produção do ambiente urbano metropolitano, bem como apoiar a desconstrução de imaginários que perpetuam hierarquias socioespaciais e violências sociais, conforme argumenta Lefebvre (2006).

Dayrell (2007) questiona se a escola, por si só, é capaz de compreender e incorporar a diversidade cultural e as experiências de vida dos jovens. Consideramos que não, especialmente ao reconhecer que muitos jovens provêm de contextos sociais e culturais diversos.

Dayrell (2007) também investiga como os jovens respondem a esses processos de socialização e de que maneira suas identidades e culturas podem ser moldadas, negociadas ou resistidas tanto no ambiente escolar quanto em outros espaços sociais.

E ainda, ressalta a importância de ouvir as vozes e as perspectivas dos jovens em suas variadas experiências, ressaltando que a escola, o território, a cidade e a sociedade devem ser espaços inclusivos e sensíveis às diversidades culturais e sociais das juventudes.

Para concluir, é essencial retomar a pergunta: "O território 'faz' as juventudes?" Entendemos, à luz da observação e da escuta atenta dos jovens do território onde a pesquisa foi realizada, assim como dos estudos de diversos autores no campo da geografia social e da sociologia, como Lefebvre (2006), Gamalho (2023), Skelton e Aitken (2019), Dayrell (2007), Bauman (2001) e Bourdieu (2007; 2010; 2011), que a relação entre território e juventudes é um tema central nas discussões contemporâneas.

O espaço não apenas influencia as vivências dos jovens, mas também colabora para a construção de suas identidades e práticas sociais. Dessa forma, compreendemos o território como um espaço de interações sociais e culturais, onde as juventudes constroem significados e experiências fundamentais para sua formação.

Ao habitarem e se constituírem nos espaços ao seu redor, os jovens interagem de modo que esses lugares não são apenas físicos, mas também carregados de significados culturais, sociais e históricos.

Skelton e Aitken (2019) argumentam que os jovens desenvolvem relações complexas com os locais que ocupam, estabelecendo conexões emocionais e identitárias que são essenciais para sua sensação de pertencimento.

Assim, o território torna-se um elemento central em suas experiências de vida e na formação de suas identidades. No entanto, essa relação não é isenta de tensões. O espaço urbano, frequentemente controlado por normas e políticas que refletem desigualdades estruturais, pode também atuar como um local de opressão.

Conforme ressalta Gamalho (2023), muitos jovens enfrentam restrições provocadas por um ordenamento urbano que marginaliza suas práticas e vivências, resultando em invisibilidade social. Esse fenômeno é especialmente visível nas periferias, onde as juventudes são, muitas vezes, estigmatizadas e relegadas a um "não lugar social", o que cerceia sua capacidade de ação e expressão.

No contexto das periferias, os jovens não apenas consomem os espaços urbanos de maneira restrita, mas também subvertem as normas estabelecidas por meio de práticas culturais e sociais.

Dayrell (2007) enfatiza a relevância dos espaços de socialização, sugerindo que as interações socializadas nesses locais são fundamentais para a formação de identidades juvenis. Para tanto, a participação em atividades comunitárias, iniciativas de revitalização urbana e

projetos de arte pública representa uma forma de engajamento cívico que permite aos jovens reivindicar seu direito à cidade e moldar o ambiente em que vivem.

Por intermédio de práticas como grafite, dança de rua e música, os jovens se apropriam do território, expressando suas identidades e criatividade. Essas ações não servem apenas como formas de resistência, mas também como meios para afirmar sua presença e reivindicar sua voz na esfera pública, conforme reflete Dayrell (2007).

Ao se envolverem ativamente na transformação de seus espaços, as juventudes conseguem criar laços comunitários, promovendo uma cultura de pertencimento e ativismo. Os conceitos trazidos por Bourdieu (2007) aprofundam essa discussão ao destacar a relevância das relações de poder e das diversas formas de capital que influenciam a ocupação e a vivência dos espaços.

Ao interagir com o território, as juventudes trazem consigo suas redes sociais e culturais, o que lhes proporciona um senso de identidade e pertencimento, além de oportunidades para transformação social.

Nesse contexto, é evidente que o território exerce uma influência profunda sobre as juventudes, enquanto também se nota que as juventudes atuam ativamente na configuração de seus espaços, promovendo uma dinâmica de interação contínua.

Portanto, o espaço urbano deve ser considerado não apenas como um lugar de controle, mas também como um espaço repleto de possibilidades, onde a valorização da diversidade, a promoção da inclusão e o reconhecimento das identidades juvenis podem ocorrer.

Assim, ao refletirmos sobre a relação entre território e juventudes, é fundamental ir além dos estigmas e preconceitos, reconhecendo que as periferias e seus jovens são locais de resistência, criatividade e transformação social. Em última análise, a relação entre território e juventudes deve ser explorada como uma interação complexa, que reflete tanto os desafios quanto as potencialidades desse grupo social.

É fundamental, portanto, reconhecer a importância dos territórios para as juventudes, assegurando que sejam espaços de inclusão, participação e desenvolvimento. Assim como conservamos habitats naturais para proteger a biodiversidade, devemos cuidar dos territórios urbanos, garantindo que todas as juventudes tenham oportunidades justas e equitativas para prosperar e alcançar seus sonhos e aspirações.

4. O PERCURSO METODOLÓGICO NUM VOO PARA ALÉM DOS OLHOS E OUVIDOS, SENTINDO A TEXTURA DO SENTIMENTO ALHEIO NO CORAÇÃO

“A concepção de interface [...] implica compreender a linha como simulação ou camuflagem. A linha é o esconderijo da faixa, da zona, do espaço de transição que, a qualquer instante, pode se expandir pelos domínios em um ato de subversão dos poderes. A transição entre propriedades, a interface, com toda a sua natureza plástica de mistura, nesse caso estaria insinuando como opção de poder para muito além das linhas ou dos contornos que representa. A interface deixa para trás o seu símbolo, sinal impreciso ou insuficiente: o muro, a muralha, a linha de contorno, o limite; e busca na exterioridade da linha o seu significado real de mistura, de interpenetração. A interface não busca a precisão, mas o vago. Para tal movimento, existe uma expressão pouco utilizada que dele se aproxima: fronteira-zona, significando o limite representado por um espaço vazio e impreciso”.
(Hissa, 2006, p. 41)

Esta investigação desafia, em especial, a ciência tradicional, erguida pelo conhecimento, sobretudo nos lugares construídos com limites, como alteridades, exclusões e cerceamentos de diversas origens. A partir dessa linha imaginária e cruel, é necessário considerar construções científicas

Hissa (2006, p. 57) também reflete sobre as interpretações científicas que se referem aos lugares, que, na maioria das situações, são negligenciadas. Em outras palavras, a ciência convencional pode, por vezes, delimitar fronteiras ao excluir as experiências construídas em determinados locais. Essas experiências são repletas de manifestações de saberes, tradições e culturas

Nesse contexto, situa-se a pesquisa aqui apresentada, que visa estabelecer um diálogo profícuo entre a cultura política de um território específico da cidade de Uberaba e os jovens que neles vivem, em conexão com o conhecimento científico, sustentado por uma ética

A pesquisa se insere numa abordagem qualitativa, na qual não há o desejo de subverter fronteiras ou limites, especialmente no estudo da juventude desse território. O trabalho foi desenvolvido em uma área periférica

A investigação analisa a complexidade das relações e a importância do contexto, concentrando-se num território marcado por desigualdades históricas socioeconômicas, onde o acesso a serviços básicos, educação de qualidade e oportunidades de emprego é limitado.

O percurso metodológico foi estruturado em várias fases, incluindo a escolha do território, encontros com a gestão de espaços de educação formal, reuniões com as lideranças

juvenis do Grêmio Escolar e com as lideranças comunitárias, permitindo um diálogo aberto e respeitoso.

Além disso, foram realizados encontros com os jovens em espaços de educação não formal, promovendo rodas de conversa, escuta atenta e observação nas oficinas, grupos focais e narrativas. O material empírico mapeado foi analisado com base em eixos oriundos dos campos da sociologia, linguística, geografia e tecnologias.

Durante esses encontros, os jovens puderam compartilhar suas vivências, aspirações e desafios enfrentados em suas jornadas cotidianas, enquanto as lideranças comunitárias trouxeram suas experiências de luta, as estratégias e os movimentos desenvolvidos no território.

A pesquisa não apenas documentou as experiências e práticas de jovens e lideranças em um território periférico, mas também trouxe novas perspectivas para o fortalecimento da resiliência comunitária. É igualmente importante ressaltar a promoção da diversidade cultural do território. A valorização das tradições e expressões locais pode ser incorporada em ações que integram diferentes vozes e experiências.

A partir dos dados mapeados, é possível estabelecer parcerias entre organizações não governamentais, instituições de ensino, empresas e o poder público. Essas colaborações podem unir esforços em prol do desenvolvimento comunitário, resultando em projetos mais abrangentes e eficazes. Assim, iniciativas fundamentadas em dados concretos têm o potencial de transformar a realidade do território, construindo um futuro mais justo e sustentável.

Ao concentrar-se nas dinâmicas sociais, culturais e políticas que envolvem jovens e lideranças comunitárias em um território periférico, é possível refletir a essência de uma pesquisa com visão qualitativa

A abordagem adotada, que inclui escuta em profundidade e metodologias participativas, permite que os participantes expressem suas vozes e compartilhem suas narrativas, proporcionando uma compreensão mais rica e complexa da realidade local. A pesquisa evidencia que, mesmo em contextos de vulnerabilidade, a força da juventude e o engajamento comunitário são fundamentais para a construção de um futuro mais justo e igualitário.

Considerando que os estudos sobre seres humanos podem levar consigo uma dupla condição – a de serem jovens e, também, a de serem jovens de um determinado território – eles encontram-se no que Hissa (2006) denominou “fronteira-zona”, ainda conforme explicitado em epígrafe.

As vivências, experiências, concepções e modos de viver, ser e estar no mundo dos jovens, especialmente aqueles que fazem parte de determinados contextos, situam-se atualmente em um espaço investigativo “vazio e impreciso”, ainda carente de problematizações.

A pesquisa assume uma perspectiva qualitativa de investigação (Biklen, Bogdan, 1994). Grande parte das pesquisas na área da Educação é de cunho qualitativo, pois não pode ser realizada isoladamente. Assim, o pesquisador precisa estar em contato com o ambiente de pesquisa, buscando entender e descrever o contexto, dado que toda pesquisa qualitativa é descritiva (Biklen, Bogdan, 1994).

Cientes dessa perspectiva qualitativa desejável, ao longo da pesquisa, a pesquisadora frequentou os espaços comunitários, participou de eventos e interagiu diretamente com os jovens, criando um ambiente propício para a troca de experiências.

Essa participação permitiu a captação das nuances das realidades enfrentadas por esses jovens, garantindo que a pesquisa refletisse de forma fiel às suas necessidades e aspirações.

A pesquisa qualitativa é especialmente eficaz ao investigar questões educacionais complexas, permitindo ao pesquisador a experimentação em fatos, histórias, relatos e situações presentes no ambiente coletivo, a fim de entendê-los e filtrar respostas para esse universo rico e diverso.

Dessa forma, a pesquisa não foi apenas um estudo acadêmico colaborativo, mas um processo que buscou envolver a comunidade na construção do conhecimento, promovendo um diálogo significativo entre a academia e a prática educativa.

Essa interação não apenas enriqueceu a compreensão das realidades locais, mas também potencializou a valorização das vozes dos jovens, permitindo que suas experiências e sugestões contribuíssem para a construção de propostas que atendessem às suas necessidades reais.

A pesquisa qualitativa é eficaz ao investigar características educacionais complexas e permite ao pesquisador experimentar em fatos, histórias, relatos e situações presentes no ambiente coletivo, a fim de entendê-los e filtrar respostas para esse universo rico e diverso, pois:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 31).

A investigação qualitativa também se delinea como “[...] um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que compartilham determinadas características” (Biklen; Bogdan, 1994, p. 16). Esses autores caracterizam o material empírico construído como rico em detalhes, altamente descritivo e geralmente relativo a pessoas ou locais que os

investigadores usam para estudar fenômenos em toda a sua complexidade e em ambiente natural.

Nesta concepção metodológica, a autora Minayo (2007) também corrobora, refletindo sobre a abordagem qualitativa para estudos que privilegiam o universo de significados, relações e representações, de forma a colaborar na resposta a questões bastante singulares.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa possibilitou elaborar considerações sobre o “estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2007, p. 57).

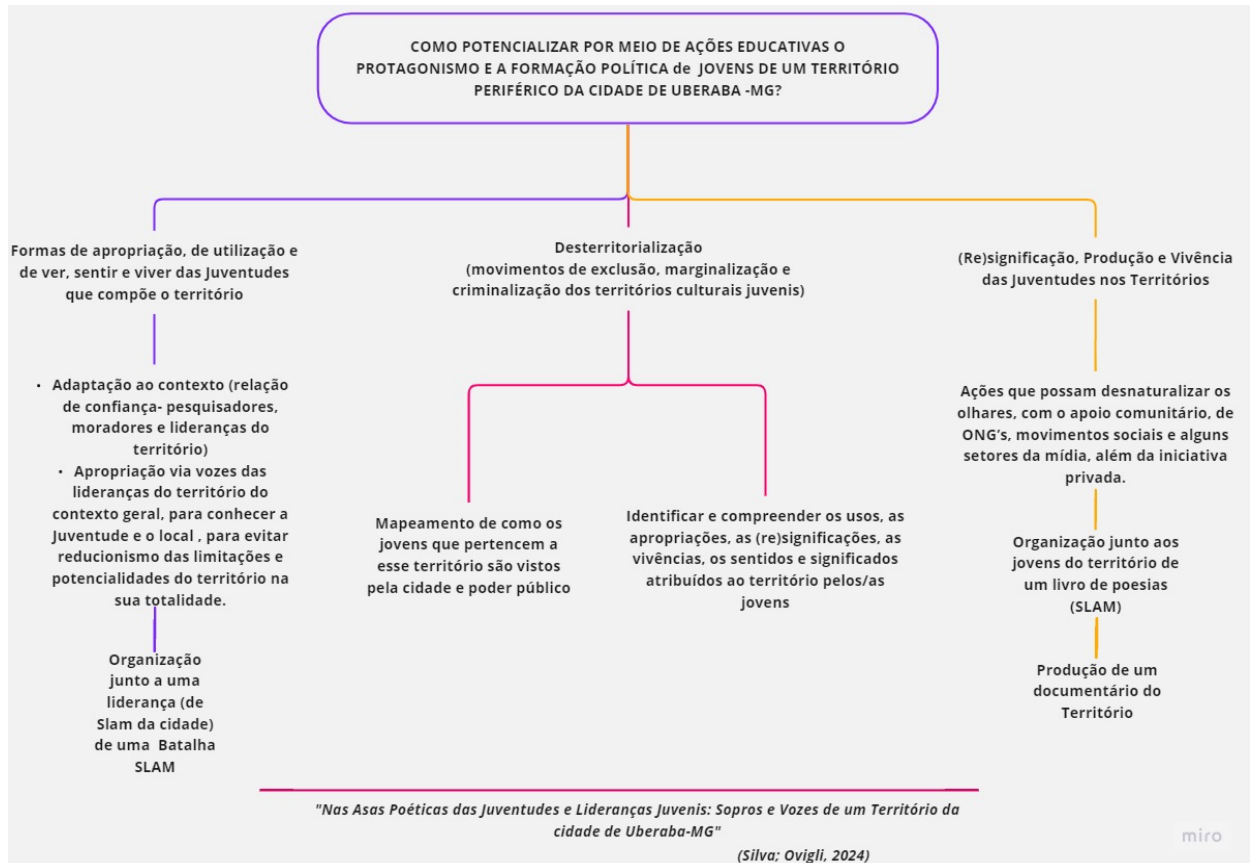
Ambas as referências metodológicas, tanto de Biklen e Bogdan (1994), quanto de Minayo (2007), reforçam a concepção de que estudar o ser humano sob uma abordagem qualitativa raramente pode ser traduzido em números ou indicadores quantitativos. Não se deve interpretar isso como um menosprezo à abordagem quantitativa, que também pode proporcionar compreensões do social a partir das relações estabelecidas entre variáveis, permitindo observar regularidades em algumas características do grupo investigado.

Assim como Le Ven (2008, p. 37) nos alerta, não há interesse em criar uma oposição ou realizar uma avaliação comparativa entre as abordagens, uma vez que “precisa-se de ambos os lados da dualidade para dar conta da complexidade social”.

Para o autor, ao invés de se preocupar com a separação entre as abordagens e suas terminologias, deve-se, sobretudo, observar a dissolução que essas podem provocar entre o ser humano e o objeto.

De modo geral, o percurso metodológico desta investigação foi desenvolvido a partir de algumas frentes, norteadas pela pergunta e seus objetivos, como pode ser apreciado no mapa mental elaborado a partir dos caminhos realizados, disponíveis nas Figuras 11 e 28.

Figura 11. Primeira cena tecida para o percurso e procedimentos metodológicos. “Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um Território que Pulsa sopros e vozes” Tese de Doutorado.



Fonte: Autores (2022)

De forma minuciosa em relação ao percurso metodológico, no que concerne à questão norteadora para abarcar as juventudes do território da cidade de Uberaba, o movimento foi se constituindo de forma orgânica, no qual a escuta perpassou pelas gestões dos espaços formais e de educação não formal do território, até chegar à juventude que ocupa os espaços de educação não formal.

As etapas desse percurso foram: (i) com gestores da escola do território; (ii) com jovens que compõem o Grêmio Estudantil; (iii) com lideranças comunitárias; (iv) com um grupo de jovens com idades entre 15 e 29 anos desse território. Esses jovens foram se aproximando das atividades propostas, conforme as etapas que foram se constituindo.

Inspirados por Tripp (2005), o desenvolvimento desta pesquisa ocorreu nos moldes da pesquisa-ação, uma abordagem que se caracteriza por sua base empírica e pela estreita associação com ações práticas ou com a resolução de problemas coletivos no território da cidade de Uberaba.

Neste contexto, os pesquisadores não atuaram apenas como observadores; ao contrário, eles se transformam em co-partícipes do processo investigativo, estreitando laços com as juventudes locais e lideranças comunitárias envolvendo-se ativamente na identificação e no enfrentamento das questões que as afetam.

A essência da pesquisa-ação reside na sua natureza cíclica, onde a ação e a reflexão se entrelaçam continuamente. Ao longo desse percurso metodológico, iniciamos com o mapeamento das necessidades e desafios enfrentados pelos jovens do território, realizando diagnósticos participativos em conjunto com os próprios jovens, lideranças comunitárias e gestores de espaços educacionais.

Juntos, desenvolvemos intervenções que abordavam as questões mais relevantes, tais como a inclusão social e o fortalecimento da voz dos jovens nas decisões que impactam suas vidas.

Uma das iniciativas mais significativas que resultou dessas reflexões foi a criação do @Vozes Podcast, projetado para dar visibilidade ao território e aos moradores que dele fazem parte.

O @Vozes Podcast serve não apenas como uma plataforma de expressão, mas também como um meio de amplificar as histórias e experiências dos jovens e das comunidades de Uberaba, permitindo que suas vozes ressoassem em um espaço significativo e acessível.

Mediante ao @Vozes Podcast, é possível proporcionar um ambiente onde os jovens podem compartilhar suas experiências, reflexões e desafios, além de discutir temas fundamentais como educação, cultura, cidadania e direitos.

Essa iniciativa possibilitou que os participantes se tornassem não apenas ouvintes, mas também narradores de suas próprias histórias, contribuindo para uma representação mais autêntica e diversificada das realidades que vivem.

Ao ressaltar a voz desses jovens, buscamos empoderá-los, incentivando o engajamento e a participação ativa na sociedade, e combatendo estigmas e preconceitos que muitas vezes periféricoizam suas experiências.

Dessa forma, a criação do podcast não apenas possibilitou a ampliação das vozes dos jovens e moradores do território, mas também se tornou um instrumento essencial para fomentar a inclusão social e promover o fortalecimento de redes de apoio comunitário.

Com o uso das tecnologias digitais, conseguimos alcançar um público mais amplo e diversificado, engajando a comunidade em um diálogo contínuo sobre as questões que realmente importam para seus membros. Essa iniciativa reflete o compromisso de nossa pesquisa-ação em transformar conhecimentos em práticas que promovem mudanças sociais significativas e sustentáveis.

Além disso, a pesquisa-ação valoriza o contexto específico em que a pesquisa é realizada. Os problemas sociais em Uberaba MG são complexos e multifacetados, exigindo

abordagens que considerem as particularidades culturais, econômicas e sociais da juventude local.

A integração dos conhecimentos dos participantes, que vivem e experienciam as condições investigadas, torna-se essencial para a elaboração de soluções que realmente atendam às suas necessidades. Os jovens não são meros sujeitos de pesquisa; eles se tornam agentes ativos cujo engajamento e experiências são fundamentais para enriquecer a compreensão dos fenômenos em estudo.

Um aspecto fundamental da nossa pesquisa-ação foi a capacidade de gerar mudanças sociais significativas na vida dos jovens e na comunidade. As intervenções que surgiram durante o processo não visaram apenas entender a realidade, mas também transformar a dinâmica social local.

Por meio de atividades de formação, mobilizações comunitárias e espaços de diálogo, conseguimos empoderar os participantes, encorajando-os a se tornarem protagonistas na construção de suas próprias narrativas e soluções para os desafios que enfrentam.

Portanto, a pesquisa-ação se destaca como uma abordagem relevante e eficaz para a investigação social no contexto de Uberaba MG. Não apenas contribuímos para a ampliação do conhecimento acadêmico, mas, acima de tudo, conseguimos impactar de forma real e significativa a vida das juventudes e das comunidades envolvidas.

Por fim, ao adotarmos a pesquisa-ação como metodologia, ampliamos nossa compreensão sobre as problemáticas em foco e fomentamos um espaço de diálogo e colaboração que favorece a construção de saberes coletivos.

Essa aproximação permite que a academia se conecte de maneira mais eficaz com a realidade das comunidades, contribuindo para uma pesquisa que é ao mesmo tempo reflexiva e transformadora, promovendo um futuro mais justo e inclusivo para todos os envolvidos.

Ao concluir as fases metodológicas, consideramos cinco jovens do grêmio estudantil, com idades entre 15 e 17 anos, seis lideranças comunitárias com idades entre 29 e 40 anos, e oito jovens com idades entre 18 e 29 anos como participantes desta pesquisa. Essa diversidade de indivíduos enriqueceu o processo, trazendo múltiplas perspectivas e experiências que são fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais em jogo.

A pesquisa-ação é um processo iterativo e contínuo, no qual a ação, a reflexão e o planejamento de ações futuras se retroalimentam. Essa dinâmica poderá ser apreciada ao longo de todas as fases que compuseram esse percurso, as quais serão detalhadas a seguir. A interligação entre as etapas metodológicas ressalta a importância de um processo colaborativo e adaptativo, que visa responder às necessidades e anseios das comunidades envolvidas.

4.1 PRIMEIRA FASE DO VOO: POR QUE ESTE TERRITÓRIO?

No ano de 2021, já inserida no processo de doutoramento, fui convidada a fazer parte do “Comitê Territorial do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba de Educação Integral e Cidade Educadora”, um coletivo formado por profissionais da Educação e representantes da sociedade civil, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento (NUCORPO) e ao Grupo de Medicina do Estilo de Vida, ambos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Assim, o “Comitê Territorial do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba de Educação Integral e Cidade Educadora” é um órgão de natureza técnica, propositiva, mobilizadora, formativa, consultiva e de apoio a ações e questões inerentes ao desenvolvimento de Políticas de Educação Integral e Cidade Educadora.

Mais precisamente, no dia 12 de maio de 2022, o “Comitê Territorial do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba de Educação Integral e Cidade Educadora”, ciente de meu interesse e envolvimento com a temática das juventudes, convidou-me para uma reunião cuja pauta foi definida em torno de uma possível “ação do Comitê Territorial, enquanto política intersetorial, com foco nas juventudes da comunidade de um determinado residencial na cidade de Uberaba-MG”.

A reunião ocorreu no dia e horário previamente agendados, na Diretoria de Ensino/Departamento de Formação Profissional - Casa do Educador - Uberaba-MG, que era o local de trabalho do coordenador geral do Comitê Territorial à época.

Participaram dessa reunião:

- Chefe do Departamento de Formação do Município de Uberaba-MG.
- Coordenador Pedagógico do Departamento de Formação do Município de Uberaba-MG.
- Superintendente das Políticas de Juventude do Município de Uberaba-MG
- Representante da Frente S da cidade (SESI, SENAI, SENAC...)
- Profa. Monica Izilda da Silva - Servidora da Secretaria de Estado de Educação MG e Doutoranda junto à Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Neste encontro, os pontos de maior destaque foram:

1. Apresentação ao Superintendente das Políticas de Juventude do Município de Uberaba-MG da concepção e das propostas do Comitê Territorial da cidade de Uberaba e região.

2. Apresentação da proposta em construção para participar de possíveis editais a serem publicados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, mais conhecida pela sigla FAPEMIG, para a organização de um evento com a participação de representantes da região, considerando um dos eixos com a temática das “Juventudes”.
3. Apresentação da proposta em conjunto com a comunidade do território para a realização do trabalho, que possui contornos próprios, visando à consolidação de um conselho comunitário com representação de diferentes segmentos. Essa proposta parte de um trabalho de escuta com os próprios membros da comunidade para a escolha dessas lideranças, visando ao alinhamento dessas ações.
4. Foi levantado também que, para além de ser um trabalho de pesquisa, poderia haver como ponto de inquietação a questão: “*como consolidar o protagonismo juvenil em uma comunidade de alta vulnerabilidade social, econômica e política, agravada pela pandemia?*”. Portanto, seria um trabalho de cunho social.
5. As propostas foram acolhidas pelo Superintendente de Políticas de Juventude, que se colocou à disposição para a parceria, incluindo também outros setores da cidade para colaborarem com o trabalho, além da disponibilização do programa “Estação da Juventude¹⁰”, coordenado por essa Superintendência, com a finalidade de promover a inclusão e emancipação dos jovens, ampliando o acesso às políticas públicas por meio desses equipamentos públicos.
6. Como primeiro passo, foi estabelecida uma reunião com a gestão das escolas municipal e estadual do bairro, que hoje possui um líder comunitário como um dos gestores (rede municipal). Trata-se de um morador do território, com forte e influente ligação com a comunidade local, que pode colaborar consideravelmente com esta articulação. A possível reunião ficou agendada para a penúltima semana do mês de maio de 2022, com o dia e o horário a serem decididos conforme a disponibilidade e agenda dos interessados.

¹⁰ O Estação Juventude 2.0 é um programa executado no município de Uberaba/MG cujo propósito é oferecer um espaço de acolhimento e desenvolvimento para os jovens de 15 a 29 anos, por meio de oficinas, central de informações e atividades de integração e formação. Fonte: <http://www.juventude.gov.br/estacao-juventude>, acesso 02 set.2024.

4.2 SEGUNDA FASE DO VOO: INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO-FORMAL

Num mesmo espaço, coabitam uma escola pública da rede municipal e uma escola pública da rede estadual, sendo esta a única no território. A reunião ocorreu com o aceite dos gestores das redes municipal e estadual na data estipulada (maio de 2022), na única escola do território que abriga ambas as instituições, as quais fazem parte deste estudo.

O encontro teve lugar das 13h30 às 16h45. Estavam presentes, além do corpo gestor, os mesmos participantes da reunião na Casa do Educador, já citados na etapa anterior, para acesso ao diagnóstico levantado por essa instituição (Casa do Educador) acerca das limitações dos moradores do bairro, em especial da juventude, em reconhecer-se e ser reconhecida pela sociedade local como um território importante que compõe a cidade de Uberaba-MG.

A escola pública que compõe esse território funciona hoje, conforme relatos e registros da Superintendência de Juventude de Uberaba, como um polo de apoio para os moradores, que recorrem a este espaço devido à liderança da gestão, a qual reside no bairro e mantém uma ligação muito íntima com a comunidade.

Nesse sentido, é comum que a comunidade busque ajuda nesta escola em vários âmbitos, incluindo a saúde, tanto em casos de emergência quanto em situações que variam das mais simples e corriqueiras até as mais complexas.

Para esses moradores, a escola representa um dos poucos equipamentos públicos disponíveis e torna-se um ponto de referência não apenas para questões de saúde, mas também para uma ampla gama de necessidades sociais, educacionais e culturais.

Além da saúde, a escola atua como um centro de apoio social ao estabelecer parcerias com organizações comunitárias e ONGs para oferecer serviços de assistência e orientação a famílias em dificuldades.

Esses esforços promovem um ambiente de solidariedade, que não apenas fortalece o vínculo entre a escola e a comunidade, mas também empodera os moradores, proporcionando a eles uma plataforma para expressar suas identidades e suas culturas.

Gadotti *et.al* (2004) reflete que a escola, ao adotar uma abordagem inclusiva que reconhece e valoriza as diversidades culturais, sociais e econômicas, vai além do aprendizado acadêmico e se posiciona como um agente ativo na construção de uma sociedade mais justa.

Assim, trata-se de uma educação que transcende a instrução formal, abrangendo um processo mais amplo de formação humana, essencial para construir uma sociedade mais equitativa. Edgar Faure, em seu relatório para a UNESCO intitulado "Apprendre à Être" (1972),

defende uma educação que vai além da mera acumulação de conhecimentos técnicos, defendendo práticas que formem cidadãos ativos e conscientes de seu papel na sociedade.

Nesse contexto acolhedor e atenta as demandas da sua comunidade, a escola deve educar para a diversidade, promovendo o respeito e a valorização das diferenças culturais, étnicas e de gênero.

Para Paulo Freire (1987), a educação deve ser um projeto voltado para a formação ética e política, no qual o estudante aprende não só a ler o mundo, mas também a transformá-lo. Ao reconhecer e valorizar as diferenças, a escola se torna um espaço onde todos os alunos podem se ver refletidos e aceitos, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva.

Construir uma pedagogia de valorização das diferenças e acolhedora para a sua comunidade exige um olhar atento e crítico. Freire dizia que "o primeiro livro de leitura é o mundo", e assim, é fundamental que a escola ensine os alunos a "ler" sua cidade.

Portanto, é essencial que a escola também ensine a sua comunidade a ler e entender seu território, suas complexidades e a se conectar com suas realidades, promovendo a conscientização sobre as desigualdades existentes e um senso de pertencimento e responsabilidade cidadã.

Ademais, a escola deve ser um espaço que vê as diferenças como riquezas, não como deficiências. A invisibilidade social dos grupos periféricos deve ser combatida por meio de uma abordagem educacional que acolha e valorize a diversidade.

Nesse aspecto, a integração de práticas de educação não formal pode enriquecer o ambiente escolar, promovendo uma educação mais inclusiva e efetiva (La Belle, 1986).

Germanos e Saito (2013) discutem a relação entre a ampliação do acesso à escola e seu papel como instrumentalizadora do interesse libertador e do empoderamento das camadas populares. O aumento da conscientização sobre o direito à educação nas últimas décadas é diretamente ligado à luta por melhores condições de vida, abrangendo aspectos sociais, econômicos e políticos.

A escola neste território, onde ocorreu a pesquisa, não pode ser entendida de forma isolada do contexto histórico e dos movimentos sociais, especialmente do bairro ao qual pertence. Assim, a comunidade local tem acesso livre à unidade escolar, da mesma forma que a escola possui acesso livre ao seio dessa comunidade.

Portanto, enxergamos um movimento de uma escola que coexistem possibilidades múltiplas de educação, compreendendo a comunidade em sua totalidade e levando em conta os processos de humanização. Esta reunião foi a primeira abertura no território para que, enquanto

pesquisadores, pudéssemos adentrar e perceber, de forma preliminar, como esse território se constitui. Nesse dia, o recurso de registro utilizado foi o caderno de bordo.

O caderno de bordo é um valioso instrumento de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, dos espaços e das observações que ocorrem ou ocorreram, podendo ser visto, observado e sentido.

[...] O analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto (Demo, 2012, p. 33).

Demo (2012) colabora para o entendimento e a reafirmação de que esse é um trabalho que nos coloca, enquanto pesquisadores, em ações de descrever, revelar, explicar e interpretar a(s) cultura(s), em especial a deste território em questão, de forma que as relações sociais sejam também observadas e estudadas.

Para Geertz (2008), a descrição deve ser densa para diferenciar as expressões, espaços, tempos, saberes e regras de um grupo social, interpretando melhor os significados culturais. Desta forma, a escuta, a observação e os registros dessa fase foram realizados na tentativa de serem densos, inspirados em Geertz (2008), para que se pudesse entender a importância de utilizar o diário de campo como instrumento de descrições/anotações da investigação/pesquisa.

A princípio, apenas os gestores compartilharam, ainda que de forma sutil, as demandas da escola, já que eu não fazia parte do território; naquele momento, era totalmente uma intrusa naquele espaço, ou ainda, mais uma pesquisadora que ali aparecia, apenas desejando levantar dados sem se envolver com as demandas que eram anunciadas pelos gestores ou mesmo colaborar de forma mais ativa, especialmente com os jovens que ali habitam.

Mesmo assim, encontrei uma escola totalmente despida da roupagem formal de uma escola de conteúdos universais, didaticamente organizados, para uma escola que efetivamente representa o território ao qual pertence, onde o saber sistematizado possa ser alcançado pelos populares, ajudando-os a entender e transformar o mundo.

Gohn (2006), neste sentido, faz um alerta para a contradição entre o discurso de inclusão, por vezes, dentro dos espaços educativos formais (escola) e a realidade vivenciada por certos grupos dentro do ambiente escolar. Nesta perspectiva, a escola, apesar dos esforços para incluir todos, ainda deixa alguns negligenciados, resultando em uma inclusão excludente: embora haja uma aparência de inclusão, na realidade, há excluídos do pleno acesso aos recursos, oportunidades ou experiências educacionais e de transformação pessoal, social e cultural.

Mesmo cientes de que o objeto deste estudo não seria, desta vez, o espaço formal, encontrei uma escola com interface na educação não formal; uma escola enquanto instrumentalizadora no processo de emancipação da comunidade e na intervenção na realidade social em que está inserida.

Neste momento, acreditei ser importante iniciar o movimento de aproximação com a juventude local, via escola, considerando que esta instituição era o porto seguro dessa comunidade.

Eu tinha consciência também de que esse movimento poderia levar um pouco mais de tempo, já que não tinha interesse em um encontro forçado com os jovens do território apenas para concluir uma pesquisa qualquer.

O que já almejava, no primeiro contato e escuta, era um movimento que se estendia além de uma pesquisa que pudesse fazer parte de um banco de dados ou servir para alcançar um título de doutora. Essa pesquisa precisava fazer sentido para mim e para aqueles que estavam junto no processo.

Eu não desejava estar ali como mais uma pesquisadora, mais um número que chega, faz sua pesquisa e vai embora; eu queria mais, quero mais! Nesta mesma reunião, foi levantada pelo corpo gestor da escola a importância das outras lideranças do território, incluindo lideranças de outros espaços, classificados por eles como educação não formal e informal.

Foram mencionados alguns nomes e instituições que ocupam o território e têm importância diante de todo o histórico e movimentação que ele abarca.

Segundo o corpo gestor nesta reunião, a articulação entre a escola e outras lideranças no local é uma realidade. Há um diálogo expressivo entre essas instituições e o território. Como encaminhamentos desse encontro, ficaram decididos dois movimentos: um, sendo um encontro nosso (pesquisadores) com o grupo de lideranças da escola; e o outro, um encontro com a liderança local, tanto da educação formal quanto da educação não formal, ambos mediados por um dos gestores, que também é morador e liderança no território.

4.3 TERCEIRA FASE DO VOO: ENCONTRO COM O GRÊMIO ESTUDANTIL

O grupo de lideranças juvenis da escola, conhecido como “Grêmios Estudantis”, é uma organização eleita pelo corpo discente, composta unicamente por estudantes. Além de defender os interesses dos alunos, os membros do Grêmios também atuam como agentes ambientais do bairro, promovendo iniciativas de conscientização sobre sustentabilidade, organizando

campanhas de limpeza, incentivando a preservação das áreas verdes e colaborando com projetos que buscam melhorar a qualidade do meio ambiente local.

Como a escola conta, hoje, segundo os relatos da gestão, com aproximadamente 1.300 estudantes, o trabalho com esse grupo de lideranças, a princípio, seria um caminho importante, estratégico e significativo para a aproximação dos jovens deste território.

Além disso, representa uma oportunidade para que eles possam sentir, observar, ouvir e registrar questões relacionadas à forma como caracterizam o território em que a escola que representam está inserida. De acordo com o corpo gestor, o grupo de lideranças possui uma articulação expressiva tanto com os estudantes da escola quanto com o próprio território ao qual a escola pertence. Avaliamos que a participação em um grupo de lideranças pode inserir os jovens na vida social, cultural e política, além de proporcionar o desenvolvimento da autonomia e do espírito de liderança, conforme reflete Silva (2019).

Anteriormente a esta reunião, foram compartilhados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o assentimento dos responsáveis legais dos jovens do grupo de lideranças que eram menores de 18 anos, além do TCLE destinado à apreciação dos jovens com idade superior a 18 anos. Também foi apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os jovens menores de 18 anos.

O certificado de apresentação para apreciação ética foi registrado e aprovado sob o número 61132222.7.0000.5154, com o parecer número 5.564.422, expedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Para este trabalho com o grupo de lideranças no espaço de educação formal, foi adotada a abordagem da roda de conversa, reconhecida como uma importante técnica qualitativa, especialmente para o trabalho de escuta e observação em pesquisas com grupos que compartilham características comuns, como idade e contexto, entre outras. Essas semelhanças podem aproximar ou diferenciar os participantes.

À luz das considerações de Gatti (2005, p. 9) sobre grupos focais, que ressaltam a importância de um roteiro previamente organizado e planejado para o sucesso nesse tipo de abordagem, foram realizadas modificações dessa metodologia para a roda de conversa. Essas alterações visam facilitar a captação, entre os participantes, de percepções, sentimentos e ideias, permitindo a emergência de uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais decorrentes do próprio contexto de interação estabelecido.

Assim, conforme orienta Gatti (2005) sobre a importância do planejamento prévio pelo pesquisador para o êxito da metodologia junto às lideranças da escola, seguimos algumas etapas: (i) apresentar aos participantes a proposta e os objetivos do estudo; (ii) dispor as cadeiras

em círculo; (iii) enquanto metodologia, a doutoranda, sob a supervisão de seu orientador — também pesquisador deste estudo — explicou a proposta geral da oficina, abordou o processo de recordar e a importância da memória social, assim como o estabelecimento de regras, horários e acordos para o bom andamento dos encontros; (iv) a apresentação dos participantes foi considerada uma etapa de central importância, para que pesquisadores e participantes pudessem se conhecer e se aproximar, estabelecendo uma relação de confiança mútua; (v) a explicação da dinâmica que seria utilizada. Os participantes também foram agrupados em duplas escolhidas aleatoriamente.

O roteiro das atividades planejadas e realizadas com esse grupo pode ser apreciado no Quadro 4.

Quadro 4. Planejamento - Roda de Conversa – Jovens Grêmio Estudantil da Escola do território

ÁREA TEMÁTICA	LIDERANÇAS E TERRITÓRIO
Público	Grêmio Estudantil da Escola do Território
Área do Conhecimento	Expressão oral, gráfica, geográfica, histórica e de memória afetiva
Formato da Roda/ Tempo	Círculo / 2 horas
Objetivo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender de que forma os jovens se apropriam do território no qual estão inseridos, onde circulam e sobre lugares que gostariam de conhecer dentro ou fora do território; 2. Refletir junto a esses jovens sobre os seus trajetos, rotas e apropriações dos espaços coletivos pelos sujeitos, investindo na troca subjetiva entre os participantes e no compartilhamento de práticas que a escola normalmente desconhece da vida dos jovens.
Como	<p>1º Momento: Exercício de mapa mental do percurso</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentação da atividade e de seus propósitos; ➤ Solicitar aos participantes que façam um desenho do seu percurso da sua casa até a escola, considerando a paisagem construída e a natural, os marcos históricos, as árvores, as pessoas que encontram pelo caminho, as áreas de comércio, áreas de lazer, igrejas, praças, avisos, estátuas, enfim, elementos que sejam relevantes para revelar o caminho percorrido diariamente, de forma bem minuciosa, podendo também se utilizar de palavras, de forma a socializar via desenho aspectos que possam rememorar o seu percurso diário. Algumas questões podem nortear esse caminho cartográfico cotidiano, entre as questões, podemos destacar: (i) Qual é o lugar onde eu moro?; (ii) Quais elementos da paisagem me chamam a atenção por uma razão qualquer?; (iii) O que eu observo ou posso observar?; (iv) Quais lugares eu frequento no percurso que faço da casa até a escola ou o inverso?; (v) Quais lugares eu frequento mais?; (vi) Quais eu gostaria

	<p>de conhecer?; (vii) Quais eu gostaria de ir mais?; (viii) Quais lugares eu não gosto de ir?; (ix) Que meios de transporte eu uso para me locomover?</p> <p style="text-align: center;">2º Momento: Exercício de união dos mapas individuais</p> <p>➤ Em grupos, os jovens vão discutir acerca dos seus mapas individuais;</p> <p>➤ Após essa discussão cada grupo irá condensar em só mapa (em uma cartolina a ser entregue pelos pesquisadores), os percursos individuais, utilizando pincéis em cores diferentes (a ser fornecido também pelos pesquisadores), utilizando uma cor para cada participante;</p> <p>➤ Nesse momento é importante que cada grupo possa discutir acerca dos espaços desse território que eles conhecem e não conhecem na região. Caso haja pontos de intercessão, que eles sejam observados e assinalados também. Será solicitado neste momento também que nos grupos sejam discutidos sobre a localização dos seus colegas e que façam um levantamento do que mais chamou a atenção em relação às localizações. Não é necessário se preocupar com a escala real das distâncias e sim incluir os elementos que são importantes para cada um. Será solicitado nesta etapa também que cada grupo inclua dois parâmetros: 1. Os lugares que os colegas frequentam na vida social, cultural, espaços de lazer; 2. Os lugares que os colegas não conhecem na região, mas gostaria de conhecer. Pode-se utilizar símbolos para marcar esses lugares no papel;</p> <p style="text-align: center;">3º Momento: Apresentação</p> <p>➤ Cada grupo apresentará o consolidado na roda de conversa, destacando os pontos que foram observados pelo grupo;</p> <p>➤ Os pesquisadores serão os mediadores ao longo desse processo, estando atentos para aspectos como a diversidade cultural e os assuntos de interesse comum. Os pontos de divergência e de convergência nas escolhas realizadas, direito de ir e vir e ao acesso aos bens coletivos, bem como a indagação dos circuitos mais e menos frequentados; (o mais importante é fazer com que eles possam reconhecer o espaço onde vivem, compreendendo as questões que interferem na sua vida cotidiana, se percebendo em relação ao território que habitam, circulam e gostariam de conhecer, além de suscitar, também, a vontade de conhecimento e de trocas.</p> <p style="text-align: center;">4º Momento: Projeto de Campo</p> <p>➤ Levar para os gestores do Espaço Formal de Educação a sugestão de espaços que os jovens mais desejam conhecer para que se possível a escola possa organizar uma excursão, enquanto exploração de um projeto de estudo de campo e materiais de apoio, com objetivos claros e bem planejados.</p>
--	---

Cada etapa mencionada foi cuidadosamente conduzida e acompanhada pelos pesquisadores. A realização dessa atividade com os estudantes do Grêmio da escola nos permitiu compreender, em linhas gerais, a relação desses jovens com o território onde vivem. Essa relação pode influenciar de maneira significativa a constituição de sua identidade e o senso de pertencimento.

Ao mesmo tempo em que os jovens exaltam o sentimento de pertencimento ao território onde vivem, eles também apresentam lacunas no desejo de conhecer outros espaços que, para algumas pessoas, são tão óbvios, mas que para eles são considerados inacessíveis, como o desejo de visitar a Biblioteca Municipal de Uberaba, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, entre outros locais listados por eles.

Compreender como os jovens se relacionam com o território e os lugares que desejam explorar, tanto dentro quanto fora dele, é essencial para promover uma comunidade mais inclusiva, engajada e orientada para o bem-estar e o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo.

Diante dessa relação multifacetada da juventude, torna-se fundamental investir na compreensão dessas dinâmicas e garantir a presença de políticas públicas, especialmente para territórios periféricos, a fim de promover comunidades e localidades socialmente mais coesas.

4.4 QUARTA FASE DO VOO: ENCONTRO COM AS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DO TERRITÓRIO

Logo após a escuta atenta ao grupo de lideranças juvenis da escola do território e o resgate de sua memória afetiva, chegamos à fase de escutar e desenvolver o trabalho de mapeamento de espaços afetivos com o grupo de lideranças dos Espaços de Educação Não Formal e de Educação Formal, seguindo a mesma organização e respeitando o roteiro prévio.

O trabalho com esse grupo manteve os contornos e movimentos fundamentados nas narrativas e significações dos participantes, com alguns ajustes para evitar desconfortos, uma vez que, por vezes, poderíamos encontrar lideranças não alfabetizadas.

Nesse sentido, a abordagem foi realizada de forma visual, com muita escuta mediada pelos pesquisadores. Dessa forma, estruturamos uma dinâmica que envolveu uma linha do tempo com imagens do bairro, retratos de moradores com atuação significativa no contexto, e reportagens veiculadas na mídia desde sua criação.

O objetivo era despertar nos participantes daquela roda, em especial, memórias afetivas ou não acerca da formação do bairro, desde os primórdios até os dias atuais. A linha do tempo

foi fixada no quadro branco da sala em que estávamos, permitindo que, enquanto pesquisa, pudéssemos sentir o grau de pertencimento e de atuação deste grupo.

Assim como com o grupo de jovens que compõem o Grêmio Estudantil do espaço formal, foi realizado um planejamento específico para esta roda de conversa, como pode ser apreciado no Quadro 5.

Quadro 5. Planejamento - Roda de Conversa – Lideranças Comunitárias do Território

ÁREA TEMÁTICA	LIDERANÇAS E TERRITÓRIO
Público	Lideranças atuantes de Espaços Não Formais, Educação Não Formal e de Educação Formal do território
Área do Conhecimento	Expressão oral, histórica e de memória afetiva
Formato da Roda/ Tempo	Círculo / 2 horas
Objetivo	1. Compreender de que forma os líderes dos Espaços Não Formais, Educação Não Formal e de Educação Formal se apropriam do território no qual estão inseridos, como o caracterizam, onde circulam e sobre lugares que gostariam de conhecer dentro ou fora do território; 2. Refletir junto a essa liderança local, sobre os seus trajetos, rotas e apropriações dos espaços coletivos pelos sujeitos, investindo na troca subjetiva entre os participantes e no compartilhamento de práticas entre a liderança local;
Como	<p>1º Momento: Varal afetivo do território</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentação da atividade e os seus propósitos; ➤ Solicitar aos participantes que escolham no varal organizado, uma imagem do território em questão exposta; ➤ Após a escolha, cada liderança será convidada a falar o porquê da escolha da imagem, o porquê que ela chamou a atenção e o que ela representa; ➤ Algumas questões também serão colocadas na roda e mediadas pelos pesquisadores ao grupo de lideranças, como: 1. Quais lugares você frequenta, mas? 2. Quais você gostaria de conhecer? 3. Quais você gostaria de ir mais? 4. Quais lugares você não gosta de ir? 5. Que meios de transporte você usa para se locomover? ➤ Solicitar aos participantes para caracterizarem o que é ser morador desse território, considerando no âmbito da potencialidade e também das fragilidades, caso tenham. ➤ O que cada uma das lideranças tem feito ou podem fazer para a promoção do respeito e a valorização do território em questão. <p>2º Momento: Debate</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Mapear desse grupo via narrativas dos participantes como se deu as lutas sociais ao longo da história do

	<p>território no qual estão inseridos. Quais foram as conquistas democráticas?</p> <p style="text-align: center;">3º Momento: Jornal da comunidade</p> <p>➤ A partir das discussões do debate, iniciar um processo a esse grupo de construção de um jornal da comunidade, no qual possa ser expressado, tanto os movimentos exitosos de destaque do território, os movimentos que representam a atuação das lideranças e comunidade, além também das suas reivindicações que eles entenderem que sejam relevantes em seus grupos e comunidades, com distribuição on-line. (Se faz necessário que nessa etapa as lideranças produzam um jornal que representam as vozes dessa comunidade)</p>
--	---

Fonte: Autores (2022)

Assim como na etapa anterior, este planejamento também foi cuidadosamente conduzido junto ao grupo de lideranças local. A roda de conversa com essas lideranças do território nos permitiu, de forma geral e inicial, compreender as teias identitárias e relacionais que compõem de maneira singular esse território.

Apesar dos fortes indícios de vulnerabilidades econômicas, sociais, de saúde, tecnológicas e ambientais, o território apresenta traços de cumplicidade entre as diferentes instâncias de gestão, sejam elas de educação formal ou não, compondo elementos culturais e históricos significativos nessa localidade.

Há um sistema coeso de colaboração entre os líderes locais, que contribui significativamente para o fortalecimento da comunidade. A partir dessas escutas ativas de distintos grupos, que abrangiam perfis de liderança local, pretendemos conhecer o território por onde os jovens circulam, a fim de compreender as falas desses grupos e captar os sentidos e valores trazidos pelos jovens que habitam esses espaços de educação formal e não formal. Além disso, buscamos entender a especificidade socioespacial dos diferentes contextos educacionais no território.

4.5 QUINTA FASE DO VOO: ENCONTRO COM AS JUVENTUDES NOS ESPAÇOS EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DO TERRITÓRIO

Pretendíamos-me, nesta fase, realizar uma busca ativa por jovens do território que tivessem um perfil de liderança. Essa busca deveria ser espontânea e natural, visando à construção de um movimento de aproximação e acompanhamento em torno desse grupo, a

partir da elaboração de estratégias para a escuta e o trabalho com essas juventudes, envolvendo, dessa forma, a educação não formal e intensificando sua importância.

A intenção deste estudo não é levar qualquer receita pronta à comunidade, nem apenas realizar a exploração de dados como um estudo qualquer. Ao contrário, deseja-se que o processo seja construído em conjunto, especialmente com as juventudes e lideranças locais, de modo a potencializar a cultura política dos jovens desse território, que já apresenta em sua história uma potência inata. O objetivo é que esse movimento seja contínuo, realçando a força juvenil do território e colaborando para a superação de seus limites.

Com esse cuidado, tivemos a intenção de chegar e ser acolhidos por esse território, negando qualquer sobreposição de valores científicos ou sociais, e desejando engajar as juventudes locais, com a colaboração das lideranças, conscientizando os participantes da pesquisa sobre nossa intenção e proposta para o grupo em questão. Assim, buscamos atingir o objetivo principal de potencializar a cultura política juvenil local.

Portanto, buscou-se itinerários fundamentados na compreensão e na construção pautada das diversas formas de ser e ver os jovens, valorizando as experiências que podem ser vividas por eles, com atenção às suas subjetividades e possibilitando sua construção de forma participativa nos diferentes contextos que transitam em sua formação.

A escolha da pesquisa-ação como abordagem metodológica é justificada pelas características apresentadas por Fercher, Ferreira e Folmer (2017, p. 7), entre elas: (i) toda pesquisa-ação é do tipo participativa; (ii) o pesquisador não é apenas o pesquisado; (iii) supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional ou técnico; (iv) o pesquisador tem uma ação destinada a resolver o problema em questão; (v) o pesquisador é quem se apropria mais intensamente dos dados; (vi) o pesquisador deve ter um alto grau de análise, moderação, interpretação e animação, dominando técnicas de dinâmicas de grupo.

Além disso, seguindo o percurso metodológico e as contribuições de Tripp (2005), foram respeitadas as fases deste estudo: (i) fase exploratória, envolvendo a análise documental de documentos, legislações e estudos que abordam o campo das juventudes; (ii) diagnóstico/reconhecimento, por meio das narrativas iniciais e posteriores dos participantes; (iii) ação/monitoramento, com planejamento conjunto para o desenvolvimento das atividades, buscando perceber como as intervenções influenciaram e potencializaram o protagonismo da juventude neste território e cidade; e (iv) avaliação, por meio de rodas de conversa e dos instrumentos escolhidos pelos participantes, como diário de campo, gravação de áudios, gravação de vídeos e outras formas de registro com as quais os participantes se sentissem confortáveis para produzir.

Ao longo do estudo, as visitas dos pesquisadores ao território foram intensificadas para que fosse possível acompanhar e compreender o contexto vivido pelos moradores. Para evitar a perda das informações emergentes, foram utilizados diários de anotações, filmadoras e câmeras fotográficas com o propósito de registrar as atividades desenvolvidas durante a pesquisa.

Para atender aos objetivos previstos, foi utilizada a Entrevista Narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2008; Galvão, 2005) para a construção do material empírico. Ao optarmos por essa técnica, temos ciência de que o tema pesquisado

- 1.Necessita fazer parte da experiência do informante, para garantir o seu interesse e uma narração rica em detalhes.
- 2.Deve ser de significância pessoal e social, ou comunitária.
- 3.O interesse e o investimento do informante no tópico não devem ser mencionados, para evitar que se tomem posições ou se assumam papéis já desde o início.
- 4.Deve ser suficientemente amplo, para permitir ao informante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, leve a situação atual.
- 5.Evitar formulações indexadas, ou seja, não referir datas, nomes ou lugares, os quais devem ser trazidos somente pelo informante, como parte de sua estrutura relevante (Muylaert *et. al.*, 2014, p.196).

A partir dessa técnica, as investigações seguiram as seguintes fases, conforme orientam Jovchelovitch e Bauer (2008): a) preparação: momento de conhecer o contexto em que o participante estava inserido, por meio de legislações, políticas públicas e outros documentos que possam contextualizar e fornecer conhecimento ao pesquisador sobre o tema; b) iniciação: explicação do procedimento da pesquisa e estímulo visual; c) utilização de um dos recursos a seguir, conforme o público da pesquisa: fotografias e/ou imagens de atividades desenvolvidas em espaços não escolares, de forma a estimular a narração; d) narração: solicitação aos participantes para responderem às possíveis perguntas e imagens, de acordo com os objetivos da investigação; e) fase conclusiva: diálogos finais para esclarecimentos das respostas dos participantes, que não tenham sido esclarecidas durante alguma das fases mencionadas.

Inspirados em Catunda e Rodrigues (2018), o exercício da escuta para compreender as narrativas produzidas pelos participantes em cada etapa nos exige, enquanto pesquisadores de um território tão denso, observar como devemos ouvir os sons ao nosso redor, partindo das diferentes escutas e etapas descritas, como o encontro com o outro, o encontro com o território, o encontro com os moradores e as lideranças comunitárias, até chegarmos, de fato, à juventude local.

Essa prática da escuta influenciou gradualmente nossa própria percepção auditiva, resultando na construção de ambientes sonoros específicos que nos desafiam de maneira única.

O despertar para as sutilezas sonoras e musicais nos leva a uma audição mais sensível, permitindo que exploremos novas experiências. Dessa forma, a escuta se torna um processo criativo, utilizando elementos sonoros incomuns e promovendo o desejo coletivo de experimentação e inovação (Catunda; Rodrigues, 2018).

Entre as idas e vindas a esse território, todo momento se desenvolveu de forma espontânea, considerando a observação do cotidiano dos jovens em face às atividades realizadas dentro e fora da escola.

A escuta e observação nos grupos focais das jovens lideranças da escola e da liderança local, assim como o convite para participar do coletivo do bairro Instituto Pró-R, foram fundamentais.

O Instituto Pró-R é uma organização não governamental do território liderada por moradores e lideranças locais que trabalha em estreita colaboração com a comunidade, identificando as necessidades do bairro e desenvolvendo programas que promovem o desenvolvimento comunitário sustentável.

Isso inclui iniciativas de desenvolvimento econômico, formação de habilidades profissionais, fortalecimento de lideranças comunitárias e melhoria da infraestrutura local.

A partir desse movimento de interação, troca de sugestões por esses grupos e de uma proposta prática para o envolvimento dos jovens no território, surgiu a ideia de organizar uma batalha de slam entre territórios da cidade de Uberaba, proposta por uma das lideranças de slam da cidade e parceira do território.

O slam é uma manifestação cultural que surgiu entre o final da década de 1980 e a década de 1990, originando-se nas periferias dos Estados Unidos. A palavra "slam" é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma batida de porta ou janela (Alves; Souza, 2020, p. 233).

Assim como Boal (2009) e Freire (1987) acreditam que uma transformação social depende do investimento no diálogo e no desenvolvimento do senso crítico do indivíduo, tornando-o atento e engajado nas questões da realidade ao seu redor, acreditamos também que a oportunidade de acompanhar, observar e registrar todos os movimentos — desde as oficinas de preparação e construção dessas poesias até as batalhas — pode ser um caminho promissor de investigação para com os jovens desse território.

Esse processo colabora para o objetivo principal desta pesquisa, que é compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-MG podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, assim como para a percepção dos gestores dos espaços da Educação Formal e não Formal acerca da gestão democrática.

5. CONVERSANDO COM AS AVES, FLORES E SEMENTES, EM UM LUGAR QUE NÃO SE SABE ONDE É, MAS QUE EXISTE!

“Senta perto de mim e mesmo que estejamos rodeados por buzinas, gente apressada, perigos iminentes, faz de conta que a gente está conversando no quintal de casa, descascando uma laranja, os pés descalços, sem nenhum compromisso chato à nossa espera. Fala da lua que você admirou outra noite dessas, no céu. Da borboleta que lhe chamou à atenção por tanta beleza, abraçada a alguma flor, como se existisse apenas aquele abraço. Diz se quando você acorda ainda ouve passarinhos, mesmo que não possa identificar de onde vem o canto”
(Ana Jácomo).

5.1 DE POUSO EM POUSO: A PRIMEIRA ESCUTA DE PASSARINHOS

Num território que, para diminuir a distância entre “os outros” e “nós”, exige cuidado e o ganho de confiança dos moradores e lideranças, é fundamental que aqueles que a princípio não fazem parte desse contexto possam ser acolhidos por esse território, em toda a sua grandeza.

Esse acolhimento não apenas promove a inclusão, mas também enriquece o tecido social ao permitir a troca de experiências e saberes entre diferentes grupos. Ao construir um ambiente aberto e receptivo, cria-se a oportunidade para que novos habitantes e visitantes se sintam parte integral da comunidade, contribuindo para o fortalecimento de laços e a construção de um futuro coletivo.

Dessa forma, a diversidade se transforma em um recurso valioso, capaz de impulsionar iniciativas que beneficiam a todos e promovem o desenvolvimento sustentável do território como um todo.

O nosso primeiro momento inicia-se com o ver, ouvir e registrar um Grupo de Lideranças do Grêmio, que já estava na escola, a postos, nos esperando para este primeiro encontro. Ao todo, estavam presentes nove jovens, sendo quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idades que variavam de 15 a 17 anos.

A relação dos grêmios estudantis com a educação não formal é estreita, uma vez que essas organizações, formadas por alunos de uma escola, têm como principal objetivo representar seus interesses, promover a participação dos estudantes na gestão escolar e defender seus direitos e demandas (Gonh, 2006).

Gonh (2006) ressalta a fluidez entre a educação não formal e a educação formal, destacando que os grêmios oferecem aos estudantes oportunidades de aprendizado prático e experiencial, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Além disso, essas oportunidades incluem o desenvolvimento de habilidades essenciais, como liderança, comunicação, negociação e resolução de problemas. Os grêmios também servem como referência para a aprendizagem sobre processos democráticos, como eleições, votações e debates de ideias, enriquecendo a formação dos estudantes e preparando-os para exercerem sua cidadania de maneira mais ativa e consciente (Gonh, 2006).

Além disso, o envolvimento em atividades de conscientização sobre questões sociais, políticas e ambientais merece destaque, pois incentiva os alunos a se envolverem em causas relevantes para suas comunidades.

Essas atividades podem promover experiências práticas de planejamento, colaboração e execução, além de complementar o currículo regular. Ao perguntarmos aos jovens qual local sugerem para que pudéssemos nos reunir, a sugestão foi a biblioteca da escola. Segundo eles, esse seria o local ideal para que pudéssemos nos sentir à vontade e realizar nosso trabalho de forma produtiva.

Neste dia, está presente também o Superintendente de Juventude, que gentilmente nos acompanha para essa atividade e nos insere neste território, apresentando-nos aos moradores, aos jovens e à liderança local.

A escolha por essa parceria com a Superintendência das Juventudes da cidade de Uberaba não é feita ao acaso, visto que o Superintendente que ocupa atualmente o cargo possui vasta experiência em atividades comunitárias, com ampla atuação em diretórios acadêmicos e em conselhos municipais e estaduais.

Além disso, ele é oriundo de uma associação de um bairro periférico que apresenta características semelhantes ao território abordado neste estudo. Com essa aproximação à Superintendência de Juventude, pretende-se consolidar uma política territorial e não partidária, almejando que este estudo e pesquisa possam ter continuidade após a sua realização.

Para se chegar a um território com contornos bem definidos de organização e lideranças, o processo não pode ser feito de forma brusca; são necessários cuidados que acompanhamos ao longo do tempo, para que, de fato, essa comunidade se sinta confortável com a presença de outros sujeitos que, a princípio, poderiam ser estranhos.

Conforme o Superintendente de Juventude, sua própria vestimenta reflete esse cuidado ao entrar naquele contexto. No dia, ele estava vestido com uma calça jeans, uma camiseta básica, sem crachá e usando um boné. Segundo ele, essa escolha de vestuário facilita sua aproximação com a população local. Presenciamos alguns moradores chamando-o de “irmão”, o que, segundo ele, é resultado de sua caracterização para compor o território.

Cada elemento ou sensação se torna importante para os olhares de um observador. No caminho para a biblioteca, fui abordada por um professor da escola, que me perguntou sobre minha pesquisa e, logo em seguida, questionou se eu não tinha receio em desenvolver um trabalho naquele território, especialmente considerando que os espaços ali são bem delimitados por lideranças positivas, além de outras que atuam em vieses mais complexos e delicados, em especial no âmbito do tráfico de drogas.

Em resposta a esse questionamento, informo a ele que não estou ali para julgar o que é certo ou errado. Meu objetivo é colaborar para promover a cultura política entre os jovens, especialmente no que diz respeito ao protagonismo nesse território e em outros espaços que eles frequentam.

Acreditamos que, ao invés de impor ideias ou doutrinas, é mais produtivo incentivar a reflexão crítica, a autonomia e o envolvimento ativo dos jovens nas questões que impactam suas vidas e suas comunidades.

A formação de uma cultura política sólida entre os jovens é essencial, pois eles são o futuro e têm o potencial de influenciar mudanças significativas em sua sociedade. Ao proporcionar um ambiente onde possam discutir, debater e expressar suas opiniões, estamos ajudando a construir uma geração mais consciente e engajada.

Isso não apenas fortalece o tecido social do território, mas também amplia as perspectivas dos jovens, permitindo que eles se vejam como agentes de transformação e não apenas como espectadores passivos das circunstâncias ao seu redor.

Portanto, meu papel é agir como um facilitador, oferecendo espaço e recursos para que esses jovens possam desenvolver suas competências e habilidades relacionadas ao protagonismo.

É fundamental que eles compreendam a importância de sua participação ativa em coletivos, fóruns e outras formas de engajamento comunitário, a fim de que possam construir um futuro que reflita suas necessidades e aspirações. Assim, a promoção da cultura política se torna uma ferramenta poderosa para empoderá-los e para a construção de um ambiente social mais justo e colaborativo.

Chegando à biblioteca, uma biblioteca comum e típica de uma escola pública periférica, há algumas mesas e cadeiras que facilitam o trabalho em grupo, uma vez que a atividade planejada, conforme o roteiro, incluía uma parte dedicada ao trabalho em grupo.

Meu primeiro movimento no cerne dessa biblioteca foi preparar uma mesa de lanche, com algumas quitandas, deixando o grupo à vontade para que, ao longo da atividade, os jovens pudessem lanchar.

A organização do lanche para a realização das atividades do grupo em questão faz parte do planejamento para a efetivação do Grupo Focal, escolhido como abordagem para trabalhar com esse grupo de jovens lideranças da escola, com idades entre 14 e 17 anos, jovens do território, com idades entre 15 e 29 anos, e lideranças comunitárias.

As refeições, em especial em encontros dessa magnitude, podem fortalecer laços afetivos. Ao redor de uma mesa, as pessoas se veem confortáveis para compartilhar sentimentos e sensações.

O estar junto ao redor de uma mesa pode ir além da presença física, pois envolve um investimento na conexão: olhar nos olhos, ouvir opiniões e transformar uma refeição em um momento especial de acordo com a realidade do grupo.

Nesse sentido, o lanche oferecido ao grupo não foi por acaso; fez parte do planejamento no âmbito da pesquisa e do alcance social, para que a inserção e o acolhimento dentro desse grupo de lideranças fossem uma realidade.

Na execução das atividades planejadas para o grupo de jovens, conforme indicado no Quadro 4, foi realizada uma fala de acolhimento à proposta de estudo. Esse momento inicial não apenas preparou os participantes para a experiência que estava por vir, mas também criou um ambiente receptivo e colaborativo.

A partir do estudo desenvolvido por Souza (2011), que analisa o desenho como instrumento diagnóstico por meio de reflexões da psicanálise, e dos princípios estabelecidos por Vinay (2024) em sua obra "O desenho no exame psicológico da criança e do adolescente", podemos perceber que a produção artística dos jovens participantes de uma pesquisa, especialmente em um contexto de periferia, apresenta uma complexidade adicional, refletindo não apenas as individualidades dos jovens, mas também as realidades sociais, culturais e econômicas que os cercam, conforme destacado por Oliveira (2021).

Vygotsky (2001) fornece uma base teórica essencial para compreender o desenvolvimento cognitivo e a relação intrínseca entre pensamento e linguagem, enfatizando que a linguagem é mais do que um simples meio de comunicação; ela desempenha um papel fundamental na formação do pensamento.

Segundo Vygotsky (2001), as funções cognitivas superiores emergem por meio da interação social, na qual a linguagem atua como um mediador essencial. Essa dinâmica é especialmente relevante no contexto da pesquisa com jovens, onde a produção artística pode ser vista como uma extensão desse processo.

No início da atividade, os jovens recebem folhas de sulfite branca e têm à disposição uma variedade de materiais, como pincéis, massas de modelar, lápis, borracha, lápis de cor,

revistas e post-its coloridos. Esses materiais não são apenas instrumentos para a expressão artística, mas também facilitadores da comunicação de emoções, pensamentos e experiências pessoais.

Isso ilustra como, conforme afirmado por Vygotsky (2001), a linguagem e a arte são instrumentos importantes para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos. A ideia central na teoria de Vygotsky é que o pensamento é inicialmente social e se torna individual à medida que as crianças e os jovens internalizam a linguagem que ouvem.

Ao utilizar esses materiais criativos, os jovens são encorajados a incluir marcos históricos, árvores e as pessoas que encontram ao longo do caminho, o que lhes permite construir uma narrativa rica que reflete suas experiências diárias.

Esse processo estimula não apenas a observação atenta e a criatividade, mas também a capacidade de articular pensamentos e sentimentos, fomentando um entendimento mais robusto do mundo ao seu redor.

Vygotsky (2001) destaca, ainda, a multiplicidade de funções da linguagem no desenvolvimento cognitivo. A partir da arte, as crianças e os jovens não somente comunicam suas necessidades, mas também formulam hipóteses, fazem perguntas, expressam emoções e resolvem problemas.

Assim, entendemos, a partir de Vygotsky (2001), que o uso da linguagem e da arte em situações sociais enriquece a capacidade de pensar criticamente e criativamente. A prática de desenhar e de se expressar artisticamente pode também ser vista como um meio de mediação, conectando a realidade externa dos jovens à sua realidade interna.

Nesse contexto, as expressões artísticas que emergem da atividade de desenho não são apenas representações; elas são veículos capazes de trazer à luz sentimentos muitas vezes ocultos, permitindo que esses jovens compartilhem suas vivências de maneira significativa.

Portanto, ao integrar as ideias de Vygotsky (2001) sobre a linguagem e o pensamento ao contexto dos jovens envolvidos na pesquisa, é evidente que a produção artística não só ilustra suas realidades, mas também funciona como um mecanismo essencial para a expressão das emoções e dos estados psicológicos.

Essa abordagem teórica é particularmente útil em contextos educacionais e terapêuticos, onde a arte pode servir como um ponto de partida para promover o crescimento intelectual e emocional dos indivíduos.

Nesse sentido, os participantes são solicitados a realizar desenhos fidedignos e minuciosos do percurso entre suas casas e a escola. Esse exercício estimula a observação atenta e a criatividade, abrangendo tanto a paisagem construída quanto a paisagem natural.

Os jovens são encorajados a incluir marcos históricos, árvores, as pessoas que encontram ao longo do caminho e espaços de lazer, permitindo um retrato mais completo de suas experiências diárias.

Na perspectiva de Vinay (2024), o desenho se apresenta como um meio valioso de expressão, possibilitando que crianças e adolescentes manifestem uma gama de sentimentos, medos, preocupações e ilusões.

Esse recurso projetivo transcende a mera representação visual, atuando como uma janela para o mundo interno do jovem, onde aspectos que frequentemente permanecem não verbalizados podem ser expressos. Nesse sentido, o desenho se torna uma ferramenta poderosa em contextos terapêuticos e clínicos, oferecendo entendimentos sobre a realidade emocional do indivíduo.

O desenho não só é um valioso recurso na avaliação psicológica, mas também possui a capacidade de revelar traços de personalidade. As escolhas que os indivíduos fazem em relação a cores, formas, proporções e elementos incluídos podem indicar vivências, estados emocionais e padrões de comportamento.

Uma criança ou um adolescente que utiliza cores escuras e formas angustiantes pode estar expressando sentimentos de tristeza ou medo, enquanto outra que emprega cores vibrantes e formas dinâmicas pode evidenciar uma visão mais positiva do mundo (Vinay, 2024).

É fundamental que os pesquisadores reconheçam as nuances e limitações na análise dos desenhos, especialmente considerando que não possuem formação em psicologia para realizar essa investigação de forma tão aprofundada quanto um profissional habilitado.

A interpretação dos desenhos realizados pelos jovens é subjetiva e pode variar significativamente de acordo com a formação do pesquisador, seus objetivos e o contexto em que os desenhos foram produzidos.

Ao considerar a produção artística de jovens em um contexto de periferia, essa análise ganha uma complexidade adicional, refletindo as realidades sociais, culturais e econômicas que os cercam (Oliveira, 2021).

Os estudos realizados por Oliveira (2021) são fundamentais, pois ajudam a compreender como as expressões artísticas refletem vivências marcadas por violência, desigualdade social e a luta por reconhecimento. Dessa forma, a produção artística pode ser entendida não apenas como uma forma de expressão individual, mas também como uma manifestação coletiva dos desafios enfrentados por esses jovens.

É essencial ter consciência, sensibilidade e atenção às obras criadas em contextos de periferia. A interpretação desses desenhos deve considerar as dimensões sociais envolvidas,

uma vez que uma análise sem uma compreensão profunda do contexto pode levar a leituras superficiais ou equivocadas, como reflete Vinay (2024).

Um desenho que parece simples ou caótico à primeira vista pode conter significados profundos, revelando a complexidade da vida na periferia (Oliveira, 2021).

Inspirados nas reflexões de Oliveira (2021) e Vinay (2024), reconhecemos que o estado emocional dos jovens, suas vivências e a percepção de pertencimento ou exclusão influenciam o que é traduzido em suas obras.

Portanto, ao abordar a análise dos desenhos, é importante ter uma aproximação sensível e informada, já que cada linha, cor e forma pode refletir experiências vividas em um espaço que, frequentemente, sofre estigmas e invisibilidade.

Essa diferença de formação pode impactar a interpretação dos elementos presentes nas obras. Além disso, o contexto cultural e social do indivíduo é um elemento fundamental a ser considerado na análise dos desenhos, à luz dos estudos de Oliveira (2021) e Vinay (2024).

Nessa linha de pensamento, ao realizar uma análise, é imprescindível considerar não apenas o que é desenhado, mas também o "como" e o "por quê" do processo criativo, reconhecendo que cada desenho é uma expressão única, influenciada por fatores complexos e interligados.

De acordo com Souza (2011), o desenho utiliza elementos visuais para facilitar a expressão do inconsciente, permitindo o surgimento de desejos e conflitos ocultos. A reflexão sobre essa relação sugere explorar o processo de criação do desenho, onde a folha em branco deve ser preenchida pelo lápis como instrumento de expressão.

Os elementos expressivos do desenho oferecem dados valiosos para a análise. Essa abordagem não se limita apenas às crianças, estendendo-se também aos jovens. Consideramos o desenho uma forma válida de comunicação com ambos, reconhecendo que a produção gráfica, similar à criação onírica, resultam de um processo psíquico que varia conforme a fase de desenvolvimento (Souza, 2011).

Para os jovens, o desenho pode servir como um meio de explorar identidades, emoções e questões sociais, refletindo experiências e desafios. Qualquer tentativa de interpretar esses desenhos só será efetiva se estiver inserida em um diálogo que inclua uma escuta atenta.

Essa escuta torna-se ainda mais essencial, pois suas expressões artísticas podem abordar temas complexos relacionados à busca de identidade, pressão social e conflitos emocionais.

Reconhecendo a importância do desenho como instrumento de expressão, tanto para crianças quanto para jovens, temos a oportunidade de promover uma comunicação significativa que valorize suas vivências e perspectivas.

Portanto, ao expandir essa abordagem para incluir os jovens, propomos um espaço de diálogo e reflexão em que as produções gráficas possam ser um elo entre o interior e o exterior, permitindo uma compreensão mais profunda de suas realidades e contribuindo para seu desenvolvimento emocional e psicológico.

A integração de diferentes perspectivas e metodologias é essencial para assegurar que a avaliação seja a mais precisa e sensível possível, mesmo sem o respaldo de uma formação psicológica formal.

Essa integração permite que diversas abordagens complementares sejam consideradas, enriquecendo a análise dos desenhos e proporcionando uma compreensão mais abrangente das experiências dos indivíduos.

Defendemos que, ao combinar conhecimentos de psicologia, arte, educação e ciências sociais, podemos capturar nuances que poderiam passar despercebidas em uma abordagem unidimensional.

Cada campo traz suas próprias teorias, técnicas e formatos de análise, permitindo que as interpretações sejam mais holísticas e contextualizadas. Além disso, a combinação de metodologias qualitativas, como observação participante e entrevistas, com técnicas de análise qualitativa de desenhos, valida a profundidade da pesquisa e dos resultados.

A utilização de múltiplas metodologias e perspectivas promove um ambiente colaborativo e multidisciplinar que valoriza diferentes saberes e experiências, contribuindo para uma maior sensibilidade nas interpretações. Isso é particularmente importante em contextos onde a experiência dos participantes é marcada por complexidades sociais e emocionais, como se pode perceber ao longo desta pesquisa, durante o desenvolvimento do trabalho com indivíduos em situações de vulnerabilidade.

Portanto, os pesquisadores não desejam adentrar no campo da psicologia sem a devida formação; assim, utilizam uma abordagem integrada para serem mais receptivos às necessidades e significados que emergem nos desenhos, garantindo que a investigação reflita de maneira mais fidedigna a realidade dos participantes.

Essa estratégia promove uma compreensão mais aprofundada dos aspectos individuais e coletivos representados nas obras e fortalece o papel da pesquisa como um espaço de diálogo e construção de conhecimento a partir das vozes dos próprios jovens.

Ao integrar as ideias de Vygotsky (2001), Oliveira (2021) e Vinay (2024) sobre a relação entre linguagem, pensamento e desenvolvimento cognitivo, podemos entender melhor como os desenhos e outras formas de expressão na juventude não apenas retratam suas

realidades, mas também servem como uma forma essencial de expressão que revela aspectos profundos de suas personalidades e estados emocionais.

Essa abordagem nos incentiva a ver o desenho e a arte como instrumentos preciosos para a avaliação psicológica e o desenvolvimento pessoal, no qual a arte funciona tanto como um reflexo das experiências vividas quanto como um canal para o fortalecimento da identidade e do pensamento crítico.

Ademais, os estudos sobre essa expressão artística podem colaborar significativamente com a juventude, ajudando-os a navegar em suas emoções e a se relacionar com o mundo ao seu redor de maneira mais consciente e significativa.

Além do desenho, conforme descrito no Quadro 4, os jovens tiveram a oportunidade de expressar suas vivências por meio de palavras, compartilhando aspectos que rememorassem seus trajetos cotidianos.

Esse compartilhamento não apenas enriqueceu a representação visual, mas também promoveu uma conexão mais significativa entre os participantes, fazendo com que suas histórias se entrelçassem e se tornassem parte de um todo coletivo.

Por fim, a atividade proposta, inserida no contexto delineado no Quadro 4, busca promover uma representação visual que facilite tanto a discussão quanto a reflexão sobre os ambientes que compõem as trajetórias diárias dos participantes.

Com essa abordagem integrada, espera-se que os jovens consigam valorizar e entender melhor os espaços que habitam, fortalecendo, assim, sua percepção sobre as relações e experiências que os cercam.

Para o grupo de lideranças do Grêmio da escola, a escolha de dar nomes de cores aos "pássaros" representa um significado profundo e simbólico. Os jovens receberam pseudônimos como Pássaro Azul, Pássaro Branco, Pássaro Cinza, Pássaro Preto, Pássaro Colorido e Pássaro Mesclado.

Essa nomeação reflete uma série de significados associados à liberdade, transformação e potencial. Nesse contexto, a utilização dessas cores torna-se um instrumento preciso de comunicação e simbolismo, permitindo que cada jovem se identifique com características que representam suas experiências.

A cor azul, pela qual o Pássaro Azul é identificado, é frequentemente associada à tranquilidade, confiança e liberdade. Para os pesquisadores, essa escolha pode representar a busca dos jovens por voos altos, novas experiências e a liberdade de expressão.

Segundo a psicologia das cores, o azul também simboliza esperança e estabilidade emocional, conforme o estudo de Gage (2006) sobre cor e significado no campo da arte, ciência e simbolismo na Universidade da Califórnia.

O Pássaro Preto, por sua vez, representa poder e elegância, além de simbolizar resistência e proteção. Para muitos jovens, essa cor reflete a realidade dos desafios e das lutas que enfrentam, solidificando sua resiliência em tempos difíceis.

Historicamente, no contexto da ordem das cores e dos padrões históricos, o preto tem sido uma cor de resistência cultural e social. Por esse motivo, um dos pássaros será reconhecido como Pássaro Preto (Kuehni, 2008).

Outro jovem recebe o nome de Pássaro Cinza. No âmbito da história da paleta de cores, essa cor assume certa ambiguidade, frequentemente associada à neutralidade e à transição. Para os jovens, o cinza pode simbolizar uma fase de transformação, representando a combinação de experiências passadas e futuras, e indicando a busca por equilíbrio em um mundo em constante mudança (Evans, 2003).

Além disso, a utilização do Pássaro Colorido sugere diversidade e pluralidade de experiências. Assim como as cores misturadas, os jovens trazem individualidades que se entrelaçam, formando uma identidade coletiva rica e vibrante. Isso ressalta a importância do diálogo e da colaboração na construção de uma comunidade mais coesa (Kaya, 2012).

Por fim, o Pássaro Branco simboliza pureza, paz e novas oportunidades. Para os jovens, essa cor representa um futuro em aberto, repleto de potencial e novas possibilidades. É a tela em branco na qual eles podem pintar suas aspirações e sonhos (Küster, 2010).

Essa organização proporciona uma conexão clara entre os objetivos da atividade, a escolha dos nomes de cores para os "pássaros" e o significado atribuído a cada cor, promovendo uma melhor compreensão das experiências e identidades dos jovens participantes.

Algumas questões nortearam esse caminho cartográfico cotidiano. Neste momento, um dos jovens, aqui chamado de Pássaro Azul¹¹, o mais tímido do grupo, levanta a mão e me diz:

¹¹ As imagens dos participantes da pesquisa, representando os jovens como "pássaros" e as lideranças comunitárias como "sementes", foram criadas utilizando a ferramenta de inteligência artificial Canva. Esta escolha visa ilustrar de forma simbólica a dinâmica de crescimento e transformação da comunidade, destacando a importância da colaboração entre os jovens e suas lideranças.



Pássaro Azul

https://www.canva.com/pt_br/gerador-imagem-ia/acesso 8 de set. 2024)

Professora, não vai ter
jeito não...de fazer esse
desenho!

Eu pergunto: por quê? E ele, o mais calado até então do grupo, me responde:



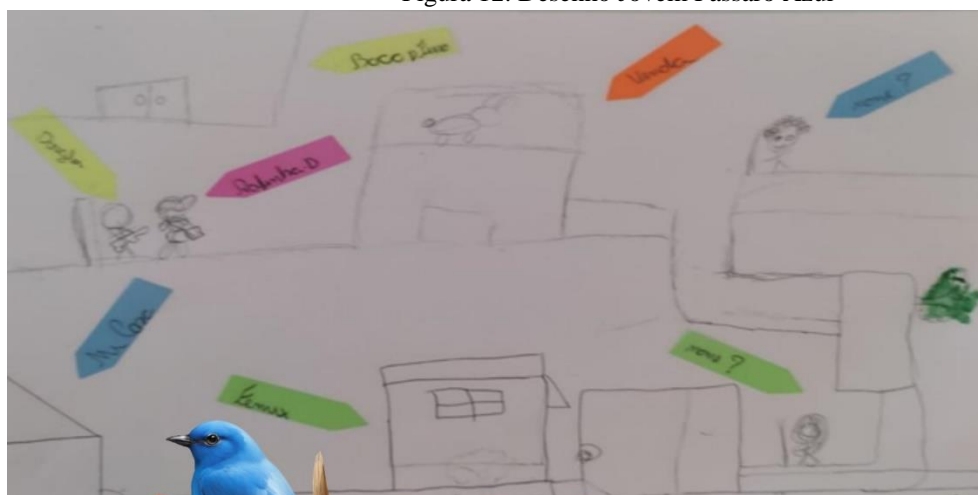
Pássaro Azul

https://www.canva.com/pt_br/gerador-imagem-ia/acesso 8 de set. 2024)

Professora, no meu caminho
tem boca de fumo, moça do
sexo e muitos malas...

Respondi a ele para que não se preocupasse em fazer o registro ou não, para que ele ficasse à vontade, considerando que eu gostaria de conhecer o caminho por ele percorrido para chegar à escola. O resultado é o que se segue, conforme a Fig. 12:

Figura 12. Desenho Jovem Pássaro Azul



Pássaro Azul (2022)

https://www.canva.com/pt_br/gerador-imagem-ia/acesso 8 de set. 2024)

Fonte: Autores (2022)

Todos os nove jovens desse grupo participaram da atividade e realizaram seus desenhos, retratando o percurso que fazem ao sair de casa até a escola. Desses nove trabalhos realizados, muitos me chamam a atenção, conforme as imagens e figuras 13, 14, 15 e 16 que seguem:

Figura 13. Desenho Jovem Pássaro Colorido



Fonte: Autores (2022)

O trabalho registrado na imagem da Figura 13 é o registro de um jovem que faz parte do Núcleo de Socialização do bairro. É um jovem mais introspectivo, que me chama a atenção pelo fato de ter levado o post-it no formato de coração ao lado da escola desenhada. Talvez, neste espaço, esse jovem possa entendê-lo de forma afetiva.

A única praça situada no território pesquisado é realçada pela sua abordagem, especialmente na escolha das massas de modelar, que variam em cores vibrantes e em proporções cuidadosas, considerando a harmonia com os outros espaços representados.

É fascinante notar que, em seu trabalho, um lado da rua se apresenta repleto de informações e detalhes, com uma variedade de pessoas e elementos que o jovem captura de forma expressiva.

Em contraste, o lado oposto da rua revela uma notável ausência de elementos, o que acentua ainda mais a riqueza visual e narrativa do lado que contém essas informações. Essa diferença não apenas destaca a complexidade do cenário, mas também sugere uma reflexão sobre a dinâmica e a vida na praça.

O trabalho apresentado na Figura 14, elaborado pelo jovem que aqui neste trabalho recebe o nome de Passarinho Cinza, revela uma significativa falta de continuidade na representação da rua ou avenida.

Ao analisar a obra, é possível notar que o ônibus retratado no desenho é intitulado com o nome da cidade à qual o território pertence. No entanto, essa representação provoca uma sensação de distanciamento entre o território e a cidade, como se o espaço retratado não estivesse verdadeiramente integrado à área urbana em que se localiza.

Essa dissociação suscita uma reflexão profunda sobre a relação entre o espaço representado e sua identidade dentro do contexto mais amplo da cidade, levantando questões sobre como diferentes territórios se percebem em relação ao todo urbano.

Além disso, o veículo não está posicionado sobre a rua ou avenida que foi projetada; na verdade, apenas as folhas da árvore foram coloridas, o que levanta várias outras situações a serem exploradas a partir deste trabalho.

Assim como observado na Figura 8, alguns jovens que participaram desta roda de conversa trouxeram imagens de árvores com folhagens pontudas, enquanto outros apresentaram desenhos de árvores com folhagens curtas e arredondadas.

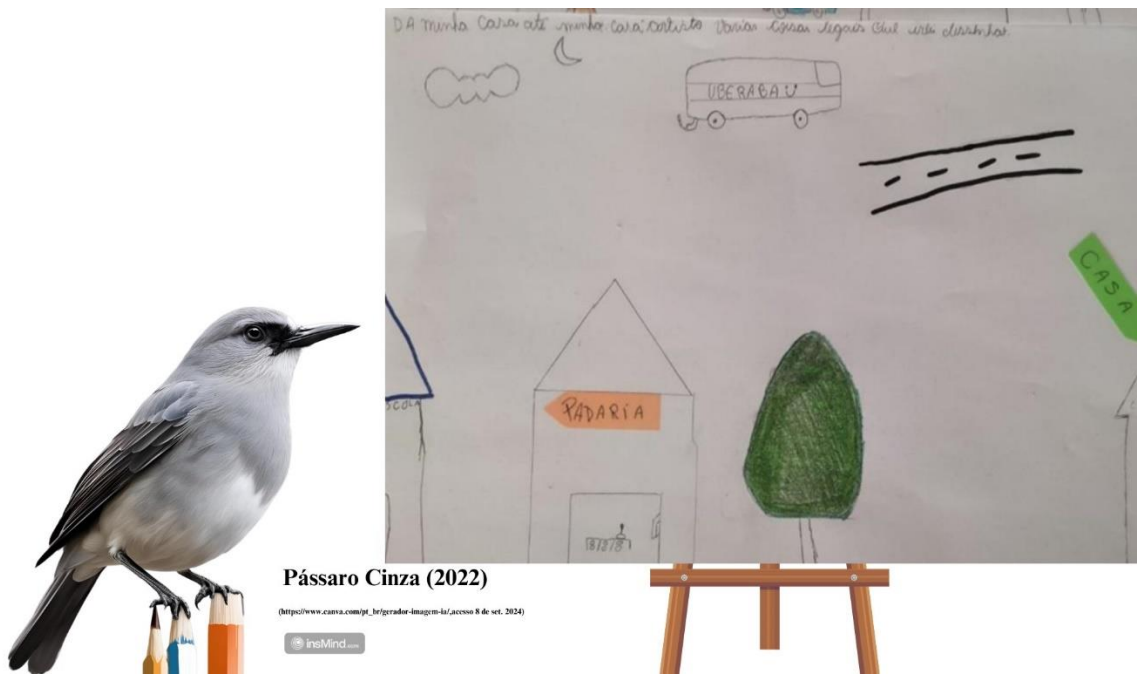
O estudo das formas de folhas — sejam elas pontudas ou arredondadas — nos desenhos de crianças e adolescentes pode fornecer informações importantes sobre seu desenvolvimento emocional e psicológico.

O psicólogo Abraão H. Brafman, em sua obra *A linguagem dos desenhos: uma nova descoberta no trabalho* (2018), ressalta que a análise dos desenhos não apenas revela emoções e percepções, mas também reflete aspectos da personalidade e do ambiente social dos jovens.

Para os adolescentes, a escolha das formas nos desenhos pode indicar uma busca por identidade e autoafirmação. Por exemplo, folhas em formato pontudo podem estar associadas a sentimentos de tensão, agressividade ou até mesmo rebeldia, características comuns nessa fase de desenvolvimento.

Por outro lado, folhas arredondadas podem sugerir uma perspectiva mais positiva, como acolhimento, harmonia e segurança. Essas nuances nos padrões visuais permitem que profissionais de psicologia, compreendam melhor as experiências internas dos jovens, facilitando intervenções terapêuticas que promovam um ambiente de desenvolvimento emocional saudável e ajudem na construção de uma identidade mais sólida. Assim, a análise dos desenhos torna-se um instrumento eficaz para identificar e abordar as necessidades emocionais tanto de crianças quanto de adolescentes (Brafman, 2018).

Figura 14. Trabalho do Jovem Pássaro Cinza



Fonte: Autores (2022)

Já o trabalho realizado pelo Pássaro Branco (Figura 15) me intriga, pois o cenário não é acompanhado pelo céu, resultando em um desenho que parece solto do contexto da cidade à qual o território pertence.

Essa escolha visual deixa de incluir outros elementos que poderiam compor essa representação e a vivência do local, como se o jovem vislumbrasse apenas um ponto que transita, desconsiderando todos os espaços ao redor e também os internos.

Segundo Brafman (2018), a análise dos desenhos pode revelar a maneira como as pessoas percebem e interpretam seu ambiente, o que sugere que essa omissão pode estar associada a uma perspectiva particular do Pássaro Branco sobre sua realidade.

Botelho (2018) reforça que esses detalhes na composição têm o potencial de expressar significados mais profundos sobre a relação do indivíduo com o espaço em que vive. Assim, o trabalho do Pássaro Branco provoca uma reflexão sobre a forma como os jovens elaboram suas experiências e se conectam com o mundo ao seu redor.

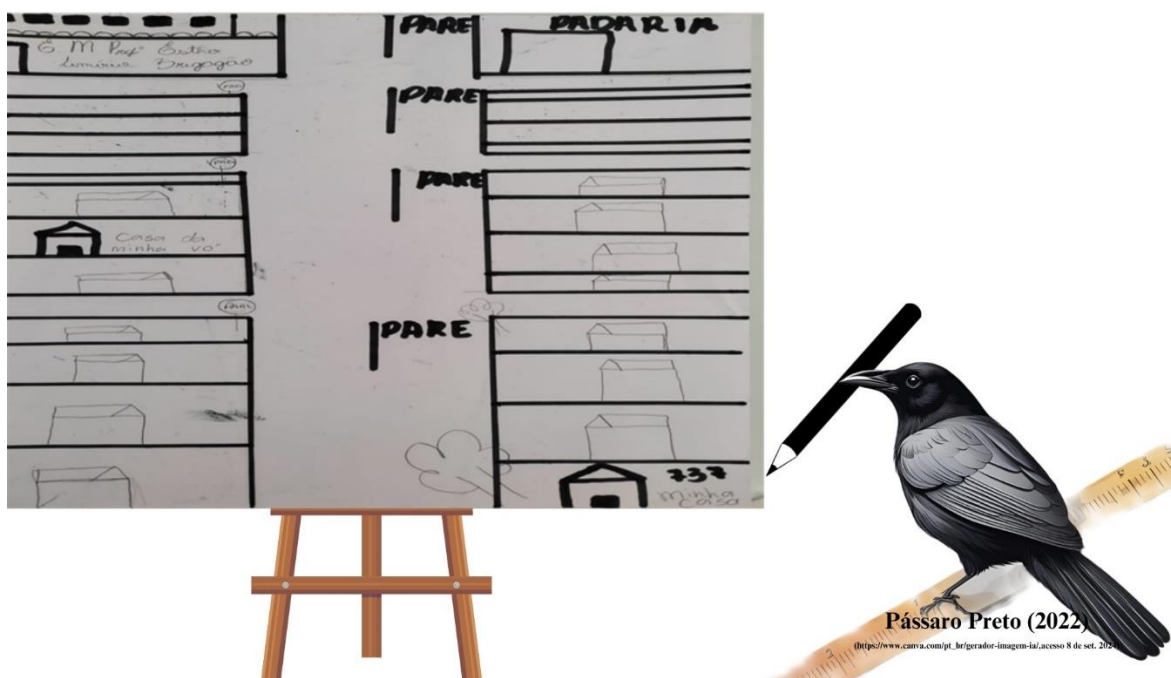
Figura 15. Trabalho do Jovem Pássaro Branco



Fonte: Autores (2022)

Houve trabalhos produzidos pelos jovens que demonstraram certa rigidez frente à necessidade que tiveram de reproduzir as expressões do 'pare'. O excesso de linhas retas e rígidas nos trabalhos, como pode ser observado na Figura 16, também é uma demonstração desse aspecto.

Figura 16. Trabalho do Jovem Pássaro Preto

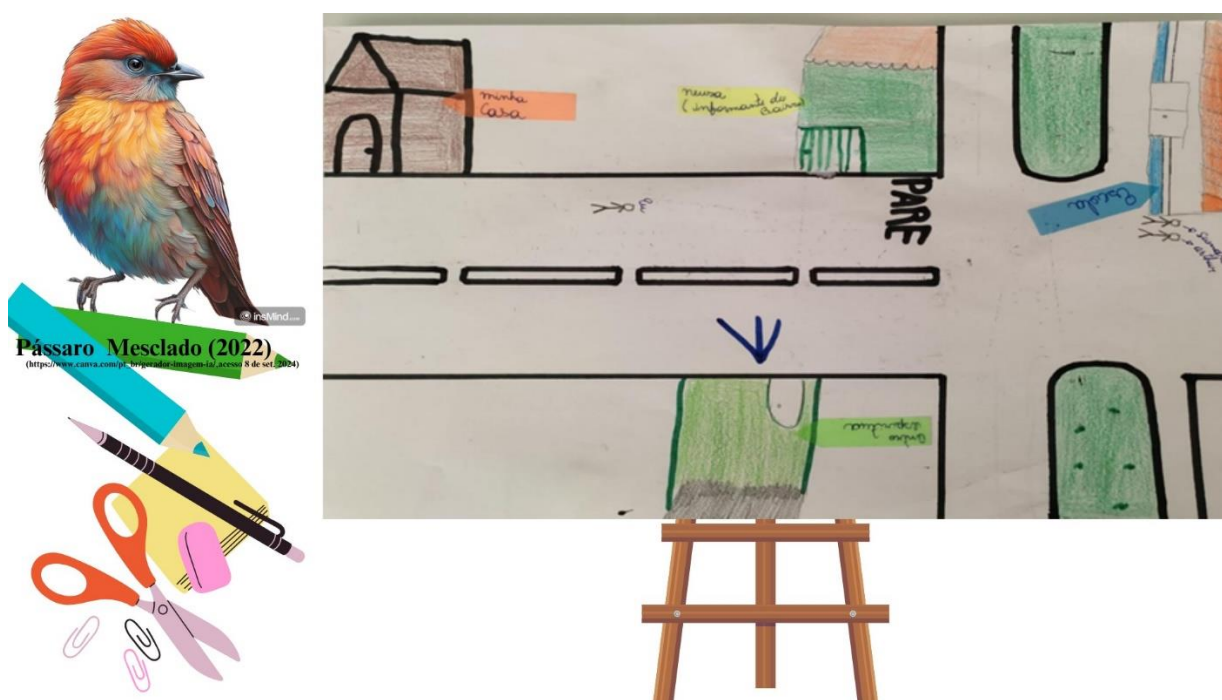


Fonte: Autores (2022)

Em 2004, a Organização das Nações Unidas (ONU), no relatório *La juventud en Iberoamérica: tendencias y urgencias*, trouxe um trecho no documento que pode colaborar para o entendimento do desenho do Pássaro Preto, ao refletir que 'cada época e sociedade impõem a essa etapa da vida fronteiras culturais e sociais que definem determinadas tarefas e limitações a esse grupo da população' (n.p.).

O trabalho do Pássaro Mesclado, expresso na Figura 17, revela um contexto que merece atenção. No trabalho, o jovem evidencia o espaço 'Informática do Bairro', em um contexto em que os moradores, incluindo os jovens, possuem, de forma bem tímida, acesso às mídias digitais. Talvez esse seja o motivo de terem uma ligação tão forte com as emissoras de TV, como indicado no trabalho em grupo, conforme a imagem da Figura 17.

Figura 17. Trabalho do Jovem Pássaro Mesclado



Fonte: Autores (2022)

Os jovens se reuniram em três grupos para discutir seus mapas individuais. Após essa discussão, eles condensaram suas ideias em novos mapas (Figuras 18, 19 e 20), utilizando cartolinas fornecidas pelos pesquisadores.

De um lado, os jovens destacaram os elementos do território ao qual pertencem e que consideram mais significativos para suas vidas. Do outro lado da cartolina, representaram os espaços ou territórios que desejam conhecer, tanto aqueles dentro de seu próprio território que

ainda não tiveram a oportunidade de explorar, quanto aqueles que estão além dos limites conhecidos.

Durante essa atividade, todos os participantes expressaram a convicção de que conhecem bem o território em que vivem, mencionando locais que costumam frequentar, como a padaria do bairro, que se apresenta como um ponto de encontro significativo entre os colegas.

Entretanto, observou-se que o território em questão carece, visivelmente, de espaços culturais e sociais adequados para os jovens. Essa realidade ficou evidente nos trabalhos e nas falas desse grupo em particular.

Ainda dentro das reflexões, os trabalhos dos jovens revelaram uma série de desejos que vão além de suas vivências cotidianas. Entre esses anseios, destaca-se o desejo de conhecer a Biblioteca Municipal da cidade de Uberaba, um espaço repleto de conhecimento e recursos que poderia enriquecer suas perspectivas e aprofundar sua compreensão do mundo.

No entanto, é fundamental reconhecer que esses jovens são frequentemente cerceados em seu desenvolvimento cultural devido à falta de acesso ao capital cultural, conceito amplamente discutido por Pierre Bourdieu (2011).

Segundo Bourdieu (2011), o capital cultural refere-se ao conjunto de conhecimentos, habilidades e educação que permitem aos indivíduos acessar e integrar-se a diferentes esferas sociais e culturais.

Quando os jovens das periferias desconhecem a própria cidade, eles acabam perdendo a oportunidade de se apropriar dos traços culturais e históricos que a cercam. Essa desconexão não apenas limita suas referências pessoais, mas também reforça uma visão restrita de suas identidades e do papel que podem desempenhar na sociedade.

Os jovens, ao expressarem o desejo de viajar para outros países, estão manifestando uma ambição de transcendência das barreiras impostas pela sua condição periférica. Este anseio por experiências fora de seu contexto imediato reflete uma busca por capital cultural que muitas vezes lhes é negado.

A valorização e a exploração de espaços urbanos e culturais dentro de sua própria cidade são essenciais para que esses jovens possam acumular um capital cultural significativo, que os preparará para interagir com diferentes realidades e contextos.

Essas aspirações não são meras vontades; elas representam um clamor por oportunidades que vão além das limitações impostas pela falta de acesso ao capital cultural em suas comunidades.

Portanto, conhecimento e familiaridade com espaços como a Biblioteca Municipal, assim como um envolvimento ativo na exploração da cidade, são fundamentais para que esses jovens se reconheçam como agentes de mudança.

A desconexão com suas próprias realidades urbanas, conforme abordado por Bourdieu (2011), deve ser abordada com urgência, pois é vital para o fortalecimento de suas identidades e para a ampliação das possibilidades que o futuro pode oferecer.

Além disso, alguns dos jovens expressaram o anseio de explorar outros países e culturas, uma aspiração que pode ser apreciada nas imagens apresentadas nas Figuras 18 e 19.

Esta atividade não apenas permitiu que os jovens refletissem sobre seu território e reconhecessem suas limitações, mas também evidenciou suas aspirações de crescimento e descoberta em um mundo mais amplo.

Figura 18. Trabalho 1 Grupo Jovens - Elementos destaques do Território ou Espaços que gostariam de conhecer



Fonte: Autores (2022)

Figura 19. Trabalho 2/ Grupo Jovens - Elementos destaques do Território ou Espaços que gostariam de conhecer



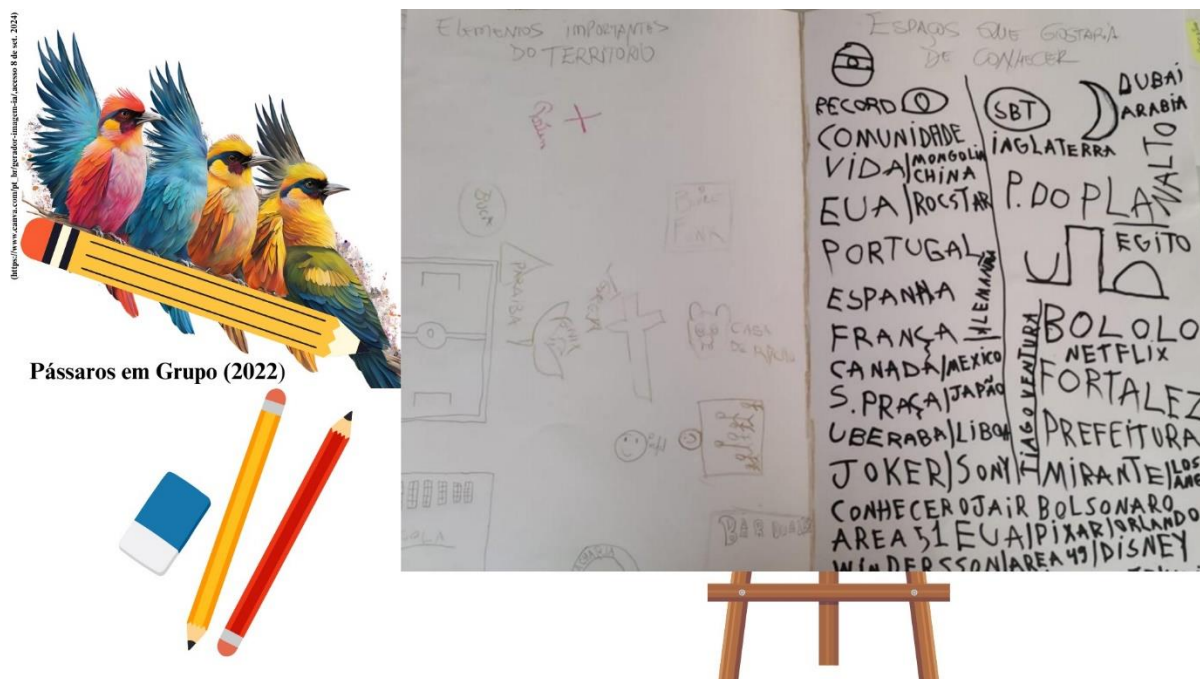
Fonte: Autores (2022)

Outro aspecto relevante do trabalho anterior é a menção a uma das praças do território, desenvolvida com o objetivo de integrar, em um único espaço, programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mundo do trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e inclusão digital, tudo com a intenção de promover a cidadania.

No entanto, de acordo com as falas desses jovens, frequentar essa praça é complicado devido aos altos índices de criminalidade que ocorrem nas proximidades. Apesar disso, eles consideram o local um espaço importante no território, representando conquistas significativas da população local.

O trabalho do grupo 3 pode ser apreciado na Figura 20.

Figura 20. Trabalho 3/ Grupo Jovens- Elementos destaques do Território ou Espaços que gostariam de conhecer



Fonte: Autores (2022)

O trabalho desenvolvido pelo grupo 3 (Fig. 20) apresenta diversos elementos que eles consideram importantes para o território, incluindo uma variedade de espaços, países e personalidades políticas que gostariam de conhecer. Além disso, enfatizam a relevância das mídias, que fazem questão de destacar em suas discussões.

O sinal da cruz aparece em mais de um trabalho, refletindo a forte presença religiosa neste território. De acordo com dados da Superintendência da Juventude, a área abriga uma igreja católica, várias igrejas evangélicas e terreiros de candomblé.

O número de evangélicos nesse território é expressivo, um fato evidenciado pelo trabalho apresentado na figura 18, no qual um dos jovens expressa o desejo de conhecer uma liderança política que é uma das principais figuras evangélicas do país.

Conforme pode ser observado nas imagens apresentadas nas Figuras 18, 19 e 20, a parte do trabalho que se refere aos espaços que os jovens aspiram conhecer demonstra uma expressividade significativamente maior em termos de elementos representados.

Essa evidência sugere que a exploração de novos lugares e experiências é uma aspiração fundamental para essa faixa etária.

A diversidade de imagens e símbolos encontrados nessas figuras pode estar intimamente relacionada ao desejo dos jovens de expandir seus horizontes e integrar-se a novas culturas e contextos sociais. Essa integração é essencial para o desenvolvimento de sua identidade e cidadania, já que proporciona a vivência de diferentes realidades (Dias; Souza, 2019).

Nesse sentido, entendemos as representações dos espaços desejados enquanto um

recurso valioso para expressar as aspirações e os desafios que esses jovens enfrentam em seus ambientes cotidianos. Além disso, a variedade de elementos presentes nas figuras não apenas reflete interesses individuais, como também revela um anseio coletivo por um futuro mais amplo e repleto de oportunidades.

Essa busca por novos conhecimentos e vivências sublinha a importância de considerar os anseios e experiências dos jovens em contextos de formação e desenvolvimento social. Vygotsky (1998) enfatiza que a aprendizagem e o desenvolvimento psicológico ocorrem de maneira intrinsecamente relacionada ao contexto social e cultural em que os indivíduos estão inseridos, o que reforça a relevância de olhar para as experiências educativas dos jovens como parte essencial de sua formação.

Ao final das apresentações e durante uma conversa com o Superintendente da Juventude que me acompanha na atividade, comprometi-me com os jovens a organizar uma visita a alguns lugares da cidade que eles, muitas vezes, ainda não conhecem.

Entre os destinos citados estão a Biblioteca Municipal, o bairro de Peirópolis e a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, além de outras opções que possam ser viáveis. Essa iniciativa visa proporcionar aos jovens novas experiências e oportunidades de aprendizado, fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Além disso, chamou-me a atenção o fato de que o grupo me questionou sobre a possibilidade de realizar conversas com outras lideranças do território. Isso demonstra que esses jovens, reconhecidos como líderes em seu próprio contexto, também têm a percepção da importância de dialogar com outros líderes que fazem parte de sua comunidade.

Essa atitude revela uma maturidade significativa e uma compreensão profunda sobre a dinâmica de liderança e colaboração no território.

No ambiente observado, é notável o senso de respeito mútuo que permeia as relações entre os moradores. Esse respeito se torna ainda mais evidente em relação às lideranças comunitárias locais, que são reconhecidas como figuras de autoridade. O suporte ativo dado pelos moradores às iniciativas e decisões tomadas por essas lideranças reflete um espírito de cooperação e solidariedade que caracteriza o território.

Antes de deixar a escola, todos os jovens, juntamente com seus responsáveis, tiveram acesso ao meu contato telefônico por meio de termos de consentimento e assentimento que foram compartilhados.

Essa abordagem incluiu a criação de um grupo de WhatsApp, iniciativa que partiu dos próprios jovens. Senti-me acolhida por esse grupo, o que demonstra um forte senso de comunidade e a disposição dos jovens em manter um canal de comunicação aberto e eficaz.

Essa experiência não apenas fortalece os laços entre os participantes, mas também enriquece o entendimento dos jovens sobre suas próprias habilidades de liderança e a importância de se envolver ativamente nas questões de sua comunidade.

Ao final do trabalho, fui convidada pelo Superintendente da Juventude a conhecer alguns dos elementos levantados pelos jovens durante a atividade. Estávamos em dois automóveis distintos, e eu o segui enquanto ele dirigia.

Fomos devagar pelas ruas do território, parando ocasionalmente para registrar algumas imagens com o aparelho de celular. Em um dos momentos de registro, fui abordada por membros da comunidade, que questionaram o motivo dos registros.

Esclareci que sou pesquisadora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e estava acompanhada pelo Superintendente da Juventude, que me apresentava o território. A presença do Superintendente fez com que eu sentisse que tinha o consentimento da comunidade para realizar os registros e explorar visualmente aqueles espaços.

Compreendi também que o território em questão pertence àquela comunidade. Ingressar em um território tão denso, reflexo de sua história e dos seus moradores, ou mesmo integrar-se a um coletivo, é um processo que demanda respeito, compreensão e aceitação mútuos.

Assim, é fundamental estabelecer uma relação de confiança com os membros da comunidade, demonstrando um interesse genuíno por suas necessidades, preocupações e perspectivas.

Antes de ser aceito como parte integrante, é essencial obter o consentimento da comunidade, respeitando suas normas, valores e tradições. Esse processo pode envolver o engajamento em diálogos abertos e transparentes, o compartilhamento de informações sobre intenções e propósitos, e a formação de parcerias baseadas na cooperação e na colaboração.

Ao obter o consentimento da comunidade de maneira respeitosa e inclusiva, é possível criar laços sólidos e duradouros, promovendo o desenvolvimento e o bem-estar de todos os seus membros.

Ainda durante minha caminhada pelo território, outro fato chamou minha atenção. Ao acessar um centro de sociabilização na companhia do Superintendente da Juventude, ele me apresentou à gestora do local, que me recebeu calorosamente e fez questão de mostrar o espaço, onde atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Enquanto conversávamos, outras lideranças do território chegaram ao local para se reunir sobre a situação de uma invasão em uma casa popular da prefeitura, que estava desocupada e ocupada por uma família carente com um filho com necessidades especiais.

Optei por permanecer na observação, uma vez que se tratava de um assunto muito específico daquela comunidade. O que mais me chamou a atenção foram as falas dos líderes e gestores reunidos, que expressavam a preocupação em resolver aquela situação delicada, em resposta à pressão de toda a comunidade.

Esses líderes mostraram-se organizados na defesa dos direitos da minoria, enfatizando que estavam ali como gestores para coordenar as ações necessárias, visto que a população local é muito dinâmica e atuante. Essa dedicação à resolução de problemas sociais e à defesa de direitos essenciais reflete um profundo compromisso com o bem-estar da comunidade.

5.2 NOS NINHOS DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DO TERRITÓRIO PÔR DO SOL

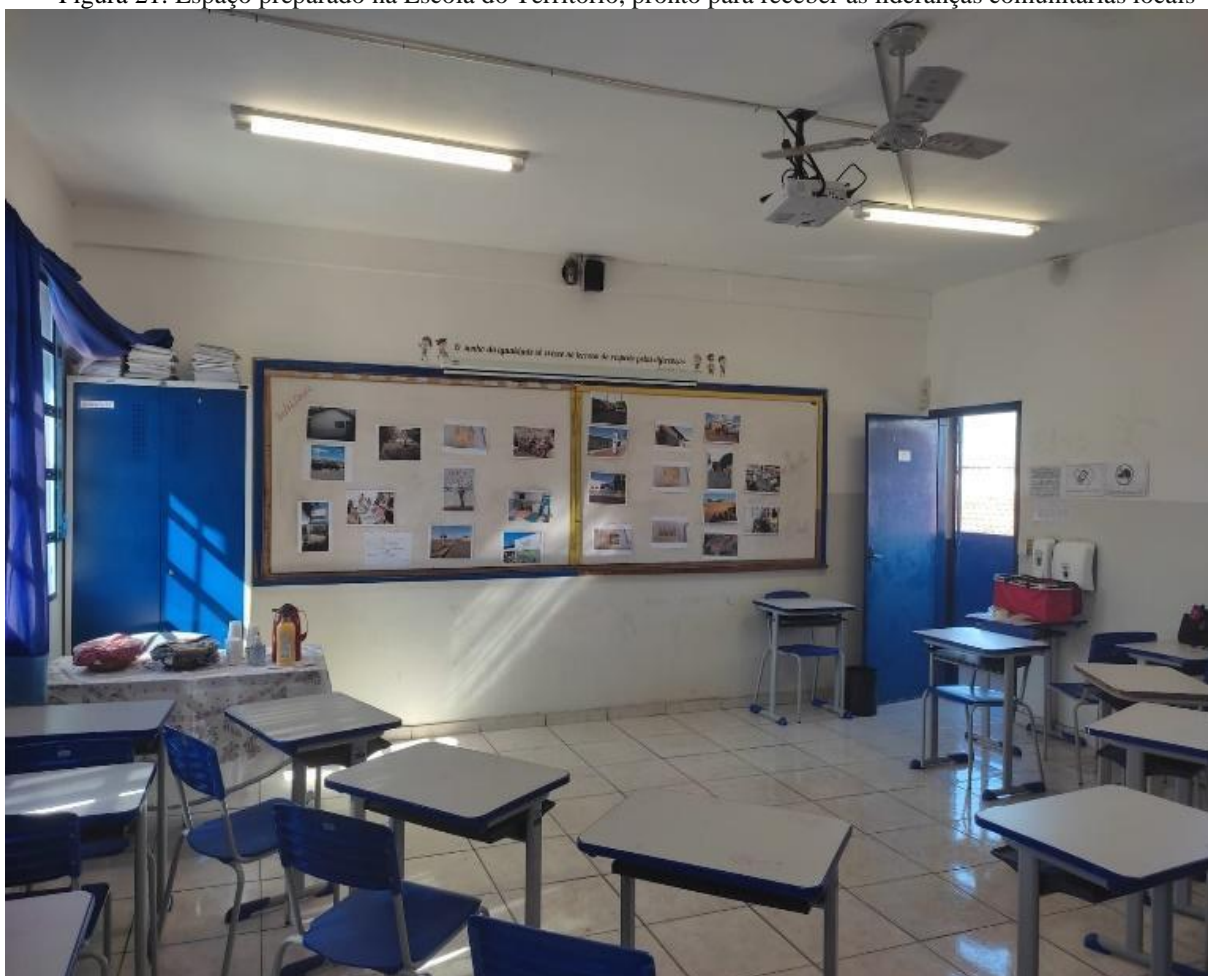
Os ninhos das aves são, na natureza, um espetáculo à parte. Grandiosos ou discretos, robustos ou delicados, feitos dos mais diversos materiais, como argila (por exemplo, o joão-de-barro), galhos secos, paina, teias de aranha (por exemplo, as utilizadas pelos beija-flores), fungos, pelos de mamíferos, saliva e até materiais sintéticos ou resíduos urbanos, estão apoiados sobre o solo, em rochas (como no caso do taperuçu-de-coleira-branca), capins, folhas de palmeira, galhos, troncos, cupinzeiros e em diversas estruturas construídas pelo homem, tanto no campo quanto nas cidades.

Podem ser isolados ou agrupados em colônias, formando verdadeiros "condomínios" (como no caso do xexéu). Esses ninhos constituem uma importante referência para se identificar a presença de uma espécie em uma determinada área. (WIKIAVES, 2024).

Desta forma, a escolha de ninhos para representar as lideranças comunitárias deste território e de nomes de sementes como pseudônimos para essas lideranças não foi por acaso, considerando que as sementes podem ser um grande atrativo para os pássaros, neste caso, para as juventudes.

No dia da escuta das lideranças comunitárias, formadas por moradores do bairro, incluindo jovens, gestores da escola, gestores do Centro de Reabilitação, da Saúde e do Centro de Referência Social do território, foi preparado um espaço dentro da escola para recebê-los. Esse espaço já é uma referência de encontro para essas lideranças, a fim de que o trabalho seja realizado junto às lideranças comunitárias do território, conforme mostra a Figura 21.

Figura 21. Espaço preparado na Escola do Território, pronto para receber as lideranças comunitárias locais



Fonte: Autores (2022)

A decisão de realizar este momento em conjunto com as lideranças comunitárias do território foi motivada pelo desejo de evitar a fragmentação das ações nessa área, considerando que já existe uma atuação colaborativa entre eles.

As estratégias e abordagens adotadas para esta atividade foram elaboradas com o objetivo de permitir que os participantes revisitem suas memórias afetivas. Dessa forma, esperamos que eles consigam expressar suas ideias, emoções e mensagens de maneira memorável, por meio de narrativas que emergem de contextos espontâneos e de pesquisa, conforme afirmam Bastos e Biar (2015).

A preparação do espaço ocorreu antes da chegada das lideranças, e a disposição das cadeiras foi organizada de forma a possibilitar uma observação mais atenta e detalhada por parte dos pesquisadores.

As imagens expostas no quadro branco (Figura 21) fazem parte do arquivo público de Uberaba, MG, e oferecem um panorama rico da história do Território, desde sua criação até os dias atuais. Cada fotografia foi selecionada cuidadosamente para retratar momentos

significativos, como as primeiras ocupações, as construções originais das casas e eventos marcantes que refletem a cultura e as tradições locais.

Essas imagens, que variam entre registros antigos e contemporâneos, ilustram a evolução da comunidade, permitindo que os participantes mergulhem nas memórias coletivas e compreendam a resiliência da população ao longo do tempo.

Além disso, no quadro branco, foram fixados diversos recortes de noticiários que abordam temas preocupantes, como drogas e crimes que têm marcado a região. Essas reportagens trazem à tona a realidade complexa enfrentada pela comunidade, contrapondo-se à riqueza cultural e à história local.

Entre as fotos vibrantes que capturam a essência dos movimentos culturais do território, algumas documentam momentos de resistência e celebração, enquanto outras, em tonalidades mais sombrias, refletem os desafios e os conflitos que surgiram ao longo do tempo.

É interessante notar como as imagens do passado, que mostram as ruas de terra e as casas de lona, dialogam com os registros atuais; elas nos lembram de uma época em que a comunidade estava em processo de formação, cheia de esperança e sonhos.

A justaposição dessas fotografias e notícias no quadro cria uma narrativa visual poderosa, revelando não apenas a evolução do território, mas também as tensões sociais que persistem.

Esse espaço torna-se, assim, um testemunho da luta contínua da população por condições melhores de vida e um futuro mais promissor. No entanto, ao mesmo tempo, expõe a dura realidade dos estigmas que envolvem o território, frequentemente associado à criminalidade e à falta de oportunidades. A ausência de alternativas viáveis para os jovens os empurra para caminhos perigosos, levando muitos a se envolverem com o crime e as drogas.

Essa dualidade presente no quadro convida à reflexão sobre a complexidade da comunidade, onde a luta pela dignidade e pela melhoria das condições de vida se mistura com os desafios impostos pelos preconceitos e pelas limitações estruturais.

É fundamental reconhecer que, embora existam aspectos culturais vibrantes e histórias de resistência, a falta de oportunidades é uma realidade que impacta profundamente o futuro da juventude local.

Esses fatores não apenas reforçam estigmas, mas também perpetuam um ciclo de exclusão que precisa ser enfrentado urgentemente para que novos horizontes possam ser construídos.

Em princípio, conforme o roteiro (Quadro 5), a intenção era organizar as imagens em um varal afetivo. No entanto, ao chegarmos ao espaço, percebemos que apresentá-las de forma

pontual e ampla seria mais eficaz, permitindo que os participantes enxergassem claramente cada imagem e a história que ela representava.

A primeira liderança a chegar foi um dos líderes mais atuantes na região, que transita entre a liderança na escola e no território. Morador local, ele demonstrou intensa emoção ao visualizar as imagens no quadro branco (Figura 21), compartilhando relatos comoventes antes mesmo que eu pudesse ligar o gravador. Esses relatos profundos vinham de uma pessoa que havia vivenciado cada aspecto daquele mosaico formado pelas imagens exibidas.

Logo após a chegada desse líder, os demais foram se juntando e também se emocionando com as imagens ali expostas. Mediante aos relatos emocionantes e dos posicionamentos que surgiram, sentimos que este estudo deveria ser conduzido por aqueles que pertencem a esse território, ressaltando a importância da participação ativa da comunidade na narrativa que envolve sua própria história.

Desejosos, enquanto pesquisadores, de que a pesquisa se desdobrasse de forma orgânica, ou seja, que se adaptasse de maneira fluida e dinâmica à realidade e às particularidades do território em estudo, os pesquisadores assumiram a responsabilidade, juntamente com aquele grupo de lideranças comunitárias, que incluía jovens, de desempenhar um papel ativo.

Esse papel envolvia não apenas se integrar à comunidade, mas também acompanhar as mudanças e nuances que ocorrem ao longo do tempo, promovendo um diálogo constante e uma troca de saberes que enriquecem tanto a pesquisa quanto a vivência dos participantes.

A abordagem orgânica permitiu que os pesquisadores se tornassem parte integrante do contexto social, possibilitando uma compreensão mais profunda das necessidades, anseios e desafios da comunidade, além de facilitar a construção de soluções colaborativas e significativas para os problemas enfrentados.

Logo, a atuação dos pesquisadores ocorreu na condição de facilitadores, observadores e participantes, adaptando suas abordagens de pesquisa de acordo com as necessidades e demandas emergentes da comunidade e do território.

Esse processo dinâmico permite uma compreensão mais profunda e contextualizada da realidade local, enquanto os pesquisadores se posicionam como parceiros colaborativos no processo de investigação.

O momento foi iniciado com um agradecimento sincero pela oportunidade que, como pesquisadores, tivemos de vivenciar as experiências e histórias de cada uma das pessoas presentes. Participaram desse encontro seis líderes locais, que incluíam a gestão do espaço formal, nomeados como Sementes Girassol, Linhaça e Pitanga; a coordenadora do Centro de Socialização do Território, que recebeu o nome de Semente de Chia; os coordenadores do

Centro de Referência da Assistência Social do Território (CRAS), denominados Semente Erva-Doce e Semente Abóbora; além do Superintendente da Juventude do Município de Uberaba, que foi chamado de Semente Romã e também nos acompanhou nesta atividade de escuta.

Foi solicitado aos participantes (sementes) o consentimento para a gravação e, após a autorização, o processo teve início.

O encontro teve duração de 2 horas e 47 minutos e foi marcado por uma conversa sistematizada, iniciada a partir de um exercício de memória afetiva sobre o território. As falas foram transcritas na íntegra, respeitando as pausas e, por vezes, as gírias utilizadas.

Ao chegar na sala e visualizar as imagens apresentadas na Figura 21, o movimento da Semente de Girassol foi instantâneo e significativo. Ele cumprimentou os pesquisadores, demonstrando uma abertura e um acolhimento que refletem sua conexão profunda com a comunidade, marcada por desafios, mas também por uma forte determinação de manter viva sua identidade.

Assim que seus olhos se depararam com as imagens no quadro, uma onda de emoção tomou conta dele. Aquelas fotografias, que retratavam momentos de alegria, luta e transformação, evocaram memórias de um passado repleto de resistência.

Os pesquisadores, conscientes da importância daquele momento de conexão afetiva, optaram, no primeiro instante, por não fazer perguntas. Decidiram permitir que os participantes se deixassem levar pelas lembranças despertadas, criando um espaço seguro onde as emoções pudessem fluir livremente.

Nesse ambiente acolhedor (Figura 21), ele se deteve por um momento diante das imagens, permitindo que as histórias e vivências compartilhadas na comunidade o envolvessem.

A emoção se manifestou em seu rosto, com lágrimas nos olhos, à medida que lembranças de conquistas e superações vieram à tona.

Essas memórias não apenas refletiam as batalhas travadas para preservar a cultura e a dignidade do grupo, mas também simbolizavam a força da comunidade em face das adversidades.

Esse cuidado dos pesquisadores em proporcionar um tempo de reflexão e sentimento antes de iniciar qualquer questionamento evidenciou a sensibilidade necessária para abordar questões tão profundas e pessoais.

A escolha de escutar e observar, em vez de interrogar imediatamente, permitiu que o participante se conectasse com seu passado de maneira íntima e autêntica, ressaltando o valor da memória afetiva como um elemento essencial para a construção de identidades coletivas e práticas de resistência.

A memória, à primeira vista, como argumenta Henri Bergson¹² e é comentado por Ecléa Bosi em "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos" (1994), parece ser um fenômeno individual, algo que é bastante pessoal e exclusivo de cada indivíduo.

É uma capacidade que as pessoas têm de guardar em sua mente o passado, que se manifesta na consciência por meio de imagens de lembranças, além de aparecer em sonhos e devaneios de forma pura.

Maurice Halbwachs, em "A Memória Coletiva" (1990), contesta essa visão, argumentando que a memória não se trata apenas de um fenômeno individual, mas sim de um fenômeno coletivo que formam as lembranças dos indivíduos.

Segundo ele, a memória é "construída coletivamente e sujeita a flutuações, transformações e mudanças constantes", conforme observa Pollak (1992, p. 201). Assim, não deve ser analisada de forma isolada, mas sim em relação a toda a experiência social do grupo ao qual o indivíduo pertence.

Halbwachs (1990) destaca que a memória dos indivíduos não se baseia apenas em sua subjetividade ou em seu interior, mas é influenciada por suas interações com a família, a classe social, a religião, a profissão e outros contextos sociais. Esses fatores, inclusive, podem estimular ou pressionar a pessoa a recordar determinadas experiências.

No entanto, Bosi (1994) enfatiza que, embora a memória coletiva desempenhe um papel importante, é o indivíduo quem realiza a recordação. Ele é o responsável por memorizar e, dentre as diversas camadas do passado a que tem acesso, pode selecionar elementos que são significativos unicamente para ele, dentro de um patrimônio compartilhado.

O ato de recordar, segundo Halbwachs (1990), não se resume a simplesmente reviver uma lembrança ou um sonho de um momento anterior. Em vez disso, ele envolve o ato de reconstituir, reconstruir e reconsiderar, utilizando as imagens e ideias do presente para reinterpretar as experiências do passado. Para Halbwachs (1990), como observa Bosi (1994):

[...]não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual ... e que, às vezes, [é] estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado. (Bosi, 1994, p. 55)

¹² Conhecido principalmente por *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, *Matéria e Memória*, *A evolução criadora* e *As duas fontes da moral e da religião*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas - [cinema](#), [literatura](#), [neuropsicologia](#), [bioética](#), entre outras. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Bergson, acesso 08 de set. 2024.

Assim, recordar não significa recuperar o passado em sua totalidade, pureza e integralidade, como acreditava Bergson. Em vez disso, trata-se de reconstruir partes desse passado com base nas ideias e valores atuais, uma vez que a memória é seletiva.

Nem tudo é retido ou registrado; permanecem na memória apenas o que é significativo e o que representa algo (Pollak, 1992, p. 203). Além disso, esse processo não ocorre de maneira idêntica, pois leva em conta as experiências que as pessoas adquiriram ao longo dos anos.

Em meio à sua emoção, ele verbalizou os sentimentos que vivenciava, expressando a alegria que aquelas imagens lhe proporcionavam. Suas palavras ecoaram no ambiente, ressaltando não apenas a beleza das memórias, mas também o impacto profundo que as experiências coletivas tiveram em sua vida e na vida de todos os que fazem parte da comunidade.

Esse momento emblemático evidenciou a conexão entre os participantes e a história do território, refletindo a importância das imagens como um elo emocional entre passado e presente. A Semente de Girassol (2022), com sua reação autêntica, tornou-se uma ponte entre a pesquisa e a vivência comunitária, destacando a relevância do legado cultural que as imagens representavam e a resiliência de um povo que, apesar das adversidades, continua a se unir e a lutar por suas raízes e identidade.

O ato de resistência, manifestado nesse gesto, sublinhou a necessidade de contar e recontar essas histórias como uma forma de afirmação e valorização da cultura local. Neste contexto, a Semente de Girassol, a liderança que chegou primeiro ao espaço, tomou a palavra com determinação e iniciou sua narrativa:



“
Peço licença aos mais novos e mais velhos, que foi assim que a minha avó me ensinou, né? Aonde você chegar, você pede licença, independente de quem tiver lá, né? Porque teve alguém que fez antes de você.

Tenho certeza de que quem atua no território Pôr do Sol desde a sua concepção ficou com o olho brilhando aqui nessas imagens, porque viu cada construção, desde os comentários até a materialização do que se era conversado. Eu precisava viver isso aqui enquanto morador dessa comunidade.

No entanto, vejo como um problema de insurgência o fato de estarmos aqui com a possibilidade de chamar outras pessoas. Estamos tentando há um tempo ter esse momento aqui, mas a nossa correria não nos permitiu.

Por saber que estamos há um tempo caminhando e refazendo ciclos constantemente. Constantemente, temos que refazer em ciclos. É difícil falar de identidade; cada qual tem a sua e o coletivo tem outra.

Mas aqui, constantemente, estamos tendo que falar "quem nós é", o que "nóis faz", até pelos processos de gestão que se dão aqui no bairro. Eu falo que o bairro vai te dar, só que ele também é traiçoeiro, ele também vai te tirar.

Não adianta chegar iludido, achando que vai encantar os pobrezinhos, que agora tô feito... não é assim. A nossa luta é desde 2000, quando o bairro foi apropriado. Era tudo terra aqui... as casas de lona. Tinha que subir às vezes pelos barrancos, carro não conseguia acesso.

Carro não entrava. Pra pegar ônibus, tinha que ir pra rodovia, porque não entrava ônibus no bairro. E passava assim ... passava 6h da manhã, 1h da tarde e 6h da noite. Era o ônibus de Ponte Alta. E aí era facção... podão... ih, mano.

Foi um período de retenção... Governo do Fernando Henrique. Não podia gastar, nem nada. Foi quando o projeto João de Barro veio. Só que os moradores tinham que construir. Tinha a Neuzinha, que fazia até serviço de pedreiro. Tô contando tudo de forma bem superficial.

A Neuzinha sabe de tudo, foi uma das primeiras moradoras aqui do residencial. Só que ela conta de modo não pacífico; ela é a alma do Residencial Pôr do Sol. Ela fala cheia de raiva... cheia de estresse... por tudo que o bairro viveu aqui... ela viveu.

O número de mortes que ocorreram na rodovia foi altíssimo. Morreram servidores, professores da escola, estudantes, jovens e muitos moradores que aqui residiam. Ao mesmo tempo, esse movimento do sem-terra, do qual minha avó participou.

Eu vinha nos caminhões com a minha avó, de lá pra cá. Ele foi se tornando potente... foi sendo apropriado. Lembrando que aqui a comunidade já se organizava lá atrás; as pessoas ganharam os terrenos na época. Tudo começou debaixo daquelas três árvores, tudo começou no núcleo. A primeira associação foi lá no Núcleo, o primeiro posto de saúde foi lá no Núcleo; era só um barraquinho.

Eu repito mais uma vez: o momento de insurgência é acreditar que um trabalho já aconteceu e que não dá pra gente estar reiniciando novamente. Eu falo muito no ciclo partidário, no qual não me interessa, porque ele é feito de dois em dois anos. De dois em dois anos, tem que estar refazendo trabalho, né?

O Residencial Pôr do Sol, por ser uma comunidade carente intelectualmente, acaba levando os jovens a se entregarem a uma vertente partidária. E a gente não pode continuar apenas acompanhando isso; precisamos refazer.

E isso vem muito da ótica de levar esse projeto (eles usam muito essa palavra aqui - "projeto"). Nós temos é vida, não é "projeto" não. Vamos levar esse projeto lá pro território, mas lá já existem ideias que já acontecem.

O esporte já acontece, o núcleo de socialização já acontece. É como se trouxessem pela primeira vez, porque o movimento que a senhora traz, aqui, Mônica, a gente tem tentado fazer faz um tempo.

Sentar e juntar as peças que têm dentro da comunidade. A importância de reativar essa memória, porque a nossa memória também é apagada. Assim como a memória do povo preto é apagada, a nossa memória aqui também é.

Quantas fotos somem, quantos registros desaparecem, quantas vezes não é nos permitido registrar da maneira que deve ser registrado? Quando coordenei o Céu das Artes, aliás, estou lá com eles até hoje. É um local que é uma potência viva; o Céu das Artes pulsa... ele pulsa... ele vibra... e também expurga a pessoa que não entender o espaço.

A maioria das pessoas que passou pela gestão do Céu das Artes não entendeu o Residencial Pôr do Sol e não entendeu o que é o espaço. A gestora atual está tentando dar continuidade e reiniciar um trabalho hoje, mas nós, outros moradores que estão lá dentro, estamos batendo nessa tecla e sangrando há muito tempo para dar continuidade aos ciclos que já existem aqui.

Difícilmente o Céu das Artes parou uma coordenadora. A coordenação que mais se aproximou dos moradores foi em 2019, quando se trabalhou muito no movimento da acolhida, no acolher, no entender o que é, de trocar uma ideia, de colocar no colo e falar "vamo"? Volta pra dentro de você... aí que a gente vai conseguir caminhar.

Quando se sente os poros dos meninos, como é que é? O que você quer escrever? Aí vem, não quero escrever não, quero desenhar, então desenha, fi. Eu quero escrever e não quero desenhar não... quero trocar uma ideia. Então senta aí! Senta aí, vamos trocar uma ideia.

Quem caminha por esse caminho no momento de trocar uma ideia consegue alfabetizar as crianças e jovens daqui. Chegam aqui cheios de estresse e saem daqui lendo, olha que massa. E quando te falo, Mônica, que é do nosso interesse estar aqui, é para receber tudo aquilo que a gente fez um tempo atrás; temos a possibilidade, com mais potência, de continuar. E de observar outras perspectivas também!

Eu tenho comigo a ideia de trazer um Centro Educacional. Cada um aqui carrega sonhos de fazer movimentos aqui, por fazer parte daqui também; não é uma coisa que se está sonhando. Começamos a movimentar isso já há um tempo.

Temos o nosso jornal, o jornal da comunidade - O Criolo, que aqui acontece. Precisamos ir alinhando, conversar com a escola sobre como fica a impressão, o que pode nos auxiliar, como é que é para conseguir as folhas de papel chamex, como é para construir as matérias, as pautas.

É preciso retomar essa ideia. Nesse jornal, estão os representantes do Município, do Estado, do Céu das Artes, e os representantes dos alunos que queriam estar ali. A partir de um diálogo, levantavam as demandas do bairro, e a gente tinha o nosso próprio porta-voz, que era o jornal Criolo.

Falo dentro de mim também, na tentativa de externar tudo que tem aqui dentro. Falo dentro da emoção, mesmo porque já passamos por tempos difíceis aqui dentro. Era assustador conviver aqui. Por conta de tudo isso que falei, foram sendo fortalecidos alguns estigmas do Residencial Pôr do Sol. Tipo, vamos lá no Território Pôr do Sol... aqueles de pés no chão.

Aqueles pé de pato, pés sujos! Esses são estigmas que os meninos sofrem até hoje. E quando eu trago aqui a importância do jornal, do trabalho do núcleo, do CRAS, com as pessoas aqui... são pessoas que estão aqui desde o princípio, dialogando com esses paradigmas. E nem é quebrando isso, está dialogando com eles.

Algo que também passa pela minha memória é que poucas pessoas têm graduação aqui. Quando coordenei as ações no Céu das Artes, conseguimos estruturar um cursinho preparatório para o Enem, em parceria com a escola do Estado.

E aí eu falo que a minha comunidade se mantém ativa e estruturada porque teve um cursinho que aconteceu um tempo atrás. De lá saíram psicólogos, né? Os meninos estão terminando Direito. Temos professores de Educação Física que foram alunos meus, do Estado, que passaram pelo cursinho que acontecia no Céu das Artes.

Era um cursinho livre. Um dia vim trocar uma ideia com os meninos do noturno e eles me disseram: "Nóis queria um espaço pra nós estudar." Aí, reunimos os professores, reunimos o material, contou com o apoio do Estado em relação ao lanche, tinha o espaço do Céu das Artes, que era aberto à comunidade.

E a gente estava lá gerindo naquela época. Durante um, dois anos, edificamos o cursinho preparatório para o ENEM e os resultados que teve dali foram ótimos. É o que manteve a comunidade ativa hoje, ativa em nível de questionamentos. Ativa pra falar assim ... e esses estigmas aí... eu terminei a minha faculdade. Eu quero outros espaços.

O IDEB da escola é um dos mais baixos do Município, mas se a gente não fizer esse resgate, não conseguiremos alavancar o IDEB da escola.

O interessante é que, nos últimos anos, estamos conseguindo escalar isso. Só que antes de chegar nas questões técnicas, eu preciso ir lá entender o que está acontecendo. Aqui eu não me baseio em autor não, na acepção acadêmica. Eu falo do Wilson, da Maíra.

A partir daí, se constrói o Residencial Pôr do Sol. Porque os caras aqui estão sendo surrados por todo lugar que vão. Se eles não puderem ser abraçados num momento! É foda.

Eu cheguei tudo quebrado aqui também... vim lá da Coreinha... e cheguei pisando aqui. Inclusive, eu morava numa Coreinha¹³ da pesada... fui pro Pôr do Sol, que era mais pesado ainda. Falei, "ih... olha lá o neguinho lá do Pôr do Sol... ih, mano... as ideias." (Risos) E aí o cara vai se fechando.

Peraí, vamos lá. Eu não sou de fazer isso, cara... de falar pra ver quem eu sou. E tá aqui. Hoje estou discutindo quem "eu sou" e quem "nós somos", também. E no pós-pandemia, eu precisava disso aqui. Eu tô questionando isso há quanto tempo.

E a partir de hoje, eu tenho que caminhar também. As coisas estão caminhando com os devidos cuidados. O jornalzinho tem que tomar vida. E agora temos você, Mônica, aqui, porque nós sentimos também.

A gente sabe que você pode estar com a gente. Ou nós podemos estar com você, também. E aqui estão todas as faixas etárias, as vozes do bairro, as mães, passando pelas mãos do gestor do CRAS. E às vezes o que ele traz é uma perspectiva de fala que segue a mesma linha, mas um pouco diferente.

É uma outra faixa etária: são as mães do bairro que passam pelas mãos dele. A gente está falando dos filhos até agora. É interessante. É uma pesquisa? A questão do cunho acadêmico. Passaram por aqui inúmeros pesquisadores e não deixaram porra nenhuma. Não deixaram nada aqui.

Na verdade, arrumavam era muito BO pra nós sair costurando. Os caras paravam na boca de fumo pra perguntar quem é que manda nessa boca de fumo. Mas depois a gente tinha que responder perguntas pros caras. Vieram e não deixaram nada. Deixaram foi problema. Vieram naquele sentido de obrigação, também. "Deixa eu ir lá cumprir os créditos, as horas do meu estágio, agora."

Aqui os meninos precisam se apropriar e, a partir daí, o mundo conhecer eles. Não é fazer um trabalho e falar assim: "Vou levar pra lá." Até mesmo nos fatores midiáticos, vai sair, se for da mão deles, não da nossa mão, porque o que muito me pega, Mônica... o que muito me pega mesmo... é com os partidários, porque os caras vão vir aqui. Vão tirar uma foto e vão se apropriar, através de uma foto.

Já teve época de armar uma cama elástica, tirar a foto e desmontar a cama elástica. E aí o que eu troco de ideia com os meninos: "Se vocês quiserem tirar foto, vocês tiram. O movimento é daqui pra lá.

Precisamos entender que em alguns espaços, eles não vão conseguir estar lá ainda, porque vem toda uma sequência. Eles vão conseguir estar num mestrado pra levar o nome do Residencial Pôr do Sol? Vão conseguir estar num doutorado? Vão conseguir estar numa roda de conversa? Numa palestra? Então, talvez a gente tenha que levar.

É preciso dar moral pra esse morador daqui do bairro, que tem uma cultura viva. Dar moral pra Neuzinha, que tem a Folia de Reis, resistindo até no pós-pandemia. Uma fogueira no pós-pandemia... pós-pandemia, não sei nem se é o termo certo! É entender esse pessoal nosso. Tem a autoestima do aluno e da comunidade, como está? Tem um jornalzinho aqui que

¹³ A expressão popular "coreinha", em Uberaba- MG, é utilizada para se referir a lugares que enfrentam tensões econômicas, sociais e culturais, evocando uma sensação de conflito e precariedade. O termo é uma metáfora que sugere a ideia de um ambiente hostil e complicado, onde as dificuldades diárias se somam a desafios estruturais, semelhante à tensão constante que existe na região de militarmente demarcada entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, onde soldados de diferentes nações se confrontam diretamente. Fonte: <https://www.dicionariopopular.com/>, acesso 08 de set. 2024.

circula. Sabemos o que é e, aos poucos, ele vai tomando outras proporções. Mas esse raciocínio também me faz pensar: será que aqui continua sendo uma ilha?

Agora imagina a distância pra esses alunos estarem dentro de uma universidade. A potencialização precisa ser orgânica; se não, ela só vai. Pode ser potente lá fora, mas aqui dentro? Está sendo potente? E qual é a imagem que eles têm fora da comunidade? E... nós vamos fazer outra tese se ficarmos aqui. (Risos)

Aí a gente traz um questionamento que eu tô fazendo faz tempo. Quais são as fontes de lazer que nós temos aqui dentro? O moleque tá das 8 às 6h da manhã tramando e surge um rolê no final de semana... eu vou pro rolê, cara! A minha cabeça está dando voltas... vou e volto.

Porém, um ponto de partida seria o jornal. Ponto de partida não, porque já existe; seria um ponto de insurgência, de continuidade, entendendo a nossa conjuntura também, de como estamos, da organização desse jornal a partir da nossa realidade atual.

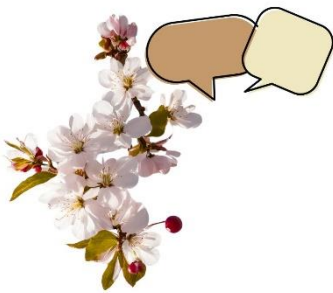
Eu penso que com o jornalzinho voltamos mais fortes também. Tem o grêmio também, tem o núcleo, que pode estar junto de nós! Temos dois movimentos: um seria o jornal e o outro seria uma parceria da Superintendência das Juventudes com a Escola, porque esses meninos precisam ser bagunçados.

Precisamos trazer o Thor¹⁴ para estar com os moleques. Eles saíram da escola aqui e foram para o Estado. Precisamos reacender o brilho neles! Tô aqui pensando que os poderes públicos acharam que colocando nós aqui iam calar nós. Ihhhh... a senhora tá vendo a potência que é a senhora estar aqui? (Semente de Girassol, 2022)

”

A Semente de Pitanga deu continuidade à narrativa:

Imagem compartilhada por Semente de Pitanga em 2022



Semente de Pitanga (2022)

“

Eu, Semente de Pitanga, morador de um bairro vizinho ao Território, estou ocupando o cargo de gestão na escola da rede estadual e preciso dizer que também faço minhas contribuições. O jornal da comunidade era construído extramuros da escola, buscando apresentar outras iniciativas para publicar, como foi o caso da horta comunitária aqui do bairro.

Aqui no bairro, temos muitas pessoas que fazem muito por ele e que, por vezes, acabam atuando de forma isolada em seus espaços, faltando ainda muito diálogo. Já avançamos bastante, por exemplo, nesse espaço formal de educação que é ocupado pelas esferas municipal e estadual, que mantém uma parceria muito importante para a comunidade.

Os alunos crescem aqui dentro! Nossos alunos que chegam ao Ensino Médio vêm daqui. É emocionante trabalhar aqui! Na terça-feira, levamos alguns alunos ao cinema e, já passava da meia-noite, quando estava recebendo mensagens deles me agradecendo por essa oportunidade. Recebi também uma mensagem esta semana de uma aluna que terminou o primeiro semestre de Direito e me disse que quer vir aqui à escola para agradecer aos professores. É uma das coisas que considero marcantes, sabe?

Quando se fala de apropriação, é algo que acho importante despertar neles, nos alunos, nos jovens, na comunidade como um todo. Quando me falam dos aspectos negativos, eu respondo que vejo um bairro de gente trabalhadora! Vejo os ônibus saindo aqui às 6h da

¹⁴ Thor, é um destacado artista local de hip hop, conhecido por suas letras fortes e engajadas que refletem a realidade das comunidades periféricas da cidade de Uberaba-MG.

manhã, lotados de trabalhadores! Indo trabalhar e voltando todo dia! Então, não vejo por esse lado. Ah, tem problemas? Tem. Mas para todo lado tem, e aqui não é diferente!

Prefiro acreditar nos que são trabalhadores, nos que querem uma vida diferente, que querem melhorar, do que dar ouvidos para outras questões que são veiculadas nas mídias sociais, em especial.

É como dissemos aqui: acessar uma universidade pública já era um desafio, né? Para nós, que tínhamos que trabalhar, não foi fácil! Na minha turma, eu e outra amiga éramos de escola pública. Os demais colegas eram de escola privada, com o conteúdo fresco na cabeça. Então, tivemos que resistir em vários momentos para conseguir concluir o curso noturno.

Aqui, recebemos o Alex do Cefores da UFTM para falar dos cursos profissionalizantes. Isso cortou o coração quando presenciamos jovens que não tinham computador para fazer a inscrição, que não sabiam como acessar aquele edital.

Quando falamos de letramento e alfabetização, mesmo alunos do segundo ano do Ensino Médio enfrentam dificuldades para concorrer a essas vagas. Falei para eles: venham! A porta da escola está aberta. Pode vir quem precisar!

A gente ajuda a imprimir, a pagar, porque a inscrição é no Banco do Brasil e ninguém tem conta. Falei: nós damos um jeito! Vocês se preocupem só em estudar e fazer a prova; o resto a gente corre atrás! Cada um tem um pouquinho da sua história, né? A história profissional e pessoal perpassa pela história do mundo e do bairro!

Acho que é isso que faz com que continuemos lutando por essa comunidade. Eu, enquanto professor, morador e agora gestor, enfrento uma luta aqui na gestão para fazer o possível e o impossível, atendendo ao mínimo possível a nossa comunidade! O ideal não vamos conseguir, mas o básico, o essencial, porque eles merecem.

E o potencial que eles têm... posso dizer, por exemplo, que, antes da pandemia, recebi mais de dez alunos para participar de projetos da UFTM e iniciar esse processo de inclusão na universidade. As imagens desse quadro me lembraram de um trabalho que desenvolvi com a professora Maria Eunice, minha supervisora e professora do PIBID, quando inauguramos o “Criolo” aqui. Pesquisamos justamente os jornais, quais palavras os jornalistas usavam nas notícias durante dez anos.

Na época, fizemos um trabalho acadêmico publicado no JIEPE, que mostra muito desses estigmas, dos apelidos divulgados nas mídias, sempre com uma caracterização estereotipada, às vezes até pejorativa. Para piorar, estamos sentindo um retrocesso nesse pós-pandemia; parece que voltamos no tempo... apagaram tudo. E nem falo do conteúdo, mas do comportamento.

A visão de um professor precisa passar por várias instâncias. Tem professor que quer que o aluno chegue à escola, sente na cadeira e fique em silêncio, copiando. E ainda tem que fazer a prova do Estado!

Tem menina que chega na escola pedindo absorventes porque não tem. Como quero que esse aluno tenha resultados? A gente também é cobrado veementemente por resultados da escola, pelo aluno que não está frequentando.

Mas se a gente não acolher esse aluno, não transforma. Essa parte social é fundamental aqui no bairro para construirmos um movimento em que eles se apropriem da ideia de que fazem parte da comunidade.

A escola é uma porta de acesso a esse mundo, seja para um trabalho, seja para um estudo. E esse acesso muitas vezes é muito difícil. É preciso fazer com que esse aluno entenda que precisa aprender, melhorar, para transformar.

Nós, que somos produtos desse meio e conseguimos atravessar, sabemos que é possível. Muitas vezes, digo aos alunos: estou comentando com vocês não para me gabar, mas para mostrar que, antes de chegar aqui, trabalhei a madrugada inteira para ganhar um salário e

um pouco mais. Hoje tenho o privilégio de trabalhar quatro noites na semana e ganho o dobro do que ganhava. Para mim, valeu a pena estudar!

Sei da diferença que isso faz na minha vida. Quando eles começam a perceber que dá certo, que existem projetos na universidade que os alunos recebem para estudar, eu falo para eles: eu consegui estudar porque a universidade tem uma rede de apoio para nós! Acredito nisso!

É preciso mobilizar o jornal. Criar ações para que façamos com que os jovens se enxerguem e percebam que é possível levar a voz deles para ser ouvida lá fora, quebrando barreiras. Eu vejo alunos que não sabem onde é a UFTM, que não conhecem um museu, nada.

Precisamos solidificar o bairro. Todo mundo precisa conhecer aqui, igual tem as festas culturais dos moradores. O jornal também precisa contemplar isso. Voltando ao assunto, acredito que o óbvio precisa ser falado e não ignorado.

Eu tenho alguns projetos na Escola Estadual que já conversei com alguns de vocês, mas quero torná-los públicos para pensarmos juntos. Primeiro, retomar o jornal, um desejo que já tinha para a primeira edição em agosto.

Estou me movimentando para conseguirmos produzir esse jornal no segundo semestre de 2022. Já temos 8 ou 10 edições, precisamos retomar, inclusive com a ideia de registrar na Biblioteca Nacional, realizando toda a parte burocrática.

Dentro disso, tenho a ideia de criar uma rádio escolar. Venho pensando nisso há algum tempo. Aqui na escola, já temos caixinhas de som para pensarmos nessa organização. Na outra escola, iniciamos a rádio escolar com uma caixa de som. Gravava, passava para um pen drive e colocávamos na caixa de som.

Para a rádio comunidade, pensei também em plantarmos essa sementinha. Depois, daríamos o segundo passo, que seria a rádio comunitária. Tem outro projeto em andamento, que trata das crenças étnicas raciais.

Concorri a um edital e, com esse recurso, consegui comprar livros para trabalhar aqui na comunidade, para ver como os alunos se identificam. A partir dele, temos o projeto de teatro a ser continuado aqui no território.

Já tivemos oficinas de teatro e a intenção é dar continuidade, com a proposta de construir um espetáculo de Natal, um coral com os moradores, nas ruas mesmo. Precisamos pensar em uma ONG para reafirmar outros projetos que já temos, seja o jornal, a rádio, o teatro.

Assim, podemos ver essa materialização. Temos ideias, mas estávamos presos, porque faltava esse encontro para alinharmos essas questões e começarmos a desenvolver. A proposta para esse segundo semestre é resgatar os alunos, porque em 2016 e 2017, aos sábados, a escola era cheia, os meninos não queriam ir embora.

Abriamos as portas e a escola enchia de alunos. Hoje, quando tentamos fazer o mesmo movimento, vêm de 3 a 4 alunos. A ideia é movimentar tudo isso para trazer pertencimento a esses alunos e à escola.

Poderíamos pensar em seções diferentes, onde cada um aqui (lideranças do bairro) poderia assumir uma seção do jornal, trazendo informações do Núcleo, imagens, da escola também.

Assim, vamos subindo as notícias, definindo o que vai, o que fica para depois. É preciso definir essa pirâmide para essa publicação, onde cada um de nós fica responsável por buscar o conteúdo para juntos, depois, definirmos.

Lembrando que podemos envolver os jovens em grupos, onde um grupo pode buscar notícias na saúde, outro nos CEMEIs. Podemos delegar a esses alunos essa tarefa de buscar notícias nesses espaços e nas ruas também. Tem buracos nas ruas? Isso pode ser notícia para o jornal.

Lembrando que a impressão é imprescindível, considerando que a vulnerabilidade social e tecnológica é um caso à parte aqui. Para você ter uma ideia, no ano passado, o Estado distribuiu celulares para os alunos.

Se você ver o tanto de alunos oferecendo o mesmo celular no Facebook para vender, é impressionante! Infelizmente, acredito que não seja uma realidade só daqui, deve ter acontecido no estado todo. É aquele negócio que outras sementes falaram: o que ele vai fazer com o celular se não tem dinheiro para colocar crédito?

Os colegas não têm celular, então, às vezes, não é só ter o equipamento, ele precisa ter acesso a toda a infraestrutura para fazer a diferença! A partir dessa apropriação, acredito que os jovens precisam entender que aquilo que têm não é um benefício, mas um direito.

E tudo isso vem pela educação. Quando conseguimos fazer o aluno refletir sobre essas questões... uma das frases que eu tenho horror de ouvir é: “Meu salário vai cair!”

Independente de aprender ou não, eu vou receber! Gente, isso é de péssimo gosto! O professor precisa entender que tem um papel a cumprir, está educando o aluno. Ele não pode estar ali, apenas ocupando espaço.

Precisamos trabalhar a vida, o dia a dia, o emprego. Porém, se eu não conseguir melhorar a maneira de se expressar, ele não conseguirá um emprego, não conseguirá uma promoção. Então, vai levar tempo para ele desenvolver interesse!

Hoje, já tenho alunos interessados em regras de acentuação! Preciso mostrar toda a importância disso, porque se ele não entender que é importante, não vai dar valor. Do mesmo modo, é para o lazer, para o esporte!

Vejo alunos com vergonha de falar da religião que seguem, de expor isso porque parece que ficam encapsulados, encolhendo-se ali dentro. Eles têm suas crenças, sua visão de mundo, mas não se sentem aptos a discursar sobre isso, a defender na sala de aula, por exemplo.

Esta semana, estávamos no Estado com uma semana de prevenção às drogas. Foi uma tempestade para os professores: “Como é que vou falar de drogas para esses alunos que estão lá usando maconha? Falam: ‘Eu não tenho coragem de falar!’” Eu disse: “Gente, eu fui para a sala, fiz cartazes com eles, fizemos pesquisas sobre o narguile¹⁵, buscando quais eram os benefícios.” Eles disseram: “Mas aqui não se fala de benefícios?” Eu respondi: “Vamos ler mais!”

Fizemos um debate, porque eles propuseram falar sobre a liberação da maconha. Eu disse: “Vamos fazer isso, então! Vamos dividir a turma e colocar aqui... que aqui não é a opinião de vocês. Precisa argumentar dentro do grupo e decidir se foram a favor ou contra.” Esqueceram as próprias opiniões e trouxemos um doutorando da UFTM para falar sobre drogas, álcool e outras questões. Foi algo transformador!

Ao final, vi que alguns alunos foram perguntar a ele como funcionava o AA¹⁶, como era o acesso. Se impactou a vida de 4 ou 5, valeu a pena! Há sempre aquele grupo que diz: “Ah, se eu falar sobre isso!” Gente, não é assim, porque é algo presente na vida deles. Precisamos saber como tratar, porque é possível trabalhar infinitas questões.

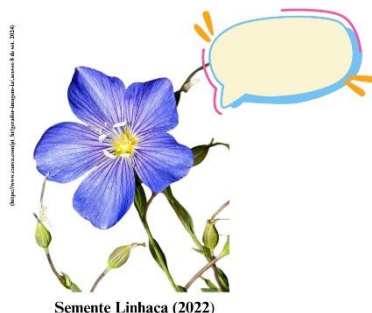
Acho que precisamos mudar essa visão do que é o ensino e essa apropriação para que consigamos desenvolver nos alunos o senso de coletividade, de pertencimento. Se eles se sentirem parte desse processo, volta muito ao que a Semente de Girassol falou: eles precisam

¹⁵ O narguilé é composto por várias peças, isto é, forninho (ou *rosh*, cabeça ou cerâmica) onde a mistura do tabaco é depositada; prato (ou cinzeiro) que recolhe as cinzas do carvão; corpo; jarro (base ou vaso) onde a água é inserida; mangueira (única ou múltiplas) e piteira, por onde flui a fumaça. Fonte: <https://amb.org.br/tabagismo/1-o-que-e-narguile/>, acesso 11 de set. 2024.

¹⁶ Os Alcoólicos Anônimos são um grupo de ajuda mútua, uma irmandade composta por homens e mulheres, fundada com o desejo de auxiliar aqueles que passam por dificuldades com relação ao uso do álcool. Compartilhando suas experiências, vivências, forças e fraquezas; a fim de superar o problema em comum. Fonte: <https://www.aa.org.br/>, acesso 11 de set. 2024.

entender que o jornal é uma produção realizada por eles, que estão desde pequenos no núcleo, que a escola é deles também.

É uma das coisas que prestei atenção: a escola foi pintada em 2020 e aqui não temos depredação. Por quê? Porque essa consciência está sendo trabalhada neles! (Semente Pitanga, 2022).



Semente Linhaça (2022)

A Semente Linhaça (Gestora da Escola Municipal do Território) também narra:

No início foi bem complicado, né? Só tinha uma rua para a gente chegar, por exemplo, nas casas; era por meio de trilhas. A Prefeitura aproveitou os próprios moradores para ajudar nas construções. Até 2009, esse acesso que nós temos hoje aqui não existia; era uma ponte.

Às vezes, quando chovia e estávamos vindo para a escola em 2008, 2009, tínhamos que esperar dar um tempo, esperar a chuva parar, porque, nessa ponte, não passava, pois ela alagava.

Quando começou a construção das casas, com o projeto João de Barro, foi que as famílias foram chegando e a comunidade começou a ter cara de bairro. Porque, no início, lá em 1998, 1999, havia barracos de lona; deveria ter umas trinta famílias só. Não tinha nada, gente! Nada, nada, nada!

Nós enfrentamos muitas dificuldades. Na época, eu atuava como vice-diretora, então, todos os dias eu tinha que vir junto com as crianças. Às vezes eu vinha com o meu carro; até as viaturas da Polícia Militar me acompanhavam. Então, foi assim, um trabalho longo. Não foi fácil, mas não desistimos. Eu não desisti hora nenhuma do Residencial Pôr do Sol!

Acreditei muito no pessoal daqui. Quando construíram a escola, me convidaram para atuar aqui. Então, foi um começo muito difícil, porque começou em um período em que não havia uma escola; as aulas eram em um CEMEI. Durante o dia, atendíamos alunos do CEMEI e o Ensino Fundamental I e II; à noite, era o EJA. Assim, na sala onde durante o dia funcionava o maternal, à tarde, era escola. A igreja Católica também fazia as missas no refeitório do CEMEI.

Então, pela manhã e à tarde, era CEMEI e o Ensino Fundamental I e II; à noite, era a EJA. À noite, o bicho pegava, gente! Era complicado! Havia uma falta de orientação e uma falta de estrutura familiar muito grandes.

Aí eles construíram um bloco da escola, e isso ajudou um pouco. Depois de alguns anos que começaram as construções, o CEMEI se desvinculou da escola. Mas foi um avanço muito grande. Eu vejo um crescimento incrível. A cultura do bairro é a cultura do bairro.

Sempre falei isso pra todo mundo que chega aqui: não queira mudar a cultura do Residencial Pôr do Sol. A cultura é própria do Residencial, a personalidade dos moradores é deles! Então, quando alguém chega na escola, eu sempre falo: não queira mudar nada aqui! Observe e interaja. Não queira mudar ninguém, não queira mudar a cultura do bairro; ela é única. Se, como a Semente de Girassol falou, eles gostam com paixão, se não gostam, não adianta!

Nós já tivemos pessoas aqui que vieram trabalhar conosco achando que iam mudar. Ah, vou mudar! Não muda! Tem como trabalhar, tem como se organizar. São coisas maravilhosas da comunidade! Maravilhosas mesmo! Então, eu sou suspeita pra falar, gente!

Sou suspeita pra falar do Residencial! Sempre lutei muito pelo Residencial! Sofro demais quando fico sabendo de algo relacionado ao Residencial Pôr do Sol nos noticiários! Porque, mesmo tendo alguns problemas, eu ainda acredito neles! Eu ainda acredito nos pais, nos nossos adolescentes, nas nossas crianças.

Acompanhei muitos movimentos aqui, entre eles, quando eles iam para a BR levando facão, podão, foice, machado. Teve um episódio que me marcou muito. Eu estava aguardando os meninos, devia ser umas 18:30h, 18:45h, aí me ligaram: "Tia Semente de Linhaça, corre aqui, porque eles pararam um ônibus!" Eles tiveram um problema com o ônibus, não sei. Pararam o ônibus e eles estavam todos deitados embaixo do ônibus, os moradores!

Eu tive que vir e pedir para eles não fazerem isso, que eu resolveria o problema e que ia ver direitinho o que estava acontecendo. Era o jeito que eles tinham para manifestar. Era o jeito que eles achavam para pedir socorro! Gente, estamos aqui, né? Estamos vivos! Somos seres humanos!

E, com a construção desse viaduto, acho que o bairro ficou mais próximo, mais próximo do centro da cidade. Mais perto da cidade de Uberaba, na questão da movimentação, do transporte, da logística!

Porque ainda tem coisas que ficaram na cabeça dos moradores. Esses dias, uma mãe conversando comigo me disse que não ia colocar o endereço dela do Residencial Pôr do Sol nos currículos que estava distribuindo em busca de uma oportunidade de emprego. Perguntei a ela: "Por que?" Ela me disse que ia colocar outro endereço, porque, se colocasse o endereço do Residencial Pôr do Sol, ninguém a queria como funcionária.

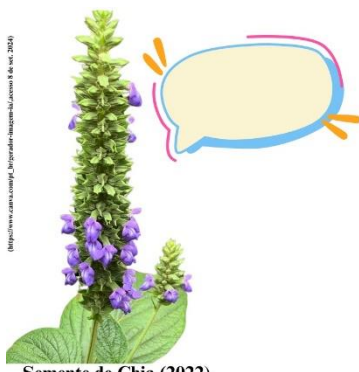
Falei: "Você vai colocar o seu endereço sim! Se você tiver que conseguir, vai conseguir! Qual a diferença do Residencial Pôr do Sol em relação aos outros bairros?" Eu nunca menciono preconceito nas minhas conversas com o pessoal daqui. Falei para ela: "Você vai colocar o seu endereço do local que mora! Você precisa gostar e valorizar o lugar onde vive! Problema todos os bairros têm, todos os condomínios têm, todas as famílias têm. Então o Residencial Pôr do Sol não é diferente de nenhum residencial!" Mas, mesmo assim, eu ainda não entendo por que ainda é taxado. Temos que trabalhar muito nesse aspecto!

Tem gente que fala que eu passo a mão na cabeça. E não é isso! Vou para minha sala falar com eles; para mim, não é sobre cobrar, mas sim dialogar. E, na conversa, aquele menino que bateu, que agrediu fisicamente ou verbalmente colegas, professores e servidores, quando chega nervoso, querendo derrubar a escola, eu chamo para tomar uma água ou um café comigo. Nessa conversa, você descobre muitas coisas. Aí eu abraço, coloco no colo. Vou na casa do aluno, em todos os velórios que ocorrem aqui no bairro. Em todos! Se eu não for, o padre pode faltar, mas eu não posso faltar, kkkkk.

Aí, quando chega um professor e pergunta por que não tomei uma medida mais drástica com aquele aluno, eu digo que ele já está sofrido, porque a mãe também está. Vou chamar a mãe pra quê? A mãe me relata uma história. Aí, perai. Antes de ele aprender a ler e escrever, ele vai precisar de apoio. Não adianta forçar o menino na sala de aula se eu não souber quem é o meu aluno e como devo proceder com ele. Não posso tratar todos da mesma maneira. E os mais calados são os que mais precisam da gente!

Uma história que mexeu muito comigo, uma das milhares que já vivenciei aqui, foi quando uma mãe grávida de gêmeos, por algum motivo, perdeu os bebês e esses bebês foram caindo no vaso sanitário, enquanto os irmãos menores cortavam o cordão umbilical e davam descarga! Essa é a nossa realidade. (Semente Linhaça, 2022).

A Semente de Chia (Gestora do Núcleo de Socialização do bairro, espaço esse frequentado por muitos dos jovens e famílias do bairro), também contribui com a sua vivência e experiência no Residencial Pôr do Sol:



Semente de Chia (2022)

Então, se vocês me permitirem, a gente fica até com medo de falar algo frente a tamanha riqueza que vocês estão trazendo, mas lá na linguística aplicada, a gente vai falar da identidade do educador, do professor, né?

E eu, olhando cada uma das imagens aqui expostas, me veio muito forte cada um dos discursos que vai formando e fazendo quem somos nós, né, Semente de Girassol! Quando me mandaram pra cá, falaram assim: "Semente de Chia, você vai pro Residencial Pôr do Sol!" Aí, um monte de colegas falou: "Nossa, coitada! Tadinha! Vai lá pro Pôr do Sol, né?" Como se fosse um castigo.

Nesses dias, a Semente de Girassol levantou lá com a Semente de Abóbora: "O que nós somos, né?" E assim, nessa tarde aqui pra mim, ela responde muito dos meus questionamentos, até pessoais. A Semente de Girassol disse que ele pessoalmente precisava disso e eu também.

Vocês até me desculpem se eu me emocionar. (Pausa) Porque cada um dos discursos pessoais de cada pessoa que está aqui hoje ajudou a constituir o que "eu sou". Olha que coisa!

A Semente de Abóbora traz o discurso de efetivação de direitos do CRAS, no qual eu trabalhei nos últimos anos. Quando eu fui convidada para trabalhar no Núcleo, a primeira pessoa a saber, antes até dos meus familiares, foi a Semente de Linhaça.

Eu vim, conversei, perguntei pra ela como era o trabalho, você lembra? Perguntei como era desenvolvido, né? Porque eu vim de um trabalho que eu desenvolvia lá no Valim de Melo, dentro do serviço de fortalecimento de vínculos. Comecei um trabalho na escola municipal de lá, onde eu estudei, né? Escola de periferia.

Quando a Semente de Girassol falou que os meninos aqui são estigmatizados, por serem crianças de pé no chão, de pé sujo, eu fui uma criança assim também, criada lá no Chica Poeira! A Semente de Romã, a gente sempre lembra disso!

Nós fomos crianças, colegas de luta, atravessávamos o Uberaba pra fazer inglês numa escola pública de Uberaba, numa época em que só fazia inglês o filho do rico! Passamos por um período muito difícil, assim como muitos aqui, de trabalhar o dia inteiro e ir pra faculdade à noite. Na verdade, a gente resistia ali, né?

Foi suor, luta e lágrimas. A Semente de Girassol, até por ele pesquisar a questão da ancestralidade, sabe que a minha família vem disso. Então, eu acho que ninguém está num lugar por acaso.

Então, vim trabalhar hoje pra criar um movimento comunitário, trabalhar esse protagonismo dentro do Residencial Pôr do Sol, não é por acaso! Não é por acaso que a Semente de Girassol está aqui, que a Semente de Romã, a Semente de Pitanga, a Semente de Abóbora e a Mônica estão aqui!

Quando eu olho pra Semente de Linhaça, eu vejo acolhimento. Se não existisse esse acolhimento, esse bairro não estaria da forma que está! Cada pessoa no seu papel... não é por acaso que está aqui!

A gente teve um professor na faculdade de literatura, e nós perdemos esse professor (Cursinho), que dizia que o que faz pulsar importa. Quando eu entrei aqui e olhei pra essas imagens, eu não sabia que me fazia pulsar tanto esse Residencial Pôr do Sol. (Pausa)

Há dois dias atrás, aconteceu um incidente lá no Núcleo e uma criança sumiu. Era uma tia que cuida e, assim, desencontrou. E essa criança sumiu.

Aí eu pensei: onde poderia estar essa criança? Começamos a procurar pelas ruas do bairro... Pensei: essa criança está lá no Céu das Artes, porque lá no Céu das Artes tem sempre alguém brincando. É lá no Céu das Artes que é aberto e que os moradores se sentem acolhidos. Desci até lá e ele estava sentado no banquinho.

Perguntei a ele o que ele estava fazendo ali e ele me respondeu: “Eu vim ver as crianças brincar!” Então, assim, me constrange muito, enquanto gestora que sou nesse bairro, diversas vezes estar com as mãos atadas, sem conseguir oferecer um lazer conveniente para essa comunidade, né?

De chegar lá na instituição onde eu trabalho, olhar pra aquele lugar sujo, mal cuidado, em que às vezes a gente tem que vir no final de semana pra fazer alguma tarefa, e é ali também que eles brincam, que eles sentem, que eles contam as histórias deles, né?

Então, essa efetivação de direitos que a gente busca é um ato social, educativo, político e comunitário, né? Porque estamos buscando não só alfabetizar, não só acolher, mas principalmente fazer com que eles rompam a barreira do empobrecimento e da vulnerabilidade social e atinjam qualidade de vida!

E eu creio muito mesmo na transformação social, porque eu venho disso, né? Desse rompimento de barreiras. Quero aproveitar o momento e agradecer e dar os parabéns à Semente de Girassol, à Semente de Linhaça e à Semente de Pitanga, enquanto Escola Estadual, porque estamos acompanhando uma fase de uma geração mais esperançosa, sabe? (Pausa)

Estamos com alguns alunos que vão prestar a prova do IFTM e, no ano passado, já vai fazer um ano que estou aqui, eles falavam: “A gente não vai conseguir não!” Fui fazer a minha inscrição e a fala da Semente de Linhaça e da Semente de Girassol... a pessoa me disse que eu era do Pôr do Sol e que não ia conseguir!

Acabei de sair de lá agora há pouco e o João Gabriel me disse que “nas férias eu quero ir para o Núcleo”, segundo ele: “Não tenho computador, eu quero acessar o edital... quero ver o que vai cair... Você me deixa vir aqui pro Núcleo nas férias?” Precisamos abrir as portas pra essas crianças e jovens dessa comunidade.

Tivemos aqui no Núcleo uma distribuição de celulares para os jovens, mas a maioria não tinha dinheiro para colocar créditos e os colegas não tinham celular. Nesse sentido, o projeto de socialização consciente tecnológica não surtiu muito efeito nesse contexto.

Eu tenho levado muito essas situações lá pra reunião de fluxo, dentro do fórum, em rodas de conversa da rede de proteção da criança e do adolescente. Falo muito sobre isso: educação não é só caderno, lápis e lousa!

Essas crianças e adolescentes daqui, igual quando a gente participa de alguma reunião da Educação, as colegas perguntam: “Ah, vocês são lá do Pôr do Sol?” E lá a Semente de Girassol, o pessoal não está indo à escola? Da mesma maneira que se cobra frequência, quando chegamos na frente do juiz a primeira coisa que ele fala, ao nos apresentarmos como sendo do Pôr do Sol, é: “Aqui os gráficos de abuso sexual... olha aqui, Pôr do Sol tá em tarja vermelha! Olha aqui!”

Então, não se trata só de frequência, não é só vir. São crianças e adolescentes, jovens que nunca foram abraçados. Não é culpabilizando a família, não, porque ali são famílias com laços rompidos. Você vai cobrar IDEB alto de pessoas que, ao invés... estamos falando de crianças e adolescentes que foram rejeitados ainda no ventre materno. A gente ouve da boca deles: “Ninguém me queria!”. Esses meninos que carregam esse sentimento de rejeição vão dar conta de pegar um lápis (Semente Chia, 2022).

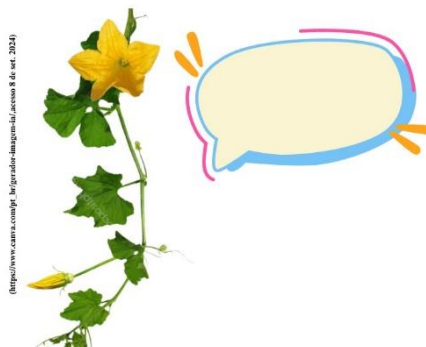
A Semente Romã (ocupava, na data do grupo focal, o cargo de Superintendente da Juventude do Município de Uberaba, apesar de ter um cargo em comissão e partidário, o Superintendente em questão passou por um processo seletivo e foi aprovado em especial pelo seu histórico de mobilização e aproximação com as juventudes da cidade de Uberaba e região), também faz as suas contribuições:



Semente de Romã (2022)

“
 Então, uma curiosidade: o pessoal do Residencial Pôr do Sol se sente pertencente à cidade de Uberaba e Uberaba sente o Residencial Pôr do Sol como parte da cidade? A construção da ponte foi um passo, né?
 Eu ainda acho difícil chegar no Residencial Pôr do Sol e o Pôr do Sol chegar em Uberaba. Não é tão acessível.
 Cara, eu quero ir lá na Prudente fazer uma compra. Cara, é longe pra caramba! (Semente Romã, 2022).
 ”

A Semente de Abóbora (Psicólogo do Centro de Referência e Assistência Social do território Pôr do Sol), dá as suas contribuições de vivência no Território Pôr do Sol:



Semente de Abóbora (2022)

“
 Eu, nas minhas andanças ali nos anos de 1990 e 1991, começo a conhecer a doutrina espírita e trabalho no sanatório espírita. Algumas pessoas, como o Dr. Jorge Bichuete, entre outras, começam a peregrinação.
 Quando eu fui começar um trabalho, um amigo meu fazia uma sopa lá no Mangueiras, no Jardim Triângulo. Íamos com lanterna porque nem luz tinha lá no Maria Dolores.
 Mas antes de eu ir pra lá, eu já ia de carroça.
 Quando era o areião, o corredor dos Boiadeiros, eu ia pra chácara do meu tio lá com eles. De noite eu já conhecia aquilo ali. Faço um trabalho lá há muitos anos no Maria Dolores, no centro.
 Comecei junto com o Edgar da Pizza e, assim, nós vamos lá pro Maria Dolores. No ano de 1995, conhecemos uma menina que casou com um grego nos EUA, um cara rico pra caramba, e ela não engravidava.
 Aí, ela fez uma promessa; se engravidasse, ia distribuir cesta básica. Então, a gente, junto do Edgar, sempre fez campanha, o centro sempre fez campanha. Aí a moça me chamou porque queria distribuir cesta básica.
 Quando eu vim aqui pro Pôr do Sol, era aquele terrão. Não tinha nada, e o povo tinha medo de vir aqui. Entregava mantimento até com lanterna porque não tinha nem luz. Tinha até
 ”

casa com cavalo dormindo com os moradores dentro de casa! Sou dessa época das periferias abandonadas! E aí a gente lembra que, pra mim, demorou pra compreender isso tudo.

Depois eu vim pra cá com o concurso, fui aprovado em 2013 e nomeado em 2014. Precisava de um psicólogo no Pôr do Sol. A gente tinha que andar em todos os CRAS primeiro, só que precisava de um aqui.

Aí, estou aqui até hoje, mas se a gente não olhar e compreender no campo sociológico, não vamos entender o estigma do Residencial Pôr do Sol, porque é um estigma. Tem até uma filósofa que se chama Adélia Cortina, uma espanhola que cunhou o termo “aporofobia”, que é o ódio ao pobre.

E a gente vivencia isso hoje. Então, se a gente não compreender o que é política pública, não é política partidária, é política pública. O Estado é indutor do desenvolvimento. Não tem como. A iniciativa privada não vem aqui. A iniciativa vem, às vezes, pra fazer um loteamento e vender a preço de ouro, pro pobre ficar escravo, né?

Dez anos, vinte anos, trinta anos pagando. A gente lembra aqui que, quando teve os primeiros conjuntos, era um gueto, uma favela, que eles criaram, que foi o Alfredo Freire. Mas pra quê? Pra atender o quê? Ao capital? Tinha o Distrito Industrial, então tinham que colocar os pobres aqui pra trabalhar.

Quando você fala que aqui é uma ilha, não é. É um gueto, né? Porque aí, você vai colocar determinado público naquele espaço pra melhor controlar. Tem toda uma estrutura de pensamento sociológico atrás disso, porque o capital pensa em tudo.

E aí a gente também tem coisas que eu entendo. Como que a gente tem uma mídia que finge trocar as palavrinhas, sabe? Pra se apropriar, desconstruir e pagar historicamente a história do povo que é trabalhador.

Então, quando eu vejo alguém falar em empresa... nunca me dei bem em RH, nunca gostei desse setor ou dessa matéria no curso de Psicologia. Colaborador! Eu não sou colaborador! Eu sou um trabalhador! Ninguém dá emprego! O outro tá vendendo a força do trabalho dele.

Porque o rico não sabe nem ligar uma máquina pra fazer a produção. Então, o povo até hoje não aprendeu que ele carrega o mundo nas costas. Faz tudo pelo 1% dos ricos nesse mundo, né?

Essa tal de meritocracia também. Quando você vê essas épocas de crise econômica, vê os programas da Globo, os noticiários sobre empreendedorismo, né? Ficam romantizando o sofrimento do outro.

Ah, não, ele não tinha nada. Ele foi, foi fazer, foi vender bala no sinal. E a gente tá vendo isso hoje, romantizando toda uma situação de privação, de sofrimento. Então tudo isso vai desgastando a gente.

Aí, quando você vê assim, o Céu das Artes ... tem coisas que precisam do Estado estar presente, sim. Onde não tem política pública, alguém vai ditar a regra no lugar do Estado.

Assim como a gente acompanha no Rio de Janeiro as milícias, né? Que controlam tudo. Escravizam o povo outra vez! Então, o Estado tem que estar presente nos locais e fazer com que a política pública seja exercida na sua plenitude.

Não é de faz de conta, que monta o pula-pula, tira a foto e vai embora. Eu falo porque a netinha do filho da minha mulher lá que mora no Canadá... então, se você vê as praças que têm no Canadá, nas cidades... tem um calor lá de 33°, e tinha um cimentadão assim e uns esguichos que saem do chão, spray de água, onde a criançada corre, molha e brinca.

Porque aqui é assim, o Céu das Artes é lembrado apenas na época das políticas partidárias. Depois, não se vê mais nada, infelizmente... (Semente Abóbora, 2022).

Encerramos esta etapa com os pesquisadores agradecendo pela partilha e pela confiança depositada nesse grupo (pesquisadores). Além disso, organizamos um grupo no WhatsApp, um aplicativo gratuito para troca de mensagens e chamadas de vídeo e voz, batizado com o nome de “Fortalezas”, fruto de toda a escuta já compartilhada nas linhas acima, que nos permitirá dar continuidade ao planejamento das ações futuras.

Além da formação do grupo no WhatsApp (Fortalezas), firmamos o compromisso de dar continuidade aos encontros, como uma ação para que não fiquemos apenas no mundo das ideias. A articulação é importante para a continuidade da edição de um jornal produzido pelo território.

As idas e vindas ao Território Pôr do Sol passaram a ser constantes, semanais e, às vezes, diárias. E a cada ida, voltávamos com a certeza do caminho traçado para essa pesquisa. Esse caminho não era pronto e fechado; ao contrário, era incerto, pois não tínhamos ciência de como seria o ponto de chegada.

O ponto de partida já tinha sido dado; no entanto, o ponto de chegada, enquanto pesquisadores, era algo cuja condução pelo território, seus movimentos e suas juventudes, ainda nos era desconhecida.

5.3 ENTRE OLHARES, ESCUTAS E PALAVRAS, ACHO QUE SE O NINHO FALASSE, AFAGARIA O PASSARINHO E FALARIA: QUE BOM QUE VOCÊ ESTÁ AQUI!

O registro segue o curso de uma pesquisa acerca da formação política das juventudes com idade entre 18 e 29 anos, em um determinado território da cidade de Uberaba.

No entanto, para alcançar os jovens de 18 a 29 anos, a pesquisa considerou cinco jovens do grêmio estudantil da escola do território pesquisado, com idades entre 15 e 17 anos, e seis lideranças comunitárias, com idades entre 29 e 40 anos, aproximadamente, como participantes deste estudo.

A justificativa para incluir jovens do grêmio estudantil com idades entre 15 e 17 anos, bem como lideranças comunitárias com idades entre 29 e 40 anos, enquanto participantes da pesquisa que visava alcançar jovens de 18 a 29 anos, foi baseada nos seguintes aspectos, conforme organizado no infográfico apresentado na Figura 22.

Figura 22. Justificativa para Inclusão de Participantes na Pesquisa sobre Formação Política das Juventudes



Fonte: Autores (2022)

A pesquisa sobre a formação política das juventudes, ao incluir participantes de diferentes idades — jovens do grêmio estudantil, entre 15 e 17 anos, e lideranças comunitárias, entre 29 e 40 anos — evidencia a importância da diversidade geracional para uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais contemporâneas.

Nesse contexto, Spósito e Carrano (2003) discutem o esforço para compreender os caminhos percorridos nos últimos dez anos por iniciativas voltadas aos segmentos juvenis da sociedade brasileira. Os autores fundamentam sua análise em uma concepção democrática de políticas públicas, defendendo a promoção dos jovens como sujeitos de direitos.

Para isso, realizam uma reflexão sobre o tema juventude, abordando sua diversidade e abrangência. Eles analisam as ações federais propostas entre 1995 e 2002 e traçam as diretrizes seguidas pelos municípios na constituição dessas políticas. Essa abordagem não se limita apenas à representatividade dos grupos envolvidos; também proporciona um intercâmbio enriquecedor de experiências e perspectivas, fundamentais para um diálogo inclusivo e abrangente.

Nesse cenário, os jovens do grêmio estudantil, ativos em suas escolas e comunidades, emergem como agentes sociais significativos, oferecendo uma visão renovada sobre questões sociais, especialmente nas áreas relativas ao meio ambiente.

A literatura aponta que a participação juvenil em discussões sociais contribui não somente para o desenvolvimento coletivo, mas também é essencial para a transformação social (Castro, 2008).

Neste sentido, Castro (2008) analisa a relação entre juventude e política na contemporaneidade, enfatizando o processo de subjetivação política que envolve a construção do pertencimento à coletividade e a responsabilização pela vida em comum.

Baseando-se em um estudo empírico qualitativo que envolveu cerca de 25 jovens, Castro (2008) apresenta uma análise abrangente, com entrevistas tanto de jovens militantes de organizações estudantis e partidos políticos quanto de indivíduos envolvidos em trabalhos sociais voluntários.

A investigação revela convergências e divergências entre os dois grupos, no que se refere aos sentidos e objetivos da ação engajada, bem como nas formas convencionais de militância. O autor discute as trajetórias desses jovens e como determinadas causas os mobilizam para a ação e a participação na sociedade.

Tanto jovens militantes quanto aqueles engajados no voluntariado enfrentam desafios e impasses nas escolhas sobre como agir e participar. Enquanto alguns buscam eficácia em suas ações, evitando obstáculos comuns da política institucionalizada, outros lidam com concessões que podem desviar suas práticas dos princípios e ideais partidários.

Esses dilemas ressaltam a distinção entre a política e o político, mostrando que a forma institucionalizada de fazer política muitas vezes não satisfaz as necessidades da vida em comum, enquanto novas formas de participação podem se limitar a ações pontuais.

Com isso, Castro (2008) conclui que, para os jovens entrevistados, as formas de participação e engajamento social se desdobram em diferentes caminhos, que vão desde a política institucional até a ação militante no trabalho social voluntário.

Embora o sentido político dessas ações nem sempre seja explicitamente reconhecido, as formas tradicionais de participação continuam a ser tensionadas por outras escolhas de engajamento na sociedade.

Dessa maneira, a pesquisa de Castro (2008) reforça a importância de garantir espaços para a participação juvenil, promovendo um ambiente que favoreça a construção de um senso de pertencimento e a responsabilidade coletiva, elementos essenciais para a transformação social.

Nesse mesmo contexto, Paiva (2015) complementa essa perspectiva ao enfatizar a relevância das trocas de experiências intergeracionais na qualificação dos processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade. Essa importância é evidenciada pelo desenvolvimento de um dispositivo educacional e cultural — a Oficina Intergeracional — implementada em uma instituição que atende crianças e jovens da comunidade de Paraisópolis, na região sul de São Paulo.

A partir dessa oficina, foi possível não apenas fomentar a participação ativa dos jovens, mas também fortalecer os vínculos intergeracionais, contribuindo para um aprendizado mútuo que enriqueceu a comunidade ao longo do estudo.

A pesquisa foi conduzida segundo os princípios da metodologia colaborativa, que considera os sujeitos como criadores de conhecimento e cultura. Nesse modelo, os participantes atuam em associação com o pesquisador, implementando ações conjuntas em torno do tema das trocas intergeracionais.

Ao interromper os fluxos cotidianos habituais dos membros de diferentes faixas etárias da comunidade de Paraisópolis, as oficinas intergeracionais proporcionaram a emergência e recriação de uma corrente de saberes e fazeres que sustentam, conferem significado e constroem identidades, signos e práticas relacionais e culturais.

Nesse contexto, as lideranças comunitárias desempenham um papel fundamental ao trazer uma bagagem histórica e experiência prática, que são essenciais para orientar os jovens em seus ambientes. Juntas, essas vozes e vivências criam um espaço propício à aprendizagem intergeracional, promovendo uma comunicação mais eficiente com o público-alvo da pesquisa, que consiste em jovens de 18 a 29 anos.

O encontro dos saberes intergeracionais, aliado à articulação de conhecimentos científicos, profissionais e às experiências vividas, pode constituir um caminho promissor para

a instauração de novas relações entre informação e significação. Essa conexão preserva e valoriza os processos de apropriação e criação de conhecimento e cultura na era da informação, conforme destacado por Paiva (2015).

Seria possível ter reduzido o processo e iniciado a pesquisa exclusivamente com a juventude local? Embora essa alternativa existisse, ela empobreceria a investigação, pois não seguiria o percurso natural de acolhimento necessário para nos integrarmos como pesquisadores nesse território.

É fundamental reconhecer que não falamos "por" eles, mas "com" eles, cientes de que somos intrusos em um contexto que não vivemos. Por essa razão, é imperativo levar a sério o cuidado e a responsabilidade social, ética e científica em relação a essa comunidade.

Assim, o caminho para alcançar os jovens foi construído com base na confiança dos moradores em relação aos pesquisadores. Foram identificados a juventude local, os espaços que frequentam, seus projetos de vida, as estratégias de socialização e a formação identitária desse grupo.

Além disso, buscamos fomentar ou identificar lideranças juvenis organizadas pelos próprios jovens, reconhecendo-os como protagonistas desse território.

Desde a escolha do território até a pesquisa em torno das juventudes que o compõem, o diálogo contínuo que os pesquisadores mantêm com seus referenciais teóricos imprime à investigação marcas de um movimento que contribui tanto para a valorização da Educação Não Formal quanto para a formação e prática de profissionais da educação em qualquer modalidade de ensino.

É importante ressaltar que estudos e pesquisas sobre Juventudes ainda são escassos. A maioria das pesquisas se concentra em instituições formais ou seus profissionais, o que evidencia a necessidade de pesquisas na área da Educação que privilegiem as contribuições da Educação Não Formal para a formação política das juventudes, extrapolando os muros da escola e permitindo um conhecimento mais amplo dos jovens em outros espaços.

Diante desse cenário, a pesquisadora priorizou questões e formulou novos questionamentos a partir dos convites que recebeu para estar junto a esses jovens, seja em encontros na escola do território, seja na atuação com a comunidade na Organização Não Governamental (ONG) em construção. De maneira natural e espontânea, seu nome tem sido lembrado pelas lideranças locais para organizar rodas de conversa com jovens que apresentam características próprias por pertencerem a esse território.

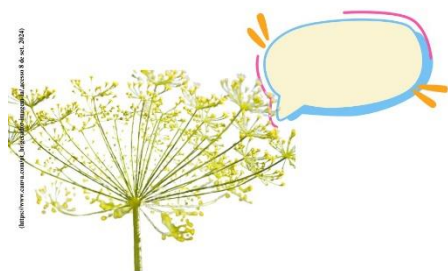
Esses jovens frequentemente precisam esconder o endereço onde moram para conseguir um emprego; lidam com realidades complexas em que informações, imagens e oportunidades circulam de maneiras bastante diferenciais.

Essas inquietações e conflitos evidenciam a importância de reduzir ou eliminar a distância entre as Instituições Formais e Não Formais de Educação, superando o abismo que separa o mundo dos jovens da ausência de diálogo provocada pelo desrespeito a essas vozes que compartilham um mesmo contexto.

Por fim, destaca-se o registro da fala de uma das lideranças daquele território, nomeada Semente de Erva-Doce, durante o encontro realizado em 21/09/2022 no Instituto de Formação e Capacitação Profissional (PRÓ-R), uma associação de direito privado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de atender a todos que a ela se dirigem, independentemente de classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor ou crença.

Essa associação tem como objetivo promover formação profissional por meio de cursos como reforço escolar, informática e manutenção em microcomputadores, além de atuar na área cultural por meio da música (instrumental e canto), buscando proporcionar cognição intelectual, cultural e artística à população, bem como promover a integração social, de acordo com sua capacidade de acolhimento.

No dia 21/09/2022, fomos convidados a conhecer o espaço que abriga o Instituto de Formação e Capacitação Profissional Residencial Pôr do Sol (PRÓ-R). Esta é uma casa alugada com recursos próprios por essa liderança, que vislumbrou o espaço como uma oportunidade para a comunidade. Desse encontro, surgiram falas da liderança desse Instituto que merecem ser registradas, entre elas a fala da Semente Erva-Doce (Gestor do Centro de Referência e Assistência Social e que idealizou esse espaço para a comunidade local, inicia a sua fala:



Semente de Erva- Doce (2022)

“
Consigo estabelecer um diálogo e respeito com essa comunidade, em primeiro lugar, porque sou Preto. A ideia para a criação dessa ONG é fugir de qualquer relação partidária, que é muito latente aqui no bairro. É comum aparecerem políticos apenas para fazer número ou para sermos números para eles.

Já recusei verbas de deputados, porque existe a troca de favores. Eu te ajudo, e você destaca meu nome na ação social. Isso não é o que queremos. Prefiro um movimento lento, porém sustentado pela força desses moradores, sem questões políticas no meio, sabe?

Não se trata de dinheiro, mas sim do reconhecimento de moradores que possuem lideranças natas. Temos problemas? Temos muitos, inclusive com drogas. A droga aqui no território é fonte de renda para muitos jovens, em especial.

Só que acredito na transformação das pessoas. Hoje temos jogadores profissionais no time da cidade que já foram traficantes ou usuários e hoje são outras pessoas. Precisamos alcançar esse público, não afastá-los. Se você for ao CEU das Artes à tarde ou à noite, é visível o tráfico e o uso de drogas lá. Mas, ao mesmo tempo, eles cuidam daquele espaço, acredita?

Outro dia, tivemos um roubo lá, de alguém de fora. Eles mesmos encontraram a pessoa que fez o furto e recuperaram o computador que tinha sido levado.

Aqui precisamos de ações de impacto para que o diálogo seja construído e estabelecido. Não há no bairro uma busca ativa do entorno; ao contrário, querem construir muros. Vocês acreditam que estou comprando uma briga grande aqui?

Querem construir um muro no CEU, e eu não concordo. Não se trata de afastar os moradores, mas de trazê-los conosco! Tenho a intenção de reavivar a questão das cooperativas aqui no bairro e fortalecer ainda mais o projeto da música, que já está em andamento.

Já avisei ao professor que vem de forma voluntária dar aula de música que ele vai escutar muitas histórias e desabafos aqui, que em outros espaços não aparecem. Para muitos, as drogas são o emprego; veem-nas como uma oportunidade fácil e rápida de conseguir recursos financeiros, infelizmente.

Conseguir emprego para os moradores aqui não é fácil; quando querem uma colocação, precisam mentir sobre onde moram. Por isso, precisamos fortalecer as políticas setoriais de forma contínua. Independentemente da política que esteja instalada, deve haver continuidade no movimento desses moradores.

Não se trata de apartar os problemas ou as pessoas, mas de trazê-los para a roda, para fortalecer o poder paralelo que já apresenta força aqui no bairro. Vejam o que acabei de relatar a vocês: a própria comunidade localizou o vândalo. Esse é o poder paralelo presente aqui. A porcentagem de vandalismo aqui é mínima, porque a comunidade cuida do que é seu” (Semente Erva-Doce, 2022).



A narrativa da Semente Erva-Doce (2022) oferece um olhar profundo sobre a relação entre a identidade, a cultura comunitária e as dinâmicas de poder em um contexto urbano frequentemente marginalizado.

O discurso da Semente Erva-Doce (2022), revela uma série de questões interligadas que merecem análise sob diversos ângulos, incluindo a sociologia da atuação comunitária, as práticas de empoderamento e a crítica ao clientelismo político.

As formulações de Sodré (1999) sobre identidade complementam a análise inicial do discurso da Semente Erva-Doce (2022), que destaca a sua identidade racial como um elemento central de conexão com a comunidade.

Ao afirmar “sou Preto”, a Semente Erva-Doce (2022) não apenas descreve sua origem, mas realiza uma declaração que carrega uma profunda carga simbólica e afetiva. Essa

identificação racial é fundamental para estabelecer laços de empatia e solidariedade, especialmente em contextos marcados pela discriminação, como afirmado por Lima (2008).

Sodré (1999) argumenta que a identidade é um complexo relacional, que liga o sujeito a um conjunto contínuo de referências, constituído pela intersecção da história individual e a do grupo.

Nesse sentido, a declaração de identidade da Semente Erva-Doce (2022) pode ser vista como um reflexo desse contexto relacional, onde a singularidade do "eu" é constituída pelo reconhecimento do "outro".

O reconhecimento social, conforme destacado por Sodré (1999), não apenas fundamenta a construção da identidade, mas também propicia a formação de diálogos respeitosos e construtivos nas comunidades.

Portanto, a afirmação da Semente Erva-Doce (2022) se posiciona como um ato que transcende o individual, engajando-se com as dinâmicas sociais e históricas mais amplas, como entendem os autores Lima (2008) e Sodré (1999).

Além disso, ao estabelecer sua identidade racial, o líder comunitário promove um espaço de diálogo, construindo conexões que são essenciais para a formação de uma identidade coletiva.

Assim entendemos que como a identidade do sujeito é marcada pela integração em contextos históricos e sociais, o protagonista se torna um agente que, através do reconhecimento mútuo, fortalece as relações comunitárias (Lima, 2008).

Essa dinâmica de reconhecimento não apenas busca a validação da identidade racial, mas também cria uma rede de apoio e solidariedade entre os moradores, refletindo as ideias de Sodré (1999) sobre a importância dessas interações em um contexto de carências naturais e psicossociais.

Portanto, a articulação entre a identidade racial da Semente Erva-Doce (2022) e as formulações de Sodré (1999) revela como a autoafirmação racial pode ser um ponto essencial na construção de identidades coletivas, formadas por experiências compartilhadas e pelo reconhecimento social.

Essa constituição identitária, então, fica imersa em um contexto mais amplo, onde a luta contra a discriminação e pela valorização das vozes locais se torna uma prática essencial para o fortalecimento da coesão social e da solidariedade na comunidade (Lima, 2008).

A obra organizada por Souza (2021), que discute as estratégias de reexistência nas periferias brasileiras, proporciona uma base teórica robusta para a compreensão dos desafios e das práticas de autonomia comunitária.

Nesse contexto, a recusa da Semente Erva-Doce (2022) por verbas e conexões políticas ilustra uma postura crítica em relação ao clientelismo que afeta as áreas vulneráveis. A crítica ao clientelismo, caracterizada pela troca de favores — “eu te ajudo, e você destaca meu nome” — reflete práticas que podem desvirtuar iniciativas comunitárias e comprometer a autonomia dos grupos, como aponta Souza (2021).

Para promover uma cultura política genuína nas periferias, Souza (2021) sugere que é essencial construir movimentos arraigados em solidariedade e autossuficiência, evitando a dependência de apoios que carregam condições políticas.

A Semente Erva-Doce (2022) exemplifica esse desejo de transformação, adotando um "movimento lento" que respeita as dinâmicas locais e prioriza a criação de uma base comunitária sólida.

Essa estratégia de reexistência, conforme descrita por Souza (2021), ressalta a importância de processos autônomos e participativos para fortalecer a identidade coletiva e fomentar espaços de resistência contra práticas políticas danosas.

Portanto, a crítica da Semente Erva-Doce(2022) ao clientelismo dialoga com as reflexões de Souza (2021) sobre a cultura política nas periferias, evidenciando que a busca por autonomia e dignidade não deve se submeter às pressões do capital político. Ao invés disso, deve-se promover uma resiliência que valorize a construção de alternativas sustentáveis e éticas, reafirmando os direitos e a voz dos moradores.

A narrativa da Semente Erva-Doce (2022) aborda de forma significativa a questão da transformação social, destacando exemplos de moradores que superaram situações de vulnerabilidade, como o uso de drogas e o envolvimento com o tráfico.

A afirmação “acredito na transformação das pessoas” revela uma esperança nas capacidades intrínsecas dos indivíduos da comunidade, evidenciando que a mudança é possível mediante reconhecimento e apoio.

Essa transformação está profundamente alinhada com a perspectiva de Freire (1987), que em sua obra *Pedagogia do Oprimido* ressalta a importância do diálogo e do reconhecimento das experiências de vida como condições fundamentais para a emancipação social.

O fortalecimento das lideranças locais e a validação das vivências dos moradores são essenciais para que eles sejam vistos não apenas como beneficiários, mas como agentes de mudança.

Nesse sentido, a narrativa da Semente Erva-Doce (2022), ao enfatizar a necessidade de um diálogo que respeite a identidade local e se distancie da politicagem, ressoa com os achados de Mota, Lopes e Peixoto (2008).

Esses autores discutem que, nas comunidades dos subúrbios do Rio de Janeiro, é imperativo que as iniciativas de resistência se fundamentem em uma compreensão profunda do contexto social em que se inserem. No entanto, essa resistência não deve ser confundida com autodefesa comunitária ou solidariedade genuína, como os autores apontam.

Embora a narrativa da Semente Erva-Doce (2022) se oponha às práticas violentas das milícias e do tráfico, é fundamental reconhecer que essas milícias não são meras abstrações; elas refletem uma experiência vivida de violência sistemática.

Os moradores enfrentam as consequências dessa violência diariamente e, apesar das adversidades, desenvolvem formas de resistência. Mota, Lopes e Peixoto (2008) indicam que é nesse contexto de repressão e controle que as milícias se afirmam como uma expressão de poder que formam as relações sociais, criando um padrão de sociabilidade violenta nas comunidades.

Esse padrão de sociabilidade é evidenciado pela fragilidade da presença do Estado, que muitas vezes atua como resposta punitiva, no lugar de fornecer um suporte efetivo para o desenvolvimento e a segurança.

Assim, enquanto a Semente Erva-Doce (2022) busca construir uma narrativa de resistência que privilegie a identidade local e a solidariedade genuína, ela se depara com as relações de poder estabelecidas pelas milícias.

Portanto, a crítica às práticas de clientelismo e à violência institucional é essencial para formar um movimento que realmente busque a autonomia e a dignidade dos moradores, refletindo as dinâmicas sociais discutidas por Mota, Lopes e Peixoto (2008).

Dessa maneira, a articulação entre as ideias contidas nas narrativas da Semente Erva-Doce (2022) e os estudos de Mota, Lopes e Peixoto (2008) evidencia a necessidade de criar um espaço de diálogo e resistência.

Embora esse ambiente seja hostil, é fundamental que a luta não ceda às pressões externas que buscam deslegitimar a busca por uma identidade coletiva e por uma estrutura social mais justa. Essa resistência deve se basear na solidariedade e na autoafirmação, pilares necessários para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva, como entendem Mota, Lopes e Peixoto (2008).

5.4 NO ESPAÇO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: “CRESCENDO PRA PASSARINHO”

A educação não-formal, conforme discutido por Gohn (2005), se apresenta como uma abordagem que vai além do ensino tradicional, permitindo um espaço de aprendizado significativo que pode engajar os indivíduos em suas comunidades.

Gohn (2005) argumenta que a educação não-formal é essencial na formação de uma cultura política, pois promove a conscientização crítica e a participação ativa dos cidadãos nas decisões sociais e políticas. Essa forma de educação encoraja a autonomia e a responsabilidade social, elementos fundamentais na construção de uma cidadania ativa e engajada.

Além disso, o papel da educação não-formal é estreitamente relacionado ao conceito de democracia participativa, conforme expresso na obra de Santos (2002). Ele ressalta que a democratização da democracia não se limita apenas à realização de eleições, mas envolve a criação de canais de participação popular onde os cidadãos possam efetivamente influenciar políticas e decisões que afetam suas vidas.

As experiências de educação não-formal frequentemente incluem momentos de debate, diálogo e interação social que são essenciais para a formação de pessoas para exercerem seu poder de forma informada e deliberativa.

Nesse contexto, a educação não-formal emerge como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas democráticas. Santos (2002) propõe que a construção de uma democracia participativa requer a inclusão de vozes marginalizadas e a construção de um consenso através do diálogo, algo que muitas vezes é facilitado por iniciativas educativas que não se restringem ao ambiente escolar.

Por meio da educação não-formal, os cidadãos têm a oportunidade de se engajar em processos deliberativos que podem levar a mudanças concretas e significativas nas políticas públicas.

Bauman (2001) também contribui para essa discussão ao abordar a noção de comunidade em tempos de modernidade líquida. Em um mundo caracterizado pela fluidez e pelas rápidas mudanças sociais, as comunidades enfrentam desafios únicos na construção de laços significativos entre seus membros.

Nesse contexto, o autor argumenta que a promoção de espaços de interação e troca é fundamental para que as pessoas se sintam valorizadas e ouvidas. Essa ideia está intrinsecamente correlacionada com os princípios da educação não-formal, que se propõe a criar ambientes de aprendizado dinâmicos e inclusivos.

A educação não-formal, caracterizada por sua flexibilidade e informalidade, oferece um cenário propício para o desenvolvimento de interações significativas. Ao contrário da educação formal, que frequentemente se baseia em estruturas rígidas e hierárquicas, a educação não-formal permite que os participantes se envolvam ativamente em processos de aprendizado colaborativos, como observado por Gohn (2005).

Nesses espaços, as pessoas são incentivadas a compartilhar experiências, ideias e saberes, contribuindo mutuamente para a formação de um conhecimento coletivo que reflete a pluralidade de suas vivências.

A flexibilidade na educação não-formal também se manifesta no estabelecimento dos conteúdos e na criação e organização dos ambientes de aprendizagem. Essas estruturas são constantemente ajustadas e recriadas de acordo com os modos de ação que atendem às necessidades específicas dos grupos sociais que compõem a comunidade. Essa adaptabilidade é fundamental para garantir que as ações educacionais sejam relevantes e efetivas (Gohn, 2005).

Além disso, Simson e Park (2001) enfatizam a importância de desenvolver espaços de educação não-formal que respeitem alguns princípios fundamentais que podem ser observados na Figura 23.

Figura 23. Princípios dos Espaços de Educação Não-Formal



Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Simson e Park (2024)

Os princípios da educação não-formal, organizados na Figura 23 e delineados por Simson e Park (2001), são fundamentais para a construção de ambientes de aprendizado que não apenas educam, mas também engajam e transformam comunidades.

Ao implementar esses princípios, acreditamos que é possível criar espaços onde a educação se transforma em um verdadeiro laboratório de cidadania, promovendo a autonomia, a responsabilidade social e a solidariedade entre os indivíduos.

Com isso, a educação não-formal se estabelece como um caminho poderoso para o desenvolvimento pessoal e coletivo, colaborando para a formação de cidadãos que se tornem agentes ativos em suas comunidades e atuem em prol de um futuro mais justo e solidário.

Essa perspectiva é reforçada por Garcia (2008), no qual salienta e alerta que a educação não-formal deve ser reconhecida pela sociedade como um direito, e não como uma mera forma de assistencialismo.

Entretanto, a visão de assistencialismo, relacionada às ONGs e aos projetos sociais, está profundamente enraizada na sociedade, inclusive nas comunidades impactadas e nas próprias entidades.

Nesta linha, Garcia (2008) argumenta que isso acontece, pois a sociedade frequentemente não exige do poder público o cumprimento de suas obrigações. Embora ela reconheça que, em algumas circunstâncias, as iniciativas realmente se caracterizam como assistencialismo — muitas vezes influenciadas pela mídia ou pelo desejo de promoção pessoal — é essencial que essa compreensão evolua.

Assim, a educação não-formal vai além do assistencialismo ao promover o desenvolvimento de valores. Segundo Garcia (2008), seu objetivo é fundamentar-se na crença de que a aprendizagem ocorre por meio de práticas sociais que respeitam as diferenças entre os indivíduos.

Autores como Gohn (2005), Garcia (2008) e Simson e Park (2001) ressaltam a importância da educação não-formal como um espaço propício para o desenvolvimento da conscientização crítica. Nesse contexto, indivíduos têm a oportunidade de reconhecer e questionar as estruturas sociais existentes, promovendo um ambiente que estimula a reflexão e a ação.

Assim, os espaços de interação e troca, proporcionados pela educação não-formal, tornam-se vitais para a formação dos participantes a se tornarem membros ativos da sociedade. Essa formação os prepara para defender seus direitos e a contribuir de forma significativa para a transformação social, criando um ciclo contínuo de aprendizado, engajamento e solidariedade.

Nesse contexto, a relação entre as ideias de Bauman (2001) sobre a solidificação dos laços sociais e a prática da educação não-formal (Gohn, 2005) é evidente. Ambos enfatizam a importância de criar ambientes que promovam a interação e a valorização das vozes individuais, o que é essencial para a construção de sociedades mais justas.

Portanto, a educação não-formal emerge como uma estratégia poderosa para cultivar essas relações, desempenhando um papel fundamental no fortalecimento do tecido social em tempos de incerteza e mudança.

Ademais, a capacidade da educação não-formal de criar um senso de pertencimento é fundamental, especialmente em um cenário onde as identidades e as relações comunitárias podem ser voláteis.

A intersecção entre educação não-formal, cultura política e democracia participativa é essencial para fortalecer a capacidade dos cidadãos de se mobilizarem e agirem coletivamente. Por meio de práticas educativas que fomentam o diálogo, a reflexão crítica e a participação ativa, indivíduos de diversas origens são formados para se tornarem agentes de transformação social em suas comunidades.

A promoção de uma educação que valoriza a pluralidade de saberes e experiências é, portanto, um caminho na busca por uma sociedade mais justa, coesa e democrática. As obras de Gohn (2005), Santos (2002) e Bauman (2001) oferecem uma compreensão abrangente da importância da educação não-formal como um meio de democratizar as relações sociais, fortalecer a cultura política e incentivar a participação ativa dos cidadãos na construção de um futuro mais solidário e participativo.

Esse conceito se materializa na prática observada durante a escuta realizada no Instituto Pró-R em 27 de setembro de 2022. Esta escuta foi fruto de uma proposta firmada no encontro anterior em 21 de setembro de 2022, com uma das lideranças locais, Semente Erva-Doce.

Este líder, que ocupa o cargo de gestor do CRAS, mantém paralelamente uma ONG sem fins lucrativos, cuja missão é desenvolver ações para o fortalecimento social e cultural da comunidade.

Com documentação regularizada e recursos próprios, essa organização busca atender às demandas locais e proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para os moradores.

No contexto do Instituto Pró-R, a educação não-formal se traduz em oportunidades para que cidadãos, especialmente os jovens, se reúnam e discutam questões pertinentes a suas vidas e da comunidade.

Tal atitude reflete a perspectiva de Gohn (2005), que defende que a educação não-formal é fundamental para engajar os participantes em processos sociais relevantes e torná-los conscientes de seu papel na sociedade.

Dessa forma, a escuta e a interação no Instituto Pró-R promove um ambiente de aprendizagem ativa, permitindo que os moradores se sintam valorizados e motivados a agir em prol de melhorias em suas realidades.

Assim, a articulação entre as propostas teóricas de Gohn (2005), Santos (2002), Bauman(2001) e Simson; Park (2001) se concretiza nas ações do Instituto, mostrando que a educação não-formal serve como um poderoso instrumento para fomentar a cidadania e a participação.

Por meio da iniciativa da Semente Erva-Doce e da colaboração dos moradores, o Instituto Pró-R se torna um exemplo prático de como a educação pode ser utilizada para transformar vidas e comunidades, reforçando a importância de espaços que valorizem a pluralidade de saberes e experiências, essenciais para o fortalecimento da democracia participativa.

Para esse encontro foram convidados jovens e moradores do bairro que se destacam por suas atividades e desejos em colaborar com ações para que o bairro possa sair das margens da insensibilidade em especial da cidade de Uberaba.

Para além da criminalidade que ali existe, como em outros bairros também, sem desmerecer as situações pontuais, até pelas raízes que foram se solidificando ao longo dos anos, frente à ausência de políticas públicas e infraestrutura desejável para os moradores deste território, não se pode desconsiderar que o território é ocupado também por pessoas de bem, honestas, trabalhadores, com direitos e deveres, muitos jovens que deveriam ter direitos à Educação, porém grande parte dentro deste território não conseguem concluir o ensino básico, porque precisam trabalhar para manterem o mínimo junto às suas famílias.

Assim o Instituto Pró-R atua dentro do território com o propósito de potencializar os espaços que transitam os moradores deste território, sendo capazes de formar pessoas, jovens mais politizados e preparados para uma vida em que possam realizar mudanças, tanto no local como também de forma pessoal, mudanças essas que possam contemplar a plena cidadania.

Quando cheguei, à noite, as luzes já estavam ligadas, as cadeiras em círculo, e os portões da casa abertos. Semente Erva-Doce já havia preparado tudo e estava no aguardo das pessoas que tinha convidado para estar ali conosco.

A princípio, antes de solicitar permissão para gravar o encontro, Semente Erva-Doce disse aos presentes que pensou em não recebermos naquela forma, limpando cada cadeira, de forma organizada mesmo, para que pudéssemos sentir de fato a importância e a responsabilidade que cada um ali tinha a partir desse convite.

Fazer parte de um coletivo requer que cada um possa contribuir de uma forma. Como o PRÓ-R foi pensado para o território, cada um ali, teria que assumir a sua responsabilidade e assumir aquele espaço enquanto seu e do todo!

Nesse sentido, ele pensou no primeiro momento que tínhamos que chegar e encontrar as cadeiras empilhadas e empoeiradas, porque aquele espaço não tem dono, porque ele é do Território. Segundo a percepção dele, cada um teria que desempilhar a sua cadeira para sentar e ter tirado o pó, porque cada um ali, precisava sentir aquele espaço enquanto seu e do outro também.

No entanto, mudou de ideia ao organizar o espaço para receber o coletivo, considerando que o envolvimento com o espaço e o seu propósito pode levar algum tempo, para que o desenvolvimento de senso de pertencimento mais forte seja um movimento de dentro do ser, para fora.

Desta forma o espaço não é um território sem dono, mas um lugar compartilhado por todos. Isso pode levar a uma mudança de mentalidade, onde as pessoas se sentem mais responsáveis por cuidar do espaço e torná-lo acolhedor para todos.

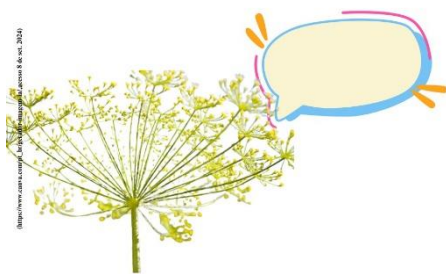
A partir da sensibilização de pertencimento e interação com outros membros da comunidade, a partir do compartilhamento de ideias e experiências, as pessoas podem desenvolver uma consciência coletiva sobre a importância de cuidar de um espaço que seja comum a todos.

Em seguida, solicitei permissão aos presentes para que eu pudesse realizar a gravação e o consentimento pelos presentes me foi concedida, iniciei a gravação no momento da apresentação sugerida pela Semente Erva-Doce dos presentes, para que pudéssemos conhecê-los: além de mim, Sylmara Castro Vianna e Maria Betânia Moreira Carvalho Silva (membros do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências - GENFEC), que fomos enquanto grupo de pesquisa trazendo para o território para que pudessem vivenciar e colaborar frente às suas pesquisas e perfis a potência desse lugar, em especial, que não conheciam.

O pseudônimo utilizado aqui será inspirado em nomes de sementes, considerando que estas podem ser fundamentais para a alimentação dos pássaros, auxiliando na muda de penas e promovendo a fertilidade e o canto, devido à sua riqueza em óleos ômega (Wikiaves, 2023).

Serão apresentadas narrativas oriundas da escuta ativa resultante desse encontro.

A Semente Erva-Doce (já havia sido batizado com este nome, visto que ele faz parte de outros momentos também. Semente Erva-Doce é gestor do Centro de Referência e Assistência Social do Território, idealizador do Instituto Pró-R e membro do grupo Fortalezas do Território):



Semente de Erva-Doce (2022)

Hoje é um marco, haja vista que conheço todos e todas. Nesse coletivo e nesse espaço, é um momento histórico. O intuito de hoje é que vocês conheçam alguns dos atores e que possamos estruturar algumas ações para fortalecer o coletivo e a comunidade.

Há alguns anos tenho tido a oportunidade de estar com vocês. É uma alegria e uma grande expectativa estar aqui neste momento.

A ideia é fazer um resgate da memória e dar continuidade a coisas tão bacanas que já aconteceram neste território.

Acredito que seja importante que as pessoas conheçam como as políticas funcionam no bairro. Como hoje temos algumas tratativas, gostaria de apresentar formalmente a vocês como está constituído esse espaço.

Quero fazer uma apresentação do Instituto Pró-R a vocês, que considero líderes da comunidade. O Instituto é um conjunto de pessoas e amigos. Não sei se vocês sabem, mas fui criado dentro de uma comunidade assim. Enquanto coletivo, acredito que, de mãos dadas, podemos mudar qualquer realidade.

O Instituto de Capacitação Profissional e Cultural Pró-R é uma associação de diretrizes de poder privado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de atender a todos que se dirigirem a ele, independentemente de classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor ou crença religiosa.

A finalidade da associação é promover formação e capacitação profissional por meio de cursos profissionalizantes como informática e manutenção em microcomputadores, além de atividades na área cultural por meio da música instrumental e canto, buscando proporcionar cognição intelectual, cultural e artística à população.

Temos relação social de acordo com a capacidade de acolhimento, que faz parte do estatuto. Vale frisar que a associação não tem cunho político ou partidário. Hoje, esse espaço completará um ano e já realizamos algumas ações, como aulas de violão e cursos de crochê, que ocorrem às terças e quintas-feiras, das 15h às 16h.

Diante dessas ações, buscamos fazer contato com pessoas dispostas a trabalhar com esse coletivo. Na semana passada, entrei em contato com a Monica e o Alpiste, que se dispuseram a conhecer o espaço.

Foi muito legal, pois sempre digo à Semente de Girassol que as coisas aqui no bairro acontecem naturalmente. Acredito que, em condições naturais, as verdades se tornam mais evidentes.

Antes de vocês chegarem, varri aqui e passei um pano nas cadeiras. Quase deixei que cada um limpasse a sua própria cadeira, porque eu, a Semente de Girassol e a Semente Painço Branco temos a propriedade de dizer que muitas vezes as ações que ocorrem por aqui vêm "maquiadas", como se estivéssemos nos preparando para a chegada de alguém importante. É muito comum isso acontecer.

Aqui, já presenciei situações como a de um garotinho que queria brincar em um pula-pula instalado no espaço, e alguém disse para ele que era apenas para tirar fotos e que ele não deveria pular. Isso provoca em nós a vontade de intervir. É importante estarmos juntos para dizer que, se formos, não estaremos sendo fiéis ao que realmente somos.

Não quero entrar muito nesse assunto, pois não é a pauta de hoje. Dando continuidade à minha fala, assim que a Monica e o Alpiste chegaram, sentiram a energia do espaço e a vida que pulsa aqui.

Isso é importante! Elas imediatamente disseram que estavam cheias de ideias. Pensei: "É isso!" Elas trouxeram algumas propostas, e a Monica, dentro do que foi levantado, já compartilhou no grupo as fotos das arrecadações que fez, pois inicialmente foi pensado um brechó.

Com agilidade, elas montaram toda a logística e mobilizaram pessoas em seus respectivos locais. Acho isso fantástico. As questões palpáveis são muito bacanas, pois saem do campo da idealização e se materializam. Hoje, estamos dando o primeiro passo nas ações para a organização do brechó.

Já me senti, por vezes, sozinho. Foi quando levantei a minha voz. Hoje é um marco! Acredito que, a partir deste momento, já podemos sair com a estrutura planejada e os objetivos claros deste espaço.

O objetivo maior é fortalecer e promover essa comunidade, fazendo com que ela saia do anonimato e enfrente o estigma que lhe foi atribuído. Pretendemos dar maior expressão política e consciência à comunidade.

Na sexta-feira, fui procurado no CRAS por pais desesperados, com filhos doentes em decorrência do pós-pandemia. Esses pais foram para a fila eletrônica e precisam esperar seis meses para serem atendidos.

São jovens que ameaçaram colocar fogo na casa onde moram. Desculpem-me por trazer isso aqui; não é a minha intenção expor ninguém, por favor. No entanto, são jovens que relatam que, ao sair na rua, se perdem, pedem socorro e buscam um profissional.

Outrora, tivemos uma conversa informal em um momento inesperado. O Sorgo Branco, psicólogo, me procurou dizendo que tinha disponibilidade. Acho isso muito forte: a comunidade cuidando da comunidade.

Acredito que aqui seja um corpo político se organizando, pois sempre fomos muito criticados. "Vocês não têm projeto?" "É tudo horizontal?" E o chicote chegando. Perguntavam se éramos soltos aqui, sem diretrizes.

Parece ser fácil, mas não é. Sentar aqui nessa roda e olhar no olho de cada um é um desafio. Talvez, para alguns, o correto seria sentar em fileiras, um atrás do outro, igual a cordeirinhos ou soldadinhos.

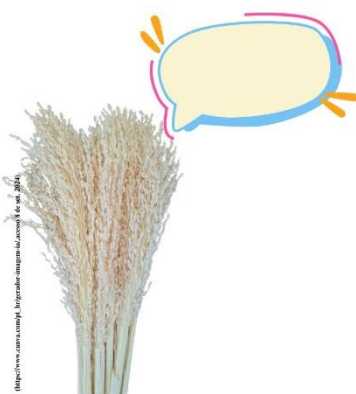
Eu entro em desespero quando chego aqui no CEMEI e vejo os meninos pregados com suas mãozinhas. Para mim, deveria ser todo mundo solto; assim, eles pegam nas mãozinhas uns dos outros, parecendo soldadinhos marchando. Essa imagem resume o quanto precisamos repensar o ambiente em que as crianças estão inseridas.

Elas devem ser encorajadas a explorar, a se movimentar e a desenvolver suas próprias identidades, longe da rigidez que muitas vezes as limita. Somente assim poderemos promover um espaço de aprendizado que valorize a liberdade, a criatividade e a autonomia, essencial para o seu crescimento emocional e social.

É vital que criemos um ambiente onde as crianças possam brincar, interagir livremente e construir laços de amizade, tornando o CEMEI um lugar onde todos se sintam à vontade para serem quem realmente são. (Semente Erva-Doce, 2022).



A Semente Erva-Doce passa a palavra para a Semente Sorgo Branco (jovem morador do território, psicólogo, musicista e dançarino):



Semente Sorgo Branco (2022)

O meu nome é Semente Sorgo Branco e estou no Residencial Pôr do Sol desde os meus 8 anos de idade. Durante esse tempo, vi muitas coisas se perderem pelo caminho. A minha mãe sempre deixou claro que não tínhamos muitas coisas favoráveis a nós, apenas a escola, e isso teve um impacto significativo.

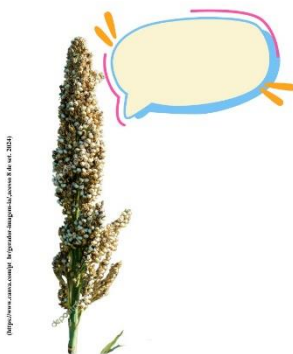
Ela sempre dizia que a escola poderia nos oferecer muitas oportunidades, mas que muitas delas precisavam vir de mim também. Sou filho de uma mãe solo que criou quatro filhos e, dentro dessa história, encontrei uma terapeuta ocupacional que me mostrou que eu

poderia ir além.

Desde os quatro anos, tive a dança como uma companheira constante, mas tive que parar aos 19 anos por conta da faculdade.

Sempre fui do campo do afeto, pois onde há afeto, há a possibilidade de respeito. O mínimo que podemos sentir pelo outro é o respeito, enquanto o máximo é o amor. Estou acreditando muito nessa possibilidade, nesse caminho, no qual podemos compor esse coletivo (Semente Sorgo Branco, 2022).

A Semente Painço Branco (moradora e líder comunitária do território), também contribui com a sua narrativa:



Semente Painço Branco (2022)

Sou a Semente Painço Branco, moradora há 21 anos desse bairro; me considero uma líder comunitária. Já fui presidente do grupo gestor da praça CEU das Artes, madrinha do Núcleo de Socialização e mais um bocado de coisas por aí.

Eu e meu marido fazemos parte de uma ONG aqui no Residencial Pôr do Sol que trabalha com reaproveitamento de alimentos.

Como está essa comunidade? Estão com fome! Porque lá na ONG de aproveitamento de alimentos, o povo até briga por conta de comida.

Eu não sei falar bonito, não procuro palavras bonitas para falar com ninguém, e não devo nada a nenhum político. Na minha casa, não tem nenhum tijolo de político. Então, se for para eu bater de frente, eu bato, como já bati. Quem é daqui me conhece, porque eu já bati lá dentro da praça! É um sonho que temos aqui." (Semente Painço Branco, 2022)

A Semente Painço Verde (morador e liderança do território, além de ser o esposo da Semente Painço Branco) também dá suas contribuições:



Semente Painço Verde (2022)

Eu me chamo Semente Painço Verde, sou esposo da Semente Painço Branco e hoje a gente lida como líder comunitário com a missão grande de algumas coisas.

Ajudamos numa outra ONG aqui também, pra tentar amenizar o sofrimento de alguns aqui dentro. Então, eu passei, vi o portão aberto, escutei a voz da Semente Erva-Doce e pensei que estava tendo alguma coisa.

Aí estava com umas coisas na mão, fui lá guardei e voltei.

Eu acho assim, todos têm que participar, igual já participei de muitas outras ações aqui, porque acredito que, enquanto morador, precisamos fazer algo por onde moramos e buscar as coisas. A gente sempre busca amenizar o sofrimento de muitos aqui, dos mais pobres, e é difícil, mas vale a pena a luta.

A comunidade aqui não tem poder aquisitivo; realmente, nós não temos e tínhamos, mas cada um sempre tem algo pra oferecer para o próximo. Só que a dificuldade bate, porque você briga contra o governo.

A gerente sabe que a comunidade tem um poder de voz mínimo. Sempre aqui nos movimentos e festas solidárias que fazemos, sempre aparece alguém com uma filmadora filmando tudo que a gente organizava "do bolso" pra promover o governo; chega uma hora que você cansa.

Bacana a ação pensada de um brechó, porque pode trazer pra esse espaço a família inteira. Além do brechó contribuir financeiramente para as despesas do espaço, ele pode ser um chamativo pra comunidade conhecer aqui e também fazer os cursos, ser membro daqui.

Aí vem a mãe, a mãe traz os filhos, os irmãos; a moçada também pode vir. O pessoal vai vir pra esse brechó e já de cara com essa placa aqui, damos curso de crochê e de violão. Organizar esse espaço enquanto uma casa, uma ONG acolhedora." (Semente Painço Verde, 2022)

A Semente Nabão Limpo (Não é morador do território, porém possui um histórico de participação em movimentos sociais e culturais):



Semente Nabão Limpo (2022)

O meu nome é Semente Nabão Limpo, sou de Uberaba. Fiquei 22 anos fora e retornei há cerca de 1 ano, me readaptando em Uberaba. A convite da Semente Erva-Doce, estou aqui hoje.

Trabalho na área de gestão de processos e de pessoas. O meu objetivo aqui é, com muita ansiedade, nessa troca, poder também colaborar com vocês e com essa comunidade. É uma satisfação conhecer a todos e entender a forma que eu posso me inserir e colaborar com esse projeto." (Semente Nabão Limpo, 2022)

A Semente Girassol (Morador, Gestor da Escola Municipal e liderança do Território, também membro do grupo Fortalezas -chegou depois às apresentações iniciais):



Semente de Girassol (2022)

Eu queria pedir licença à Semente Painço Branco por ser a mais velha aqui no meio de nós e por toda a sua história e o que faz aqui pela comunidade, que tem muita história aqui.

O que o senhor traz aí bate muito em mim, de tal forma que eu penso que já apanhei muito aqui. Agora, acho que é hora de eu respirar e eu preciso aceitar o meu papel na comunidade, de quem eu fui, do que posso ser.

Sempre acompanhei aqui o trampo do poder público partidário, sempre foi no trampo de uns caras que queriam vir aqui e ditar o que a gente tinha que fazer.

E aqui estamos tendo a oportunidade de refazermos e de construir. E quando eu digo aqui “ressignificar”, entre parênteses, é porque a gente está se resignificando, sem amarras e com o mecanismo dialético; eu até preciso estudar mais sobre isso, num viés de malemolência, de fluir mesmo, de ser nós mesmos. É mais tranquilo aqui, mas não quer dizer que é mais fácil.

A gente movimentava e movimenta uma comunidade inteira sem ter uma estrutura nenhuma e quando tinha estrutura era sabotada, gente. E quantas vezes a gente descia com sangue no olho, bufando, que a gente preferia pisar em caco de vidro a permitir que as pessoas nos enquadrassem aqui.

Esse movimento aqui não é fácil, é mais difícil, porque a ideia partidária, toda vez que eu encontro esses caras, eu digo que eles não têm que colocar o pé aqui. Nem no sentido de falarem: “Vem cá, vou te dar isso”. Não, para. Eu escutei de um secretário que queria explodir um galpão, um lugar onde a gente vivia; a gente nem trabalhava lá, a gente vivia lá. O cara falou: “Vamos explodir isso aqui”.

Nesse último mês, nós tivemos não sei quantas equipes da prefeitura dentro da comunidade. Hoje é que dia, terça ou quarta? Hoje é terça-feira e eu vi um tanto de carro da prefeitura. Eu sou novo aqui, estou desde os 14 anos e agora estou com 32 anos.

A Semente Painço Branco deve ter visto isso aqui inúmeras vezes. E aí é aquela ideia de refazer ciclos. Eu tô aqui de novo pra fazer ciclo? Eu vou refazer, mas até quando?

Liguei para a Semente Erva-Doce esses dias, dizendo a ele que estava preocupado com o Pró-R. Estávamos numa frequência de fazer desse espaço o nosso, de maneira que ele possa pulsar, que seja vibrante, natural e orgânico.

De que tá tudo aberto lá? Porque não é de hoje que estamos nessa construção, os caras nunca estiveram presentes, só estavam presentes para se apropriarem de algo. Hoje eu convidei um jovem para estar aqui também e ele me disse que não poderia porque tinha que trabalhar. Eu pensei que massa, ele tá trabalhando.

E quando eu falo isso, ceis entendem eu achar massa ele não vir? Porque quem conhece esse jovem que estou falando, quem conhece a família dele, o cara me dizer que vai trabalhar é massa demais, muito legal.

E quando a Semente Erva-Doce leu ali parte da filosofia do Pró-R, é entender que estamos aqui há anos, a minha filha nasceu dentro dessa situação.”

Não tenho medo do poder público, eles têm medo de nós. Eu não trabalho pensando neles, eu não gasto energia com eles. Eu gasto energia é com o jovem que citei há pouco, que estava perdido e hoje está trabalhando. Na escola podem prejudicar, agora, aqui não.

E aí eu pergunto a vocês: como que a gente se encontra no momento? Aí, dois anos de pandemia, perdi a minha mãe, muitos colegas, perdi base, me perdi, gente. Só não perdi do lugar de onde vim, e aí eu pergunto: como é que nós estamos? O que a gente tá sentindo? E a nossa comunidade como tá? Como nós estamos coletivamente?

A Semente Erva-Doce tá lá no CRAS, a Semente de Girassol tá na escola, a Semente de Chia tá lá no núcleo, o Sorgo Branco está lá em Araxá, a Mônica toda hora nos dando suporte, a Betânia tá chegando, o marido dela também chegando, o Alpiste chegando e aí, como nós estamos?

Chegou um momento que eu pensei que a gente tava doente, no sentido de as pessoas entrarem na nossa casa e não nos dar permissão para abrir a boca. Aconteceu isso comigo, aconteceu com a Semente Erva-Doce, de chegar, bater a mão na mesa e dizer: "Acabou. Vocês não sabem o que estão fazendo aqui".

Muitas vezes o que acontece na escola, mandam procurar a Semente de Girassol, vai lá na Semente de Girassol. Eu tenho uma relação boa com a Semente de Linhaça (a outra gestora da Escola Municipal), ele sabe de tudo.

Só que eu fui vendo os retratos ao meu redor, e com a Semente Erva-Doce, acontecia a mesma coisa, até eu perceber que a gente tava doente. E a gente precisa se curar. E aí eu falei pra Semente Erva-Doce que foi providencial a vinda da Mônica pra cá, porque eu não sei se a gente conseguiria caminhar.

Sabe aquele caminhar que o evento vai ser meio-dia, e às sete horas não temos nada, só que meio-dia vai estar tudo lá. E a gente tava perdendo essa força, a gente tava sendo enquadrado por isso.

Eu acho que é mais tranquilo, mas não é mais fácil, porque já vem sendo surrado por isso aí. A Semente Erva-Doce, nem se fala. Isso aqui sempre foi a nossa utopia. Eu acredito que pra fechar o diagnóstico de como nós estamos, eu vou demorar um pouco ainda.

O nosso povo tá doente, tá com fome e tem várias outras situações acontecendo ainda. Quando a senhora me traz isso (Semente Painço Branco), precisamos abrir essa ferida pra ver como nós estamos e a partir daí ver o que pode ser feito.

O Pró-R é parte disso, as feridas estão abertas? O que podemos fazer enquanto coletivo para fechar essa ferida? Como nós estamos nesse processo? A escola, o núcleo, o CRAS, como estão nesse processo? A juventude?

Porque além dessa ideia de estar doente, de estar com fome, fomos obrigados a engolir os meios tecnológicos que não nos alcançam. Então, mentalmente é por isso que eu falo que vou demorar um tempo pra entender essas paradas.

Mas a gente tá aqui, tentando reavivar as ações e movimentos do Pró-R, fazê-lo vivo dentro desse processo. Precisamos ver também se o que está sendo proposto vai ao encontro dos atores dessa comunidade, desse corpo que tá doente, que tá com fome. E quando eu falo de atores, eu vejo a Semente Painço Branco, vejo a Semente Sorgo Branco como um ator, vejo cada um aqui.

E passar a valorizar os princípios que você trouxe aí, a valorização da comunidade. Entendendo quem tá aqui, porque aqui tem hoje nessa roda um psicólogo, um mestre de bateria, uma professora de Educação Física, tem a Semente Painço Branco que é um dos espíritos da comunidade. Eu tenho que ir devagar nessa fila aí, porque senão me mandam embora." (risos) (Semente Girassol, 2022)



Nesse momento, a reunião foi direcionada para a organização do dia do Instituto Pró-R, no qual a comunidade pudesse participar das atividades pensadas por esse coletivo, além da promoção do Brechó solidário, na tentativa de levantar fundos monetários para o custeio das despesas básicas do espaço.

O coletivo se encontrou mais vezes até a data do evento, incluindo uma campanha solidária na porta de um supermercado da cidade de Uberaba para pedir doações para a realização da confraternização pensada e planejada.

Outro fato que merece destaque aqui foi a oportunidade de sermos conduzidos, enquanto pesquisadores, pelas ruas do bairro um dia antes do evento pela Semente de Girassol, por dois motivos: para que os moradores se familiarizassem conosco e ficássemos conhecidos por eles, e também para que, enquanto coletivo, fizéssemos o convite aos moradores do bairro para conhecerem o espaço do Pró-R, além de serem convidados para a confraternização do dia 19/11/2022.

Esse movimento de sermos conduzidos por uma liderança do território, no caso, a Semente de Girassol, fez toda a diferença no âmbito de sentidos, tanto para os moradores que ali estavam nas ruas, no comércio local e nas praças, quanto para a escola, onde entramos nesse dia como mais uma oportunidade de acolhimento por parte desse território.

No dia em que percorremos as principais ruas do Residencial Pôr do Sol, acompanhados pela Semente de Girassol, coincidiu com a data do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que seria aplicado no final de semana. Tivemos a oportunidade de conhecer alguns jovens que estavam nas praças e outros pelo caminho.

Uma jovem, em especial, me chamou a atenção pelo fato de, quando convidada a estar no evento do Pró-R, nos dizer que realizaria o exame do ENEM na data do evento. Perguntei a ela qual seria o curso de interesse dela, e ela não hesitou em me responder que seria um curso ofertado no período da noite, já que durante o dia ela tem que trabalhar.

Perguntamos a ela sobre a possibilidade de realizar algum curso na UFTM; segundo ela, por ter que trabalhar, era uma opção inacessível.

Esse fato me levou a pensar em duas falhas graves enquanto uma das pessoas que organizou o evento junto ao Instituto Pró-R. A primeira foi a não consideração do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que provocou um conflito na data do evento do território, que poderia, por vezes, trazer mais jovens para o evento.

A segunda falha seria a desigualdade no acesso à informação sobre as oportunidades educacionais disponíveis, especialmente para jovens pertencentes a camadas socioeconômicas mais baixas.

Assim como essa jovem que encontramos ao longo da nossa andança pelo território, muitos jovens ali, assim como em outros territórios periféricos, podem não estar cientes das vantagens de cursar uma universidade federal, da oferta de cursos noturnos e das bolsas de incentivo à permanência no Ensino Superior para alunos de baixa renda, como auxílio-creche,

sem contar a qualidade do ensino, que possui, na maioria de seus cursos, professores concursados e com nível de doutorado para ministrar aulas, além de oportunidades de pesquisa e redes de contatos.

A falta de conhecimento sobre as instituições de ensino superior, tanto federais quanto estaduais, pode levar os estudantes a optar por alternativas menos vantajosas ou até mesmo a desistir da busca pelo ensino superior.

Isso perpetua a desigualdade educacional e socioeconômica, uma vez que jovens oriundos de famílias mais privilegiadas têm acesso a informações e recursos que lhes permitem tomar decisões mais informadas sobre sua formação acadêmica.

Segundo Coelho (2021), essa situação evidencia uma estrutura educacional que ainda carece de um amplo suporte e políticas públicas eficazes.

Essa desinformação contribui para a sub-representação de grupos sociais marginalizados nas universidades federais, limitando a diversidade e a pluralidade de perspectivas no ambiente acadêmico.

A presença de diferentes vozes é fundamental para a construção de um espaço educacional mais democrático e inclusivo, o que torna essencial a implementação de políticas que promovam a equidade no acesso à educação.

Coelho (2021) destaca que a expansão do ensino superior é necessária, mas deve ser acompanhada de qualidade e inclusão. É imprescindível que as instituições de ensino superior adotem iniciativas que abordem as barreiras práticas e as lacunas informativas que restringem as oportunidades educacionais para determinados grupos sociais.

Mesmo com conflitos de datas como o ENEM, a realidade de muitos jovens nas periferias é que a maioria deles não conclui o ensino básico, quanto mais o ensino superior. Essa situação reflete uma problemática mais ampla, que afeta não apenas a comunidade em questão, mas diversas outras ao redor do Brasil.

Um exemplo positivo dessa interação é a participação de jovens da comunidade nas ações promovidas pelo Instituto Pró-R, que busca incentivar a educação e o desenvolvimento local.

Muitos desses jovens, mesmo diante das dificuldades, se engajaram nas atividades planejadas, mostrando que, com apoio e informações adequadas, é possível mudar a trajetória educacional e, conseqüentemente, a vida de muitos.

Portanto, a construção de uma educação acessível e inclusiva deve ser uma prioridade, visando não só o crescimento individual, mas também o fortalecimento da sociedade como um todo.

As análises e propostas apresentadas por Fernando Coelho no texto do *Jornal da USP no Ar* (2021) reforçam a importância de políticas públicas que garantam um acesso equitativo ao ensino superior, permitindo que todos os setores da sociedade tenham a oportunidade de se qualificar e contribuir para o desenvolvimento nacional.

Durante as atividades promovidas, observou-se uma significativa participação dos jovens: enquanto alguns apreciavam o Brechó, outros demonstravam interesse nas inscrições para cursos gratuitos de música, estética e dança de rua.

Essa diversidade de interesses não apenas enriqueceu os eventos, mas também proporcionou um espaço de expressão e criatividade. Vários jovens até arriscaram puxar alguma música ou recitar rimas no microfone, evidenciando a busca por afirmação e uma oportunidade de compartilhar talentos. Esses momentos são fundamentais para a construção de um ambiente comunitário dinâmico e engajador.

Assim, acreditamos que ao integrar diferentes abordagens e áreas de conhecimento, é possível criar um ecossistema educacional que não apenas forma indivíduos, mas também fortalece laços comunitários e sociais.

Essa transformação é essencial para garantir que a próxima geração esteja mais bem preparada para enfrentar os desafios que surgirem, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e justa.

A Figura 24 apresenta, em imagens, um breve resumo desse movimento de promoção do Instituto Pró-R, incluindo o preparo da horta comunitária, que também fez parte do planejamento do coletivo.

Figura 24. Promoção Instituto Pró-R- pelo coletivo Residencial Pôr do Sol



Fonte: Instagram Instituto Pró-R (https://www.instagram.com/instituto_pror/, a cesso dia 30/12/2022)

De lá para cá, o coletivo tem se articulado e se reunido em prol de dar continuidade às ações, entre elas a ressurgência do jornal “O Criolo”, também conhecido como a voz do bairro, que teve sua tiragem e circulação retomadas no mês de novembro de 2022. A figura 25 mostra o uso do recurso da borracha em alguns pontos do texto para evitar que a identidade do residencial fosse preservada.

Figura 25. Recortes da tiragem “O Criolo” - Jornal do Território Pôr do Sol



Fonte: Moradores Residencial Pôr do Sol (2022)

A Figura 25 apresenta um recorte desta pesquisa, surpreendendo os pesquisadores envolvidos. Essa iniciativa, liderada por membros da comunidade, visa aumentar a visibilidade da pesquisa e garantir que os moradores estejam cientes dos movimentos que atualmente ocorrem no Residencial Pôr do Sol.

A comunicação pública, conforme abordado por Medeiros e Mainieri (2022), desempenha um papel vital na promoção da cidadania, especialmente em contextos onde as vozes da comunidade são frequentemente marginalizadas.

De acordo com a teoria da comunicação comunitária, é fundamental que os indivíduos se apropriem das informações que lhes dizem respeito, pois isso fortalece o senso de pertencimento e a participação ativa na dinâmica social.

Ao promover o acesso à informação, as lideranças locais desempenham um papel essencial, facilitando o processo de conscientização e engajamento dos moradores sobre as iniciativas que impactam diretamente suas vidas (Medeiros; Mainieri, 2022).

O estudo de Nascimento (2006) reforça essa perspectiva, destacando que a comunicação efetiva pode servir como um instrumento de inclusão social, especialmente em espaços onde há uma articulação entre a diversidade de vozes e a promoção da cidadania.

Assim, ao disseminar as descobertas da pesquisa e engajar a população, as lideranças não apenas promovem a transparência, mas também fortalecem o vínculo entre os moradores e o projeto em questão.

Essa prática é essencial para fomentar um ambiente colaborativo e inclusivo, aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento comunitário e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A comunicação, segundo Medeiros e Mainieri (2022), deve ser compreendida como um processo contínuo e bidirecional, no qual as informações não apenas fluem do organismo público para a comunidade, mas também vice-versa, permitindo que os moradores participem ativamente na configuração de políticas e iniciativas que os afetam.

Adicionalmente, como argumenta Gohn (2006), a educação não formal é uma via poderosa que pode ser integrada a essas práticas comunicativas, uma vez que promove a conscientização e a participação da sociedade civil em processos decisórios.

O reconhecimento do protagonismo da sociedade civil é fundamental para a formação de um tecido social que valorize a participação de todos os cidadãos, reforçando a ideia de que a educação e a ciência são ferramentas fundamentais para a emancipação e o fortalecimento das comunidades.

Essa dinâmica evidencia que a efetividade das ações comunitárias depende, em grande parte, da capacidade das lideranças de criar canais de comunicação que não apenas informem, mas também mobilizem a comunidade na busca por seus direitos e na construção de um futuro mais participativo.

Portanto, o fortalecimento das práticas de comunicação pública, aliado ao suporte da educação não formal, é um passo decisivo para assegurar que todos os cidadãos possuam não apenas voz, mas também a oportunidade de influenciar as decisões que caracterizam sua realidade.

Figura 26. Acontece no Residencial Pôr do Sol

ACONTECE NO RESIDENCIAL ...

FORTALEZAS RESIDENCIAL

Neste anos de 2022, recebemos em nosso bairro a Professora Mônica Izilda da Silva, aluna do curso de Doutorado em Educação da UFTM, orientanda do Professor Dr. Daniel Ovigli que tem se dedicado a estudar a Gestão Democrática, Espaços Não Formais e Formação da cultura Política de Jovens de um Território da cidade de Uberaba - MG. Para a realização desta pesquisa a doutoranda vem acompanhando de perto os movimentos que aconteceram e que acontecem na comunidade. Em um encontro que reuniu a Prof. do Núcleo de Socialização, a Prof. e o Prof. da E. M., do CRAS, Prof. da E.E., da Superintendência de Desenvolvimento Social de Uberaba, representando o Intituto Pro-R e CRAS e representantes da comunidade. Através de uma dinâmica a doutoranda lembrou com os participantes de como o bairro Residencial teve seu início. Foi um momento de muita comoção, olhar para o passado e perceber que após mais de vinte anos conseguimos muitas conquistas, por meio da perseverança e pelas mãos de muitas pessoas, principalmente moradores que contribuíram e contribuem para a melhoria do bairro em muitos aspectos. A partir deste encontro, demos início ao denominado Grupo Fortalezas Residencial, onde participantes deste encontro reafirmaram as parcerias para que novos projetos pudessem ser viabilizados para a comunidade.

Fonte: Moradores Residencial Pôr do Sol (2022)

Um exemplo dessa transformação é ilustrado na Figura 26, que retrata o encontro da orquestra com o território, em um evento de Natal realizado em dezembro de 2022. O Instituto Pró-R organizou uma festa solidária para a comunidade, que contou com a apresentação de uma orquestra sinfônica.

Com um repertório cuidadosamente selecionado, a orquestra emocionou todos os presentes, criando um momento especial e memorável. É fundamental considerar o valor simbólico que a visita de uma orquestra a uma comunidade periférica representa.

Acreditamos que essa intervenção não apenas oferece à comunidade uma oportunidade de contato com uma cultura que, muitas vezes, é percebida como elitista, mas também promove um encontro significativo entre diferentes realidades sociais.

Para muitas pessoas da periferia, essa experiência pode ser a primeira chance de apreciar um tipo de arte que raramente chega até elas. Esse movimento de aproximação entre a cultura clássica e o público da periferia enriquece a vida cultural da comunidade e ressalta o papel transformador que o Instituto Pró-R desempenha nesse contexto.

Além disso, essa experiência pode servir como um valioso incentivo para que crianças, jovens e adultos se sintam motivados a visitar outras instituições culturais, como teatros e museus, no futuro. Ao ampliar suas referências culturais, eles passam a ter mais acesso a diferentes formas de expressão artística, fortalecendo, assim, seu envolvimento e apreciação

pela cultura. Dessa maneira, o evento não só proporcionou um momento de celebração festiva, mas também plantou a semente do interesse por novas experiências culturais, ampliando o horizonte de possibilidades para a comunidade local.

Figura 27. Ação de Natal solidária Pró-R



Fonte: Instagram Instituto Pró-R (https://www.instagram.com/instituto_pror/, acesso dia 30/12/2022)

Até o momento, o percurso metodológico, conforme apresentado na Figura 11, foi implementado, culminando na ação de Natal realizada pelo Instituto Pró-R, que constituiu a última atividade do ano de 2022.

No início de 2023, assim como os pássaros que buscam orientação nas estrelas, nós, enquanto pesquisadores, nos deparamos com a necessidade de redesenhar nossas rotas. Esse redesenho é fundamental para garantir que o nosso "voo" chegasse a seu destino, em especial ao se referir às juventudes de 18 a 29 anos do território Pôr do Sol, dentro dos espaços de Educação Não Formal.

Tal abordagem se torna imprescindível, pois permite que as experiências e as necessidades dos jovens sejam melhor compreendidas e atendidas, assegurando que as iniciativas propostas estejam alinhadas com suas expectativas e anseios.

Analogamente, assim como os pássaros realizam paradas cuidadosamente calculadas, geralmente em períodos noturnos, quando os ventos são amenos e favoráveis às migrações, a cena expressa na Figura 11 experimenta alterações significativas. Essas mudanças podem ser observadas no infográfico apresentado na Figura 28, que ilustra as adaptações que foram

necessárias para otimizar as nossas práticas de pesquisa e intervenção no campo da Educação Não Formal e juventudes.

Essas adaptações não só refletem uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais do território, mas também enfatizam a importância de um método flexível e responsivo, capaz de acompanhar as transformações constantes que ocorrem no ambiente comunitário.

Dessa forma, ao analisarmos essas etapas do processo, evidenciamos que a metodologia adotada não é meramente um roteiro a ser seguido, mas sim um campo de possibilidades que se amplia à medida que novas informações e realidades se tornam visíveis.

A busca contínua por um entendimento mais preciso do contexto das juventudes no Pôr do Sol não apenas enriquece a pesquisa realizada, mas também contribui para a construção de um espaço educacional mais inclusivo e eficaz, que reconhece e valoriza a diversidade de experiências vividas por esses jovens.

Figura 28. Reorganização da primeira cena expressa na figura 3 para o percurso e procedimentos metodológicos. “Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um Território que Pulsa sopros e vozes” Tese de Doutorado.



A justificativa para a organização do infográfico, conforme ilustrado na Figura 28, é fundamentada no conjunto de situações que emergiram ao longo do processo, de modo que cada etapa, direta ou indiretamente, dialogava com as demais.

Essas interações foram essenciais para a reorganização da ideia inicial, que visava à culminância de uma trajetória através da organização de um Slam no território, em colaboração com a juventude local.

No primeiro tópico (Figura 28), quando o Superintendente da Juventude da cidade de Uberaba compartilha os dados sobre a juventude, mapeados em diferentes contextos, sentimos uma grande satisfação enquanto pesquisadores.

Essa partilha de informações é significativa, considerando a responsabilidade acadêmica e cidadã que esta pesquisa carrega, uma vez que viabiliza um diálogo construtivo no âmbito das políticas públicas voltadas para a juventude do Residencial Pôr do Sol e sua região.

Com esse diálogo com o Superintendente da Juventude ainda em evidência, iniciamos a conversa com uma liderança do Slam, recomendada pelo coletivo do Residencial Pôr do Sol, para que pudéssemos colaborar na condução dessas ações.

O objetivo era criar um espaço onde os jovens, em especial (tópico 2 - figura 28), pudessem se expressar artisticamente, chamando a atenção da sociedade para suas vozes, que frequentemente são silenciadas pelo estigma associado ao seu local de origem.

No entanto, no dia seguinte (tópico 3 - figura 28), logo após o aceite da liderança do Slam, fomos surpreendidos com a desistência dessa pessoa em colaborar com o movimento devido a demandas pessoais. Dado que cada decisão deve ser consensual dentro do coletivo do Território Pôr do Sol, buscamos juntos alternativas para contornar essa situação.

Inicialmente, diante da desistência da liderança do Slam, pensamos, enquanto pesquisadores, que poderíamos nos concentrar nos espaços ocupados pela juventude local, buscando alternativas para construir caminhos que levassem à realização do Slam.

Coletivamente, chegamos ao consenso de que atualmente há uma ausência significativa de iluminação nas praças, que poderiam servir como um dos locais de convivência frequentados pela juventude local. Assim, a ideia de nos encontrarmos com os jovens no território teve que ser repensada em conjunto com a liderança local.

Segundo o coletivo do território, a escola é vista como um porto seguro para a juventude, uma vez que está inserida em um contexto marcado por diversas fragilidades sociais e, por vezes, violento.

A escola não apenas oferece educação formal, mas também ocupa um espaço privilegiado na vida dos jovens, funcionando como um local de convivência e de trabalho em

rede, onde há uma aproximação significativa em vários aspectos da educação não formal. Este espaço se destaca pela liberdade de expressão e pela implementação de ações e projetos que os alunos desenvolvem com a clara intencionalidade de promover uma educação não formal, configurando-se, assim, como um ambiente essencial para a construção de redes de apoio e fortalecimento das vozes juvenis.

Sendo assim, o período noturno se configurou como um espaço propício para encontrarmos a juventude de 18 a 29 anos, a fim de iniciar um processo de aproximação e escuta ativa, o que nos permitiu realizar um diagnóstico mais preciso da realidade vivida por esses jovens.

Assim, começamos a escutar aqueles que estavam ao redor da escola noturna, além de outros que encontramos em ações promovidas pelo Instituto Pró-R. Durante essa escuta, outra demanda emergiu: a necessidade de organizar um grupo no WhatsApp.

Observamos que havia muitos jovens no território com idade entre 18 e 29 anos que não frequentavam a escola e que, devido a compromissos familiares—na maioria dos casos, eram jovens com filhos e netos pequenos—não tinham condições de participar de reuniões pessoais, que poderiam ser marcadas para esse propósito.

A falta de opção de cuidado para os filhos ou netos tornava inviável a participação em encontros presenciais com os pesquisadores. Diante dessa realidade, decidimos criar um grupo de WhatsApp onde os jovens que consentiram sua inserção pudessem interagir.

Esses jovens, que já havíamos ouvido anteriormente, começaram a trazer outros colegas e parentes que se interessavam pela temática e pelo movimento em questão. Para garantir a fidelização desses participantes no grupo e promover as aproximações desejadas, realizamos enquetes por meio de aplicativos, além de compartilhar oportunidades de emprego e cursos.

Essa estratégia tem se mostrado eficaz, contribuindo para a participação contínua e o engajamento dos jovens. Em paralelo a essa reorganização de nossas ações (tópico 4 - figura 28), e em colaboração com o Instituto Pró-R, iniciamos diálogos com entidades como a Embaixada Americana, o Sebrae e também com a gestão dos Cefores da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

É importante destacar alguns desdobramentos desse movimento. Graças à parceria estabelecida com a Embaixada Americana, o Instituto Pró-R conseguiu disponibilizar 20 vagas para jovens do território participarem de um cursinho preparatório gratuito para o ENEM (2023).

Esse cursinho possui um caráter bem conceituado, com a contratação de professores renomados da cidade, o que pode representar uma grande oportunidade para esses jovens, muitas vezes marginalizados em seus contextos sociais e educacionais.

Dessa forma, a construção de pontes entre diferentes instituições e a comunidade demonstram o potencial transformador da pesquisa ao se articular com as demandas e necessidades locais.

Ao promover a inclusão educativa, não apenas ampliamos o acesso dos jovens às oportunidades, mas também fortalecemos o sentimento de pertencimento e empoderamento dentro do território.

Essas iniciativas ressaltam a importância de um trabalho colaborativo que permita que vozes diversas sejam ouvidas e valorizadas, refletindo a necessidade de construir um futuro mais inclusivo e igualitário para a juventude do Pôr do Sol.

No mesmo dia em que conseguimos, enquanto Instituto Pró-R, disponibilizar vagas para os jovens cursarem o cursinho preparatório, também conseguimos mais 20 vagas para que a comunidade pudesse participar de um curso de corte e costura.

Inicialmente, acreditamos que essas vagas seriam insuficientes frente à demanda e à oportunidade que os moradores do Residencial Pôr do Sol teriam. Para nossa surpresa, 15 jovens do território se inscreveram de forma voluntária, utilizando um link de formulário compartilhado na comunidade. Também recebemos muitas inscrições para o curso de corte e costura.

Entretanto, tanto os jovens quanto os inscritos para o curso de corte e costura não compareceram às aulas que seriam oferecidas pelas instituições representadas pela Embaixada Americana, que, por sua vez, estavam localizadas em bairros distintos da cidade de Uberaba-MG.

Diante dessa situação, o Instituto Pró-R fez um esforço significativo e contactou cada um dos inscritos. Nesse processo, que se desenvolveu de maneira fluida e sem uma metodologia rigorosa, começamos a levantar um diagnóstico mais preciso da realidade desses jovens.

Durante as ligações, constatamos uma diversidade de situações que revelavam uma complexidade social significativa. Em muitos casos, falávamos com mães com menos de 29 anos que estavam, ao mesmo tempo, criando filhos que cursavam o Ensino Médio. Essa observação evidencia a realidade do território: a juventude local frequentemente assume papéis de pais, mães e avós precoces.

Adicionalmente, outro aspecto crítico mapeado durante esse contato foi a dificuldade que esses moradores enfrentam em estar presentes em espaços que não pertencem ao seu

território de residência. Fatores financeiros, físicos e psicossociais se interligam, criando barreiras que dificultam a mobilidade e a inclusão desses jovens em outros ambientes. Muitos se sentem invisíveis fora do território onde vivem, refletindo uma crença de que não são vistos nem valorizados em locais além do seu redor imediato.

Esse contexto revela a necessidade de um aprofundamento nas estratégias de inclusão e aproximação da juventude com os espaços educacionais. É imprescindível que consideremos a realidade vivida por esses jovens e suas famílias, desenvolvendo abordagens que estejam alinhadas com suas necessidades e desafios.

Portanto, é fundamental que as políticas públicas, assim como as iniciativas sociais, sejam sensíveis às dinâmicas de vida desses indivíduos, garantindo que as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento sejam não apenas acessíveis, mas também apropriadas ao contexto em que os jovens estão inseridos.

Ao entender e respeitar as realidades específicas do Pôr do Sol, podemos traçar caminhos mais efetivos para a transformação social, promovendo um ciclo de inclusão e oportunidades que reverberam positivamente na vida desses jovens e em toda a comunidade. Mesmo com a oferta de um cursinho gratuito, muitos jovens não tiveram condições financeiras para custear o transporte necessário para o deslocamento.

Adicionalmente, a situação física se mostrou um obstáculo, pois muitos dependem de bicicletas para se locomover, saindo cedo para trabalhar e retornando apenas à noite. Para essas pessoas, sair novamente de bicicleta para buscar cursos e, no dia seguinte, iniciar sua jornada laboral não é uma tarefa fácil.

Não buscamos justificar essas diferentes situações ou julgar o que seria certo ou errado; o objetivo aqui é deixar claro que algumas realidades são complexas e profundas, e somente aqueles que as vivem têm acesso a essa compreensão.

Diante de todos esses desafios, chegamos à criação de um podcast. Embora sejamos cientes de que talvez não consigamos alcançar toda a juventude local—considerando que, conforme já relatado, existem muitos jovens e famílias com recursos tecnológicos limitados, o que pode resultar em falta de acesso às mídias sociais—percebemos que o podcast poderia ser uma ferramenta poderosa para estender nosso alcance para além do território em questão.

Desejamos que essa juventude e esse território sejam vistos e ouvidos em uma esfera mais ampla, que é a internet. Para viabilizar essa logística, conseguimos, de forma coletiva, com o apoio das lideranças do território, organizar um estúdio itinerante para o podcast.

Em cada episódio, consideraremos a participação ativa de jovens do território, promovendo diálogos sobre temáticas que serão construídas coletivamente, além de contar com jovens atuando diretamente no estúdio.

O podcast recebeu o nome de “Vozes”, refletindo o desejo de amplificar aquelas vozes que, por diversos motivos, são silenciadas. A proposta é que essas vozes sejam realçadas além do território em que habitam e que outras vozes possam apoiar esse movimento em prol do fortalecimento de territórios como o Pôr do Sol, que enfrenta fragilidades latentes.

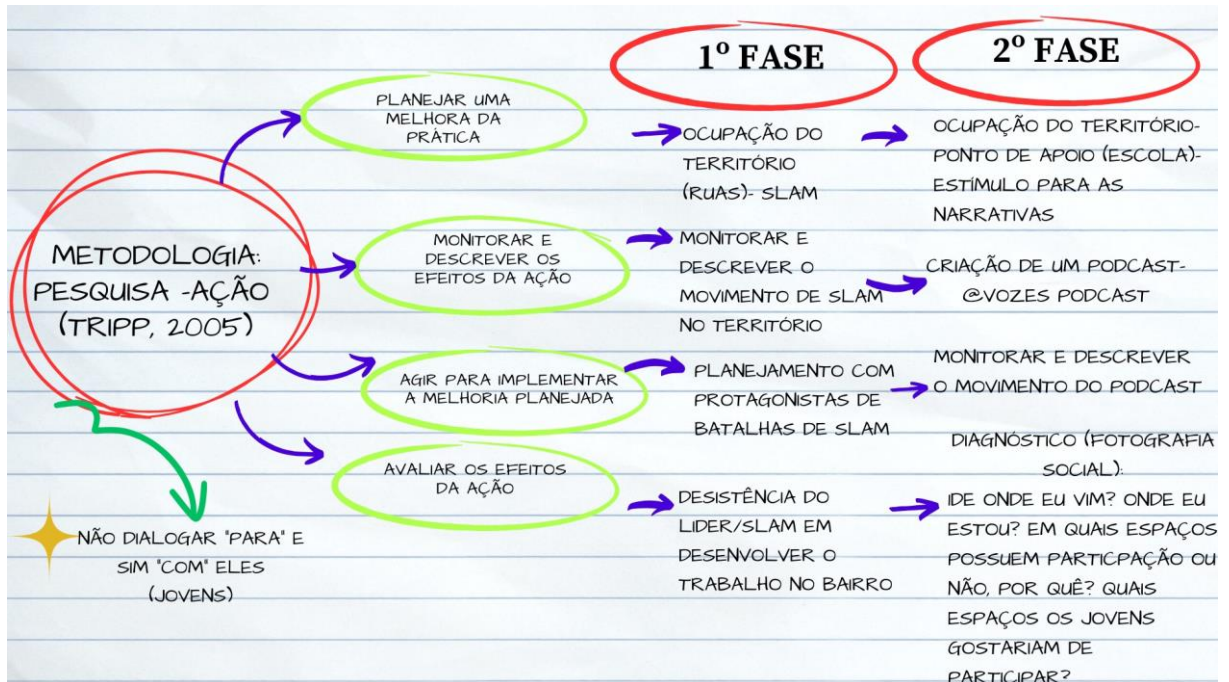
As gravações poderão ser apreciadas no perfil do Instagram @vozes podcast, além da criação de páginas no Facebook e no canal do YouTube. Outro aspecto que chama nossa atenção é que, segundo dados da Superintendência da Juventude de Uberaba e o mapeamento realizado, mesmo em um contexto onde se acredita que o Facebook esteja sendo substituído por Instagram e outros aplicativos em diversas localidades, no Residencial Pôr do Sol, o Facebook ainda é amplamente utilizado. Isso ocorre porque é um aplicativo leve, que não exige dos usuários dispositivos avançados.

A Figura 29 tenta traduzir esse movimento de pesquisa-ação desenvolvido no território de Pôr do Sol, evidenciando a importância de adaptar as estratégias de comunicação e engajamento com a comunidade.

O podcast “Vozes” representa uma nova conexão, uma forma inovadora de dialogar com a juventude local, permitindo que suas histórias e experiências sejam compartilhadas e reconhecidas em um espaço que vai além das barreiras físicas do território.

Dessa forma, fomentamos a inclusão digital e social, criando um ambiente onde a diversidade de vozes possa contribuir para o fortalecimento da identidade e da cultura local.

Figura 29. Metodologia Pesquisa-Ação “Nas Asas Poéticas das Juventudes e Lideranças Comunitárias: Encontros educativos de um Território que Pulsa sopros e vozes” Tese de Doutorado.



Fonte: Autores (2023)

5.5 NO ESPAÇO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: “VIDA E HISTÓRIAS DE PASSARINHOS”

Assim como pode ser observado ao longo de cada passo dado para o desenvolvimento desta pesquisa, os movimentos ocorreram de forma natural, espontânea, colaborativa e autêntica.

Essa autenticidade é uma característica profundamente defendida pelos moradores do Residencial Pôr do Sol; segundo eles, quando pesquisadores ou outras iniciativas se aproximam da comunidade sem o intuito genuíno de colaborar, são prontamente rejeitados.

Dessa forma, chegamos às juventudes do território, levando em consideração as reflexões de Dayrell (2014), que destaca a pluralidade, as diferentes formas de resistência e a coexistência no contexto do Residencial Pôr do Sol.

Foram realizadas vinte escutas ativas, que ocorreram tanto em eventos e reuniões promovidos pelo Instituto Pró-R quanto por meio de caminhadas em espaços como a escola e as praças. É importante ressaltar que o Instituto Pró-R e a escola estão localizados nas proximidades, com a rua onde se encontra o instituto iniciando-se bem em frente à escola do Residencial Pôr do Sol.

No total, escutamos vinte jovens, com atenção e cuidado, registrando todas as conversas de forma gravada e posteriormente transcrita. Desses vinte jovens, selecionamos oito vezes que

convergiavam em muitos pontos comuns, refletindo as experiências e desafios enfrentados pela juventude do bairro.

Entre os temas recorrentes abordados, destacam-se: gravidez na adolescência, uso de drogas, ausência dos pais, trabalho infantil, situação de pobreza extrema, e as problemáticas da (ex)clusão social, cultural e física.

Além disso, o preconceito enfrentado, especialmente por ser um bairro predominantemente composto por pessoas autodeclaradas negras, foi um ponto importante nas falas dos jovens.

A violência doméstica também se manifestou em diversas narrativas, assim como a ausência de um projeto de vida claro e perspectivas de futuro, aspectos que ficaram nítidos nas expressões das vozes ouvidas.

Assim como na etapa inicial, na qual utilizamos pseudônimos de nomes de pássaros para cada jovem que aceitou participar da pesquisa, nesta etapa, cada jovem de 18 a 29 anos foi atribuído um pseudônimo de um pássaro. Cada escolha foi cuidadosamente pensada para estabelecer uma conexão entre a característica do pássaro e a identidade do jovem, algo que será detalhado nas narrativas que seguem.

Para iniciar essa parte da pesquisa, apresento o jovem que encontrei no Instituto Pró-R durante uma das atividades oferecidas. Ele tem 28 anos, é rapper, casado e pai de um filho de 1 ano e 3 meses, que, ao nascer, sofreu uma falta de oxigênio e vive de forma vegetativa em um hospital público de Uberaba.

Segundo ele e a mãe, o filho nunca abriu os olhos. Atualmente, ele e a esposa aguardam a chegada da segunda filha, que deve nascer até o meio do ano. Para esse jovem, escolhemos o pseudônimo Uirapuru, uma ave conhecida como um dos grandes cantores das matas; quando canta, toda a floresta silencia para ouvir e apreciar a beleza de seus sons (Wikiaves, 2023).

A escolha do Uirapuru como representação desse jovem reflete seu espírito, pois, mesmo diante das adversidades da vida, ele continua a alegrar os espaços que frequenta com sua música e cultura. Iniciamos, portanto, a conversa e a escuta atenta com o jovem Pássaro Uirapuru:



JOVEM UIRAPURU (2023)

Bom teve início em 09/06/1994. Quando minha mãe, Dona Raimunda, ganhou seu segundo filho, ela, sendo mãe solteira, teve que lutar sozinha contra as dificuldades, despesas, remédios, médicos, etc. Nunca tive pai presente, mas me acostumei com o passar dos anos.

Teve vários momentos em que, não nego, pensei: "Poxa, meu pai nem pra ajudar". Mas, enfim, na minha infância sempre foi difícil. Tive que catar recicláveis, andar longos caminhos debaixo do sol ou da chuva para poder ajudar minha mãe ou minha avó dentro de casa.

A diversão, na época, era jogar bola na rua ou ir para a casa da minha tia, que tinha meu primo, que é filho único por parte dela. Com eles, cheguei até a fazer pequenas viagens, ir para um rancho e tal. Foi através do meu primo que aprendi várias coisas, além de desenvolver o interesse por videogames e computadores; com ele, aprendi até a fazer manutenção em computadores.

Sempre fui aluno exemplar na escola. Lembro que morava em Almeida Campos, e minha mãe já estava casada novamente com o pai dos meus dois irmãos mais novos. Na minha primeira semana de aula, minha mãe foi chamada. Ela, brava, já me alertou que se eu tivesse feito algo de errado na primeira semana, iria levar um corretivo na frente de todos. Imagina o desespero; eu, sem entender nada, fiquei aflito.

Chegando lá, a diretora pediu uma autorização para minha mãe, alegando que eu estava muito avançado, que meus colegas de sala não estavam conseguindo me acompanhar e que teriam que me passar para a segunda série de forma adiantada. Lembrando que eu nunca tinha ido para a escola!

Fiquei um longo tempo sem estudar, fora da escola mesmo! De lá pra cá, lembro que saiu uma oportunidade de fazer cursos gratuitos em um colégio renomado particular da cidade.

Naquele momento, só pensava na oportunidade que tinha, um menino preto, catador de latinha, no meio dos "bacanas", né? Fiz minha matrícula, mas sofri muita discriminação por ser da favela, tanto da própria direção quanto dos professores e da alta burguesia. E lembrando que era uma escola religiosa!

Ao mesmo tempo que eu ficava coagido, me sentia vitorioso pela oportunidade de estar ali. E tem mais: por eu ser da periferia, me saía melhor que muitos alunos que sempre estudaram em escola particular. O que acontece é que tinha vezes em que, para fazer trabalho em grupo, eles precisavam de mim, porque eu sempre sabia fazer as tarefas e os trabalhos. No primeiro semestre, foi muito difícil me aceitarem; agora, no segundo, como precisavam de mim... nesse mundo é assim, valemos o que temos ou o que somos, né?

Consegui amigos lá por conta da sabedoria, dos estudos, do interesse. Só sei que passei tanta dificuldade nessa vida que isso pra mim era fichinha. Gostar, a gente não gosta, mas esse descaso e dificuldade pra mim na época eram passar fome, como passei na vida, entendeu?

Na rede pública, também passei por humilhação; não foi só na privada, não. Porque rico tem uma forma de tratar a gente que é totalmente diferente. Bom, eu penso assim, porque quando eu catava reciclagem, quando minha mãe foi me matricular na rede pública, os meninos me viam catando recicláveis na rua e, com isso, começaram a me zuar, a não querer sentar perto de mim, falando que eu era catador de lixo.

E na escola particular, querendo ou não, alguns deles podem ser falsos; não demonstram interesse genuíno, muitas vezes soam como amigos. Os ricos tratam a gente diferente. Vou te dar um exemplo: imagine uma mulher da periferia e uma mulher da burguesia.

Se uma mulher da periferia chegar em um homem e dizer: "Oi, meu anjo!", vai transparecer que ela está querendo algo a mais com aquele caboclo. Isso é o entendimento da periferia.

Agora rico, não! Eles pegam, a forma que foram tratados desde pequeno. Então no colégio particular, eu sabia filtrar o que era de verdade ou não. Depois fiz cursos de comércio e vendas, informática básica e avançada.

Porém de informática já sabia de tudo e fiz apenas para pegar certificação, ajudava o professor com alunos que tinham dificuldades na época.

Com meu bom desempenho na escola e no curso, tinha uma professora chamada Matayoshi que me pediu para fazer um teste para tentar uma bolsa no Colégio Nossa Senhora das Dores. Fiz, passei e completei meu primeiro ano lá. Devido às dificuldades, tive que começar a trabalhar e assinei pela primeira vez a carteira de trabalho no Probem, que hoje se chama Feti¹⁷.

Depois que saí do Probem, arrumei outros serviços, mas não estava aguentando trabalhar o dia todo e estudar à noite, então parei meus estudos no segundo ano do ensino médio. A vida estava complicada; ou trabalhava ou estudava e ficava sem o que comer em casa.

Trabalhei em vários lugares. Quando era pequeno, minha irmã mais velha e eu saíamos para pedir coisas de comer. Íamos à padaria pegar aqueles pães que as padarias do Real Sabor não iriam vender e levávamos para casa, dividindo com minha mãe e meus outros irmãos. Isso é apenas um resumo do que passei quando era pequeno, pois minha vida, além das dificuldades, ainda contava com violência doméstica, que minha mãe sofria pelo meu finado ex-padrasto, pai dos meus irmãos mais novos.

Sempre tive interesse pela música, principalmente pelo rap. Eu sempre tive dois sonhos: o primeiro era ser jogador de futebol. Cheguei a fazer teste no Corinthians quando tinha entre 13 e 14 anos. Passei, porém o cara que estava me ajudando, que não quero mencionar, pegou meu dinheiro e o de meus outros parceiros, roubando a grana que eles tinham enviado para a gente ir para São Paulo. Depois disso, desisti da carreira de futebol.

E nisso ficou o da música. Como comecei? Lembro que em 2009 vi que haveria uma apresentação de rap no Residencial Pôr do Sol, na praça. Quem iria cantar lá era o Atitude Feminina, o CTS, entre outros grupos de rap. Eu sempre gostei de rap e procurei saber mais sobre o evento. Foi aí que conversei com o "DJP", que era DJ do CTS. Na conversa, falei que tinha um sonho de ser como eles, de poder cantar e tal.

Na mesma hora que falei, ele pegou o telefone e ligou para o Ananias, vocalista do CTS, contando sobre meu interesse no rap. Ananias marcou comigo para ir à casa dele naquela mesma hora. Eu, sem dinheiro e sem bicicleta, fui a pé até o Valim de Melo para conversar com ele. Foi lá que tudo começou; ele me mostrou algumas composições que já tinha gravado e projetos futuros.

Passada uma semana, ele me ligou novamente falando para eu ir lá. Chegando lá, me chamou para participar da primeira música com eles, porque uma semana antes já tinha gravado a primeira música chamada "Perdão Mãe", que cantei no meu primeiro show em Uberlândia, através da ajuda do CTS.

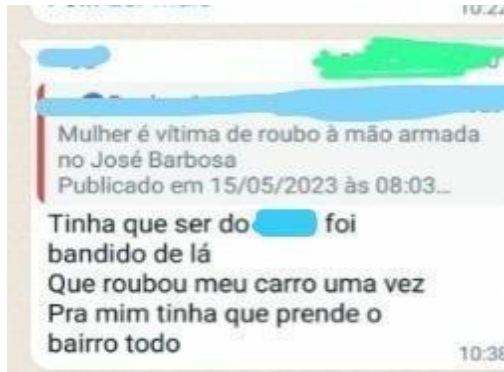
De lá pra cá, já se passaram 10 anos de rap nacional, com participações de pessoas importantes no rap. A questão de serviço é complicada aqui. Nunca fui de esconder isso, sabe? Porque eu tenho meus cursos. Tive lugares onde comecei a trabalhar por indicação também. O menino é "bão". Onde mora? Mora no Pôr do Sol, "mas" é bom de serviço.

¹⁷ A Fundação de Ensino Técnico Intensivo "Dr. Renê Barsam" (FETI) visa o ingresso de alunos e aprendizes no mercado de trabalho e a realização de projetos socioeducacionais que estimulam o empreendedorismo, o protagonismo juvenil, a vivência da cidadania, o fortalecimento das ações pedagógicas, a parceria com as empresas, bem como a inserção e a reinserção de jovens no mercado de trabalho. Fonte: https://portal.uberaba.mg.gov.br/adm_indireta_pagina_menus/87/1, acesso 22 de setembro de 2024.

Mas já tive que falar que morava em outro bairro para conseguir emprego. Depois, quando já tinha assinado a minha carteira, falei onde morava. Além da discriminação, tem a distância do bairro.

O nome do meu grupo de rap leva o nome do bairro, como forma de levar e brigar por respeito a ele, no peito mesmo. Teve gente que disse para mim que eu era doido por colocar Pôr do Sol no nome, mas coloquei para elevar e representar o bairro em outros lugares. Eu guardo até prints que mostram a discriminação pelo bairro, que, por conta de alguns, fica manchado, veja (Jovem Uirapuru, 2023):

Figura 30. Print de uma fala excludente do Residencial Pôr do Sol no ano de 2022



Fonte: Jovem Uirapuru (2023)

O jovem Uirapuru (2023) compartilha um print de um comentário feito em 2022, que pode ser apreciado na figura 30. Sua narrativa fornece um retrato íntimo e comovente da infância e juventude em um contexto de adversidade nas periferias brasileiras.

O relato não apenas revela as dificuldades enfrentadas, como a ausência paterna e as precárias condições de vida, mas também evidencia a luta incessante contra o preconceito e a discriminação social.

A experiência do Uirapuru (2023) serve como um testemunho das realidades que muitos jovens enfrentam nas periferias urbanas do Brasil. Sua trajetória destaca a complexidade de viver em um ambiente marcado pela luta pela sobrevivência, discriminação e uma busca por identidade e oportunidades.

Nesse sentido, é essencial relacionar teorias e conceitos do campo da sociologia e educação que abordam as realidades das comunidades marginalizadas, enriquecendo nossa análise, como Bourdieu (2011); Lombas e Rückert (2022), Maciel (2021), Guimarães (2011) e outros.

A história de Uirapuru corrobora o estudo de Maciel (2021), que investiga a luta das mulheres nas periferias e como essa resistência ressignifica suas trajetórias de vida, assegurando melhores condições mesmo diante dos desafios enfrentados nesses locais.

Uirapuru (2023) menciona que sua mãe, Dona Raimunda, lutou sozinha para criar seus filhos, ilustrando a sobrecarga enfrentada por muitas mulheres em situações semelhantes. Essa realidade destaca a carga desproporcional que as mulheres, particularmente aquelas pertencentes a classes sociais mais baixas, frequentemente suportam, um tema abordado de maneira significativa por Maciel (2021) em suas análises.

Maciel (2021) enfatiza as semelhanças nas experiências das mulheres periféricas, mostrando como a organização social culturalmente arraigada impacta suas realidades. O estudo revela que, apesar das barreiras sociais enfrentadas, as mulheres da periferia, assim como Dona Raimunda, demonstram uma resiliência notável.

Maciel (2021) concluiu que um caminho eficaz para minimizar o cenário segregado é o aumento do investimento em políticas públicas voltadas para essas mulheres. Tais políticas devem considerar a relação delas com seus territórios, visando a construção de um espaço menos desigual.

Assim, a história de Uirapuru (2023) se alinha às conclusões de Maciel (2021), ressaltando a importância de ouvir e valorizar as vozes das mulheres que, diante de suas lutas, buscam transformar suas realidades e afirmar seus direitos em contextos desafiadores. Essa valorização e escuta são essenciais para reconhecer as experiências de marginalização e resistência.

Em sua narrativa, Uirapuru (2023) descreve sua trajetória escolar, na qual, apesar de demonstrar um desempenho distinto em um ambiente educacional adverso, enfrentou discriminação tanto na escola pública quanto na privada. Essa situação é um reflexo das desigualdades sociais que perpassam o sistema educacional e que afetam diretamente a trajetória dos alunos.

Esse aspecto está em consonância com as investigações de Bourdieu (2011) sobre o capital cultural, que argumenta que estudantes de classes sociais favorecidas frequentemente detêm vantagens no ambiente escolar, enquanto aqueles oriundos da periferia enfrentam barreiras adicionais.

O relato do Uirapuru (2023) ilustra perfeitamente o preconceito que permeia as interações entre alunos de diferentes origens, evidenciando o que Bourdieu (2010) denomina "violência simbólica". Essa forma de violência se manifesta quando a experiência e o valor dos alunos provenientes da periferia são sistematicamente desconsiderados, marginalizando ainda mais suas realidades e dificultando sua ascensão social.

Essa marginalização que o Uirapuru (2023) enfrenta na escola não se limita ao ambiente educacional, mas se estende para outras esferas de sua vida. Assim, sua experiência no mercado

de trabalho exemplifica bem o "movimento geral de precarização" abordado por Guimarães (2011).

Este fenômeno reflete como a vida social nos bairros de periferia está cada vez mais marcada pelo imprevisto e pela instabilidade. Ao relatar a necessidade de ocultar sua origem ao buscar emprego, Uirapuru (2023) evidencia a estigmatização associada a viver em um contexto marginalizado.

Essa estratégia de adaptação não é apenas uma resposta individual, mas um reflexo das dinâmicas sociais que operam nesses ambientes, que culminam frequentemente em isolamento e segregação, conforme apontado por Hirata e Preteceille (2002).

No contexto latino-americano, a precarização do trabalho, como discute Kaztman (2001), tem gerado um terreno fértil para reflexões sobre a insegurança e a inquietude de uma parcela crescente da população.

A ligação precária que muitos possuem com o mercado de trabalho leva ao isolamento progressivo em relação à sociedade mais ampla. Uirapuru (2023) exemplifica essa realidade ao relatar suas dificuldades para se inserir em ambientes que muitas vezes não o reconhecem como igual, reforçando a ideia de que as mudanças nas estruturas sociais criam novos mecanismos de exclusão.

Kaztman (2001) também observa que a redução dos âmbitos de sociabilidade informal entre as classes, alongada pela deterioração dos serviços públicos, contribui para o acentuamento dos problemas comuns enfrentados pelas famílias na vida cotidiana.

Para Uirapuru (2023), essa dinâmica é clara ao perceber que, no ambiente de trabalho, as interações sociais se tornam raras e precárias, limitadas pela marca da origem e pelo preconceito.

Esse fenômeno diminui as possibilidades de construção de redes de amizade e acesso à informação — um aspecto que se torna preocupante para a mobilidade social e o desenvolvimento de um capital social mais robusto.

Por fim, a escolha do Uirapuru (2023) de se envolver com a música rap transcende a busca por expressão pessoal, configurando-se também como uma forma de resistência cultural.

Nesse sentido, o rap, assim como o slam, é analisado por Lombas e Rückert (2022) como uma ferramenta vital na articulação de vozes de resistência em contextos colonialmente oprimidos.

As reflexões sobre a importância do rap e do slam revelam como essas manifestações artísticas se conectam a uma poética coletiva, que une sujeitos negros, pobres, periféricos, imigrantes, mulheres e LGBTQIA+ em uma experiência compartilhada de opressão e luta.

Os autores fundamentam suas análises em obras de teóricos como Norberto Bobbio e Pierre Bourdieu, que discutem as relações entre Estado e poder, e extrapolam essas ideias para investigar as especificidades dessas dinâmicas em países colonizados, à luz de perspectivas pós-coloniais e decoloniais oferecidas por pensadores como Stuart Hall, Gayatri Spivak, Grada Kilomba, Boaventura de Sousa Santos, Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Ailton Krenak.

Lombas e Rückert (2022) destacam como as expressões artísticas se convertem em plataformas de contestação e afirmação da identidade, abordando questões prementes de injustiça social e desigualdade.

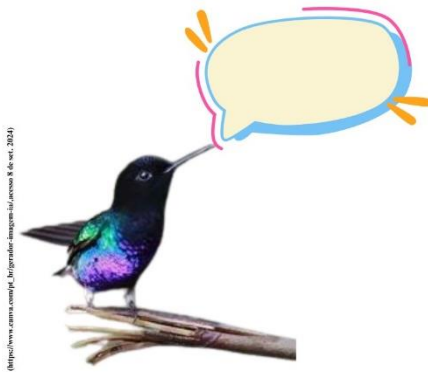
Da mesma forma que o rap tem sido historicamente uma voz potente para a periferia, permitindo que as histórias de luta e superação dos jovens marginalizados sejam divulgadas, a narrativa de Uirapuru (2023) se apresenta como um testemunho poderoso das realidades enfrentadas por esses jovens nas periferias urbanas do Brasil.

Sua trajetória ressalta a complexidade da experiência de viver em um contexto permeado por lutas constantes, discriminação e uma busca por identidade e oportunidades.

Assim, para avançar nas discussões sobre políticas públicas, é fundamental ouvir e valorizar essas vozes, como a de Uirapuru (2023), que, por meio de seu projeto musical, contribui para uma representação mais justa e equitativa das vivências comunitárias.

Ao abordar sua trajetória, entendemos que essa não é apenas uma história individual; trata-se de um reflexo das estruturas sociais e das dinâmicas de poder que formam a vida de muitos jovens em situações semelhantes, reafirmando a relevância do rap e do slam como instrumentos de resistência e transformação social (Lombas; Rückert, 2022).

A próxima voz a ser escutada recebeu o nome de Beija-Flor, em razão de sua capacidade de pairar no ar com tanta leveza, mesmo em meio a temporais. Beija-Flor é uma jovem natural de Uberaba, casada, tem 24 anos e duas filhas. Ela estava chegando à escola para estudar no período noturno quando aceitou compartilhar sua história e fazer contribuições para esta pesquisa, iniciando, assim, a fala e a escuta atenta.



JOVEM BEIJA-FLOR (2023)

Sou natural de Uberaba, nascida e criada aqui. Tenho 24 anos, com duas filhas... Fiquei um tempo sem estudar... Tenho um sonho de ser advogada, e isso me motivou a voltar pra escola!

Porque assim... eu adoro conversar, estar dentro dos assuntos e defender as pessoas (rs). Eu acho que estava perdendo tempo, jogando o meu tempo fora... sabe?

Então, resolvi voltar pra escola! Sou uma pessoa muito sonhadora, que passou por muita luta na vida, mas nunca desisti!

Já morei em barraca na rua, de plástico, quando eu tinha 16 anos, porque eu saí de casa. O meu pai é um alcoólatra, usuário de droga, e quando eu tinha 16 anos, eu não tive aquela paz que a gente, quando é jovem, quer ter em casa, pra estudar, pra ter o seu momento de paz, pra poder seguir o seu caminho; aí eu não tive essa questão!

Por isso, com 16 anos, eu saí de casa. Aí, tinha noite que eu dormia lá no banco da Praça Rui Barbosa, sozinha! Porque eu preferia a minha paz, mesmo passando muito medo!

Eu só queria paz, porque eu morava numa casa onde o meu pai quebrava tudo e uma mãe dependente que passava pela situação e não conseguia sair daquilo ali!

O meu pai sempre quis que fôssemos embora de casa! Nesse tempo, eu conheci o pai das minhas meninas, só que ele era um menino, tinha 17 anos! A polícia, na época, foi lá na minha casa pra ver o que fazia comigo, porque eu estava morando na praça, e a minha mãe pediu pra me levar para o Conselho Tutelar...

Sofri muito com isso, porque sou uma filha mulher; mãe nenhuma faria isso com uma filha! E aí, eu falei: "Não, eu tenho lugar pra ir!".

Porque o meu namorado, na época, morava com uma irmã. Aí, a polícia fez a minha mudança para essa casa, que era em outro bairro, e de lá! Chegando lá, a irmã dele não deixou eu ficar.

Aí, o meu namorado disse pra ela que, se eu não pudesse ficar lá, ele também não ficava... Ele tinha acabado de ficar desempregado, trabalhava num supermercado! Pensei: pronto! Eu vou ferrar com a vida dele! Porque, querendo ou não, quando você vai morar junto com alguma pessoa, nossa!

Eu não sabia nada, era uma menina! Eu não sabia que tinha que tomar remédio, que tinha que ir no ginecologista; eu não tive essa informação! Sabe? Pra eu evitar uma possível gravidez!

Então, tipo, depois que eu tive a minha menina, que eu passei a entender as dificuldades da vida! Nesse dia que eu fui pra casa da irmã dele, ele disse pra mim: "Toma um banho, porque eu irei pegar o acerto do serviço e alugar uma casa!"

Nesse mesmo dia, ele comprou uma geladeira, um fogão, mandou um carro pra vir aqui no Residencial Pôr do Sol buscar o restante das coisas, e nós alugamos essa casa no mesmo dia e já fomos morar juntos!

Daí começou. Eu trabalhava como auxiliar de dentista e ele numa marmoraria, estudando à noite! Aí ele chegava meia-noite em casa!

A nossa casa, na verdade, era tipo um cômodo de loja, com colchão no chão, mas pra mim, eu estava vivendo num paraíso, porque não tinha briga! Conforme foi passando o tempo, fiquei grávida da primeira filha, evitei ainda uns dois anos sem tomar remédio, e assim... eu falo pras pessoas, elas não acreditam, que eu não sabia que tinha que tomar anticoncepcional!

Pra mim, eu achava que eu tinha que ir no pediatra, com 16, 17 anos! Pra mim, o que

prevenia era só a camisinha! Aí, quando eu engravidei... e começou também a estremecer a minha relação com o meu marido!

Parece que, quando chega filho, vai mudando a relação! Ainda mais dois jovens, novos, com uma criança pequena que só quer mamar e chorar, e só quer atenção! Então, é tudo muito novo... tudo muito doido!

Só que, desde muito nova, eu peguei a responsabilidade! Tanto é que eu tenho sete irmãos e nunca deixei a peteca cair! Aí, quando eu fiquei sabendo que estava grávida, eu fiquei em estado de choque. Chorei muito!

Quando a minha barriga começou a crescer, eu fiquei desesperada! Só que depois eu tive que aceitar, não tem outro jeito. Aí a barriga começou a crescer, as calças não fechavam, mas com isso, eu fui entrando no eixo de ser mãe!

Estava ainda numa situação muito difícil, dormindo num colchão no chão, uma vida muito difícil. Aí, pra piorar, começamos a passar dificuldade, o meu marido perdeu o emprego! Não tendo mais condição de ficar pagando as coisas... e nós morando num cômodo de comércio, muito quente, porque o sol batia muito forte lá, o nenê chegando... eu pensava: o que eu faço!

Só que eu nunca desisti, não! Pensava: uma hora vai dar certo! Aí, à noite, pra ajudar o meu marido, eu saía de madrugada, grávida, pra catar reciclagem!

No frio, eu barriguda, de vestido, andando a madrugada toda pra catar reciclagem, aquele tanto de garrafa PET... agradecia a Deus e voltava pra casa! Porque tudo é um processo. Se Deus permitir você passar dificuldade, é pra dar valor lá na frente, pra você ser humilde, não ser egoísta, pra tudo valer a pena! Aí, passava noites e noites catando reciclagem na rua, com dor na barriga!

Aí, quando eu vendia a reciclagem, eu ia de manhã lá num moço do ferro velho vender. A única coisa que eu comia, e com o dinheiro da reciclagem... dá até vontade de chorar! (Emoção)

Aí eu comprava um pouquinho de banana, um pouquinho de tomate, porque eram os que estavam na promoção de R\$0,99 (noventa e nove centavos) ... e um pouquinho de batata! Eu passava um mês comendo arroz, batata, tomate e banana!

Depois chegou um tempo que estava perto de ganhar a minha menina, ia vivendo! Só que eu sentia que o meu marido não estava se esforçando... então pensei em deixá-lo! Aí eu pensei, nesse tempo, em voltar pra casa da minha mãe! Aí fui embora pra casa da minha mãe! Chegando lá, eu sofria de lá, ele sofria de cá!

E o tempo foi passando, voltamos a morar juntos, a minha menina nasceu, cresceu e viemos morar aqui no Território Pôr do Sol! E, nesse meio tempo que nós moramos aqui, com a minha menina novinha, com meses ainda, eu estava grávida de novo!

E sabe como eu fui saber? Porque um dia nós fomos numa churrascaria e me deu uma febrona; nós não tínhamos nem comido... eu falei pra ele: "Vamos embora!" Daquele dia em diante, comecei a contar quantos dias de atraso. Aí, pra ter certeza se realmente eu estava, fui pular corda pra ver se eu sentia tontura... olha que loucura! A falta de informação é absurda quando você não tem informação!

Levantei cedinho, coloquei um tênis e fui pular corda! Menina do céu... quase caí no chão de tanta tontura! Aí, tive certeza! (Rs)! Menina, precisou disso tudo pra eu ter a certeza!

Aí entra a segunda fase da minha vida com a minha segunda filha! A primeira foi difícil, mas eu tava com o pai dela!

Já a segunda foi muito mais difícil, muito mais dolorido! Eu falo que passei por processos da vida que feriram muito! Porque o meu marido inverteu... porque sempre falam que, durante a gravidez, a mulher enjoa do homem; no meu caso, foi o contrário!

Só que entra também a questão do caráter, né? Porque um homem que engravida uma pessoa, tá vendo ela lutando, com uma criança pequena, a pessoa tem que te dar, no mínimo, valor!

E o que acontece? Ele não entendia eu passar mal... falava que era frescura minha! Aí o tempo foi passando, ele decidiu nos deixar! Aí eu pensei: como eu faço agora? Porque eu recebia R\$64,00 (sessenta e quatro reais) de Bolsa Família, com uma criança pequena e grávida da outra!

E aí, o que que acontece? Eu fiquei na casa, catei os trem dele e ele foi embora pra irmã dele! Aí eu pensei: vou ter que lutar, é eu e elas! Ele chegou a oferecer um chá para tirar a minha filha!

Aí eu pensava: não vou tirar, porque quem tira a vida é Deus! Aí ele me deixou, e eu deixava a minha menina dormindo no berço e ia catar reciclagem em volta da casa, grávida da outra, com o maior barrigão!

Fiquei sozinha com essas meninas, era o único jeito que eu tinha! Porque como eu ia pegar ela e levar pra catar reciclagem comigo na rua? Aí eu fazia isso, deixava ela no berço e catava a reciclagem ali mesmo...

Nesse tempo, o meu marido envolveu-se com uma mulher do serviço dele... eu sozinha com essas meninas... e eu não contava nada pra minha família... aguentava tudo calada... todo dia eu saía de manhã, catava reciclável e ia lá e vendia...

Um dia, a irmã dele entrou na minha casa, filmou a minha filha no berço sozinha e me denunciaram no Conselho Tutelar para eles conseguirem a guarda da minha menina... Aí eu peguei o celular deles... eu arrepiava e chorava... eu chorava tanto...

Aí, com as coisas acabando tudo, a água pra cortar... pensava: "O que eu vou fazer, meu Deus!" Já não tinha gás, eu já tava cozinhando na lenha, no chão mesmo!

Depois, essa irmã dele foi embora para Portugal, deixou quatro cachorros pra trás, e eu já tinha mais um cachorro. E o que que eu fazia? Catava lixo na rua (ainda grávida), eu revirava o lixo pra ver se eu achava comida para os cachorros! Deus é tão bom pra mim que tinha vez que eu abria saco de lixo e tinha até carne... carne que as pessoas faziam festa e, no outro dia, jogavam a comida fora!

Eu ia lá e catava pra dar pros cachorros... fazia angu também pros cachorros comerem! Porque eu pensava: como vamos comer e os cachorros vão ficar com fome? Eu passei por situações que eu não sei como, que eu tô aqui; é a mão de Deus mesmo! E aí, depois que ele foi embora, a única coisa que resta agora é pedir... nessa fase eu estava com 19 anos... quando eu era pequena, a minha mãe passava por muita dificuldade... colocava eu no carrinho com meus irmãos e ia pedir de porta em porta... e eu não tenho vergonha... vergonha eu tenho de roubar... sou honesta... e nunca na minha vida precisei roubar.

Aí, coloquei a minha menina mais velha no carrinho, a outra na barriga e fui... barriguda e tudo! Pensei: vou ter chuva de críticas... mas eu precisava alimentar a minha filha! E fui de porta em porta batendo... "Oi, meu marido me largou com duas crianças, vocês podem me ajudar?" Aí, as pessoas se comoveram com aquela situação e davam bolacha pra minha menina, davam tudo!

E tinha um rapaz muito bom de coração... eu sou doída pra reencontrá-lo porque ele juntava latinha pra mim... e teve um dia que fui pedir numa rua e, por coincidência, ele tava descendo... Aí, quando eu vi ele: "Oi, moço, será que você não tem um macarrão pra me dar, não?"

Aí ele me falou que não tinha em casa (ele morava sozinho), pediu pra eu passar lá onde ele trabalhava, porque ele ia me levar no supermercado... Aí eu fiquei muito feliz, e na hora que eu cheguei lá... nós fomos andando com ele... sabe o que aquele homem falou pra mim? Eu queria chorar na hora: "Menina, o seu marido deve ter muito orgulho de você... eu te vejo catando reciclagem todo dia... você é esforçada!"

Aí eu respondi pra ele: “Moço, meu marido? Meu marido não tem nem aí pra mim, quem me dera! Isso quando chegou lá no mercado, esse homem mandava eu pegar banana, ovo, suco. Eu, tipo, com vergonha, falava: “Não, moço, não precisa disso tudo!” Esse moço trabalhava num posto próximo à rodovia, por isso que ele me levou lá, porque ele morava sozinho; não fazia supermercado só pra ele. E aí, eu passei por isso tudo!

O meu marido numa cabeça muito virada! Daí, voltei pra casa da minha mãe porque tinha ficado sem água e luz, e ficou bem pior... porque até fogo na casa o meu pai colocou, queimou tudo! Pegando minhas coisas e jogando na rua, eu pegava a minha menina recém-nascida e ia pra debaixo de chuva na rua, com as duas meninas!

Era um filme de terror! Vinha bombeiro, polícia. Internamos ele no sanatório, passamos por coisas demais nessa vida! Às vezes, as pessoas falam pra mim que sou muito franca... eu criei uma proteção pra mim... não de atacar verbalmente... porque eu já passei por tanta coisa... já sofri muito... então, não é qualquer coisa que me deixa abalar!

Por isso, eu voltei pra escola... todo mundo fala que o curso de Direito demora muito... mas eu acho assim: é preciso suportar o processo pra alcançar os seus sonhos! Se não, como você vai conseguir se você não tentar! Então, essa sou eu... que, depois de estar pra ser internada no sanatório de tanto sofrer... de dias de operação e ter que pegar até bujão de gás nas costas, porque meu pai negava comida pras minhas filhas! Aí eu cheguei no meu marido e pedi pra ele: “Pelo amor de Deus... pelo amor de Deus! Me tira daqui!

Eu fui atrás dele, eu falei pra ele: “Por que você me tirou da praça Rui Barbosa? Antes eu tivesse ficado morando lá do que sofrer desse jeito! E aí pedi e a gente voltou! Nesse tempo, ele entrou numa empresa de fraldas e tinha de tudo pra gente; agora, estamos num caminho certo! Hoje ele é um pai presente!

Eu até cheguei a falar pra ele: “Se tivéssemos feito aquilo (tomado o chá abortivo), você não teria essa menina (caçula) tão parecida com você! Os olhos, a carinha, tudo é ele! Hoje eu sou diarista, há 6 anos, cada dia numa casa, graças a Deus! Deus é bom o tempo todo!

Se eu pudesse voltar no tempo e pudesse falar alguma coisa para esse Beija-Flor, eu diria: “Segue, vai sem medo, porque vai valer a pena! Não desiste não! Segue firme! Trabalha muito, trabalha muito, estuda, pra você conquistar as suas coisas (Jovem Beija-Flor, 2023)



A narrativa da jovem Beija-Flor (2023) oferece um relato vívido sobre as adversidades que enfrenta enquanto mãe em um contexto de vulnerabilidade. Para aprofundar nossa análise, recorreremos a referências teóricas de estudiosos da sociologia e do campo da juventude, como Bourdieu (1986), Fraser (1995), Castells (1996), Lewis (1961) e Foucault (1975). Esse conjunto de teorias nos permite explorar questões de desigualdade social, maternidade precoce e a busca pela emancipação feminina.

A jovem Beija-Flor (2023) descreve sua infância e adolescência marcadas pela exclusão social e pela vulnerabilidade. Viveu em condições precárias, como em uma barraca, e enfrentou o impacto da dependência química em sua família, um cenário que reflete a "cultura da pobreza" proposta por Lewis (1961).

Segundo Lewis (1961), estilos de vida e comportamentos são perpetuados entre grupos marginalizados devido à falta de oportunidades, aprisionando os indivíduos em um ciclo de pobreza que se materializa de forma aguda na experiência da jovem a partir da sua narrativa.

As dificuldades financeiras que enfrenta são agravadas por condições estruturais de transformação social, como discute Castells (1996). A globalização e a reestruturação econômica geram novas formas de marginalização, silenciando as vozes da classe trabalhadora.

A experiência da jovem, portanto, ilustra essas tensões, pois, apesar de seus esforços para transformar sua realidade, ela se vê frequentemente confrontada com obstáculos sociais e econômicos que dificultam sua ascensão.

A análise de Foucault (1975) sobre controle social e disciplina se revela relevante ao considerarmos como a jovem Beija-Flor (2023) é monitorada e regulada por normas sociais e expectativas que a cercam.

Sua vida familiar, marcada pela desestruturação e pela intervenção de autoridades, ilustra essa dinâmica de controle que limita suas escolhas e oportunidades. A saída de casa aos 16 anos representa uma busca por autonomia, embora essa liberdade se mostre frágil em um ambiente hostil.

Essa transição para a vida adulta, conforme a teoria de Bourdieu (1986), evidencia a forma como capital social e cultural afetam trajetórias de vida. A jovem mãe assume responsabilidades não apenas por sua vida, mas também por seus irmãos e filhos, demonstrando uma força necessária para enfrentar adversidades.

A decisão de voltar à escola, impulsionada pelo sonho de se tornar advogada, ressalta sua busca por ascensão social e a importância do acesso à educação. Essa aspiração contrasta com as limitações que enfrenta e revela sua luta pela emancipação em um contexto que não lhe oferece muitas alternativas.

Castells (1996) reforça essa ideia ao descrever a educação como uma ferramenta essencial para romper ciclos de exclusão e pobreza. Além disso, a busca contínua de Beija-Flor (2023) por validação, expressa em sua luta por reconhecimento como mãe e indivíduo, denota uma necessidade profunda de pertencimento em uma sociedade frequentemente indiferente aos marginalizados.

O apoio que recebe de estranhos, que reconhecem e elogiam seus esforços, ilustra que a dignidade humana pode ser restaurada em condições adversas por meio de conexões empáticas.

A teoria de reconhecimento de Fraser (1995) complementa essa análise, ao afirmar que a justiça social não se limita à redistribuição econômica, mas deve também englobar o reconhecimento das identidades e experiências das pessoas.

Beija-Flor (2023) busca ser reconhecida não apenas em sua função de mãe, mas como uma pessoa com aspirações e desejos próprios, sentindo que seus esforços são muitas vezes invisibilizados.

Entretanto, o conflito entre suas aspirações e sua situação atual revela a pressão das exigências sociais e familiares, que a mantêm presa em um ciclo de dificuldades. Este aspecto ecoa as ideias de Foucault (1975), que enfatiza como as estruturas sociais e institucionais enrijecem comportamentos, resultando em formas de autocontrole que podem ser opressivas.

A educação surge assim como um caminho essencial para a emancipação. A decisão da jovem Beija-Flor (2023) de reiniciar seus estudos, apesar dos desafios enfrentados, ressoa com a proposta de Castells (1996) sobre a educação ser um meio vital para romper com a pobreza.

O sonho de se tornar advogada não apenas expressa suas ambições pessoais, mas também evidencia sua consciência social, pois reconhece a necessidade de apoiar outras pessoas em situações semelhantes.

A narrativa da jovem Beija-Flor (2023) também evidencia as dificuldades na exploração de sua sexualidade e na vivência de sua maternidade precoce. Segundo Brandão (2009), a gestão da sexualidade entre adolescentes e jovens muitas vezes é encoberta e não plenamente assumida, principalmente em relação às diferenças de classe.

Nos segmentos médios, a sexualidade é aceita, embora subjugada a projetos de escolarização, enquanto nas classes populares, a gravidez, embora inesperada, pode paradoxalmente conferir liberdade sexual, levando a um maior acesso a serviços de saúde e à legitimação da experiência sexual do jovem casal (Brandão, 2009).

Essa dinâmica é visível na experiência de Beija-Flor (2023), que se torna mãe aos 17 anos e interpreta essa nova realidade como uma forma de liberdade, mesmo que cercada por desafios.

Brandão (2009) argumenta que, embora a gravidez seja muitas vezes imprevista, ela pode abrir portas para a utilização de métodos contraceptivos e, conseqüentemente, para um maior contato com os serviços de saúde, evidenciando a complexidade das experiências vividas por jovens em situações vulneráveis.

A experiência de Beija-Flor (2023), que busca entender sua maternidade enquanto lida com as conseqüências de suas escolhas, reflete a realidade das mulheres em contextos

semelhantes, onde as decisões sobre sexualidade e maternidade são frequentemente tomadas sob pressão.

O fato de que muitas jovens continuem em posições sociais precárias após a gravidez, como no caso da jovem Beija-Flor (2023), ilustra que a mudança de estatuto social, embora possível, muitas vezes não é substancial. As expectativas sociais em torno da maternidade e da educação continuam a influenciar as oportunidades disponíveis.

O relato sobre a falta de informações sobre contracepção e cuidados médicos evidencia uma lacuna na educação sexual, que, segundo Brandão (2009), é uma dificuldade recorrente entre adolescentes e jovens.

A ausência de informação adequada pode levar a decisões precipitadas e ao uso inadequado de métodos contraceptivos, como o uso indiscriminado da pílula do dia seguinte. A educação sexual acessível e abrangente é fundamental para que os jovens possam tomar decisões informadas sobre suas vidas e corpos, e a falta desse tipo de educação é um reflexo das falhas estruturais nas instituições que deveriam fornecer esse suporte (Brandão, 2009).

A questão da não-assunção de responsabilidades contraceptivas não é exclusiva das jovens; ela impacta a dinâmica dos casais como um todo. Na narrativa, a jovem mãe percebe que o peso da decisão sobre a contracepção recai, em grande parte, sobre seus ombros, evidenciando uma desigualdade de gênero nas relações.

Entendemos que isso ressalta a necessidade de um diálogo mais profundo sobre planejamento familiar e responsabilidade compartilhada nos relacionamentos, especialmente em contextos onde o suporte educacional e social é insuficiente.

A análise da sexualidade na adolescência, assim, não deve ser considerada uma experiência linear ou racional. Como observa Brandão (2009), essa vivência é marcada por emoções, desejos e relações de poder entre os gêneros, criando uma teia complexa de decisões que não são fáceis de administrar.

Beija-Flor (2023), ao tentar equilibrar seu papel como mãe com a busca por seus sonhos e aspirações, reflete uma luta comum entre muitas adolescentes, reforçada pelas expectativas sociais que permeiam suas ações e escolhas.

Essas dificuldades não são exclusivas dos adolescentes; elas se estendem a todos que se deparam com a gestão de suas vidas sexuais e reprodutivas. Ao conectar essa experiência à narrativa de Beija-Flor (2023), fica claro que a falta de apoio e educação adequada para navegar essas situações pode levar a um ciclo contínuo de desafios que impactam frequentemente o futuro e as aspirações das jovens.

Ademais, a reflexão sobre a maternidade precoce revela os diversos desafios enfrentados pela jovem Beija-Flor (2023). A relação que mantém com o pai de suas filhas é complexa e frequentemente tensa, refletindo as mudanças nos papéis e responsabilidades que emergem com a chegada dos filhos.

Essa dinâmica demonstra a pressão que enfrentam as mães em ambientes que carecem de suporte, transformando a maternidade em uma tarefa solitária e estressante. Essa realidade ressoa com os estudos de gênero e pobreza que destacam como as mulheres, muitas vezes, assumem a dupla carga de provedora e cuidadora (Fraser, 1995).

A vulnerabilidade financeira e emocional da jovem, combinada com a falta de reconhecimento por parte do pai de suas crianças, reforça as críticas às normas de gênero que marginalizam as mães e as impedem de receber o apoio e a validação necessários.

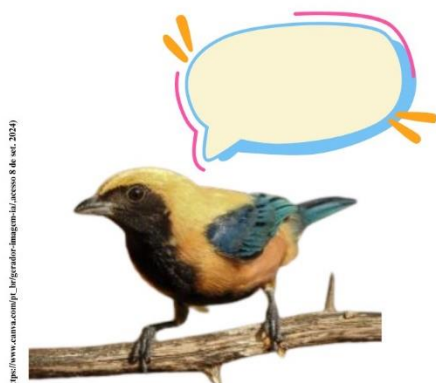
Foucault (1975) é relevante nesse contexto, pois suas análises sobre controle social e normatização elucidam como as expectativas sociais impostas e internalizadas podem gerar um forte senso de culpa e inadequação, o que aumenta a pressão que a jovem mãe enfrenta.

Assim, a análise sociológica da narrativa de Beija-Flor (2023), à luz dos conceitos de Bourdieu (1986), Fraser (1995), Castells (1996), Lewis (1961) e Foucault (1975), revela como a experiência da jovem Beija-Flor (2023) é influenciada por fatores estruturais que vão muito além de seu controle individual.

A narrativa da jovem Beija-Flor (2023) não se limita a uma luta pessoal, mas representa as lutas coletivas de muitos jovens em situações de vulnerabilidade. Ao compartilhar sua história, Beija-Flor (2023) desafia normas e expectativas sociais que a cercam, buscando afirmar sua identidade e exercer sua autonomia em um ambiente que frequentemente é opressor.

Após a escuta atenta da narrativa da jovem Beija-Flor (2023), se aproxima a jovem Saíra-amarela (2023), pseudônimo utilizado por uma jovem cadeirante que aceita participar da pesquisa. O nome escolhido para essa jovem reflete as características dessa espécie, que possui asas com coloração verde brilhante.

Assim como a Saíra-amarela, as asas dessa jovem apresentam um contorno diferente e radiante, mesmo que ela ainda não as perceba. A jovem Saíra-amarela (2023) inicia sua fala e diz:



(https://www.cana.com.br/galeria-imagens-livros-8-de-set-2024)

JOVEM SAÍRA-AMARELA (2023),

Preciso confessar que nunca contei essa história pra ninguém. Sei lá, senti confiança em você. Então vamos lá. O meu nome é Saíra-amarela, tenho 18 anos. Eu nasci aqui em Uberaba, na Maternidade São Domingos.

Nos meus primeiros segundos de vida, eu tive que ir pra uma sala de cirurgia porque nasci com as costas abertas e com uma síndrome muito rara.

Eles me deram 24 horas de vida e hoje já estou com 18 anos. Eu tenho também insuficiência renal e preciso fazer um transplante de rins. Por enquanto, os médicos ficam sem entender por que nos exames meus rins aparentam ser perfeitos e como sigo sem esse transplante. Eles falam que é um milagre eu estar até praticando esporte.

Agora também estou fazendo paratletismo em peso e basquete. A minha infância foi em casa, mesmo. Como eu sou assim, cadeirante, tenho vergonha de sair de casa. A minha infância foi dentro de casa mesmo.

Ando meio afastada dos amigos porque não me sinto confortável. Tenho medo deles me zoarem e, sabe, eu distancio, ficando distante das pessoas, dos colegas da escola e da rua.

Na rua é até pior porque eles zoam mesmo. Muitas vezes eu só saio do quarto pra comer. A maioria das pessoas fala que eu tenho depressão.

Eu acredito também, mas tento mudar isso. Não faço tratamento, não. Só eu dos meus irmãos que possui essa deficiência. A minha juventude se resume a casa, treinamento de atleta e escola, e vice-versa. Eu não saio de casa, do bairro.

Em casa, tenho uma irmã que antigamente me zoou muito. Ela falava que meu pai, quando eu nasci, viu que eu era deficiente, olhou pra mim e disse que não era pai daquela aberração, que não dava vida para uma aberração.

Aí, minha irmã falava que eu não tinha pai e que ela tinha, que ela podia andar e eu não podia. Hoje em dia melhorou um pouco, mas ainda acontece dela, quando está brava, me xingar e me humilhar. O restante da minha família me trata bem, só essa irmã que não.

Esse pai morreu quando eu tinha 10 anos. Eu não tive contato com ele. Vi ele só uma vez. Foi estranho porque eu o vi uma vez só e no dia seguinte minha mãe recebeu uma ligação dizendo que ele tinha morrido.

Não cheguei a conversar com ele nesse dia, só ficamos nos olhando. Eu cheguei a ir ao velório, mas foi tanta coisa que descobri depois que ele morreu que eu achava que nem era verdade. A minha mãe me confirmou que, quando eu nasci, ele queria me jogar no lixo.

O meu dia a dia eu faço tudo sozinha. Lavo a casa, passo roupa, faço tudo sozinha. A parte ruim de ser cadeirante é que eu tenho vergonha de mim mesma. Eu não curto muito a vida.

Não há acessibilidade no bairro, as rampas são muito altas e tenho dificuldade de andar nas ruas aqui. A falta de acessibilidade que sinto falta não é só física, porque quando vou a outros lugares, as pessoas me olham como se nunca tivessem visto uma pessoa deficiente e começam a cochichar sobre mim. É por isso que eu tenho vergonha de sair de casa.

A parte boa é que tem pessoas que, mesmo assim, sinto que gostam de mim e me apoiam, independentemente da situação. Se eu pudesse falar alguma coisa pra mim num futuro distante, eu diria pra não ter vergonha de si mesma. Você precisa seguir a sua vida (Jovem Saíra-Amarela, 2023).

A narrativa da jovem Saíra-Amarela (2023) oferece uma visão profunda e multifacetada sobre a experiência de viver com deficiência, abordando aspectos emocionais, sociais e físicos que constituem sua realidade.

Frente à sua reflexão, é possível mobilizar teorias e conceitos acadêmicos que enriquecem a compreensão do relato e possibilitam uma análise crítica de sua vivência, como Tajfel (1982), Bowlby (1982), Masten (2001) e Oliver (1990).

Desde o início da narrativa, Saíra-Amarela (2023) expressa sua luta com a autoimagem e a percepção de si mesma. Ela menciona ter "vergonha de sair de casa" e se distancia dos amigos por medo de ser zombada.

Essa tendência ao isolamento pode ser compreendida à luz da Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel, que discute como a identificação e pertencimento a grupos sociais influenciam a autoestima e o comportamento dos indivíduos (Tajfel, 1982).

A ausência de aceitação social, juntamente com o estigma associado à deficiência, contribui para a formação de uma autoimagem negativa, levando-a a desenvolver sinais de depressão, como ela mesma indica.

Este contexto reflete uma realidade comum entre pessoas com deficiência, onde a falta de inclusão social frequentemente se traduz em desafios psicológicos profundos (Tajfel, 1982).

Além da questão da autoimagem, a narrativa da jovem Saíra-Amarela (2023) destaca as complexidades da vivência de uma pessoa com deficiência, abordando não apenas as limitações físicas, mas também as barreiras sociais e emocionais que permeiam seu cotidiano.

Segundo Oliver (1990), a deficiência não deve ser vista como uma condição individual, mas sim como um constructo social que é amplamente influenciado por fatores como ambiente e atitudes culturais.

Nesse sentido, Saíra-amarela (2023) enfrenta não apenas a dificuldade física imposta por sua condição, mas também a falta de acessibilidade em sua comunidade e as interações negativas com outras pessoas que a fazem sentir-se constantemente observada e julgada.

Essa interseção entre a condição física e as barreiras sociais ilustra como o ambiente pode exacerbar as dificuldades enfrentadas por indivíduos com deficiência.

Outro aspecto significativo da narrativa é a dinâmica familiar, que se revela complexa e carregada de emoções. A figura do pai, que expressou inicialmente desprezo pela deficiência da filha, e a irmã que a zombou geram um contexto familiar que condiciona suas vivências e percepções sobre amor e aceitação.

De acordo com a Teoria do Apego de Bowlby (1982), as relações iniciais com figuras parentais influenciam a autoestima e os relacionamentos futuros. Embora Saíra-amarela (2023)

não tenha estabelecido um vínculo significativo com seu pai, as dores causadas por suas palavras e ações afetam profundamente sua autoimagem e suas interações sociais, evidenciando como a falta de suporte afetivo pode agravar a experiência da deficiência.

Contrapõe-se a esse cenário complicado a presença de pessoas que demonstram carinho e apoio à jovem, essencial para sua resiliência. Segundo Masten (2001), a capacidade de se adaptar e enfrentar adversidades é frequentemente impulsionada por redes de apoio social eficazes.

A menção dessas relações de apoio destaca um contraste importante com suas experiências de bullying e exclusão, indicando que, apesar das dificuldades, existem fontes de amor e consideração que podem reforçar sua autoestima.

Esse reconhecimento de relações positivas é fundamental para o fortalecimento da identidade e da autoconfiança da jovem, sugerindo que o apoio social é um elemento fundamental na construção de uma narrativa de superação (Masten, 2001)

Concluindo, a narrativa de Sáira-amarela (2023) traz à tona questões relevantes sobre identidade, autoimagem, a vivência da deficiência e a importância das relações sociais e familiares.

Uma abordagem crítica e abrangente, essa história sublinha a necessidade de criar um ambiente mais inclusivo e acessível, promovendo uma compreensão mais ampla das vivências das pessoas com deficiência.

A reflexão sobre não ter vergonha de si mesma, expressa pela jovem, serve como um poderoso chamado à aceitação pessoal e à resiliência, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar a própria identidade, independentemente dos desafios enfrentados.

Este relato não apenas enriquece a discussão acadêmica sobre deficiência, mas também nos apresenta uma oportunidade de transformação social ao promover uma cultura de empatia e inclusão.

A próxima voz a ser escutada recebe o nome do pássaro Alegrinho (2023), uma ave que mede cerca de 10 cm de comprimento, com a parte superior cinza-esverdeada e inferior branco-amarelada (BirdLife International, 2016).

Alegrinho (2023), mesmo recebendo esse nome, é uma jovem de 20 anos com um olhar distante e triste. Encontrei-a sentada em um banco do lado externo da escola. Ela gentilmente permitiu que eu me aproximasse dela para fazer parte da pesquisa. Iniciei o diálogo, apresentando-me, explicando a pesquisa e perguntando se ela aceitaria participar do estudo, ao que ela concordou.

Perguntei a ela sobre sua história, se mora no bairro há muito tempo e se poderia contar um pouco de sua trajetória. Ela então iniciou sua fala.



(https://www.compti.br/grades/imagens/aves/8-de-vc-2024)

JOVEM ALEGRINHO (2023),

Meu nome é Alegrinho, tenho 20 anos e sou uma pessoa que busca melhorar a vida das pessoas. Busco o brilho no olhar delas.

O que me faz sentir melhor aqui é quando posso ajudar as pessoas. Tem um senhor aqui no bairro que não escuta e não fala, todo mundo aqui o chama de Mudinho. Eu sempre levo comida para ele porque sempre aprendi em casa que sempre cabe mais um.

Aqui no Residencial Pôr do Sol, cada um está no seu lugar, só que é unido. Assim, é uma comunidade muito bonita, porque toda vez que acontece algo no Pôr do Sol, é

mágico. Quando tem festival de pipa aqui, é uma alegria única.

O futebol aqui no final de semana é a melhor coisa do mundo. Quando acontece algo, não se sabe quem fez. A pessoa que causa algum dano a alguém sempre paga. Sou filha de uma mãe solo evangélica e, como minha mãe é muito rígida, só fui conhecer o Residencial depois dos 14 anos, na adolescência. Nunca fui de sair do bairro.

Sempre ia à casa da minha avó e voltava para casa. Agora, depois que me emancipei, já faz um tempo que saio, mas é para comprar as minhas coisas. Estou atrás de um trabalho para mim também. Não tenho filhos, tenho meu marido, mas não moro com ele. Ele está preso e agora estou morando com a minha irmã para ajudar a cuidar das filhas dela, para ela trabalhar.

Como ela terminou com o namorado, não tinha ninguém para cuidar das meninas. Então fui cuidar delas. Ela mora sozinha, paga aluguel e tem que comprar as coisas para as meninas. Daí não tem como ela me ajudar, sabe? É uma vida difícil. O marido da minha irmã também ficou preso. O vagabundo já saiu da cadeia e bateu nela, quebrou o nariz dela e já saiu.

Meu marido ficou preso porque começou a mexer com coisa errada, roubou. Vai fazer 10 meses que ele está preso. Eu fui morar com ele quando tinha 14 anos e ele 20. Isso foi bom para freá-lo, muito custoso, pois ele fazia muita coisa errada.

Na época, minha mãe falava coisas pesadas para mim, como “Você não devia ter nascido, eu devia ter te abortado.” Foi quando a gente foi morar junto. Apanhava muito da minha mãe, eu e a minha irmã. Depois, um namorado dela comentou que ela deveria procurar um psicólogo, porque não era normal aquele descontrole.

Agora já melhorou um pouco. Ela ficou grávida na mesma época que a minha irmã. Eu parei os estudos, mas agora voltei. Tanta coisa na minha vida que não pude fazer, como ir ao médico. Naquela época, eu só tinha 14 anos e meu marido não podia me levar.

Às vezes eu ficava doente e o povo dizia a ele que, para me atender, precisava da minha mãe.

Minha mãe estava com um nenê novo e não podia ir. A diferença de idade entre meu marido e minha mãe é de 10 anos. Agora ela está até feliz porque soube, pelo primo do meu padrasto que estava na cadeia, que meu marido agora está falando de Deus. Assim, ela ficou muito feliz.

Para o meu futuro, estou pensando muito nisso: se for para ficar com meu marido ou não. Apesar de eu querer ficar com ele, gostaria de ter um cantinho para mim, uma casa para

dizer que é minha, porque o meu sonho é ter um filho com 25 ou 26 anos. Porém, quero ter uma casa, um carro ou uma moto.

Para poder dar para o meu filho um conforto, porque não tem como eu ter um filho sem isso, né? E também para o meu próprio conforto, porque sofro muito em ter que ficar em um lugar que não é meu. Estar vivendo assim tem sido muito difícil.

Já morei em casa de amigo, de avó, de tio, da sogra e agora na casa da minha irmã. Depois, quando eu tiver cerca de 30 anos, já com os meus filhos, se eu tiver condições de fazer faculdade para ter meu diploma, eu quero. Eu gostaria de ser veterinária ou, como se chama, arquiteta. Ou então medicina.

O meu maior sonho, se for medicina, é trabalhar fora, em países pobres, porque, quando eu era crente, eu que levei a minha mãe para a igreja. Todo final de mês, na igreja, juntávamos uns 30 irmãos, comprávamos várias cestas e entregávamos para os mais necessitados. Isso era muito bom.

Quase não saio, e quando saio é para ir na casa de alguém. Não vou a praças, shopping, enfim, sou de ficar dentro de casa mesmo. A maioria das pessoas aqui do Pôr do Sol trabalha em supermercados, muita gente mesmo. Minha irmã tem 19 anos e duas meninas. E é isso. Obrigada por me ouvir. (Jovem Alegrinho, 2023).



A narrativa de Alegrinho (2023) oferece uma representação significativa das experiências de uma jovem de 20 anos que vive no Residencial Pôr do Sol, abordando questões centrais relacionadas à identidade, vulnerabilidade social e aspirações futuras.

Para aprofundar a compreensão do contexto em que Alegrinho (2023) se insere como sujeito social, é pertinente dialogar com as ideias de Abramo (1994), Amaral (2011), Dayrell (2003) e Charlot (2000).

A trajetória de Alegrinho (2023) é influenciada por sua família, especialmente pela complicada relação com sua mãe. Essa dinâmica familiar reflete as condições sociais que impactam as identidades juvenis, conforme descrito por Amaral (2011).

Alegrinho (2023) cresce em um ambiente de rigidez e desvalorização, o que afeta sua autoestima e percepção de si mesma. Essa realidade é complementada por Abramo (1994), que discute como os jovens, em ambientes muitas vezes hostis, buscam estabelecer suas próprias formas de resistência e pertencimento.

Alegrinho (2023) demonstra essa resistência ao cuidar do senhor chamado Mudinho e das filhas de sua irmã, revelando a construção de uma identidade que desafia suas circunstâncias adversas.

Nesse sentido, ela procura um lugar na comunidade, onde seu envolvimento social a ajuda a encontrar significado e valor, mesmo em meio à vulnerabilidade.

A busca de Alegrinho (2023) por um espaço próprio e suas aspirações em relação à maternidade e à carreira refletem a concepção de Dayrell (2003), segundo a qual os jovens são agentes ativos na construção de suas narrativas, e não meros produtos de suas circunstâncias.

A ambição de Alegrinho (2023) de ser veterinária ou arquiteta representa sua luta por autonomia em um contexto que limita suas oportunidades. Isso se alinha com a perspectiva de Charlot (2000), que discute a relação dos jovens com o saber.

Para Charlot (2000), a experiência de aprender é um fator determinante na construção da identidade juvenil, e a falta de acesso a oportunidades educativas adequadas na vida de Alegrinho (2023), como a interrupção dos estudos, reflete uma barreira significativa em sua luta por um futuro diferente.

O desejo de voltar a estudar e conquistar um diploma indica a necessidade de transformar sua vida e romper com o ciclo de vulnerabilidade.

Além disso, a narrativa de Alegrinho (2023) destaca sua resiliência, manifestada em sua capacidade de cuidar das filhas da irmã e planejar seu futuro, mesmo diante de desafios significativos.

Amaral (2011) menciona que a resiliência não é apenas sobre força individual, mas também sobre a construção de redes sociais que apoiem os jovens em sua jornada. Alegrinho (2023) encontra apoio na comunidade e nas relações que estabelece, o que a ajuda a superar as dificuldades.

Em consonância, Abramo (1994) afirma que as "cenas juvenis" são espaços onde os jovens se expressam e constroem suas identidades de forma criativa, mesmo em cenários adversos.

A participação de Alegrinho (2023) nas festividades comunitárias e seu envolvimento em atos de solidariedade exemplificam essa busca por uma expressão social que reforce sua identidade e seus propósitos.

Por fim, a narrativa de Alegrinho (2023) ilustra não apenas as complexidades da vida juvenil contemporânea, mas também a luta por reconhecimento e dignidade enfrentada por muitos jovens em situações semelhantes.

Ao dialogar com as ideias de Abramo (1994), Amaral (2011), Dayrell (2003) e Charlot (2000), percebemos que a construção da identidade, as dinâmicas familiares, a resiliência e a relação com o saber são aspectos interligados que colaboram para a formação das experiências de jovens como Alegrinho (2023).

Essa análise revela tanto a luta individual quanto a coletiva por um espaço significativo dentro da sociedade e enfatiza a importância de promover ambientes mais inclusivos e solidários, que permitam aos jovens desenvolver suas potencialidades e realizar seus sonhos.

Agradecemos à Alegrinho (2023) por confiar a nós, pesquisadores, e à pesquisa em construção, a sua história. Vamos em busca de mais vozes nos arredores da escola e também do Instituto Pró R.

Durante essa busca, encontramos outra voz, a de um jovem de 20 anos, que recebeu o nome de Passarinho-Não-Pode-Parar. Essa espécie de passarinho mede 10,5 centímetros de comprimento e pesa entre 7 e 8 gramas.

Apresenta as partes superiores, cabeça, manto, asas, uropígio e cauda com coloração predominantemente verde-oliva. Uma sobrancelha amarela estreita se faz presente e se estende até atrás dos olhos, onde se curva sobre a proeminente mancha auricular escura em forma de lua crescente, fazendo um notável contraste com esta (Wikiaves, 2023).

A escolha desse pássaro para representar esse jovem se inspira na coloração do animal, que remete à organização militar e às abordagens policiais que, por vezes, ocorrem com frequência no território pesquisado.

Conforme as falas escutadas dos jovens, é muito comum no bairro que eles estejam andando e que policiais os abordem, dizendo: “Parem, encostem na parede ou deem no chão!”.

Nesse sentido, a ideia do nome do pássaro, “Não-Pode-Parar”, visa que os jovens possam realizar seus movimentos independentemente da cor da pele, de suas preferências sexuais ou do lugar onde moram. A fala do jovem Não-Pode-Parar (2023) começou assim:



JOVEM NÃO-PODE-PARAR (2023),

“
A minha mãe, como é muito religiosa, evangélica, pediu uma casa pra Deus e aí viemos morar aqui no Pôr do Sol. Tive uma infância com dificuldades e acabei seguindo outros caminhos e comecei a beber, só fumar que não.

Eu tive tanta sorte que quase não tomava abordagem, só uma vez. É muito normal abordagem policial aqui, pra abordar negro, até levava.

A maioria do povo do Pôr do Sol é de negros e chamam muito a atenção até pela vestimenta, calça caídona até o joelho, tatuagens, esses baguio assim, aí eles param mesmo.

Teve outra vez que fui abordado e não escutei o que o policial falou pra mim, aí ele botou a arma na minha cabeça, aí eu até assustei.

Eu achei que ia tomar um tiro àquela hora lá. Era 11 horas da noite. Eu já fui muito agressivo, hoje eu não bato mais nos meus irmãos, mas eu batia quando era mais novo.

Hoje eu trabalho com mudanças e ajudo em casa. Quase não saio de casa, eu prefiro ficar jogando no celular, Roblox, League of Legends, ouvir música funk, rap, rock.

As pessoas, de forma geral, pensam que aqui só tem ladrão, só que eu penso que aqui é um bairro como os outros. Quando a gente está em outro bairro e fala que é do Pôr do Sol, se tiver com uma filha, vai segurar a bolsa com mais força, aposto com toda certeza, porque não tem como, e vai ser pior se for um negro, negro e do Pôr do Sol, pior ainda.

O povo, na real, se afasta quando a gente fala que é do Pôr do Sol. Os jovens daqui têm muita dificuldade para conseguir um emprego. Vou te dar um exemplo: a minha irmã estava trabalhando, aí a mulher branca, uma mulher branca dona da farmácia, demitiu a minha irmã, dizendo que ela não se dava bem com as outras meninas da farmácia, mentira dela, porque minha irmã se dava bem com todo mundo, é muito educada.

Eu acho que a minha irmã foi demitida por ser daqui do Pôr do Sol e por ser preta. Até eu também tentei arrumar um outro emprego e, quando me perguntaram de qual bairro eu era, falaram pra mim que a entrevista tinha encerrado e nem continuou, disse que depois ligava, até agora não ligou.

Se eu pudesse dar um conselho pra mim, se eu pudesse voltar no tempo, eu diria pra mim estudar mais, porque eu perdi muitos anos fora da escola. Eu tenho vontade de ser policial para evitar covardia na minha onda. Eu quero ser um policial sem agressão, sem porra nenhuma, porque, tipo assim, morrem negros todo dia nas páginas policiais sem motivo algum, só por serem negros e pobres (Jovem Não-Pode-Parar, 2023).



A narrativa do jovem "Não-Pode-Parar" (2023) oferece uma visão clara das complexas questões sociais que envolvem comunidades marginalizadas, demandando uma análise fundamentada em referenciais teóricos, como os de Nascimento Marques et al. (2021), Anunciação, Trad e Ferreira (2020), Rocha e Uziel (2024) e Andrade (2010).

Essa análise é fundamental para abordar tópicos centrais que emergem do relato e reverberam em estudos contemporâneos sobre racismo estrutural e exclusão socioespacial, conceitos que Lélia Gonzalez¹⁸ discute em sua obra e que são refletidos por Nascimento Marques et al. (2021).

A experiência do jovem Não-Pode-Parar (2023), que relata que sua mãe, evangélica, pediu a Deus por uma casa e, em seguida, se mudou para o Pôr do Sol, simboliza a incessante busca por melhores condições de vida, mesmo em um contexto repleto de dificuldades.

Embora essa mudança simbolize esperança, ela também é permeada por limitações impostas pela cor da pele e pela origem social. Essas limitações não se restringem apenas ao contexto individual, mas refletem um quadro mais amplo de desigualdade que permeia as estruturas sociais e institucionais do Brasil.

A mudança para um novo bairro, como o Pôr do Sol, pode ser vista como um passo em direção a melhores condições de vida, mas as dificuldades enfrentadas por indivíduos negros e de classes populares frequentemente revelam barreiras sistêmicas que vão além de meras circunstâncias pessoais. (Nascimento Marques et al., 2021).

¹⁸ Lélia Gonzalez foi uma intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira. É uma referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe no Brasil, América Latina e pelo mundo, sendo considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país. Fonte: (Wikiédia, 2024)

Flexor, Rodrigues e Silva (2020) destacam que as comunidades evangélicas frequentemente se configuram como redes significativas de apoio, proporcionando assistência em momentos de crise econômica.

Nesse sentido, a religião emerge como um recurso importante para enfrentar os desafios diários enfrentados pelas classes populares.

Ademais, as frequentes abordagens policiais descritas como "*normais*" nas comunidades majoritariamente negras expõem de forma alarmante a brutalidade do racismo estrutural.

O jovem "Não-Pode-Parar" (2023) relata uma sensação de perigo, agravada pelo momento em que teve uma arma apontada para sua cabeça. Esse episódio ilustra a violência racializada que permeia a vida de muitos indivíduos em áreas marginalizadas, reforçando a análise de Lélia Gonzalez sobre como a sociedade estrutura e naturaliza essas opressões (Nascimento Marques et al., 2021).

De acordo com o Atlas da Violência (2024), publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a violência contra a população negra no Brasil é alarmante e merece ser analisada com cuidado e preocupação conforme apresentada na Figura 31:

Figura 31. Violência Contra a População Negra no Brasil



A REALIDADE DA VIOLÊNCIA E INTERVENÇÕES POLICIAIS

A CADA 12 MINUTOS
UMA PESSOA NEGRA
É ASSASSINADA,
SENDO QUE ESSA
POPULAÇÃO
REPRESENTA 76%
DAS VÍTIMAS DE
HOMICÍDIOS.



A TAXA DE
MORTALIDADE DE
PESSOAS NEGRAS É
DE 3,5%,
COMPARADA A
0,9% PARA PESSOAS
BRANCAS

82,7% DAS VÍTIMAS DE
INTERVENÇÕES POLICIAIS SÃO
NEGRAS OU PARDAS



ESSA REALIDADE EVIDENCIA
QUE PESSOAS NEGRAS TÊM 3,8
VEZES MAIS CHANCES DE
MORRER EM UMA
INTERVENÇÃO POLICIAL DO
QUE AQUELAS BRANCAS

Fonte: Elaborado pelos autores, com base no Atlas da Violência (2024)

As práticas policiais, conforme Anunciação, Trad e Ferreira (2020), frequentemente direcionam suas ações para jovens negros, perpetuando estereótipos de criminalidade e agravando a vulnerabilidade desses indivíduos nas periferias urbanas.

A experiência de ter uma arma apontada para si não é um incidente isolado, mas um reflexo da rotina de medo e insegurança vivida diariamente. Rocha e Uziel (2024) discutem que os critérios de suspeição no Brasil são frequentemente condicionados pela intersecção entre raça e classe social, intensificando a discriminação nas abordagens policiais e contribuindo para a exclusão social desse grupo.

Essa dinâmica se reflete também na forma como a origem e a aparência racial influenciam as oportunidades de emprego no bairro Pôr do Sol, destacando um dos principais desafios enfrentados por indivíduos oriundos de comunidades marginalizadas.

Além da violência, a população negra enfrenta diversas desigualdades sociais, como discriminação no ambiente de trabalho, salários reduzidos, falta de oportunidades no mercado de trabalho e no setor educacional, e um agravamento da pobreza (Atlas da Violência, 2024).

O estigma associado ao bairro Pôr do Sol se manifesta na maneira como outras pessoas se afastam ao ouvirem seu nome, reforçando a imagem negativa desse espaço (Nascimento Marques et al., 2021).

O desejo do jovem de se tornar policial, com o intuito de combater a violência e a covardia, reflete aspirações de transformação que permeiam a luta contra as opressões raciais e sociais. Ele busca ser um policial que não perpetue essa violência, almejando uma mudança na narrativa da juventude negra nas periferias.

Essa ambição critica a estrutura de poder vigente, que frequentemente associa a negritude à criminalidade, ao mesmo tempo em que expressa esperança por um futuro em que a justiça seja verdadeiramente acessível a todos.

As dificuldades enfrentadas tanto pelo jovem Não-Pode-Parar (2024) quanto por sua irmã no mercado de trabalho evidenciam as barreiras que existem para negros e pardos. A demissão da irmã, sob pretextos duvidosos, e as recusas do jovem em entrevistas de emprego ilustram claramente como a cor da pele e a origem territorial são utilizados como critérios de exclusão.

De acordo com Andrade (2010), o preconceito racial impacta diretamente a empregabilidade de negros e pardos no Brasil, resultando em taxas de desemprego desproporcionalmente mais elevadas para esse grupo.

As experiências narradas pelo jovem Não-Pode-Parar (2023) revelam, assim, uma realidade angustiante e reforçam a ideia de que a discriminação racial permanece um obstáculo significativo para a inclusão no mercado de trabalho.

A cultura também emerge como um espaço de resistência e afirmação identitária para esses jovens. O jovem se distrai jogando e ouvindo música, atividades que funcionam como

formas de expressão e construção de uma identidade positiva em meio à marginalização, conforme destacado por Lélia Gonzalez.

A música e os jogos eletrônicos servem não apenas como meios de escapismo, mas também como ferramentas de resiliência, permitindo que os jovens reafirmem sua identidade em um contexto de adversidade (Nascimento Marques et al., 2021).

Assim, o relato do jovem "Não-Pode-Parar" (2023) evidencia como a inclusão, neste contexto, é frequentemente excludente, com acesso insuficiente tanto a políticas públicas quanto a oportunidades.

A análise dos desafios que ele enfrenta ressalta a necessidade urgente de lutar contra as desigualdades de raça, classe e espaço, ressoando as reflexões de Lélia Gonzalez sobre a importância de reconhecer e reivindicar lugares de resistência e re-existência na luta negra (Nascimento Marques et al., 2021).

Além disso, o lamento expresso pelo jovem Não-Pode-Parar (2023) em relação ao tempo perdido fora da escola reflete sua luta por uma vida melhor, apesar das dificuldades enfrentadas.

Conforme o relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a evasão escolar é um problema sério nas comunidades mais pobres, dificultando o acesso a melhores condições de vida e, conseqüentemente, a uma ascensão social que deveria ser igualitária.

Essa narrativa destaca a necessidade premente de enfrentar não apenas as disparidades raciais e socioeconômicas, mas também de reconhecer e valorizar as contribuições culturais e identitárias desses jovens. Eles encontram nas artes e nas interações sociais formas de resiliência e afirmação.

Por fim, a história do jovem Não-Pode-Parar (2023) e as realidades que ele enfrenta ecoam as reflexões de Lélia Gonzalez sobre as relações étnico-raciais e os desafios da luta negra no Brasil.

Este relato coloca em evidência a urgência de promover um reconhecimento mais profundo das realidades locais e a necessidade de políticas públicas que atendam efetivamente às demandas dessas populações marginalizadas (Nascimento Marques et al., 2021).

Assim, entendemos ser fundamental que a sociedade reconheça a riqueza das experiências vividas por esses jovens e trabalhe coletivamente para criar um ambiente onde todos, independentemente da cor da pele ou da origem, possam ter acesso a oportunidades iguais e a uma vida digna.

A próxima voz a ser escutada é a de um jovem de 22 anos que, durante o período noturno, estava na escola observando à distância a movimentação dos jovens presentes. Logo depois, ele pediu para ser ouvido também.

Esse jovem já é conhecido no bairro, tendo um histórico de ter sofrido violência sexual, além de outras situações relatadas pela gestão da escola, que acompanhou de perto sua trajetória e o deixou com algumas limitações cognitivas.

Considerando que os jovens aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e desejando evitar que essa iniciativa fosse excludente, especialmente no que se refere às vozes juvenis, obtivemos a autorização da gestão da escola e do responsável para realizar a escuta.

Para preservar sua identidade, atribuímos a ele o nome do pássaro Curió.

Segundo a consulta na página do Wikiaves (2023), o pássaro Curió mede entre 10 a 15 cm e pesa cerca de 16 g. Seu bico é preto, robusto, curto e poderoso; proporcionalmente, não combina com o tamanho da ave, servindo para triturar as duras sementes de tiririca. É um pássaro inquieto, que vive pulando de um poleiro para outro.

Devido ao formato do bico, à conformação da cabeça e às variações no timbre de voz, muitos estudiosos e criadores acreditam tratar-se de subespécies que ainda não foram catalogadas (Wikiaves, 2023).

Frente a essas características e considerando a própria desproporcionalidade da ave, percebo que a "deficiência" do jovem Curió não reflete seu tamanho, pois é um jovem muito especial e querido por todos que com ele convivem.

Curió (2023) fica extremamente feliz ao saber que sua história fará parte de uma pesquisa, e suas contribuições são valiosas:

<https://www.cam.ac.uk/br/pt/galeria-imagem/ida/acesso-8-de-set-2024>



JOVEM CURIÓ (2023)

“
Sou o Curió, a minha vida foi boa! Moro com os meus pais, tenho cinco irmãos. Em casa limpo a casa e lavo banheiro! Eu saio pouco! Vou na casa da minha tia e da minha amiga. Eu levanto todo dia, arrumo a casa, levo comida pro meu avô, arrumo a casa pra ele. Quero trabalhar de van escolar, pra levar os meninos pra creche! Quero levar e trazer de volta (Jovem Curió, 2023).

”

A narrativa do jovem Curió (2023) oferece uma visão significativa das experiências de vulnerabilidade enfrentadas por jovens com deficiência. Nesse contexto, a pesquisa de Mendes e Denari (2024) sobre a

violência sexual direcionada a pessoas com deficiência intelectual enriquece esta análise, ao explorar como a vivência do jovem Curió (2023) reflete questões de vulnerabilidade, resiliência e a necessidade de intervenções educativas e protetivas.

Florentino (2015) destaca que a violência contra crianças e adolescentes é um problema universal, que afeta inúmeras vítimas de forma silenciosa e dissimulada, ressaltando a urgência de abordar essas questões em contextos educacionais e sociais.

O jovem Curió (2023) relata viver em um ambiente familiar que, apesar de apresentar desafios, proporciona apoio e estrutura. A convivência com seus pais e cinco irmãos sugere a presença de uma rede familiar fundamental para o desenvolvimento de jovens com deficiência, conforme destacado por Mendes e Denari (2024).

Suas responsabilidades diárias, como cuidar da casa e do avô, demonstram um senso de pertencimento e utilidade, desafiando a ideia errônea de que indivíduos com deficiência são incapazes de realizar tarefas produtivas.

No entanto, a socialização limitada do jovem Curió (2023), restringida a visitas à tia e a uma amiga, pode indicar uma proteção excessiva por parte da família. Mendes e Denari (2024) ressaltam que a falta de conhecimento sobre situações que apresentam risco de violência sexual pode intensificar a vulnerabilidade desses jovens, evidenciando a importância de uma inclusão social que venha acompanhada de educação preventivas.

A abordagem de Romaro e Capitão (2007) reforça que as crianças e adolescentes estão em situações de maior vulnerabilidade devido à sua dependência, sendo, portanto, mais suscetíveis a abusos.

A afirmação do jovem Curió (2023) de que sua vida "*foi boa*" pode ser compreendida como um mecanismo de defesa, uma estratégia comum em vítimas de abuso que buscam elaborar suas histórias de maneira positiva.

Mendes e Denari (2024) observam que muitos jovens com deficiência enfrentam dificuldades para identificar e diferenciar situações de risco — realidade pertinente à vivência de Curió (2023), que pode estar lutando para dar forma a seu passado sem que ele o defina.

A resiliência de Curió (2023), evidenciada por sua disposição para cuidar dos outros, pode ser vista como uma resposta ao trauma. Masten (2001) argumenta que o apoio familiar desempenha um papel fundamental na promoção da resiliência, auxiliando jovens com histórias de vida difíceis a se reerguerem.

A implementação de programas educativos que ofereçam informações sobre a prevenção da violência e o desenvolvimento de comportamentos protetivos torna-se, portanto, essencial, como defende Masten (2001).

A aspiração de Curió (2023) em trabalhar como motorista de van escolar destaca seu desejo de inclusão e participação ativa na sociedade. Essa escolha reflete não apenas um anseio por um papel significativo, mas também as recomendações de Mendes e Denari (2024) sobre a importância de programas educativos que ensinem comportamentos protetivos.

A busca de Curió (2023) por um emprego não se limita a um meio de sustento; ele almeja formar sua identidade e sentir-se valorizado social e pessoalmente.

A análise de Mendes e Denari (2001) também enfatiza a necessidade de considerar dinâmicas de gênero, observando que os jovens masculinos tendem a ser mais assertivos, enquanto as jovens do gênero feminino, frequentemente, apresentam mais facilidade em se comunicar e buscar ajuda.

Caso o jovem Curió (2023) ocupar um papel que promova o cuidado infantil, isso poderá ajudá-lo a desafiar normas de gênero tradicionais e ampliar suas habilidades de interação social (Mendes; Denari, 2001).

Entender a complexidade da violência sexual e suas diversas formas é fundamental para analisar as experiências do jovem Curió (2023) e outros jovens vulneráveis. A violência sexual se caracteriza por atos praticados com finalidades sexuais que prejudicam a integridade física e mental da criança (Azevedo; Guerra, 1998).

O abuso sexual, muitas vezes intrafamiliar ou extrafamiliar, pode ter consequências devastadoras para o desenvolvimento psicológico e social da criança. Estudos demonstram que as vítimas de abuso sexual enfrentam um risco elevado de desenvolver transtornos psicopatológicos graves, prejudicando sua evolução emocional e social (Romaro; Capitão, 2007).

Essa realidade destaca a urgência de ambientes seguros e educativos nos quais jovens como Curió (2023) possam se expressar e receber orientações que os ajudem a reconhecer e defender seus direitos. A educação sobre violência e gênero assume assim um papel central na prevenção de abusos e na promoção de um ambiente de proteção.

A narrativa do jovem Curió, analisada em conjunto com as contribuições de Mendes e Denari (2024), revela a complexa interação entre vulnerabilidade, resiliência e aspirações em um contexto marcado pela deficiência e pela experiência de violência sexual.

A busca de Curió (2023) por uma "*vida boa*" reflete sua tentativa de superar traumas, ao mesmo tempo em que constrói uma identidade positiva em um ambiente familiar que, embora protetivo, pode restringir sua socialização e desenvolvimento (Mendes; Denari, 2024).

A análise evidencia a necessidade urgente de implementar programas educativos que não apenas abordem a prevenção da violência sexual, mas que também promovam a inclusão social e o empoderamento de jovens como Curió(2023).

Entendemos que a educação deve ser um instrumento essencial para desafiar dinâmicas rígidas de gênero e ensinar comportamentos protetivos. Isso pode contribuir para a criação de um ambiente mais seguro e acolhedor, que permita aos jovens explorar suas identidades e potencialidades sem medo de represálias ou discriminação.

Florentino (2015) reforça que a violência contra crianças e adolescentes é uma questão universal que não faz distinção de gênero, classe social ou afiliações culturais, demandando uma atenção coletiva e ações direcionadas.

A promoção de uma conscientização ampla, aliada a abordagens educativas inclusivas desde a infância, pode ter um impacto significativo na erradicação da violência sexual e na formação de uma sociedade mais justa.

Adicionalmente, ao considerar o papel fundamental da educação na prevenção do abuso sexual e na promoção da saúde mental, é fundamental que educadores, pais e cuidadores recebam formação adequada que colabore para a formação no âmbito em reconhecer as especificidades do abuso sexual e implementem formas eficazes de proteção (Florentino, 2015).

O reconhecimento da vulnerabilidade das crianças e adolescentes, especialmente daqueles com deficiência, deve servir de base para uma abordagem educativa que não apenas informe, mas que, acima de tudo, proteja e empodere.

Neste sentido, conectar as experiências de Curió (2023) com as pesquisas e os estudos de Mendes e Denari (2024), Florentino (2015), Romaro e Capitão (2007), Masten (2001) e outros que enfatizam a necessidade de um esforço coletivo para construir redes de proteção e aprendizado é essencial.

Nessa linha, torna-se imprescindível assegurar que todos os jovens, independentemente de suas condições, tenham direito a uma vida digna, segura e respeitosa.

O empoderamento através da educação se torna, assim, um elemento essencial para que jovens como Curió (2023) possam não apenas reconhecer sua dignidade e direitos, mas também se tornem agentes de mudança em suas comunidades, contribuindo para a construção de um futuro mais inclusivo e seguro.

Dentro ainda dessa perspectiva, Florentino (2015) reflete ser fundamental abordar a questão considerando a singularidade de cada criança ou adolescente, evitando, assim, o reducionismo ou a generalização do problema. Cada jovem que enfrenta o abuso sexual é uma potencial vítima de uma ou mais consequências previamente mencionadas.

Por essa razão, é essencial que o psicólogo que se encontrar com esses casos, seja em políticas públicas ou em consultórios particulares, possua a sensibilidade necessária e a formação adequada para lidar com essa situação que é extremamente complexa e desafiadora (Florentino, 2015).

A próxima voz é de uma jovem de 19 anos, a quem foi dado o nome de Andorinha, em referência às adaptações que a vida lhe trouxe. Segundo a consulta ao Wikiaves (2023), a família das andorinhas se destaca das demais aves pelas adaptações desenvolvidas para a alimentação aérea. As andorinhas caçam insetos no ar, medindo cerca de 13 cm de comprimento e podendo viver cerca de oito anos ou mais. Andorinha inicia sua fala.



Meu nome é Andorinha, tenho 19 anos e sou filha de pais separados. Minha mãe apanhava muito do meu pai e eu e meus irmãos ficávamos muito na casa dos nossos avós para que eles pudessem trabalhar.

Depois, os meus pais se separaram. Meu pai casou de novo e minha mãe também, só que com outra mulher.

A esposa do meu pai não tratava bem a gente, e a filha dela tocava o terror, tanto é que eu tenho pavor de barulho muito alto. Eu não falava nada.

Meu irmão também foi morar com eles (com meu pai, madrasta e as filhas dela). Ele tinha só 9 anos na época e elas colocavam ele para fazer de tudo na casa enquanto elas ficavam deitadas. Colocavam todo o serviço doméstico para ele.

Depois disso, eu fui morar com minha mãe e a esposa dela, depois que perdi as minhas duas avós no mesmo dia, na pandemia. Eu fiquei muito abalada e não podia contar direito com ninguém. Meu pai abalado, minha mãe também, todo mundo muito perdido.

Depois disso, as coisas começaram a piorar. Minha mãe descobriu que a mulher dela estava traindo-a e, aí, eu comecei a dar trabalho para minha família, saí muito e cheguei a fumar.

Depois disso, uma tia minha me levou para morar com ela em outra cidade. Fui para o Rio de Janeiro, mas voltei porque lá eu não tinha amigos e me fechei.

Hoje moro com minha mãe, que casou com outra mulher. Moro eu, minha mãe, a esposa dela e a filha da esposa da minha mãe. A nossa relação hoje é tranquila e a gente sai muito. Eu acho até bom a minha mãe se relacionar com uma mulher porque eu sempre tive medo dela se relacionar com um homem e acontecer abuso, pois conheci muitas amigas que passaram por isso aqui.

Não tenho vergonha. Ela está feliz. Hoje eu me encontrei na arte, faço desenhos, sou muito tranquila, gosto de estar com as pessoas e de ouvi-las. Se eu pudesse falar algo hoje pra mim, eu diria para eu mesma buscar com verdade o que quero, se quero dedicar-me à arte, na área da beleza, e ver de verdade o que quero, porque hoje ainda não sei (Jovem Andorinha, 2023).

A narrativa da jovem Andorinha (2023), oferece uma visão profunda das experiências vividas em um contexto familiar repleto de desafios. A sua história, permeada por questões de trauma familiar, busca por identidade e resiliência, dialoga com a literatura atual sobre saúde mental na infância e adolescência, como exposto na obra da Fundação Abrinq (2021), que enfatiza a importância de suportes adequados para o desenvolvimento emocional de jovens em situação vulnerável.

As experiências da jovem Andorinha (2023) revelam uma dinâmica familiar complexa, onde a violência doméstica, vivida por sua mãe, é uma realidade que reflete uma grande parte da população brasileira.

A Fundação Abrinq (2021) destaca que as crianças testemunhas de abusos enfrentam sérias consequências psicológicas, potencialmente levando a problemas emocionais em sua vida adulta. Além disso, essas experiências podem prejudicar a capacidade de estabelecer relacionamentos saudáveis no futuro.

Além disso, a Fundação Abrinq (2021) indica que o suicídio é a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Essa realidade alarmante enfatiza a necessidade urgente de intervenções que promovam a saúde mental de crianças e adolescentes. Investir em estratégias que fortaleçam os fatores de proteção para esse público é essencial, pois essas ações ajudam a oferecer alternativas mais saudáveis e construtivas, em vez de manter a adesão a comportamentos de risco.

Assim, o suporte adequado e as intervenções eficazes são fundamentais para garantir o bem-estar e a saúde mental dos jovens, permitindo-lhes lidar de forma mais positiva com os desafios que enfrentam (Fundação Abrinq, 2021).

A separação dos pais e os novos casamentos refletem as mudanças frequentes que impactam a vida da jovem Andorinha (2023). Como destaca Douglas (2015), os filhos muitas vezes enfrentam dificuldades para se adaptar a novas configurações familiares, que podem gerar ansiedade e insegurança.

A pressão emocional da jovem Andorinha (2023), somada à responsabilidade de se adequar a novas dinâmicas, revela como a instabilidade familiar pode afetar negativamente a saúde mental de um adolescente.

O medo que Andorinha (2023) expressa em relação a barulhos altos pode ser interpretado como um sinal de estresse pós-traumático, fruto das experiências de violência que presenciou.

A Folha Informativa da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) afirma que a adolescência é uma fase de vulnerabilidade emocional e que a exposição a estressores como a violência pode levar ao desenvolvimento de transtornos mentais, incluindo a ansiedade (OPAS, 2020).

Esses fatores contribuem para um ciclo de silêncio e desconexão, que a jovem Andorinha (2023) parece experimentar ao não verbalizar suas emoções.

Além disso, a perda de suas avós durante a pandemia intensifica sua sensação de desamparo e solidão. O contexto de pandemia, segundo a Fundação Abrinq (2024), exacerbou problemas de saúde mental em jovens, uma vez que a perda de suporte emocional e as restrições sociais dificultaram o desenvolvimento da resiliência e da capacidade de enfrentamento.

A busca da jovem Andorinha (2023) por um ambiente seguro ao se mudar para morar com a tia reflete sua necessidade de encontrar pertencimento em meio à turbulência emocional.

Segundo a literatura, a construção de uma identidade saudável durante a adolescência está fortemente ligada ao apoio familiar e social (Ministério da Saúde, 2020). O retorno para viver com a mãe e sua nova esposa representa um potencial ponto de virada, onde a jovem Andorinha (2023) começa a experimentar relações mais saudáveis e equilibradas

Seus interesses na arte e sua afirmação de que "*encontrou-se na arte*" mostram um caminho para a recuperação emocional. A literatura indica que a expressão criativa é um mecanismo eficaz para lidar com traumas e promover a saúde mental, permitindo que jovens como Andorinha (2023) canalizem suas experiências emocionais de forma construtiva (Fundação Abrinq, 2024).

Por fim, a narrativa da jovem Andorinha (2023) destaca as complexas interações entre a violência familiar, a perda, a busca de identidade e a resiliência. O diálogo com fontes como a Fundação Abrinq (2024), a obra de Douglas (2015) e os dados da OPAS (2020) enfatiza a necessidade de intervenções adequadas que abordem a saúde mental de adolescentes vulneráveis.

Frente a realidade apresentada na narrativa da jovem Andorinha (2023), é evidente a importância de promover uma atenção psicossocial adequada para crianças e adolescentes no Sistema Único de Saúde (SUS).

O documento do Ministério da Saúde intitulado "Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: Tecendo Redes para Garantir Direitos" (2014) enfatiza a necessidade de criar e fortalecer redes de apoio que assegurem os direitos e o bem-estar dos jovens em situação de vulnerabilidade.

Segundo o Ministério da Saúde (2014), a construção de uma rede integrada de apoio e serviços é fundamental para atender às demandas desse público, promovendo intervenções que não apenas tratem os sintomas, mas que também considerem o contexto social e familiar no qual esses jovens estão inseridos.

A experiência da jovem Andorinha(2023), que enfrenta os efeitos da violência doméstica e a busca por um espaço seguro para se desenvolver, evidencia a urgência de políticas públicas que integrem saúde mental, educação e assistência social.

Além disso, a atenção psicossocial deve ser centrada na prevenção e no tratamento de problemas emocionais, promovendo ambientes seguros que favoreçam a expressão e o acolhimento das emoções (Ministério da Saúde, 2014).

O apoio familiar e comunitário é fundamental para que os jovens, como Andorinha (2023), possam superar desafios e encontrar caminhos construtivos em suas vidas.

Assim, é imprescindível que as autoridades, profissionais da educação, saúde se unam para garantir que crianças e adolescentes tenham acesso a recursos adequados que promovam a sua saúde mental, permitindo-lhes construir uma vida saudável e com perspectivas de futuro (Ministério da Saúde, 2014)

Como a história da jovem Andorinha (2023) ilustra, a promoção da resiliência e a criação de redes de apoio eficazes são passos essenciais para transformar realidades e assegurar os direitos de cada jovem em nosso país.

A próxima fala é de um jovem de 21 anos, que recebeu o nome do pássaro Sanhaço Cinzento. Esse pássaro, conforme consulta no Wikiaves (2023), apresenta coloração geral cinza, com as asas e a cauda de coloração azul turquesa.

Sua cabeça é cinza, com uma fina e tênue faixa pós-ocular cinza escuro que nem sempre está visível. A testa, a coroa e a nuca também são cinzas. Como ele foi um jovem que fumou maconha por 7 anos, precisamente dos 13 aos 20 anos, foi associada a cor cinza desse pássaro à cor da fumaça do cigarro. E ele inicia a fala.



Até os treze anos, tive uma vida normal, com dificuldades, mas normal. Cada filho da minha mãe, ela não gosta que eu fale, mas é de um pai.

Aí o meu pai cuidou de todos, mas dos filhos que ele já tinha.

A partir dos 13 anos, comecei a dar trabalho, fumei maconha até os meus 20 anos. Eu era viciado e muito.

Só que com o tempo, fui vendo que a vida não é só isso, que existem coisas melhores. Aí conheci uma garota e fui evoluindo.

No começo do ano, foi difícil porque perdi o meu pai; aí as coisas ficaram complicadas. Eu sempre trabalhei e sempre usei as minhas coisas, só que nunca mexi nas coisas dos outros.

Eu escondi dos meus pais até os 15 anos, e a minha mãe me disse que a vida era minha, que eu que tinha que saber o que eu queria, o que eu queria decidir pra minha vida. Porque assim, a minha mãe também foi usuária, há muitos anos atrás. Nesse período, eu deixei de estudar. Agora estou no nono ano.

Fui pra rua com 12 anos pra vender doce no sinaleiro. Dos 12 aos 16 anos, eu ia para o centro pra vender doce. Sofri muita humilhação. Em setembro do ano passado até janeiro desse ano, tive que voltar pra rua pra vender guloseimas no sinaleiro, fui eu e a minha namorada.

Depois, ela conseguiu um serviço na Feti e eu fiquei fazendo bicos. O bairro aqui é muito discriminado, teve época, acho que até hoje, tem muita gente que não entra aqui no bairro.

Quando falava que era do Pôr do Sol, era muito difícil arrumar emprego. Por isso que fui, na maioria das vezes, vender bala na rua, porque a minha mãe não arrumava emprego.

Eu já fui perseguido dentro de supermercado. Os seguranças me perseguiram porque as pessoas sabiam que eu morava aqui e vendia bala na rua. Tem perseguição, mas também a população não ajudava, porque aqui também tem muita coisa errada.

A gente se arruma bem, quando vai a algum lugar fora daqui, eu acho que as pessoas não percebem que somos aqui do Pôr do Sol. Eu fui nascido e criado aqui, não tenho vergonha de ser daqui, não. Hoje eu não vou à aula porque eu tenho que fazer janta pra mim e para o meu irmão (Jovem Sanhaço Cinzento, 2023).



A narrativa do jovem Sanhaço Cinzento (2023), dialoga com o conceito de "colonialidade do poder" de Aníbal Quijano (2014) e a abordagem de interseccionalidade proposta por Crenshaw (1991), para que se possa aprofundar a compreensão das dificuldades enfrentadas por jovens como Sanhaço Cinzento (2023), que são constituídos por estruturas sociais opressoras e históricas.

A narrativa de Sanhaço Cinzento (2023) ilustra como as experiências de vida em comunidades marginalizadas são profundamente afetadas pela colonialidade. Quijano (2014) argumenta que a colonialidade se fundamenta em uma classificação racial e étnica que persiste além do colonialismo formal, perpetuando estruturas de poder que continuam a subordinar as populações vulneráveis.

Neste contexto, o jovem Sanhaço Cinzento (2023) revela que é um morador do "Pôr do Sol", um local que carrega estigmas e dificuldades, refletindo a discriminação e o preconceito que resultam dessas estruturas sociais.

Sua luta para arrumar emprego e a discriminação que enfrenta ao se identificar como residente dessa comunidade são exemplos diretos do impacto da colonialidade em sua vida cotidiana.

Quando o jovem Sanhaço Cinzento (2023) menciona que "*era muito difícil arrumar emprego*" por ser do Pôr do Sol, ele está expressando a internalização de um preconceito institucionalizado que, segundo Quijano (2014), está enraizado na história da colonização e que continua a operar nas esferas sociais, econômicas e culturais.

Esta perspectiva evidencia a necessidade de reflexões críticas sobre a marginalização de determinadas comunidades e as oportunidades limitadas que enfrentam.

A noção de interseccionalidade, conforme discutida por Collins e Bilge (2021), permite uma análise mais rica da narrativa do jovem Sanhaço Cinzento (2023). Ele é não apenas um jovem de uma comunidade discriminada, mas também carrega as marcas de uma história pessoal de luta contra a dependência de substâncias, a perda e a marginalização social.

Analisar a narrativa do Jovem Sanhaço Cinzento (2023) à luz da interseccionalidade requer uma perspectiva que evidencia a urgência de reflexões críticas sobre a marginalização de certas comunidades e as oportunidades limitadas que enfrentam.

A noção de interseccionalidade, como discutida por Collins e Bilge (2021), permite uma análise mais aprofundada da narrativa do jovem Sanhaço Cinzento (2023), que não é apenas um membro de uma comunidade discriminada, mas também carrega os traumas de uma história pessoal permeada pela luta contra a dependência de substâncias, pela perda e pela marginalização social.

Enquanto conceito, a interseccionalidade serve como uma ferramenta analítica que busca compreender as múltiplas dimensões das identidades sociais e a forma como elas se entrelaçam, gerando experiências diversas de opressão e privilégio.

Collins e Bilge (2021), em sua obra "Interseccionalidade", apresentam uma abordagem contemporânea que amplia a discussão iniciada por Crenshaw em seu artigo "Mapeando as Margens" (1991).

Crenshaw (1991) foca particularmente na intersecção entre raça e gênero, sustentando que as experiências de mulheres de cor não podem ser plenamente compreendidas sem considerar a sobreposição dessas categorias.

Por sua vez, Collins e Bilge (2021) exploram a interseccionalidade em um contexto mais amplo, englobando classe social, orientação sexual e outras categorias sociais. Essa conexão entre as obras destaca que as estruturas de poder são complexas, e que as desigualdades não podem ser analisadas de forma isolada.

A contribuição de Crenshaw (1991) é fundamental para a fundamentação teórica da interseccionalidade, enquanto Collins e Bilge (2021) ampliam essa base para incluir não apenas a identidade, mas também as lutas sociais contemporâneas.

Neste sentido, ao dialogar com a narrativa de Sanhaço Cinzento (2023), é possível perceber como sua experiência reflete essas dinâmicas de opressão interligadas. Como um jovem pertencente a uma comunidade marginalizada que enfrenta discriminação e estigmatização.

O jovem Sanhaço Cinzento (2023) representa a complexidade das vivências dos indivíduos que, além da cor da pele, lidam com as consequências da pobreza e da exclusão social.

Sua luta por aceitação e oportunidades em um ambiente que frequentemente o rejeita se alinha com as discussões sobre como a interseccionalidade pode informar e enriquecer a nossa compreensão das barreiras enfrentadas por pessoas em situações similares.

A partir dessa análise, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas e ações sociais que considerem a interseccionalidade, promovendo um suporte holístico que reconheça a complexidade das identidades e experiências vividas por jovens como Sanhaço Cinzento (2023).

A experiência do jovem Sanhaço Cinzento (2023) vendendo doces nas ruas desde os 12 anos, por exemplo, não é apenas uma questão de sobrevivência financeira, mas também um reflexo de como a falta de acesso a oportunidades educacionais e profissionais empurra jovens para o trabalho informal da infância até a adolescência.

Essa realidade é corroborada pelo estudo do Ministério da Saúde (2024) que destaca a importância dos fatores sociais na saúde mental de crianças e adolescentes, reforçando que a ausência de suporte e oportunidades pode levar a um ciclo de pobreza e exclusão.

Adicionalmente, a narrativa do jovem Sanhaço Cinzento (2023) sobre como ele se arruma antes de sair e a percepção de que *"as pessoas não percebem que somos aqui do Pôr do Sol"* revela sua luta por autoafirmação e identidade em um contexto que frequentemente marginaliza e discrimina.

Essa busca é característica de muitos jovens que, como ele, enfrentam uma dupla opressão: a de pertença a uma comunidade estigmatizada e a luta por ser visto e respeitado como indivíduo.

A análise da narrativa do jovem Sanhaço Cinzento (2023) à luz das teorias de Quijano (2014) sobre a colonialidade do poder e a interseccionalidade de Crenshaw (1991) oferece uma visão abrangente das múltiplas camadas de opressão que afetam jovens vulneráveis em contextos como o dele.

Sua história evidencia a necessidade de intervenções sociais e políticas que considerem as complexidades da identidade e do contexto socioeconômico dos indivíduos. É imperativo

que as autoridades e a sociedade em geral se unam para desafiar e transformar as estruturas que perpetuam a marginalização, promovendo um ambiente onde jovens como Sanhaço Cinzento (2023) possam ter acesso a oportunidades, apoio e reconhecimento de sua dignidade e potencial.

Após a narrativa de Sanhaço Cinzento (2023), fica evidente uma convergência nas vozes dos jovens do Território Pôr do Sol, refletindo uma luta compartilhada por muitos em contextos semelhantes.

Nesse cenário, a inter-relação entre a diversidade de espécies de aves e a dispersão de sementes, conforme apontado por uma pesquisa do Instituto de Biociências da USP (2021), emerge como uma metáfora poderosa.

Assim como as aves desempenham um papel vital na estabilidade dos ecossistemas ao dispersar sementes, os jovens representados nas narrativas de Andorinha (2023), Beija-Flor (2023), Uirapuru (2023), Curió (2023), Não-Pode-Parar (2023), Alegrinho (2023), Saíra-Amarela (2023) e Sanhaço Cinzento (2023) são fundamentais para o fortalecimento e a regeneração de suas comunidades.

As experiências compartilhadas por esses jovens ecoam a complexidade de suas realidades, revelando como fatores de raça, classe e gênero influenciam sua luta por reconhecimento e oportunidades. Essa luta não é apenas individual, mas coletiva, e reflete a necessidade urgente de um compromisso social em transformar as narrativas de marginalização em histórias de empoderamento e inclusão.

À luz da teoria da "colonialidade do poder", proposta por Aníbal Quijano (2014), fica claro que as vozes desses jovens refletem uma vivência permeada por estruturas de opressão históricas que se perpetuam no presente.

Quijano (2014) argumenta que a hierarquia racial e étnica, fruto da colonização, não se extinguiu com o fim do colonialismo formal, mas permanece latente nas dinâmicas sociais contemporâneas.

Assim, a luta de Beija-Flor (2023), que chegou a morar em um banco de praça e passou fome e frio, compartilhando a sensação de marginalização que permeia a vida de outros jovens como Uirapuru (2023), Não-Pode-Parar (2023), Alegrinho (2023) e outros, ilustra como as consequências de um sistema desigual continuam a afetar desproporcionalmente os jovens de comunidades vulneráveis.

A escuta desses jovens convergem em contextos sociais marcados por desigualdades, como pobreza e exclusão, que influenciam diretamente suas experiências e oportunidades. Isso evidencia a condição de vulnerabilidade com a qual lidam diariamente.

Algumas das narrativas mencionam a vivência de casas marcadas pela violência, seja física ou emocional. Andorinha (2023) fala sobre a violência que sua mãe enfrentou, enquanto outros, como Beija-Flor(2023), Curió (2023), Saía-Amarela (2023) e Não-Pode-Parar(2023), também enfrentam suas próprias lutas contra situações de abuso e negligência.

Os jovens expressam a busca por um sentido de pertencimento e por sua própria identidade em ambientes onde enfrentam estigmas. Isso é evidente nas narrativas de Sanhaço Cinzento (2023), Uirapuru (2023), Saía-Amarela (2023) e Alegrinho(2023), que lidam com discriminação e tentam afirmar suas identidades.

O impacto das relações familiares também é algo latente, no qual muitos dos jovens enfrentam desafios relacionados a laços familiares fragilizados ou ausentes.

Os jovens compartilham a frustração em relação à dificuldade de encontrar trabalho e oportunidades, refletindo uma realidade social em que a discriminação racial, de classe e de gênero ainda é prevalente.

As narrativas de Beija-Flor (2023), que recolheu materiais recicláveis durante a gravidez para não passar fome, e do jovem Sanhaço Cinzento (2023), que recentemente retornou às ruas para vender balas, ilustram as barreiras que esses jovens enfrentam na tentativa de acessar o mercado de trabalho.

A experiência com drogas, como a maconha mencionada por Sanhaço Cinzento (2023), é um ponto comum que revela tentativas de escapismo em resposta ao estresse e à pressão social. Essa questão realça a necessidade de suporte psicológico adequado.

Apesar dos desafios, todos os jovens demonstram uma busca por mudança e evolução em suas vidas. A luta de Não-Pode-Parar (2023) para superar suas limitações e a jornada de Andorinha (2023) em busca de sua identidade refletem a resiliência que emerge em meio à adversidade.

A aplicação da interseccionalidade, conforme discutida por Kimberlé Crenshaw (1991) e ampliada por Collins e Bilge (2021), permite uma análise mais rica das experiências dos jovens, ao destacar que suas narrativas não podem ser entendidas por uma única identidade, mas como uma confluência de fatores que influenciam suas realidades.

Por exemplo, a luta de Andorinha (2023) contra a violência doméstica é aprofundada por sua condição de mulher em um contexto social desigual, revelando que as opressões são interligadas e não isoladas.

A interseccionalidade também fornece um entendimento mais abrangente das experiências de perda e pertencimento, como aquelas vividas por Curió (2023) e Não-Pode-Parar (2023), Saía-Amarela (2023).

Suas narrativas mostram que as barreiras enfrentadas por esses jovens são formadas por fatores sociais mais amplos, que incluem a intersecção de raça e classe. Esses elementos reafirmam a necessidade urgente de uma abordagem que reconheça e valorize as interconexões entre diferentes formas de marginalização.

Além disso, a construção de redes de apoio comunitárias, sustentadas por lideranças comunitárias, emerge como uma estratégia eficaz na luta contra a solidão e a exclusão. Essas lideranças comunitárias podem funcionar como sementes que, ao serem nutridas, podem florescer em ambientes propícios ao desenvolvimento de um senso de pertencimento.

Os relatos de Uirapuru (2023), Beija-Flor (2023), Alegrinho (2023) e Sanhaço Cinzento (2023) ilustram como, dentro de espaços seguros e acolhedores, é possível cultivar a resiliência e a autoafirmação, essenciais para o crescimento pessoal e comunitário.

Por fim, a análise das narrativas dos jovens do Pôr do Sol, à luz das teorias de Quijano (2014) e da interseccionalidade de Crenshaw (1991) e ampliada por Collins e Bilge (2021), revela um panorama complexo de opressões que afetam suas vidas.

Essas histórias ressaltam a importância de promover políticas sociais que não apenas reconheçam a diversidade, mas que também atuem de forma proativa para dismantelar as estruturas de desigualdade.

O reconhecimento e a valorização das vozes desses jovens são fundamentais para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde todos possam ter acesso a direitos e oportunidades, semelhante ao papel essencial que as aves desempenham na saúde e na sustentabilidade dos ecossistemas.

Assim, ao nutrir as "sementes" que representam essas vozes, a comunidade e a sociedade como um todo podem germinar em direções mais justas e inclusivas.

5.6 VOZES PODCAST

As vozes até aqui revelaram a ressurgência de um novo movimento, em que a criação de um podcast se configura como um consenso coletivo com o território. O objetivo é tirar da invisibilidade vozes silenciadas e trazer temas importantes para essa localidade e região.

A decisão de utilizar pseudônimos aplica-se exclusivamente aos participantes da pesquisa que pertencem ao território onde os episódios do podcast foram gravados. Os convidados que não fazem parte desse território não receberão pseudônimos.

Essa estratégia é essencial para garantir a privacidade e a proteção dos indivíduos envolvidos. Embora o foco seja dar visibilidade às vozes que historicamente foram silenciadas,

é fundamental que essa visibilidade não comprometa a segurança e a integridade pessoal dos participantes do território. Dessa forma, ao assegurar o anonimato, protegemos suas identidades enquanto possibilitamos que suas experiências sejam compartilhadas.

A utilização de pseudônimos serve como uma salvaguarda indispensável, permitindo que jovens e membros da comunidade compartilhem suas experiências e perspectivas sem medo de represálias ou estigmatização.

Em contextos onde a marginalização e a vulnerabilidade são reais, ocultar a identidade é essencial para manter o sigilo e a privacidade, especialmente quando se abordam questões sensíveis, como violência, discriminação ou outras situações de vida difíceis.

Além disso, a preservação da privacidade não deve ser vista como um obstáculo à visibilidade, mas sim como uma forma alternativa de gerir as narrativas. Os pseudônimos permitem que os indivíduos se expressem livremente e de maneira autêntica, sem a preocupação de serem reconhecidos publicamente.

Isso, de fato, pode incentivar uma participação mais honesta e aberta, enriquecendo as discussões e fortalecendo a diversidade de perspectivas apresentadas no podcast.

Portanto, mesmo com a intenção de aumentar a visibilidade do Território Pôr do Sol e de seus moradores, o uso de pseudônimos respeita a autonomia dos participantes e assegura que sua privacidade seja mantida. Essa abordagem cria um espaço seguro onde as vozes podem ser ouvidas e valorizadas, protegendo os indivíduos de possíveis consequências negativas.

Assim, a adoção de pseudônimos não contradiz a luta por reconhecimento e inclusão social, mas reforça um compromisso ético com a segurança e o respeito à identidade de cada participante.

O movimento para a criação do Vozes Podcast foi desenvolvido em etapas, começando pela escolha do nome, seu propósito, o slogan e a logomarca. A figura 32 apresenta a logo construída para o Vozes Podcast.

Figura 32. Logomarca Vozes Podcast



Fonte: Vozes Podcast (2023)

A logo foi pensada e concebida a partir de asas que pudessem elevar vozes que, por vezes, são silenciadas, permitindo que se deslocassem desse silenciamento para o campo do direito à liberdade de comunicação e expressão.

O objetivo é criar um espaço midiático democrático, livre e plural, onde todas as pessoas sejam ouvidas e respeitadas, independentemente de onde moram e do território ao qual pertencem.

Para cada episódio, foi prevista a participação de, no mínimo, um jovem do Residencial Pôr do Sol, que comporá a roda de conversa e as temáticas envolvidas. De modo a garantir que essas vozes possam ecoar em outros territórios, especialmente entre a juventude local e nas políticas públicas de valorização das minorias.

A logo e o nome do podcast estão sendo devidamente registrados e protocolados pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) sob o nº 930581849, para evitar possíveis problemas futuros com a marca e o propósito. Isso considerando que a ideia não se limita ao cumprimento da pesquisa, mas também se propõe a ser um espaço catalisador de vozes potentes e de temas necessários.

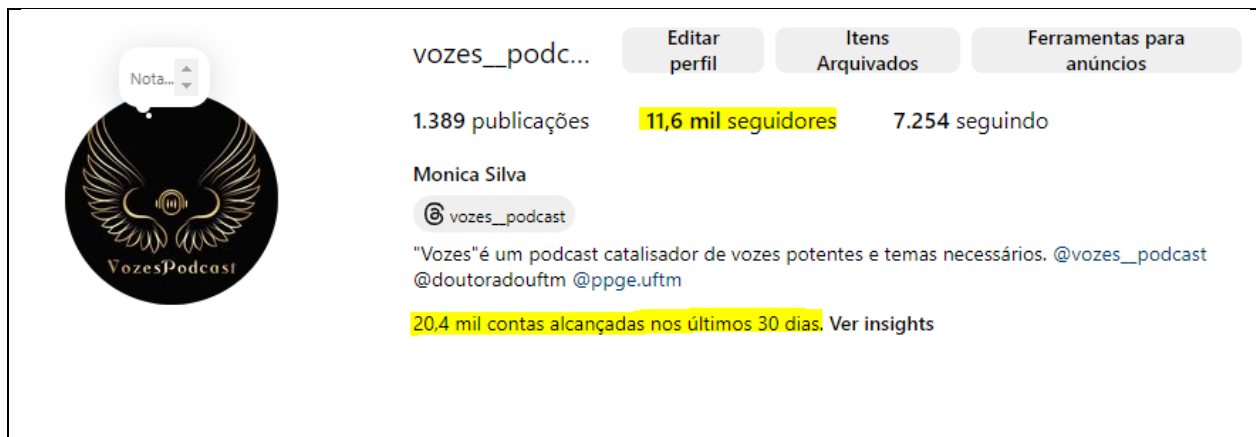
Para a criação do podcast, foram criadas contas no Facebook (<https://www.facebook.com/Vozescast/>) e no Instagram (https://www.instagram.com/vozes_podcast/), visando alcançar o público desejado para essas vozes e temáticas. Além das redes sociais, também foi planejada a organização de um estúdio itinerante, móvel, de forma que fosse possível ir ao encontro dessas vozes.

As contas foram criadas em 22 de maio de 2023, e até 2 de julho do mesmo ano, já contabilizávamos 2.000 visualizações. Atualmente, o canal alcançou 11,6 mil seguidores no Instagram, com aproximadamente 1.389 compartilhamentos de material produzido, podendo ser apreciado esses dados na estatística do perfil @vozespodcast, na Figura 33.

É importante ressaltar que essa base de seguidores inclui pessoas de diferentes países e nacionalidades. A média de alcance mensal das contas é de cerca de 20 mil.

Nesse contexto, o número de 11,6 mil seguidores indica uma audiência considerável. A relação entre o número de seguidores e as publicações sugere que o conteúdo produzido esteja despertando interesse para um público interessado nos temas abordados no podcast "Vozes". Além disso, esses dados também refletem um crescimento saudável, considerando a quantidade de publicações realizadas.

Figura 33. Perfil @vozes_podcast Instagram



vozes__podc... Editar perfil Itens Arquivados Ferramentas para anúncios

1.389 publicações **11,6 mil seguidores** 7.254 seguindo

Monica Silva

vozes__podcast

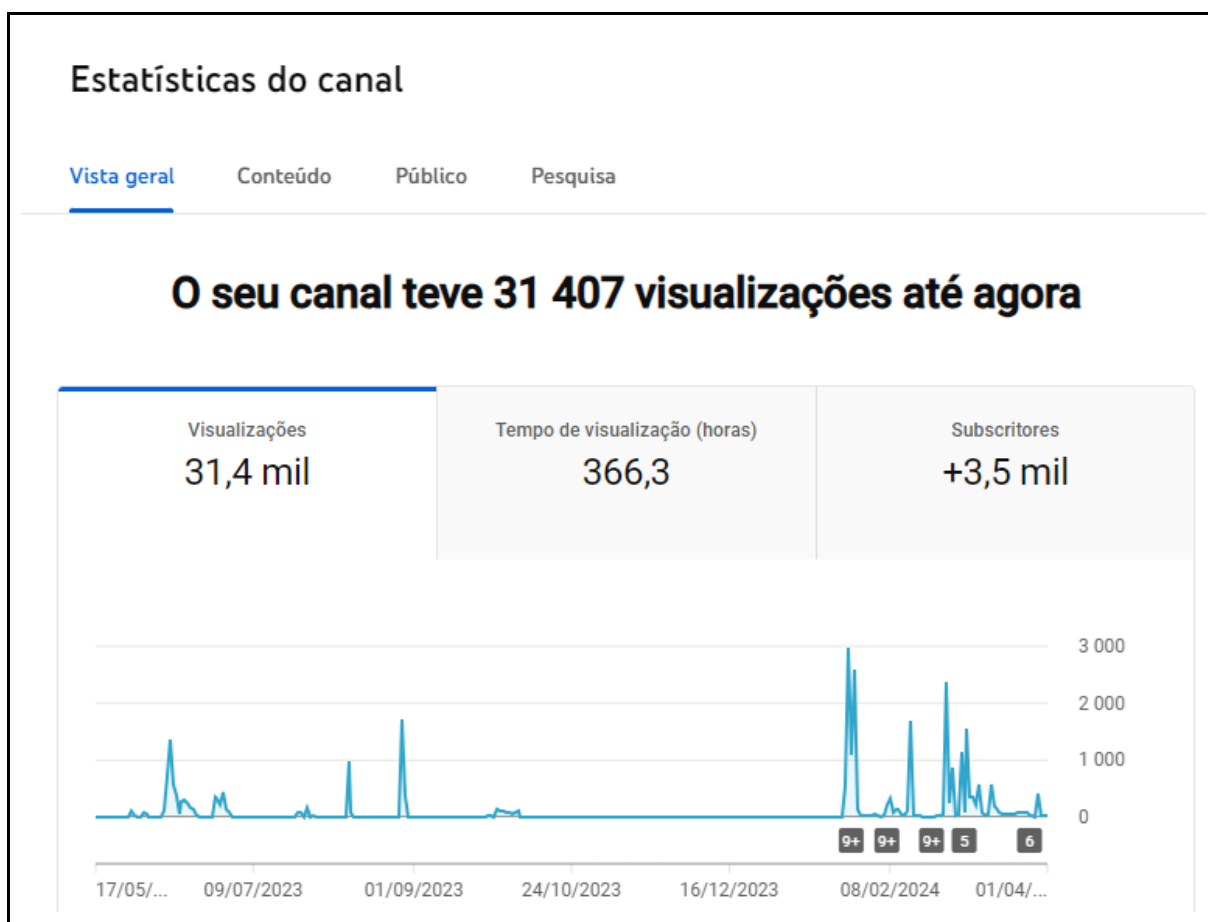
"Vozes" é um podcast catalisador de vozes potentes e temas necessários. @vozes__podcast @doutoradouftm @ppge.uftm

20,4 mil contas alcançadas nos últimos 30 dias. Ver insights

Fonte: Vozes Podcast (2024)

O canal do YouTube @vozes_podcast alcançou, até o momento, 31.407 visualizações, como pode ser apreciado na figura 34.

Figura 34. Perfil @vozes_podcast YouTube



Fonte: Vozes Podcast (2024)

Em um momento em que a desinformação científica é prevalente, canais criados com propósitos científicos e sociais que têm alcançado um grande público têm a oportunidade de

desempenhar um papel importante na promoção da precisão e da veracidade das informações científicas.

Ao fornecer conteúdo confiável e baseado em evidências, esses canais podem ajudar a combater a propagação de informações falsas e a promover uma compreensão mais precisa da ciência entre o público em geral.

Nós, como pesquisadores, compreendemos que as mídias sociais têm um alcance amplo e impactante. Plataformas como Facebook, Instagram e YouTube podem conectar bilhões de pessoas em todo o mundo, permitindo que compartilhem notícias, opiniões, fotos e vídeos instantaneamente.

No entanto, não esperávamos, enquanto pesquisadores e propositores das temáticas que apresentamos, alcançar um número tão considerável de pessoas, territórios e países. Contudo, é necessário ressaltar que não nos iludimos com a quantidade de seguidores, mas sim com a qualidade e a veracidade do que é produzido e divulgado nos canais do @vozes_podcast.

Logo, acreditamos que os canais midiáticos têm um alcance incomparável e exercem uma influência significativa em nossa sociedade. Eles não apenas informam e entretêm, mas também podem formar nossas percepções, influenciar nossas decisões e promover a conexão entre pessoas e comunidades em todo o mundo.

Além do território que desejávamos alcançar com as vozes de pessoas que, por diversos motivos, foram silenciadas ao longo de suas vidas, entendemos que esse movimento midiático @vozes_podcast tem desempenhado um papel fundamental na formação da opinião pública e no ativismo, fornecendo uma plataforma para o engajamento científico e social.

A realização dos episódios do @vozes_podcast tem ocorrido de forma itinerante, ou seja, um podcast que vai ao encontro das vozes, de fato, in loco, na maioria das vezes realizada no próprio bairro, de maneira coletiva e consensual com o território. Os temas propostos emergiram das falas tanto das lideranças locais quanto dos jovens que ali habitam.

A organização dos episódios por temporadas foi inspirada em Miro (2013), Freire (2016) e outros estudiosos da área, que oferecem pistas para potencializar esse canal de comunicação, que, dependendo do propósito, pode se tornar também um importante canal de divulgação científica.

As pistas para a organização de um podcast, podem ser apreciadas na Figura 35:

Figura 35. Como Organizar um Podcast: Pistas para uma Estrutura Eficiente



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Miro e Freire (2024)

A partir das pistas de organização de um podcast, inspiradas em Miro (2013) e Freire (2016) - Figura 35 - entendemos que a organização de um podcast em temporadas representa uma estratégia eficaz que oferece múltiplos benefícios tanto para os produtores quanto para os ouvintes.

Primeiramente, a estrutura narrativa clara e coerente, obtida ao dividir o conteúdo em temporadas, enriquece a experiência do público ao proporcionar arcos narrativos envolventes. Essa abordagem não apenas torna o conteúdo mais acessível, mas também permite que os ouvintes se conectem de forma mais profunda com os temas abordados.

Além disso, a categorização dos episódios em temporadas facilita o consumo, permitindo que os ouvintes tenham uma noção clara de por onde começar e como avançar. Dessa forma, a experiência de escuta se torna mais organizada, tornando possível a descoberta de novos programas sem a necessidade de ouvir todos os episódios em sequência.

A renovação e diversificação de conteúdo a cada nova temporada são igualmente significativas, pois possibilitam que os produtores introduzam novos tópicos e convidados, mantendo o interesse do público ao longo do tempo.

Essa dinâmica não somente revitaliza o conteúdo, mas também enriquece a discussão, oferecendo variações que podem atender a diferentes segmentos da audiência.

A criação de temporadas também se apresenta como uma estratégia de lançamento que pode potencializar o engajamento. Ao escolher datas específicas para o lançamento de novas temporadas, os produtores podem criar expectativa e promoção efetiva, aumentando a visibilidade do programa.

Por fim, a organização por temporadas facilita o planejamento e a produção do conteúdo, permitindo uma abordagem mais estruturada e eficiente. Essa estratégia é fundamentada em estudos como os de Miro (2013) e Freire (2016), que destacam a importância de uma comunicação bem organizada.

Nesse contexto, os produtores têm a oportunidade de definir um cronograma para cada temporada, antecipar gravações, editar os episódios e garantir uma qualidade consistente. Essa prática é possível porque eles possuem uma visão clara do escopo e do número de episódios que compõem cada temporada.

Portanto, ao estruturar os episódios dessa maneira, torna-se mais viável alcançar os objetivos previamente estabelecidos, proporcionando uma narrativa envolvente que instiga a participação do público.

Além disso, essa estrutura de organização é evidenciada nas figuras 36,37 e 38, que ilustram a eficácia dessa abordagem, mostrando como uma boa estrutura pode influenciar positivamente o engajamento e a recepção do conteúdo.

Figura 36. Episódios da 1ª Temporada Vozes Podcast “Re-existir: sobre Juventudes periféricas, território e re-existência”



Fonte: Vozes Podcast (2023)

Re-existir: Sobre Juventudes Periféricas, Território e Re-existência explora, na primeira temporada, a realidade do Residencial Pôr do Sol, destacando as vozes de um território que pulsa, com o objetivo de amplificar as vozes de um coletivo muito especial: os jovens que, por diversos motivos, têm suas vozes silenciadas.

A temporada abre o Vozes Podcast com as experiências e histórias de vida desses jovens, destacando suas lutas, sonhos e resiliência diante das adversidades enfrentadas em um contexto periférico.

São exploradas as dinâmicas do território, suas particularidades e desafios, além de discutir estratégias de re-existência – a capacidade de resistir e se afirmar diante das condições adversas.

Por meio de entrevistas, relatos pessoais e reflexões, o podcast tem o objetivo de oferecer uma plataforma para que essas vozes sejam ouvidas, valorizadas e compartilhadas com um público mais amplo. A ideia é proporcionar uma visão mais completa e autêntica das juventudes periféricas, trazendo à tona suas vivências, talentos e perspectivas únicas.

Re-existir é um convite para compreender não somente as desigualdades presentes nos territórios periféricos; também apresenta a complexidade e a riqueza cultural desses jovens. A partir desse podcast, busca-se promover um diálogo inclusivo e empoderador, inspirando ações de transformação e fortalecimento das comunidades periféricas.

Nos tópicos que se seguem, trazemos alguns dos trechos que consideramos mais importantes de cada episódio já disponível na plataforma, que pode ser acessado integralmente no link: (<https://youtube.com/playlist?list=PLqVPXRNhiDeuKsbWwkuk-S5NLYhjU0Zpy>).

5.6.1 EPISÓDIO 1. RESIDENCIAL PÔR DO SOL: UM TERRITÓRIO QUE PULSA

O primeiro episódio que abre a temporada teve como mediadora Mônica Izilda da Silva e contou com a participação de convidados: um jovem do bairro, que aqui assume o pseudônimo de Uirapuru, e duas lideranças locais, que assumem os pseudônimos de Semente de Girassol e Semente Erva-Doce.

A estreia ocorreu no dia 02 de junho de 2023, com duração de 1:33:05 h. No próprio bairro, de forma itinerante, os pesquisadores levaram alguns equipamentos sonoros, como microfones de mesa, câmeras e luzes, além de outros materiais, sendo alguns deles pertencentes ao Grupo de Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências (GENFEC).

Conforme consulta à estatística do canal Vozes Podcast no dia 26 de março de 2024, até o momento, o canal totaliza 9.616 visualizações. Como os vídeos ficam disponíveis para acesso aberto e livre, a estatística não é rígida nem precisa, podendo sofrer alterações.

Seguem algumas das falas do primeiro episódio que merecem destaque: Na voz da Semente de Girassol (2023):



Semente de Girassol (2023)

Os moradores precisavam disso: de assumir a nossa própria narrativa! Já falaram de nós sempre, sempre sem nós!

Acho que, aqui, desta forma, a gente assina as nossas narrativas e passa a falar por nós!

Antes de iniciar, eu vou falar sobre a Mônica! Mônica, você trouxe a energia que nós já não estávamos tendo. Mas não!

São muitos os pesquisadores que passaram pelo espaço; só passaram... ficaram não! E eles passavam e arrastavam muitos problemas para a gente desatar os nós! Aqui temos muito chão vivido!

O pessoal chega aqui querendo propor tudo, cara! Eles não querem ouvir ninguém, não! Uma vez, aqui, quiseram criar uma escolinha de futebol cheia de regras e diziam que os meninos, para participar da escolinha, tinham que estudar, comprovar nota e presença!

Às vezes, a única coisa que eles conseguem fazer, por conta do contexto em que vivem, é jogar bola, meu! Falei: “Moço, deixa os meninos jogar bola!” Para com esse negócio de papo de escola; se ele não se sente à vontade na escola... e ainda tiram dele a única coisa que ele tem para fazer, que ele gosta, e com a qual ele tem esperança!

Anos atrás, os meninos daqui dividiam água da torneira que tinha no espaço com os cachorros; os cachorros lambiam a torneira onde os meninos bebiam água! Os cachorros tomavam água lá, e os meninos tomavam água depois! Fico pensando como o poder público é falho!

Quantas camadas foram desconstruídas para chegar aqui! Estou dentro de um programa de podcast! Estou aqui entendendo ainda essas falhas; porém, é preciso dizer que o Residencial Pôr do Sol tem um trabalho em rede que dá inveja a muitos lugares e cidades!

Aqui é um trabalho integral, de rede, de gestão compartilhada e com uma comunidade que se envolve! O bairro tem aproximadamente de 12 a 15 mil moradores.

Surgiu em 1999; o povo vinha no caminhão de arara. Eu vinha com a minha avó. Hoje, acredito que foram jogando o povo aqui, tirando o povo da cidade e jogando tudo aqui. Aqui não tinha transporte, não tinha nada... nada! Só uma rua!

Quem saía da ponte para cá tinha uma história para contar! Acho que pensavam assim, tranquilo, que não ia dar trabalho para nós, não! Dois, três, quatro, cinco, seis meses atrás, eu conheci um município que chegou numa média de sete a oito homicídios. Era muito diferente daqui, porque eu acompanhei a estatística daqui do bairro e passei a me aprofundar nas ideias, né? Porque aqui foi zero.

Aí esse estigma que foram construindo, que foram estruturando... e eu tive a oportunidade de trabalhar com esse estigma, tanto no quantitativo quanto no tempo real! Não o senti, né? Porque o poder da mídia foi se caracterizando, foi nos dando uma identidade que nem nós sabíamos que tínhamos!

Escutei uma fala ontem, e é bem isso: é preciso “hackear¹⁹” a universidade. Mas como é que faz isso? Aí coloca o povo preto lá! Aqui o bairro é formado na sua maioria, 99,99%, por povo preto!

¹⁹ Entendemos a expressão "hackear a universidade" proferida pela Semente de Girassol (2023) a uma série de ações ou abordagens que visam transformar ou subverter as estruturas tradicionais e os métodos convencionais de ensino e aprendizado dentro das instituições acadêmicas. O termo "hackear", nesse contexto, não se refere ao ato malicioso de acessar ilegalmente sistemas de computadores, mas sim a um uso criativo e inovador para desafiar e remodelar as práticas existentes. Fonte: Autores (2023)

Fazemos todos os mecanismos possíveis porque queremos salvar os nossos, mas quem inventou essa parada não foram nós. Os caras aqui nos mataram e continuam matando até hoje, e nós estamos só segurando, né?

Teve uma festa aqui coletiva; os moradores organizaram umas barraquinhas, correram atrás de tudo... uma organização fantástica! E eu era coordenador lá no Céu das Artes. A polícia chegou aqui e pediu para eu mostrar meus documentos. Não satisfeito, gritou: “MÃO NA PAREDE!” e “DEITA NO CHÃO”! Eu disse: “Eu sou coordenador do espaço; estou fechando o espaço; pô, não vai deixar não!” Por isso que eu falo: estamos numa frequência há uns anos! Precisamos de segurança pública e menos estigmas, em especial por sermos pretos e da periferia!

É necessário termos um local onde consigamos nos desenvolver confortavelmente! Estou aqui escutando as falas e fazendo minhas anotações e, de repente, pensei na Lei 10.639, que é muito falha, né? Porque é obrigatória no ensino básico, mas não no ensino superior! Há uma lacuna na formação, porque, na hora em que o professor está dentro da sala de aula, não consegue deixar um moleque preto da escola pública à vontade!

E não é qualquer um que vai chegar lá e babar ovo, não, gente! Tem uns mestres dos saberes populares que viveram para isso, então só coloca esse pessoal no denominador comum da universidade, porque, dessa forma, os meninos vão ficar mais à vontade em dialogar na mesma linguagem que eles entendem!

Mostrando para eles que, quem sabe, há possibilidades de não apenas se tornarem vereadores, mas quem sabe até o próximo presidente da República!

Porque, assim, precisamos deixar registrado que não precisamos da política do Estado, pois ela é devastadora; ela mata, esmaga!

Somos carentes de políticas públicas consolidadas, de políticas de verdade! Que possam pensar nos coletivos, políticas que considerem a ocupação de espaços e a valorização das vozes!

E para finalizar: “Esse bairro existe! E o que desejamos é respeito, e que as políticas públicas e as mídias possam ressignificar os olhares sobre nós” (Semente de Girassol, 2023).



A voz da Semente Erva-Doce (2023) também ressoa no podcast @vozes:



Semente de Erva-Doce (2023)

Acredito que o Pró-R ele hoje tá se estruturando mas essas ações elas, já vem acontecendo aí ao longo dos anos! O Residencial Pôr do Sol ele é um organismo vivo e dinâmico!

Eu acredito que podcast vozes podcast está nascendo hoje, porque é de verdade... com verdade... porque pulsa verdade (Semente Erva-Doce, 2023).



Na voz do jovem Uirapuru (2023), vozes outras juvenis são ressaltadas:



JOVEM MARIA-PRETA-DE-BICO-AZULADO (2023),

“Estar aqui nesse palco hoje é como se eu fosse realizar um sonho. São 12 anos que eu tô no funk e para nois chegar aqui, tivemos muitas barreiras, temos muitas barreiras, mas nois vamos chegar lá, não vamos desistir não. Só agradeço a Deus. Que eu amo cantar, né? Tá ligado!”

Tem muito preconceito por esse estilo musical. Quando a gente tava no posto ali colocando uma gasolina no carro para nois vim, vimos um carro da polícia lá parado.

Aí tiramos as correntes, os bonés, porque podia dar alguma coisa errada, a gente preferiu prevenir isso, tá ligado? Geralmente, as pessoas têm muito preconceito e precisam abrir a mente, entendeu?

Pra pensar de uma forma diferente, entendeu? Porque acho que, pra elas, um trap, um funk, é coisa de criminalidade. Às vezes não. Na maioria das vezes, a gente tá passando uma mensagem positiva, entendeu?

Se você pegar e analisar cada palavra, cada frase, cada estrofe, você vai ver que a gente tá passando uma mensagem sempre positiva, entendeu? A gente não tá mostrando pra molecada tomar aquele caminho, mas assim, mostrando a realidade que a gente viveu (Jovem Maria-Preta-de-Bico-Azulado, 2023).

O jovem Sabiá-Laranjeira (2023), também participa da conversa:



JOVEM SABIÁ-LARANJEIRA (2023),

“Tá aqui, era nosso sonho nosso! Sonho também em progredir, sem pensar só no Cash! Como diz, de incentivar as crianças a sair da rua, porque o mundo lá fora é difícil!”

E a gente sente que inspira muitas crianças com essa arte! Tenho fé em Deus que vou conseguir realizar esse sonho! O sonho de ser reconhecido não só no país, mas no mundo (Jovem Sabiá-Laranjeira, 2023).

O Jovem Uirapuru (2023) participa da roda de conversa e faz suas contribuições:



JOVEM UIRAPURU (2023)

Hoje a gente é espelho para as crianças, né? Em qualquer lugar que a gente chega, a gente é bem recepcionado, é bem recebido, com um carinho enorme.

Mesmo com a nossa humildade, temos muito carisma e aí a gente consegue conquistar os corações, entendeu?

Então a gente tenta passar uma visão melhor não só para as crianças, mas também para os jovens, adolescentes e até para os adultos.

Seja um trap, seja um funk, seja um rap, seja um pagode, seja qualquer coisa.

Estamos aí no rap, cara, há mais ou menos 10 anos. Eu sempre tive vontade e sonho de duas coisas: ser jogador de futebol ou cantor. Quem nunca, né? Ainda mais da periferia! Infelizmente, por alguns motivos da vida, não deu certo. Resolvi então seguir um segundo sonho, que era cantar.

A minha primeira oportunidade quem deu foi um padre. Eu cantei rap na igreja, assim, em teatro nunca tive oportunidade, não!

O rap me proporcionou muitas coisas, coisas que hoje em dia acho que eu não teria, até para pensar sobre muitas coisas!

De lá para cá, Deus veio abençoando a gente. Eu dei uma parada também por conta da pandemia e cheguei a perder o meu canal! O canal já tinha mais de 98 mil inscritos, já estava monetizado, uma das músicas lá.

É muito gratificante o espaço que você está proporcionando para a gente. A gente fica até sem palavras porque você está dando, abrindo espaço, abrindo portas para quem não conhece a gente conhecer e até para a gente alimentar o sonho!

Talvez você não tenha nem a dimensão do que você está fazendo por nós! Queremos deixar aqui em aberto para que as pessoas possam refletir sobre quem é o Pôr-do-Sol. O Pôr-do-sol são essas histórias; o Pôr-do_Sol é esse estigma que precisa ser desconstruído, assim como no bairro Rio de Janeiro, Copacabana.

Esse movimento é interessante porque traz aqui a realidade não só do 2000, mas a realidade de várias comunidades da periferia aqui da cidade e de outras também, né?

Por detrás do boné, por detrás de um colar, por detrás de um capô, também tem uma alma, tem um coração. Não é todo mundo que é da maldade, não é todo mundo que é um criminoso, não (Jovem Uirapuru, 2023).

5.6.3 EPISÓDIO 3. RAP NA FRONTEIRA: MOVIMENTO CULTURAL E POÉTICO DAS PERIFERIAS

O terceiro episódio foi novamente realizado no palco do Teatro Experimental de Uberaba, reunindo lideranças do rap do Residencial Pôr do Sol e de bairros periféricos nos arredores da cidade. Essa iniciativa permitiu que esses jovens apresentassem, nesse espaço, suas vozes por meio da arte e da música.

O episódio foi lançado no dia nove de junho de 2023, com duração de 26 minutos e 34 segundos, alcançando até o momento 1.081 visualizações.

Esse episódio é o resultado de um projeto coletivo de jovens do Residencial Pôr do Sol com jovens do seu entorno, da cidade de Uberaba, MG, que, para além do direito à palavra, merecem a escuta dos poderes públicos, sociais e culturais.

Neste sentido, apresentamos talentos regionais das periferias, com todas as suas diversidades, adversidades, resistências e rupturas político-socioculturais.

Destacamos aqui uma das letras que, neste dia em especial, foi apresentada pelo grupo de rap do Residencial Pôr do Sol, que se chama “Conexão 2000”:

*[...]conexão 2000 são 2 100 mil são rdf...vish
 É da quebrada!!!! Se manter vivo é segredo pra sorrir...
 Tudo que a rua me ensinou eu adquirir...
 Se trilhar passos errados...você cai
 Muito mas se quer paz então... corre atrás!
 E o segredo pra você se manter vivo!
 Quantos já vi se perder...mu, flash de um tiro!
 Também já corri lado a lado com perigo e ganhei de brinde...
 O risco como o meu melhor amigo...
 Justiça é o mato covardia que judia
 Ainda tem o barba que confia nessa justiça
 Será que tudo isso acaba ou será que é o início
 Eu fico preocupado com o futuro dos meus filhos
 Imagine esse brasil daqui a uns 20 anos
 Com as calamidades muitos casos desumanos
 É meu Deus nos proteja com suas fortes mãos santas!
 Mergulho nas suas palavras e me mantenho na sua esperança
 Me escondo... mas tenho fé num futuro melhor
 Pois a cena que se vê essa sim é de dar dó!
 Olha só os meus pensamentos ... não tem como evitar!
 Mãe que mata sua filha e joga do sexto andar!
 Também luto por paz, liberdade, igualdade, união e muita reflexão...
 Tamo junto com os irmãos certo
 Justo e correto aqui não tem judaria
 Só tem papo reto
 A vitória vai ser nossa e a lutar nunca para a companheira
 Há muito tempo nos mostram Uberaba
 Vamos parar com as guerras
 Nós temos que nos unir
 Matando o crime... nos permitir o sorriso
 Tem que parar para pensar todos estão
 No mesmo corre... não me leva a mal parceiro
 Sua mãe que chora e sofre ...
 Pelo filho que teve uma morte precoce
 Se errou vai ser cobrado...ouça o estalo do chicote!*

Se manter vivo é segredo... pra sorrir
 Tudo a rua me ensinou eu adquiri...se trilhar passos errados você cai muito
 Mas se quer paz então corre atrás de um segredo para vencer e se manteve quando
 Já corri lado a lado com perigo e ganhei de brinde o risco como melhor amigo
 Sabe bem quem na caminhada escolhe o lado errado
 Dos assaltos a mão armada, assassinato
 Por dinheiro
 Palhaço tatuado de Uberaba ao df é só os
 Monstros máquinas fácil
 Conexão 2000...força total o bpve mg até o déficit
 Criminal cotidiano de muitos continuar
 De bares ...meu raciocínio de favela vem da terra
 Corpos crivados de balas
 A chuva lava... mas lembranças são manchadas de sangue
 Muitos se vão nessa ilusão...
 Eu nasci foi na favela...nunca soltei pipa não...nem o playground eu fui
 Por cima da laje...o sistema quer ver vc cheio de guerra... se esquecendo da paz
 Rapaz tem que ter fé em deus que é o caminho
 É estreito... mas tem que se manter
 Viver é um segredo
 A tia dobra os joelhos a Jesus
 Ela implora...enterrou seus dois filhos
 Forças para viver... nem motivos pra sonhar
 Se afunda na depre na espera de deus vim buscar
 Será que meu deus tá vendo todo esse sofrimento
 Será que ele vai voltar pra acabar com esse tormento ou será que ele
 Esqueceu da sua criação divina o homem
 O homem não tem mais medo de morrer...nem de ter salvação
 Vai em busca do placar e obter ostentação
 Hoje em dia tudo compra, amor, felicidade a verdade e mentira inveja e
 Falsidade
 Abra os olhos que do seu lado
 Tem muita gente que gosta de esperar a
 Hora certa pra te apunhala nas costas
 Será que a paz tá morta
 Se está viva...então cadê?
 Tá distante dos meus olhos eu já não consigo ver
 O que eu vejo é matança, vingança e muita dor e sofrimento
 Covardia pelo amor
 Quem sabe um dia eu possa presenciar essa paz ou
 Talvez quando chegar eu já não exista mas
 Vou caminhando na fé...orando pelas crianças porque o mundo
 Está morrendo... quem não morre é a esperança
 Se manter vivo é segredo pra assumir
 Tudo que a rua me ensinou eu adquirir...se trilha passos errados você cai
 Muito mas se quer paz então corre atrás
 E o segredo para vencer e se manter vivo (Conexão 2000, 2023).

5.6.4 EPISÓDIO 4. "PRECARIZAÇÃO E ALIENAÇÃO": #REVOGA NOVO ENSINO MÉDIO

O quarto episódio da primeira temporada ressurge frente aos dilemas e desafios vivenciados pelos jovens do Residencial Pôr do Sol, que não possuem escolha de turnos para estudar.

No território, a escola de Ensino Médio não possui prédio próprio e coabita na escola municipal do bairro durante o turno noturno, horário em que o município não oferece nenhuma modalidade de ensino.

Para que essa organização aconteça, a rede municipal ocupa o prédio nos turnos matutino e vespertino, enquanto a rede estadual atua apenas no período noturno. Ou seja, os jovens do bairro ficam sem a opção de acessar o Ensino Médio em períodos que não sejam o noturno.

Entendemos, enquanto estudiosos da temática de juventudes e Ensino Médio, que a situação já precária da escola de Ensino Médio do Residencial Pôr do Sol se agrava, pois não possui nem prédio próprio, nem instalações adequadas, muito menos a possibilidade de oferecer ensino em todos os turnos como forma de ampliar oportunidades de escolha.

A preocupação se intensifica com o projeto do Novo Ensino Médio, conhecido e ironicamente referenciado pela sigla (NEM) — "nem estuda, nem se profissionaliza, nem segue a vida acadêmica, nem há aprendizagem", sendo popularmente chamado de "NEM RETROCESSO"!

Considerando que o Novo Ensino Médio prevê alterações que incluem o aumento da carga horária, a situação dos jovens do Residencial Pôr do Sol se torna ainda mais preocupante.

Eles não têm opções de escolha nem mesmo para o turno e muito menos para o itinerário, além de não contarem com políticas públicas que garantam o acesso à escola em turnos regulares, sem a necessidade de trabalhar para sobreviver e garantir o mínimo necessário.

O Novo Ensino Médio é fruto do Projeto de Lei (PL) 2.601/2023, que prevê alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/1996). Segundo a proposta, a Formação Geral Básica (FGB) deve ocupar 2.400 das 3.000 horas de atividades do Ensino Médio e ser ofertada exclusivamente de forma presencial.

Entre as disciplinas previstas estão Língua Materna (para populações indígenas), Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia. Desde a implantação do Novo Ensino Médio, tem havido uma tentativa de reorganização dessa etapa de ensino, frequentemente conhecida por estudiosos e pesquisadores como "desorganização" dessa etapa, aprovada em 2017 pelo governo de Michel Temer e implantada em 2022 pelo governo da extrema-direita de Bolsonaro.

O Novo Ensino Médio tem sido alvo de críticas por parte de estudantes e outras pessoas ligadas à área da educação. Frente a esse descontentamento, um projeto de lei protocolado na Câmara dos Deputados no início de 2023 prevê a revogação do modelo do Novo Ensino Médio e a substituição por um modelo diferente, que privilegia a FGB, incluindo disciplinas tradicionais, como Língua Portuguesa e Matemática, em detrimento dos itinerários formativos que, em tese, serviriam para oferecer aos estudantes um aprofundamento em áreas específicas, como pontua um dos pesquisadores e estudiosos da temática juventudes (Leão, 2023).

Leão (2023) é um dos nomes de pesquisadores e estudiosos que têm defendido a revogação do Novo Ensino, dialogado com o Ministério da Educação, pontuando que para avançar na qualidade da educação pública é preciso infraestrutura adequada nas escolas, valorização profissional e um processo de aprendizagem atrativo, com uma base ampla, sólida e plural. O pesquisador ainda faz um alerta sinalizando que a reforma do ensino médio, por si só, pode não resolver o problema, por isso sugere a revogação desse projeto.

Neste sentido, o quarto episódio dessa temporada foi pensado e organizado a partir desses movimentos e com a participação e aceite do Professor Dr Geraldo Leão para participar do episódio, docente e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e também um professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Mário Assunção.

Além da participação dos professores Leão (UFMG) e Assunção (IFTM), participaram também as jovens Beija-Flor (Residencial Pôr do Sol), e as jovens Dançador-de-Cauda-Graduada e Tangará (Parque Sabiá).

Em virtude da distância do Professor Leão, especificamente, da cidade de Belo Horizonte, fizemos alguns ajustes para a realização desse diálogo, entre eles a transmissão e organização desse Podcast de forma remota, no formato de live, uma transmissão ao vivo realizada pela internet, na plataforma de rede social do YouTube.

O episódio foi realizado no formato ao vivo, ficando disponível para o acesso do público e inscritos no canal Vozes Podcast no dia quatorze de junho de 2023, com duração de tempo 1:30:57 minutos, alcançando até o momento 1121 visualizações.

A participação de um Professor do IFTM, é dada na ausência do desejo e no receio de professores da escola de Ensino Médio do Residencial Pôr do Sol em participar do Podcast e sofrerem retaliações frente a possíveis críticas que por vezes pudessem serem ressaltadas ao longo da transmissão, e por não possuírem vínculo efetivo no Estado, serem dispensados dos referidos cargos de professores que ocupam na rede.

Geraldo Leão (2023) inicia a fala no Podcast desejando ouvir os jovens participantes do episódio, considerando que estão na ponta do iceberg e os mais silenciados nesse processo de implementação do Novo Ensino Médio.

A jovem Beija-Flor (2023), participa da escola do Residencial Pôr do Sol, porém a conexão com a internet estava bem ruim, assim a queda na live era constante, mostrando de forma e em tempo real uma das possíveis fragilidades do sistema e de infraestrutura, como por exemplo o acesso à internet das escolas públicas. E no entra e cai da live, Beija-Flor (2023) insiste na participação:



JOVEM BEIJA-FLOR (2023),

O novo ensino médio pode ser bom e dar certo para alunos de 14, 13 anos que não precisam trabalhar e que têm mais tempo. Tirando isso, pode ser uma enganação.

Eu tenho vontade de fazer advocacia, né? E eu acredito que, como foi falado aqui, as matérias do novo ensino médio são um assunto meio mastigado do que a gente já estudou, certo?

Eu acredito que tenho que saber sobre biologia, sobre tudo, porque como é que eu vou chegar lá e vou falar sobre leis, né? Sobre artigos de tudo, se eu só sei português e matemática, e de forma bem básica.

E também, em questão assim, eu acho que, já que é para melhorar, então a gente tem que melhorar, porque como que eu vou melhorar se a escola não tem infraestrutura, igual no nosso bairro, onde a gente não tem nem um prédio para a escola?

Vocês estão acompanhando aqui a problemática da internet, e a gente tem só um ponto de acesso. O investimento é necessário.

É preciso investir no ensino médio e não ficarmos só no projeto de ensino.

Muita coisa precisa ser revisada. Vejam a nossa realidade: não temos uma internet decente, quem dirá um prédio?

Vale ressaltar também que a escola está um caos. Tem professor que tem uma aula por semana e não consegue passar toda a matéria, vai passando tudo por cima.

Eu acho assim: estava questionando aqui na escola... parece que o estado não quer pessoas para debater, pessoas para bater de frente. Porque eu posso ser uma ameaça ao sistema (Jovem Beija-Flor, 2023).

A jovem Dançador-de-Cauda-Graduada, que frequenta uma escola da rede pública em outro território periférico da cidade de Uberaba, participa do diálogo



JOVEM DANÇADOR-DE-CAUDA-GRADUADA (2023),

são matérias muito importantes, principalmente para as pessoas que pretendem prestar vestibular. Então, acaba complicando muito, né?

Algumas matérias são bem inúteis mesmo. Tipo, por exemplo, às vezes ficam até sem professor.

Esse ano, na minha escola, quem ficou responsável pela disciplina Projeto de Vida foi um professor de física. Ele mesmo já comentou com a gente que estava totalmente despreparado, mas acabou indo até o final das contas!

Assim, foi uma coisa muito desorganizada, acho que tanto para os professores quanto para os alunos.

São muitas questões, tanto a diminuição de matérias básicas que são essenciais para a gente que quer prestar vestibular mais para frente, porque o ano passado todo, que foi o nosso primeiro ano do ensino médio, foi praticamente só revisão, então a gente não teve matéria direito.

Mesmo agora, no segundo ano do ensino médio, a gente já está na metade do ano e não tem muita evolução. E, ano que vem, a gente já vai para o terceiro ano, né?

Prestes a acabar a escola, como fazer um Enem? Outra questão é o aumento de horas na escola. Ficar o dia todo na escola, tenho amigos que trabalham à tarde, outros fazem curso e como estudar?

Os alunos acabam desistindo de estudar; outros não conseguem acompanhar todas as aulas, precisam sair mais cedo para trabalhar ou fazer curso.

Ficam bem perdidos, perdem matéria... Alguns professores dão uma amenizada, passam um trabalho, mas a matéria em si não aprendem, porque têm que ir para o curso, porque têm que trabalhar. Então, fica muito difícil.

Uma coisa que um professor nosso do ano passado comentou, que ficou na minha cabeça, é que, se na escola são seis horários, por exemplo, tirando 10 minutos de cada aula, cada aula teria 40 minutos. Assim, daria para todos fazerem as seis aulas em um horário normal, que é das 7 às 11:25.

Então, tem muitas questões que foram assim, bem mal estruturadas mesmo. Eu acho que seria muito melhor se não tivesse tido esse novo ensino médio (Jovem Dançador-de-Cauda-Graduada, 2023).

“

”

O Professor Geraldo Leão- UFMG (2023) faz as suas contribuições:



PROF. GERALDO LEAO (2023)

Então, gente, é ótimo ouvir vocês, principalmente os jovens que aqui participam desse podcast, estudantes do ensino médio, que trazem uma realidade desafiadora, né?

Tira um pouco a sensação também de que a gente fica idealizando uma proposta de ensino médio a partir das nossas teorias, sem dialogar com a realidade.

Quer dizer, as críticas que a gente está fazendo são críticas a partir do que os estudantes estão trazendo, né?

A questão que vocês trazem (os jovens) em relação à condição docente é uma realidade também: a ausência de professores para muitas disciplinas e, de uma maneira geral, vocês (jovens) trouxeram a precarização da condição docente.

Como que a gente pode pensar num novo ensino médio realmente construído a partir do chão da escola se um ator central, os jovens, as professoras e os professores, não estão incluídos? A questão da valorização dos profissionais é importante, porque sabemos que não são valorizados como deveriam ser, né?

Eu acho que essa é a primeira questão que a gente tem que pensar. O que também me chama muito a atenção é como surge uma política e ela vai sofrendo arranjos de acordo com a realidade, né? Ela foi pensada como? Para um aluno ideal, né? Alunos com condições de passar um longo tempo na escola, que vão contar com suportes para se orientar nessa questão do currículo, né?

Para suprir determinadas necessidades, que talvez a escola não ofereça e que a pessoa individualmente gostaria de ter acesso a essa formação.

É uma realidade da maioria das pessoas que estudam nas escolas públicas, né? Começando dessa forma, os arranjos, né?

É a provisoriade: estica o horário e mais uma hora, atribui aulas para professores sem a formação necessária ou, ainda, reorganiza a escola a partir do quadro de professores e formações.

Há um investimento na formação de adolescentes para mão de obra barata, estudantes esses que já estão trabalhando muitas vezes com trabalhos precários. É notório saber! Professores que vão dar aula sem formação para aquele conteúdo fundamental. É fundamental pensar nos projetos de vida. Não dá para a gente pensar em tratar um conteúdo tão sensível da forma como está sendo tratado.

É como se qualquer um pudesse falar de projeto de vida de qualquer maneira, suprimindo lacunas de carga horária que faltaram para eles porque foram cortadas, né? Não é possível, por exemplo, que é estarrecedor que um professor de física em um país que tem tanta carência de professores nessa área de física e química esteja colocado nessa condição.

É realmente uma negação do direito a um ensino médio de qualidade e de formação para as camadas populares que são aquelas que recorrem à escola pública. A segunda questão que eu acho fundamental a gente pensar é na questão da escola de tempo integral, né?

São todos que estão na condição real de frequentar uma escola em tempo integral? Então, como que a gente vai fazer com os jovens que moram no campo, por exemplo, que não têm acesso e condições de frequentar uma escola de tempo integral, ou de jovens que estão no noturno, como é o caso aqui exposto pela jovem Beija-Flor, que nem oferta de ensino durante o dia, porque nem prédio próprio possuem? Ou ainda temos os jovens que querem fazer ou que precisam fazer outras atividades no contraturno, né?

Não é apenas a questão do tempo, mas a concepção de educação integral é uma perspectiva que já vem sendo construída em várias experiências históricas desde os anos 50 no Brasil.

Proporcionar uma formação integral requer um processo de uma escola organizada para que a integralidade aconteça, uma escola com condições de compreender e se formar em vários aspectos da dimensão humana. Não é ocupar o tempo dos jovens e dos adolescentes para passar mais tempo na escola com atividades que às vezes não fazem sentido.

Vocês tocaram nessa questão, né? De professores ficarem mastigando um assunto, um bimestre atrás do outro, repetindo conteúdos que às vezes não fazem sentido, ou coisas que para a gente, da nossa experiência, não fazem sentido.

Quando a gente pensa na perspectiva de educação integral, estamos pensando na perspectiva de uma formação que nos permita compreender a nossa identidade, compreender o nosso lugar no mundo, compreender nossa realidade em seus múltiplos aspectos: aspectos políticos, sociais, biológicos, geográficos, históricos. Quer dizer, a gente se compreende nessa sociedade, se reconhece nessa sociedade.

É impressionante como as avaliações falam para além dessa promessa de que os jovens poderiam escolher, né? A gente pensa nos 1.526 itinerários e aí a gente pensa assim: “Oba, vou ter 1.500 opções”, quando na verdade isso não existe! A opção é uma só que a escola oferece, no máximo.

E esse estudo foi feito pelo MEC no Rio de Janeiro, em que a maioria dos municípios do Estado do Rio de Janeiro estava oferecendo a mesma opção. A mesma opção, não é oferecer só uma não, é a mesma! Algo em torno de Vida Saudável, alguma coisa nesse sentido.

Quer dizer que não dá mais! É uma banalização da formação e uma redução dessa formação a um aspecto da vida das pessoas, e isso significa a negação de um direito que estaria sendo universalizado se a gente respeitasse e valorizasse.

A gente vem denunciando esse processo desde 2016, esse atropelamento da discussão e de imposição de uma perspectiva única para o ensino médio, muitas vezes tomando referenciais de discussões e categorias que a gente vinha apontando a partir das interações com os estudantes e com professores do ensino médio, né?

Várias questões sobre a necessidade de repensar esse modelo, o excesso de disciplinas, a precariedade da escola. Então, é necessário discutir projetos de vida e categorias, instrumentalizando uma outra direção. Acho que isso é uma questão para a gente pensar!

Outra coisa que me preocupa muito é a necessidade de superarmos essa perspectiva muito polarizada da discussão. Não é ficar de um lado ou de outro, direita ou esquerda; a gente vivencia no Brasil hoje, em vários campos, essa polarização: eu sou contra ou a favor!

Não é só ficar nos argumentos contrários, para não permanecer nessa toada, inclusive utilizando recursos públicos para fazer a propaganda para a reforma sem ouvir, de uma maneira mais ampla, a sociedade.

Penso que devemos nos posicionar de uma forma afirmativa. Nós não somos contra; o que queremos é que a escola discuta o projeto de vida com seus estudantes, buscando demanda por formação profissional e humana, enquanto real e negando apenas a formação técnica.

Quanto ao alargamento do tempo escolar, desde que possibilite outras relações curriculares, não há nenhuma oposição a isso. O problema é como isso tem sido implementado e qual direção tem sido tomada.

Então, acho que precisamos instaurar outro momento de debate e discussão para reafirmar nossas propostas e fazer a crítica positivamente em cima das nossas propostas, para que não sejamos acusados de defender aquele ensino médio arcaico que faz com que muitos jovens evadam da escola (Leão, 2023).

O Professor Mário Assunção- IFTM (2023) dá continuidade no diálogo:



Arquivo Pessoal

PROF. MÁRIO ASSUNÇÃO (2023)

Sobre essa realidade já de implementação, eu sou da história. A minha formação inicial é da história. Então, a gente tem aquela questão de que tudo do histórico precisa de uma análise, um contexto.

O ensino no mundo ocidental, como um todo, mas sobretudo nós que fomos colônia, é pautado a partir da elite e, a partir da elite, ele é projetado para os outros. Bourdieu fala do capital cultural, né?

O capital cultural é estabelecido a partir de determinados currículos, e essa escola vai seguir esse currículo, que nem sempre faz sentido para trabalhadores. Não faz sentido para aqueles que carregam verdadeiramente o país nas costas, vamos dizer assim, né? E é muito interessante porque nós, que criticamos o novo ensino médio, não estamos defendendo o antigo ensino médio.

Isso é muito importante que seja pontuado. Estamos pontuando e criticando a forma como tem sido feito esse novo, que é um verdadeiro paradoxo em relação à ideia e à prática. É o que parece, mas não é. Eu acho que a definição é bem essa: parece mais, não é, quando se fala da propaganda do governo, né?

Por exemplo, em 2016, foi feita uma pesquisa pelo governo Temer (2016), e essa pesquisa colocou que mais de 72% das pessoas eram favoráveis à implementação. As perguntas que eram colocadas nesta pesquisa eram: “Você é a favor de um ensino médio que dê liberdade e autonomia ao estudante? Você é a favor de um ensino médio que possibilite ao estudante formação técnica? Que possibilite uma entrada no mercado de trabalho? Você é a favor de superar esse ensino médio que debate várias coisas que não são úteis?”

Então, eram perguntas tendenciosas que levavam a uma resposta positiva: “Sim, eu sou a favor!” Todos nós aqui, se fizéssemos essa pergunta para todos nós, seríamos a favor!

De repente, a gente percebe a implementação de um ensino no qual 88% dos alunos são de escolas públicas no Brasil, e percebemos que esse ensino custa a dar certo na escola privada, nesse modelo, que tem grande dificuldade de implementação na escola pública.

Já que, de início, foram levantadas a oferta de 1.526 opções de itinerários formativos a serem distribuídos em todo o Brasil, 1.526.

E aí, quando a gente percebe a cilada que está, não é apenas a questão dos nomes dos conteúdos como muita gente bate nos nomes dos conteúdos. O que rola por aí é como ser um milionário fazendo brigadeiro artesanal.

Não é a questão simplesmente do que se coloca, mas é a diminuição, por exemplo, da carga horária de 2.400 horas para 1.800 horas e a complementação por itinerários formativos que a maioria das cidades do Brasil não tem como ofertar. Não tem como oferecer.

Então, por exemplo, os estudantes de escolas públicas que querem fazer medicina, por exemplo — eu estou citando medicina como um curso extremamente concorrido — têm diminuídas as suas aulas de química, biologia, matemática, história, geografia, filosofia e sociologia. Ele tem diminuído essa possibilidade de entrada nesse curso.

Não vamos mudar o ingresso para cristalizar o novo ensino médio, mas não fazemos nenhuma das duas coisas. Então, o que a gente vê é a vedação ao acesso científico que percebemos. Para o aluno da escola privada, ele continua tendo as disciplinas que fazem parte da maioria dos ingressos na maior parte das universidades, os da escola pública, não!

Em algumas escolas públicas, o aluno vai ter que ir para outra cidade se quiser cursar um itinerário formativo, pelo perímetro que abrange o itinerário que ele escolheu. A ideia de

escolha também é uma ilusão porque não há professores preparados, não existe estrutura, não existe infraestrutura adequada.

E aí o aluno está sendo quase sorteado para fazer o itinerário, né? E ele é apertado pela possibilidade de futuro. Então, na verdade, a nossa percepção, pelo menos a minha percepção, é muito clara: se trata de um projeto para voltar à universidade para a elite, fazendo com que os estudantes mais pobres não tenham acesso, verticalizando o ensino, sem garantir acesso dos jovens da escola pública ou das camadas populares ao ensino superior e a um ensino médio de qualidade.

Por fim, ele tem que ser problematizado mesmo. Ele só foi universalizado em 2009. Só em 2009 que se começa a discutir a questão da universalização do ensino médio. Então, não existe um projeto de ensino médio nacional. Nunca foi debatido.

Um projeto de ensino médio nacional que nós temos ali é a reprodução de uma série de perfis excludentes que eu já falei. O que a gente percebe agora é uma escola para quem mais precisa, totalmente sucateada.

O que temos é uma grande divisão entre o que é e o que parece ser um projeto para realmente transformar o ensino em algo que pode capacitar, né?

Dar opções para os estudantes em suas vidas, sejam profissionais, sejam científicas, sejam acadêmicas, mas, na verdade, o que estamos vivenciando é um retrocesso e uma exclusão de grande parte da população no Brasil, em relação à possibilidade de um futuro que não seja voltado apenas para uma mão de obra barata, pouco qualificada e facilmente substituível.

No Plano Nacional de Educação, que traçou várias metas em 2014 para ampliação e efetiva universalização do ensino médio, o que me parece é que essa proposta vem exatamente para impedir que o plano nacional de educação seja efetivado, porque ele significa mais gastos para o Estado, mas investimento na formação e na valorização dos docentes.

Então, me parece que o novo ensino médio nasce como uma forma de redução dos gastos com a educação e controle da precarização desse trabalho. Não à toa, ele veio junto com a aprovação do texto do teto dos gastos sociais no Brasil, em regime de urgência, sem discussão nenhuma.

Preciso agradecer aos jovens pelos depoimentos e dizer para Beija-Flor que “você será advogada, sim!” A sua fala e a maneira como você se coloca mostram essa vocação. Fico muito triste quando percebemos que é a estrutura que o Estado deveria oferecer para que essas vocações, para que esses perfis, se realizem na melhoria social. Ao contrário, o que a gente enxerga é o boicote.

Então, eu vou colocar uma questão que me angustia muito: quando a gente debate a educação, não é nem o que a gente tem que fazer. Nós sabemos o que temos que fazer, e a pergunta que é a principal é se devemos reduzir gastos com a educação, que é um dos pontos centrais do orçamento da União, para que ele seja gerido por outras pessoas, tirando da rede privada.

Outra questão seria uma reforma trabalhista com um teto de gastos. Gente, pensem no ensino. Vou falar aqui do campus Uberaba, que é onde eu faço parte. Nós temos um integrado que combina o técnico com a formação humana. O estudante tem ali a sua formação completa; ele tem projetos de leitura, projetos sociais, de arte, e ele tem possibilidades de uma formação humana e técnica. Quando chega no terceiro ano, se ele quiser prestar um vestibular, ele está preparado para isso.

O modelo que funciona não é só isso, um instituto federal; ele tem que oferecer bolsas de estudo para estudantes de baixa renda para que eles possam frequentar o ensino durante todo o dia, bolsas de auxílio alimentação, auxílio permanência e projetos que tragam uma estrutura para que o aluno, para que o estudante que quer ter um Ensino Integrado possa ficar na escola. Assim, não teremos como a jovem Beija-Flor, que relatou que tem que trabalhar o dia todo e estudar à noite.

Como vocês mesmos falaram aqui, nós também sabemos das muitas dificuldades que, tenho certeza, vocês e seus colegas de escola têm para permanecer na escola. O índice de evasão no ensino médio do Brasil é maior do que 25%. Isso quer dizer que, a cada quatro pessoas, uma sai da escola e abandona porque não tem condição.

Outro detalhe: no IFTM, os professores têm dedicação exclusiva, com salários que, desde 2012, foram equiparados aos das universidades federais. Os professores que, em sua maioria, são mestres e doutores, têm programas de impulso à sua constante qualificação. No meu caso, sou professor, mas neste momento estou afastado para cursar doutorado e recebo integralmente o meu salário.

Os professores ministram, em média, 12 horas de aula em sala, e o restante é dedicado ao ensino, pesquisa e extensão. Antes de entrar no IFTM, cheguei a ministrar 60 aulas por semana em cinco escolas. Eu tinha mais de mil alunos e não sabia o nome deles.

Nesse novo ensino médio, como ele está agora, ele foi implementado de forma que muitos professores vão ter que dar aula em três, quatro ou cinco escolas porque terão que complementar a carga horária. Aí tem professores que, por exemplo, tiveram a redução da carga horária de química; o professor de química vai dar projeto de vida, por exemplo.

Ele vai ter que se virar para poder ter conhecimento geopolítico e conhecimento de mercado, e detalhe, com pouco tempo. E aí, né, professor, a gente começa a entender porque, em 2016, houve o debate do "notório saber", né? Porque se debateu muita questão do notório saber como possibilidade para que se pudesse ensinar nas escolas conhecimentos técnicos. Pessoas que provam seu notório saber.

Nós, que somos professores, sabemos muito bem que saber uma coisa é saber ensinar. Essa coisa é algo totalmente diferente, então temos a desvalorização do professor e a desvalorização da estrutura da escola.

A jovem Beija-Flor não consegue falar na live porque a internet cai toda hora. Detalhe, Beija-Flor e outros alunos que estão aqui do novo ensino médio...

A internet está caindo em Uberaba, e lá na Amazônia e no interior do Nordeste, né? Nós estamos vendo a dificuldade aqui na nossa cidade, que tem suas diferenças, e, em um país como um todo, como são as diferenças?

Quando Beija-F trouxe na fala "Parece que eles não querem que a gente pense!", a gente percebe que não é só uma aparência, não. É exatamente isso! Porém, estamos aqui reunidos agora porque acreditamos que isso pode mudar (Assunção, 2023).



5.6.5 EPISÓDIO 5. JUVENTUDES PERIFÉRICAS E PROJETO DE FUTURO

O quinto e último episódio da primeira temporada foi realizado no Residencial Pôr do Sol, no prédio da escola, no período noturno, no dia 26 de junho de 2023, com a participação do psicólogo clínico Rafael Cabral.

O episódio teve a duração de 1:34:58, alcançando até o momento 1.643 visualizações. Também estavam presentes e participaram alguns dos jovens que frequentam a escola no noturno, alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Seguem alguns dos trechos desse episódio:



RAFAEL CABRAL (2023)

Meu nome é Rafael Cabral, psicólogo e também da periferia. Sou de uma periferia lá do Volta Grande. Muitas pessoas também não acreditavam em mim.

Acompanhei muitos dos meus colegas sendo mortos ou perdidos nas drogas e no crime. Acompanhei atrocidades, assassinatos, vi pessoas violando o direito do(s) outro(s).

Tenho consciência de que faltou política pública também. Quem sabe se esses colegas tivessem tido mais informações e condições teria sido diferente, né?

Espero que uma pessoa em especial acompanhe esse podcast. Ele se chama Paulo Luciano. Ele tinha um projeto

da prefeitura chamado “Bem de Rua e Bom de Bola”, que foi uma das maiores escolas que eu tive de disciplina, de sentido da vida, de buscar a realização de um objetivo pessoal.

Paulo Luciano foi um grande influenciador na minha vida, um diferencial na minha vida.

Há pouco tempo, o encontrei em um posto de gasolina e cheguei para ele e falei: “Oi Paulo, tudo bem? Sabe quem eu sou?” E ele respondeu: “Rafael Cabral!”

Fiquei muito emocionado por ele ter me reconhecido. Eu falei que parte do que eu sou hoje eu devo ao Senhor e outra parte eu devo a uma pessoa que, para mim, é muitíssimo importante, que é o meu avô, porque é aquilo que eu disse para vocês: “Eu faço da minha história um movimento de mudança na vida do outro, porque meu avô sempre me fala uma frase. Todas as vezes que eu saio de casa, ele me diz: ‘Meu filho, nunca se esqueça de onde você veio!’”

A gente primeiro precisa nos transformar em um agente de transformação; a partir daí, a gente vai transformar outra pessoa e essa pessoa vai transformar outra, que vai transformar outra, que vai transformar outra, e montamos desta forma uma corrente de transformação.

É dessa maneira que nós mudamos o mundo. É dessa maneira que conseguimos fazer do mundo um lugar melhor.

Como eu sei que as pessoas que estão hoje aqui me ouvindo vão pegar um pouquinho do que eu falei, uma coisinha ou outra, e vão chegar talvez até para um amigo ou um familiar e dizer: “Olha, faça isso!”

Isso que importa. É isso que faz a máquina se mover, né? Ser um agente de transformação do mundo. Eu acredito em propósito de vida. Eu acho até que vai além de projeto de vida e perspectiva de futuro. Eu acho, porque o propósito de vida é transcendente.

Encontrar sentido na vida é a autotranscendência. Está em algo externo a você, então ele está sempre longe. Para isso, você precisa transcender de si mesmo; você precisa sair de você um pouco para o outro e muitas vezes a gente não quer fazer isso.

A gente tem uma fala muito comum que é assim: “Eu não vou ajudar o fulano, não, porque, quando ele precisou, eu estava lá, mas quando eu precisei dele, cadê o fulano?” Então, você fez trocas?

Não foi o gesto de transcendência de amor, foi uma troca. A mesma coisa; eu tenho criticado a questão da reciprocidade, porque as pessoas estão fazendo a reciprocidade uma moeda de troca, e reciprocidade é algo que você sente. É recíproco eu sentir, sem precisar falar.

Me lembro de uma passagem da Madre Teresa de Calcutá. Quando ela chega em uma feira de peixes, vai até um feirante e pede: “Você pode dar um peixe para os meus?” E ele simplesmente puxa um cuspe e cospe na mão dela. Ela olha o cuspe e fecha a mão. Retorna para o vendedor e diz: “Esse aqui é para mim agora! Você pode dar um peixe para os meus?”

Naquele momento, o vendedor não sabe onde colocar a cara por esse gesto de amor. Amor é isso; amor toca. Amor faz com que as situações se transformem.

Então, você me deu um cuspe. Agora, você pode me dar um peixe para eu dar para os meus queridos que estão com fome? Que estão com sede?

E aí, o vendedor dá peixes para ela, porque ela quebra uma linha que ninguém conseguiu quebrar. A única coisa que quebrou foi o amor pelo que eu me proponho a fazer. Então, isso é algo muito transcendente. Sai de mim para o que é quase impossível ter uma atitude altruísta assim nos dias de hoje.

Alguém encosta em você e você fica muito revoltado. Você briga e quer revidar. Você quer fazer com que a pessoa sofra, sendo que pode muito bem pensar em uma outra maneira de abordar.

Nossa, muito obrigado. É só isso que você tem para me dar? Eu agradeço muito, tá? Quem sabe, um outro dia, quando eu voltar, você não me forneça um pouco mais disso! Quebra todo o gelo, toda a raiva, tudo que acontece. A gente tem um exemplo de amor que a gente não precisa ser religioso para saber que é Jesus Cristo, e eu tenho para mim Jesus como um grande filósofo!

Uma pessoa que, de fato, transcendeu em todos os níveis possíveis da vida, de amor e desamor. Carregou uma cruz, foi acusado e não deveria ter sido acusado. E a última fala de Jesus Cristo foi quando o ladrão na cruz disse a ele: "Você não deveria estar aqui, porque você não fez nada e eu que fiz... os outros deveriam estar aqui!" E ele olhou para o ladrão e falou: "Hoje nós vamos tomar um vinho junto com o Pai!"

Antes disso, Jesus passou por todo o sofrimento e a única coisa que ele fez foi pedir perdão para as pessoas que estavam causando aquele sofrimento. "Perdoe, Pai, por não saberem o que fazem!" Em momento nenhum ele repudiou aquilo que estava acontecendo, se enfraqueceu ou ficou com raiva!

É por isso que ele foi tão brilhante. A sua passagem na Terra foi linda. Existe um livro, "O Mar Me Contou!" e uma das passagens desse livro é do autor que morava de frente para o mar. Ele relata o exemplo de garrafas quebradas nas praias, que muitas pessoas que ali transitam têm o hábito de jogar longe. Poucas são as pessoas que as jogam em lixos próprios.

Porque eu estou trazendo isso aqui? Porque, às vezes, a gente cobra a responsabilidade social em um nível macro e esquecemos das pequenas ações que podem fazer a diferença na vida das pessoas e do mundo!

Será que, se vivêssemos numa ilha, sozinhos, saberíamos o que era o amor? Acredito que não, porque conheço o amor a partir do outro. Tem uma passagem de um rapaz cujo pai teve câncer, e ele acabou assumindo o cuidado com o pai. Todas as noites, ele lia para o seu pai.

O rapaz refletiu sobre essa oportunidade que teve ao lado do pai até os últimos dias da vida dele e, com isso, agradeceu por seu pai ter tido câncer e não ter morrido de um infarto fulminante. Porque foi o tempo que eles tiveram para se aproximar e exercer o amor um pelo outro, e pela família também. Até na morte há um sentido. Temos sempre que buscar sentidos potentes, possibilidades!

Lembrei aqui de um trecho da música do Cidade Negra: "Você não sabe o tanto que caminhei para chegar até aqui!" As pessoas julgam os outros pela aparência, pelo lugar onde moram.

Desconsideram a história daquelas pessoas. Então, caminhando para o fim da minha fala, eu gosto muito de uma frase proferida pelo Mestre Oogway no filme Kung Fu Panda, que diz o seguinte: "Sua história pode não ter tido um começo feliz, mas isso não define quem você é - o ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é agora."

Então, não é porque tivemos um começo não tão feliz e desejável que não podemos sonhar, fazer planos para concretizar esses sonhos, os projetos de futuro. Não deixem os seus sonhos de lado, engavetados, porque vocês moram numa periferia (Cabral, 2023).

”

Um dos jovens que acompanha o podcast, é estudante da Educação de Jovens e Adultos, tem 26 anos e recebe o nome do passarinho Coruja-Buraqueira, pontua:

“



JOVEM CORUJA-BURAQUEIRA (2023),

Em nome da escola, dos moradores e dos jovens aqui do bairro, agradeço pela oportunidade que vocês têm dado pra nós.

Rafael eu confesso que as suas palavras elas me emocionaram bastante eu tenho curso de libras e eu tenho procrastinado bastante em prosseguir com esse curso eu já encerrei o curso, numas, eu tenho uma meta de vida de ser de me informar em letras e libras.

Inclusive eu tenho feito outros cursos, mas com as suas palavras você me fez reconhecer que eu posso alcançar o que eu quero e o que eu quiser, muito obrigado!

Amanhã eu vou escrever um outro capítulo no livro da minha vida (Jovem Coruja-Buraqueira, 2023).

”

A intenção do movimento "Vozes Podcast" é ser um espaço catalisador de vozes potentes e de temas necessários. Neste sentido, entendemos que o movimento deve ser contínuo.

Assim, será preciso realizar um recorte para a análise dessas falas e movimentos, buscando um aprofundamento maior nas discussões e análises necessárias.

Serão considerados para a análise os episódios que compõem a primeira temporada do Vozes Podcast: "Re-existir: sobre Juventudes periféricas, território e re-existência". Ao fazer um recorte, torna-se possível realizar a pesquisa de maneira mais concreta para alcançar resultados mais aplicáveis e robustos.

Com o objetivo de tornar a pesquisa focada, viável e significativa, serão apresentadas aqui algumas das temporadas em andamento; no entanto, a análise será realizada a partir dos movimentos e falas reveladas na primeira temporada: "Re-existir: sobre Juventudes periféricas, território e re-existência."

Desta forma, os temas da segunda e terceira temporadas podem ser contemplados nas figuras 37, 38 e estarão disponíveis também no canal do Vozes Podcast na medida em que forem sendo organizados e liberados para o público.

Figura 37. Episódios da 2ª Temporada Vozes Podcast “Juventudes e territórios populares: Espaços Acadêmicos e de Produção de Ciência”

**EM CONSTRUÇÃO...
2ª TEMPORADA
"JUVENTUDES DE TERRITÓRIOS POPULARES: ESPAÇOS
ACADÊMICOS E DE PRODUÇÃO DE CIÊNCIA"**

EP#01 - 2ª Temp: Juventudes e Territórios Populares: Espaços Acadêmicos e de Produção de Ciência
Vozes Podcast • 1,4 mil visualizações • há 2 semanas

Hip Hop e Ciência: Ritmo e Descobertas
Vozes Podcast • 2,1 mil visualizações • há 5 dias

**SEGUNDA TEMPORADA-
'JUVENTUDES DE...**

Vozes Podcast
Pública ▾
1 vídeo 22 visualizações Última atualização a...

Reproduzir t... Aleatório

A ciência é um campo que não deve ser limitado por origens sociais,

EPISÓDIO 3. As figuras escondidas da periferia e as meninas que sonham em ser cientistas

EPISÓDIO 4. Como ter uma educação antirracista.

EPISÓDIO 5. Juventude, trabalho e educação no Brasil

Fonte: Vozes Podcast (2023)

Figura 38. Episódios da 3ª Temporada Vozes Podcast - Juventudes de territórios populares em visitas em espaços públicos e culturais - engajamento e construção de sentidos



**EM CONSTRUÇÃO...
3º TEMPORADA
JUVENTUDES DE TERRITÓRIOS POPULARES EM
VISITAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS E CULTURAIS -
ENGAJAMENTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

**EPISÓDIO 1. Juventudes periféricas:
educação não formal e inserção**

**EPISÓDIO 2. Movimentos sociais e
culturais de um território periférico da
cidade de Uberaba**

**EPISÓDIO 3. Juventudes Periféricas e
Deficiências: desafios para a equidade**

EPISÓDIO 4.

Fonte: Vozes Podcast (2023)

A organização por temporadas nas plataformas de streaming e aplicativos de podcasts pode recomendar episódios relevantes com base nos interesses do ouvinte, já que eles podem identificar melhor os tópicos abordados em cada temporada.

O processo de construção dos episódios, junto às temporadas, é baseado em pausas e planejamento para o descanso, a pesquisa e a preparação do conteúdo futuro.

6. SOBRE(VOAR) COM AS JUVENTUDES E LIDERANÇAS NUM TERRITÓRIO PERIFÉRICO SOB OS OLHARES E O SENTIDO DAS NARRATIVAS

“A vida é a maior das narrativas, e a narrativa é a forma mais profunda da vida.”

(Mikhail Bakhtin, 1992)

O pensamento de Bakhtin (1992) nos convida a refletir sobre a intersecção entre vida e narrativa, instigando-nos a considerar como as experiências humanas se entrelaçam em histórias que colaboram para a formação das identidades, percepções e contextos sociais.

Essa perspectiva é fundamental no âmbito da pesquisa, pois reconhecemos que a metodologia narrativa vai além de uma mera técnica de captura de dados, constituindo-se como uma forma de entender e valorizar as vivências das pessoas, como enfatiza Cunha (1997).

Ao utilizar narrativas como ferramenta de pesquisa, reconhecemos que cada história traz significados profundos que vão além da superfície dos eventos narrados. Bakhtin (1992) sugere que nossas experiências e sentimentos estão intrinsecamente ligados ao modo como as histórias são narradas.

Assumir uma metodologia no formato das narrativas em um contexto periférico pode implicar que estas não são apenas versões dos acontecimentos, mas construções que expressam os desafios, as superações e a resiliência da juventude local.

Nessa perspectiva, o trabalho com narrativas em territórios periféricos contribui para uma melhor compreensão da estrutura social e das barreiras enfrentadas por essa comunidade.

Ao ouvir as vozes jovens por meio da narrativa, podemos captar a essência de suas experiências e refletir sobre como essas vivências se articulam com questões mais amplas de marginalização e exclusão social.

Desde o início, nossa intenção como pesquisadores foi sentir e compreender o território em questão, reconhecendo sua importância e a apropriação feita pelos moradores. Para a realização desse trabalho, foi essencial experienciar o local, capturando sua pulsação e escutando cada história de vida que fosse possível.

Essa imersão nos permite perceber que a juventude não é um conceito homogêneo, mas um campo rico e diversificado, onde as experiências individuais se cruzam e formam uma tapeçaria de vivências coletivas.

Cientes de que, para entender a juventude local, era necessário perceber como e em quais espaços os jovens se constituem, reconhecemos que suas experiências são formadas por

suas histórias de vida. Assim, o movimento foi de fora para dentro, até que o próprio território nos permitisse adentrar nas profundezas dessa juventude.

As narrativas, nesse contexto, são mais do que histórias orais; cada uma delas representa um universo de experiências. Ao tornarem-se protagonistas de seus relatos, os jovens e as lideranças comunitárias oferecem uma visão única que reflete suas realidades e lutas.

Cada narrativa que enriquece nossa pesquisa assume, portanto, um papel central ao valorizar os participantes, favorecendo a escuta atenta de vozes frequentemente marginalizadas e esquecidas por políticas públicas e pela academia.

Acreditamos que esta valorização é fundamental, pois proporciona uma representação mais justa e completa das realidades enfrentadas por essas pessoas, permitindo que suas histórias, experiências e lutas sejam devidamente reconhecidas e consideradas no discurso acadêmico.

No âmbito da academia, a inclusão de narrativas diversas desafia as práticas de pesquisa tradicionais, que muitas vezes se concentram em dados quantitativos e análises objetivas, negligenciando a complexidade das experiências humanas.

Ao priorizarmos as narrativas, estamos não apenas mapeando dados, mas também construindo um espaço de diálogo onde as vozes dos marginalizados podem ser ouvidas e respeitadas. Isso nos permite ir além de meras descrições e entrar nas nuances das vidas vividas, aspectos que muitas vezes escapam a uma análise rigidamente quantitativa.

Além disso, essa abordagem reconhece a riqueza cultural e as saberes locais que emergem das histórias individuais. Através das narrativas, os pesquisadores são convidados a refletir sobre suas próprias posições e preconceitos, considerando como essas influências podem caracterizar a forma como as histórias são contadas e interpretadas.

Esse processo de autoreflexão é essencial para estabelecer uma pesquisa mais ética e responsável, que não apenas descubra, mas também respeite a diversidade das experiências humanas.

Esperamos que a academia, ao prestar atenção a essas narrativas, pode se tornar um espaço mais inclusivo que promove a equidade e a justiça social. A escuta ativa das vozes marginalizadas não é apenas um ato de “*solidariedade*”, mas também um passo em direção a “*uma educação e uma pesquisa que são verdadeiramente representativas*”.

Assim, ao integrar narrativa e pesquisa, podemos contribuir para um avanço no entendimento acadêmico que favoreça a transformação social e a emancipação dos indivíduos e comunidades representados.

Ao levar em consideração as narrativas como uma abordagem metodológica, a academia amplia seu escopo de análise e interpretação, possibilitando uma formação crítica onde as histórias de vida se entrelaçam com teorias sociais, oferecendo uma compreensão mais holística e enriquecedora das realidades locais.

Tal integração revela a importância de uma pesquisa que não apenas estuda as comunidades, mas que também estabelece conexões significativas com elas, trabalhando em conjunto para produzir conhecimento que seja relevante e impactante.

Bakhtin (1992) nos lembra que, ao contar suas histórias, as pessoas não apenas compartilham eventos, mas também se autoafirmam, delineando quem são e como se veem no mundo.

A abordagem metodológica adotada, centrada na utilização de narrativas, destaca a necessidade de amplificar as vozes de quem historicamente foi negligenciado, silenciado ou ignorado.

Isso é especialmente verdadeiro nas experiências dos participantes que protagonizaram este percurso com suas vozes, podendo representar muitas outras que também foram silenciadas ao longo da vida em seus territórios periféricos.

Ao escutá-los, temos a oportunidade de descrever não apenas eventos, mas a complexidade da vida diária, ajudando a construir um entendimento crítico e mais inclusivo da realidade social que nos cerca.

Portanto, ao trabalharmos com narrativas, não estamos apenas capturando histórias, mas também participando de um processo que transforma tanto o narrador quanto o ouvinte. Essa interação cria um espaço de empoderamento, onde as vozes marginalizadas podem emergir e exigir reconhecimento.

A prática de reconhecer as narrativas no âmbito da pesquisa e do ensino nos ajuda a desenvolver uma consciência crítica acerca das desigualdades e dos preconceitos que ainda permeiam nossas instituições educacionais.

Nesse sentido, as narrativas emergem como uma ferramenta metodológica poderosa. Cada narrativa não é apenas uma versão dos acontecimentos; ela representa um universo de experiências que, ao serem compartilhadas, nos levam a uma análise mais rica e integrada das dinâmicas sociais.

A análise das narrativas também se torna um processo fundamental para a descolonização do conhecimento e para a inclusão das vozes que foram historicamente silenciadas.

Thompson (1992), ao examinar a cultura popular e as práticas cotidianas das classes trabalhadoras na Inglaterra pré-industrial, reflete sobre a história oral como uma construção em torno das pessoas. Essa abordagem traz a vida para dentro da própria história, contribuindo para formar seres humanos mais completos e oferecendo meios para uma transformação radical do sentido social da história.

De acordo com autores como Cunha (1997) e Thompson (1992), compreendemos que ao nos voltarmos para aqueles que não são olhados, escutados ou sentidos, a história oral possibilita que as pessoas e os territórios compartilhem suas experiências, memórias e perspectivas únicas sobre a vida.

Isso cria um espaço seguro e empoderador, onde essas vozes podem ser ouvidas, registradas e preservadas para as gerações futuras.

Cunha (1997) enfatiza o potencial das narrativas como ferramentas educativas, tanto na pesquisa quanto no ensino, destacando que trabalhar com narrativas envolve tanto a construção quanto a desconstrução das experiências dos participantes.

A ideia central é que as narrativas têm o poder de promover mudanças na forma como as pessoas se compreendem a si mesmas e aos outros, tornando-se, assim, estratégias importantes para a formação da consciência em uma perspectiva emancipadora.

Concordamos com Cunha (1997) ao afirmar que, ao permitir que os moradores de um território periférico — incluindo jovens e lideranças locais — confiem suas histórias e experiências, é possível fortalecer sua identidade e autoestima.

Isso os ajuda a compreender e questionar as estruturas de poder que perpetuam a periféricoização, promovendo um senso de empoderamento e um aumento do pertencimento e da responsabilidade com o seu coletivo.

Ao promover uma consciência crítica e emancipadora dentro e fora desses espaços, essas abordagens podem contribuir para a construção de sociedades mais justas e inclusivas. A busca consciente e teórica, fundamentada nas reflexões de Cunha (1997) e Thompson (1992), destaca a importância de resgatar e registrar histórias que, de outra forma, poderiam ser perdidas para sempre.

Essas narrativas revelam detalhes significativos sobre a vida cotidiana, lutas, conquistas e resistências de grupos historicamente periféricos, contribuindo assim para uma compreensão mais completa e inclusiva da história.

Além disso, a história oral desafia narrativas hegemônicas e estereótipos prejudiciais que podem ter sido perpetuados nos registros históricos tradicionais. Ao dar voz aos não

ouvidos, ela ajuda a desconstruir visões unilaterais da história e promove uma narrativa mais plural e precisa.

Não é a intenção dos pesquisadores desta pesquisa falar "POR" eles, mas "COM" eles, num movimento coletivo de construção, consciente dos nossos privilégios em um contexto onde a cor da pele confere oportunidades e pode, na maioria das situações, proteger pessoas de situações de preconceito, assédio, violência policial e sexual.

Acreditamos que o percurso realizado até aqui pode dialogar diretamente com a discussão sobre história oral e narrativas, uma vez que ambas promovem a interlocução entre os participantes de dentro e fora da universidade, ao criar novas perspectivas de formação de pesquisadores e ao valorizar produções artísticas, intelectuais e científicas de grupos sociais historicamente periféricos ou excluídos, como é o caso do Território Pôr do Sol.

Neste momento, buscamos tecer encontros, olhares e escutas a partir das narrativas, considerando as dimensões que ressurgem nas reflexões de Cunha (1997) e Thompson (1992), juntamente com as asas poéticas que nos trouxeram até aqui. Essas dimensões para a análise ganham destaque nos aspectos apresentados na Figura 39:

Figura 39. Dimensões de Análise nas Asas das Narrativas



Fonte: Autores (2024)

A Figura 39 intitulada "Dimensões de Análise nas Asas das Narrativas" oferece uma visão abrangente sobre a importância das narrativas na pesquisa, especialmente no que diz respeito à compreensão das realidades de grupos marginalizados.

Ao reunir elementos visuais e textuais, chegamos ao campo da análise, onde a imagem revela como as narrativas atuam como poderosas ferramentas de empoderamento e transformação social.

Essas narrativas vão além da simples documentação de experiências; elas se tornam instrumentos que facilitam a construção de identidades coletivas e a valorização de vozes que frequentemente são marginalizadas.

Possuem o poder de catalisar mudanças significativas nas percepções sociais e nas dinâmicas de poder, promovendo uma escuta atenta e uma reflexão crítica sobre as realidades vividas.

Dessa forma, as narrativas se configuram como espaços onde os indivíduos podem se afirmar e reivindicar seus direitos, contribuindo para a transformação de suas comunidades e para um contexto social mais amplo.

Na seção "Ninhos em Contexto", destaca-se a importância da contextualização na construção e organização das narrativas. Essa contextualização é essencial para conectar a

perspectiva macro (da cidade) à micro (do território e da juventude), permitindo uma análise mais rica das dinâmicas que moldam as experiências dos jovens.

A partir daí, "Asas da Narrativa" explora como o posicionamento do narrador impacta a construção das histórias. Este reconhecimento das diversas características sociais, raciais e de gênero dos narradores enriquece nossa compreensão das narrativas e revela as complexidades envolvidas nas suas vivências.

A dimensão de análise "Melodias Linguísticas" desvenda a linguagem utilizada nas narrativas. Aqui, aspectos como vocabulário, ritmo, sintaxe e construção de imagens se tornam significativos para capturar as experiências e emoções dos narradores, tornando visíveis as sutilezas de suas histórias de vida.

Em "Asas que Inspiram", exploramos a simbologia associada aos pássaros e sementes, evidenciando sua representação como símbolos de transcendência e esperança. Essas metáforas refletem as aspirações e desafios enfrentados pelas comunidades.

A dimensão dos "Pássaros Feridos" evoca as cicatrizes emocionais que muitos indivíduos carregam, ilustrando a resiliência e a força nas histórias de superação. Essa representação é vital para entender as trajetórias de vida que constituem a identidade dos jovens em contextos periféricos.

Na dimensão "Alçando Ecos Esquecidos", enfatiza-se a valorização das vozes que foram silenciadas ao longo do tempo, buscando dar espaço para que essas histórias emergjam e sejam finalmente ouvidas. Este reconhecimento é essencial para promover a inclusão e a justiça social.

Por fim, a dimensão "Metamorfose em Voo" propõe uma reflexão como os pássaros aprendem a voar. As pessoas também passam por jornadas de transformação. Essa abordagem destaca a importância de enfrentar desafios e superar dificuldades, permitindo a descoberta de novas oportunidades.

Ao considerar essas dimensões, reforçamos que as narrativas são mais do que relatos; elas colaboram para a formação de identidades, possibilitando transformações sociais. Esses conceitos estão fundamentados em referências teóricas que enriquecem nossa discussão, como as obras de Bakhtin (1992), Cunha (1997) e Thompson (1992).

Reconhecemos que não será possível esgotar as narrativas, tampouco aprisioná-las em pilares enrijecidos. Entretanto, essas premissas oferecem um suporte melhor para a organização do trabalho e dos eixos de análise que foram considerados importantes e podem contribuir efetivamente para a utilização das narrativas.

Para a realização desse processo de análise, foi necessária uma abordagem aberta, inclusiva e consciente das realidades e desafios enfrentados por essa comunidade e seu entorno.

Nesse território periférico e ao seu redor, ressaltam-se rostos, vozes e histórias, especialmente da juventude. Essa abordagem valoriza a diversidade, negando a homogeneidade, já que cada território possui características e contornos singulares.

A escuta atenta e sensível dessas vozes e perspectivas das comunidades periféricas é essencial, assim como a valorização do conhecimento e das experiências locais, em especial da juventude.

Dessa forma, ao dialogar com as dimensões de análise a partir das narrativas, contribuimos para um maior entendimento das realidades vividas por esses jovens, propiciando um espaço de reflexão e empoderamento que pode efetivar mudanças sociais significativas.

6.1 Ninhos em Contexto

É importante ressaltar que, para entender o movimento de uma juventude, faz-se necessário conhecer o contexto ao qual ela está inserida. Nesse sentido, para este estudo, conhecer o Residencial Pôr do Sol, suas singularidades e seus contornos torna-se essencial para compreender os movimentos herdados pela juventude local e aqueles que ela também realiza.

Entendemos que o território em questão faz parte de uma cidade, região, país e mundo. No entanto, é preciso, conforme sugere Cunha (1997), a partir das lentes das narrativas, adentrar em um contexto mais amplo e profundo, levando em conta aspectos históricos, sociais, políticos e culturais relevantes para compreender a experiência vivida pelos participantes.

Vale ressaltar que a caracterização de um bairro e de sua população como periféricos não é um exercício simplista, uma vez que a realidade dessas áreas e a subjetividade que cada pessoa carrega são complexas e multifacetadas, assim como pode ser apreciado nas narrativas dos participantes desta pesquisa.

Enquanto aspectos históricos, os participantes desta pesquisa caracterizam o território do Residencial Pôr do Sol como:

“No início foi bem complicado, né. Quando começou a construção das casas, com o projeto João de Barro é que foi chegando famílias e que foi tornando com cara de comunidade, uma cara de bairro. Porque no início, lá em 1998, 1999 eram barracos de lona, deveria ter umas trinta famílias, só... não tinha nada, gente! Nada, nada, nada!” (Semente De Linhaça, 2022)

“Isso assim...é recente, gente! Isso é 2007! Era tudo terra aqui... e assim...esse movimento do sem-terra...que a minha avó participou... que eu vinha nos caminhões com a minha avó, de lá pra cá...ele foi ficando potente...ele foi apropriado, também!” (Semente De Girassol, 2022)

“(...) quando eu vim aqui no Pôr do Sol, era aquele terraço... não tinha nada... e o povo tinha medo de vir aqui, também... entregava mantimento até com lanterna em outros bairros também que não tinha nem luz... de chegar numa casa que tinha cavalo dormindo com os moradores, dentro de casa! Sou dessa época... das periferias abandonadas” (Semente De Chia, 2022).

Ao analisarmos narrativas como as de Semente De Linhaça (2022), Semente De Girassol (2022) e Semente De Chia (2022), que descrevem as experiências de vida no Residencial Pôr do Sol, podemos recorrer aos conceitos de Bakhtin (1992) e Barthes (2011) para entender melhor as dimensões dessas vozes e as complexidades de suas realidades.

As narrativas evidenciam a construção da identidade coletiva entre os moradores do Residencial Pôr do Sol. A descrição inicial da comunidade, que passou de "barracos de lona" para um espaço que "foi tornando-se uma comunidade, uma cara de bairro", destaca a formação de um senso de pertencimento.

Para Bakhtin (1992), as histórias são fundamentais para a construção da identidade, pois permitem que os indivíduos se comuniquem e compartilhem suas experiências, contribuindo para uma história comum.

Este aspecto coincide com a ideia de Barthes (2011), que, em sua análise estrutural da narrativa, sugere que a narrativa é uma construção que envolve não apenas a trama, mas também a forma como o narrador se posiciona e a relação que estabelece com o leitor.

Assim, cada narrativa no Residencial Pôr do Sol não é apenas um relato isolado, mas parte de uma rede de significados que captura a experiência coletiva da comunidade.

Além disso, as narrativas mencionam eventos históricos e processos sociais, como o movimento dos sem-terra. Semente De Girassol (2022) menciona a participação de sua avó nesse movimento, o que ilustra como a história da comunidade alimenta as experiências individuais.

Bakhtin (1992) salienta a importância da temporalidade nas narrativas, apontando que as histórias estão intrinsecamente ligadas ao contexto histórico em que são inseridas. Esta ligação permite que os jovens reconheçam não apenas sua própria história, mas também a continuidade de lutas e conquistas que se estendem além de suas vidas individuais.

Barthes (2011) complementa essa análise ao afirmar que o significado de uma narrativa transcende a mera sequência de eventos; ele está constantemente em construção, e essa construção ocorre na interação entre os significantes e significados, tanto para o narrador quanto para o público.

As narrativas dos participantes desta pesquisa não apenas retratam suas realidades, mas também participam na criação de um significado mais amplo, que desafia as percepções sociais comuns.

Outro aspecto significativo é como essas narrativas revelam a dinâmica de poder e a marginalização enfrentada pelos moradores. Semente De Chia (2022) usa a expressão "periferias abandonadas" para descrever um ambiente que provoca medo e insegurança, refletindo a realidade adversa que muitos enfrentam.

Esse reflexo da marginalização também pode ser analisado à luz das ideias de Barthes (2011), que argumenta que as histórias não são neutras, mas carregam valores e ideologias que podem petrificar ou desafiar estruturas de poder existentes.

Ao contar histórias de seus desafios, esses jovens, lideranças comunitárias não apenas documentam suas experiências, mas também afirmam sua posição e identidade frente a uma sociedade que frequentemente os ignora.

Portanto, o diálogo entre Bakhtin (1992) e Barthes (2011) enriquece nossa compreensão das narrativas no contexto das lideranças comunitárias e jovens periféricos do Residencial Pôr do Sol.

As histórias não são apenas relatos de experiências, mas também instrumentos de transformação social, capazes de gerar diálogos significativos e promover mudanças nas percepções individuais e coletivas.

Em última análise, o uso consciente das narrativas pode não apenas contribuir para a ressignificação das experiências vividas, mas também fortalecer o empoderamento das comunidades, proporcionando a elas um espaço para reivindicar suas identidades e direitos.

Essa dinâmica é especialmente relevante no contexto do Residencial Pôr do Sol, que, historicamente, se origina como um assentamento informal devido a uma urbanização desordenada.

Para exemplificar essa urbanização, observamos que a escola que oferece o Ensino Médio e a Educação para Jovens e Adultos não possui prédio próprio. Nesse sentido, a escola utiliza os espaços da escola municipal do bairro durante os horários do período noturno, quando a instituição do município não funciona.

Essa realidade evidencia mais um descaso das políticas públicas em relação às vozes dos jovens e revela a ausência de uma infraestrutura adequada, impactando diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

Essa questão é claramente expressa nas vozes de Beija-Flor (2023), uma jovem do Residencial Pôr do Sol que participou do episódio do Vozes Podcast, onde discutiu o Novo Ensino Médio e o Projeto de Lei (PL) 2.601/2023.

As narrativas dela e de outros jovens são essenciais para destacar as dificuldades enfrentadas naquela comunidade e para questionar as condições que perpetuam a marginalização.

Assim, ao compartilhar suas experiências, esses jovens não apenas documentam a realidade, mas também assumem um papel ativo na promoção de mudanças e reivindicações por melhorias em seu território.

“É gente, a nossa realidade é essa...que bom que vocês estão acompanhando o nosso dilema aqui. Rs. Estamos em Uberaba, Minas Gerais, que fica numa região extremamente rica do Triângulo Mineiro em um estado da região Sudeste e nós estamos tendo essa falha (falta de conexão com a internet). O novo ensino médio pode ser bom e dar certo pra alunos de 14, 13 anos e que não precise trabalhar, e que tenha mais tempo, tirando isso pode ser uma enganação. Eu tenho vontade de fazer advocacia, né? E eu acredito assim que como foi falado aqui... as matérias do novo ensino médio é um assunto meio mastigado do que a gente já estudou, né? Eu acredito que eu tenho que saber sobre biologia... sobre o tudo, porque como é que eu vou chegar lá e vou falar sobre leis, né? Sobre artigo de tudo se eu só sei português e matemática e de forma bem básica...E também em questão assim eu acho que...já que é para melhorar...então a gente tem que melhorar mesmo porque como que eu vou melhorar se a escola não tem infraestrutura igual que no nosso bairro a gente não tem nem um prédio para escola. Vocês estão acompanhando aqui a problemática da internet, e a gente tem só um ponto de acesso aqui, o investimento é necessário. É preciso investir no ensino médio e não ficarmos só no projeto de ensino. Eu acho assim...estava questionando aqui na escola...parece que o estado não quer pessoas para debater... pessoas para bater de frente. Porque eu posso ser uma ameaça ao sistema (Beija-Flor, 2023).

Os professores Leão (2023) e Assunção (2023), que participaram deste episódio, endossam a fala de Beija-Flor (2023) e dos outros jovens que também participaram do podcast, refletindo que a oferta do Ensino Médio nas escolas públicas tem sido uma enganação, especialmente neste contexto em que o Residencial Pôr do Sol precisa socializar espaços, uma vez que não possui um prédio próprio.

Essa situação é emblemática das falhas estruturais que envolvem o sistema educacional, o que reforça a crítica à implementação do novo ensino médio. Além da ausência de infraestrutura desejável, a falta de opções também é sinalizada; os jovens que residem no território são obrigados a frequentar a escola no turno noturno, tendo apenas essa opção de acesso.

Muitos não possuem auxílio financeiro ou condições que lhes permitam deixar de trabalhar para estudar ou frequentar a escola em horários alternativos. Essa realidade não é apenas uma constatação, mas um reflexo de uma lógica mais ampla de marginalização.

Nesse sentido, entrando nas ideias de Bakhtin (1992), entendemos que a narrativa é uma forma de resistência e, sendo assim, essencial para a construção de identidades coletivas entre os jovens do Residencial Pôr do Sol.

As narrativas emergem do desejo de destacar experiências e desafios, refletindo a percepção dos indivíduos sobre suas vivências cotidianas. Nessa linha, Bakhtin (1992) argumenta que o ato de narrar vai além da mera descrição de eventos; é um meio pelo qual as pessoas atribuem significado às suas experiências, promovendo uma análise mais rica da condição social em que vivem.

Da mesma forma, as observações de Barthes (2011) sobre a narrativa elucidam que o significado de uma história é dinâmico e influenciado pelo contexto em que é receptada. A fala de Beija-Flor (2023), que expressa que "o novo ensino médio pode ser bom... mas pode ser uma enganação", encapsula uma crítica à proposta educacional, que, sob a superfície aparentemente positiva, pode não atender às necessidades reais dos estudantes.

Barthes (2011) sugere que neste espaço narrativo o leitor também desempenha um papel ativo, ajudando a construir significados que vão além das palavras narradas. A maneira como Beija-Flor (2023) articula suas preocupações sobre a infraestrutura escolar e a falta de recursos tecnológicos revela um descompasso entre a teoria educacional e a prática vivencial.

Seu desejo de cursar o curso superior de Direito e a consciência da necessidade de conhecer disciplinas como biologia e matemática destacam uma busca por um aprendizado mais relevante e pertinente.

De acordo com Barthes (2011), esse processo de busca por significado é essencial para a construção da identidade do sujeito, que, longe de ser um receptor passivo, se torna um agente ativo dentro da narrativa.

Ao analisarmos as narrativas de Beija-Flor (2023) à luz das teorias de Bakhtin (1992) e Barthes (2011), percebemos a profundidade das experiências vividas pelos jovens em contextos periféricos.

Essas narrativas não se limitam a serem mero relatos, mas constituem formas de resistência e construção da identidade, revelando tanto as realidades enfrentadas quanto um desejo coletivo de transformação.

Essa compreensão reforça a importância de dar espaço a essas vozes no discurso acadêmico e social, permitindo que sejam ouvidas e respeitadas, ao mesmo tempo que colaboramos na reconfiguração das suas realidades.

Nesse sentido, as narrativas se configuram também como instrumentos de mudança, fazendo com que seus protagonistas se tornem agentes de transformação em suas comunidades e na sociedade como um todo.

A análise crítica que se fundamenta nas vozes dos jovens do Residencial Pôr do Sol leva à conclusão de que suas histórias são imprescindíveis não apenas para entender suas condições

atuais, mas também para fomentar um futuro mais equitativo e inclusivo, onde todas as vozes possam ser amplificadas e valorizadas.

Entretanto, é fundamental reconhecer que os jovens do Residencial Pôr do Sol estão distantes de um ensino estritamente acadêmico, como descreve Moll (2011). Para avançar nesse debate, precisamos avaliar a proposta de uma “Educação Integral”, que representa uma abordagem mais abrangente da educação.

Esta perspectiva vai além do ensino puramente acadêmico e da ampliação da carga horária, pois busca considerar o desenvolvimento integral dos estudantes. O conceito de Educação Integral é pautado na ideia de que todos os alunos têm direito a uma formação que engloba diversas dimensões de suas vidas, incluindo aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais (Moll, 2011).

Trata-se de um direito que deve ser garantido equitativamente, com políticas que realmente contribuam para a equidade no processo de acesso e permanência na educação.

Arroyo (2014) é fundamental nessa discussão ao ressaltar a importância de adaptar os currículos para atender às necessidades específicas das juventudes periféricas, que é essencial para promover a equidade educacional e oportunidades iguais de sucesso para todos os estudantes, independentemente de onde vivem ou de suas circunstâncias socioeconômicas.

É fundamental lembrar que os jovens que residem no Residencial Pôr do Sol são, em sua maioria, filhos e netos de uma herança que carrega dificuldades e resistência. Eles continuam a lutar contra o descaso frente à ausência de políticas públicas e oportunidades no território e na sociedade como um todo.

Assim como em muitos bairros periféricos, o Residencial Pôr do Sol, a partir das falas dos participantes e moradores, revela um evidente negligenciamento em termos de planejamento urbano e investimento público. Esse cenário resulta em uma infraestrutura inadequada e em um processo de urbanização desordenada, refletindo as preocupações expressas pela Semente de Girassol. (2023):

O bairro tem aproximadamente de 12 a 15 mil moradores surgiu em 1999...o povo vinha no caminhão de arara...eu vinha com a minha avó...hoje acredito... que foram jogando o povo aqui...tirando o povo da cidade e jogando tudo aqui... aqui não tinha transporte... não tinha nada...nada! Só uma rua (Semente de Girassol, 2023)!

Anos os meninos daqui dividiram água da torneira que tinha no espaço com cachorro...os cachorros lambiam a torneira onde os meninos bebiam água! Os cachorros tomavam água lá e os meninos tomava água depois! Fico pensando como o poder público é falho (Semente de Girassol, 2023)!

Além da falta de condições socioeconômicas desfavoráveis dos moradores do Residencial Pôr do Sol, é importante considerar a predominância da população negra no território, conforme ressaltam as vozes das Sementes de Girassol (2022) e Erva-Doce (2022): *“Aqui o bairro é formado na sua maioria, 99,99% de povo preto”* (Semente de Girassol, 2022)!

“Consigo estabelecer um diálogo e o respeito com essa comunidade, em primeiro lugar, porque sou Preto” (Semente de Erva-Doce, 2022)!

A concentração de pessoas negras em bairros periféricos, onde as condições socioeconômicas são muitas vezes desfavoráveis, pode criar um ciclo de pobreza. A falta de oportunidades de mobilidade social e as limitações econômicas podem ser transmitidas de geração em geração (Oliveira, 2020), assim como sinalizam as vozes dos jovens Uirapuru (2022) e Beija-Flor (2022):

“Bom tudo teve início em 09/06/1994. Quando minha mãe Dona Raimunda ganhou seu segundo filho... mãe solteira, teve que lutar sozinha com as dificuldades, despesas, remédios, médicos etc. Nunca tive pai presente, porém me acostumei com o passar dos anos. [...]a minha infância sempre foi difícil, tive que catar recicláveis, andar longos caminhos de baixo de sol ou chuva para poder ajudar minha mãe ou minha vó dentro de casa...só sei que passei tanta dificuldade nessa vida...dificuldade pra mim na época era passar fome” (Jovem Uirapuru, 2022).

” Quando eu vendia a reciclagem eu ia de manhã lá num moço do ferro velho vender, a única coisa que eu comia, era com o dinheiro da reciclagem...dá até vontade de chorar! (Emoção) Aí eu comprava um pouquinho de banana, um pouquinho de tomate, porque era os que estava na promoção de R \$0,99 (noventa e nove centavos) ...e um pouquinho de batata! Eu passava um mês comendo arroz, batata, tomate e banana” (Jovem Beija-Flor, 2022)!

As narrativas apresentadas por Semente de Girassol (2022) e Semente de Erva-Doce (2022) revelam a complexidade das experiências dos moradores do Residencial Pôr do Sol, sendo este um exemplo claro da predominância da população negra em condições socioeconômicas desfavoráveis.

A frase de Semente de Girassol (2022), que destaca que *“aqui o bairro é formado na sua maioria, 99,99% de povo preto”*, não apenas reconhece a composição racial da comunidade, mas também evidencia uma identidade coletiva fortalecida pela resistência e pela luta histórica de seu povo.

Essa perspectiva inspirada nas ideias de Bakhtin (1992), ressalta a importância do diálogo e da multiplicidade de vozes na construção de significados.

Por sua vez, a declaração de Semente de Erva-Doce (2022) — *“consigo estabelecer um diálogo e o respeito com essa comunidade, em primeiro lugar, porque sou Preto”* — reflete

como a identidade racial é essencial na construção de relações sociais e de respeito mútuo.

Aqui, a obra de Roland Barthes (2011) complementa esse entendimento ao sugerir que o significado de uma narrativa é dinâmico e influenciado pelo contexto do narrador e pelo público.

Assim, a experiência de Erva-Doce (2022) demonstra como sua identidade racial não só formam suas interações, mas também a posiciona como um representante dos desafios e conquistas da comunidade.

Nesse contexto, é vital integrar as perspectivas de Oliveira (2020), que, como sociólogo e estudioso da temática, analisa as causas estruturais que levam à formação de comunidades periféricas desiguais, como o Residencial Pôr do Sol.

Oliveira (2020) ressalta que a combinação de fatores históricos, sociais, econômicos e políticos contribui para a situação de risco e vulnerabilidade social enfrentada pela maioria dos moradores autodeclarados pretos.

E, ainda, adverte-se para a necessidade de evitar generalizações ao analisar a realidade, enfatizando que esta pode variar conforme o contexto geográfico e histórico de cada região. Essa nuance é essencial para compreender que as narrativas dos jovens e das lideranças comunitárias não são meras representações de uma experiência homogênea, mas, sim, reflexos de realidades complexas e multifacetadas (Oliveira, 2020).

Ao contar suas histórias, os jovens do Residencial Pôr do Sol, junto com as lideranças comunitárias, não apenas compartilham suas lutas, mas também oferecem um espaço de reflexão crítica que desafia as narrativas hegemônicas, conforme discutido nas obras de Bakhtin (1992) e Barthes (2011).

No entanto, Oliveira (2020) também destaca alguns dos principais fatores que explicam a predominância da desigualdade social e econômica nesses contextos, os quais são frutos de uma herança histórica infeliz.

Entre esses fatores, podemos mencionar, em primeiro lugar, a história de escravidão, na qual ex-escravizados foram empurrados para as margens da sociedade após a abolição, preservando até hoje movimentos semelhantes.

Em segundo lugar, as desigualdades socioeconômicas enraizadas na história da escravidão e do racismo estrutural persistem, afetando as oportunidades das pessoas negras em muitos lugares.

Além disso, a falta de acesso à educação de qualidade, empregos dignos e serviços básicos em áreas urbanas menos desenvolvidas muitas vezes leva as pessoas negras a se concentrarem em bairros periféricos, onde os custos de moradia podem ser mais acessíveis.

A urbanização desordenada, por sua vez, resulta do crescimento rápido e caótico das cidades, que frequentemente leva à formação de favelas e assentamentos informais nas periferias urbanas.

Esses assentamentos atraem, em grande parte, pessoas de baixa renda, incluindo muitas pessoas negras que enfrentam dificuldades para acessar moradias adequadas em outras áreas.

Por fim, Oliveira (2020) reflete acerca da discriminação racial sistêmica ser uma realidade em muitas sociedades, afetando o acesso das pessoas negras a oportunidades econômicas, educação, saúde e moradia, empurrando-as para áreas periféricas onde as condições são frequentemente piores.

Essa análise mostra que as narrativas dos jovens e lideranças nas periferias brasileiras, ao serem contextualizadas, oferecem uma compreensão valiosa das dinâmicas sociais, permitindo um diálogo mais profundo que pode fomentar ações de mudança e inclusão.

É importante reconhecer que essa realidade não é uma característica inerente às pessoas negras, mas sim uma consequência de sistemas históricos e estruturas sociais injustas.

Abordar a desigualdade racial requer esforços em várias frentes, incluindo políticas de combate ao racismo estrutural, investimento em educação e formação profissional para todas as comunidades, e criação de oportunidades econômicas equitativas (Oliveira, 2020).

Nas palavras de Oliveira (p. 133, 2020), “a população negra vive e resiste às formas de limpeza, higienização e exclusão do direito à cidade”.

Oliveira (2020) importante referência sobre a cidade e o urbano com foco em especial na população negra, reflete que nas últimas três décadas foi alcançado um status de “urbanização e desenvolvimento de grande dinamismo, sem estar integralmente prontas para responder às principais demandas da população quanto à cidadania, em especial, da população negra”.

E ainda pontua que a legislação responde a “mecanismos de controle e vigilância”, determinando os fragmentos de uma cidade a partir do quadro socioeconômico e político, no qual um lado da cidade é regida pelo poder e do outro lado se tem a “cidade real”, onde a legislação coloca a maioria da população, em especial, as pessoas como menor poder aquisitivo, ou ainda os reconhecidos como os “fora da lei”, ou seja, a lei estabelece àqueles que podem viver na cidade real.

Na cidade "fora da lei", vigora a produção e a reprodução do espaço social de sub-representação socioeconômica, por exemplo, da habitação em loteamentos irregulares, construída nas periferias, cada vez mais nos limites ou em áreas centrais. Porém, está distante

da hierarquia social, como as favelas, cortiços, porões, palafitas e a multidão, sem o encontro do diálogo, da troca e da vida social (Oliveira, 2020, p. 133).

Percebe-se, a partir do que Oliveira (2020) reflete e também das narrativas dos participantes deste estudo, uma negação das relações étnicas e raciais nos espaços sociais e na cidade como um todo, reiterando que a igualdade racial nas cidades brasileiras se apresenta como uma fachada, com discursos vazios, que existem apenas na teoria.

Na prática, na observação e na escuta, percebemos que o que vem acontecendo é a invisibilidade e o apagamento nas discussões e oportunidades para aqueles que fazem parte de territórios periféricos, como é o caso do Residencial Pôr do Sol.

Há na prática uma “cartografia de segregação²⁰” espacial, étnica e também social, como afirmam as vozes dos participantes em especial dos jovens que por vezes precisam camuflar o endereço de suas residências pelos estigmas que o bairro carrega para conseguirem uma oportunidade no mercado de trabalho, conforme as vozes dos jovens:

A gente já passou humilhação demais! Teve lugar que eu comecei a trabalhar com indicação, também, né? O menino é bão! Onde mora? Mora no Pôr do Sol, mas é bom de serviço! Mas tive vezes de eu ter que falar que morava em outro bairro, pra eu conseguir...mas depois quando já tinha assinado a minha carteira eu falei onde eu morava, era dispensado! Já cheguei a ocultar o endereço de onde eu morava para arrumar serviço...até em questão da própria mídia! Sempre nas mídias o que acontece de mal na cidade...jogam a culpa aqui nos moradores do 2000 (Jovem Uirapuru, 2023)

!

O bairro aqui é muito discriminado...teve época...acho que até hoje...tem muita gente que não entra aqui no bairro. Quando falava que era do Pôr do Sol, era até muito difícil de arrumar emprego...por isso que fui na maioria das vezes vender bala na rua...a minha mãe não arrumava emprego (Jovem Sanhaço Cinzento, 2023).

O povo na real se afasta quando a gente fala que é do Pôr do Sol! Eu acho que a minha irmã foi demitida por ser daqui do Pôr do Sol e por ser preta! Até eu também, tentei arrumar um outro emprego e quando me perguntaram de qual bairro eu era, falaram pra mim que a entrevista tinha encerrado, nem continuou, disse que depois ligava...até agora não ligou (Jovem Não-Pode-Parar, 2023).

Os estudos de Oliveira (2008; 2013; 2018; 2020), Garcia (2010; 2013) e Silva (2018) oferecem uma base teórica robusta para a análise do fenômeno da segregação urbana e racial, especialmente nas regiões periféricas.

Esses autores nos ajudam a compreender como a vulnerabilidade social se correlaciona diretamente com a demografia das populações negras que habitam essas áreas.

²⁰ Cartografia de segregação, um conjunto de representações gráficas, mapas ou diagramas que ilustram a distribuição geográfica e espacial de grupos ou comunidades em áreas urbanas, com base em critérios socioeconômicos, étnicos, culturais ou outros fatores. Uma política segregativa uma vez que visa restringir a circulação de grupos específicos em certos espaços da cidade. Fonte. França, 2015.

À medida que os índices de vulnerabilidade aumentam, observa-se um crescimento do número de pessoas negras vivendo em condições de habitação subnormais e uma ampliação da presença dessa população no mercado informal e nas estatísticas de desemprego.

Essa realidade gritante revela não apenas as desigualdades econômicas que permeiam o espaço urbano, mas também uma história marcada pela exclusão e pela marginalização que afeta as comunidades negras de forma desproporcional.

Outra marca no Residencial Pôr do Sol, a partir das narrativas, foram as formas de organização desse território, marcado por muita luta e até mesmo por sangue, conforme as vozes que seguem:

Acompanhei aqui muitos movimentos, entre eles era quando eles iam ali pra BR, levava facão, podão...foice, machado! Teve um episódio que me marcou muito...eu estava até aguardando, os meninos, devia ser umas 18: 30h, 18:45h, aí me ligaram... Tia Semente de Linhaça, corre aqui, porque eles pararam um ônibus... eles tiveram um problema com o ônibus, não sei... pararam o ônibus e eles estão tudo debaixo do ônibus deitado, os moradores (Semente de Linhaça, 2023)!

O número de mortes que lá teve (na rodovia), foi altíssimo! Morreram, servidores, professores aqui da escola, estudantes, jovens e muitos dos moradores que aqui residiam (Semente de Girassol, 2023).

O Residencial Pôr do Sol está localizado às margens de uma rodovia. A construção do viaduto é recente e fruto de muita luta e sangue derramado para que fosse construído, ainda que recente, um viaduto que liga o bairro à cidade de Uberaba.

Nesse chão há muito sangue e muita luta, que convergem com as lutas dos povos da América Latina, como reflete Aníbal Quijano (2005), que traduz essa luta do espaço social, dos territórios e das territorialidades fundidas a partir do derramamento de sangue de povos e culturas indígenas e africanas.

Culturas e etnias essas transformadas de forma gradual e sangrenta em indígenas e negros nas Américas, sobretudo no Brasil.

Para compreender as tessituras de um território que, ao mesmo tempo, é frágil socioeconomicamente, é necessário considerar que seus moradores podem enfrentar desafios relacionados à renda, ao acesso a serviços básicos, às oportunidades de emprego e à qualidade de vida.

No entanto, essa mesma comunidade pode ser forte politicamente de várias maneiras. Vamos aqui contar com o aporte teórico de Castells (2002), Giroux (2012) e Freire (2005).

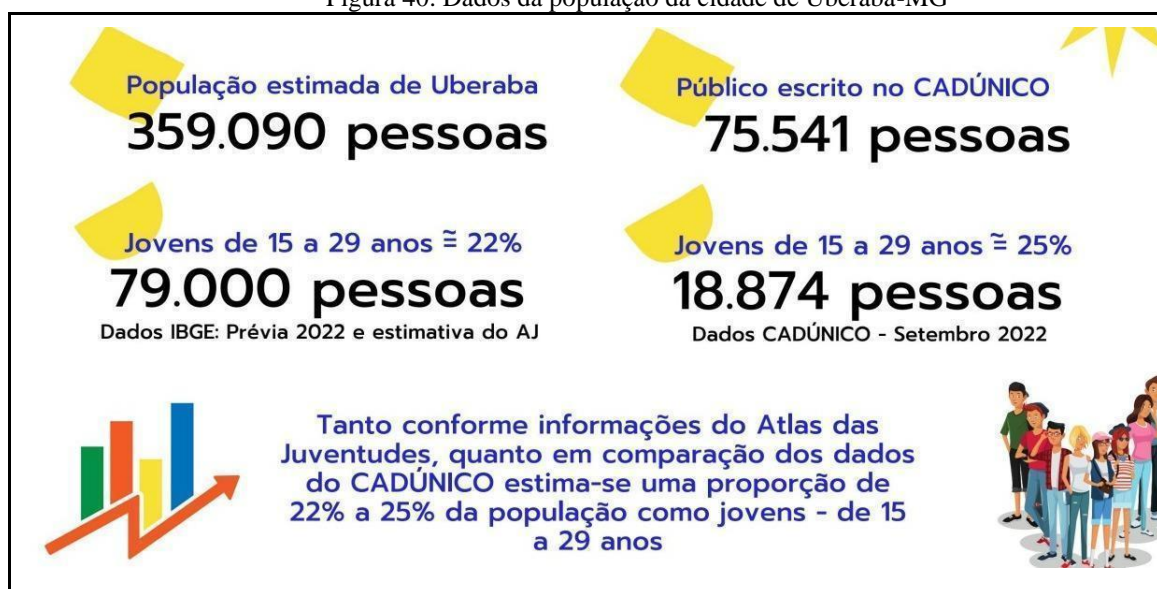
Castells (2002) destaca, em especial, os movimentos sociais contemporâneos liderados por jovens que desempenham um papel fundamental na defesa de diversas causas e questões ao redor do mundo. Eles são caracterizados por serem impulsionados por jovens ativistas que usam estratégias inovadoras, como mídias sociais e mobilização online, para promover mudanças sociais.

Nesta esteira, Giroux (2012) e Freire (2005) defendem a importância de uma educação crítica que desenvolva uma criticidade que prepare, em especial, a juventude para a transformação social.

Tanto as lideranças do Residencial Pôr do Sol quanto os jovens escutados são altamente conscientes das desigualdades socioeconômicas que enfrentam. Esse reconhecimento pode servir como uma motivação poderosa para a ação política, levando os moradores a se unirem em busca de mudanças.

Para compreender os aspectos sociais e políticos do Residencial Pôr do Sol, é necessário apropriar-se do contexto no qual o bairro está inserido. Assim, serão apresentados na figura 40 dados da população da cidade de Uberaba-MG, da qual o bairro faz parte.

Figura 40. Dados da população da cidade de Uberaba-MG



Fonte: Superintendência de Políticas da Juventude de Uberaba-MG (2022)

Os dados expressos na figura 40 são da população da cidade de Uberaba-MG, considerando que revelam uma porcentagem de 22% de jovens com idade entre 15 e 29 anos.

Um quantitativo de jovens que, comparado à população total de 359.090 habitantes da cidade de Uberaba-MG, pode ser considerado uma porcentagem expressiva para a cidade.

Os dados apresentados neste tópico são importantes para identificar o perfil da população uberabense e, em especial, das crianças e adolescentes.

Identificar as famílias em situação de risco e vulnerabilidade social pode possibilitar o planejamento de políticas públicas que atendam, de forma mais específica, às demandas de acesso à saúde, habitação, emprego, lazer, dentre outros, que afetam diretamente a qualidade de vida das crianças e adolescentes no município.

Ainda na figura 40, chama a atenção também o fato de que, dos 359.090 habitantes da cidade de Uberaba-MG, 75.541 pessoas estão cadastradas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico). Desse quantitativo, 18.874 são jovens em situação de pobreza e extrema pobreza (Brasil, 2022).

O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) é um instrumento utilizado pelo governo brasileiro para identificar e selecionar famílias de baixa renda que podem ser elegíveis para programas sociais e benefícios, como o Programa Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada e o Minha Casa Minha Vida, entre outros (Brasil, 2022).

De acordo com critérios do Banco Mundial, a linha da pobreza é definida quando os rendimentos per capita são equivalentes a R\$486,00 mensais, enquanto a linha da extrema pobreza equivale a rendimentos de até R\$168,00 mensais per capita (IBGE, 2022).

Em 2021, cerca de 62,5 milhões de pessoas estavam na pobreza, correspondendo a 29,4% da população do Brasil. Desse total, 17,9 milhões (8,4%) estavam na extrema pobreza. De 2020 a 2021, o número de pessoas abaixo da linha da pobreza cresceu mais de 11,6 milhões (22,7%), enquanto na extrema pobreza foram mais de 5,8 milhões (48,2%) de pessoas (IBGE, 2022).

A cidade de Uberaba-MG aparece com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,772, um índice considerado alto na classificação do estudo, onde a variação fica entre 0,700 e 0,799.

O Índice de Desenvolvimento Humano é calculado em todas as unidades federativas do Brasil para medir o nível de desenvolvimento humano de cada unidade federativa do país (IBGE, 2022).

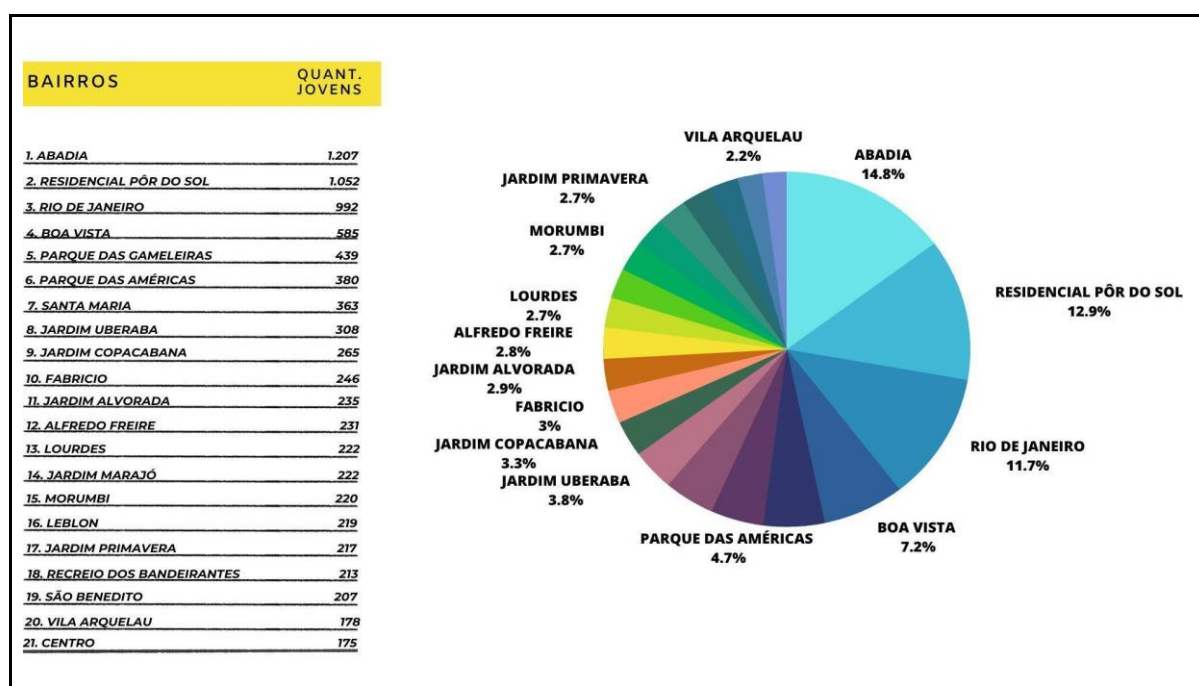
Segundo consulta ao departamento de Gestão de Benefícios e Transferência de Renda da Secretaria de Desenvolvimento Social (Seds) da cidade de Uberaba-MG, há um número considerável de famílias em situação de extrema pobreza cadastradas no CadÚnico que possuem residência no Residencial Pôr do Sol.

Acreditamos que, se o IDHM fosse calculado por bairro, talvez o resultado não fosse tão favorável, já que o índice de pobreza pode ser diluído no cálculo de base do número total da população de uma cidade.

O Residencial Pôr do Sol conta com um Centro de Referência de Assistência Social, um equipamento público mantido pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Ele foi criado com o objetivo de fornecer apoio e proteção assistencial a pessoas que residem em áreas consideradas de vulnerabilidade social. Uma das atribuições do CRAS é viabilizar o acesso a projetos e benefícios governamentais.

O Residencial Pôr do Sol ainda se destaca pelo quantitativo de jovens no bairro, como pode ser apreciado no gráfico 1, que apresenta a distribuição de jovens da cidade de Uberaba-MG por bairros.

Gráfico 1. Distribuição de jovens da cidade de Uberaba por bairros



Fonte: Superintendência de Políticas da Juventude de Uberaba-MG (2022)

O gráfico 1 traduz a distribuição de jovens da cidade de Uberaba-MG, revelando o Residencial Pôr do Sol, lócus da pesquisa, como a segunda posição no quantitativo de jovens em relação à cidade de Uberaba-MG; o território comporta 1.052 jovens com idades entre 15 e 29 anos.

Esses jovens, na sua maioria, expressam suas fragilidades econômica e social:

“(...) eu sou filho de uma mãe solo, que criou quatro filhos e dentro dessa história” (Jovem Semente De Sorgo Branco, 2022)

“Já morei em barraca na rua, de plástico, quando eu tinha 16 anos, quando eu saí de casa, porque o meu pai é um alcoólatra, usuário de droga e quando eu tinha 16 anos...eu recebia R\$64,00(sessenta e quatro reais) de bolsa família, com uma criança pequena, e grávida da outra! Aí, com as coisas acabando tudo, a água pra cortar...pensava: “O que eu vou fazer, meu Deus! “Já não tinha gás, eu já tava cozinhando na lenha, no chão, mesmo! ...Catava lixo na rua (ainda grávida), eu revirava o lixo pra ver se eu achava comida para os cachorros! Deus é tão bom pra mim, que tinha vez, que eu abria saco de lixo e tinha até carne...carne que as pessoas fazia festa e no outro dia jogava a comida fora” (Jovem Beija-Flor, 2022).

Essas falas nos fazem retomar o Estatuto da Juventude, oficialmente conhecido como Lei 12.852/13, uma legislação federal brasileira promulgada há quase 10 anos, precisamente em 5 de agosto de 2013, para a promoção e garantia de direitos dos jovens, reconhecendo-os enquanto sujeitos de direitos e protagonistas na construção de suas vidas e do país (Brasil, 2013).

Para a efetivação desse movimento em prol dessas juventudes, no plural, torna-se essencial compreender que não existe apenas uma única juventude, mas sim várias, com características diversas e complexas.

Esse aspecto é ainda mais evidente em um país como o Brasil, que tem sido marcado, ao longo da história, por profundas desigualdades sociais. Assim como não existe uma única maneira de ser jovem no mundo contemporâneo, também não há uma única forma de escrever sobre e com as juventudes (Dayrell, 2014).

Nas falas acima, fica mais evidente que, em um país como o Brasil, as profundas desigualdades sociais marcam a realidade.

Na tentativa de compreender essas intersecções entre raça, gênero e classe social, em especial das mulheres que aparecem e que também dão forma a essas narrativas, temos mulheres negras de camadas periféricas, na sua maioria mães solo, que enfrentam múltiplas formas de discriminação e opressão.

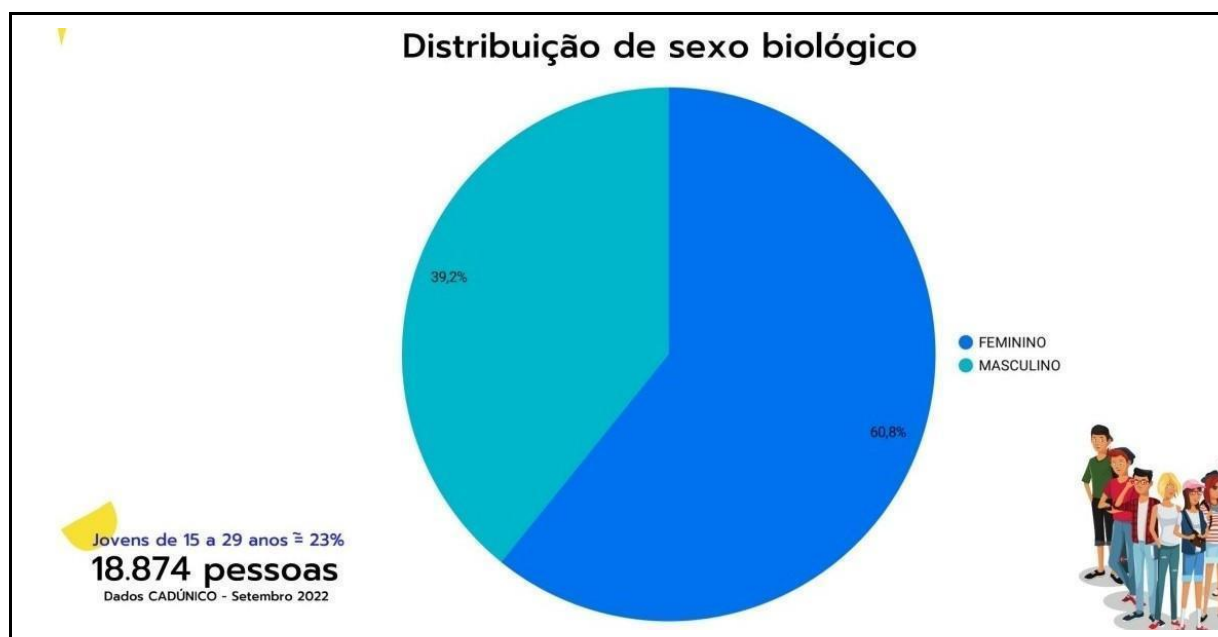
Conforme Conceição Evaristo (2022), essas são frutos amargos de uma história de escravidão e do racismo estrutural, que afetam profundamente a vida de mulheres negras, limitando suas oportunidades econômicas, educacionais e sociais.

Além disso, Evaristo (2022) tece críticas a essas distorções, levantando questionamentos sobre a invisibilidade das mulheres negras na sociedade, bem como a falta de representação em posições de poder e influência.

Ela ainda examina como as desigualdades sociais são reproduzidas e perpetuadas por meio de sistemas patriarcais, racistas e classistas, e como isso impacta a vida cotidiana e as perspectivas das mulheres negras.

Pensando ainda nessas distorções sexistas, é necessário refletir que, dos 79.000 jovens da cidade de Uberaba-MG, o gráfico 2 mostra que 39,2% são do sexo masculino e 60,8% são do sexo feminino.

Gráfico 2. Distribuição de sexo biológico- juventudes da cidade de Uberaba-MG



Fonte: Superintendência de Políticas da Juventude de Uberaba-MG (2022)

Logo, os dados fornecidos indicam a distribuição percentual de jovens por sexo na cidade de Uberaba-MG. Esses dados permitem observar que há uma diferença na representação entre os sexos no grupo de jovens em questão.

Enquanto o percentual de jovens do sexo feminino é maior, representando a maioria (60,8%), o percentual de jovens do sexo masculino é menor (39,2%).

Essas informações podem ser úteis para compreender a proporção entre os sexos em determinado contexto ou para análises que levem em consideração as diferenças de gênero em variáveis relacionadas à juventude.

É importante notar que os dados não fornecem informações detalhadas sobre as características individuais dos jovens ou outras variáveis que possam influenciar sua situação socioeconômica, educação, saúde ou outros aspectos.

Em 2021, a faixa etária com o maior quantitativo de pessoas era a de 30 a 39 anos (16,83%). As crianças e adolescentes da cidade de Uberaba-MG, de 0 a 19 anos, totalizaram 82.627 pessoas, correspondendo a 24,28% do total.

Enquanto os aspectos políticos, conforme as vozes ouvidas e sentidas no Residencial Pôr do Sol, ressoam a falta de representação política e de influência nos processos de tomada de decisão, isso resulta em políticas públicas insuficientes, com a ausência das vozes dos moradores e das lideranças locais nas discussões que afetam suas vidas.

“Já teve época de armar uma cama elástica ...tirar a foto e desmontar a cama elástica...”
(Semente de Girassol, 2022).

“Então...assim... eu acho que a comunidade em si tá cansada disso! Porque querendo ou não, aqui eleger candidato! Muitos aqui da cidade foram eleitos aqui! Só que depois somem, né (Jovem Uirapuru, 2022)?

“A ideia para a criação dessa Ong é para fugir de qualquer relação partidária, que aqui no bairro é muito latente! É muito comum aqui aparecer políticos apenas pra fazer número ou sermos números pra eles. Já recusei verbas aqui de deputados, porque existe a troca de favores. Eu te ajudo, aí você destaca o meu nome da ação social, não é isso que queremos não! Prefiro um movimento lento, porém sustentado pela força desses moradores, sem questão política no meio, sabe? Não é questão de dinheiro e sim de reconhecimento de moradores que possuem lideranças natas. Temos problemas? Temos muitos! Inclusive com drogas! A droga aqui no território é fonte de renda, para muitos dos jovens em especial. Aqui precisamos de ações de impacto para que o diálogo seja construído, estabelecido, sabe? Não há aqui no bairro uma busca ativa do entorno, ao contrário, querem construir muros (Semente Erva-Doce, 2022!

Os autores Oliveira e Hermont (2014, p. 11) discutem a temática política enquanto participação ampla e diversificada, com várias maneiras de ser realizada. Suscitam reflexões nas quais inserem a ideia de participação na “adesão das pessoas em agrupamentos produzidos nas variadas dimensões de organização da sociedade”.

Já em um sentido mais restrito, entendem a participação como a presença das pessoas enquanto sujeitos participativos nas decisões de uma sociedade, sinônimo de participação política e cidadã.

Comungam ainda a ideia de que, quando essa experiência participativa pode ser vivenciada pela juventude, ela pode exaltar valores solidários e democráticos, permitindo o aprendizado da alteridade, assim como o reconhecimento do outro e de suas diferenças.

Nas vozes dos autores, “um contraponto de uma sociedade que tende ao individualismo e ao enfraquecimento das ideias, valores e práticas relacionadas à dimensão coletiva social” (Oliveira; Hermont, 2014, p. 12).

Nesta esteira de valores solidários, democráticos e até de alteridade, as vozes ouvidas e sentidas exalam algumas das experiências com policiais como delicadas e complexas, já que não é nossa intenção realizar críticas à segurança pública, que deve ser um direito garantido na Constituição federativa.

No entanto, percebe-se, por parte das narrativas, que os moradores do Residencial Pôr do Sol são constantemente monitorados ou considerados suspeitos, mesmo que não estejam envolvidos em atividades criminosas, conforme as vozes que seguem:

É muito normal abordagem policial aqui, pra abordar negro...até levava! A maioria do povo do Pôr do Sol é de negros, e chamam muito a atenção até pela vestimenta, calça caídona até o joelho, tatuagens, esses baguio assim...aí eles param memo! Teve outra vez que fui abordado e não escutei o que o policial falou pra mim, aí ele botou a arma na minha cabeça...aí eu até assustei! Eu achei que ia tomar um tiro àquela hora lá (Jovem Não-Pode -Parar, 2023)!

Teve uma festa aqui coletiva, os moradores organizaram umas barraquinhas...correram atrás de tudo...uma organização fantástica! E eu era coordenador lá no Céu das Artes... a polícia chegou aqui... pediu pra eu mostrar os meus documentos... não satisfeito..." MÃO NA PAREDE!" ... "! DEITA NO CHÃO"! "Eu sou coordenador do espaço... eu tô fechando o espaço... Pô não vai deixar não"! Por isso que eu falo... estamos numa frequência tem uns anos aí! Precisamos de segurança pública e menos estigmas, em especial por sermos pretos e da periferia (Semente de Girassol, 2023).

Tem muito preconceito por esse estilo musical (RAP). Quando a gente estava no posto ali colocando uma gasolina no carro para nós vim, vimos um carro da polícia lá parado... aí tiramos as correntes... os bonés...porque podia dar alguma coisa errada... a gente preferiu prevenir isso, tá ligado? Geralmente as pessoas têm muito preconceito (Jovem Sabiá, 2023).

A atuação da polícia não ocorre apenas em territórios periféricos, mas em qualquer lugar onde se encontre ou com qualquer pessoa, e acreditamos que os direitos humanos precisam ser respeitados.

É preciso compreender que há muitos fatores em discussão. Longe de desejarmos aprofundar a temática de segurança pública, temos ciência de que esse é um tema de complexidade e sensibilidade.

Acreditamos que um possível caminho para minimizar esses desencontros e relações complexas seria o estabelecimento de confiança entre as equipes de segurança pública e as comunidades periféricas, especialmente com a cultura do bairro e de seus moradores, por meio de um trabalho conjunto e coeso, para que, de fato, melhorem as condições de vida e a segurança nas áreas de maior vulnerabilidade social.

O Jovem Não-Pode-Parar (2023) adentra em outro campo frágil, que são os estereótipos culturais que parte da sociedade, assim como policiais, pode absorver, em especial em relação à cultura do hip-hop.

Certos estilos de vestimenta, correntes, anéis, pulseiras, roupas largas, bonés virados para trás, tênis esportivos, entre outros, ficaram associados à cultura hip-hop e ao rap. Esses estilos podem ser estigmatizados e, injustamente, ligados a comportamentos criminosos ou subversivos, tornando-se um "peso" ser membro de um grupo musical no cotidiano de cada um,

já que há poucos espaços para vivenciarem suas experiências culturais e se constituírem enquanto pessoas de direito com participação ativa em uma comunidade (Dayrell, 2002, p. 117).

Outro fator que contribui para a resistência da sociedade em geral em relação ao rap pode ser compreendido a partir de questões sociais, raciais e políticas, associando-o a uma cultura que desafia a autoridade estabelecida. Isso pode levar a estereótipos negativos e a uma visão distorcida de que os artistas de rap e seus fãs estão potencialmente envolvidos com a criminalidade, como se percebe nas próprias falas e atitudes dos jovens do rap ao se desfazerem de seus acessórios e vestimentas ao visualizarem os policiais no posto de gasolina a caminho da participação no Vozes Podcast.

6.2 Asas da Narrativa

A identificação das posições sociais, raciais, de gênero e outras características dos participantes, a partir das falas e narrativas desta pesquisa, se torna fundamental para compreender como esses aspectos influenciam a construção das narrativas.

Bakhtin (1992) enfatiza a importância do contexto social e histórico na produção do discurso, ressaltando que as vozes não emergem do vazio, mas são formadas por suas condições de existência e pelas relações de poder que permeiam a sociedade.

Portanto, ao analisarmos as narrativas de juventudes e lideranças comunitárias, é vital considerar o entrelaçamento de suas identidades e experiências.

Compreender o lugar de fala dos participantes e o contexto que viveram requer uma escuta sensível e atenta. É necessário reconhecer que aqueles que constroem as narrativas não apenas vivenciam suas histórias, mas também têm responsabilidades no ato de narrar, influenciando aqueles que as escutam.

Barthes (2011) aborda a ideia de que o significado de um texto não reside apenas na intenção do autor, mas é também construído na interação com o leitor. Essa noção sugere que a escuta das vozes desses jovens e líderes comunitários deve ser feita com a consciência de que o significado que se extrai de suas narrativas é uma construção compartilhada, que envolve tanto as experiências pessoais quanto as interpretações sociais.

Frente a esse exercício de escuta respeitosa, o desafio dos pesquisadores não é apenas compreender e interpretar essas vozes, mas também evitar a armadilha da apropriação de suas experiências.

Em vez de tentar “se colocar no lugar” da pessoa que fala, é essencial reconhecer a singularidade de suas vivências e como elas se entrelaçam com narrativas mais amplas de marginalização e resistência.

Muitas vezes, essas vozes são de seres humanos que foram e ainda são posicionados como periféricos e estereotipados ao longo da história, enfrentando as injustiças e desigualdades que persistem na contemporaneidade.

Portanto, a pesquisa deve ser conduzida com um compromisso ético e político de amplificar essas vozes, buscando não apenas relato de experiências, mas também possibilidades de transformação social e reconhecimento de direitos.

Ao dar asas às narrativas, buscamos não apenas documentar as histórias dos indivíduos, mas também abrir espaço para um diálogo mais profundo e inclusivo, que promova a valorização de sua cultura e identidade.

Assim, as narrativas se tornam ferramentas de resistência, empoderamento e transformação, desafiando estereótipos e construindo novas compreensões da juventude e das comunidades que possuem um papel fundamental na sociedade.

Os pesquisadores Fares e Bastos (2016, p. 100) contribuem para essa discussão ao afirmar que “as histórias formam as pessoas”, o que evidencia um processo educativo de sensibilidade.

Este processo não apenas traça os caminhos que nos conduzem, mas também se torna um elemento formativo essencial para a construção de identidades.

A partir dessa perspectiva, Vidal (2021) acrescenta que a voz das pessoas vai muito além de sua localização pessoal; ela transcende o corpo físico e o espaço que ocupa. Assim, enquanto uma pessoa fala, sua voz expressa uma realidade que envolve não apenas seu corpo, mas também seu contexto histórico e social, incorporando as diversas e profundas linguagens do corpo e da alma.

Nesse sentido, as vozes dos participantes nos oferecem pistas importantes, tendo como pano de fundo a decolonialidade, para compreender como se posicionam em relação a suas referências culturais e ao uso da linguagem.

Essas vozes revelam reflexões pessoais e atitudes em relação a questões sociais, criando um espaço onde o diálogo se torna um processo contínuo de aprendizado e transformação. Como observado nas falas, essa dinâmica enriquece a compreensão das experiências vividas e do impacto que têm sobre suas identidades e sobre a sociedade em geral.

“Os moradores precisavam disso... de assumir a nossa própria narrativa! Já falaram de nós sempre... sempre sem nós! Acho que aqui desta forma a gente assina as nossas narrativas a gente passa a falar por nós! (Semente de Girassol, 2023).

“Tá aqui... era nosso sonho nosso! Sonho também em progredir... sem pensar só no Cash! Como diz ... de incentivar as crianças a sair da rua...porque o mundo lá fora é difícil!” (Crejoá, 2023).

“Por detrás do boné... por detrás de um de um colar... por detrás de um capô. Também tem uma alma...tem um coração... não é todo mundo que é da maldade ...não é todo mundo que é um criminoso, não” (Uirapuru, 2023).

A partir do pensamento de Bakhtin (1992), é possível refletir sobre a importância do diálogo, da heteroglossia²¹ e da construção social das identidades por meio da linguagem nas narrativas de Semente de Girassol (2023), Crejoá (2023) e Uirapuru (2023).

Ao aplicar esses conceitos às falas dos moradores, podemos destacar elementos-chave que revelam as nuances de suas experiências e os significados por trás de suas narrativas.

Na primeira narrativa, a voz de Semente de Girassol (2023) expressa um desejo profundo de autogestão e de reivindicação da própria narrativa: *“Os moradores precisavam disso... de assumir a nossa própria narrativa! Já falaram de nós sempre... sempre sem nós!”*.

Essa declaração reflete uma luta contra a silenciosa representação imposta por outros. Aqui, Bakhtin (1992) nos ajuda a entender que a “vozes externas” muitas vezes monopolizam a narrativa, marginalizando as experiências e perspectivas de grupos historicamente subalternos.

O ato de assinar suas próprias narrativas é uma forma de resistência e afirmação da identidade, permitindo que esses indivíduos não apenas se incluam no discurso, mas que também se estabeleçam como sujeitos ativos e protagonistas na construção de suas histórias.

A segunda narrativa, de Crejoá(2023), reflete uma ambição coletiva por progresso além do imediatismo material: *“Tá aqui... era nosso sonho nosso! Sonho também em progredir... sem pensar só no Cash!”*. Essa fala sugere um reconhecimento dos desafios enfrentados, mas também uma visão esperançosa que se conecta ao bem-estar das futuras gerações.

²¹ Heteroglossia é um termo que descreve a coexistência de diferentes variedades de um mesmo código linguístico. A palavra é originária do grego heteros que significa "outro" ou "diferente" e glóssa que significa "língua". O conceito foi introduzido pelo linguista russo Mikhail Bakhtin em 1934, no ensaio *Slovo v romane*, publicado em inglês como *Discourse in the Novel*. Bakhtin considerava que a heteroglossia era uma característica da novela moderna, que permitia a expressão do conflito entre os discursos do autor, do narrador e dos personagens. A heteroglossia relaciona a condição social ao tipo de linguagem, considerando que a diversidade de linguagem está ligada a fatores como profissão, gênero, personalidade e tendências individuais. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Heteroglossia>, acesso, 03 de outubro de 2024.

O sonho de “*incentivar as crianças a sair da rua*” pode ser analisado à luz do conceito bakhtiniano de dialogismo, onde o sentido é construído não apenas na própria fala, mas na interação entre discursos e valores culturais.

Crejoá (2023) não fala apenas de um progresso individual, mas de um ideal comunitário que busca romper com círculos viciosos de vulnerabilidade e marginalização, mostrando como a narrativa se entrelaça com a ação social e a responsabilidade coletiva.

Por fim, na narrativa de Uirapuru (2023), percebemos uma contraposição poderosa ao estigma e à criminalização de determinadas identidades sociais: “*Por detrás do boné... por detrás de um colar... por detrás de um capô. Também tem uma alma... tem um coração... não é todo mundo que é da maldade... não é todo mundo que é um criminoso, não*”.

Bakhtin (1992) nos ensina que cada voz carrega um contexto e uma história própria, e essa fala desafia as simplificações e reduções que são frequentemente impostas pelas narrativas dominantes.

Uirapuru (2023) enfatiza a humanidade coletiva que transcende a aparência e as suposições sociais, questionando a ideia de que a criminalidade se reflete na vestimenta ou na origem das pessoas. Essa afirmação busca restaurar a dignidade e complexidade das experiências humanas, ampliando a discussão sobre preconceitos e injustiças sociais.

Desta forma, as vozes dos moradores, analisadas através da perspectiva bakhtiniana (1992), revelam não apenas uma luta pela representação e reconhecimento, mas também um profundo engajamento com questões sociais, culturais e políticas.

Elas criam um diálogo dinâmico que transcende as narrativas simplistas e estigmatizantes, permitindo que a verdade de suas experiências ressoe de maneira autêntica e poderosa.

Cada narrativa não é apenas um relato de vida, mas um convite à reflexão sobre as estruturas sociais que moldam as identidades e desafios enfrentados por essas comunidades.

Nesse contexto, Vidal (2021) nos instiga a repensar a abordagem intelectual que se enrijece ao longo da história, especialmente à luz da dominação dos povos.

Ela desafia a desconstruir as estruturas de poder, conhecimento e dominação que foram estabelecidas durante o período colonial, propondo uma crítica que dialoga diretamente com as experiências vividas pelos participantes. Essa reflexão é fundamental para compreender as dinâmicas atuais e para buscar alternativas que promovam a inclusão e a justiça social (Vidal, 2021).

Vidal (2021) ainda reflete sobre as formas tradicionais de pensamento e conhecimento impostas por colonizadores, sublinhando a necessidade de uma perspectiva crítica que reconheça as histórias, experiências e saberes das culturas oprimidas.

Cientes de que o pensamento decolonial é um campo amplo e diversificado, repleto de correntes e abordagens, nossa principal intenção aqui é questionar as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam a opressão em nossos dias.

Isso se torna evidente nas falas dos participantes desta pesquisa, que buscam alternativas para promover a inclusão, a diversidade e a justiça. As narrativas traduzem uma ampla gama de informações, oferecendo reflexões profundas sobre a vida cotidiana, as desigualdades enfrentadas e os efeitos do sistema dominante sobre suas vidas.

Além disso, as narrativas revelam diversas situações de discriminação e opressão, incluindo preconceito racial, sexismo, homofobia, xenofobia e outras formas de injustiça que os participantes vivenciam.

Dessa maneira, entrelaçando os pensamentos de Bakhtin (1992) e Vidal (2021), compreendemos que as vozes dos moradores são não apenas um testemunho das suas lutas, mas também uma crítica contundente a um sistema que marginaliza e silencia suas realidades.

Algumas narrativas trazem o apagamento das suas histórias em especial dos moradores do Residencial Pôr do Sol:

“O nome do meu grupo de rapper leva o nome do bairro, como forma de levar e brigar por respeito a ele, no peito mesmo! Teve gente que falou pra mim que eu sou doido em colocar Pôr do Sol, que não sei o quê! Coloquei para elevar o nome dele, para representar o bairro em outros lugares. Eu guardo até prints que envolve discriminação pelo bairro por conta de alguns o bairro fica manchado (Jovem Uirapuru, 2023).

“Quantas camadas foi desconstruída para chegar aqui! Eu tô dentro um programa de Podcast! Tô aqui entendendo ainda essas falhas, porém é preciso dizer que o Residencial Pôr do Sol tem um trabalho em rede que dá inveja em muitos lugares e cidade! Aqui é um trabalho integral, de rede, de gestão compartilhada e com uma comunidade que se envolve! O bairro tem aproximadamente hoje de 12 a 15 mil moradores surgiu em 1999...o povo vinha no caminhão de arara...eu vinha com a minha avó...hoje acredito... que foram jogando o povo aqui...tirando o povo da cidade e jogando tudo aqui... aqui não tinha transporte... não tinha nada...nada! Só uma rua! Quem saía de lá da ponte... para cá... antes de tudo tem uma história pra contar! Acho que pensavam assim...tranquilo... não vai dar trabalho para nós, não! Dois, três quatro, cinco, seis meses atrás, eu conheci um município ele chegou numa média de sete oito homicídio...muito diferente daqui...porque acompanhei a estatística daqui do bairro, passei me aprofundado nas ideias né, porque aqui foi zero. Aí esse estigma que foram construindo que foram estruturando e aí eu tive a oportunidade de trabalhar com esse estigma tanto no quantitativo quanto no tempo real! Não senti ele, né? Porque o poder de mídia ele foi se caracterizando foi dando [...]foram nos dando a identidade que nem nós sabia que tem!” (Semente de Girassol, 2023).

A análise das narrativas do Jovem Uirapuru (2023) e da Semente de Girassol(2023) à luz das ideias bakhtinianas (1992) e de Vidal (2021) revela como as experiências e identidades dos moradores do Residencial Pôr do Sol são formadas e disputadas por meio da linguagem e do diálogo.

Na perspectiva bakhtiniana (1992) é possível enfatizar a importância do contexto social e da interação na formação das identidades. Quando Uirapuru (2023) menciona que o nome do seu grupo de rapper leva o nome do bairro como uma forma de “*brigar por respeito*”, ele está reivindicando uma nova narrativa para o Pôr do Sol, desafiando a estigmatização associada ao seu nome.

Essa necessidade de afirmação é um exemplo claro da luta pela representação, onde a identidade coletiva do bairro é reconquistada frente à arte e à expressão pessoal. A resistência contra a discriminação, que se materializa em “*prints que envolvem discriminação pelo bairro*”, destaca a relevância da voz individual e coletiva na construção de significados que desafiam a marginalização.

Por outro lado, a narrativa da Semente de Girassol (2023) traz uma profundidade temporal e histórica à discussão. Ao descrever as dificuldades enfrentadas pelo bairro no passado e a evolução de sua comunidade, Semente de Girassol (2023) ilustra a riqueza do diálogo social e das histórias compartilhadas, alinhando-se com a ideia bakhtiniana (1992) de que a linguagem e o diálogo são fundamentais para a construção da identidade.

“*Aqui é um trabalho integral, de rede, de gestão compartilhada e com uma comunidade que se envolve!*” evidencia a colaboração e a solidariedade entre os moradores, sugerindo que, por meio da interação e do trabalho conjunto, é possível desconstruir as camadas de preconceito e criar um novo sentido de pertencimento e identidade.

A referência de Semente de Girassol (2023) ao “*poder de mídia*” também é significativa. Ele aponta para como a representação midiática pode influenciar a percepção pública de uma comunidade, ressaltando a crítica de Vidal (2021) sobre a necessidade de questionar as narrativas dominantes que alimentam a opressão.

A fala evidencia como uma identidade frequentemente imposta por externas não reflete a realidade vivida — “*a identidade que nem nós sabia que tem*” — e chama a atenção para a importância da autoafirmação, onde os próprios moradores desafiam as estigmatizações e se apropriam de suas histórias, recontextualizando-as de uma forma que promove uma nova identidade coletiva.

Ao integrar as ideias de Bakhtin (1992) e Vidal (2021), percebemos que as narrativas dos moradores do Residencial Pôr do Sol não apenas articulam suas realidades e desafios, mas também funcionam como um espaço de resistência e transformação.

Essas narrativas expõem a luta contra a marginalização, enfatizando a importância da voz coletiva e o papel da linguagem na construção de identidades que são simultaneamente pessoais e sociais. Dessa maneira, elas desafiam as narrativas históricas e promovem um novo olhar sobre as experiências vividas por essas comunidades.

As raízes do pensamento decolonial, por sua vez, estão intimamente ligadas aos movimentos de libertação nacional e aos esforços para reivindicar a identidade cultural e a autonomia política após séculos de colonização.

Esse pensamento surge como uma resposta à persistência das estruturas coloniais, mesmo após a independência formal de muitos países colonizados. Os estudiosos do pensamento decolonial argumentam que a colonização não apenas explorou economicamente as nações subjugadas, mas também impôs uma hierarquia cultural e uma visão de mundo eurocêntrica, suprimindo as tradições culturais, religiosas e os conhecimentos locais (Vidal, 2021).

Vidal (2021) nos fornece pistas importantes para a necessária desconstrução do pensamento colonial eurocentrista, as quais podem ser apreciadas na Figura 41:

Figura 41. Desconstruindo o Pensamento Colonial Eurocentrista



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Vidal (2024)

As ideias de Vidal (2021) e Quijano (2005) dialogam de maneira frutífera em pontos centrais que abordam a crítica ao colonialismo, a valorização da diversidade cultural e a busca por justiça social, conforme evidenciado no infográfico apresentado na Figura 41.

Essa interação pode ser enriquecida pelo pensamento de Bakhtin (1992) e pela abordagem metodológica das narrativas inspiradas em Barthes (2011), que permitem uma análise mais aprofundada das histórias e saberes locais.

Quijano (2005) introduz o conceito de "colonialidade do poder", que expõe como os legados coloniais ainda influenciam as hierarquias sociais, políticas e econômicas contemporâneas.

Essa análise ressoa com Bakhtin (1992), que enfatiza a natureza dialógica da linguagem e como os significados são construídos nas interações sociais. A colonialidade do poder, conforme Quijano (2005), institui uma narrativa hegemônica que marginaliza saberes e experiências não ocidentais, enquanto Vidal (2021) complementa essa perspectiva ao exigir a descolonização do conhecimento e das práticas educacionais.

Esse movimento em direção à descolonização pode ser entendido como uma resistência aos discursos monológicos e hegemônicos que Bakhtin (1992) critica, promovendo, assim, a inclusão de vozes que há muito foram silenciadas.

Tanto Vidal (2021) quanto Quijano (2005) concordam sobre a importância de valorizar os saberes locais e as experiências das comunidades historicamente silenciadas. Vidal (2021) defende a inclusão ativa dessas vozes nas narrativas educacionais, enquanto Quijano (2005) argumenta que a supressão desses saberes foi uma estratégia deliberada para manter a dominação cultural.

Esta valorização do conhecimento local se transforma em uma forma de resistência e empoderamento. Conectar essa ideia com Barthes (2011) nos permite perceber como as narrativas podem ser reescritas para desafiar as imposições coloniais, contribuindo à construção de uma nova narrativa coletiva que reafirma identidades e a diversidade cultural.

A necessidade de dismantelar as hierarquias sociais baseadas em raça, gênero e classe é um ponto crítico que se destaca em ambos os autores. Quijano (2005) discute como a colonialidade institui não apenas desigualdades econômicas, mas também uma hierarquização cultural, subordinando o saber ocidental à produção de conhecimento local.

Vidal (2021) ecoa essa crítica ao demandar uma revisão dos currículos educacionais para que reflitam uma diversidade de vozes. Ao contemplar a visão de Bakhtin (1992), compreendemos que um espaço dialógico é necessário para que essas vozes emergjam e interajam, permitindo a construção de um saber mais inclusivo e plural.

Um ponto de convergência significativo entre Quijano (2005) e Vidal (2021) é a defesa da autonomia e autodeterminação das culturas e comunidades colonizadas. Quijano (2005) enfatiza a importância de reconhecer a identidade local como fundamental na luta contra a colonialidade.

Vidal (2021) complementa essa ideia afirmando que a verdadeira descolonização envolve permitir que as comunidades preservem suas tradições e desenvolvam suas próprias narrativas.

Esta perspectiva está alinhada com a ideia de Bakhtin (1992) sobre a importância do "outro" na construção de significado, onde as histórias pessoais não estão isoladas, mas em um fluxo constante de diálogo com a cultura e a história coletivas.

Assim, tanto Quijano (2005) quanto Vidal (2021) estão comprometidos com a ideia de justiça social e a necessidade de reparação histórica pelos danos causados pelo colonialismo.

Quijano (2005) argumenta que a luta por justiça deve focar no reconhecimento das injustiças históricas e nas desigualdades estruturais persistentes, enquanto Vidal (2021) discute a reparação como um aspecto essencial para reconstituir as relações entre culturas, fundamentadas no respeito e na igualdade.

Aqui, novamente, a abordagem de Barthes (2011) sobre a narrativa revela-se relevante; a construção de narrativas que reconheçam e responsabilizem pelo passado permite que os indivíduos e as comunidades se articulem em uma luta por um futuro mais justo.

As ideias de Vidal (2021) e Quijano (2005) não apenas se entrelaçam em aspectos centrais como a crítica ao colonialismo, a valorização dos saberes locais, a luta contra hierarquias sociais, a defesa da autonomia das comunidades e a ênfase na justiça social, mas também ecoam no pensamento de Bakhtin (1992) e na abordagem narrativa de Barthes (2011).

A partir dessa intersecção de ideias, podemos trilhar um caminho que propicie uma análise mais robusta das experiências de comunidades historicamente marginalizadas e a sua luta por reconhecimento e espaço na esfera pública.

Ao articular a análise das narrativas dos moradores do Residencial Pôr do Sol com o pensamento decolonial, fica evidente a importância da resistência cultural e social como um mecanismo de reescrita de suas histórias e afirmação de suas identidades.

As experiências vividas das comunidades, quando observadas sob a ótica da crítica proposta por Quijano (2005) e Vidal (2021), evidenciam um campo fértil para a apropriação de suas narrativas, a qual, quando entrelaçada com a leitura de Bakhtin (1992) sobre a natureza dialógica da linguagem, cria um espaço onde diferentes vozes se encontram e se dialogam.

Assim, a expressão cultural e a construção de narrativas que refletem essas vivências não apenas desafiam as imposições do discurso colonial, mas também fomentam um sentido de pertencimento e identidade, essenciais para a autoestima e a resiliência dessas comunidades.

Ao invés de se verem como meros objetos de estudo, os moradores do Residencial Pôr do Sol tornam-se protagonistas de suas próprias histórias, reformulando um passado e construindo um futuro que reflete a pluralidade de suas experiências.

A proposta de Barthes (2011) quanto à crítica das narrativas clássicas nos permite entender que a estrutura e o significado das histórias estão em constante transformação e que

as narrativas locais devem ser vistas como um espaço onde a criatividade e a subjetividade pontuam a experiência humana.

A partir dessa visão, a construção de narrativas que incorporem as vozes dos moradores e se contraponham aos discursos dominantes não apenas legitima suas experiências, mas também desestabiliza as concepções tradicionais de poder e hierarquia que historicamente as oprimiram.

Assim, esse processo de reescrita das histórias locais, inspirado em uma abordagem que valoriza a individualidade e a diversidade, pode ser um caminho valioso na luta por reconhecimento e igualdade.

Esse processo permite que essas comunidades, alinhadas com as proposições de uma educação inclusiva e reflexiva defendida por Vidal (2021), conquistem um espaço de escuta e valorização em instâncias sociais e educacionais frequentemente desprovidas de representatividade.

A conexão entre as experiências vividas por essas comunidades e a crítica às estruturas coloniais estabelece um espaço fértil para a transformação social. A luta por um futuro mais justo e equitativo é, portanto, uma tarefa coletiva que exige a articulação de diferentes vozes e saberes.

Neste contexto, a reunião dessas vozes em um diálogo aberto e inclusivo, como enfatizado por Bakhtin (1992), é imperativa. Esse diálogo é não apenas uma prática de escuta, mas um reconhecimento ativo de que cada voz traz consigo uma história única, uma perspectiva própria que contribui para a construção do todo.

Essas interações criam um ambiente onde a mudança social é não apenas desejada, mas realizável. Ao abraçar essa pluralidade e fomentar a autonomia das comunidades, promovemos uma perspectiva que não apenas critica as injustiças do passado, mas que também se projeta para um futuro no qual a diversidade cultural e a igualdade são valores centrais.

Por fim, ao entrelaçar as ideias de Vidal (2021), Quijano (2005), Bakhtin (1992) e Barthes (2011), podemos construir um entendimento abrangente sobre as estruturas sociais que definem nossas realidades, bem como as formas de resistência que emergem dessas histórias.

As experiências dos moradores do Residencial Pôr do Sol não são apenas relatos de luta; são também expressões de esperança e um chamado para a ação que instiga uma reconfiguração das narrativas dominantes.

O diálogo contínuo entre experiências locais e debates teóricos nos proporciona um caminho importante para a descolonização do conhecimento e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

6.3 Melodias Linguísticas

A linguagem dos moradores e jovens do Território do Residencial Pôr do Sol é uma manifestação rica e complexa que reflete não apenas a cultura e o contexto social dessa comunidade, mas também suas experiências únicas e seus desafios diários.

Essa linguagem é caracterizada por uma série de especificidades que se alinham com as dinâmicas sociais e culturais das periferias urbanas, conforme discutido por Patel (2015), que examina a intersecção entre linguagem, cultura e sociedade no Brasil.

As características linguísticas presentes nas falas dos moradores do Residencial Pôr do Sol incluem gírias, expressões idiomáticas e uma sintaxe que podem ser vistas como traços distintivos de uma identidade coletiva.

Essas expressões não são meramente elementos linguísticos; elas também desempenham um papel fundamental na construção de laços comunitários e na afirmação de uma identidade cultural.

Patel (2015) revela que as gírias e expressões específicas das comunidades periféricas desenvolvem uma singularidade que frequentemente escapa ao entendimento de pessoas externas.

Essa criação de um repertório linguístico exclusivo, como fenômeno cultural, serve a múltiplos propósitos: facilitando a comunicação entre os membros da comunidade e reforçando um sentimento de pertencimento e coesão.

Essa dinâmica pode ser analisada sob a luz do conceito bakhtiniano (1992) de "vozes" e "dialogismo", segundo o qual a linguagem é sempre dialogicamente construída e depende de contextos sociais, históricos e culturais.

Nesse sentido, a linguagem dos jovens do Residencial Pôr do Sol se torna um espaço de resistência e afirmação, onde cada palavra carrega consigo a história e as experiências vividas pela comunidade.

A utilização de gírias e expressões locais se articula como uma forma de resistência cultural. Essa resistência pode ser entendida a partir da perspectiva de Barthes (2011), que discute a construção de significados a partir do contexto.

Para Barthes (2011), a linguagem não é um mero veículo de transmissão de informações, mas um espaço onde significados são constantemente negociados e reformulados.

Assim, as gírias e expressões dos moradores não são apenas modos de comunicação, mas também formas de afirmar suas identidades e reivindicar um lugar na sociedade.

Dentro desse contexto, a linguagem torna-se um instrumento simbólico que vai além da comunicação verbal, permitindo que os moradores do Residencial Pôr do Sol articulem suas realidades, suas dores e suas esperanças.

Mediante as gírias, eles estabelecem uma clara distinção entre "nós" e "eles", reforçando a sua identidade coletiva e criando um espaço de pertencimento que é vital para o enfrentamento das adversidades.

Esse fenômeno é coerente com a visão de Bakhtin (1992) sobre a linguagem como um ato social indissociável do contexto social em que é produzido: a linguagem não é apenas refletora da realidade, mas também um meio através do qual essa realidade é formada e contestada.

Além disso, a linguagem dos jovens do Residencial Pôr do Sol é frequentemente impregnada de criatividade e expressividade, manifestando-se também em formas artísticas, como a música e a poesia.

Essas expressões artísticas são potentes catalisadores de diálogo social, promovendo não apenas a autoafirmação, mas também a crítica à marginalização e às condições de vida enfrentadas por essas comunidades.

Para Barthes (2011), a narrativa é um espaço de significado onde a cultura popular pode ser reinterpretada e reivindicada. Nesse sentido, as músicas e poesias que emergem do Residencial Pôr do Sol não são apenas formas de arte, mas também atos de narrar uma história coletiva que desafia as narrativas dominantes.

Portanto, ao considerarmos a linguagem dos moradores e jovens do Residencial Pôr do Sol sob a perspectiva de Bakhtin (1992) e Barthes (2011), percebemos que essa linguagem é uma ferramenta de transformação social. Ela possibilita a articulação de uma voz coletiva que transcende as limitações impostas por discursos hegemônicos e busca o reconhecimento e respeito em uma sociedade muitas vezes indiferente ao seu sofrimento.

Partindo dessa linguagem, esses jovens se tornam agentes de suas histórias, exercendo um papel ativo na redefinição de suas identidades e na luta por uma sociedade mais justa.

Seguem algumas vozes que podem colaborar com esta discussão:

*“Tô aqui pensando que os poderes públicos acharam **que colocando nois aqui ia calar nois**, ihhhh...a senhora tá vendo a potência que é a senhora tá aqui” (Semente De Girassol, 2022)?*

*“É difícil falar de identidade, cada qual tem a sua e o coletivo tem outro, mas aqui constantemente a gente está tendo que falar **“quem nois é”, o que “nois faz”** e até pelos processos de gestão que se dá aqui no bairro... falo que o bairro vai te dar, só que ele também é traiçoeiro, ele também vai te tirar. Não adianta chegar iludido, achando que vai encantar os pobrezinhos, que agora tô feito...não é assim! A nossa luta é desde 2000, desde quando o bairro*

foi apropriado! Era tudo terra aqui! As casas de lona. Tinha que subir às vezes pelos barrancos, carro não conseguia acesso! Carro, não entrava! Pra pegar ônibus tinha que ir pra rodovia, porque não entrava ônibus no bairro! E passava assim...passava 6h da manhã... 1h da tarde e 6h da noite! Que era o Ponte Alta! E aí era facção...podão...ih mano” (Semente De Girassol, 2022)!

As vozes dos moradores e jovens do Residencial Pôr do Sol oferecem uma rica perspectiva sobre as particularidades da linguagem e sua função social, permitindo uma análise sob os sólidos fundamentos das teorias de Bakhtin (1992), Barthes (2011) e Quijano (2005).

Como mencionado, a linguagem dessas comunidades periféricas são fenômenos socioculturais que não apenas comunicam, mas também expressam identidades, realidades e resistência.

Essa perspectiva é imperativa para entender como os habitantes do Residencial Pôr do Sol utilizam suas expressões para desafiar a marginalização e afirmar sua presença na sociedade.

As expressões “*quem nós é*” e “*o que nós faz*”, destacadas na fala da Semente de Girassol (2022), são profundas e representam não apenas uma afirmação de identidade, mas também um reconhecimento da presença e da potência comunitária.

Bakhtin (1992) argumenta que a linguagem é essencialmente dialogada; assim, as trocas verbais que ocorrem nesse contexto não apenas definem um grupo, mas também os inserem em um diálogo contínuo com o mundo externo, especialmente com as instituições que frequentemente não os escutam.

Portanto, a frase de Semente de Girassol (2022) não só ressoa com a experiência vivida, como também se opõe ao silêncio que muitas vezes é imposto pelos poderes públicos.

Patel (2015, n. p.) ilumina esse ponto ao mencionar que “a língua representa a cultura de uma sociedade com consistência nas suas práticas e atitudes”, indicando que a linguagem é indissociável da construção identitária.

No contexto das comunidades periféricas, as gírias e expressões locais funcionam como veículos de uma narrativa contínua que muda e se adapta, refletindo tanto as experiências de seus falantes quanto as realidades sociais em que eles estão inseridos.

A crítica de Quijano (2005) ao “colonialismo do poder” pode ser vista aqui, onde as vozes locais se erguem contra uma narrativa dominante que tenta silenciá-las.

As gírias e os dialetos característicos das comunidades periféricas, como salienta Patel (2015), são frequentemente desconsiderados ou vistos como uma forma inferior de comunicação, o que contribui para perpetuar a exclusão social.

Contudo, a exclusão da norma culta não implica uma falta de valor nas formas de expressão popular. Na verdade, como Barthes (2011) discute, a língua falada nas periferias é um espaço de invenção e inovação, onde novas emoções e significados são constantemente gerados e disputados.

Ao resistirem à marginalidade linguística, os moradores do Residencial Pôr do Sol redefinem o que significa “falar corretamente”, reivindicando a legitimidade de suas expressões culturais.

A letra da música do grupo de rap Conexão 2000, apresentada durante o Episódio 3 do podcast *"RAP NA FRONTEIRA: MOVIMENTO CULTURAL E POÉTICO DAS PERIFERIAS"*, realizado no Teatro Experimental de Uberaba, é um exemplo marcante dessa dinâmica.

Esse episódio destaca a expressão cultural e a criatividade dos jovens do Residencial Pôr do Sol, refletindo as particularidades de suas vivências e lutas. A música não apenas funciona como uma forma de arte, mas também como um canal poderoso através do qual esses jovens compartilham suas histórias, desafios e aspirações, reafirmando sua identidade e resistência diante de um contexto frequentemente adverso.

Dessa forma, a letra se torna um veículo onde se pode observar a interação entre a tradição da cultura hip hop e a autenticidade das experiências locais, iluminando a forma como a linguagem serve como ferramenta de afirmação e resistência.

A apresentação da letra pelo grupo, dentro do espaço do podcast, reforça a importância de ressaltar a voz às comunidades periféricas e de destacar suas narrativas próprias, que muitas vezes permanecem à margem das discussões dominantes.

Assim como Barthes (2011) sugere que as narrativas populares podem ser um espaço de resistência e redefinição de significados, a música se torna um veículo através do qual os jovens da comunidade expressam suas alegrias, dores e esperanças.

A letra reflete tanto um chamado à união e à luta quanto uma crítica contundente ao cotidiano violento que muitos enfrentam. O uso expressivo da linguagem nessa canção não apenas enriquece a cultura local, mas também se expande além de seu contexto imediato, espalhando novas gírias e expressões para além das fronteiras do Residencial Pôr do Sol.

Concordamos com Patel (2015) ao afirmar que os artistas de hip hop desempenham um papel fundamental na criação e disseminação de novas gírias e expressões que vão além da comunidade.

Eles redefinem as condições de visibilidade e reconhecimento cultural. Esta produção linguística é uma forma de resistência que desafia os estereótipos e as narrativas dominantes,

reafirmando a identidade coletiva dos moradores e promovendo uma estética própria da vida na periferia.

Assim, a análise das vozes do Residencial Pôr do Sol sob as lentes de Bakhtin (1992), Barthes (2011) e Quijano (2005) revela um panorama no qual a linguagem se torna mais do que um mero meio de comunicação; ela é um espaço vital para a autoafirmação, resistência e construção de identidade.

As narrativas que emergem desse espaço não são apenas refletivas; elas são ativas, caracterizando não apenas as experiências de seus falantes, mas também desafiando as hierarquias e as estruturas de poder que tentam silenciá-los.

A partir desse movimento reflexivo ancorado em referenciais de Bakhtin (1992), Barthes (2011), Quijano (2005) e Patel (2015), refletindo a linguagem, na forma de expressões, gírias e músicas que ecoam no Residencial Pôr do Sol, como um canto de protesto e ao mesmo tempo um espaço de afirmação cultural.

Essa dinâmica possibilita aos moradores não apenas contar suas histórias, mas também reivindicar visibilidade e respeito em um contexto muitas vezes hostil.

As vozes dos jovens e moradores do Residencial Pôr do Sol não estão isoladas; elas fazem parte de uma narrativa coletiva que rivaliza com as histórias oficiais frequentemente propaladas por mídias e instituições.

No contexto da violência, da exclusão e da luta, suas narrativas refletem uma maneira de viver que desafia narrativas simplificadas que reduzem suas comunidades a estereótipos de pobreza e criminalidade.

Como Bakhtin (1992) argumenta, a narrativa não é um simples relato; ela é um espaço de resistência e construção identitária, onde um encontro de vozes se torna o princípio de uma nova história.

Dessa forma, a música e as expressões locais dão voz a experiências de dor, luta e esperança, construindo um legado cultural que resiste ao tempo e ao espaço.

Ao utilizar expressões que evocam o cotidiano e as vivências da comunidade, como “*manter fé num futuro melhor*”, as letras do Conexão 2000 e as falas coletivas dos habitantes tornam-se uma reconfiguração do espaço público.

Essa dança entre a individualidade e o coletivo, ressaltando a abordagem dialógica de Bakhtin (1992), gera uma nova maneira de ver a realidade à medida que os sujeitos encontram suas vozes em um terreno que antes poderia parecer monolítico e homogêneo.

Além disso, a visão de Quijano (2005) sobre colonialidade e poder econômico pode ser vista em contraste com o que acontece nesse espaço. A luta pela visibilidade e a busca por um

lugar de fala se transformam em reivindicações de autonomia e autodeterminação, batalha que os moradores enfrentam para mostrar que suas histórias e experiências têm valor e merecem ser ouvidas.

A resistência em afirmar identidades por meio da linguagem, conforme indicado por Patel (2015), é uma luta por equalização na esfera pública, desafiando a ideia de que existe um padrão superior de comunicação.

A criatividade presente nas composições dos grupos de rap e na linguagem cotidiana é, portanto, um ato de resistência que não apenas contrasta com, mas também responde à exclusão e à marginalização.

Essas expressões são diálogos vivos entre a cultura dominante e as vozes periféricas. Assim, a linguagem é um espaço de "reexistência" — um conceito que vai além da mera sobrevivência para incorporar uma forma de inventividade e inovação que visa, em última análise, transformar a percepção que a sociedade tem das comunidades perifericonizadas.

Dentro desse contexto, cada comunidade desenvolve seu próprio conjunto de palavras que refletem suas circunstâncias singulares, com raízes históricas e demográficas distintas.

Essas expressões se espalham para outras comunidades por meio de canções ou mediante o compartilhamento verbal, e podem se tornar amplamente aceitas fora do ambiente original, adquirindo uma camada convencional.

No entanto, também há casos em que essas palavras perdem popularidade e caem em desuso, ou talvez até passem por transformações em seu significado, em um processo orgânico (Patel, 2015).

As falas dos jovens músicos e compositores Uirapuru e Sabiá (2023) reforçam:

“Então a gente tenta passar uma visão melhor não só para as crianças... mas também para os jovens, adolescentes, até para os adultos, também! Seja um Trap...seja um funk ...seja um rap seja um pagode... seja qualquer coisa!” (Uirapuru, 2023).

“Geralmente as pessoas têm muito preconceito...precisam abrir a mente, entendeu? Pra pensar de uma forma diferente, entendeu? Porque acho que é um Trap...Um funk ... pra elas é coisa de criminalidade! Às vezes, não! Na maioria das vezes a gente tá passando uma mensagem positiva, entendeu? Se você pegar e analisar cada palavra... cada frase... cada estrofe... você vai ver que a gente...tá passando uma mensagem sempre positiva, entendeu? A gente não tá mostrando para a molecada tomar aquele caminho mas assim mostrando na realidade que a gente viveu (Sabiá, 2023).

Entendemos a necessidade na desconstrução desses dialetos enquanto padrão e com definição por um grupo social dominante. Há de se considerar a pluralidade de dialetos pela cidade. E não ao contrário periféricoizar ou excluir uma pessoa pelo dialeto que é apropriado

por ela, ou ainda, categorizar aqueles que falam os dialetos periféricos, como a linguagem da favela, carregando estigmas negativos associado à sua comunidade onde quer que abram a boca (Patel, 2015).

Abramo (1994), entende a juventude enquanto uma categoria social e variável, no qual se distinguem no tempo, nos significados sociais com modificações internas dentro de uma mesma cidade e sociedade.

Nas áreas geográficas onde grupos da população, muitas vezes fazem parte de um contexto de periféricoização, desigualdade ou exclusão social, se mobilizam e se envolvem em ações coletivas e movimentos de resistência para reivindicar seus direitos, buscar justiça social e desafiar estruturas de poder opressivas e frequentemente são associados a problemas como pobreza, desigualdade, falta de acesso a serviços básicos, violência e discriminação, como alerta Abramo (1994).

Por fim, o que os moradores e jovens do Residencial Pôr do Sol nos ensinam é que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas sim um elemento vital na luta pela autonomia, identidade e reconhecimento social.

Ao articularem suas experiências por meio de gírias criativas, letras de música e expressões cotidianas, eles transformam suas vozes em instrumentos de mudança, desafiando as narrativas hegemônicas que buscam silenciá-los.

Sob as lentes críticas de Bakhtin (1992) e Barthes (2011), a linguagem emerge como um campo de batalha onde a resistência e a afirmação cultural são constantes. Assim, a força dessas vozes periféricas, longe de serem vistas como marginalizadas, devem ser reconhecidas como fontes de criatividade, resistência e esperança por um futuro mais justo e equitativo.

A criação e a circulação dessas novas formas de expressão linguística instigam uma reflexão sobre o poder das palavras, enquanto reafirmam o direito de cada indivíduo e comunidade de contar suas próprias histórias em seus próprios termos.

6.4 Asas que inspiram

Assim como Dayrell (2002), busca compreender como os jovens das periferias elaboram suas vivências em torno de suas temáticas e símbolos, bem como os significados que atribuem a eles no contexto social em que se inserem enquanto jovens de condições socioeconômicas menos favorecidas, nós, como pesquisadores, também tentamos mapear esse movimento com os jovens que foram acompanhados por meio de narrativas e participações no Vozes Podcast.

No Território do Residencial Pôr do Sol, constatamos um entusiasmo cultural protagonizado por jovens pertencentes ao bairro. Em contrapartida à imagem geralmente associada aos jovens de baixa renda, frequentemente caracterizada por violência e periferização, esses jovens desempenham também um papel como criadores culturais.

Entre eles, a música se destaca como a forma cultural mais popular, e eles formam grupos musicais de diferentes estilos, incluindo rap e funk. Dentro desses grupos, estabelecem conexões, experimentam, se divertem, produzem, aspiram e, em suma, vivem de acordo com um certo estilo de juventude.

Quanto à representatividade a partir das falas dos jovens, sentimos que há um longo caminho a ser superado e respeitado. Os jovens do Residencial Pôr do Sol vêm tentando realizar movimentos contra a imagem negativa que a sociedade muitas vezes projeta sobre eles, buscando, de certa forma, romper com narrativas unilaterais.

“O nome do meu grupo de rapper leva o nome do bairro, como forma de levar e brigar por respeito a ele, no peito mesmo! Teve gente que falou pra mim que eu sou doido em colocar Pôr do Sol, que não sei o quê! Coloquei para elevar o nome dele, para representar o bairro em outros lugares. Eu guardo até prints que envolve discriminação pelo bairro por conta de alguns o bairro fica manchado (Uirapuru, 2023).

“É muito gratificante o espaço que você... tá proporcionando pra gente... a gente fica até sem palavras... porque você tá dando...abrindo espaço... abrindo portas para quem não conhece a gente, conhecer... e até pra gente alimentar o sonho! Talvez você não tenha nem a dimensão do que você está fazendo por nós! A gente queria deixar aqui em aberto para que as pessoas possam refletir quem é o 2000 ...2000 são essas histórias o 2.000 é esse estigma que precisa ser desconstruído o 2000, assim como no bairro Rio de Janeiro, Copacabana. Esse movimento é interessante porque traz aqui a realidade não só do 2.000 mas a realidade de várias comunidades da Periferia aqui da cidade e de outras também, depor detrás do boné... por detrás de um de um colar... por detrás de um capô. Também tem uma alma...tem um coração... não é todo mundo que é da maldade ...não é todo mundo que é um criminoso, não” (Uirapuru, 2023).

“Estar aqui nesse palco hoje é como se eu fosse realizar um sonho! 12 anos que eu tô no funk e pra nós chegar aqui...tivemos muitas barreiras...temos muitas barreiras...mais nós vamos chegar lá... não vamos desistiu não! Só agradeço a Deus! Que eu amo cantar, né! Tá ligado!” (Sabiá, 2023).

“Tá aqui... era nosso sonho nosso! Sonho também em progredir... sem pensar só no Cash! Como diz ... de incentivar as crianças a sair da rua...porque o mundo lá fora é difícil! E a gente sente que inspira muitas crianças com essa arte! Tenho fé em Deus que vou conseguir realizar esse sonho! O sonho de ser reconhecido não só no país, mas no mundo “(Crejoá, 2023).

A representatividade dos jovens das periferias é um tópico amplo e complexo, e os relatos acima ilustram de maneira vívida as experiências de jovens que, junto aos seus grupos

de rap, ocuparam um palco público pela primeira vez no Teatro Experimental de Uberaba-MG, acompanhados pelos pesquisadores desta pesquisa.

Essas narrativas não apenas destacam a importância da produção cultural na vida desses jovens, mas também ressaltam a falta de espaços adequados para sua ocupação e para a criação de ambientes que favoreçam a produção cultural e a formação.

Sob a ótica de Bakhtin (1992), a linguagem e as vozes emergentes desses jovens revelam a necessidade de uma plataforma onde suas histórias possam ser contadas e valorizadas.

Bakhtin (1992), em sua análise dialógica da linguagem, enfatiza que as palavras não existem de forma isolada, mas sempre dentro de um contexto social e histórico, onde múltiplas vozes interagem.

Essa perspectiva se aplica às falas dos jovens, que buscam romper com as narrativas unilaterais que frequentemente os estigmatizam. Por exemplo, Uirapuru (2023) menciona a resistência em levar o nome do bairro “Pôr do Sol” e reverter o estigma associado a ele, ou Sabiá (2023), que expressa sua alegria em alcançar um sonho após 12 anos de dedicação ao funk.

Os jovens, ao ocuparem esse espaço público, manifestam um desejo não apenas de serem ouvidos, mas de se apresentarem como agentes de mudança e criatividade. Bakhtin (1992) argumenta que a linguagem é um espaço de resistência e construção identitária, e isso se manifesta claramente nas aspirações dos jovens escutados.

Eles anseiam por estabelecer conexões significativas que vão além da mera expressão artística; desejam criar um ambiente onde possam finalmente se sentir como parte de uma juventude com “múltiplas faces e contornos”.

Além disso, as falas de Crejoá (2023) e outros integrantes revelam uma preocupação com as gerações mais jovens, expressando o desejo de inspirar crianças a encontrar um caminho diferente, longe da violência e das dificuldades das ruas.

Essa preocupação intergeracional é um aspecto importante da socialização que Bakhtin(1992) explora em sua análise e destaca a capacidade dos jovens de atuarem como interlocutores ativos em suas comunidades.

Por meio de suas narrativas e práticas, esses jovens reconfiguram o espaço que habitam, desafiando estereótipos e limitando suas existências a meras representações de criminalidade ou marginalidade.

A música, a arte e outras formas de expressão criativa não são apenas modos de contar suas histórias, mas sim práticas que instauram identidade e pertencimento. As vozes desses

jovens, ao serem elevadas em um palco, simbolizam um rompimento com o silêncio e uma introdução ao reconhecimento de suas realidades e experiências.

Assim, a produção cultural, especialmente no contexto do rap e do funk, se torna uma poderosa ferramenta para que esses jovens articulem suas identidades e se façam ouvir, refletindo a complexidade de suas vivências e a riqueza de suas narrativas.

De acordo com Bakhtin (1992), essas interações e trocas sociais são fundamentais para o desenvolvimento de uma voz coletiva que não apenas ressoa dentro de suas próprias comunidades, mas também busca ser ouvida em esferas mais amplas.

A partir dessas expressões, os jovens do Residencial Pôr do Sol não apenas se posicionam como criadores culturais, mas também como protagonistas de suas histórias, desafiando as narrativas dominantes e reivindicando seu espaço na sociedade.

Este movimento não se limita ao teatro, mas se estende a todas as formas de criação e interação social, onde os jovens estão atuando como agentes de mudança e criando espaços para que suas vozes sejam valorizadas e respeitadas. Para eles, o palco não é apenas um lugar de desempenho, mas um espaço de resistência e celebração da vida e da cultura periférica.

Outro aspecto que chama a atenção são as narrativas dos jovens que não aparecem neste trabalho, resultado dos cortes realizados na gravação do Vozes Podcast durante o episódio "Rap Na Fronteira: Movimento Cultural e Poético das Periferias," a pedido dos próprios jovens. Após suas falas, os participantes do podcast expressaram receio quanto à possibilidade de perseguição por parte das autoridades locais, considerando que os episódios estão acessíveis publicamente no canal do Vozes no YouTube.

É importante ressaltar que os jovens de territórios periféricos frequentemente enfrentam um maior escrutínio por parte das forças policiais, devido a uma combinação de fatores sociais, culturais e políticos.

Segundo os relatos mapeados, as letras de suas músicas são percebidas como uma ameaça pelas autoridades, uma vez que abordam questões sociais, políticas, raciais e econômicas, e frequentemente questionam políticas públicas e criticam instituições.

Essa dinâmica coloca os grupos de rap em tensão com as autoridades, que podem sentir-se ameaçadas por essas críticas, como evidenciado pelos relatos dos próprios jovens que participaram desta pesquisa.

Na composição autoral do grupo de rap Conexão 2000, seguem alguns dos trechos que merece ser analisada com cuidado e atenção:

*“Quantos já vi se perder... num flash de um tiro!
Também já corri lado a lado com perigo e ganhei de brinde...”*

O risco como o meu melhor amigo... ”

*“Justiça é o mato, covardia que judia.
Ainda tem o barba que confia nessa justiça.”*

*“Imagine esse Brasil daqui a uns 20 anos
Com as calamidades, muitos casos desumanos.”*

*“Olha só os meus pensamentos... não tem como evitar!
Mãe que mata sua filha e joga do sexto andar!”*

*“Corpos crivados de balas.
A chuva lava... mas lembranças são manchadas de sangue.”*

“O sistema quer ver você cheio de guerra... se esquecendo da paz.”

“O homem não tem mais medo de morrer... nem de ter salvação.”

*“O que eu vejo é matança, vingança e muita dor e sofrimento.”
“Se manter vivo é segredo... pra sorrir.
Tudo que a rua me ensinou eu adquiri...” (Conexão 2000, 2023)*

A música do grupo de rap Conexão 2000 apresenta uma série de temas que dialogam diretamente com as questões sociais e as injustiças enfrentadas pelos jovens da periferia. Essa composição não apenas reflete as experiências dolorosas e desafiadoras dos moradores, mas também serve como um veículo de resistência e crítica às realidades que eles vivem.

A letra denuncia a violência e as injustiças que permeiam suas vidas cotidianas. Essas expressões artísticas, ao refletirem sobre a violência policial e outros tipos de opressão, criam uma resistência cultural que se contrapõe à narrativa hegemônica que frequentemente deslegitima esses jovens.

Barthes (2011) também nos ajuda a compreender que a criação artística é um campo onde significados são constantemente negociados. No contexto dos jovens rappers, suas letras não são apenas representações de uma realidade, mas sim atos de resistência que questionam e redefinem o que significa ser jovem em uma comunidade marginalizada.

O aumento da presença policial em eventos de rap no bairro é percebido pelos artistas e pela comunidade como um alvo direto. Essa vigilância se torna uma forma de controle que tenta silenciar suas vozes, ao mesmo tempo em que as letras de rap se tornam um veículo para expressar frustração e resistência, reforçando a necessidade de um espaço seguro onde possam se expressar livremente.

Não é a intenção deste estudo desmerecer o trabalho da segurança pública — um direito da população garantido pela Constituição Federal de 1988. Também não desejamos sugerir que

o comportamento da polícia seja uniforme ou homogêneo em todas as situações. É fundamental considerar as particularidades locais e a diversidade de experiências nas interações entre os jovens e as forças policiais.

As narrativas dos jovens também trazem uma forte mensagem de conscientização, como pode ser observado no refrão que diz “*se manter vivo é segredo pra sorrir*” (Conexão 2000, 2023). Essa linha sugere que, para sobreviver em um ambiente hostil, é necessário um entendimento das realidades locais, semelhante ao que Bakhtin (1992) sugere em relação à construção de sentido e significado socialmente situado. A conscientização sobre os próprios riscos e desafios é um aspecto fundamental para a luta por uma mudança.

A preocupação com “*o futuro dos meus filhos*” e a reflexão sobre as condições sociais em “*um Brasil daqui a uns 20 anos*” demonstram um desejo de mudança e esperança por um futuro melhor (Conexão 2000, 2023).

Este desejo de transformação ressoa com as discussões de Barthes (2011), que considera que a narrativa pode ser um espaço de resistência e mudança, onde a história não é apenas contada, mas reconfigurada.

Frases como “*é da quebrada!!!! Se manter vivo é segredo pra sorrir...*” indicam um orgulho da identidade local e uma busca pela valorização da cultura da periferia. O uso de expressões que evocam o local de origem cria um espaço de pertencimento e resistência, desafiando estigmas sociais e reafirmando a força da comunidade (Conexão 2000, 2023).

O trecho “*justiça é o mato covardia que judia*” exemplifica a crítica às instituições e à forma como a justiça é frequentemente negada às comunidades periféricas. Essa crítica se relaciona com a visão de Quijano (2005) sobre as estruturas de poder que marginalizam as vozes das comunidades, sublinhando a necessidade de reconhecimento e mudança (Conexão 2000, 2023).

A canção enfatiza a necessidade de união, com falas como “*nós temos que nos unir*”, o que indica a importância da coletividade na busca por mudanças. Esse aspecto é fundamental para a construção de uma identidade conjunta e para a resistência cultural em face das dificuldades (Conexão 2000, 2023).

Para além dessa relação muitas vezes frágil, os jovens do rap usam sua música não apenas para denunciar injustiças, mas também para criar consciência sobre questões sociais importantes e promover mudanças positivas em suas comunidades.

Essa lógica é exemplificada nas palavras do jovem Sabiá (2023), que destaca a importância de utilizar a arte como um instrumento de transformação e conscientização, permitindo-lhes sonhar e aspirar por um futuro melhor:

"Estou aqui... era nosso sonho! Nosso sonho também é progredir... sem pensar só no dinheiro! Como diz... queremos incentivar as crianças a sair da rua... porque o mundo lá fora é difícil. E a gente sente que inspira muitas crianças com essa arte! Tenho fé em Deus que vou conseguir realizar esse sonho! O sonho de ser reconhecido não só no país, mas no mundo" (Sabiá, 2023).

"Na maioria das vezes a gente tá passando uma mensagem positiva, entendeu? Se você pegar e analisar cada palavra... cada frase... cada estrofe... você vai ver que a gente... tá passando uma mensagem sempre positiva, entendeu? A gente não tá mostrando para a molecada tomar aquele caminho mas assim mostrando na realidade que a gente viveu" (Jovem Sabiá, 2023).

As palavras de Sabiá (2023) não apenas refletem a aspiração de reconhecimento, mas também a esperança que seus projetos artísticos oferecem, enfatizando a capacidade da música como um meio de resistência e uma ferramenta para a construção de um futuro mais promissor.

Assim, as vozes desses jovens não se limitam à crítica; elas se transformam em formas de inclusão, conscientização e, principalmente, de luta por dignidade e justiça social.

Outro fator que merece destaque a partir do mapeamento das narrativas dos jovens rappers pesquisados é que a maioria deles trabalha em serviços de construção civil, ocupando funções como serventes de pedreiro.

Nenhum dos jovens entrevistados está estudando, e muitos possuem famílias e filhos pequenos. Eles vivenciam conflitos e nutrem desejos e projetos para o futuro. Desde cedo, esses jovens ingressaram no mercado de trabalho, frequentemente em ocupações típicas de adolescentes em situação de vulnerabilidade, como a coleta de latinhas.

Essa atividade não apenas representa uma forma de contribuir financeiramente para suas famílias, mas também é parte integrante da vivência da juventude em contextos de pobreza. Importa ressaltar, no entanto, que nenhum deles vive exclusivamente da música ou do rap.

Essas condições de vida refletem as considerações de Dayrell (2002) sobre o encolhimento das políticas públicas dedicadas à juventude, especialmente a das periferias, que falham em atender às demandas dessas populações por melhores condições de vida e perspectivas de futuro.

A falta de políticas públicas efetivas nas áreas de emprego e saúde é alarmante, assim como a carência de iniciativas que incentivem o acesso a bens culturais. Observa-se que muitos destes jovens visitaram um teatro pela primeira vez, revelando um profundo desconhecimento sobre os espaços culturais da cidade de Uberaba.

Além disso, todos expressaram o desejo de realizar cursos relacionados à música, uma aspiração que, infelizmente, esbarra na ausência de recursos financeiros.

As narrativas levantadas corroboram a percepção de Dayrell (2002, p. 133), que afirma que os jovens das periferias esquecidas habitam uma "bolha" composta por camadas que

continuamente necessitam se reinventar e reconstruir enquanto seres humanos, estabelecendo múltiplas relações dentro de uma teia complexa de espaços e tempos.

Este aspecto é reforçado pelas ideias de Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder, na qual as estruturas sociais frequentemente marginalizam as vozes desses jovens, limitando suas oportunidades de expressão e reconhecimento.

No entanto, é evidente que eles se deparam com poucos espaços que permitam a construção de suas identidades com liberdade de expressão. Desejam ser quem realmente são, sem a necessidade de esconder seus bonés, correntes e acessórios preferidos ao encontrarem policiais.

Apesar de sua motivação e dedicação à música, carecem de incentivos e de locais adequados para aprimorar seu talento criativo, uma vez que o Residencial Pôr do Sol não dispõe de políticas culturais que os apoiem nesse desenvolvimento.

As histórias desses jovens ressoam o desejo de serem reconhecidos, de sair da invisibilidade e das margens sociais e políticas. Eles aspiram a ocupar palcos, serem convidados para eventos na cidade e na região, e, mais do que isso, desejam um espaço efetivo na cidade, capaz de ser transformado em um valor de uso e significado.

Por fim, as vozes desses jovens revelam um forte anseio por liberdade de ir e vir, mostrando a determinação de afirmar sua identidade, sua moradia e suas atividades. Eles almejam viver plenamente a experiência da juventude, enquanto cidadãos dotados de direitos, reivindicando um lugar no tecido social da cidade.

Assim, as narrativas deles não apenas refletem a luta por reconhecimento, mas também a busca por uma participação ativa e transformadora na sociedade em que vivem, alinhando-se com a perspectiva de Bakhtin (1992) sobre a importância do diálogo e da expressão cultural na construção identitária.

6.5 Pássaros Feridos

A expressão “Pássaros Feridos”, para essa dimensão de análise, busca, longe de conotações negativas ou de uma visão piedosa, levantar reflexões profundas sobre as cicatrizes que jovens com deficiência carregam em suas almas.

Este termo funciona como uma poderosa metáfora para as experiências de vida de indivíduos como os jovens Curió (deficiência intelectual) e Saíra-Amarela (deficiência física), cujas histórias não somente revelam suas lutas pessoais, mas também os desafios sistemáticos impostos pela sociedade.

As narrativas de Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023) oferecem uma visão direta de suas vidas, proporcionando um espaço de escuta que é frequentemente negligenciado. Este ato de ouvir é essencial, pois não se trata apenas de relatar experiências, mas de construir uma compreensão mais ampla das interseções entre suas vivências pessoais e as estruturas sociais que colaboram para a formação das suas identidades.

Ao permitir que suas vozes sejam ouvidas, as narrativas de Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023) desconstruem a invisibilidade frequentemente atribuída às pessoas com deficiência e expõem a complexidade de suas vivências.

Essa perspectiva ressoa com os pensamentos de Barthes (2011) sobre a importância do significado e da interpretação na construção de narrativas. Segundo Barthes (2011), todo texto é um espaço aberto onde os significados não são fixos, mas resultam da interação entre o autor e o leitor, em um processo contínuo de significação.

Neste sentido, as vozes de Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023) não apenas transmitem suas experiências pessoais, mas também desafiam as narrativas hegemônicas que costumam definir a deficiência como sinônimo de incapacidade ou limitação.

Frente suas histórias, esses jovens revelam nuances de suas identidades que muitas vezes são ignoradas em discursos sociais predominantes. Como Barthes (2011) sugere, ao dar atenção às experiências individuais, abre-se um espaço para interpretação e ressignificação, onde a deficiência pode ser vista não apenas como uma condição, mas como parte de uma narrativa mais rica e multifacetada.

Barthes (2011, n.p.) também fala sobre a ideia de “morte do autor”, um conceito que nos convida a desvincular o significado de um texto da intenção do autor, permitindo que a interpretação se torne um espaço ativo de criação de sentidos.

Assim, ao ouvirmos Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023), somos convidados não apenas a considerá-los como meras vozes dentro de um quadrante de deficiência, mas como agentes significativos que constituem seu próprio entendimento de mundo.

Essa mudança de perspectiva é essencial para a descolonização de narrativas que frequentemente subestimam as capacidades e experiências dos indivíduos com deficiência.

Portanto, ao acolher suas vozes, reconhecemos que elas oferecem uma oportunidade não apenas para a representação, mas para uma compreensão mais profunda e complexa das lutas, anseios e aspirações de jovens com deficiência.

Essa abordagem fundamentalmente desmantela a invisibilidade social, promovendo uma política de inclusão que valoriza e legitima suas experiências como parte integrante do tecido social mais amplo.

Assim, a interação entre a voz dos jovens e o contexto cultural em que estão inseridos se torna um campo fértil para a construção de novas narrativas e significados que refletem a diversidade e a complexidade da experiência humana.

Além disso, ao analisarmos as histórias de Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023) no prisma das cicatrizes emocionais, é importante considerar as repercussões sociais e emocionais resultantes de experiências como o abuso, o preconceito e a exclusão.

Tais experiências impactam profundamente a formação de suas identidades, influenciando suas interações sociais e a percepção que têm de si mesmas.

Partindo da lente de estudiosos como Bakhtin (1992), podemos compreender que a identidade não é um conceito fixo, mas um processo dinâmico formado pela interação social e pelos discursos que circulam em uma sociedade.

As narrativas de Curió (2023) e Saíra-Amarela (2023) não apenas refletem suas histórias individuais, mas também ecoam as vozes de um grupo muitas vezes marginalizado, iluminando a necessidade urgente de uma transformação nas atitudes e estruturas sociais.

Assim, ao enfatizar a metáfora de “Pássaros Feridos”, ressaltamos a urgência de amplificar essas vozes e promover uma reflexão crítica sobre como a sociedade pode ser mais inclusiva e acolhedora.

É fundamental que haja uma valorização não apenas das capacidades, mas também das vivências e das lutas de jovens com deficiência, para que suas histórias se tornem parte integrante do campo de discussão sobre inclusão e dignidade humana.

Antes de ressaltarmos as vozes dos jovens Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023), é importante destacar a relevância de suas experiências e histórias de vida. Essas narrativas não apenas enriquecem o debate, mas também são fundamentais para a compreensão das diversas realidades que compõem nossa comunidade.

Ao dar espaço para que eles compartilhem suas vivências, estamos promovendo um ambiente de empatia e respeito, que nos ajuda a entender as cicatrizes que muitos carregam e a construir um futuro onde todos possam se sentir pertencentes, independentemente de suas diferenças. Assim, vamos abrir este espaço para que eles possam ressoar suas histórias.

Preciso confessar que nunca contei essa história pra ninguém. Sei lá, senti confiança em você. Então vamos lá. O meu nome é Saíra-amarela, tenho 18 anos. Eu nasci aqui em Uberaba, na Maternidade São Domingos. Nos meus primeiros segundos de vida, eu tive que ir para uma sala de cirurgia porque eu nasci com as costas abertas e com uma síndrome muito rara. Aí, eles me deram 24 horas de vida e hoje já estou com 18 anos. A minha infância foi em casa, mesmo. Como eu sou cadeirante, tenho vergonha de sair de casa na rua. A minha infância foi assim, mas dentro de casa. Ando meio afastada dos amigos porque não me sinto confortável e

tenho medo deles me zoarem. Aí, eu distancio, fico distante das pessoas, dos colegas da escola, da rua. O meu pai, quando eu nasci e viu que eu era deficiente, olhou pra mim e disse que não era pai daquela aberração, que não dava vida para uma aberração (Jovem Saíra-Amarela, 2023).

Sou o Curió, a minha vida foi boa. Moro com os meus pais e tenho cinco irmãos. Em casa, limpo a casa e lavo banheiro. Eu saio pouco e vou na casa da minha tia e da minha amiga. Eu levanto todo dia, arrumo a casa, levo comida para o meu avô e arrumo a casa para ele. Quero trabalhar de van escolar para levar os meninos para a creche. Quero levar, trazer de volta (Jovem Curió, 2023).

Ao analisar as narrativas de Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023) sob a ótica de Bakhtin (1992), é essencial considerar conceitos fundamentais como a dialogicidade, a heteroglossia e a construção da identidade em contextos sociais e históricos.

De acordo com Bakhtin (1992), a comunicação humana é intrinsecamente dialógica, pois envolve um intercâmbio onde diferentes vozes se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

Nas narrativas de Saíra-Amarela (2023) e Curió (2023), observa-se como suas experiências pessoais dialogam não apenas entre si, mas também com as expectativas e preconceitos sociais em relação à deficiência.

A jovem Saíra-Amarela (2023) relata uma história marcada por dor e rejeição, especialmente quando menciona a reação de seu pai ao seu nascimento, que a considera uma "aberração".

Esta frase não representa apenas um sentimento pessoal, mas ecoa um discurso social que tende a marginalizar pessoas com deficiência. A narrativa de Saíra-Amarela (2023), centrada em sua infância isolada e nos desafios da interação social, reflete como suas experiências estão inseridas em uma narrativa coletiva de luta e exclamação social (Bakhtin, 1992).

O jovem Curió (2023) apresenta uma visão complexa de sua vida, ao se referir a ela como "boa", apesar dos desafios enfrentados. Essa declaração pode ser interpretada como um mecanismo de defesa, uma tentativa de negar ou minimizar as dores e os traumas que carrega, incluindo o abuso que sofreu na infância.

Sua narrativa revela um forte desejo de participar e contribuir para a sociedade, exemplificado por sua aspiração de ser motorista de van escolar. Contudo, a tensão entre sua percepção de ter uma "vida boa" e o desejo de "trazer de volta" os meninos para a creche reflete uma busca por apoio social e um senso de pertencimento que muitas vezes lhe escapa.

Essa luta por aceitação e inclusão dialoga com as dificuldades que ele enfrenta devido às suas experiências passadas, mostrando como essas realidades se entrelaçam em sua busca por dignidade e validação (Bakhtin, 1992).

No âmbito da identidade e da voz social, Bakhtin (1992) argumenta que a construção da identidade é um processo dinâmico, influenciado tanto por experiências individuais quanto pelo contexto social em que a pessoa está inserida.

Nesta linha, Saíra-Amarela (2023) expressa sua identidade mediante uma narrativa marcada pela vulnerabilidade. Sua vergonha de sair de casa e o afastamento dos amigos exemplificam como a deficiência física e o estigma social impactam sua autoimagem e a percepção que tem de si mesma em relação ao mundo.

O medo de ser "zoada" e a internalização da rejeição familiar colaboram para a construção de uma identidade que busca se proteger, mas simultaneamente anseia pela inclusão (Bakhtin, 1992).

Curió (2023), por sua vez, reflete uma faceta complexa da identidade, que não apenas é formada por responsabilidades familiares e aspirações profissionais, mas também por traumas e desafios vividos na infância.

Ao descrever sua rotina e o desejo de ser motorista de van escolar, Curió (2023) busca construir uma imagem de si como alguém produtivo e essencial para a comunidade. No entanto, sua identidade é marcada por uma luta constante pela aceitação e um anseio profundo por pertencimento, sentimentos que são intensificados pelas experiências de abuso que enfrentou.

Essas vivências dolorosas contrastam com a invisibilidade frequentemente imposta às pessoas com deficiência, revelando como o passado impacta seu presente e suas interações sociais (Bakhtin, 1992).

Essas narrativas, tanto de Saíra-Amarela (2023) quanto de Curió (2023), ilustram um contexto mais amplo em que a deficiência é acompanhada por condições socioeconômicas que agravam ainda mais essas realidades.

Acreditamos que quando a deficiência é acompanhada pela condição sócio econômica pouco favorável a situação pode se agravar. Mesmo cientes que não temos conhecimento técnicos para aprofundar a discussão é notório nas falas dos jovens Curió (2023) e Saíra-Amarela (2023), a ausência de serviços de saúde especializados tanto pelo histórico de exploração sexual vivenciado pelo Curió (2023) até pelas suas limitações cognitivas, assim como também a baixa estima exalada na voz da Jovem Saíra-Amarela (2023).

O desejo do jovem Curió (2023) de ser motorista de van escolar não desmerece a profissão; ao contrário, destaca a dignidade e a necessidade desse trabalho na sociedade. Da

mesma forma, o sentimento de vergonha de Saíra-Amarela (2023) por ser cadeirante nos leva a refletir sobre o mundo do trabalho e as lacunas existentes nas políticas públicas que deveriam fomentar e garantir acesso a oportunidades de profissionalização, especialmente para jovens deficientes da periferia.

Isso se torna ainda mais urgente quando consideramos que, para que o jovem Curió (2023) tenha o direito de ser o que deseja, é necessário que haja uma rede de apoio e políticas públicas privilegiando jovens deficientes.

Nesse contexto, destacamos a importância das legislações existentes, como o decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 (Brasil, 1999), que estabelece a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Em seu artigo 28, § 1º, esse decreto determina que a educação profissional da pessoa com deficiência deve ser oferecida nos níveis básico, técnico e tecnológico, tanto em escolas regulares quanto em instituições especializadas e no ambiente de trabalho.

Do mesmo modo, a Lei Federal nº 8.213, de 24 de julho de 1991 (Brasil, 1991), conhecida como Lei de Cotas, prevê a contratação de 2% a 5% de pessoas com deficiência em empresas com mais de 100 funcionários, além de proibir qualquer ato discriminatório em relação ao salário ou critério de admissão associado à deficiência.

No entanto, apesar de todo o aparato legal, ainda percebemos uma distância significativa entre a viabilização do acesso e a permanência de pessoas com deficiência no mundo do trabalho.

Essa lacuna pode ser ainda mais profunda em contextos socioeconômicos desfavoráveis. Considerando as experiências dos jovens moradores do Território Pôr do Sol, muitos deles precisam, inclusive, omitir seu endereço para conseguirem um emprego – um desafio ainda maior para um jovem com deficiência.

A necessidade de políticas mais eficazes e de um compromisso social real para assegurar a inclusão é cada vez mais evidente, pois, para que gerações futuras não enfrentem as mesmas barreiras, é fundamental que a mudança venha de um esforço conjunto da sociedade como um todo.

Nesse sentido, Trentin e Raitz (2018, p. 722) destacam que a inclusão social e econômica da pessoa com deficiência no mundo do trabalho exige a participação de vários agentes e instituições.

O Estado desempenha um papel importante, não apenas por meio da Política de Cotas, mas também pela necessidade de implementar incentivos e realizar uma fiscalização eficaz.

Além do papel governamental, as famílias também têm uma responsabilidade importante neste processo. Aos poucos, elas precisam compreender que seus filhos e filhas com deficiência não devem ficar segregados em casa ou em escolas especializadas (Trentin; Raitz, 2018).

É essencial que as famílias incentivem a participação dessas crianças e jovens em ambientes mais inclusivos, promovendo seu desenvolvimento pessoal e social.

A sociedade em geral precisa conhecer e reconhecer o potencial desses jovens. A conscientização sobre as capacidades e talentos das pessoas com deficiência é fundamental para promover uma cultura de inclusão.

Quando todos os agentes – Estado, famílias e sociedade – atuam em conjunto, é possível construir um ambiente mais favorável para a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho e na vida comunitária, garantindo um futuro onde as barreiras se tornem cada vez mais raras. Essa integração efetiva é, portanto, um caminho vital para a transformação social e a promoção de uma verdadeira inclusão.

Trentin e Raitz (2018, p. 722) destacam que para a inclusão social e econômica da pessoa com deficiência no mundo do trabalho exige a participação de vários agentes e instituições entre eles: o Estado, “não somente via política de Cotas”, mas por incentivos e fiscalização; as famílias que, aos poucos, passam a entender que esses sujeitos não precisam ficar segregados em seus domicílios e à escola especial e principalmente a sociedade, que precisa conhecer o potencial desses jovens.

Considera-se, ainda, que a sociedade e o trabalho do século XXI necessitam de pesquisas que impulsionam mudanças para a construção de alternativas econômicas, políticas e sociais para esses novos trabalhadores.

Nesse contexto, os dados percentuais apresentados no gráfico 3 ilustram, de maneira clara, a distribuição de pessoas com deficiência por grupos de idade, ressaltando a necessidade urgente de um esforço coletivo para garantir que esse segmento da população tenha acesso a oportunidades equitativas no mercado de trabalho.

Essas informações evidenciam que a inclusão de pessoas com deficiência não se limita a uma questão de política pública, mas se configura como um imperativo social que demanda o engajamento ativo de todos os setores – governamental, familiar e comunitário. É fundamental que os direitos e potenciais desses jovens sejam plenamente reconhecidos e valorizados.

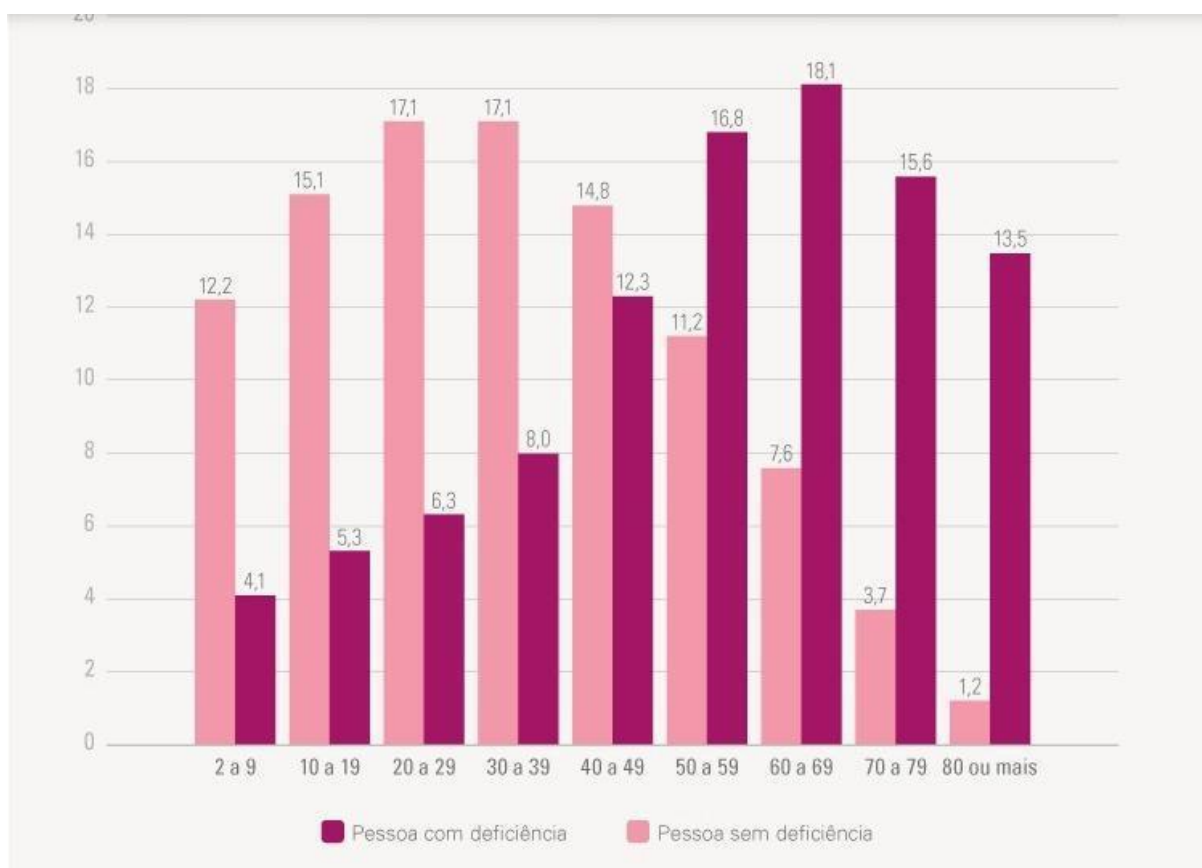
A relevância dessa discussões torna-se ainda mais evidente quando analisamos os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios de 2022. Nesta pesquisa, a classificação etária

de jovens e crianças no Brasil, abrangendo a faixa etária entre 15 e 29 anos, está estimada em cerca de 51 milhões de indivíduos. Dentro desse grupo, aproximadamente 6 milhões de jovens apresentam alguma forma de deficiência, sublinhando a magnitude da inclusão necessária.

Adicionalmente, o gráfico 3 colabora de forma visual ao representar esses dados, mostrando a porcentagem de pessoas com deficiência em cada grupo etário. Essa representação gráfica serve como um recurso valioso para sensibilizar a sociedade sobre a importância da inclusão e para reforçar a urgência de se criar políticas e práticas que assegurem oportunidades reais para esses jovens no mercado de trabalho.

Dessa forma, fica claro que, para avançarmos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a inclusão de pessoas com deficiência deve ser uma prioridade compartilhada por todos.

Gráfico 3. Por grupos de idade pessoas com deficiência no Brasil



Fonte: PNAD Contínua Pessoas com deficiência (2022)

Nota-se, a partir dos dados apresentados, uma considerável e preocupante dimensão da população jovem com deficiência. Essa preocupação é relevante para governos, instituições de apoio e para a sociedade em geral, pois levanta diversas questões relacionadas à igualdade de oportunidades, inclusão social, acesso à educação, emprego e adequados cuidados de saúde.

Assim como a jovem Saíra-Amarela (2023) confessa que não havia conversado com ninguém sobre sua deficiência física, social e psicossocial, entendemos que essa perspectiva é fruto de um desprezo social e humano que muitos jovens com deficiência podem experimentar.

Santos e Oliver (2022) compreendem que os jovens com deficiência frequentemente enfrentam estigmas que resultam em desafios únicos, limitando sua participação na sociedade.

Incentivar diálogos e implementar políticas que melhorem as oportunidades para esses jovens, além do fortalecimento de projetos de vida, pode ser um caminho poderoso para a criação de espaços inclusivos, especialmente voltados para a juventude com deficiência.

Além disso, este estudo destaca a participação em comunidades online como uma possibilidade para buscar o reconhecimento e a validação de suas experiências. É importante notar que, mesmo que alguns jovens não se identifiquem como deficientes nesses grupos, a deficiência pode representar um recorte significativo de suas vivências.

Ademais, muitos jovens inseridos em comunidades online podem encontrar membros que compartilham da mesma deficiência, levando-os a reconhecer a deficiência como uma diversidade humana (Santos; Oliver, 2022).

Santos e Oliver (2022) também pontuam que o ambiente virtual pode oferecer uma alternativa para a organização e resistência na luta por direitos, respeito às diferenças e pelo reconhecimento social e jurídico, permitindo que as pessoas com deficiência desenvolvam o auto-respeito.

Entretanto, mesmo frente a uma legislação brasileira de inclusão vigente (Lei nº 13.146/15), que reforça e detalha os direitos fundamentais a serem assegurados às pessoas com deficiência, indicando a responsabilização do Estado, da sociedade e da família na garantia do exercício desses direitos, ainda se percebem traços de exclusão.

Isso se evidencia na própria vivência da jovem Saíra-Amarela (2023), que não se sente pertencente à sociedade devido às diversas barreiras que enfrenta, que vão desde a rejeição de seu pai no momento do nascimento até a falta de acessibilidade física nos poucos lugares que frequenta, passando pelos olhares preconceituosos e estigmatizados que a acompanham no dia a dia.

A acessibilidade se revela, assim, como outro obstáculo recorrente na vida da jovem Saíra-Amarela (2023). Sem a garantia de espaços acessíveis, tanto físicos quanto sociais, o potencial de inclusão e participação plena na sociedade é severamente limitado.

Essa situação não apenas afeta a autonomia dos jovens com deficiência, mas também perpetua um ciclo de exclusão e marginalização, onde essas pessoas não apenas enfrentam dificuldades em sua mobilidade, mas também são privadas de um espaço digno de

reconhecimento e valorização. Portanto, é imprescindível que a sociedade como um todo reforce a importância da acessibilidade como direito fundamental, assegurando que todos os jovens, independentemente de suas condições, possam usufruir de oportunidades equitativas e respeitadas.

Não tem no bairro acessibilidade, as rampas são muito altas, tenho dificuldade de andar nas ruas aqui! Agora, a falta acessibilidade que eu sinto falta não é só física, porque quando eu vou em outros lugares para acessar, as pessoas me olham como se nunca tivesse visto uma pessoa deficiente e começam a cochichar de mim, é por isso que eu tenho vergonha de sair de casa!

A parte boa é que tem pessoas que mesmo assim, eu sinto que gostam de mim, me apoiam, independentemente da situação. Se eu pudesse falar alguma coisa pra mim num futuro distante, eu diria pra não ter vergonha de si mesma ... você precisa seguir a sua vida (Jovem Saíra-Amarela, 2023).

Para compreendermos a falta de acessibilidade na voz de Saíra-Amarela (2023), é necessário retomar outra fala dela: *“A minha infância foi em casa, mesmo... como eu sou assim, cadeirante, eu tenho vergonha de sair de casa, na rua! Ai a minha infância foi... mas dentro de casa mesmo!”* (Saíra-Amarela, 2023).

Esta declaração reflete a realidade de muitos jovens com deficiência e ilustra o impacto que a falta de acessibilidade e aceitação social pode ter em suas vidas. O fato de que Saíra-Amarela (2023) prefere permanecer em casa destaca não apenas a sua condição física, mas também o profundo efeito psicológico da vergonha e da invisibilidade social a que muitos se veem submetidos.

Da mesma forma, observamos em Curió (2023) um relato similar, que enfatiza que ele também passa a maior parte do tempo em casa. Essa limitação no acesso ao espaço urbano é um reflexo das dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam para circular na cidade e participar de atividades culturais e educativas.

A falta de acessibilidade não se restringe a estruturas físicas inadequadas; envolve também a escassez de opções culturais que considerem suas necessidades. Por exemplo, muitos espaços públicos e atividades culturais ainda não são projetados para atender adequadamente a essa população, o que resulta em uma exclusão que se perpetua ao longo do tempo.

Além das barreiras físicas, é fundamental reconhecer que as dificuldades enfrentadas por jovens com deficiência vão além das limitações de locomoção. Muitas vezes, eles também se deparam com barreiras sociais, como a falta de reconhecimento de suas vivências, ações e direitos.

Essas barreiras podem se manifestar na forma de estigmas, preconceitos e na falta de espaços de pertencimento onde possam se relacionar com outras pessoas, compartilhar suas experiências e construir redes de apoio.

Na ausência de um ambiente acolhedor e inclusivo, a solidão e a marginalização se tornam experiências comuns, limitando ainda mais as oportunidades de interações sociais significativas e enriquecedoras.

Adicionalmente, a interseção entre deficiência e condição socioeconômica agrava esses desafios. Jovens com deficiência que também estão em situação de vulnerabilidade econômica frequentemente enfrentam barreiras adicionais, como a falta de recursos para acessar transporte adaptado ou atividades que exijam investimento financeiro, além de um suporte familiar que pode ser insuficiente devido à própria sobrecarga econômica que as famílias enfrentam.

Isso evidencia a necessidade urgente de abordagens integradas que levem em consideração tanto a deficiência quanto a situação socioeconômica para que se possa atuar efetivamente na redução das desigualdades.

Por fim, a implementação de políticas e programas voltados para a inclusão deve não apenas focar na acessibilidade física, mas também na criação de espaços sociais que favoreçam a participação e o reconhecimento de jovens com deficiência.

Isso inclui o fortalecimento de atividades culturais adaptadas, a promoção de uma educação inclusiva que respeite e valorize as diferenças, e a garantia de suporte psicológico que ajude esses jovens a desenvolver um senso de pertencimento e autoaceitação.

Somente por meio de uma abordagem holística, que considere as múltiplas dimensões da vida dessas pessoas, poderemos promover uma verdadeira inclusão e igualdade de oportunidades para todos, independentemente de sua condição socioeconômica ou deficiência.

6.6 Alçando ecos esquecidos

Para além das narrativas, que são formas de valorização de vozes e perspectivas que foram tradicionalmente marginalizadas ou silenciadas ao longo da história, a proposta do Vozes Podcast visa oferecer um espaço onde essas vozes possam emergir e ser ouvidas.

Essa iniciativa ressoa com os conceitos de dialogicidade presentes na obra de Bakhtin (1992), que enfatiza a importância da pluralidade de vozes na construção do sentido e na comunicação.

Em um mundo repleto de discursos hegemônicos, proporcionar uma plataforma para que as vozes periféricas se expressem é um ato fundamental para desvendar as narrativas esquecidas e promover um diálogo significativo na construção da identidade coletiva.

Embora reconheçamos que as tecnologias digitais, conforme discutido por Freire (2016), Moran (1997) e Tori (2010), oferecem novas possibilidades para amplificar essas vozes, também acreditamos que seu uso não deve ser visto como um avanço por si só.

Bakhtin (1992) nos ensina que a comunicação é intrinsecamente relacional e depende do contexto e da interação entre as vozes. Portanto, a utilização de tecnologias digitais deve fazer parte de uma abordagem mais ampla que considere não apenas a inovação tecnológica, mas também a acessibilidade, a preparação e o planejamento adequados por parte dos administradores do canal midiático.

Assim, essa estrutura deve ser pensada para garantir que as vozes silenciadas ao longo do caminho, especialmente aquelas da juventude do território pesquisado, sejam verdadeiramente ressaltadas e valorizadas.

A análise do papel dos podcasts na vida dos jovens também pode ser iluminada pela perspectiva de Barthes (2011), que aborda o significado e a construção de sentido no consumo de mídia.

Segundo os estudiosos dessa temática, como Cardoso e Hipólito (2022), os podcasts estão se consolidando como uma forma popular de consumir conteúdo entre as gerações mais jovens.

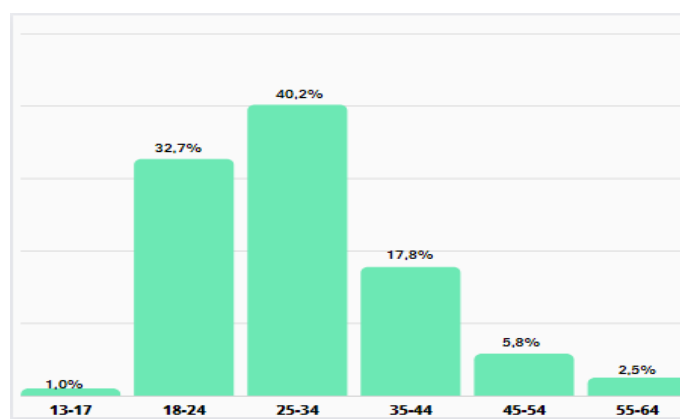
Esse formato abrange uma gama de temas que vão desde entretenimento e cultura pop até educação e questões sociais. Conforme destacam Barbosa e Moreira (2015), muitos jovens encontram nos podcasts uma maneira conveniente de acessar informações, aprender, se entreter e se conectar com temas que realmente lhes interessam.

A natureza diversificada dos podcasts possibilita que os jovens escolham programas alinhados aos seus interesses pessoais e necessidades de aprendizado, o que reforça o conceito de autoria inserido nas práticas midiáticas contemporâneas.

Como resultado, é bastante comum que os jovens acompanhem e apreciem podcasts como parte de suas atividades cotidianas (Barbosa; Moreira, 2015).

Nesse sentido, os dados mapeados no Vozes Podcast corroboram as descobertas de Barbosa e Moreira (2015), uma vez que o número de jovens que acompanham o podcast é expressivo. Isso é evidenciado no Gráfico 4, que apresenta a estatística por idade e inscrição no Vozes Podcast.

Gráfico 4. Estatística por idade no acesso e inscrição -Vozes Podcast



Fonte: Vozes Podcast (2023)

Cardoso e Hipólito (2022), frente à organização de um guia de podcast como recurso educacional, contextualizam o histórico dessa ferramenta educacional, sendo a primeira produção em podcast no ano de 2004, empreendida por Danilo Medeiros, o Digital Minds (descontinuado), que tratava de Tecnologia e assuntos correlatos. Junto ao Digital Minds estavam, como pioneiros, o Gui Leite, que tinha a intenção de explicar o que era e como fazer o podcast.

Este movimento pioneiro não só introduziu uma nova forma de difusão de conhecimento, mas também inaugurou um espaço onde a voz do sujeito pode emergir, conforme Bakhtin (1992) enfatiza a importância das vozes múltiplas na construção do discurso e na formação de sentidos.

A conferência PodCon Brasil em 2005, mencionada por Cardoso e Hipólito (2022), representa um marco significativo na consolidação da cultura do podcast no Brasil. Porém, a ocorrência do fenômeno conhecido como "podfade" nesse mesmo ano evidencia uma fragilidade inicial desse novo meio.

Esse fenômeno, que refletiu o fechamento de muitos podcasts tanto no Brasil quanto no mundo, pode ser analisado sob a ótica de Barthes (2011), que discute a ideia de autoria e a relação entre autor e texto.

Muitas vezes, a dificuldade em manter a continuidade de um projeto como o podcast reflete não apenas a falta de estrutura, mas também a ausência de uma comunidade engajada que interaja e construa significados em conjunto.

A resiliência do ecossistema de podcasts brasileiros, que começou a se aquecer novamente em 2006 e 2008 com o incentivo de prêmios e reconhecimento como o Prêmio Ibest, demonstra a capacidade deste meio para se adaptar e crescer (Cardoso; Hipólito, 2022).

Este crescimento do uso de podcasts como recurso educacional é uma evidência da dialeticidade que Bakhtin (1992) nos apresenta, onde diferentes vozes e contextos se entrelaçam, possibilitando a criação de novas narrativas.

Essa capacidade de criar um espaço de diálogo reflete a riqueza das experiências humanas, permitindo que educadores e educandos construam conteúdos relevantes e significativos para suas realidades.

Assim, a inclusão de podcasts no ambiente educacional se alinha à noção de construção coletiva de conhecimento, proporcionando oportunidades para que essas vozes se expressem e sejam ouvidas.

Na mesma linha, Moran (1997) ressalta a importância de integrar novas tecnologias na educação, destacando que a tecnologia deve ser utilizada como um meio para enriquecer a experiência de aprendizado, e não apenas como um substituto aos métodos tradicionais.

Nesse contexto, os podcasts emergem como uma ferramenta pedagógica valiosa, pois não só ampliam o acesso à informação, mas também promovem a interação e a reflexão crítica entre os participantes. Ao integrar essa mídia digital nas práticas educacionais, os educadores têm a chance de inovar e diversificar as abordagens de ensino.

Além disso, Freire (2016) aborda a relevância do diálogo na educação, enfatizando que a construção do conhecimento deve ser um processo colaborativo. Nesse sentido, a utilização de podcasts como recurso educacional se coaduna com essa visão, criando um espaço onde a voz do educando é valorizada e respeitada.

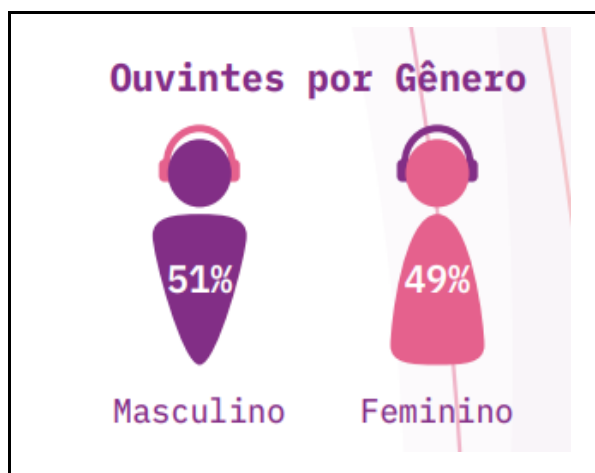
Este aspecto é especialmente importante em práticas pedagógicas que buscam incluir vozes marginalizadas, como as da juventude nas periferias. Para esses jovens, os podcasts representam uma oportunidade de articular suas experiências e perspectivas em um mundo que muitas vezes se mostra indiferente à sua vivência.

Portanto, ao conectar as ideias de Bakhtin (1992), Moran (1997) e Freire (2016), podemos perceber que a adoção de podcasts na educação não é apenas uma inovação tecnológica, mas sim um meio fundamental de promover o diálogo, a inclusão e a construção colaborativa de conhecimento.

Essa abordagem não só enriquece a experiência educativa, mas também contribui para que a diversidade de vozes seja celebrada e reconhecida dentro do contexto educacional, promovendo uma aprendizagem mais significativa e conectada com as realidades dos estudantes.

A análise das porcentagens de ouvintes de podcasts por gênero (Figura. 42), registrada no guia por Cardoso e Hipólito (2022), também abre espaço para reflexões sobre representatividade e inclusão.

Figura 42. Ouvintes de Podcast por Gênero



Fonte: IBOPE para Pesquisa Globo Podcast | Outubro (2022)

Não é nossa intenção trazer esses dados neste trabalho como forma de destacar ou realizar qualquer generalização sobre os ouvintes de podcasts. Acreditamos que é fundamental ter cautela na análise dessas informações, considerando as pessoas, seus interesses e os contextos que podem ser bastante diferentes entre si.

Essa precaução se torna ainda mais relevante ao refletirmos sobre as dinâmicas sociais e culturais que influenciam o consumo de mídia. Embora seja verdade que alguns estudos e pesquisas, como apontam Cardoso e Hipólito (2022), tenham observado um maior número de homens acompanhando podcasts em comparação com mulheres, entendemos que esses dados não podem ser interpretados como características inerentes aos gêneros.

Ao invés disso, é fundamental examinar as razões subjacentes para tais discrepâncias, que podem incluir fatores sociais, culturais e até mesmo questões de acessibilidade.

Essa abordagem mais crítica nos leva a considerar que a diferença nos números entre os gêneros pode estar relacionada a estruturas de poder estabelecidas que formam as preferências e comportamentos dos ouvintes.

Assim como Bakhtin (1992) nos convida a refletir sobre as relações de poder nas vozes que emergem nos discursos, a análise demográfica dos ouvintes oferece uma oportunidade única para entender se e como as narrativas de diferentes grupos estão sendo efetivamente acessadas e representadas.

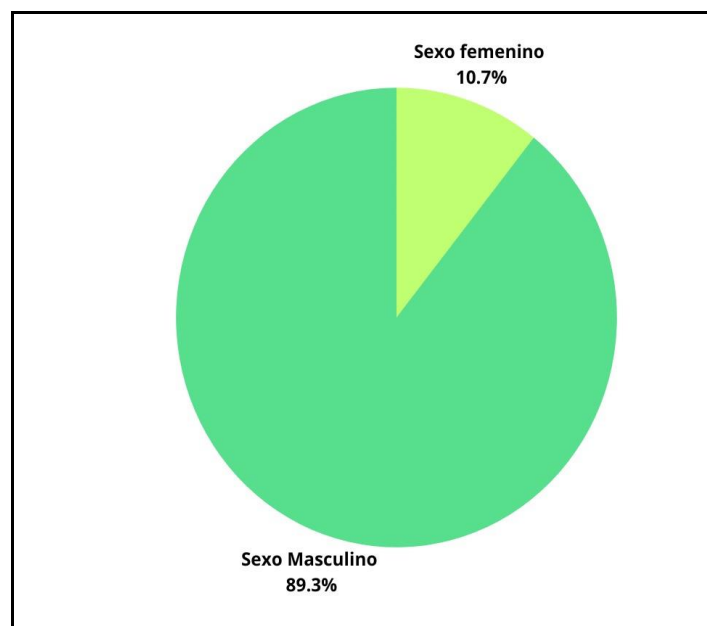
A partir dessa perspectiva, podemos perceber que a maneira como os podcasts se posicionam e se comunicam pode influenciar diretamente a inclusão ou exclusão de vozes, revelando, portanto, a necessidade de um olhar mais aprofundado sobre as produções e a recepção desse tipo de mídia.

Isso nos leva a considerar como os criadores de conteúdo definem sua audiência e as narrativas que escolhem explorar. Essa escolha pode impactar a presença ou a ausência de certos grupos sociais, e, conseqüentemente, a formação de uma cultura de escuta e diálogo que valorize a diversidade.

A análise cuidadosa das estatísticas sobre gênero no consumo de podcasts não se limita à observação de números; ela nos provoca a investigar as implicações sociais dessas disparidades.

O gráfico 5, que revela um acesso e visualização maior do gênero masculino (73,3%) em comparação ao feminino (26,7%) no canal Vozes Podcast, destaca um cenário que nos instiga a questionar qual é a representação efetiva dessas vozes na programação.

Gráfico 5. Ouvintes do Vozes Podcast por Gênero



Fonte: Vozes Podcast (2023)

Essa preocupação é substanciada pela análise realizada por Giacometti-Rocha e Mill (2018), que, ao examinarem a relação entre o uso intensivo da internet e gênero, descobriram que não havia uma correlação significativa que indicasse ser homem ou mulher.

No entanto, ao olhar para as preferências de acesso ao conteúdo, observou-se que mulheres adolescentes tendem a acessar mais conteúdo relacionado à beleza, enquanto os

homens se interessam mais por tecnologia, refletindo diferenças significativas nas escolhas de conteúdos e nas formas de interação com a mídia.

Com base na teoria de Bourdieu, os estudiosos Giacometti-Rocha e Mill (2018), tentaram explicar essas diferenças, mas não conseguiram determinar claramente como os adolescentes desenvolvem suas preferências.

Além disso, quando questionados sobre quem lida melhor com tecnologia, as respostas revelaram percepções contraditórias, com indícios de uma auto percepção negativa entre as mulheres, o que pode contribuir para a desproporcionalidade da representação feminina nas áreas de Ciência e Tecnologia (Giacometti-Rocha; Mill, 2018).

Coimbra (2011) já havia sinalizado para essa discrepância, destacando as barreiras históricas que as mulheres enfrentaram em relação ao acesso à tecnologia e à educação formal, que impactaram suas experiências com novas mídias.

Entretanto, a expectativa é que essa realidade possa ser transformada por meio do diálogo e de um compromisso político que assegure um acesso igualitário à educação e à tecnologia para todas as mulheres, respeitando a individualidade de cada pessoa ao discutir preferências e interesses.

Nesse sentido, Freire (2013) define o recurso do podcast como um espaço privilegiado de comunicação, potencializado pela “fala”, que resgata a essência da educação. Ele compreende o podcast como uma tecnologia de oralidade que oferece um espaço democratizado para as mais diversas vozes, permitindo a livre expressão de conteúdos que variam entre formas informais e formais, e cuja pluralidade é facilitada pela baixa periodicidade de seus episódios.

Freire (2013) também destaca que, apesar de alguns processos burocráticos, os podcasts não exigem concessão legal para a sua disseminação, o que favorece uma liberdade de expressão que permite aos participantes expor seus posicionamentos sem temor de represálias.

Este aspecto do podcasting é vital para promover um ambiente inclusivo, onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas. Assim, a análise dos dados apresentados por Cardoso e Hipólito (2022) na figura 42, que mostram um equilíbrio de ouvintes de podcast por gênero, indica que, apesar dos números, a representação das vozes femininas na criação de conteúdo ainda pode não estar refletindo adequadamente essa diversidade.

Essa investigação nos permite não apenas compreender as preferências de audiência, mas também desafiar as narrativas que perpetuam estereótipos de gênero, promovendo a inclusão de diferentes perspectivas. O reconhecimento de que as experiências e interesses são formados por contextos mais amplos é imperativo para promover uma inclusão real e

significativa no mundo dos podcasts, algo que pode enriquecer tanto o discurso público quanto a produção de conhecimento.

Esse entendimento é fundamental para o desenvolvimento de conteúdos educacionais que atendam realmente às necessidades de uma audiência diversificada. Portanto, o guia organizado por Cardoso e Hipólito (2022) não só documenta a história e evolução dos podcasts como um recurso educacional, mas também inicia uma reflexão aprofundada sobre o papel da mídia digital na educação.

Ao integrar as teorias de Bakhtin (1992), Barthes (2011), Freire (2016) e Moran (1997), percebemos que os podcasts não são apenas uma nova forma de consumir informação, mas uma prática com o potencial de transformar o cenário educacional contemporâneo, promovendo diálogo, colaboração e construção conjunta de conhecimento.

Essa transformação é necessária para que as vozes tradicionalmente silenciadas possam finalmente se fazer ouvir em uma sociedade plural e diversa, contribuindo para um processo educacional verdadeiramente inclusivo e transformador.

Portanto, ao refletir sobre as estatísticas de gênero e a representação nos podcasts, assim como a necessidade de espaços que favoreçam o diálogo e a reflexão, fica evidente que a utilização consciente desse meio pode ser um catalisador para mudanças sociais e educativas significativas.

Cada podcast que amplifica vozes marginalizadas não apenas promove inclusão, mas também convida a sociedade a reavaliar suas narrativas, reconhecendo as múltiplas experiências que compõem o nosso tecido social. Em última análise, essa abordagem contribuirá para uma cultura de respeito e empatia, onde todos têm a oportunidade de participar ativamente do diálogo social.

6.7 Metamorfose em Voo

A análise sob a dimensão da "Metamorfose em Voo" permite uma reflexão profunda sobre a função do Vozes Podcast como um espaço de transformação e celebração das vozes coletivas, especialmente aquelas que, historicamente, foram silenciadas.

Este espaço não apenas proporciona uma plataforma para a criação de conteúdo, mas também se configura como um ambiente onde o diálogo se torna central, permitindo que as vozes dos jovens e da comunidade local sejam ouvidas e respeitadas.

A organização do podcast, com a colaboração dos moradores do Território do Residencial Pôr do Sol, não representa apenas um ato de comunicação; é o resultado de um processo de cooperação e participação que reflete um modelo de empoderamento local.

Essa participação ativa dos jovens e líderes da comunidade na definição de pautas e na edição dos vídeos se alinha com a proposta de Bakhtin (1992), que enfatiza a importância do diálogo na construção de significados.

Bakhtin (1992) argumenta que o sentido é criado através da interação entre diferentes vozes e contextos e que a escuta ativa é fundamental para a legitimação das experiências que emergem de vozes marginalizadas.

Ao permitir às comunidades a capacidade de construir o conteúdo de um espaço como o Vozes Podcast, estamos promovendo um tipo de "dialogicidade" que não só ressalta a voz, mas também valida as vivências e as culturas locais.

A partir da perspectiva de Barthes (2011), podemos compreender que a construção dessas narrativas no Vozes Podcast desafia as tradições de autoria, onde as vozes dos indivíduos não são tratadas como meros reflexos de um discurso dominante, mas sim como contribuições autênticas que criam um tecido narrativo plural.

Barthes (2011) argumenta que o autor é uma construção social e que o significado dos textos é, em grande parte, determinado pelo contexto social e pelas interações. Nesse sentido, o Vozes Podcast atua como um espaço onde a autoria se redistribui, e os moradores se tornam não apenas ouvintes, mas criadores ativos de suas histórias.

Isso permite que a narrativa coletiva reflita a complexidade das realidades vividas, reconhecendo a diversidade de experiências e interpretações que surgem nesse contexto.

Além disso, Freire (2016) adiciona uma dimensão significativa ao considerarmos o papel educacional do Vozes Podcast. Freire (2016) defende que a educação é um ato de comunicação e um meio de libertação.

Assim, ao funcionar como um espaço de diálogo e troca de saberes, o Vozes Podcast contribui para o processo educativo que, segundo Freire (2016), deve ser sempre contextualizado e centrado na experiência dos educandos.

A formação de ouvintes-ativistas, que são ao mesmo tempo educadores e educandos, é essencial para promover uma conscientização crítica que leva à transformação social. O podcast se torna, então, uma ferramenta que não apenas informa, mas também educa e empodera a comunidade, promovendo uma consciência das questões sociais, culturais e políticas que afetam as vidas dos participantes.

Moran (1997) complementa essa discussão ao abordar a importância da tecnologia como meio de democratização do conhecimento. O Vozes Podcast, como uma plataforma acessível, abre espaços para que conhecimentos locais e experiências pessoais sejam compartilhados em formatos que se afastam das narrativas hegemônicas.

A inclusão dos jovens nesse processo repercute na formação de uma comunidade mais crítica e engajada, pronta para contestar estereótipos e preconceitos que, muitas vezes, aldeiam as experiências dos periféricos.

As falas dos jovens e lideranças comunitárias do trabalho, presentes neste contexto, podem agregar uma rica camada de significado ao considerarmos a metáfora da transformação. Ao abordarem temas que, por vários motivos, foram silenciados, estes jovens não apenas expressam suas vivências, mas também se colocam em um movimento de resistência contra preconceitos e estereótipos que permeiam suas histórias.

A ideia de que o podcast pode atuar como um espaço formativo, onde os temas discutidos são relevantes para a vida dos participantes, ecoa as visões de Freire (2013), que defende a educação como um ato de libertação e conscientização.

Mediante a troca de saberes e experiências, o Vozes Podcast se transforma em um veículo pedagógico que incentiva uma compreensão mais ampla das realidades sociais e culturais, além de fomentar a autonomia dos jovens.

Além disso, o desejo expresso de enfraquecer limites geográficos, acadêmicos, econômicos, sociais, pedagógicos e tecnológicos reflete um compromisso com a equidade e a inclusão social.

Cada episódio do podcast é uma oportunidade para descortinar o véu do preconceito e proporcionar um palco onde as vozes podem soar livremente. Através dessa metamorfose, os participantes não apenas compartilham suas histórias, mas também se conectam a uma rede mais ampla de solidariedade e reconhecimento, onde a dignidade humana é reafirmada.

No cenário do Residencial Pôr do Sol, a visibilidade proporcionada pelo Vozes Podcast representa um movimento de aproximação, no qual as vozes locais reverberam além de suas comunidades.

Essa ressonância é vital para fortalecer a identidade e a autoestima dos jovens, ao mesmo tempo em que promove um engajamento ativo com suas realidades. A proposta de integrar oportunidades culturais, artísticas e educacionais dentro do roteiro do podcast é um passo significativo para romper barreiras e criar um ambiente mais inclusivo.

Como enfatizado por Moran (1997), a educação deve ser acessível e contextualizada às necessidades e limitações das comunidades, oferecendo, assim, uma abordagem que respeita e valoriza as particularidades de cada grupo.

A promoção de uma educação de qualidade vai além da melhoria das estruturas escolares; trata-se de oferecer programas que dialoguem com a vida desses jovens e que abordem questões sociais pertinentes.

Ao integrar a expressão criativa à aprendizagem e ao desenvolvimento de habilidades, o Vozes Podcast se torna uma plataforma que não apenas reafirma identidades, mas também contribui para a formação de cidadãos mais engajados e conscientes.

A possibilidade de interação entre jovens de diferentes origens e classes sociais, facilitada pelo espaço do podcast, promove um aprendizado mútuo que é essencial para a construção de uma sociedade mais coesa e inclusiva.

Além disso, a transformação das trajetórias de vida futuras dos jovens que residem em bairros periféricos é uma aspiração tangível que se enraíza na estrutura do Vozes Podcast. A promoção de políticas que incentivem liderança e representação comunitária é essencial para a formação política desses jovens desempenharem papéis ativos na tomada de decisões que afetam suas vidas.

Essa perspectiva é corolário da ideia de que a efetiva transformação social e cultural requer um esforço cooperativo de múltiplos atores, conforme discutido na obra de Barthes (2011), que destaca a importância do autor como um coletivo e a narrativa como um espaço de construção conjunta.

Portanto, ao refletir sobre o Vozes Podcast na dimensão da "Metamorfose em Voo", reconhecemos que essa experiência é uma oportunidade não apenas de ressignificação das vozes periféricas, mas também de fortalecimento de uma esfera pública mais justa e equitativa.

A verdadeira transformação requer um olhar atento às potencialidades de cada indivíduo e à soma das histórias que compõem o mosaico social. Assim, ao voar juntos, estas vozes não apenas ocupam o espaço que lhes é devido, mas se entrelaçam em um movimento vibrante e transformador que promete impactar o futuro das comunidades que representam.

Esse compromisso com a escuta ativa e o respeito à diversidade é fundamental para que possamos construir uma sociedade mais inclusiva, onde cada história e experiência seja valorizada e reconhecida.

O Vozes Podcast, ao amplificar as vozes dos jovens do Residencial Pôr do Sol, não está apenas documentando realidades; está, na verdade, criando um espaço para a afirmação de identidades e a ressignificação de narrativas frequentemente marginalizadas.

A interação entre os participantes, a troca de saberes e a colheita de experiências pessoais proporcionam um ambiente fértil para o crescimento e a conscientização coletiva. Isso dialoga com a ideia de Freire (2016), que defende a educação como um processo de diálogo onde o respeito mútuo e a escuta ativa são essenciais.

No contexto do podcast, essa abordagem educativa se transforma em um exercício de libertação, onde o conhecimento é construído de forma conjunta, e cada voz exerce um papel ativo na formação do entendimento sobre si e sobre o mundo.

Além disso, é importante salientar que as narrativas que emergem no Vozes Podcast não só desafiam estereótipos, mas também promovem uma reflexão crítica que se propaga para além das fronteiras do bairro.

Ao considerar as histórias individuais como parte de um discurso coletivo, este projeto se posiciona como um meio de contestação e reivindicação. Tal posicionamento é coerente com a perspectiva de Barthes (2011), que nos convida a entender como os significados são construídos coletivamente. Neste sentido, cada episódio do podcast torna-se uma peça de um quebra-cabeça maior, ajudando a compor uma imagem mais rica e diversificada da experiência humana.

A proposta do Vozes Podcast, então, vai além da simples criação de conteúdo; trata-se de um compromisso com a transformação social, que envolve a participação ativa de todos os indivíduos.

Assim, ao se desprender das limitações impostas por estruturas sociais rígidas, o podcast oferece uma oportunidade para que os jovens se vejam como agentes de mudança. Essa perspectiva de empoderamento se alinha com as ideias de Moran (1997), que enfatiza a importância da integração de tecnologias na educação como meio para fortalecer a identidade e a autonomia dos indivíduos.

Portanto, à medida que estas vozes se unificam e se elevam, elas não apenas promovem a transformação de suas próprias realidades, mas também alimentam um movimento social mais amplo que busca justiça e igualdade.

O protagonismo descoberto e cultivado no Vozes Podcast se transforma em estratégia de resistência e resiliência, mostrando que, quando são dadas as ferramentas e espaços adequados, as comunidades podem se unir e criar narrativas que realmente refletem suas aspirações e necessidades.

Desse modo, a metamorfose em voo que ocorre dentro do Vozes Podcast é um testemunho da força e do potencial humano. Essa experiência não só amplia as possibilidades

de transformação individual e coletiva, mas também abre portas para novas relações sociais, mais equitativas e solidárias.

Ao encorajar cada participante a descortinar voz à sua história, o podcast se torna um veículo de mudança que ressoa bem além de suas origens, promovendo um futuro onde a diversidade é celebrada e as vozes que antes foram silenciadas encontram a liberdade para soar em uníssono.

REVOADAS TECIDAS PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Despencados de voos cansativos
 Complicados e pensativos
 Machucados após tantos crivos
 Blindados com nossos motivos
 Amuados, reflexivos
 E dá-lhe antidepressivos
 Acanhados entre discos e livros
 Inofensivos
 Será que o sol sai pra um voo melhor?
 Eu vou esperar, talvez na primavera
 O céu clareia, vem calor
 Vê só o que sobrou de nós e o que já era
 Em colapso o planeta gira, tanta mentira
 Aumenta a ira de quem sofre mudo
 A página vira, o são delira, então a gente pira
 E no meio disso tudo, 'tamo tipo...
 Passarinhos
 Soltos a voar dispostos
 A achar um ninho
 Nem que seja no peito um do outro
 A Babilônia é cinza e neon, eu sei
 Meu melhor amigo tem sido o som, okay
 Tanto carma lembra Armagedon, orei
 Busco vida nova tipo ultrassom, achei
 Cidades são aldeias mortas, desafio nonsense
 Competição em vão que ninguém vence
 Pense num formigueiro, vai mal
 Quando pessoas viram coisas, cabeças viram degraus
 No pé que as coisa vão, Jão, doidera
 Daqui a pouco, resta madeira nem pros caixão
 Era neblina, hoje é poluição
 Asfalto quente queima os pé no chão
 Carros em profusão, confusão
 Água em escassez bem na nossa vez
 Assim não resta nem as barata (é memo!)
 Injustos fazem leis e o que resta pr'ocês?
 Escolher qual veneno te mata
 Pois somos tipo...
 Passarinhos
 Soltos a voar dispostos
 Nem que seja no peito um do outro
 (Emicida)*

A letra da música escrita por Emicida que abre as revoadas desta pesquisa me fez lembrar o poeta Mário Quintana, que diz: “*Quem é que pode parar os caminhos? E os rios cantando e correndo? E as folhas ao vento? E os pássaros? Os ninhos?*” Na defesa de que o

voo é uma jornada sem ponto final, defendo, assim como enunciado pela letra da música de Emicida (Passarinhos) em um de seus trechos: "[*E no meio disso tudo, 'tamo tipo... Passarinhos... Soltos a voar dispostos...*]", que estou à disposição para voar, mesmo após a finalização deste percurso, garantindo que a discussão não se encerre aqui.

Ao contrário disso, enxergo a conclusão deste caminho não como um fim, mas como uma vírgula, pontuando o início de uma nova fase de exploração e aprendizado. "*Voar disposta*" significa, para mim, estar aberta a novas ideias, perspectivas e desafios que possam surgir no horizonte. É manter-se receptiva ao diálogo contínuo, à reflexão aprofundada e à busca por soluções mais abrangentes e inclusivas.

A letra de Emicida que abre as revoadas finais não foi escolhida por acaso, pois reflete profundamente a realidade experienciada no território, junto aos participantes que tecem esta pesquisa conosco, especialmente nas lutas e desafios diários enfrentados pelos jovens, pelas lideranças comunitárias e pelos moradores desse território.

Assim como os pássaros constroem seus ninhos como abrigos intrincados e meticulosamente elaborados para cuidar de sua prole e protegê-los enquanto dormem, a tentativa aqui é construir um ninho para que esses pássaros, mesmo em sua liberdade de voar, reconheçam a importância do ninho, independentemente da altura.

Para a construção desse ninho, busco entrelaçar alguns fios e galhos secos presentes ao longo desta pesquisa, destacando achados e lacunas e, ainda, realçando suas conexões com outras questões levantadas por jovens, lideranças comunitárias e moradores em um território periférico da cidade de Uberaba-MG, todas relacionadas à problemática desta tese.

A pergunta central que buscamos responder é: "*De que maneira as influências das lideranças comunitárias e das juventudes, no contexto de um território da cidade de Uberaba-MG, convergem e se entrelaçam para criar uma dinâmica única de engajamento político, revelando os alicerces subjacentes que orientam as práticas políticas neste contexto sociocultural?*"

De modo geral, esta tese trouxe, para o campo dos estudos sobre juventude, lideranças comunitárias e territórios periféricos, experiências e desafios de jovens, lideranças e moradores de um território na cidade de Uberaba-MG.

O objetivo foi compreender as interações e influências das lideranças comunitárias e das juventudes no contexto de um território da cidade de Uberaba-MG, desvelando os fundamentos que sustentam as práticas políticas neste contexto sociocultural, com foco nas juventudes.

Portanto, ao considerar a profundidade dos temas discutidos e a riqueza das narrativas apresentadas ao longo desta pesquisa, é possível afirmar que, assim como os pássaros em busca de um ninho, a construção de um espaço de diálogo e reflexão em comunidades periféricas é fundamental para nutrir uma cultura de engajamento e participação política.

Esta pesquisa não apenas ilumina as vozes que frequentemente permanecem na obscuridade, mas também abre portas para um entendimento mais amplo sobre as dinâmicas sociais e políticas que orientam as ações das juventudes e das comunidades em contextos desafiadores.

Em última análise, o objetivo é garantir que essas vozes ecoem, contribuindo para um futuro em que a participação e a diversidade sejam não apenas reconhecidas, mas celebradas em um espaço comum.

Ao retomar algumas questões, destaco a importância da diversificação metodológica e da participação de indivíduos de diferentes gerações. É essencial considerar como o etarismo se manifesta dentro de uma mesma geração, onde as pessoas compartilham experiências, valores e influências culturais semelhantes. Nesse caso, focamos no contexto dos territórios periféricos, onde emerge a chamada "geração asas".

Queríamos, o orientador desta pesquisa e eu, “ver de longe e ver de perto” (Fanfani, 2005, p. 19), e ainda chegar neste território e em especial na juventude local, com delicadeza, por etapas de aproximação, num movimento de fora para dentro, enquanto estratégia de observação e em ser aceitos por esse território em especial.

A partir deste movimento, alguns avanços e limitações foram percebidos. Quanto às escutas que produziram as narrativas que encharcam esta tese, transbordando envolvimento, acessibilidade e significado dos participantes deste caminho acadêmico com a pesquisa em si, da pesquisadora com o território, moradores, lideranças comunitárias e juventude local, enriquecendo a compreensão e o impacto do trabalho como um todo.

Afirmo ser inegável que a opção por contemplar elevado número de participantes permitiu, como esperado, abarcar certa diversidade de vivências. São incomensuráveis a riqueza e o nível de detalhamento presente nas narrativas desde as lideranças comunitárias do território assim como os jovens investigados.

De forma orgânica as narrativas dos participantes nos levaram à organização de um podcast itinerante, para que as vozes sentidas neste território não ficassem somente dentro da academia, para que de certa forma essas mesmas vozes fossem sentidas por outras pessoas, outros espaços, públicos e políticas públicas emergentes para esse território.

O movimento que aconteceu de forma coletiva e consensual com os participantes da pesquisa e moradores do território não se tratou de uma simples exposição nas mídias dos participantes em especial, e sim da exploração de possibilidades de amplificação de vozes silenciadas, capazes de auxiliar na problematização que estas vozes revelavam se colocando mais agudas para a juventude local, assim como para as lideranças comunitárias nas tramas da vida de moradores de um território estigmatizado e estereotipado pela própria cidade ao qual pertence.

A organização do @vozes_podcast no formato itinerante, com a proposta de ir ao encontro do território pesquisado, no qual a organização do estúdio é in loco, dentro do território pesquisado, oferece muitas vantagens significativas, mas também apresenta desafios e limitações.

O @vozes_podcast transmitido nas plataformas digitais Youtube e Instagram proporciona espaço para que as vozes silenciadas e as histórias do território pesquisado sejam ouvidas, sentidas e registradas.

O movimento do @vozes_podcast, é um potente movimento no sentido de aumentar a visibilidade deste território sub-representado ou estereotipado na mídia da cidade e região.

Em cada episódio houve a participação de líderes comunitários e jovens em cena como também nos bastidores, ou mesmo na edição dos vídeos, assim como na preparação e levantamento das temáticas mas emergentes para o território em questão, no qual foi possível destacar as experiências e perspectivas únicas dos moradores deste território e participantes da pesquisa, colaborando no fortalecimento da identidade e do orgulho comunitário, contribuindo para um senso de coesão e solidariedade dentro do território.

O envolvimento pelos participantes desta pesquisa na produção e apresentação do @vozes_podcast no formato itinerante, deu-lhes a oportunidade de contar suas próprias histórias e fazer ouvir suas opiniões, promovendo a autonomia, liberdade de expressão e formação pessoal e coletiva.

Enquanto pontos que merecem destaque para o movimento do @vozes_podcast, é um instrumento educativo com questões importantes que afetam os moradores do território pesquisado, abarcando questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais.

Em cada episódio foram tratados temas importantes, incluindo questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais, tanto para o território local, como também para o público que foi alcançado para além da cidade de Uberaba-MG.

Assim, @vozes_podcast faz uma tentativa em proporcionar uma consciência política e social, tanto para os moradores do território, quanto para o público que o canal alcançou e

alcança, já que o @vozes_podcast, nasce nestas vozes, território e tese, no entanto o movimento tem uma intenção de continuidade para além do fim desse processo de doutoramento.

Num território em que os moradores precisam camuflar o endereço de onde moram (por conta do estigma negativo que os moradores deste território carregam) para conseguir uma vaga no mercado de trabalho, ao destacar nas mídias sociais as experiências e perspectivas únicas desses moradores em especial os jovens, mostrando em uma rede aberta que neste território existem pessoas que só precisam de uma oportunidade, que são pessoas que precisam trabalhar, para conseguirem o mínimo de dignidade humana, que neste território não tem só bandidos ou marginais e se tem foi porque possivelmente houve ausência de uma política pública setorial, um podcast pode ajudar a fortalecer a identidade e o orgulho comunitário e territorial, contribuindo para um senso de coesão e solidariedade dentro e fora da comunidade.

Por um lado, tal escolha foi acertada, uma vez que, para além da diversidade alcançada, o material empírico produzido poderá embasar pesquisas futuras sobre vários temas relativos às experiências de jovens que pertencem a territórios periféricos.

No entanto, tal opção foi relativamente arriscada, considerando-se na itinerância do podcast o acesso limitado à internet com velocidade recomendada para este recurso, dificultando a gravação e a produção do podcast.

E, por fim, enquanto riscos do movimento protagonizado pelo @vozes_podcast, foi considerada a realidade dos muitos dos moradores e jovens do território pesquisado no qual não possuem a infraestrutura de internet, e ainda podendo haver a falta de acesso pelos jovens e moradores do território a dispositivos eletrônicos, como computadores, laptops, smartphones ou tablets, necessários para acessar a internet, devido a questões econômicas.

Para além de se conseguir com o movimento do @vozes_podcast, visibilidade e escuta para estas vozes que transcendem o território, desejávamos que em primeiro plano o alcance fosse no território e depois conseguíssemos outros ares e espaços.

No entanto, acreditamos que o movimento protagonizado pelo @vozes_podcast teve mais acertos que desafios, considerando que este movimento dentro de um território fragilizado com destaque aqui para a falta de acesso às mídias sociais, tenha desempenhado um papel significativo na promoção da inclusão, no fortalecimento da identidade comunitária, no empoderamento individual e coletivo, na educação pública, na mobilização política e social e também na promoção da justiça social e na construção de uma comunidade mais forte e resiliente.

Ao refletir sobre os achados da tese, sublinho, que todo o caminho de investigação que esta pesquisa nos levou, foi possível mapear e sentir esse território de forma intensa. Os versos

iniciais da composição de Emicida- "*Despencados de voos cansativos, complicados e pensativos*", ressoam a partir das narrativas produzidas, a exaustão e complexidade, que muitos jovens e moradores, deste território pesquisado, enfrentam em suas vidas e lutas diárias.

Desta forma encontramos a juventude deste território - "*machucados após tantos crivos*", com barreiras físicas, sociais, intelectuais, culturais e econômicas as quais precisam superar constantemente.

A menção aos "*antidepressivos*" reflete nas pressões psicológicas e emocionais enfrentadas por lideranças comunitárias e moradores deste território, no qual é possível incluir, a juventude, suas famílias e suas lideranças, em ambientes muitas vezes hostis e desfavoráveis.

Já os "*discos e livros*" entre os quais estão "*acanhados*" representam a luz do território pesquisado, os refúgios culturais e intelectuais em especial pelo hip hop, rap no qual a juventude local busca encontrar alívio e inspiração em meio às dificuldades.

A referência à "*Babilônia cinza e neon*" é possível comparar a realidade dentro da cidade de Uberaba-MG, que historicamente carrega marcas cinzentas de preconceito e de discriminação racial.

Marcas essas que se apresentam como opressivas enfrentadas por muitos jovens e moradores desse território que ocorreu a pesquisa, enquanto o "*melhor amigo sendo o som*" destaca a importância da música e da cultura como formas de resistência e expressão, no qual os jovens do território amenizam as marcas cinzentas com um pouco de neon.

Os versos finais, que falam sobre escolher "*qual veneno te mata*", uma reflexão sobre as escolhas difíceis que esses grupos minoritários acompanhamos dentro do território enfrentam em um mundo onde a injustiça e a desigualdade são prevalentes.

Além disso, acredito que esta letra de música à luz do território pesquisado, para além de escancarar as marcas nas almas de pessoas periféricoizadas, também seja uma expressão de solidariedade, resistência e esperança, destacando a importância da união e do apoio mútuo entre os grupos minoritários para enfrentar os desafios e buscar uma vida melhor.

A análise da dinâmica na vertente do engajamento político neste território revela uma complexa e delicada teia de influências culturais, sociais e históricas, no qual as lideranças comunitárias e as juventudes deste território emergem como agentes centrais.

A percepção que construímos até aqui é fruto de um longo e profícuo percurso. No território onde esta pesquisa foi realizada, encontramos fragilidades emocionais, sociais e econômicas. No entanto, também emergem narrativas de resistência e empoderamento

comunitário, que evidenciam a organização e o envolvimento dos moradores, características essenciais desse contexto.

Apesar de estar localizado às margens da cidade de Uberaba-MG, essas margens não são apenas físicas, mas também sociais. Este território, frequentemente marginalizado pelas políticas públicas e negligenciado pelas instituições, testemunha uma dinâmica vibrante e resiliente de mobilização social.

A organização comunitária, liderada por jovens e líderes locais, transcende os limites físicos, estabelecendo redes de solidariedade e cooperação entre os moradores do bairro.

A Organização Não Governamental Pró-R, presente no território e guiada por essas lideranças comunitárias, surge do interesse coletivo de promover o bem-estar e o desenvolvimento da comunidade, servindo como uma expressão tangível do desejo coletivo por transformação e autonomia.

Se manifestando, de diversas maneiras, desde a publicação de um jornal do território, com notícias e fatos, assim como a implementação de projetos sociais e culturais, com a participação da juventude local na liderança da arte de rua, entre outras iniciativas.

Vivenciei junto a esse território um verdadeiro laboratório de democracia participativa, onde os moradores, junto às suas lideranças e juventude local assumem um papel ativo na tomada de decisões que afetam suas vidas.

As assembleias comunitárias acompanhadas dentro do Instituto Pró-R foram espaços de debate e deliberação, sendo que questões urgentes foram discutidas e soluções foram propostas coletivamente.

É importante registrar aqui, apesar de todo o histórico de discriminação e abandono das políticas públicas para esse território, jovens, lideranças comunitárias e moradores são muito politizados coletivamente no qual à defesa dos direitos e interesses da comunidade perante as autoridades locais e outros atores externos é uma realidade.

A organização coletiva presente neste território, protagonizada por moradores, jovens e lideranças comunitárias fortalece essas vozes periféricoizadas e silenciadas, os impulsionando a reivindicar melhorias nas condições de vida, infraestrutura urbana, acesso a serviços básicos e políticas públicas mais inclusivas, como foi o caso da construção de um viaduto para que melhorasse o acesso ao bairro.

Este contexto, marcado por um histórico de periféricoização política e econômica, formam profundamente as percepções e disposições individuais e coletivas para essa participação política.

A exclusão sistemática do processo político experienciada ao longo dos anos e herdada em especial pela juventude local, provoca desejos e luta por transformação social e política.

A cultura e identidade desempenham neste território e moradores, um papel preponderante, influenciando a forma como as questões políticas são interpretadas e abraçadas.

As tradições culturais e valores transmitidos ao longo das gerações se entrelaçam com as aspirações políticas, refletindo-se em um engajamento impulsionado pela busca por melhorias coletivas e solidariedade comunitária.

O acesso e a oportunidade de elaboração, acompanhamento e participação no @vozes_podcast, emerge neste território, para esta juventude e lideranças comunitárias como um catalisador moderno, conectado em especial à juventude local às tendências globais, permitindo uma consciência política amplificada.

Entendendo que as mídias sociais possam colaborar para espaços de reflexão e de formação pessoal e coletiva, o mecanismo escolhido para catalisar essas vozes potentes enquanto essencial para a expressão política, transcendendo fronteiras locais e ampliando os horizontes de luta.

O hip hop, o rap, as danças de rua protagonizadas pela juventude deste território se apresentam como experiências de resistência e ativismo, colaborando para construção das perspectivas políticas dessa juventude periféricoizada, os provocando para uma participação ativa na busca por mudanças sociais e políticas.

Os protestos vêm por vezes camuflados nas letras das músicas que compõem, proporcionando um terreno fértil para o florescimento de uma consciência política crítica e uma determinação renovada para a transformação.

Deste modo, os desafios específicos e demandas locais destas vozes que por inúmeros motivos são silenciadas emergem como forças motrizes do engajamento político, traduzindo-se em exigências concretas por soluções a problemas urgentes como pobreza, violência e acesso precário a serviços básicos.

Pousamos aqui cientes de que esse voo revisitou as intrincadas tramas e os padrões que emergiram ao longo do percurso desta pesquisa, tornando evidente que estamos diante de um panorama rico e multifacetado.

Cada fio, galho utilizado para a construção deste ninho reflexivo e entrelaçado revelou nuances e camadas de significado, apontando para a profundidade e a complexidade protagonizada por jovens, lideranças comunitárias e moradores de um território periférico.

Sobretudo, conscientes que a juventude continua produzindo e atuando, no seu modo, de acordo com o seu contexto, assim, somos desafiados a refinar o nosso olhar para sentir e

perceber estas questões que ora são visíveis socialmente, ora são camufladas, subterrâneas ou pouco visíveis.

Ao chegarmos a este ponto, somos desafiados a reunir os fios e galhos dispersos na construção de um ninho de tessitura coesa. É neste espaço que reconhecemos que cada olhar, emoção, observação e participação, assim como a abertura e a confiança dos participantes desta pesquisa em compartilhar suas cicatrizes, contribuíram significativamente para uma compreensão mais abrangente do tema em questão, bem como para a minha evolução pessoal.

Nesse sentido, as revoadas que constroem nossa trajetória não apenas marcam a finalização de uma etapa, mas também abrem horizontes para novas possibilidades de análise e investigação. As considerações finais, assim, se configuram como um espaço dedicado a uma reflexão aprofundada e a projeções sobre os próximos passos nesta jornada intelectual e humana.

Em última análise, a tese deste trabalho argumenta que, no território estudado, as juventudes e as lideranças comunitárias desempenham um papel fundamental na construção de processos educativos sustentados pela poesia, pela troca de saberes e pela valorização das vozes locais, dentro de uma perspectiva de educação não formal.

Essa abordagem não apenas se apresenta como um caminho para a educação, mas também como uma forma de resistência e afirmação cultural diante das adversidades socioeconômicas enfrentadas pelas comunidades.

A utilização da linguagem poética como ferramenta de expressão e resistência permite que esses grupos resistam à invisibilidade frequentemente imposta às suas histórias e experiências.

A poesia, rica em simbolismos e significados, proporciona um meio único de articulação que transcende as limitações do discurso convencional. A partir da prática poética, jovens e lideranças podem externalizar suas emoções, refletir sobre suas realidades e engajar-se em diálogos significativos.

Esses espaços transbordam escuta ativa, a empatia e a construção coletiva de conhecimento, que são fundamentais para o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Ademais, ao integrar saberes locais e contemporâneos, esses encontros educativos se configuram como práticas de emancipação. Tal integração não se limita ao simples compartilhamento de informações, mas representa um verdadeiro processo de construção de identidade e autonomia.

A valorização dos saberes locais, frequentemente ancorados em tradições culturais e experiências vividas, é um meio de afirmar a singularidade de cada comunidade, alinhando-se

às tendências atuais que reconhecem a importância de uma educação que valorize a singularidade de cada pessoa.

A pesquisa defende que a adoção de metodologias que respeitam e incorporam as vozes dos jovens e das lideranças não só potencializa a formação de uma identidade comunitária robusta, como também fortalece a ação coletiva.

A capacidade de articular e promover ações em conjunto revela um sinal de empoderamento, em que os indivíduos se sentem parte de algo maior, contribuindo para um espaço comum onde suas diversidades são, mais do que toleradas, celebradas. Essa dinâmica estabelece um ambiente fértil para o surgimento de iniciativas de mudança social, promovendo a busca por um futuro mais justo e inclusivo.

Dessa forma, ao evidenciar a potência das vozes que emergem desse contexto, este trabalho não apenas contribui para a academia, mas também se insere em um campo de prática social que busca a transformação real nas comunidades.

O comprometimento com a educação não formal, ancorada na poesia e na autonomia, oferece um modelo que pode ser replicado e adaptado a diferentes realidades, demonstrando que as juventudes e lideranças comunitárias possuem valiosas lições sobre como construir pontes para um futuro mais solidário e equitativo.

A valorização dessas experiências e os impactos que elas geram abrem novas possibilidades para entender a educação como um espaço de resistência, invenção e celebração da diversidade humana.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ALVES, I.; SOUZA, B. N. S. O slam como representação de literatura periférico e manifestação cultural na escola. *Travessias*, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2020.
- AMARAL, M. de F. Culturas Juvenis e Experiência Social: Modos de ser jovem na periferia. Porto Alegre, 2011, 137 f. *Dissertação (Mestrado em Educação)* - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- ANDRADE, M. de. *O estigma da periferia*. (Políticas e práticas sociais). Capa comum. 1. ed. São Paulo: Dacasa, 2010.
- ANDRADE, S. I.; MENDES, P.; CORREA, D. A.; ZAINÉ, M. F.; OLIVEIRA, A. T. Conflito de gerações no ambiente de trabalho: um estudo em empresa pública. In: *Anais do 9º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*. Resende, RJ, Brasil, 2012.
- ANDRADE, C. A. M. Estudo geracional aplicado ao grupo de orientadores educacionais de São João da Barra como estratégia para redução de conflitos no ambiente educacional. *Mundo Livre: Revista Multidisciplinar*, v. 6, n. 1, p. 37-55, 30 jun. 2020.
- ANUNCIACÃO, D.; TRAD, L. A. B.; FERREIRA, T. “Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste *Saúde e Sociedade*, v. 29, n. 1, p. e190271, 2020.
- ARAÚJO, F. C. de M. *História e política no Brasil: a luta pela terra e o coronelismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ARAÚJO-FILHO, H. M. G. de. As lutas e a agenda sindical para a valorização do magistério na perspectiva da CNTE: qual a contribuição do novo Plano Nacional de Educação? *Cadernos CEDES [on-line]*, v. 35, n. 97, 2015, p. 575-587. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015156052>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- ARNETT, J. J. Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, v. 55, n. 5, p. 469-480, 2000.
- ARROYO, M. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. *Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire*. Porto Alegre: Corag, 2001. p. 42-54.
- _____. Juventude, escola e seus currículos. In: *Juventude e Ensino Médio: Diálogo, sujeitos e currículos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, Seção 3, p. 157-203.
- ARTAUD, A. *Eu, Antonin Artaud*. Lisboa: Hiena Editora, 1988. p. 105-110.
- ASSUNÇÃO, M. Precarização e alienação: #REVOGA NOVO ENSINO MÉDIO. *Vozes Podcast, on-line*, 14 jun. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/live/gnn8GeLk1Vs?si=Q5Fpn_njFa6oMZcm.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)*, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 28 de setembro de 2024.
- AZEVEDO, A. *Uma História Social de Uberaba (MG)*. *Hist. R.*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 197-235, jan./abr. 2014.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. *Pele de asno não é só história... um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Rocca, 1998.
- BAKHTIN, M. A *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 258 p.
- _____. Between us, the generations. In: LARROSA, J. (Ed.). *On generations. On coexistence between generations*. Barcelona: Fundació Viure i Conviure, 2007. p. 365-376.

- BARBOSA, J. B.; MOREIRA, B. D. *O podcast na sociedade e juventude*. Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 04 a 06 de junho de 2015.
- BARTHES, R. *Análise Estrutural da Narrativa*. Vozes. 7°. ed. Petrópolis-RJ, 2011.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA* [Internet], v. 31, spe, p. 97-126, agosto 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi: Anthropos – Homem*, v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. *Generación global*. Barcelona: Paidós, 2008.
- BETTO, F. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Editora Brasilense, 1984.
- BIKLEN, S.; BOGDAN, R. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora, Portugal, 1994.
- BIRD LIFE INTERNATIONAL. *Mecocerculus leucophrys* (em inglês). Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN de 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22699313A93725805.en>. Página visitada em: 28 out. 2022.
- BOAL, A. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.
- BOSI, E. *Memória e sociedade, lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOTELHO, A. M. C. da S.. *O grafismo infantil: as formas de interpretação dos desenhos*. Curitiba: Appris, 2018.
- BOTTINO, C. M. Mulheres e redes de apoio: uma análise da resistência em comunidades periféricas. *Revista Brasileira de Estudos de Gênero*, v. 8, n. 1, p. 45-62, 2020.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2011.
- _____. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, v. 1, n. 32, p. 1-49, 1987.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004
- _____. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983
- _____. *O poder simbólico*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007
- _____. The forms of capital. In: RICHARDSON, John (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.
- BOUZAS, L.; DEHON, É.; LAGARDE, C. A geração alpha: desafios e potencialidades em um mundo digital. *Revista de Estudos da Juventude*, v. 12, n. 1, p. 23-45, 2020.
- BOWLBY, J. *Apegos e perda: volume I: apegos*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BRAFMAN, A. H. *A linguagem dos desenhos: uma nova descoberta no trabalho*. São Paulo: Blucher; Karnac, 2018.
- BRANDÃO, E. R. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 4, p. 1063–1071, jul. 2009.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituição.htm. Acesso em: 18 mar. 2017.
- _____. Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915. *Reorganiza o ensino secundário e o superior na República*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910->

1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html. Acesso em: 30 mar. 2018.

_____. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. **Dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm.

_____. Lei Federal nº 8.213, de 1991. **Dispõe sobre apoio às pessoas com deficiência e sua integração social**, define outras providências.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Lei de Diretrizes e Base**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acesso em: 19 jul. 2018.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

_____. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio**. Brasília, DF. Recuperado: 10 mar. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 08 jan. 2019.

_____. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 01 abr. 2017.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 03 set. 2023.

_____. Medida Provisória n.º 457, de 27 de fevereiro de 1994. **Dispõe a URV como padrão de valor monetário**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/1990-1995/434.htm. Acesso em: 01 abr. 2018.

_____. **Ministério da Saúde**. Fórum Nacional de Saúde Mental Infante Juvenil.

Disponível

em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/forum_nacional_saude_mental_infantojuvenil.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2024.

_____. **Ministério da Saúde**. Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS. Tecendo Redes para Garantir Direitos. Disponível

em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_us.pdf. Acesso em: 29 set. 2024.

BRISCOE *et al.* **Careers around the world: individual and contextual perspectives**. Routledge, 2012.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Diários da Câmara dos Deputados**. Sessão: 22/10/28. Publicação: 23/10/52. p. 3939-3941.

CARDOSO, R.; HIPÓLITO, B. **Guia de uso: criação de podcast como recurso educacional**. 2. ed. Recife: Do Autor, 2022. 24 f.: il. Color.

CARRANO, P.; DAYRELL, J.; MAIA, L. C. **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CARVALHO, J. M. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: [URL de acesso]. Acesso em: 06 mar. 2024.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 620 p.

_____. **The rise of the network society**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1996.

- CASTRO, E. de. "O Mandonismo e a Política no Brasil: Um Estudo sobre a Dinâmica de Poder em Uberaba". In *Revista de Sociologia e Política*, vol. 14, no. 1, 2006, pp. 123-145. Disponível em: Revista de Sociologia e Política, acesso, 21 de ag. 2024.
- CASTRO, L. R. de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.
- CAVALCANTE, K. V. *et al.* As metamorfoses da biblioteca para a Geração Z: proposta de implementação para espaço cultural Bezerra de Menezes. *RACIn*, v. 4, n. 2, 2016.
- CATANI, A. (Org.). *Escritos de Educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CATUNDA, M.; RODRIGUES, R. R. A eco e a cartografia dos pássaros: nas imediações aberrantes. *Linha Mestra*, n. 35, p. 52-58, maio/ago. 2018.
- COELHO, F. "A Educação Superior no Brasil." *Jornal da USP no Ar*, 30/08/2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=449170>. Acesso em: 22 de setembro de 2024.
- COIMBRA, U. D. E. Mulheres, tecnologias e comunicação: para além das receitas. *Media & Jornalismo*, v. 10, n. 18, 2011, p. 62-83.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CONCEIÇÃO, E. *Escrevivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação - corpus literário em diferença*. *YouTube*, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sv_VUp7RcFY. Acesso em: 22 mai. 2023.
- COUPLAND, N. *Style: language variation and identity: key topics in sociolinguistics*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2007.
- COUTINHO, S. R. Comunidades eclesiais de base: passado, presente e futuro. *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 04, n. 06, 2009, p. 173-185.
- CUNHA, J. C. **Identidade cultural e resistência: uma análise das comunidades periféricas**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade, 2019.
- CUNHA, M. I. da. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*, v. 23, n. 1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.
- CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991 Disponível em: <https://blogs.law.columbia.edu/critique1313/files/2020/02/1229039.pdf> » <https://blogs.law.columbia.edu/critique1313/files/2020/02/1229039.pdf>, Acesso em: 28 de set. 2024.
- CRUZ, A. D.; PEREIRA, E. M.; ALMEIDA, T. R. Desafios emocionais da Geração Z: o impacto das redes sociais na saúde mental. *Psicologia em Estudo*, v. 27, n. 2, p. 215-226, 2022.
- DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.
- _____. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). *Juventude e ensino médio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.
- _____. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr.-jun. 2016.
- _____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, Belo Horizonte, 2003, p. 43.

- _____. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artemed, 2000.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 339 p.
- DAYRELL, J.; LEÃO, G.; REIS, M. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 31, n. 84, p. 253-273, maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.
- DEMO, P. Pobreza política. *Papers*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer-Stiftung, 1993.
- _____. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- DESPRET, V. *Habitar como un pájaro*. Cactus, 2022.
- DIAS, A. L. C.; SOUZA, M. C. R. F. D. Significados atribuídos por jovens às experiências educativas vivenciadas no Programa Fica Vivo!. *Educação em Revista*, v. 35, p. e208620, 2019.
- DICIO, *Dicionário On-line de Português*. Porto: 7 Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/agradecer/>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- DILTHEY, W. Introduction to the human sciences. In: _____. *Selected works*. Vol. 1. Princeton: Princeton University Press, 1989. [Originalmente publicado como "Einleitung in die Geisteswissenschaften", in idem, *Gesammelte Schriften*, Band 1, Leipzig, 1914. (Ano da publicação original: 1883)].
- DOUGLAS, A. *Parenting Through The Storm: How to Handle the Highs, the Lows and Everything in Between*. Canadá. 2015.
- EDELMAN, D.; BROWN, K.; RIVERA, L. Trends and values of Generation Alpha: a 2023 perspective. *Futures Research Quarterly*, v. 4, n. 1, p. 10-29, 2023.
- EVANS, R. *Color: a natural history of the palette*. New York: Alfred A. Knopf, 2003.
- FANFANI, E. T. *La condición docente: análisis comparado de La Argentina, Brasil, Perú e Uruguay*. Buenos Aires: Siglo XII Editores Argentina, 2005.
- FARES, J. A.; BASTOS, R. R. Educar pela voz: movências no tempo e no espaço. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 4, n. 7, 2016.
- FARIA, A. B. G. de. *A conversa da Escola com a Cidade: do espaço escolar ao território educativo*. PROARQ/UFRJ, 2012.
- FAURE, E. *Apprendre à Être*. Paris: Fayard-Unesco, 1972.
- FEIXA, C.; LECCARDI, C. *Genealogia geracional: identidade, memória e cultura nas juventudes*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2010.
- _____. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 185–204, maio 2010.
- FELCHER, C. D. O.; FERREIRA, A. L. A.; FOLMER, V. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 12, n. 7, 2017. Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID419/v12_n7_a2017.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.
- FERREIRA, Orlando. *Terra Madrasta: um povo infeliz*. Uberaba: O Triângulo, 1928.
- FLEXOR, G. G.; RODRIGUES, A. O.; SILVA, R. D. DA. Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense. *Sociologias*, v. 22, n. 53, p. 138–171, jan. 2020.
- FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 139–144, maio 2015.
- FONSECA, A. A. da. Uma história social de Uberaba (MG). *História Regional*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 197-235, jan./abr. 2014.

- FONTOURA, C. R. *Imigração e Cultura Brasileira: O Debate sobre o Branqueamento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- FONTOURA, S. M. A invenção do inimigo: racismo e xenofobia em Uberaba de 1890 a 1942. **Dissertação (Mestrado em História)** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.
- FRANCO, D. S. A gestão de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991) e suas consequências. *Pro-Posições [on-line]*, v. 25, n. 3, 2014, p. 103-121. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201407506>. Epub 06 jan. 2015. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201407506>.
- FREIRE, E. P. A. Aprofundamento de uma estratégia de classificação para podcasts na educação. *Revista Linhas*, v. 16, n. 32, p. 391-411, 6 jan. 2016. Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723816322015391>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- _____. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: [URL de acesso].
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FOUCAULT, M. *Discipline and punish: the birth of the prison*. New York: Vintage Books, 1975.
- FRASER, N. *From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a 'post-socialist' age*. *New Left Review*, n. 212, 1995.
- FUNDAÇÃO ABRINQ. *Saúde Mental na Infância e Adolescência*. Disponível em: <https://fadc.org.br/sites/default/files/2021-09/ebook-saude-mental-2021.pdf>, 2021.
- GADOTTI, M.; PADILHA, P.; CABEZUDO, A. *Cidade educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez, 2004.
- GAGE, J. *Color and meaning: art, science, and symbolism*. Berkeley: University of California Press, 2006.
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- GAMALHO, N. P. Juventudes e as periferias. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). *Geografias das juventudes*. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023.
- GARCIA, A. S. *Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais, Salvador, Cidade D'Oxum e Rio de Janeiro*, Cidade de Ogum. Rio de Janeiro: Garamond, FAPERJ, 2010.
- _____. Relações de gênero, raça e classe na cidade d'Oxum: educação e segregação espacial. In: *A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território*. São Paulo: Editora Alameda, 2013.
- GARCIA, V. A.. *Educação não formal do histórico ao trabalho local*. In: PARK; FERNANDES; CARNICEL (Org.). *Palavras-chave em Educação não-formal*. Holambra: Setembro; Campinas/CMU, 2007.
- GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 6, p. 90-113. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Organizadoras). *Métodos de pesquisa*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GERMANOS, E.; SAITO, C. H. *CADERNOS CIMEAC*, v. 3, n. 1, 2013. ISSN 2178-9770. Ribeirão Preto – SP, Brasil, 2013.
- GIACOMETTI-ROCHA, E.; MILL, D. Análise em gênero, educação e tecnologias nas preferências e percepção de adolescentes em acesso à Internet. *Estudos em Pesquisa Psicológica*, v. 18, n. 2, p. 569-587, ago. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jul. 2023.
- GIROUX, H. *Global youth and social justice*. Routledge, 2012.
- GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio – Avaliação de Políticas Públicas Educacionais*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, jan./mar. 2006.
- _____. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- GROSFUGUEL, R.. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade Global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 2008, p.115- 147. Disponível em:<https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 31 ago. 2024.
- GUIMARÃES, I. B. Periferias e territórios sob efeitos conjugados da precarização: algumas tendências. *Caderno CRH*, v. 24, n. spe1, p. 089–104, 2011.
- HALBWACHS, M A *memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990
- HARPAZ, I.; FU, Y. Work values and job rewards: a cross-cultural comparison of China and the USA. *International Journal of Cross Cultural Management*, v. 2, n. 2, p. 169-185, 2002.
- HIRATA, H.; PRETECEILLE, E. Trabalho, exclusão e precarização socioeconômica, o debate das ciências sociais na França. *Caderno CRH: Centro de Recursos Humanos da UFBA, Salvador*, n.37, 2002.
- HISSA, C. E. V. *A mobilidade das fronteiras: intersecções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HOPKINS, P. *Geographies of Muslim identities: diaspora, gender and belonging*. Ashgate; 1ª edição, 28 nov. 2012. 219 p.
- HOWE, N.; STRAUSS, W. *Millennials rising: the next great generation*. New York: Vintage Books, 2000.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder – **Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- JACQUES, T. C.; PEREIRA, G. B.; FERNANDES, A. L.; OLIVEIRA, D. A. Geração Z. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 9, p. 67-85, 2015.
- JOCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; JOCHELOVICH, S. *Investigação Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. 7. ed. Petrópolis: vozes, 2008. p. 90-113.
- IBEROAMERICANA DE JUVENTUD. Martín Hopenhayn. Oficial a Cargo, División de Desarrollo Social, *CEPAL. XII Curso “Reformas Económicas y Gestión Pública Estratégica”*. Santiago de Chile, Novembro, 2004.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Linha de pobreza*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- _____. *Retrato da evasão escolar no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- KAYA, N. The effects of color on emotions: a psychological perspective. *International Journal of Color and Design*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2011.

- KAZTMAN, R. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos, *Revista de la CEPAL*, Santiago de Chile, n.70, 2001.
- KUEHNI, R. G. *Color order: historical color standards and color nomenclature*. Hoboken: Wiley, 2008.
- KULLOCK, E. *Foco em gerações*. Disponível em: <http://www.focoemgeracoes.com.br/index.php/por-que-as-geracoes-estao-no-nosso-foco/>. Acesso em: 17 fev. 2024.
- KUPPERSCHMIDT, B. R. Multigenerational employees: strategies for effective management. *The Health Care Manager*, v. 19, n. 1, p. 65-76, 2000. doi: 10.4172/2162-6359.1000528. Acesso em: 27 mar. 2024.
- KÜSTER, R. *Psychology of color*. New York: Springer, 2010.
- LA BELLE, T. *Nonformal Education in Latin America and the Caribbean: Stability, Reform or Revolution?* New York: Praeger, 1986.
- LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- LEÃO, G. Precarização e alienação: #REVOGA NOVO ENSINO MÉDIO. *Vozes Podcast, on-line*, 14 jun. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/live/gnn8GeLk1Vs?si=Q5Fpn_njFa6oMZcm.
- LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão: início - fev. 2006.
- _____. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LE VEN, M. M. **Afeto e política – metodologia qualitativa: história oral e sociologia clínica**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. 228 p.
- LEWIS, O. *The children of Sanchez: autobiography of a Mexican family*. New York: Vintage Books, 1961.
- LIBÂNIO, C. Do direito à cidade das pontes. *Revista Periferias*, Maré, RJ, junho, 2023.
- LIMA, M. B. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. *Dossiê*. Ano 2, v. 3, p. 33-46, jan.-jun. 2008.
- LOMBAS, M.; RÜCKERT, G.H. O rap e o slam: vozes da resistência em contextos pós-coloniais. *Dossiê*, v. 26, n. 49. DOI: <https://doi.org/10.55702/3m.v26i49.48651>. Universidade Federal do Oeste da Bahia; Universidade Federal de Pelotas, 2022.
- MACIEL, M. R. *A Vida de uma mulher da periferia: desafios e trajetórias historicamente semelhantes em uma metrópole segregada: Porto Alegre – RS*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.
- MANNHEIM, K. Das Problem der Generationen. In: _____. *Wissenssoziologie*: [introdução e organização: Kurt H. Wolff]. Neuwied: Luchterhand, 1964. p. 509-565.
- MARICATO, E. Metrópole, legislação e desigualdade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 48, 2003.
- MARQUES, E.; TORRES, H. (Org.). *São Paulo, 2000: segregação, pobreza urbana e desigualdade social*. São Paulo: Cebrap, 2004.
- MASSEY, D. *For Space*. SAGE Publications Ltd.; 1st edition, 2005.
- _____. *Space, Place and Gender*. Polity Press; 1ª edição, 17 jul. 1994.
- MASTEN, A. S. *Ordinary magic: resilience processes in development*. *American Psychologist*, v. 56, n. 3, p. 227-238, 2001.
- MCCRINDLE, M.; FELL, A. **Generation Alpha: understanding our children and helping them thrive**. McCrindle Research Pty Ltd, 2021.
- MEDEIROS, M.; MAINIERI, T. (Org.). *Comunicação pública e cidadania: experiências e práticas inovadoras* [Ebook]. Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF). Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

- MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 05-14, dez. 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2022.[^]
- MENDES, M. J. G.; DENARI, F. E. Violência Sexual e deficiência: a vulnerabilidade de jovens com deficiência intelectual às situações de violência sexual. *Revista Educação Especial, [S. l.]*, v. 37, n. 1, p. e20/1–26, 2024. DOI: 10.5902/1984686X71581. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71581>. Acesso em: 29 set. 2024.
- MILHOME, J. C. Gerações brasileiras: uma proposta de classificação e identificação dos valores pessoais e no trabalho. *Tese de doutorado*. UFBA, Bahia, 2022.
- MILHOME, J. C.; ROWE, D. E. O. Gerações brasileiras: uma proposta de classificações a partir de eventos históricos marcantes. In: *XLIV Encontro da ANPAD-ENANPAD*, 2020, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ANPAD, 2020.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA. *Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal: Manual Operacional do Cadastro Único, versão 7.0*. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2022.
- MIRO, T. *Motivos para gravar podcast com áudios separados*. 2014. Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/podcasting/tutorial-como-criar-um-podcast>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- _____. *Gravação e edição de um podcast*. 2013. Disponível em: [URL de acesso]. Acesso em: 03 jul. 2023.
- _____. *Tutorial: como criar um podcast*. 2013. Disponível em: [URL de acesso]. Acesso em: 03 jul. 2023.
- MISHRA, S.; POUDEL, R. Exploring the digital natives: understanding Generation Alpha. *International Journal of Social Science Studies*, v. 9, n. 3, p. 45-58, 2021.
- MOLL, J. *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.
- MORAN, J. M. Como utilizar a internet na educação. *Ciência da Informação*, v. 26, n. 2, p. 146-153, maio-agosto 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v26i2.700>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- MOTA, M. S.; LOPES, N. R. M.; PEIXOTO, F. C. *Autodefesas comunitárias: o poder paralelo nos bairros do subúrbio do Rio de Janeiro*. In: IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2008. Disponível em: <https://www.academica.org/000-080/114>. Acesso em: 18 de set. 2024.
- MUYLAERT, C. J. et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. spe2, p. 184–189, dez. 2014.
- NONATO, S.; VILLAS, S. *Juventude e projetos de futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- NAKATA, M. *Juventudes e direitos humanos: a voz da resistência negra*. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2021.
- NASCIMENTO, E. S. do. A comunicação como um instrumento de inclusão social: um olhar do Relações Públicas sobre a experiência de articulação da Rede Aiyê Hip-Hop. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, v. 10, n. 1, 2006.
- NASCIMENTO, M., A. C.; DUARTE de O., Camila; SILVA, B., J.; SOUSA, V. (Orgs.). *Lélia Gonzalez: relações étnico-raciais e lugares de (re)existências*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2021. [recurso eletrônico].

- NELUHENI, M. O desenvolvimento urbano do apartheid. *Laje*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 206–231, 2023. DOI: 10.9771/lj.v1i0.54542. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/laje/article/view/54542>. Acesso em: 16 mar. 2024.
- OLIVEIRA, A. L. dos S. *Desenhos-estórias e narrativas de adolescentes: representações sociais de estudantes moradores de periferia, qualidade de vida e suas leituras de mundo*. Editora Dialética, 2021.
- OLIVEIRA, F. J.; ALMEIDA, C. S. Adaptação da Geração Z ao novo normal: resiliência e inovação em tempos de pandemia. *Revista Brasileira de Educação e Tecnologia*, v. 7, n. 3, p. 67-80, 2021.
- OLIVEIRA, J. M. de. O slam como recurso educacional na construção da identidade de alunos do ensino fundamental II das escolas públicas municipais de Curitiba. *Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura)* – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- OLIVEIRA, I.; HERMONT, C. *Juventudes e participação política*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- OLIVEIRA, R. J. de. Segregação racial e desigualdades urbanas nas cidades brasileiras: elementos para uma observação da necropolítica. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 34, set.-nov. 2020, p. 131-156.
- OLIVER, M. *The politics of disablement*. New York: Macmillan, 1990.
- PAIVA, S. B. Oficinas intergeracionais: saberes e fazeres da experiência, mediação cultural e significação. 2015. *Tese (Doutorado em Educação)* – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PASSARELLI, B. et al. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. *Matrizes*, v. 8, n. 1, 2014, p. 159-178. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p159-178>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- PATEL, G. *A linguagem da favela*. Disponível em: <https://acervo.racismoambiental.net.br/2015/02/23/a-linguagem-da-favela-parte-1-resistencia-cultura-e-identidade/>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- PEDRO, K. M. Estudo comparativo entre nativos digitais sem e com precocidade e comportamento dotado. *Tese de doutorado* – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, UNESP, 2016.
- PELLEGRINI, A. A educação na era da geração alpha: o que esperar? *Educação e Pesquisa*, v. 46, n. 1, p. 99-117, 2020.
- PEREIRA, T. *Mulheres e resistência: narrativas de vida em periferias urbanas*. 1. ed. [S.l.]: Editora Letra e Voz, 2021.
- PEW RESEARCH CENTER. *Millennials: a portrait of generation next*. Washington, DC: Pew Research Center, 2010.
- POLLAK, M Memória e identidade social *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v 2, n 3, 1992
- PREFEITURA DE UBERABA. *Cidade de Uberaba*. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br>. Acesso em: mar. 2024.
- ROCHA, B. S. da; UZIEL, A. P. Da ordem indizível ao imperativo flagrante: o “tirocínio” como recurso de suspeição nas abordagens policiais. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 17, n. 1, e54568, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/dilemas.v17.n.1.54568>. Acesso em: 28 de setembro de 2024.
- REZENDE, E. M. M. de. Uberaba: uma trajetória socioeconômica (1811-1910). 1983. 99 f. *Dissertação (Mestrado em História)* – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1983.
- REZENDE, R.. "Ciclo do Gado Zebu em Uberaba e sua Influência na Economia Regional". *In Revista Brasileira de História*, vol. 23, no. 46, 2003, pp. 83-102. Disponível em: *Revista Brasileira de História*, acesso 21 ago. 2024.
- RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

- ROMARO, R. A; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência: aproximações, pesquisas, reflexões**. São Paulo: Vetor, 2007.
- SALLES, A. V. **Reflexões sobre a possível bilateralidade da janela**. João Pessoa, Paraíba: Editora UFPA, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368389552_Simmel_e_o_Espaco_Social_em_Ponte_e_Porta_de_1909_Reflexoes_Sobre_a_Possivel_Bilateralidade_da_Janela. Acesso em: 17 mar. 2024.
- SAMPAIO, L.; SILVA, J. R. Geração Z: engajamento social e desenvolvimento de identidades na era digital. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Jovens e Adultos*, v. 8, n. 1, p. 45-62, 2021.
- SANTOS, B. S. (Org.). **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000. Acesso em: 20 dez. 2022.
- _____. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SANTOS, R. **Identidade e resistência: mulheres negras e juventude nas periferias**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2020.
- SANTOS, V. S.; OLIVER, F. C. Jovens com deficiências e seus modos de vida. *Revista Terapia Ocupacional - Universidade de São Paulo*, v. 32, n. 1-3, e204931, 2021-2022.
- SILVA, J. C. da. **Violência, Elites e Poder: Um Estudo do Mecanismo da Dominação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- SILVA, L. M. **Propriedade, negritude e moradia na produção da segregação racial da cidade de Belo Horizonte**. Escola de Arquitetura da UFMG, 2018.
- SILVA, L. M. O. Whady José Nassif na prefeitura de Uberaba: a administração pública municipal no Estado Novo. 2006. 154 f. **Dissertação (Mestrado em História)** – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- SILVA, M. A.; LIMA, R. P. Expectativas de carreira da Geração Z: uma análise da busca por propósito e valores. *Revista de Administração de Empresas*, v. 60, n. 2, p. 134-150, 2020.
- SILVA, M. S. A Lei e a (des)ordem: criminalidade e práticas da Justiça na Comarca de Uberaba, MG (1890-1920). 2004. 127 f. **Dissertação (Mestrado em História)** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2004.
- SILVA, M. I. Olhares juvenis para as escolas: gaiolas ou asas? Um estudo em Uberaba/MG. 2019. 148 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), 2019.
- SILVA, R. A. A força das mulheres: redes de apoio e resistência nas comunidades urbanas. *Revista de Estudos de Gênero e Juventude*, v. 12, n. 3, p. 150-167, 2020.
- SIMSOM, O. R. de M. V.; PARK, M. B. ; FERNANDES, R.. S. **Educação não-formal: Cenários da Criação**, (Orgs). Campinas: Unicamp, 2001.
- SKELTON, T.; AITKEN, S. C. Establishing geographies of children and young people: introduction. In: Skelton, T.; Aitken, S. (Eds.). **Geographies of children and young people**. v. 1. Singapore: Springer, 2019.
- SMITH, A.; ANDERSON, M. **Social media use in 2018**. Washington, DC: Pew Research Center, 2018.
- SODRÉ, M. **Claro e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOUZA, A. L. S. (Org.). **Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 425 p.
- SOUZA, A. S. de. O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. *Bol. psicol*, São Paulo, v. 61, n. 135, jul. 2011.
- SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R.. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 16–39, set. 2003.

- TAJFEL, H. Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, v. 33, n. 1, p. 1-39, 1982.
- TAPSCOTT, D. *Growing up digital: the rise of the net generation*. New York: McGraw-Hill, 2010.
- TEIXEIRA, A.; PETUCO, C.; GAMARRA, L.; KUHLER, C.; TEIXEIRA, R.; KLEIN, A. O sentido do trabalho: uma análise à luz das Gerações X e Y. *Diálogo*, Canoas, n. 25, abr. 2014.
- TEIXEIRA, L. F. Juventudes e práticas de resistência: o papel das mulheres na transformação social. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 4, n. 2, p. 75-89, 2021.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.
- TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 256 p.
- TRENTIN, V. B.; RAITZ, T. R. Educação e trabalho: formação profissional para jovens com deficiência intelectual na escola especial. *Revista Educação Especial*, [S. l.], v. 31, n. 62, p. 713-726, 2018. DOI: 10.5902/1984686X28660. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28660>. Acesso em: 3 set. 2023.
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- UNESCO. Instituto de Estatística. **Perspectivas da Educação: Indicadores de Educação Mundial 2022**. Montreal: UNESCO, 2022. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/publication/world-education-indicators>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- VIDAL, M. P. P. H. **Poéticas orais e pensamento decolonial: perspectivas teóricas e metodológicas**. 1. ed. Morelia: LAN editorial, 2021. v. 1. 375 p.
- VINAY, A. *O desenho no exame psicológico da criança e do adolescente*. Editora Vozes, 2024.
- VYGOTSKI, L. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WAGNER, R. A. V. Papel das elites no desenvolvimento político e econômico do município de Uberaba (MG) – 1910 a 1950. 2006. 235 f. **Tese (Doutorado em História)** – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2006.
- _____. *A Produção do Espaço Urbano: Elementos da História da Cidade de Uberaba-MG*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- WILLIAMS, A.; JONES, B.; TAYLOR, C. Understanding Generation Alpha: characteristics and implications for the future. *Journal of Future Studies*, v. 26, n. 4, p. 123-140, 2022.
- WIKIAVES. **Ninhos: belas construções funcionais**. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/ninhos>. Acesso em: 07 set. 2024.
- YOUNG ADULT LIBRARY SERVICES ASSOCIATION. **The future of library services for and with teens: a call to action**. 2014. Disponível em: http://www.ala.org/yaforum/sites/ala.org.yaforum/files/content/YALSA_nationalforum_Final_web_0.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.
- ZANINELLI, T.; CALDEIRA, G.; DE SOUZA FONSECA, D. L. Veteranos, baby boomers, nativos digitais, gerações X, Y e Z, geração polegar e geração alpha: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias. *Brazilian Journal of Information Science: research trends*, Marília, SP, v. 16, p. e02143, 2022. DOI: 10.36311/1981-

1640.2022.v16.e02143. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12991>. Acesso em: 17 fev. 2024.

APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Pesquisa: "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG"

Olá! Somos pesquisadores do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), nível Doutorado, e convidamos você a participar da pesquisa intitulada "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG", que objetiva compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-MG podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática.

1. Caso apresente interesse em nosso convite, por gentileza, leia e, se estiver de acordo, assinale a opção para o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido a seguir.

Marcar apenas uma resposta:

___Abrir o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido ___ Não tenho interesse em participar

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Esclarecimento

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG". Os avanços na área de Educação ocorrem por meio de estudos como este, por isso a sua participação é muito importante. O objetivo desta pesquisa consiste em compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-MG podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática. Buscamos compreender o sentimento destes jovens e seu papel frente às suas interfaces com o território ao qual pertencem. A pesquisa tem como cenário os espaços de Educação Formal, os espaços de Educação Não Formal e, ainda, os espaços formas do território que está inserido da cidade de Uberaba. Caso você queira participar, será necessário integrar um grupo focal, que consiste em uma conversa em grupo com outros participantes convidados para esta pesquisa em questão, que será audiogravada, com duração aproximada de duas horas, a ser desenvolvida pelos pesquisadores, de forma presencial, em data que seja mais conveniente para você. Não será feito nenhum procedimento que traga desconforto ou risco à sua vida. Ainda que não haja previsão de benefícios diretos aos participantes, espera-se compreender de que forma as ações educativas deste território em questão podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática. Como riscos, temos consciência que as técnicas utilizadas – grupo focal – às vezes

podem ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que as informações concedidas serão analisadas. Por isso, solicitamos sua permissão (respeitando-se o previsto na Resolução 510/16 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados com pseudônimos, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado. Você poderá obter todas as informações que quiser; poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, não receberá qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome e sua identidade, como já mencionado, não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois você será identificado por um nome fictício. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que sofra em decorrência dessa pesquisa.

Telefones de contato:

Pesquisadores: Monica Izilda da Silva/Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

Telefones: (34) 991331611

E-mails: monicaizilda.silva@gmail.com/daniel.ovigli@uftm.edu.br

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34)3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00 ou pelo e-mail cep@uftm.edu.br. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto à sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Eu li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG", e receberei uma cópia dos resultados.

2.Consentimento: *

Marcar apenas uma resposta.

_____ Consinto participar da pesquisa e autorizo a gravação

_____ Não Consinto participar da pesquisa.

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisa "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG"

Olá! Somos pesquisadores do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), nível Doutorado, e convidamos você a participar da pesquisa intitulada "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG", que objetiva compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-Mg, podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática.

1. Caso apresente interesse em nosso convite, por gentileza, leia e, se estiver de * acordo, assinale a opção para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seguir.

Marcar apenas uma resposta:

Abrir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Não tenho interesse em participar.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esclarecimento

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG ". Os avanços na área de Educação ocorrem por meio de estudos como este, por isso a sua participação é muito importante. O objetivo desta pesquisa consiste em compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-Mg, podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática. Buscamos compreender o sentimento destes jovens e seu papel frente as suas interfaces com o território ao qual pertence. A pesquisa tem como cenário os espaços de Educação Formal, os espaços de Educação Não Formal e ainda os espaços formas do território que está inserido da cidade de Uberaba. Caso você participante queira participar, será necessário integrar um grupo focal, que consiste numa conversa em grupo com outros participantes convidados para essa pesquisa em questão, que será audiogravada, com duração aproximada de duas horas, a ser desenvolvida pelos pesquisadores, de forma presencial, em data que seja mais conveniente para você. Não será feito nenhum procedimento que traga desconforto ou risco à sua vida. Ainda que não haja previsão de benefícios diretos aos participantes, espera-se compreender de que forma as ações educativas desse território em questão, podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática. Como riscos, temos consciência que as técnicas utilizadas – grupo focal –

às vezes podem ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que as informações concedidas serão analisadas. Por isso, solicitamos sua permissão (respeitando-se o previsto na Resolução 510/16 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados com pseudônimos, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado. Você poderá obter todas as informações que quiser; poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, não receberá qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome e sua identidade, como já mencionado, não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois você será identificado por um nome fictício. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que sofra em decorrência dessa pesquisa.

Telefones de contato:

Pesquisadores: Monica Izilda da Silva/Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

Telefones: (34) 991331611

E-mails: monicaizilda.silva@gmail.com/daniel.ovigli@uftm.edu.br

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34)3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00 ou pelo e-mail cep@uftm.edu.br. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto à sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG ", e receberei uma cópia dos resultados.

2. Consentimento:* *

Marcar apenas uma resposta:

___ Consentimento após o esclarecimento ___ Não consinto participar após o esclarecimento

APÊNDICE C- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Pesquisa: "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG"

Olá! Somos pesquisadores do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), nível Doutorado, e convidamos você a participar da pesquisa intitulada "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG", que objetiva compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-MG podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática.

1. Caso apresente interesse em nosso convite, por gentileza, leia e, se estiver de * acordo, assinale a opção para o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido a seguir.

Marcar apenas uma resposta:

Abrir o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido Não tenho interesse em participar

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Esclarecimento

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG". Os avanços na área de Educação ocorrem por meio de estudos como este, por isso a sua participação é muito importante. O objetivo desta pesquisa consiste em compreender de que forma as ações educativas dentro de um território periférico do município de Uberaba-MG podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática. Buscamos compreender o sentimento destes jovens e seu papel frente às suas interfaces com o território ao qual pertencem. A pesquisa tem como cenário os espaços de Educação Formal, os espaços de Educação Não Formal e, ainda, os espaços formas do território que está inserido da cidade de Uberaba. Caso você queira participar, será necessário integrar um grupo focal, que consiste em uma conversa em grupo com outros participantes convidados para esta pesquisa em questão, que será audiogravada, com duração aproximada de duas horas, a ser desenvolvida pelos pesquisadores, de forma presencial, em data que seja mais conveniente para você. Não será feito nenhum procedimento que traga desconforto ou risco à sua vida. Ainda que não haja previsão de benefícios diretos aos participantes, espera-se compreender de que forma as ações educativas deste território em questão podem contribuir para a formação da cultura política dos jovens, bem como a percepção dos gestores dos espaços formas e não formas acerca da gestão democrática.

Como riscos, temos consciência que as técnicas utilizadas – grupo focal – às vezes podem ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que as informações concedidas serão analisadas. Por isso, solicitamos sua permissão (respeitando-se o previsto na Resolução 510/16 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados com pseudônimos, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado. Você poderá obter todas as informações que quiser; poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, não receberá qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome e sua identidade, como já mencionado, não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois você será identificado por um nome fictício. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que sofra em decorrência dessa pesquisa.

Telefones de contato:

Pesquisadores: Monica Izilda da Silva/Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

Telefones: (34) 991331611

E-mails: monicaizilda.silva@gmail.com/daniel.ovigli@uftm.edu.br

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34)3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00 ou pelo e-mail cep@uftm.edu.br. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto à sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Eu li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo "Gestão Democrática, Espaços Não Formas e Formação da Cultura Política de Jovens de um Território periférico do Município de Uberaba/MG", e receberei uma cópia dos resultados.

2.Consentimento: *

Marcar apenas uma resposta:

Consinto participar da pesquisa e autorizo a gravação

Não consinto participar da pesquisa.